UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

LUCAS ANDRÉ BERNO KÖLLN

**O Adão Prometeico -
Mundo do trabalho nos Estados Unidos em fins do século XIX e início
do XX a partir da literatura de Sherwood Anderson e Jack London**

Versão corrigida

São Paulo
2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

**O Adão Prometeico -
Mundo do trabalho nos Estados Unidos em fins do século XIX e início
do XX a partir da literatura de Sherwood Anderson e Jack London**

Lucas André Berno Kölln

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH, da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências, Área de concentração: História Econômica.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Luís Angel
Coggiola

São Paulo
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

K81a Kölln, Lucas André Berno
O Adão Prometeico - Mundo do trabalho nos Estados Unidos em fins do século XIX e início do XX a partir da literatura de Sherwood Anderson e Jack London / Lucas André Berno Kölln ; orientador Osvaldo Luis Angel Coggiola. - São Paulo, 2018.
466 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Econômica.

1. História dos Estados Unidos. 2. Trabalhadores. 3. Literatura Norte-Americana. I. Coggiola, Osvaldo Luis Angel, orient. II. Título.

A Poli, baluarte, que de tantas formas me
apoiou, sem quem nem eu nem essa tese
aqui estaríamos

AGRADECIMENTOS

A minha família, por toda a ajuda que deram, em todas as formas que tomou: de condições materiais à torcida incansável, da paciência sutil ao estímulo providencial.

Ao Antonio e à Cida, pela imorredoura disposição de fazerem-se interlocutores e destrinchar com golpes certos mas sensíveis o nó górdio de meus caprichos analíticos.

Ao prof. Coggiola, pelo exemplo de erudição, pela confiança em mim depositada, e pela prontidão com que se dispôs a indicar o que é acessório e o que é essencial;

Ao Lucas Patschiki (in memoriam), pelos *insights* que deu a essa tese quando ela ainda era uma semente, não tendo duvidado nem por um segundo de que ela podia florescer e se arvorar.

Aos amigos e colegas, por me emprestarem seus ouvidos, e oferecerem seu interesse e sua camaradagem, qualquer que tenha sido a forma exata que essas coisas tomaram.

RESUMO

KÖLLN, L.A.B. O Adão Prometeico - Mundo do trabalho nos Estados Unidos em fins do século XIX e início do XX a partir da literatura de Sherwood Anderson e Jack London. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2018, 466 f.

Essa tese analisa a obra literária dos escritores Sherwood Anderson (1876-1941) e Jack London (1876-1916) produzida nos anos 1900-1910, procurando compreender a maneira como se deu o diálogo entre a ficção e a realidade histórica, como aquela produziu uma leitura e uma interpretação desta, sobretudo no que tange às mudanças no sentido histórico do trabalho. Dado o fato de que ambos os escritores em questão viveram num momento decisivo de transformação histórica nos Estados Unidos, quando na transição entre o século XIX e XX se estabeleceram novas dinâmicas sociais e econômicas, articuladas estas com a consolidação do capitalismo de regime monopolista, essas literaturas trazem em seu corpo as cicatrizes históricas dos esforços de adaptação e compreensão desse processo. Atrelada a essa momentosa transição em curso, havia o fato de que ambos os escritores eram trabalhadores, e num momento crucial da formação da classe trabalhadora estadunidense, quando as transformações materiais impunham severas readequações na divisão do trabalho, na organização produtiva estrutural, na estratificação social dele oriunda, nas respostas políticas de resistência deles, e também nos sentidos subjetivos que o trabalho e o trabalhar poderiam possuir. Por conta de tudo isto, a literatura de Sherwood Anderson e Jack London produz uma interpretação ficcional dessa experiência histórica, permitindo com que se rastreie e compreenda como as velhas tradições do "Evangelho do trabalho" dos Oitocentos foram sendo brutalmente modificadas pela dinâmica produtiva de ordem fabril, pelo controle financeiro, pela concentração econômica e pela acentuação da exploração capitalista pelo regime monopólico. Essa situação, dadas as particularidades biográficas e os históricos de formação das regiões onde viveram os dois escritores (um do Meio-Oeste, outro do Extremo Oeste dos Estados Unidos), foi traduzida ora como crise de consciência íntima, ora como uma grande crise civilizacional que a punha em pé de igualdade com a selvageria da natureza. Ambas, pois, fornecem ao historiador chaves analíticas com as quais pensar a mudança do lugar e do sentido histórico do trabalho naquele processo, e como essa mudança participava da formação da classe trabalhadora, tanto em sentidos estruturais quanto subjetivos, tanto progressistas como conservadores.

Palavras-chave: História dos Estados Unidos, Trabalho e trabalhadores, Literatura Norte-Americana, Sherwood Anderson, Jack London, Capitalismo monopolista.

ABSTRACT

KÖLLN, L.A.B. The Prometheic Adam - Labor world in the United States at the end of Nineteenth Century and beginning of the Twentieth in Sherwood Anderson's and Jack London's literature. [doctoral thesis]. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2018, 466 f.

This thesis analyzes the literary work of writers Sherwood Anderson (1876-1941) and Jack London (1876-1916) produced in the years 1900-1910, aiming at understanding the way how the dialogue between fiction and historical reality happened, how the former produced a reading and interpretation of the latter, especially regarding to shifts in the historical meaning of labor. Given the fact that both writers concerned lived in a decisive moment of historical transformation in the United States, when in the transition between the 19th and the 20th century new social and economical dynamics were established, articulated with the consolidation of the capitalism of monopolist regime, these writings bring in their body the historical scars of the efforts of adaptation and comprehension of this process. Attached to this momentous ongoing transition, there was the fact that both writers were workers, and during a crucial moment of the formation of the US working class, when the material transformations imposed severe readjustments in the division of labor, in the structural productive organization, in the social stratification originated from it, in the political answers of resistance from them, and also in the subjective senses that labor and work could have. Due to all that, the literature of Sherwood Anderson and Jack London produces a fictional interpretation of this historical experience, allowing to track and understand how the old traditions of the “Gospel of work” of the Eighteen hundreds were being brutally modified by the productive dynamics of the manufacturing industry, by the financial control, by the economic concentration and by the intensification of the capitalist exploration by the monopolistic regime. This situation, given the biographic particularities and the historical formation of the regions where the two writers lived (one from the Midwest, the other from the Far West of the United States), has been translated sometimes as a crisis of intimate consciousness, sometimes as a big civilizational crisis that put it on an equal footing with the wildness of nature. Both, therefore, provide the historian with analytical keys with which to think the shift of place and historical sense of labor in that process, and how this shift participated in the formation of the working class, both in structural and subjective senses, both progressives and conservatives.

Keywords: History of the United States, Work and workers, North-American Literature, Sherwood Anderson, Jack London, Monopolist Capitalism.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - SHERWOOD ANDERSON E O TRABALHO NOS ESTADOS UNIDOS DOS OITOCENTOS.....	18
I.1 O mergulho biográfico (I): a infância interiorana.....	20
I.2 O substrato material da realização literária: a economia do Meio-Oeste no século XIX.....	55
I.3 O sentido do trabalho em Sherwood Anderson: ideologia e mitologia oitocentistas.....	86
CAPÍTULO II - SHERWOOD ANDERSON E O TRABALHO NAS MALHAS DO CAPITALISMO MONOPOLISTA.....	112
II.1 O mergulho biográfico (II): a transição para a cidade grande.....	113
II.2 As entranhas humanas do leviatã monopolista.....	147
II.3 O crepúsculo das certezas e seu <i>post-scriptum</i>	179
CAPÍTULO III - JACK LONDON E O SENTIDO HISTÓRICO DO TRABALHO NO OESTE ESTADUNIDENSE.....	216
III.1 O mergulho biográfico (I): a recusa da civilização e a busca do novo ermo.....	217
III.2 O substrato material da realização literária: a economia do Oeste no século XIX.....	249
III.3 A corrida do ouro do Klondike e o rapsodo Yankee.....	276
CAPÍTULO IV - O MUNDO DO TRABALHO SOB O "TACÃO DE FERRO".....	313
IV.1 O mergulho biográfico (II): o crepúsculo do ermo e a dissecação da civilização.....	315
IV.2 O leviatã monopolista e a genealogia do "povo do Abismo".....	343
IV.3 A civilização do Tacão de Ferro: entre Marx e Darwin.....	376
CONSIDERAÇÕES FINAIS	440
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	444

INTRODUÇÃO

Na introdução de seu estudo de 1966, Paul Baran e Paul Sweezy escreveram que sua abordagem sobre o capitalismo monopolista se daria por meio da análise do problema da "criação e absorção do excedente", o qual que servia de "tema central" e "do qual se extrai a unidade essencial" daquele fenômeno.¹ Os autores anunciavam ali sua pedra angular, pois o estudo se focava sobre o excedente como o problema medular que permitia revelar a dinâmica peculiar daquele capitalismo.

Logo após a afirmação supracitada, os autores buscam explicar melhor sua proposta: "Acreditamos ser essa a forma mais útil e esclarecedora de analisar o funcionamento exclusivamente econômico do sistema." Ato contínuo, sentem-se compelidos a explicar as implicações de tal escolha e as consequentes renúncias que ela importava ao exercício interpretativo:

Mas não é menos importante o fato de acreditarmos também que os modos de utilização do excedente constituem o indispensável mecanismo que liga a base econômica da sociedade com que os marxistas chamam de sua superestrutura política, cultural e ideológica. (...) Em outras sociedades, o mecanismo de ligação entre os fenômenos econômicos e os não-econômicos é muito mais complicado, e pode vir a desempenhar um papel importante no funcionamento tanto da base como da superestrutura. Acreditamos que o capitalismo monopolista seja uma sociedade (...) [desse] tipo, e que qualquer tentativa de compreendê-la que omita ou procure reduzir a importância dos modos de utilização do excedente está destinada ao fracasso.²

Os autores atentavam a um fato que tem importância epistemológica fundamental: concorrendo para a sustentação do capitalismo monopolista não se encontram somente dinâmicas estritamente econômicas, mas também conjuntos de práticas e costumes sociais e culturais, modos de vida. Logo, uma compreensão desse regime de capitalismo precisava também passar pela investigação daquelas suas componentes que não são redutíveis à dinâmica produtiva, comercial, financeira ou monetária, daquela sociedade, mas que são fundamentais para o funcionamento de seu metabolismo humano.

Como que antecipando-se às críticas, os dois autores explicam os limites impostos pela escolha do escopo analítico: "(...) temos aguda consciência do fato de que essa abordagem (...) resultou na quase total negligência de um assunto que ocupa um lugar central no estudo que faz Marx do capitalismo: o processo de trabalho." Eles se

¹ BARAN, Paul; SWEEZY, Paul M. **Capitalismo monopolista - Ensaio sobre a ordem econômica e social americana**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. p. 17.

² Idem, ibidem, pp. 17-18.

referiam aos caracteres gerais do processo produtivo propriamente dito, e também às implicações da divisão sistemática do trabalho mediante a gerência fordista e taylorista, como o controle de tempo, a disposição em linhas de produção, a precarização dos ofícios manuais, a quebra da base artesanal etc. Reconhecendo as renúncias que resultavam de suas escolhas, eles arrematam dizendo que todos estes "São (...) assuntos evidentemente importantes, que teriam de ser focalizados em qualquer estudo geral do capitalismo monopolista."³

De posse dessas passagens, entendemos porque alguns anos depois, em 1970, Sweezy tenha usado o prefácio de *Trabalho e capital monopolista* para saudar tão calorosamente o estudo de Harry Braverman:

Finalmente temos agora, na obra de Harry Braverman, (...) um sério esforço de preencher grande parte dessa lacuna. Só poderíamos nos referir (...) a esse empenho como 'uma tentativa de investigar (...) as consequências que determinadas espécies de transformação tecnológica características do período capitalista monopolista exerceram sobre a natureza do trabalho e sobre a composição (e diversificação) da classe trabalhadora.'⁴

A experiência de Braverman como operário pôde dar concretude empírica a grande parte do conjunto de teses de Baran e Sweezy, e seu conhecimento prático da vida de trabalhador fabril serviu para ampliar os salões daquele monumento teórico de 66, e fornir-lhe de determinante robustez. O prefácio de Sweezy, portanto, pode ser lido como expressão de certa "gratidão intelectual" para com Braverman.

Contudo, mesmo os louros podem eventualmente conter espinhos, e é por isso que Sweezy não se furta a apontar no estudo de Braverman zonas a ser ainda exploradas: "(...) Braverman não procura fazer uma investigação quanto ao que pode ser chamado de aspectos subjetivos do desenvolvimento da classe trabalhadora no capitalismo monopolista. Essa tarefa está ainda por ser encetada."⁵

É nesse terreno que a presente tese busca deitar suas raízes.

O capitalismo monopolista criou um modo de viver em sentido amplo, e nos Estados Unidos do final do século XIX e início do XX, reconhecer isso significa entender que uma certa herança social e cultural desempenhou relevante papel tanto na consolidação da dinâmica monopólica quanto, justamente, na resistência a ela.

³ BARAN, Paul; SWEEZY, Paul M. **Capitalismo monopolista - Ensaio sobre a ordem econômica e social americana**. op. cit. p. 18.

⁴ SWEEZY, Paul M. Prefácio. In: BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista - A degradação do trabalho no século XX**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 9.

⁵ BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista - A degradação do trabalho no século XX**. op. cit. pp. 9-10.

Tomando de empréstimo o termo de Lucien Febvre, podemos dizer que a construção histórica do capitalismo monopolista nos Estados Unidos teve na sobrevivência e adaptação das "ferramentas mentais"⁶ dos Oitocentos uma de suas dimensões mais curiosas e dramáticas. Essa concorreu a seu modo para que a concentração econômica locupletasse seus efeitos avassaladores sobre o conjunto da vida social, tanto quanto para que se desnudasse criticamente esses mesmos efeitos - ainda que por vezes o tenha feito pelas antípodas de sua "inocência" otimista.

Certas noções morais e valores individualistas herdados do século XIX, como a obstinação laboral, o senso de parcimônia, o culto da hombridade, e a valorização da diligência como virtude contribuíram em grande medida para assentar condutas e pressupostos que, nos anos 1900-1910, alicerçaram os modos de viver e por vezes a própria hegemonia dos monopólios nos Estados Unidos. Essas mesmas noções, por outro lado, ofereceram pelo seu sacrifício no altar da nova economia um espetáculo revelador sobre os efeitos nefastos da conjuntura que assomava. Isto é, da ilusão de sua pretensa força, de seus pés de barro, tais noções acabaram por ter participação por vezes radical nos rumos históricos do capitalismo monopolista.

Em que pesem suas especificidades de recorte, de fontes e de metodologia, a pesquisa levada a cabo por essa tese permite lançar luz sobre parte importante daqueles aspectos apontados por Baran e Sweezy, pois se baseia nos escritos produzidos por dois sujeitos que cresceram vinculados a esse mundo do trabalho em transformação: Sherwood Anderson (1876-1941) e Jack London (1876-1914).

Ambos nasceram nos anos 1870, ambos foram filhos da classe trabalhadora, ambos cresceram amamentados no "Evangelho do Trabalho" dos Estados Unidos dos Oitocentos, e ambos se viram desde a tenra infância às voltas com as instabilidades materiais de sua condição. Além disso, ambos partilharam experiências negativas inserindo-se nas malhas do mundo do trabalho sob o signo monopolista, e ambos acabaram por encontrar na literatura sua tábua de salvação, tanto em sentido subjetivo quanto em termos materiais.

Antes que se possa acusar o historiador de organizar muito convenientemente essas coincidências para um ardiloso *fiat* de realidade, chamemos a atenção para o fato de que quase um continente inteiro separava esses dois escritores: Sherwood Anderson era filho do Meio-Oeste (Midwest), Jack London cria do Velho Oeste (Far West). De

⁶ FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI - A religião de Rabelais**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 143.

Ohio à Califórnia não se interpõem somente uma linha reta com aproximadamente 2500 milhas, mas também processos de colonização territorial que variam em mais de meio século: o Meio-Oeste era rasgado pelos arados quando o grande adversário ainda era a Grã-Bretanha, em nome da Independência; o Oeste foi revirado pelas pás e picaretas quando a contenda era doméstica, na luta fratricida da Guerra Civil. Ou seja, ainda que apartados por uma distância geográfica enorme, bem como por quadros de tradição cultural díspares e por processos de colonização distintos, ambos viveram sob o signo das transformações históricas cujo eixo principal foi a consolidação do capitalismo monopolista da virada de século.

A abertura de pernas que esses dois personagens impuseram ao compasso histórico que manuseamos serve como indício do raio de influência do fenômeno em questão. O conjunto de afinidades que possuem, tanto em termos de trajetória biográfica quanto em termos de problemas literários, demonstram igualmente quão orgânica era espinha dorsal da realidade histórica de que tratamos.

Interessa-nos sobretudo o quanto os dois experimentam problemas similares enquanto trabalhadores, pois a partilha de condição socioeconômica parece ter assentado um robusto solo comum a esses escritores. As concepções de trabalho que ambos possuíam como herança do século XIX acabou por aproximá-los em relação a suas expectativas e estranhamentos dentro da lógica das relações sociais de produção daquele momento decisivo da história dos Estados Unidos. Tanto em Sherwood quanto em Jack verifica-se uma certa frustração em relação às promessas ideológicas que orbitavam em torno do trabalho, com ambos vivendo o desconcertante descompasso entre os conselhos da tradição e as exigências da modernidade.

Pesava sobre eles o acelerado processo de industrialização e concentração econômica que se seguiu à Guerra Civil, potencializado pela hegemonia do projeto nortista e orquestrado politicamente pelo "Colosso Federal"⁷ do Partido Republicano. Mas pesava também o esgotamento da expansão extensiva do capitalismo estadunidense, o qual marcou o encerramento de um grande capítulo da história desse país, anunciador de severas consequências, dentre as quais algumas politicamente radicais como poucos momentos da história estadunidense foram.

Embora tenham divergido muito quanto às ações possíveis de serem tomadas diante disto, o fato é que ambos os escritores tonaram-se presa da inércia das tradições

⁷ ZAVODNYIK, Peter. **The rise of the Federal Colossus - The growth of Federal Power from Lincoln to F.D.R.** Santa Barbara: Praeger, 2011.

sociais, culturais, políticas e econômicas dos Oitocentos no momento mesmo em que elas se tornaram virtualmente impossíveis, ou ao menos seriamente recessivas. Noutros termos: todas as forças da tradição herdada de mais de um século de expansão capitalista os impeliam no sentido do voluntarismo, mas o faziam no preciso momento em que as condições históricas da expansão se transformaram de maneira brutal, seja pela extinção da fronteira em 1893, seja pela correlação nacional de forças políticas e econômicas estabelecida no pós-Guerra Civil.

De seu *élan* adâmico, portanto, nasceu sua tragédia prometeica.

Por meio da vida e da obra desses dois trabalhadores-escritores é que pretendemos ajudar a compreender parte dos problemas que Baran, Sweezy e Braverman não atacaram sistematicamente. Interpretando os traços da literatura que reivindicamos como fonte histórica, tentamos compreender a historicidade própria com que o império dos monopólios se firmou nos Estados Unidos, especialmente em terrenos sociais e subjetivos.

No entanto, entre o fato de a condição dos escritores ser a de trabalhador e o fato de sua escrita poder se tornar fonte para pensar o trabalho estende-se uma distância que não é simples de cobrir, ainda mais quando essas fontes são sobretudo ficcionais. Partimos do pressuposto de que no corpo da ficção estavam as cicatrizes da experiência, e nestes os rastros da história. Mas a literatura era produto demasiadamente autoral para se prestar a ligações esquemáticas gerais. Sua dimensão subjetiva, individual mesmo, não podia ser menosprezada.

A pendenga entre historiadores e críticos literários, aliás, costuma estar assentada sobre o peso e a relevância que se deva conceder a essa precisa dimensão, a idiossincrática, na interpretação do texto literário. Antonio Candido o demonstrou quando sabatinou método de Sílvio Romero, denunciando-lhe o "sociologismo";⁸ Harold Bloom, de outro lado, o expressou não poupando farpas ao estruturalismo ao dizer que "em Paris a ideia de autoria estava fora de moda."⁹

Logo, ao privilégio concedido aos escritos produzidos por dois trabalhadores, buscamos acrescentar uma rigorosa atenção biográfica, permitindo assim que reconstruíssemos sua trajetória laboral em meio à consolidação daquele sistema

⁸ CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Sílvio Romero**. 4ª ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

⁹ BLOOM, Harold. **Abaixo as verdades sagradas - Poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 4.

econômico. Desse modo, criamos as condições para que se tomasse o trabalho e seu sentido humano como elementos que concatenam a discussão, oferecendo-se como evidências do complexo assentamento do mundo da antiga tradição oitocentista na esteira da modernidade do século XX.

O trabalho, no sentido em que é tomado por essa tese, encontra-se tão vinculado às transformações econômicas estruturais quanto está umbilicalmente ligado à experiência de quem o vivenciou, em seu sentido ontológico. O esforço aqui foi o de articular da maneira mais orgânica e dialética possível a dimensão objetiva do trabalho com seus caracteres sociais e subjetivos. Afirmar tal implica dizer, grosso modo, que nessa tese o trabalho é tanto um tema quanto uma categoria analítica, uma vez que funciona como pedra de toque entre materialidade e subjetividade social, como momento-chave da existência tanto particular quanto socio-histórica dos dois escritores.

Seguíamos nesse sentido os conselhos de Nicolau Sevcenko, historiador com sensibilidade de crítico literário, que dizia que é preciso ver a literatura

(...) ela mesma como um processo, homólogo ao processo histórico, seguindo, defrontando ou negando-o. Nem reflexo, nem determinação, nem autonomia: estabelece-se entre os dois campos uma relação tensa de intercâmbio, mas também de confrontação. A partir dessa perspectiva, a criação literária revela todo o seu potencial como documento, não apenas pela análise das referências esporádicas a episódios históricos ou do estudo profundos dos seus processos de construção formal, mas como uma instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história em todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou de produção.¹⁰

Para rastrear a historicidade que tínhamos em mira na literatura, tão onipresente mas tão caprichosa, era preciso encontrar a mão que puxa seus fios. Do ponto de vista interpretativo, portanto, precisamos ser capazes de atentar para uma realidade exposta pelo mesmo Sevcenko: "O ponto de intersecção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está concentrado evidentemente na figura do escritor."¹¹

Portanto, Sherwood Anderson e Jack London precisaram ter sua trajetória biográfica reconstruída com rigor por vezes exaustivo, pois urgia que satisfizéssemos procedimentos que não se ligavam facilmente. De um lado, precisávamos ser capazes de perceber sua condição social num sentido amplo, para então remontar sua trajetória de trabalhadores e de testemunhas históricas; de outro, era preciso dar relevo à sua vida individual e à sua formação subjetiva num sentido mais profundo.

¹⁰ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão - Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 246

¹¹ Idem, *ibidem*.

À primeira tarefa competia reconstruir os grandes quadros históricos dentro dos quais encontramos os dois escritores, onde sua inserção econômica e social se dava de forma objetiva, e onde sua residência no mundo do trabalho foi fixada. Como momento metodológico, foi ali que se pôde ver as questões econômicas em seus contornos mais evidentes. À segunda tarefa, por sua vez, cabia satisfazer a exigente intersecção da problemática da experiência dos trabalhadores com as fontes de natureza literária. Como momento metodológico, foi aqui que sabatinamos a literatura, tomando de empréstimo algo do instrumental dos críticos literários.

Na medida em que era preciso saber romper a superfície mais impressionista do texto literário, ultrapassar a correlação mais evidente, urgia saber decifrar a linguagem da historicidade no texto literário, ter condições de realizar a engenharia reversa da ficção de modo a expor seus rastros reais, e desse ponto de vista o crítico literário deve ser para nós como Virgílio foi para Dante. Não era Marc Bloch quem dizia que os documentos históricos "(...) não falam senão quando sabemos interrogá-los"?¹² Ora, quem melhor pode nos ensinar a interrogar a literatura do que o crítico literário?

Embora não se trata de um crítico de formação, confessamos nesse sentido especial dívida para com o método de análise literária praticado por Sergio Buarque de Holanda. Seja nas suas "Notas sobre o Barroco",¹³ seja na sua belíssima análise da poesia de Cláudio Manoel da Costa ou dos sermões do Padre Antônio Vieira,¹⁴ ou, ainda em seu monumental *Visões do Paraíso*, declaramo-nos tributários de sua sensibilidade, cuja erudição profunda dava conta de encontrar os discretos rastros da afinidade e da ascendência literárias. Mais entusiasta dos estudos concretos do que das sistematizações teóricas, uma das melhores sínteses sobre seu modo de proceder talvez seja aquela feita por seu amigo e admirador Antonio Candido. Segundo este, o método de Holanda repousava sobre o "senso de coalescência", no qual

Mais importante (...) é o estudo da obra propriamente dita, feita (...) segundo um método que abre novas perspectivas à historiografia literária no Brasil e poderia ser denominado 'pesquisa da constituição do texto'. Não se trata da análise típica, voltada para dentro deste à busca do conhecimento de sua estrutura; mas de uma análise que parte do texto e se expande para fora dele, procurando vincular as suas expressões, os seus temas, a sua visão do mundo a fontes e análogos, de maneira a situá-lo num vasto tecido de cultura que

¹² BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou O ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 79.

¹³ HOLANDA, Sergio Buarque de. *Notas sobre o barroco*. In: _____. **Tentativas de mitologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979. pp. 141-166.

¹⁴ HOLANDA, Sergio Buarque de. *Cláudio Manoel da Costa; e Antônio Vieira*. In: _____. **Capítulos de literatura colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000. pp. 227-405 e pp. 430-461, respectivamente.

mostra ao mesmo tempo a sua singularidade e a sua integração a contextos gerais.¹⁵

Com a devida humildade que nos cabe, foi esse proceder que tentamos emular na análise da literatura dos dois escritores estadunidenses que tomamos por fonte histórica. Soldar sua vida e sua literatura, e então costurá-las no grande tecido da história dos Estados Unidos entre os séculos XIX e XX foram nosso esforço de fazer jus ao "senso de coalescência" mencionado por Candido. A leveza com que Holanda transitava dos domínios da historiografia para os da crítica literária, e a forma como cruzava o Rubicão da materialidade histórica para adentrar no caprichoso reino da estética, da ficção, da literatura, enfim, foram feitos em que buscamos nos inspirar, tomando-os como norte.

As diversas referências a obras de crítica literária ao longo da tese, aliás, servem a esse propósito: aguçar nossa capacidade de interrogação das fontes, adensar nossa capacidade de rastreio de influências, aumentar a zona de contato entre ficção e realidade. No geral, a fortuna crítica de tal procedimento pode ser sintetizada por passagem do crítico Roberto Schwarz quando este analisa o romance machadiano, inclusive porque ele toma uma categoria econômica como elemento fundamental de suas apreciações em *Um mestre na periferia do capitalismo*.

Ao falar sobre as intervenções do narrador de *Memórias póstumas de Brás Cubas* ao longo da estória sendo contada, por alguns críticos vista como mera questão de estilo, Schwarz diz que procurou tratá-las "(...) como forma, tomando o termo em dois sentidos: a) enquanto regra de composição da narrativa, e b) como estilização de uma conduta própria à classe dominante brasileira."¹⁶ Isto é, elas são vistas no limiar duplo: expressão sócio-histórica e instrumento de composição literária, como conteúdo e como forma, como criação individual e como elemento social e histórico. O escritor (sujeito) cria, o que dá aos seus escritos uma tarimba pessoal, uma particularidade; mas cria a partir daquilo que experimenta, que observa, que interpreta, o que lhe marca com cicatrizes históricas e sociais.

De tal modo a individualidade criativa do autor entra em pauta e convive dialeticamente com a realidade histórica, que a relação é umbilical, imprescindível para qualquer um de seus termos - "(...) fundem texto e contexto numa interpretação

¹⁵ CANDIDO, Antonio. Introdução. HOLANDA, Sergio Buarque de. **Capítulos de literatura colonial**. op. cit. p. 23.

¹⁶ SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo - Machado de Assis**. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 17

dialeticamente íntegra",¹⁷ para usar as palavras de Candido. Em tais condições da exegese, o particular e o social, o subjetivo e o histórico não se anulam nem se negam, mas se entrelaçam. Interessa menos a pureza decantada de cada um deles isoladamente, e mais a relação necessária existente entre ambos. Descontadas as especificações do tema de seu livro, é sobre isso que fala Schwarz quando escreve que

O dispositivo literário capta e dramatiza a estrutura do país, transformada em regra de escrita. E com efeito, a prosa narrativa machadiana é das raríssimas que pelo seu mero movimento constituem um espetáculo histórico-social complexo, do mais alto interesse (...)¹⁸

As obras de Sherwood Anderson e de Jack London, conquanto muito diferentes da de Machado de Assis, operam sobre termos parecidos com os supramencionados. Os dilemas pessoais e os fortes componentes autobiográficos que estruturam a literatura dos dois escritores estadunidenses não conseguem absolvê-los de sua historicidade, a ponto de mesmo os seus reclames mais particulares trazerem o sinete de sua condição social e dos problemas de seu tempo.

De modo a tentar organizar esse conjunto de preocupações analíticas sem fazê-las se chocarem no corpo da argumentação, tomamos a decisão de estruturar a tese em quatro capítulos (dois para cada escritor analisado), e cada capítulo em três subtítulos (um biográfico, um historiográfico e um literário). Há algo de pragmatismo em cada uma dessas decisões, mas cremos que elas se justificam. Os dois capítulos fornecem simulacros ou protótipos de um "antes" e um "depois", o que permite apreender melhor a processualidade histórica, seu movimento e sua mudança. Os três subtítulos em que estes são divididos oferecem escalas distintas de análise para diferentes âmbitos e questões, fomentando uma progressão que vai das imediações individuais para os quadros amplos, e destes para os domínios subjetivos e estéticos ficção propriamente dita, permitindo assim que quando a dissecação das fontes ocorra, ela seja investida de toda a carga biográfica e histórica - podendo assim desvelar todo seu potencial epistemológico.

Em suma, em todas as frentes, o trabalho continuava sendo o elemento determinante, ponto de encontro necessário onde os momentos metodológicos se interceptavam e permitiam se expressar na sua dialética. Fosse partindo de realidades abrangentes e esforçando-se para encontrar o escritor em seu seio, fosse desbastando o

¹⁷ CANDIDO, Antonio. *Crítica e Sociologia (tentativa de esclarecimento)*. In: _____. **Literatura e sociedade - Estudos de teoria e história literária**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. p. 13.

¹⁸ SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo - Machado de Assis**. op. cit. p. 11.

cipoal biográfico para encontrar os nexos que permitiriam sua costura em termos totais, fosse respeitando a experiência subjetiva que fundamenta a individualidade literária.

O trabalho condensava todos esses movimentos, abria-se a todas essas sondagens. Permitiu-nos uma apreensão interpretativa mais sofisticada, a qual dispunha das condições de fazer jus tanto aos reclames econômicos quanto aos caprichos literários, prestando seu respeito a Clio mas também sua homenagem a Calíope.

Basta de preâmbulos e declarações de intenção.

Avante! Ponhamo-los à teste!

CAPÍTULO I

SHERWOOD ANDERSON E O TRABALHO NOS ESTADOS UNIDOS DOS OITOCENTOS

"Há uma época na educação de todo homem (...) em que ele chega à convicção de que inveja é ignorância; de que imitação é suicídio; de que deve, para seu bem ou para seu mal, aceitar o seu quinhão; que embora o amplo universo esteja cheio de coisas boas, nenhuma semente de trigo generoso lhe virá às mãos a não ser pelo trabalho que dedicar ao pedaço de terra que lhe foi dado cultivar."

- Ralph Waldo Emerson, **On self-reliance** [1841]

"Viver muito ao ar livre, no sol e no vento, não gera, de modo algum, certa aspereza de caráter, mas sim uma cutícula mais espessa que cobre as mais belas qualidades da nossa natureza, como no rosto e nas mãos, ou como um rigoroso trabalho manual retira às mãos um pouco da delicadeza de tato. (...) com efeito, é conveniente tratar adequadamente a pele grossa e a pele fina. Mas parece-me que se trata de uma crosta que se remove com a maior facilidade (...). Quando maior a dose de ar e de luz solar em nossos pensamentos, tanto melhor. As mãos calosas do operário mais condizem com os tecidos finos do respeito próprio e do heroísmo, cujo toque emociona o coração do que os dedos lânguidos da ociosidade. É pura sentimentalidade a de quem se deita de dia e se julga alvo, isento do breu e do calo da experiência."

- Henry David Thoreau, **Walking** [1862]

De todos os escritores estadunidenses que se puseram a escrever e criar literatura na virada do século XIX para o XX, em meio à conjuntura de profundas mudanças econômicas que experimentou aquela sociedade naquele momento, Sherwood Anderson pode ser considerado um dos mais peculiares. Ou melhor, pitoresco. Alguns dos grandes temas sobre os quais se debruçou condensam muitas das inquietações dos escritores mais célebres daquele momento, como a desconfiança das cidades ou a perda de uma suposta "inocência" da sociedade oitocentista, por exemplo, podendo inclusive servir-lhes de síntese sob determinados aspectos. Sua construção literária, no entanto, desdobrou-se em formas e em direções que o separam consideravelmente dos seus pares e contemporâneos, não somente pela elaboração de soluções estéticas pouco convencionais (como os cânticos de 1917, por exemplo), mas talvez especialmente pela

crueza auto-biográfica com que se lançou ao tratamento desses temas ao longo do cotejo literário de suas próprias inquietações e dilemas.

Pelo recorte cronológico e pela problemática com que lida, essa tese se assenta na análise pormenorizada das obras escritas e publicadas por Sherwood Anderson nos anos 1910. Tratam-se de dois romances (*Windy McPherson's son* e *Marching men*, de 1916 e 1917, respectivamente), um livro de poesias (*Mid-American chants*, 1918) e uma coletânea de contos (*Winesburg, Ohio*, 1919), além de textos comerciais e crônicas jornalísticas ocasionais, que ele publicou na década de 1900 (os chamados "Early writings").¹⁹ Essas obras tanto inauguraram a trajetória literária do escritor quanto, nos parece, possuem uma evolução própria que amadurece ao longo de seu curso e que, por estar umbilicalmente vinculada ao mundo do trabalho daquele período, nos interessa centralmente.

Na maior parte da obra de Sherwood, a natureza auto-biográfica e intimista bruta costuma constituir-se quase num obstáculo ao alcance de uma forma mais bem acabada ou mais cônica de suas potencialidades estéticas, situação esta que poderia incomodar a um crítico literário mais consciencioso. Curiosamente, no entanto, é pela sinceridade desabrida de seus propósitos, bem como pela dedicação existencial e urgente do escritor ao seu ofício, que lhe foi dada a possibilidade de retesar a contento o arco de Ulisses. A notoriedade ampla que suas historietas sobre uma cidadezinha de Ohio ganharam no final dos anos 1910 deve-se menos a um polimento sofisticado de artifícios e ferramentas literárias complexos, do que a um aperfeiçoamento do manejo de instrumentos simples. Como disse Irving Howe, "Sherwood Anderson foi um escritor menor, embora em algumas cruciais ocasiões tenha produzido trabalhos de primeira grandeza, talvez até mesmo grandiosos."²⁰

O que se costuma chamar de "maturidade literária", em termos de uma tomada de consciência artística ampla e profunda, em Sherwood Anderson operou-se como que às avessas e num sentido bastante mais mundano, pois foi a impropriedade dele no que tange aos desígnios sensíveis e às sutilezas poéticas o que lhe permitiu encontrar o caminho de sua expressividade. Aquele zênite literário que ele experimentou no início dos anos 1920 foi resultado de uma evolução cuja lógica é um tanto canhestra,

¹⁹ ANDERSON, Sherwood. **Early writings**. Edited by Ray Lewis White. Kent: University of Kent Press, 1989.

²⁰ HOWE, Irving. **Sherwood Anderson - A biographical and critical study**. Stanford, California: Stanford University Press, 1968. p. VIII.

especialmente se se tentar compreendê-la isolando o autor de sua pátria histórica e espiritual que é, num sentido amplo, o século XIX.

Como bem notou o perspicaz crítico literário Lionel Trilling, Sherwood é um escritor que, ainda que possa ter seus feitos literários postos em dúvida, terá quase sempre o testemunho de sua vida a lhe dar cobertura, quiçá um salvo-conduto, pois "De acordo com a moralidade artística a que ele e seus amigos subscreveram (...) Anderson deveria estar para sempre protegido do fracasso artístico por força dos fatos que compõem a sua biografia."²¹

Apesar das dificuldades que envolvem o tratamento historiográfico da literatura (e especificamente *desta* literatura), cremos que a conjunção dos elementos biográfico e auto-biográfico em Sherwood Anderson oferece mais uma distinção empolgante do que desestimulante. E isso sem contar crucial, pois como disse o crítico Ray Lewis White, especialista na literatura do escritor, "(...) poucos autores foram tão autobiográficos quanto Sherwood."²² De um certo modo, o escritor se faz mais amplamente expressivo aos propósitos analíticos dessa tese e a certos caracteres históricos da tradição sociocultural estadunidense em virtude dessas características do que talvez fizesse doutro modo. Sua ânsia de fazer suas vivências se tornarem material literário com menos mediações estéticas ou alegóricas, se bem sopesada em termos interpretativos, acaba contribuindo mais do que obstruindo os pontos de análise sobre os quais se estrutura a presente investigação.

Avisados sobre essa característica idiossincrática da literatura de Sherwood Anderson, o intróito interpretativo deve proceder com uma espécie de acareação cerrada entre trajetória biográfica e construção literária. Por conta disso, é a tal tarefa que doravante nos lançamos.

I.1 O mergulho biográfico (I): a infância interiorana

Quando se retrocede três gerações na linhagem de Sherwood, verifica-se que a cepa dos Anderson fincou-se no solo de Ohio na primeira década do século XIX, em 1807-1808, quando deixaram a Pennsylvania junto com outras famílias escocesas, irlandesas e alemães no movimento que se seguiu ao estabelecimento das primeiras leis de terras. O avô de Sherwood, James Anderson, aliás, parece ter encarnado em grande

²¹ TRILLING, Lionel. **Literatura e sociedade - Ensaios sobre a significação da arte e da ideia literária**. Tradução de Rubem Rocha Filho. Rio de Janeiro: Lido, 1965. p. 40.

²² WHITE, Ray Lewis. In: ANDERSON, Sherwood. **Tar - A midwest childhood**. Cleveland: The Press of Case Western Reserve University, 1969. orelha do livro.

medida um daqueles lendários fazendeiros jeffersonianos, a cultivar a terra em certa hora, e não furtar-se às suas obrigações públicas como membro da milícia local ou da diocese presbiteriana noutra. Era, nos dizeres do maior biógrafo de Sherwood, Walter B. Rideout, "um pilar de sua sociedade"²³ - membro daquilo que o historiador Allan Kulikoff chamou de "yeomanry estadunidense".²⁴

Em meio ao movimento de estabelecimento no ermo (wilderness) que se estendia para além dos Apalaches, as lendas compunham o folclore dos lavradores tanto quanto as "velhas e surradas edições" das fábulas da Mamãe Ganso, como disse Hamlin Garland,²⁵ e o patriarca James "(...) era o contador de histórias da família."²⁶ A vida aventureira no ermo dava matéria-prima para o avô de Sherwood, pois permitia que se entrelaçassem o otimismo liberal dos descendentes dos novo-ingleses e o fabulário camponês daqueles primeiros influxos de imigrantes - como os escandinavos de *The trail of the hawk* de Sinclair Lewis, e os pioneiros estrangeiros dos romances de Willa Cather. Esses ascendentes familiares foram reivindicados por Sherwood Anderson nalguma das várias reinterpretações que escreveu sobre sua vida (em *Storyteller's story* de 1924, por exemplo), especialmente na medida em que tecia afinidades com aquele universo sentimental, moral e mesmo estético que ele tentou reaver mais tarde, por meio de um ideal pastoral.

Parece que desde antes de seu nascimento Sherwood estava destinado a existir sob uma égide dúbia: sob certo ângulo, o patriarca dos Anderson parecia ser um exemplar da clássica respeitabilidade burguesa; sob outro, soava mais como um romântico ser bucólico, venerando bardo familiar. A junção desses dois traços, a rígida parcimônia liberal com a ousada largueza de espírito do colono, não são ingredientes do "grotesco" que o escritor em questão adotou como fiel de sua forma literária décadas mais tarde?

Hemos de voltar a tal.

Antes, contudo, é preciso analisar que apesar da genealogia que o biógrafo traçou e que o escritor reclamou, a linha que segue do avô James Anderson a Sherwood

²³ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** Wisconsin: University of Wisconsin Press, 2006. p. 3.

²⁴ KULIKOFF, Alan. **The agrarian origins of American capitalism.** Charlottesville: University of Virginia Press, 1992. pp. 34-59. (Capítulo 2 - The rise and demise of the American yeoman classes)

²⁵ GARLAND, Hamlin. **A son of the middle border** [1917]. Disponível em <<https://www.gutenberg.org/ebooks/28791>> Acesso em 5 out 2017. location 1017. **Nota:** o uso de "posição" ao invés de "página" se dá aqui, e em notas posteriores, em virtude de a edição usada ser de um e-book ao invés de um livro impresso, lida no dispositivo Kindle.

²⁶ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit. p. 4.

Anderson não era direta. Ela tinha como seus intermediários a figura de Irwin McClain Anderson, pai do escritor, e o vulto da Guerra Civil dos anos 1860, mãe dos Estados Unidos modernos. Numa intersecção que faz em nós despertar o medo daquela "ilusão biográfica" da qual falou Bourdieu,²⁷ do "excesso de coerência" de que falou Levi,²⁸ Irwin e a Guerra Civil fundem-se no seu significado de ruptura com aquele passado de cores promissoras da *Antebellum America* no qual viveu o avô James Anderson. Grande parte do porte heróico que o avô emanava foi perdido no filho, o qual, tendo servido na Guerra Civil e tendo de lá voltado desgostoso com a condição que lhe aguardava, abandonou parte daquela conduta de retidão de toques burgueses que seu pai cimentara. Como foi o conflito dos anos 1860 que contribuiu de forma determinante para a consolidação de um novo projeto de sociedade e economia nos Estados Unidos, não se pode deixar de ver suas pegadas no enalço das de Irwin Anderson - não surpreende que na supracitada autobiografia de Hamlin Garland, a primeira cena do livro seja a de seu pai retornando ao lar depois da guerra.

A infância de Sherwood Anderson, portanto, foi vivida entre esses fantasmas da tradição oitocentista, que por ora se encarnavam no avô ou nos costumes provincianos de Ohio, e que por ora faziam escutar seu arrastar de correntes nas antípodas do comportamento paterno. Mas, note-se, tratavam-se de fantasmas da tradição oitocentista no momento em que os Oitocentos chegavam ao fim. Sherwood nasceu em 1876, quando as bases daquele mundo estavam sendo sistematicamente ameaçadas, marcando com seu sinete a têmpera do escritor.

Levando em conta os encaminhamentos dentro dos quais se dá essa dissecação da literatura de Sherwood, um dos pontos biográficos que mais imediatamente chamam a atenção é o de que ele experimentou sua infância em termos materiais bastante difíceis e instáveis, que começaram algum tempo após seu nascimento. Assim como diversos outros sujeitos e assim como diversas outras famílias estadunidenses daquele período que sucede à Guerra de Secessão, a chamada Era da Reconstrução, Sherwood e os Anderson viram seus esteios materiais naufragarem nas águas turbulentas de uma nova conjuntura econômica, de crescentes vocação e envergadura nacionais.

O pai de Sherwood, Irwin Anderson, aprendera o ofício da confecção de arreios depois do período de serviço militar, por volta do início dos anos 1870, quando morava

²⁷ BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. pp. 183-191.

²⁸ LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. op. cit. pp. 167-182.

em Morning Sun, vilazinha do Condado de Preble, nas proximidades de Cincinnati, norte de Ohio. Essas pequeninas vilas interioranas iam vagarosamente passando à condição de municípios e por vezes cidades ao longo do XIX, e sua realidade socioeconômica era a de independência de seus artesãos (craftsmen), comerciantes (shopkeepers) e de seus lavradores e pequenos proprietários rurais (farmers), todos eles num regime de considerável autonomia existencial - aquela mesma que em 1830 encantara Tocqueville. No minucioso estudo que realizou sobre o Condado de Oneida, em Nova York por volta de meados do XIX, a historiadora Mary P. Ryan escreveu que em cidades desse tipo quase metade dos trabalhos estavam ligados a "ofícios especializados", e que mesmo que houvessem "fábricas à vapor" ou "manufaturas primitivas", 3 em cada 4 destas empregavam menos de 10 trabalhadores - sendo que a oficina média tinha 2 ou 3.²⁹

Fosse porque o tempo de serviço nos anos 1860 decorreram em grande medida na cavalaria (e que ele se afeiçoara ao trato equestre), fosse porque a oportunidade de aprendizagem prática surgiu junto com sua integração à vila de Morning Sun, o ofício de fabricante de arreios pareceu a Irwin uma boa alternativa, quem sabe mesmo um encaminhamento muito natural. Numa sociedade cujo trabalho era baseado nos ofícios manuais e cuja economia estava fortemente ancorada no cultivo agrícola movido por força humana ou animal, ser um fabricante de arreios deve ter parecido promissor ou ao menos suficientemente promissor. Por mais que todos os biógrafos apontem na direção de que a experiência militar agradara tanto a Irwin que o restante de sua vida correu sob a sombra melancólica da nostalgia, foi como fabricante de arreios que ele conheceu Emma Smith, sua esposa, e com esse mesmo ofício se propôs a sustentar sua família quando ela começou a aumentar. Foi nesse mesmo ofício, também, que ele se estabeleceu em Camden em 1876, onde nasceu Sherwood.

Na anatomia da trajetória de Irwin Anderson em meio à economia do período inscrevem-se os ventos da mudança dos Estados Unidos do século XIX, soprando da dispersão estrutural que fez florescer os pequenos capitalistas para a consolidação das grandes criaturas econômicas em quadros sistemáticos. Quando se estabeleceu em Camden, não somente o pai de Sherwood abriu a firma de "Manufatura e Comércio de Arreios, Selas, Rédeas, Açoites, Colares & Afins", como também contratou um rapazola de dezesseis anos como ajudante (James Gift) e anunciou seus serviços no Diretório do

²⁹ RYAN, Mary P. **Cradle of the middle class - The family in Oneida County, New York (1790-1865)**. New York: Cambridge University Press, 1981. p. 8.

Condado de Preble.³⁰ A despeito desses inícios auspiciosos de 1874, até o final dos anos 1880 Irwin teve seu sustento baseado no ofício corroído até as insuficiências domésticas e familiares.

Em meio à conjuntura de mudanças que se seguiram ao final da Guerra Civil é que se consegue rastrear os contornos da situação específica do escritor e de sua família. Entre 1870-1880, o estabelecimento comercial da família, a fabriqueta de arreios para cavalos administrada pelo pai, não pôde sobreviver à conjunção de pelo menos dois fatores gerais e um agravante particular. Primeiramente o caráter recessivo que os arreios passavam a ter nos termos de uma evolução tecnológica cada vez mais enfocada no desenvolvimento de implementos agrícolas modernos e de carros motorizados. Em segundo lugar, o fato de não haver na fabriqueta dos Anderson a aplicação de uma administração rígida nos princípios de uma contabilidade e de uma gerência "científicos", enfocados na expansão como condição de sobrevivência. E tudo isso agravado pelo fato de que o alcoolismo do pai, Irwin Anderson, dificultava a construção de uma estratégia minimamente estável para o enfrentamento da situação.

Embora não se tenha certeza absoluta em relação às causas da derrocada financeira de Irwin Anderson e de sua família, diversos indícios se entrecem para oferecer uma explicação. Nas suas memórias de 1942, assim como na autobiografia semi-ficcional de 1924, Sherwood fala sobre certa falta de disciplina laboral na fabriqueta do pai, e fala também sobre arreios produzidos mas não pagos pelos clientes. Adido a isto, uma carta do escritor de 1939 a Mary Helen Dinsmoor, na qual rememorava eventos desse período, afirma que Irwin "(...) estava dando menos atenção ao seu negócio, e gozando da companhia da garrafa com mais frequência".³¹

Numa conjuntura em que se estreitavam as possibilidades de manutenção econômica sobre bases mais modestas e sobre regularidades produtivas menos constantes, a situação material dos Anderson foi se tornando uma tragédia anunciada. Se os débitos de seu pai (e de seu tio, segundo alguns biógrafos)³² já haviam feito os Anderson se mudarem de Camden para Caledonia quando Sherwood tinha pouco mais de um ano, foram os débitos com a bebida, juntados ao descrédito de Irwin junto à pequena comunidade de potenciais clientes, que fizeram abalar-se os fundamentos da

³⁰ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit. p. 16.

³¹ ANDERSON, Sherwood apud RIDEOUT, Walter. B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit. p. 20.

³² RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit.; e SCHEVILL, James. **Sherwood Anderson, his life and his work.** Denver: University of Denver Press, 1951.

sustentação da família naquela cidadezinha. Onde sua partida dali para Clyde em março de 1884.

Um dos primeiros rangidos da derrocada surgiram com os apertos orçamentários domésticos, acentuados durante o período de residência em Clyde, os quais pressionaram Emma Anderson, a mãe de Sherwood, a lavar roupa "para fora", para famílias mais abastadas ou então compadecidas da situação dos Anderson. Os rangidos que se seguiram foram aqueles que fizeram parte dos filhos do casal trocar as atividades lúdicas da infância pelas atividades laborais típicas da vida adulta, sobretudo Karl e Sherwood, que eram os filhos homens mais velhos. A amargura da situação se tornou ainda mais patente quando Irwin Anderson só conseguiu trabalho como empregado de uma manufatura de arreios de cavalos, a de J.M. Erwin, onde trabalhava ao lado de outros seis artesãos.³³

A mudança deixava entrever que, dos tempos estáveis de Camden (quando era proprietário de uma fábrica de arreios) para os sombrios de Clyde (quando só se empregara como trabalhador de uma), ele escorrera gradativamente na pirâmide social. Foi essa amargura que contribuiu, segundo Howe, para que Irwin rapidamente perdesse seu emprego, pois "(...) tendo sido seu próprio patrão, ele achava agora difícil trabalhar continuamente para os outros."³⁴ Tão desgostoso parece ter ficado o pai do escritor dentro dessa nova condição que não nem bem passaram-se três anos nessa nova lida e ele resolveu arriscar-se como pintor de letreiros e paredes, em 1887.

Quando os Anderson haviam desembarcado do trem em Clyde, dois adultos e cinco crianças, a cidade contava por volta de 2400 habitantes, e assim como tantas outras da mesma região, encontrava-se mais fincada no coração de um mundo rural do que era ela própria o epicentro de uma vida urbana. O irmão de Sherwood, Karl Anderson, lembrou da cidade anos mais tarde dizendo que era uma "cidade de lavradores, poeirenta e pouco desenvolvida".³⁵ Como exemplo disto, podemos observar a primeira acomodação dos Anderson na cidadezinha: antes que sua mobília chegasse, eles ficaram numa casa alugada nas franjas da cidade, próxima de milharais e cercada de bordos. Na típica dinâmica do labor desde tenra idade dessas cidadezinhas interioranas, foi ali também que Karl e Sherwood deram alguns de seus primeiros

³³ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit. p. 26.

³⁴ HOWE, Irving. **Sherwood Anderson - A biographical and critical study.** op. cit. p. 13.

³⁵ ANDERSON, Karl apud RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit. p. 23.

passos para dentro do mundo do trabalho de seu tempo, sendo pagos 25 cents para varrer e ajuntar as folhas de um pomar das redondezas.

Aqueles rangidos iniciais da derrocada não vieram desacompanhados de rachaduras mais profundas nos anos seguintes. A peregrinação familiar dos Anderson tinha objetivos mais pesados do que se nota à primeira vista, pois intentava colocá-los sob a proteção do anonimato, o qual garantiria um emprego ao cabeça da família e a possibilidade de alugar uma casa sem que o fantasma das dívidas, que seguia-lhes o rastro, os impedisse de fazê-lo.³⁶ As incertezas (e as promissórias) se avolumavam de tal modo que as mudanças se sucediam e as ocupações de Sherwood e do irmão iam se tornando cada vez mais variadas, numerosas e provisórias. Com Irwin não conseguindo estabilizar-se minimamente na condição de funcionário, e tampouco conseguindo colher grande paga como pintor autônomo, ele não era amplamente capaz de prover o sustento de sua família, de modo que foi por volta dessa época que o escritor, imerso nas agruras da subsistência, recebeu o alcunha de "Jobby" (em tradução aproximada, "faz-tudo", aquele que vive de "bicos"). Nos dizeres de uma vizinha da família Anderson em Clyde, Irwin era "um bom vizinho (...) mas um mau provedor"³⁷ para os seus, ao passo que coube aos filhos, sobretudo os mais velhos, assumir crescentes responsabilidades nesse ínterim. Sobre esse período dos anos 1880, aliás, Karl Anderson, escreveu que sua família "(...) foi sempre pobre, e por vezes incrivelmente pobre".³⁸

No afã de encontrar os meios de suprir as necessidades materiais da família, Sherwood acabou trabalhando em diversas ocupações, de vendedor de jornais e vaqueiro até uma espécie de contínuo ou "faz-tudo",³⁹ além, é claro, de assistir seu pai no período em que ele tornou-se pintor. A miríade de trabalhos em que Sherwood se ocupou nesse período é proverbial e contém em si a anatomia mesma da transição histórica daquele momento, pois ele foi tanto um provinciano pintor de celeiros no final do anos 1880 quanto um carregador de água para os trabalhadores estrangeiros que construíam os esgotos da cidade em 1894, quando as cidadezinhas do Meio-Oeste começaram a receber esse tipo de infra-estrutura. E isso além de ocupações mais ligadas

³⁶ Sherwood Anderson chega a mencionar que durante períodos relativamente longos eles viveram tentando furtar-se às cobranças de aluguel ou então amparando-se na caridade de vizinhos e eventuais clientes do serviço de lavanderia de sua mãe. TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1987. pp. 1-30.

³⁷ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1**. op. cit. p. 26.

³⁸ ANDERSON, Karl apud RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1**. op. cit. p. 27.

³⁹ O irmão de Sherwood, Karl Anderson, escreveu que o escritor chegou a ser conhecido como "the go-getter": algo como "faz-tudo" ou, numa versão mais popular, "pau-para-toda-obra".

à produção moderna, como na Clyde Kraut Company, fábrica de enlatados de chucrute (sauerkraut) e na Elmore Manufacturing Company, que produzia bicicletas.⁴⁰ Além destes, em junho de 1894 Sherwood trabalhou como atendente de uma loja de armarinhos (dry-goods store), peão em uma fazenda de cavalos da redondezas, e trabalhos esporádicos conforme, por volta do outono de 1896-1897, ele começou a perambular pelas cidades circunvizinhas em busca de trabalho.⁴¹

Apesar dessas tarefas terem lhe subtraído a uma educação formal integral e regular, realidade que compartilha em grande medida com seus contemporâneos, suas experiências de trabalho, por provisórias e áridas que tenham sido, parecem ter deixado uma impressão bastante profunda no caráter e nas concepções do autor, tendo concorrido de maneira fundamental para esculpir suas visões de mundo.

Quem porventura ler o escritor dizendo, nos anos 1920, já com suas credenciais literárias estabelecidas, que "Em todas as cidadezinhas, e através dos vastos campos de minha meninice no Meio-Oeste americano, não havia pobreza como eu mesmo veria e conheceria posteriormente, em nossas grandes cidades industriais na América",⁴² pode ser levado a pensar que os tremores de sua formação não foram tão terríveis como inicialmente parecem. Contudo, note-se que o ponto de inflexão da compreensão incide menos sobre a amenização de seus dramas biográficos e mais sobre o fato de que a pobreza que se estabeleceria posteriormente estava amparada sobre estruturas econômicas ainda mais perversas. A passagem acima é menos sobre o quanto ele e sua família foram ou não foram pobres, e mais sobre o quanto a pobreza moderna, nascida no seio dos grandes centros urbanos e industriais, tinha singular poder de devastação humana. Esse é um problema histórico sobre o qual veremos Jack London se debruçar com afinco no capítulo IV.

O biógrafo Walter B. Rideout, na rigorosa pesquisa que fez para os dois volumes de seu monumental estudo da vida e da obra de Sherwood, visitou cada uma das cidadezinhas que os Anderson moraram, realizou entrevistas com os moradores e vasculhou os arquivos municipais de cada uma delas, tendo concluído pelo cruzamento de todos esses dados que a condição material deles foi realmente marcada pela privação e pelas incertezas. Ele diz que apesar dos "(...) bordados que Sherwood fazia com a

⁴⁰ RIDEOUT, Walter B. *Sherwood Anderson - A writer in America*. Vol. 1. op. cit. pp. 58-59.

⁴¹ Idem, *ibidem*, pp. 66-67.

⁴² ANDERSON, Sherwood. *A story teller's story*. New York: B.W. Huebsch, 1924. p. 3.

realidade (...) a factualidade da pobreza da família foi confirmada por diversas pessoas de Clyde que os conheciam bem."⁴³

O esforço de douração mitológica de sua própria trajetória, ao qual Sherwood lançou-se desde o final dos anos 1910, não apagou os rastros de suas incertezas materiais da juventude, embora tenha-as enquadrado num escopo bem mais romântico, crescentemente pastoral. Isso se deu, provavelmente, pelo contraste que ele estabeleceu com suas experiências posteriores, nas entranhas do capitalismo monopolista: diante da crise de consciência pela qual o escritor passou nos anos 1910, tendo rasgado o véu da dinâmica social e econômica da modernidade monopolista de Chicago, a vida interiorana começou a erguer-se em sua memória como um modo de vida mais ideal, ainda que sob uma luz bruxuleante e modorrenta.

Como se pode ver, Sherwood Anderson é um escritor deveras complexo e por vezes mesmo contraditório. Suas confusões são perdoáveis por dever-se mais às transformações históricas pelas quais passou do que propriamente a uma inconstância particular sua, como havemos de ver.

De qualquer modo, que nos seja permitido sublinhar o fato de que entre os anos 1870 e 1890 a família Anderson experimentou, junto com boa parte dos Estados Unidos, as instabilidades que seguiram no rastro das crises econômicas de 1873 e 1893, verdadeiros marcos de transição entre dois regimes de capitalismo. Ainda que o dedo dessas duas crises não seja encontrado de forma direta, num rasgo episódico agudo, sobre os Anderson, o vagaroso depositar do peso de sua mudança se fazia sentir quando se aninha a trajetória particular desse lar nos grandes quadros econômicos e sociais - onde se observa com maior clareza a potência do processo histórico.

Em que pese em maior ou menor grau os desdobramentos particulares da trajetória biográfica de Sherwood, grande parte de seus temas literários e de seus valores existenciais encontra-se enraizada nas experiências daquele período de residência em Clyde. Suas experiências, nesse sentido, vinculam-se a uma inserção precoce no mundo do trabalho em meio a um movimento de transformação econômica, com suas implicações e ônus particulares. Além disso, e de modo complementar, as experiências de Sherwood como trabalhador estiveram mediadas por uma posição social e material que, conforme expressivamente vivida por Irwin Anderson, passava de um ponto a outro da escala social. Em outros termos, pode-se dizer que a trajetória do escritor no

⁴³ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit. p. 709.

mundo do trabalho esteve desde muito cedo estruturada a partir da derrocada de uma posição de classe média (de um pequeno proprietário, de um artesão qualificado) a uma posição de trabalhador comum, num processo bastante peculiar de proletarização.

Se houve, portanto, um arco de ordem social e econômica que encompassou a trajetória particular de Sherwood e a de diversos outros trabalhadores e escritores (como Jack London, por exemplo), os liames da leitura particular da situação que o acossava não são assim tão passíveis de encaixes convencionais. Isso se dá, inclusive, por conta de seus desfechos e resultados posteriores, já que a condição de trabalhador provisório, de "Jobby", não é o último ponto de parada da trajetória de Sherwood no mundo do trabalho.

As formas através das quais o escritor leu e interpretou sua jornada social e subjetiva à condição de trabalhador são cruciais demais no escopo histórico de sua literatura para que possamos deixá-las ignoradas. Na dimensão familiar suas experiências laborais foram entendidas de uma maneira bastante particular, pois há uma reação muito enérgica e ressentida de Sherwood em relação ao pai, uma que o culpa pela pobreza inglória da família; simultânea esta a uma reação de solidariedade pesarosa para com a mãe, compadecendo-se de seu gradativo desgastar silencioso junto ao tanque de lavar da casa.

Essas experiências, que repuxavam seu caráter, aparecem diversas vezes ao longo de sua produção literária, e, tão incertas soam pelos dilemas que impõem, que a figura paterna aparece variando de um sujeito pitoresco e "dado a romantismos" até alguém que, de tão desprezível, atrai sobre si as maldições filiais e, inclusive, um ficcional atentado à sua vida.⁴⁴ Nas diversas releituras de sua vida a que se lançou Sherwood em décadas posteriores, a figura do pai foi variando na medida em que suas concepções sobre o trabalho, e sua compreensão do lugar dele dentro da correlação de forças, foi também se alterando. A relação algo edípica de Sherwood com o pai funciona para nós como uma espécie de barômetro das mudanças no sentido do trabalho dentro dos quadros de transformação econômica.

Uma variação tão brusca de imagens paternas alimenta uma série de especulações e questões acerca das oscilações psicológicas do escritor e dos recônditos de sua vida íntima. Nos parece que se impõe entre os dois retratos acima (este talhado

⁴⁴ ANDERSON, Sherwood. *A story teller's story*. op. cit. p. 4. O atentado encontra-se retratado em: ANDERSON, Sherwood. *Windy McPherson's son*. New York: B.W.Huebsch, 1916. Capítulo VII (pp. 95-103)

nos traumáticos anos de 1912-1914, e aquele na estabilidade de 1921) diferentes compreensões acerca da vida e do mundo, as quais, numa dimensão mais específica, estão fortemente vinculadas às experiências de Sherwood junto ao mundo do trabalho. A figura paterna, por mais que fizesse assomar sentimentos e reações de ordem afetiva, pessoal, esteve também nesse caso recortada contra um fundo de textura material, sendo enxergada junto às suas funções como arrimo da casa e como cabeça da família, em suas responsabilidades junto à esposa, aos filhos e, enfim, ao lar. Em tais sentidos, a leitura de Sherwood é bem menos óbvia do que pode parecer e, curiosamente, é interceptada por uma ética bruta e fundada, mas finamente esculpida pelo mundo do trabalho.

Debrucemo-nos sobre essa insólita leitura.

Posto diante da instabilidade econômica agudizada dos anos 1880-1890, traduzida como crise familiar e como ameaça de empobrecimento, Sherwood viu-se lançado ao mundo do trabalho e à vida adulta precocemente, travando contato desde muito cedo com os desdobramentos práticos dessa vida e também com as concepções que a estruturavam como tal. O mundo de respeitabilidade burguesa de seu avô, de vida frugal e disposição para o trabalho, se tornava mais dominante do que a porção mais exuberantemente poética dele, e o fazia na medida mesma em que as cidadezinhas iam se desenvolvendo, conforme iam vagarosamente desafiando a centralidade exclusiva da agricultura e constituindo alguma vida urbana.

A respeito das condições que permitiam uma inserção mais proveitosa nas diversas ocupações a que se lançou, em termos de oferta de trabalho e de paga, o escritor percebeu que uma postura de disposição e mesmo de obstinação ao trabalho costumava garantir-lhe melhores resultados nesse sentido. É interessante notar que, assim como ocorreu com Jack London, essa disposição laboral encontrava-se a meio-caminho entre uma necessidade ditada pela condição socioeconômica e uma ética auto-imposta. A experiência de ser um trabalhador nos Estados Unidos nessa época, numa economia ainda em vias de industrializar-se e sem ter uma envergadura nacional bem soldada, significa habitar uma realidade histórica em que havia espaço para as pressões estruturais se vestirem de vontade individual, entrelaçando ser e consciência social de um modo muito mais orgânico. Pode-se dizer, mesmo, que as forças históricas da tradição encarnavam-se em disposições de espírito individuais mais facilmente, sancionadas por uma base econômica que estava, no entanto, em marcha de mudança.

Como escreveu Howe, as dinâmicas estabelecidas na economia e nos trabalhos daquela cidadezinha acolhiam e estimulavam o senso de "industriosidade" de Sherwood (vale a pena lembrar que "Industriosidade" é a sexta das treze virtudes morais definidas por Benjamin Franklin):⁴⁵

Agradava aos munícipes mais ricos que os garotos Anderson demonstrassem uma industriosidade que seu pai não possuía. Sherwood, particularmente, tornou-se um astuto caçador de moedas (penny-hunter), sempre à procura de algum trabalho temporário, e os empresários de Clyde acharam de bom tom encorajá-lo nesse sentido (...)⁴⁶

A espécie de chancela social e cultural que havia em relação a certos comportamentos "industriosos" era a expressão daquilo que a historiadora Mary P. Ryan chamou de "culto da domesticidade". Esse era o costume por meio do qual as famílias do Meio-Oeste passaram a sustentar, desde meados do século XIX, "padrões domésticos (...) e estratégias para assegurar aos seus filhos ocupações nos estratos médios", ao passo que a solda comunitária existente num lugarejo tão pequeno, como a Clyde de Sherwood ou como o Condado de Oneida estudado por Ryan, acabava se estendendo sobre o conjunto dos seus habitantes. Ao longo desse processo é que se consolidou, nas palavras dela, o "distinto formato da história da família e da sociedade: foi quando ela se tornou a crônica de formação da classe média."⁴⁷

É precisamente em meio a esses quadros históricos que encontramos Sherwood Anderson a se mover.

Desenvolveu-se pouco a pouco uma determinada concepção de trabalho no jovem Sherwood, uma que se afinava com bastante harmonia às concepções próprias daquela sociedade estadunidense oitocentista, especialmente na medida em que revestia-lhe de uma devoção ao trabalho que chega às raízes da religião, aprendido na experiência histórica daquela mesma sociedade. Ao escritor, a quem acossavam as circunstâncias de instabilidade doméstica, a inserção no mundo do labor, combinada com seus proventos, contribuiu para a sedimentação de uma determinada ética do trabalho que calou fundo em seu íntimo. Ela tornou-se uma das notas basilares diante das quais Sherwood passou a afinar suas posturas e seus valores dali em diante; questão-chave para que se possa tratar sua literatura como fonte histórica.

⁴⁵ FRANKLIN, Benjamin. *The autobiography of Benjamin Franklin*. Norwalk: Easton Press, 1976. p. 108.

⁴⁶ HOWE, Irving. *Sherwood Anderson - A biographical and critical study*. op. cit. p. 14.

⁴⁷ RYAN, Mary P. *Cradle of the middle class - The family in Oneida County, New York (1790-1865)*. op. cit. p. XIII.

A sedimentação gradativa dessa valoração do trabalho como algo engrandecedor, gerador de virtude em quem o realiza, desempenhou um papel crucial na forma como Sherwood passou a olhar para o pai. Como no cotidiano doméstico ele e seu irmão Karl respondiam às funções de sustento da casa e o sabiam (com uma consciência e um orgulho crescentes), isso levou Sherwood a não ver com bons olhos os procedimentos de seu pai nesse sentido, já que seus modos folgazões o afastavam cada vez mais do cumprimento satisfatório das responsabilidades de arrimo da família que lhe cabiam - e isto ao mesmo tempo em que Emma, Sherwood e seus irmãos dedicavam-se com afinco à tarefa de manter suas cabeças acima do nível d'água.

Entre as histórias que se construíram ao redor de Irwin e de suas excentricidades de cronista da Guerra Civil Americana, por exemplo, inclui-se uma bastante peculiar de que ele chegara a ficar um ano afastado do lar dos Anderson por conta de uma jornada de *vaudeville* por diversas cidades do interior, com peças de teatro e narrativas fabulosas de histórias de guerra, já que era um veterano do conflito.⁴⁸ Esse afastamento fora visto por Sherwood como uma covarde e revoltante deserção diante de seus deveres familiares, valendo-lhe um retrato muito desabonador no primeiro romance do escritor, *Windy McPherson's son*, de 1916.

Acerca de Irwin e de sua própria postura em relação ao trabalho e às exigências econômicas de sua condição, Howe escreve que ao fim da Guerra Civil, ele "(...) era um belo jovem de 25 ou 26 anos que, talvez como uma reação à guerra ou talvez em resposta às demandas de sua própria natureza, havia rompido com os padrões familiares de trabalho duro da lida rural."⁴⁹ A fábrica de arreios dos Anderson, lembra Sherwood, vivia repleta dos amigos de Irwin, e o escritor suspeitava que o pai viera a falir posteriormente porque emprestara dinheiro a esses sujeitos sem tomar as devidas precauções, ou por não ter tido a disposição de cobrá-los.⁵⁰

Os anos formativos de Sherwood, portanto, estiveram marcados pela conjunção de uma situação particular e de uma situação mais conjuntural, na qual os estertores de um determinado regime de capitalismo (que Wright Mills chamou de "capitalismo de pequenos capitalistas") se entrelaçavam com os espasmos de uma crise familiar, confundindo-se com ela e constituindo passo a passo os caracteres morais e existenciais do escritor. A incapacidade do pai em fazer-se pilar de sustentação familiar decorria

⁴⁸ HOWE, Irving. *Sherwood Anderson - A biographical and critical study*. op. cit., p. 23; RIDEOUT, Walter B. *Sherwood Anderson - A writer in America*. Vol. 1. op. cit. pp. 23-70.

⁴⁹ HOWE, Irving. *Sherwood Anderson - A biographical and critical study*. op. cit. p. 11.

⁵⁰ Idem, *ibidem*, p. 23.

tanto de uma determinada postura individual em relação ao trabalho e à administração monetária, quanto de um estreitamento histórico das possibilidades de manutenção dentro de amplos quadros econômicos em transição. A Sherwood, a situação toda aparecia muito mais naqueles termos (individuais e morais) do que nestes (conjunturais e econômicos), sendo por esse motivo que a calibração na exegese do elemento biográfico e auto-biográfico em sua obra se faz procedimento crucial para sua compreensão.

Tão forte se fizera a solda da ética do trabalho com a situação familiar e com um determinado movimento econômico, que a leitura de Sherwood com relação a sua situação ficou por muito tempo estruturada nesse escopo. O trabalho a que ele se dedicou ao longo desse período serviu como verdadeira pedra de toque entre sua condição material e sua compleição subjetiva, moldando-os dialeticamente e deixando fortes indícios na sua literatura. Especificamente nesse escopo de "trabalho" e "sentidos do trabalho" foi que Sherwood acabou abraçando concepções que vicejavam naquela sociedade oitocentista e produzindo uma espécie de teimoso canto do cisne dela mesma (trágico, belo e renitente) em meio a uma economia em transformação.

Os títulos de "jobby" e de "go-getter" com os quais Sherwood foi descrito por seus familiares e contemporâneos não lhe caíram como pecha, mas como louros. Diante das abstenções de seu pai frente aos seus encargos familiares, que redundavam na vergonhosa dependência da caridade alheia e no esfalhar da mãe, a obstinação laboral a que o escritor se entregou tornou-se emblema de seu valor, pois ajudava a remediar a situação doméstica e aliviar o fardo materno. Alimentava-se assim um senso de dever em que se coadunavam compensações pelas faltas paternais e um recém descoberto orgulho, socialmente endossado, de suas capacidades laborais, versáteis e diligentes. Ao lado disto, ainda, pode-se dizer que assim como ocorria com Jack London por volta da mesma época, encarar frontalmente os compromissos de provedor da casa concorria para alimentar um sentimento de orgulho másculo em Sherwood, vinculado este com os ritos da hombridade daquela sociedade - algo que contribuía para adensar o edípico de sua relação com o pai, vale dizer.

Foi o complexo resultado das vivências desse jovem astucioso, algo como um Tom Sawyer menos aventureiro e mais circunspecto (que pintaria ele próprio, e diligentemente, a cerca da tia Polly), que constituiu a "aparelhagem mental" com que Sherwood deixou a cidadezinha interiorana de Clyde e encontrou a cidade grande de Chicago no final dos anos 1890. Foi munido desse conjunto de valores que ele adentrou

o mundo dos negócios (business world) em busca da hombridade sacramentada pelo trabalho duro e obstinado que era tão característico dos herdeiros dos Oitocentos nos Estados Unidos. E foi nutrindo-se piamente dessa ética do trabalho que Sherwood acabou sendo confrontado com as incertezas que abalaram o senso de otimismo americano diante da ascensão dos monopólios. Foi por conta dessas experiências, enfim, que ele veio a mais tarde reclamar para si o estatuto de mito estadunidense - por entender em si e em sua trajetória traços dos dilemas típicos daquela sociedade.

Dessa curiosa mescla foi que surgiu a expressividade de Sherwood enquanto sujeito histórico. Sua trajetória condensa os modos de vida surgidos no seio de uma economia e de uma sociedade gestadas ao longo do século XIX, com seus próprios valores e cultura, e os encampa no momento da ruína delas mesmas. Por conta disso, foi tal experiência que se tornou o fiel da balança de suas concepções estéticas e artísticas, indo a derivar, finalmente, nas pitorescas ideias que ele construiu gradativamente ao longo de sua obra, sobretudo a ideia de "grotesco", que ele define em seu livro de 1919.

Por motivos de ordem metodológica suspendemos estrategicamente as reconstruções biográficas de Sherwood, justamente para que possamos discutir mais apuradamente certas questões que se apresentam como problema para essa tese. Tomamos essa liberdade somente porque a reconstrução será retomada posteriormente, quando outros problemas de vulto histórico assomarem na literatura e nas posições do escritor, constituindo-se, então, noutros núcleos de discussão. Trata-se, portanto, de uma estratégia que tem por objetivo contemplar a evolução própria da literatura de Sherwood e ao mesmo tempo apreendê-la como processo, não sendo pois subterfúgio de arbitrariedade.

As questões sobre as quais se debruçou Sherwood Anderson são variadas e complexas o suficiente para justificar uma tal disposição. Como esse é um trabalho de história, cabe submeter a literatura ao crivo historiográfico sem perder a capacidade de reconhecer e respeitar suas peculiaridades. Cremos que adotar essa postura metodológica permita satisfazer os rigores da ciência sem sacrificar a sensibilidade da arte. Em outros termos: sem limitar-se a um encaixe dela na grade histórica e sem tornar-se refém das visões do escritor.

O desenvolvimento de um determinado sentido acerca do trabalho em Sherwood constitui-se um ponto-chave na compreensão de sua formação particular e também no entendimento de sua literatura, sendo, pois, questão sobre a qual vale se debruçar na esteira dessa abordagem histórica. A partir do entrelaçamento dos sentidos subjetivos e

sociais do trabalho que Sherwood foi ganhando as feições cada vez mais bem definidas de um determinado momento da história estadunidense, emblematizando assim o processo de modificação profunda na economia, no mundo do trabalho e, numa dimensão mais abrangente, nos modos de viver socialmente.

Os primeiros dois romances publicados por Sherwood Anderson oferecem diversos elementos para que possamos analisar essa construção de sentido acerca do trabalho e seu entrelaçamento com a biografia do escritor. O romance de 1916, *Windy McPherson's son* (O filho de Windy McPherson, em tradução livre), e o de 1917, *Marching men* (Homens em marcha, em tradução em livre) carregam similitudes das quais buscaremos nos apropriar nesse primeiro capítulo para que possamos rastrear e compreender as questões a seguir apresentadas. Partimos da observação de que nesses dois romances, mais do que em outros livros seus, Sherwood conseguiu construir um retrato analítico e subjetivo do trabalho que é mais coeso (em termos de continuidade) em relação à tradição econômica e cultural estadunidense que os antecedeu. Ainda que seja possível encontrar essa concepção de trabalho presente em praticamente toda a produção literária do autor, as obras dos anos 1910 que sucederam esses romances tocam naquela concepção de maneira muito mais nostálgica do que convicta.

Noutros termos: parece-nos que Sherwood Anderson foi confrontado com a realidade econômica e laboral do capitalismo monopolista de maneira tão irremediável à certa altura da década de 1910⁵¹ que sua produção pregressa parece, diante da posterior, recoberta por um certo véu de "inocência" otimista que mais pertence ao século XIX do que ao XX - inocência esta que foi usada como solução explicativa por diversos historiadores, críticos literários, escritores e estudiosos do período em questão.⁵²

Considerando isto, a junção de uma análise mais robusta sobre os inícios desses dois romances nos pareceu cabível dentro dos propósitos desta tese na medida em que ela busca enfeixar problemas históricos antes de, meramente, nuances literários, mas

⁵¹ Nos parece que nos anos que se seguiram ao episódio de seu desaparecimento e do colapso nervoso de que foi vítima, ocorrido em 1912. Sabe-se que o romance publicado em 1916 já vinha sendo escrito antes de 1912 (cf. TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. op. cit. Capítulos 3 e 4, pp. 58-108) e que os capítulos iniciais do romance de 1917 seguem uma cadência e uma estrutura narrativa muito similares a essa, partilhando em grande medida de suas "soluções literárias" apesar de um tom já bem mais árido.

⁵² O usam os críticos literários Leslie Fiedler (*An end to innocence*), R.W.B. Lewis (*The American Adam - Innocence, Tragedy and Tradition in the Nineteenth Century*) e Lewis Mumford (*The brown decades e The golden day*), os historiadores Henry Steele Commager (*O espírito norte-americano*), Brian Lee e Robert Reinders ("A perda da inocência (1880-1914)" In: *Introdução aos estudos norte-americanos*, organizado por Malcolm Cowley), e os romancistas Theodore Dreiser (*Sister Carrie* e *An American Tragedy*), Edith Wharton (*The age of innocence*) e William Dean Howells (*The rise of Silas Lapham* e *A hazard of new fortunes*).

ainda assim permitindo entender a trajetória biográfica de Sherwood sem retirá-lo dos quadros materiais e culturais em que ela ocorreu. Embora possa ser acusada de pragmática, nos parece que o cotejo dos problemas que nos lançam à investigação operam melhor dentro dessa configuração, razão pela qual assumimos o ônus dessa escolha.

O intróito dos romances *Windy McPherson's son* e *Marching men* estrutura-se em torno de um *pathos* profundamente arraigado no imaginário estadunidense: a trajetória de um garoto humilde mas obstinado, oriundo de uma cidadezinha provinciana, rumo à prosperidade material e à respeitabilidade junto a seus pares, trajetória essa seguramente pavimentada com o suor orgulhoso e abnegado de seu trabalho. Trata-se da fórmula "dos trapos ao luxo" (from rags to riches) das historietas de Horatio Alger Jr., famosas à época. É comum que esse enredo, quase arquetípico, venha carregado de um certo "triunfalismo" de coloração liberal e individual, o qual pareceu grassar largamente o espírito americano desde, pelo menos, os primeiros discursos dos "pais fundadores". Quando adstrito às suas coordenadas mais espirituais, fundindo-se numa experiência de introspecção filosófica engrandecedora, temos o transcendentalismo de um Emerson ou a sensível auto-confiança de um Whitman. Quando encarnada no seu sentido mais pragmático e pedestre, não raro enveredando para uma verve cômica, temos o *boosterism* inócuo satirizado por Sinclair Lewis.⁵³

Se despido, contudo, dessas vestes ideológicas do liberalismo estadunidense do século XIX, e se desencarnado de seu corpo histórico e de sua experiência social, nos parece que não faltaria muito nessa mistura para valer o qualificativo de "robinsonada" que Marx repetidas vezes bradou ao falar da Economia Política inglesa e seus apologetas...⁵⁴

Felizmente, a literatura de Sherwood, a despeito de dialogar intensamente com esses mitos, não parece caber integralmente sob esses desígnios simples.

Windy McPherson's son mantém-se de fato muito próximo a certas soluções narrativas e ideológicas daquele arquetipo, o que não poupou a comparação a Alger Jr.

⁵³ BROOKS, Cleanth; LEWIS, R.W.B.; WARREN, Robert Penn. **American Literature: the makers and the making. Vol. II.** New York: St. Martin's Press, 1973. p. 1923. Trata-se do comportamento entusiástico e voluntarista satirizado por Sinclair Lewis em seus livros, tanto em *Main Street* (1920) quanto em *Babbitt* (1922).

⁵⁴ MARX, Karl. **O capital - Crítica da economia política - Volume I.** Tradução de Regis Barbosa e Flávio Kothe. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. p. 73.

por alguns críticos literários,⁵⁵ mas as densidades ponderativas do livro, e sobretudo seu desfecho, são suficientes para desafiar essa caracterização sumária - o mesmo pode ser dito sobre *Marching men*. Há várias contradições e uma tensão rangente na obra como um todo, que repuxam sua argumentação e a mantém apartada das soluções simples e das certezas definitivas da ideologia, pelo menos parcialmente.

Em virtude disto, não se arma ali simplesmente um novo capítulo do otimismo oitocentista, mas a abordagem de problemas que não se encerram em suas páginas. Cremos que é em grande medida por conta dessa indefinição, dessa incerteza que se cristalizou em forma de literatura, que a escrita de Sherwood Anderson tem algo de profundo a dizer à historiografia, uma vez que, como procuramos argumentar, a chave explicativa do dilema encontra-se enraizada na mudança profunda do sentido e da função do trabalho numa economia em transição.

O primeiro romance de Sherwood Anderson acompanha a vida de Sam McPherson, o filho de Windy e de Jane McPherson, desde os tempos em que ele era um ambicioso vendedor de jornais da cidadezinha de Caxton, Ohio, até sua desventura na cidade grande, em Chicago, pontuando passo a passo sua ascensão no mundo dos negócios e na pirâmide social e econômica estadunidense. Numa estratégia literária engenhosa, o escritor mesclou suas memórias pessoais do período em que viveu em Clyde (ressentido com o pai), com alguns episódios da trajetória de um dos fundadores da cidadezinha, William McPherson e de seu filho e general unionista, James B. McPherson.⁵⁶ Por meio dessa moldura, Sherwood não somente produzia uma certa cortina de fumaça que obscurecia as raízes particulares de seus personagens, mas também conseguia fundir a genealogia do velho fundador e seu filho militar com a geração a que pertencia Sam McPherson, o protagonista, que assim os tinha como espécie de ascendentes semi-ficcionais, semi-históricos e semi-pessoais. Ou seja, estabelecia-se por meio desse certa continuidade mas também criava-se condições para falar sobre a ruptura.

Em termos literários mais amplos, a despeito dessa curiosa engenharia ficcional, trata-se de obra simples e linear, que repousa não em virtuosos formais ou estéticas, mas na propriedade que Sherwood possui em relação àquela história e sua narrativa, uma vez que trata-se de sua própria trajetória de vida com desvios estratégicos. O escritor mesmo

⁵⁵ BROOKS, Cleanth; LEWIS, R.W.B.; WARREN, Robert Penn. **American Literature: the makers and the making. Vol. II (1861 to the present)**. op. cit. p. 1923.

⁵⁶ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1**. op. cit. pp. 24-25.

afirmou posteriormente, nas suas *Memoirs* de 1942, que seus dois primeiros romances eram, além de "imatuross", majoritariamente "imitativos" da realidade que ele havia vivido.⁵⁷

Poder-se-ia ressaltar, em relação a esse livro, o parentesco teatral entre os personagens literários e suas fontes reais, com Jane McPherson fazendo o papel de Emma Anderson, Windy McPherson na pele de Irwin Anderson, Caxton fazendo as vezes de Clyde e, finalmente, Sam McPherson vivendo Sherwood Anderson. Poderíamos ir mais longe ainda nas ataduras "realidade-ficção" e dizer que Jane é uma "mulher silente"⁵⁸ (como Emma), que Windy é folgazão, e está o tempo todo semi-bêbado contando casos da Guerra Civil⁵⁹ (como Irwin) e que Caxton está "(...) a meio caminho na escala de organização social, entre o leste comercial e o oeste agrário, sujeita, pois, a bruscas pressões e sutis influências de ambos, ainda que deles socialmente distinto",⁶⁰ assim como estava Clyde. O crítico Ray Lewis White fez um quadro comparativo similar a este em relação ao livro de 1926 *Tar - A midwest childhood*, demonstrando a associação entre os membros da família Anderson e os membros da família Moorehead.⁶¹ E algo muito similar poderia ser feito em relação ao livro de 1924, *A storyteller's story*, caso quiséssemos.

Esses parentescos são procedimentos de aferição importantes, mas cuja acareação com a realidade, entendida num sentido de correspondência direta e de superfície, nos interessa menos do que a penetração nos seus sentidos profundos, na lógica mesma que a faz expressiva literariamente e no que isso pode nos dizer sobre o trabalho na sociedade e na economia estadunidenses. Como nos interessa sobretudo a literatura de 1910, e especificamente na medida em que ela nos leva até *Winesburg, Ohio*, é sobre os inícios dos romances de 1916 e 1917 que iremos nos ater.

O protagonista de *Windy McPherson's son* é Sam, "(...) rapaz de treze anos alto e de ossos largos, com cabelos castanhos e olhos negros, que tinha o curioso hábito de inclinar o queixo para o alto quando andava (...)",⁶² o qual tira seu sustento da faina de vendedor de jornais. Há aí muita similaridade com as noveletas de Horatio Alger Jr. Assim como o protagonista do *Ragged Dick* de 1867 era um engraxate; o protagonista

⁵⁷ ANDERSON, Sherwood *apud* WEBER, Brom. **Sherwood Anderson**. Tradução de Lúcia Junqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1966. p. 26.

⁵⁸ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 19.

⁵⁹ Idem, *ibidem*, p. 18 e p.20.

⁶⁰ HOWE, Irving. **Sherwood Anderson - A biographical and critical study**. op. cit. p. 3.

⁶¹ WHITE, Ray Lewis. Introduction. ANDERSON, Sherwood. **Tar - A midwest childhood**. op. cit. p. XIX.

⁶² ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 9.

de *Paul, the peddler* de 1871, um vendedor de doces de rua; e o jovem Abraham Lincoln um rachador de lenha no livro de 1883,⁶³ também Sam McPherson era um mero vendedor de jornais. E assim como nos livros de Alger Jr., o enredo se propõe a acompanhar as circunstâncias do crescimento do protagonista. A história se desenrola através do desenvolvimento existencial dele, seu "fazer-se", sua escalada rumo à "hombridade" da vida adulta, sendo esse o eixo em torno do qual orbitam os demais personagens e a partir do qual se motiva a ação e as situações que constituem o livro.

Sob diversos aspectos, portanto, trata-se de uma estrutura similar à de um "romance de formação" (*bildungsroman*, no alemão; *apprentice novel* no inglês) no qual se mantém o foco narrativo colado ao protagonista, providenciando para que mergulhos introspectivos se entrelacem ao galgar de posições na escalada da prosperidade material. Assim como nas noveletas de Alger Jr., prevalece aqui uma forte ligação (de causalidade, inclusive) entre os eventos concretos da prosperidade e a definição de quadros espirituais transcendentais. O laço entre essas duas dimensões da narrativa, literárias e históricas que são, pressupõe uma têmpera voluntarista, isto é, uma que coloque as conquistas do protagonista como sendo simultaneamente materiais (em termos de dinheiro e subida na escala produtiva) e espirituais (em termos de resposta a reclames de sua ambição, coroação de um senso de propósito). Ambas parecem se fundir na conquista de uma posição socioeconômica proeminente, possivelmente designável como de classe média, ou de respeitabilidade burguesa, a qual constitui o clímax da trama.

Estrutura de enredo muito parecida é encontrada no início do romance publicado em 1917, *Marching men*, no qual acompanha-se "Beaut" McGregor, um jovem provinciano, nesse caso de uma cidade mineira, Coal Creek, em busca de afirmar-se como indivíduo e cruzar o limiar que separa a infância da vida adulta, a criança do homem. A exemplo do romance de 1916, esse também está alicerçado em torno do desenvolvimento espiritual do protagonista, acompanhando a formação de suas opiniões e visões de mundo, os desafios pelos quais passa e como vai sendo por eles definido. Apesar da aproximação grande que os dois romances têm, especialmente no primeiro ato, que se passa na cidadezinha interiorana, os dois têm destinos muito diferentes, já que enquanto *Windy McPherson's son* continua focado no indivíduo até o fim,

⁶³ ALGER Jr., Horatio. **Abraham Lincoln: the backwoods boy; or, How a young rail-splitter became president.** Whitefish: Kessinger Press, 2008.

Marching men tenta retratar o desenvolvimento de laços de solidariedade coletiva do protagonista.

Ao invés de jornaleiro, "Beaut" McGregor auxilia sua mãe na padaria da família, enquanto seu pai trabalha, como a maioria dos demais habitantes de Coal Creek, na mineração, espinha dorsal da economia da cidade. Perambulando por suas ruas com a carrocinha de pão, McGregor testemunhava a realidade cotidiana da cidadezinha, onde "Através da neve suja caminhavam mineiros, passando cambaleantes, silenciosos e com as faces enegrecidas."⁶⁴ Antes de compaixão por essas tristes figuras, em grande parte do livro "(...) era a qualidade de intenso ódio pelos sujeitos daquele negro buraco entre as colinas da Pensilvânia o que caracterizava o garoto".⁶⁵

Conforme descreve Sherwood Anderson, "Beaut" McGregor não via com bons olhos a situação em que se encontrava Coal Creek, julgando-a desorganizada e seus habitantes sem propósito, como se atesta na seguinte passagem:

Em pé na porta, olhando acima e abaixo a desoladora rua da vila, uma obscura constatação acerca da ineficiência desorganização da vida tal como ele a conhecia se apossou da mente de McGregor. Lhe pareceu correto e mesmo natural que ele devesse odiar os homens.⁶⁶

Embora por motivos menos entusiásticos do que Sam McPherson (talvez por ter sido escrito com a década de 1910 mais adiantada), McGregor desejava deixar a cidadezinha onde morava, deixar para trás aqueles homens que lhe causavam repugnância, e tornar-se algo mais do que o sucessor de seu pai naquela realidade que ele julgava tão negativamente. Os pensamentos do protagonista em relação aos mineiros de Coal Creek, seja por inocência dele ou por convicções de Sherwood em relação ao trabalho, eram muitas vezes preconceituosos senão até algo reacionários, enxergando-os simplesmente como "animais à porta do abatedouro"⁶⁷ ou como, meramente, "gado".⁶⁸ Não à toa que o retrato que pinta deles seja sobretudo demeritório: "'Eu odeio essa cidade', ele disse. 'Os homens daqui pensam que são consternadamente engraçados. Eles não se importam com nada que não seja fazer piadas tolas e se embriagar. Eu quero ir embora.'"⁶⁹

⁶⁴ ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. New York: John Lane Company, 1917. p. 10.

⁶⁵ Idem, ibidem, p. 11.

⁶⁶ Idem, p. 12.

⁶⁷ Idem, p. 20.

⁶⁸ Idem, p. 33.

⁶⁹ Idem, p. 28.

A McGregor, personagem oriundo da mente de um escritor alimentado da cultura oitocentista do trabalho e de seu potencial de afirmação individual, a sujeição dos mineiros e uma certa falta de orgulho e de obstinação subjetivas talvez os colocasse fora dos domínios da virtude. Perante a trajetória particular de Sherwood, assim como perante a tradição laboral da região onde fora criado, o trabalho era uma espécie de emblema de solidez moral, o que provavelmente concorria para tornar odiosa a ele a atitude dos mineiros de Coal Creek, já que lhe parecia que eles vilipendiavam o trabalho que lhes cumpria, e ao fazê-lo, desprezavam a oportunidade de engrandecerem-se através dele.

Na medida em que o trabalho encontrava-se fortemente atrelado à individualidade de quem o realizava, e como havia uma enorme carga moral (e moralista) na visão de Sherwood sobre as vicissitudes do trabalho, negar-se ao trabalho era na prática sinônimo de negar-se à probidade moral que ele proporcionava. Negar-se ao trabalho, ou tratá-lo com desdém, era, pois, imoral (tão forte parece ser a presença dessa concepção de trabalho em Sherwood, que somente em ponto muito avançado da narrativa de *Marching men* é que o narrador dá indícios, e muito tímidos, de que não se deve atribuir aos indivíduos a "culpa" sobre a falta de grandiosidade do trabalho).

Apesar desse traço marcante da narrativa, símbolo da dubiedade daquele momento histórico, o romance não se resume a essa descarga de ódio, pois como notou o crítico literário Francis Hackett, "Tendo se apropriado de vasta parte da vida de vasta proporção do povo norte-americano, o Sr. Anderson queria algo mais do que representar sua desordem, sua brutalidade e sua ineficiência. Ele queria mostrar como essa vida poderia ser vivida."⁷⁰ As passagens duras que sublinhamos acima devem ser atribuídas ao período ainda não maduro da vida de McGregor, os quais servem de parâmetro para suas opiniões e visões posteriores, criando o efeito da evolução e da mudança (tão literariamente fundamental para um romance como este, que apesar de não-convencional ainda é "de formação").

Como nos ateremos com maior detalhe a esse romance em capítulo posterior, nos restringimos aqui a apresentar sua estrutura inicial, precisamente para ressaltarmos que ele se aproxima consideravelmente das soluções literárias de *Windy McPherson's son*. Destaca-se a narrativa acerca da formação de um jovem simplório mas ambicioso

⁷⁰ HACKETT, Francis. *To American workingmen In*: WHITE, Ray Lewis (org.). **The achievement of Sherwood Anderson - Essays in criticism**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1966. p. 26.

que busca transcender suas contingências mais imediatas através da dedicação obstinada ao trabalho e ao aperfeiçoamento constante.

Como parte considerável da literatura estadunidense desses primeiros anos do século XX, especialmente daquela produzida nos arredores de Chicago (chamada por alguns críticos, como Bernard Duffey, de "Chicago Renaissance"),⁷¹ *Windy McPherson's son* e *Marching men* comportam a travessia do protagonista do campo (ou do interior, do *country* e da *small town*) à cidade, com a narrativa o acompanhando em seus dilemas quanto à sobrevivência e à adaptação a esses dois ambientes humanos tão distintos entre si. Como o desenvolvimento urbano estadunidense se intensificava nesse período, é possível encontrar diversos exemplos de como esse movimento histórico foi sendo digerido e interpretado, uma vez que oferecia um manancial considerável de situações e questões dignas da exploração literária.

Logo nas primeiras páginas de *Windy McPherson's son* o leitor é apresentado aos personagens coadjuvantes da trama, habitantes da cidadezinha de Caxton (tão "tipos" quanto "sujeitos"),⁷² como Valmore, o ferreiro, Gunther, o alfaiate, Art Sherman, o taberneiro, Mike McCarthy, o valentão local, Sawyer, o barbeiro, Freedom Smith, o comerciante, e, finalmente, John Telfer, o dândi local (dentre outros). A parte I também é aquela em que se descreve, ainda que esparsamente, o cotidiano provinciano e pacato de Caxton, em especial dos habitantes que interceptam o destino do protagonista e o influenciam, criando uma espécie de *tableau* da vida pitoresca do interior dos Estados Unidos - bastante mais ensolarado do que as sombrias ruas de Coal Creek, vale dizer.

John Telfer, "o orador, o dândi, o único homem na cidade, junto com Mike McCarthy, que mantinha suas calças amarrotadas",⁷³ é um dos personagens mais relevantes desse momento do romance pois tem grande ascendência sobre o jovem protagonista, ensinando-lhe lições e dando-lhe conselhos inspirados sobre conduta, moral e trabalho. Por várias vezes, é através do "rufar de tambores da eloquência de Telfer"⁷⁴ que Sherwood vai talhando as feições de Sam, tentando dar forma às aspirações dele, como no seguinte trecho, em que Telfer busca explicar o que um "artista":

⁷¹ DUFFEY, Bernard. **The Chicago Renaissance in American Letters**. Michigan: Michigan State College Press, 1954.

⁷² Ou, na terminologia célebre de E.M. Forster (*Aspectos do romance*), apropriada pelo ensaio de Antonio Candido ("A personagem do romance"), são personagens tão "planos" quanto "esféricos".

⁷³ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 10.

⁷⁴ Idem, *ibidem*, p. 13.

Um artista é alguém que tem sede e apetite de perfeição. (...) É o artista aquele que, dentre todos os homens, tem a audácia divina. Não é ele que se arremessa numa batalha na qual arremetem contra ele todos os gênios que já houveram no mundo até agora?⁷⁵

Sob a influência das palavras de Telfer, Sam vai desenvolvendo um fervor cada vez mais devocional em relação à sua ocupação, ainda que ela seja, de todas, talvez uma das mais singelas, a venda de jornais. A busca da perfeição que move o "artista", em toda a sua grandiosidade transcendente, vai pitorescamente encontrando seu caminho até o íntimo do prosaico jornaleiro, fazendo-o projetar entre os píncaros daquela glória e os resultados pedestres dessa faina uma ponte de sentido. Sherwood cuida para que entre o universalismo cosmopolita da fala de Telfer e o provincianismo prático da compreensão de Sam se forme uma zona de contato repleta de sentidos históricos, pois arraigados na cultura da sociedade estadunidense desde fins do século XVIII.

Na fragilidade dessa zona de contato irrompe nova carga da arenga de Telfer, que não havendo ainda terminado, fala:

Um homem de negócios - o que ele é? (...) Ele se faz bem sucedido sendo mais esperto do que as mentes pequenas com as quais trava contato. (...) Mas um artista testa sua mente contra as maiores mentes de todos os tempos; ele mantém-se sobre o topo da vida e se atira sobre o mundo.⁷⁶

Desenha-se aí, aparentemente, um contraste entre "artista" e "homem de negócios". Enquanto um devota-se à contemplação das "grandes questões", o outro faz-se amesquinhado e rasteiro por pregar atenção somente a assuntos mezinhas, a ninharias mundanas. A Sam McPherson, "projeção de Sherwood Anderson"⁷⁷, as palavras de Telfer poderiam soar como a ruína daquela ponte e o fenecimento daquela zona de contato, já que cruzar o Rubicão que separa a singela venda de jornais dos domínios transcendentais do "artista" parecia tornar-se feito para um imperioso César e não para um reles Polichinelo.

Contudo, antes de uma reprimenda, as palavras de Telfer soam a Sam como uma espécie de desafio reverente, pois Sherwood (a quem esse contraste incomoda existencialmente) escreve logo em seguida que: "Ao jornaleiro, que estivera apoiado contra a fachada da loja perdido em admiração [*durante a arenga*], pareceu que se

⁷⁵ Idem, p.13.

⁷⁶ Idem, pp. 13-14.

⁷⁷ RIDEOUT, Walter B. *Sherwood Anderson - A writer in America*. Vol. 1. op. cit. p. 55.

havia captado na conversa de Telfer um eco do tipo de conversa que deve se passar entre homens no grande mundo para além dali."⁷⁸

Sherwood não retrata a ocupação de Sam como um empecilho para que ele pudesse reclamar para si as vicissitudes do "artista" descritas por Telfer, aliás, considerando que o escritor sintonizara-se com as concepções de trabalho que vicejavam na sociedade estadunidense de seu tempo, era a dedicação individual e subjetiva à labuta, mais do que o tipo de labuta, o que contava para definição de virtude. Bastava, portanto, que o jornalista se dedicasse com afinco ao trabalho para que pudesse alcançar aqueles céus descritos por Telfer. À numerosa fauna de engraxates, carregadores de malas, mensageiros e ajudantes da literatura de Alger Jr. não fora garantida a ambicionada ascensão?

De um modo enviesado, era esse fervor algo devocional ao trabalho, esse buscar engrandecer-se a partir dele a despeito de sua natureza, que faltava aos mineiros de Coal Creek em *Marching men*, sendo provavelmente por essa razão que eles pareciam repugnantes a "Beaut" McGregor. Como Sherwood pensava o trabalho a partir de termos individuais e subjetivos, antes de concebê-lo como uma realidade material e estrutural, organizada num sistema capitalista, suas ponderações acerca do labor carregam uma ambiguidade que o faz ora aproximar-se de uma crítica ao capitalismo, ora deslocar o ônus da questão para os ombros dos indivíduos imbricados no trabalho. O momento mesmo da ácida crítica era também o do conservador endosso.

O contraste estabelecido pelo dândi de Caxton sintetiza um dilema com que Sherwood foi defrontado quando lançou-se ao mundo das letras, pois enquanto sua dedicação ardorosa ao trabalho tornara-se uma espécie de lema de seu caráter, trazendo-o sempre para junto do reino das preocupações mundanas do "homem de negócios", suas aspirações literárias forçavam a expansão de seus horizontes espirituais, para alçar o vôo do "artista". Os livros de Sherwood Anderson são todos atravessados pela tentativa de encontrar equilíbrio e soluções para esse problema, para essa sua impropriedade literária, fazendo disso um verdadeiro núcleo de elaboração estética e artística.

Em torno desse dilema, aliás, que se encerra o primeiro e emblemático capítulo de *Windy McPherson's son*, numa expressiva cena. A situação acima descrita se passa na plataforma da estação de trem de Caxton, onde encontram-se tanto Telfer quanto

⁷⁸ Idem, p. 15.

Sam, este último aguardando a chegada dos vagões para lançar-se à venda de jornais aos passageiros. Ao apito da locomotiva, Sam deixa Telfer e seus ouvintes e arremete em direção aos trilhos, conseguindo em pouco tempo e com muita habilidade dar cabo de todos os jornais que levava debaixo do braço. Como um ventríloquo, Sherwood faz o dândi exclamar: "Quem disse que o espírito dos velhos bucaneiros está morto? Aquele garoto não entendeu nada do que eu disse sobre arte, mas ainda assim ele é um artista!"⁷⁹

A aproximação dessa sequência com certos arquétipos estadunidenses, em especial com o mito do *self-made man*, pode soar um tanto piegas para leitores mais criteriosos, mas relevemos por ora essas possíveis impressões para ponderarmos sobre seu significado. Em praticamente todas as obras de Sherwood Anderson prevalece uma determinada concepção de trabalho em que estão presentes tanto uma obstinação disciplinar forte (entendida como verdadeira ética subjetiva), quanto a percepção de que esse trabalho obstinado (especialmente se braçal ou fisicamente exaustivo) possui o potencial de engrandecimento, satisfação ou mesmo de redenção.

Um sentimento de grandiosidade similar pode ser encontrado nas páginas de *Marching men*, pois McGregor também sonha com a participação no grande mundo para além de Coal Creek, e projeta sobre si, com base em suas capacidades, um futuro promissor; afinal, é esse traço que o separa dos mineiros mundanos que ele despreza. Determinado a reivindicar seu lugar ao sol, McGregor fala: "Semana que vem irei para a cidade, e começarei a fazer algo de mim mesmo."⁸⁰ Após essa cena de resolução, o protagonista é assim mostrado por Sherwood: "Andando por entre as colinas, ele [McGregor] pensava grandes coisas acerca de si próprio. 'Sou capaz de qualquer coisa', pensava ele erguendo a cabeça e olhando para as altas montanhas."⁸¹ Há um orgulho próprio, de escopo fortemente individualista, evidente em cada uma dessas passagens, um orgulho calcado na disposição subjetiva para a ação e para o trabalho, que por essa peculiaridade encontra-se em intenso diálogo com a realidade social, cultural e econômica dos Estados Unidos da época de Sherwood.

É bem provável que haja em "Beaut" McGregor fortes reminiscências da vida de Sherwood Anderson, já que se mostrar valoroso por meio do trabalho, talvez como antítese aos comportamentos paternos, era tarefa que o escritor tomava como

⁷⁹ Idem, p. 17.

⁸⁰ ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. op. cit. p. 50.

⁸¹ Idem, ibidem, p. 54.

determinação necessária à sua vida, entendida com um sentido ético tão intenso quanto a vontade de superação do protagonista de *Marching men* em relação ao que ele via como uma espécie de conformismo medíocre de Coal Creek. Não à toa que Sherwood escreva por tantas vezes, acerca da estória de McGregor, o que talvez possa ser designado "perturbador elogio da força", um voluntarismo obstinado que conclama à ação e à perfectibilidade o tempo todo, algo quase doentio, ideia fixa repetida à exaustão pelo personagem principal. Num trecho que se passa nos primeiros contatos de McGregor com Chicago, assim Sherwood narra essa determinação do personagem: "Em Chicago ele pretendia fazer algo. (...) pretendia colocar-se na luz do poder. (...) Criado entre homens que não eram mais do que homens, ele pretendia tornar-se um mestre."⁸² E mais à frente: "Cheio de confiança na força e na agilidade de seu corpo, (...) [McGregor] também começava a confiar no vigor e na clareza de sua mente."⁸³

Por mais que essas passagens possam ser atribuídas à natureza da história que se narra, cujo enredo está focado na evolução do personagem principal, quando postas diante da realidade histórica em que foram gestadas, subjetiva e socialmente, elas se revestem de um determinado significado. Nos parece que dizem respeito à visão de que o trabalho possui o potencial de engrandecer e afirmar seu praticante perante a sociedade, concorrendo para a agudeza particular de sua força e sua determinação, e, finalmente, servindo para atestar algum tipo de respeitabilidade moral. McGregor foi ajudante de padeiro, trabalhou num celeiro cuidando de cavalos e empregou-se num armazém como carregador de caixas e barris, dentre outros trabalhos, sendo que todos esses empregos contribuíram, por prosaicos que fossem, para que se desenhasse com mais clareza os traços definidores de sua personalidade e as determinações grandiosas que ele almejava. A narrativa de Sherwood de 1917, a exemplo de *Windy McPherson's son*, toma esses trabalhos como condição para que se possa traçar um retrato positivo e valoroso de McGregor, sendo que o labor dedicado do personagem a eles é o que, em grande medida, permite que Sherwood, dentro de suas concepções, lhes conceda os contornos de uma figura digna de admiração.

Assim como ocorre com Sam McPherson, com John Telfer e com "Beaut" McGregor, vê-se que a percepção de Sherwood sobre o trabalho se constrói com base no pressuposto, social e subjetivamente talhado, de que a dedicação a uma atividade prática é o que dá têmpera espiritual e moral para aquele que a ele se dedica. Logo,

⁸² Idem, p. 64.

⁸³ Idem, p. 79.

acorre a seguinte pergunta: porque Sherwood Anderson insiste tanto sobre essa concepção e o que ela significa em termos históricos?

Há nela uma percepção que se aproxima das discussões sobre o papel ontológico que o trabalho desempenha na formação humana, num sentido mais geral. No entanto, há também um sentido histórico mais específico, cujas raízes encontram-se enterradas na base econômica sobre a qual se assenta a sociedade estadunidense do século XIX, quando as condições da produção eram detidas pelos produtores diretos, e quando as circunstâncias assistemáticas da economia concorriam para fazer florescer um senso de autonomia e independência assentado sobre essa capacidade de trabalhar e, disto, ser próspero. Se contarmos, ainda, que essa situação era ungida pela ética puritana dentro da qual a colonização novo-inglesa havia ocorrido, teremos então traçados mais ou menos os quadros de compreensão.

Para grande confusão de Sherwood, dos "pequenos capitalistas" e da tradição ideológica liberal dos Estados Unidos, era precisamente esse estado de coisas que veio a se modificar com a ascensão do capitalismo monopolista. O rompimento da organicidade com que esses modos de viver se imbricavam nas suas contrapartes materiais foi um dos processos mais preñes de consequências na história estadunidense.

Colocando-se a passagem anterior, o elogio de Telfer, diante de uma que se encaminha algumas páginas adiante, podemos ver como vai se desenhando em Sam McPherson, pela pena de Sherwood, um determinado sentido para a labuta do "fazer-se", mesmo que através da singela ocupação a que ele se dedicava:

Como o jornaleiro número um de Caxton, Sam havia conseguido tanto uma forma de sustento quanto um lugar na vida da cidade. Ser um vendedor de jornais ou um engraxate de uma cidadezinha americana leitora de romances é tornar-se uma figura perante o mundo. Os pobres jornaleiros dos livros não se tornam grandes homens? Então será que esse garoto que anda para lá e para cá tão industriosamente, dia após dia, não conseguirá também tornar-se essa figura?⁸⁴

A descrição de Sherwood vai costurando em torno de Sam McPherson sentidos acerca do trabalho, associando pouco a pouco a faina cotidiana e disciplinada ao sentido de "tornar-se uma figura", fazer um nome ou estreitar sua existência com a "conversa que se passa entre homens no grande mundo". Mesmo em *Marching men* Sherwood

⁸⁴ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. pp. 24-25.

descreve McGregor dizendo que "Ele era como o herói de um romance popular, galvanizado à vida e caminhando em carne e osso diante das pessoas."⁸⁵

Constitui-se nesses romances uma ligação forte entre capacidade, perseverança e disciplina de trabalho, e destas com um certo substrato moral e espiritual, descrevendo de forma literária uma experiência que estava urdida social e economicamente. Não é por outra razão que Sam vai angariando a admiração dos habitantes de Caxton na medida em que se mostra um hábil e diligente vendedor de jornais, oficioso na persuasão dos clientes e comedido nos hábitos frugais que constituem seu caráter e seu modo de ser (várias vezes é mencionado que Sam guarda, com um disciplina benjamin-frankliana, seu dinheiro numa poupança).⁸⁶

Algo similar encontra-se aninhado na passagem em que Sherwood fala sobre a reação de Sam às palavras de Telfer, onde há uma aproximação entre "os homens do grande mundo" e a capacidade de dedicação ao trabalho. Sam busca alinhar os propósitos do "artista" com os do jornaleiro, e o "ser homem" ou o atingir à "hombridade" passa pela capacidade de alçar-se acima de sua atual condição, algo que se faz pela labor industrioso, como a passagem supracitada confirma.

Não é em nome de outro motivo que Jane McPherson, "Sabendo até quão tarde (...) [*Sam*] ficara pelas ruas na noite de sábado vendendo jornais, (...) olhava para ele com os olhos cheios de ternura e simpatia."⁸⁷ Com ademanos literários, Sherwood constrói um retrato do trabalho tal como ele lhe pareceu diante de sua experiência histórica, retrato esse menos realista e mais romântico - mais expressionista do que impressionista, talvez disséssemos.

Diante da fonte específica que temos em mãos, é necessário sopesar o fato de que as reminiscências particulares da infância e primeira juventude de Sherwood contribuíram para que ele alimentasse uma visão edificante e mesmo transcendente acerca do trabalho, já que, como discutimos anteriormente, fora sua labuta obstinada o que lhe dera a capacidade de auxiliar materialmente sua família, por um lado, e sustentar-lhe moralmente frente aos hábitos do pai, por outro. Isso, contudo, não anula nem contradiz sua envergadura histórica, já que a refração particular do processo

⁸⁵ ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. op. cit. pp. 13-14.

⁸⁶ "Se Sam não havia tido uma fase de delinquência, isso se devia a sua luta incansável para aumentar os totais no rodapé da caderneta bancária amarela." ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 72.

⁸⁷ Idem, *ibidem*, p. 35.

histórico não é sua contra-prova, mas condição mesma dele: demanda atenção sobre sua peculiaridade mas não inviabiliza a análise nem suas conclusões.

Esse fato, aliás, levanta aspectos que reforçam o argumento que estamos sustentando, pois no romance o elo entre labuta e moral se constrói também ao redor do pai, nesse caso ao redor do personagem Windy McPherson, pai de Sam.

Assim como a infância de Sherwood, a de Sam encontra-se marcada pelas extravagâncias folgazãs do pai e pela incapacidade dele em se adequar às exigências laborais, redundando na instabilidade familiar e doméstica. Ao lado do "acerto de contas" que esse romance parece ser em relação ao passado familiar de Sherwood, corre uma construção de sentido acerca do trabalho, pois por diversas vezes as acusações de Sam voltam-se ao pai fazendo menção à sua "ineficiência" e à sua "incompetência".⁸⁸ Curiosamente são esses os mesmos termos que "Beaut" McGregor utilizou para se referir aos mineiros de Coal Creek em *Marching men*, dizendo que eles viviam num estado crônico de "desorganizada ineficiência".⁸⁹

O desprezo de McGregor pelos mineiros se dá na distinção estabelecida entre seu próprio senso de grandeza e obstinação, e a falta dele nos trabalhadores de "faces enegrecidas". No caso do romance de 1916, o ressentimento de Sam para com Windy se dá no contraste da virtude diligente do filho em relação ao absenteísmo irresponsável do pai, mesclando ali sentidos particulares e sociais, pois a insuficiência doméstica vinha acompanhado de uma vergonha pública, expressa na preocupação de Sam quando este murmura entre dentes: "A cidade inteira vai rir às nossas custas novamente."⁹⁰ A "domesticidade" referida por Mary P. Ryan, elemento constituinte da realidade histórica do século XIX nas cercanias da região onde viveu Sherwood, servia como estímulo, mas também podia servir como castração; como reforço positivo mas igualmente como interdição.

O conflito com o pai se acentua numa passagem revestida de simbolismo, que acrescenta ainda mais densidade à questão do sentido moral do trabalho. Por ocasião de um desfile que celebrava os soldados veteranos da Guerra Civil em Caxton, o falastrão Windy (que doara ao evento o dinheiro que não concedera à família)⁹¹ resolve que a ele deve caber a honrosa tarefa de, no ápice da festividade, tocar a corneta que outrora convocara os combatentes. Para sacramentar a imagem de impotência de Windy,

⁸⁸ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 20 e p. 23, respectivamente.

⁸⁹ ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. op. cit. p. 12.

⁹⁰ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 28.

⁹¹ Idem, ibidem, p. 27.

Sherwood o faz protagonizar uma cena ridícula na qual, diante da população da cidade, o veterano se vê incapaz de arrancar da corneta qualquer som, servindo de presa às gargalhadas gerais (cabe lembrar que Irwin Anderson tocou esse instrumento em ocasiões de celebração dos veteranos da Guerra Civil em Clyde).⁹²

Ao mesmo tempo em que isso acontece, "(...) o garoto [*Sam*] e sua mãe, brancos e emudecidos de humilhação, não ousavam olhar um para o outro. Na torrente de vergonha que os varria, eles olhavam para frente com os olhos duros e petrificados."⁹³ Emoldurada numa cena tipicamente literária, repleta de sutilezas simbólicas e potencial dramático, se sustenta aqui aquela ligação profunda entre diligência laboral e substrato moral. Sherwood pinta um retrato ridículo desse homem, demonstrando que sua "ineficiência", num sentido prático e material, acaba por espalhar-se sobre sua conduta e seu caráter, tornando-o alvo do escárnio geral. Ao lado disso, ainda, corre certo senso edípico, pois há como que uma castração simbólica do pai, provado incapaz de levar a cabo uma tarefa simples como aquela.

Ao fazer figura de ridículo, Windy parece precipitar Sam a uma decisão forte e definitiva acerca de sua própria vida, como Sherwood narra logo em seguida:

"Eu aprendi minha lição." "Eu aprendi minha lição", ele murmurava repetidamente conforme andava. (...) Uma torrente de lágrimas correu pelas faces do garoto, e ele levantou seu punho para o ar, em direção à cidade. "Vocês podem rir daquele tolo Windy, mas não haverão de rir de Sam McPherson", ele bradou, com sua voz vibrando de excitação.^{94 95}

Naquele momento parecia selar-se na ficção a decisão que Sherwood pareceu ter tomado na realidade. Tal como o escritor percebera que sendo "jobby" ou "go-getter" ele angariava o endosso e a admiração sociais, além de satisfazer às demandas domésticas, também o personagem se deu conta de que precisava fundar seu caráter e sua imagem social na capacidade de sustentar-se e de trabalhar com afinco - não correndo o risco, assim, de tornar-se alvo da galhofa alheia.

⁹² RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit. p. 17.

⁹³ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son.** op. cit. p. 32.

⁹⁴ Brado semelhante seria proferido anos mais tarde, em circunstâncias distintas mas com um sentido bastante parecido, pela personagem Scarlett O'Hara, no romance *...E o vento levou* (1936) da escritora norte-americana Margaret Mitchell. Nessa passagem, Scarlett condensa em sua *persona* as desilusões de sua vida pessoal e da decadência histórica da aristocracia agrária do Sul dos Estados Unidos em meio às batalhas da Guerra Civil Americana, prometendo a si própria que jamais padecerá de fome. Mitchell condensava desilusões parecidas diante dos abalos da Grande Depressão. (MITCHELL, Margaret. **...E o vento levou.** Tradução de Francisca de Basto Cordeiro. 4ª ed. São Paulo: Hemus, 1982.)

⁹⁵ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son.** op. cit. p. 33.

No caso de "Beaut" McGregor, de *Marching men*, a provocação de alguns dos habitantes de Coal Creek em relação aos seus planos de "fazer algo de si próprio" na cidade grande (Chicago) é o que o faz precipitar-se numa similar decisão imperiosa. Quando Weller, o dono do estábulo onde trabalhava, duvida dos planos de McGregor, este diz, entre dentes, "Eu vou te mostrar".⁹⁶ E quando já se encontrava em Chicago, o protagonista

(...) começou a pensar que as vidas da maioria das pessoas ao seu redor eram como jornais sujos acossados por ventos adversos e cercados de feias paredes de fatos. O pensamento o afastou da janela e levou-o a renovados esforços (...) 'Eu farei alguma coisa aqui, de qualquer modo. Eu vou mostrar a eles', ele rosnou.⁹⁷

É possível notar que, analogamente à passagem onde a faina de Sam é comparada às transcendências do "artista" de Telfer, ou quando a crença edificadora do trabalho separa McGregor dos mineiros de Coal Creek, há uma conjunção forte entre a capacidade de trabalhar e a sustentabilidade moral. Aquilo que em Windy torna-se alvo do desprezo de Sam é também aquilo que torna-o inelegível para as virtudes morais. Aos olhos de Sherwood, a incapacidade do pai de dedicar-se obstinadamente às rotinas do trabalho faz com que ele se torne uma figura ridícula, um incapaz (incapaz, inclusive, de fazer soar a simbólica corneta supramencionada). A natureza folgazã e excêntrica de Windy torna-o "ineficiente" e "incompetente", tornando-o indigno de ser depositário da virtude que cabe àqueles que dedicam-se com afinco à labuta e ao de sustento através dela. O contraste de pai e filho desempenha aqui um papel fundamental tanto na compreensão da ficção quanto da realidade.

A julgar pelo conjunto da produção literária de Sherwood Anderson (não somente dos anos 1910, mas também o que ele publicou nos anos 1920, 1930 e 1940) o dilema paterno constitui-se numa ferida que nunca cicatrizou em definitivo. Não me parece ser por outro motivo que o título do livro é "O filho de Windy McPherson", ao invés de "Sam McPherson". Essas oscilações quanto à figura paterna são, como buscamos sustentar, um dos pontos em que questões particulares da vida do escritor acabam interceptando problemas que são de envergadura social e histórica, sutura entrelaçada com a questão do trabalho e seu sentido material e cultural. É a partir dela que se desenvolve, portanto, um dos outros motivos do livro.

⁹⁶ ANDERSON, Sherwood. *Marching men*. op. cit. p. 56.

⁹⁷ Idem, *ibidem*, p. 79.

Talvez se possa dizer que Sherwood, assim como Sam, tentara sair da sombra projetada pelo pai, e que, portanto, no que tange ao trabalho e à postura do escritor (e do personagem) há mais de particular do que de histórico. Embora o elemento biográfico e auto-biográfico sejam certamente uma das dimensões a serem ponderadas, há de se notar que o cumprimento da resolução de "sair da sombra do pai" não é realizado isolado do conjunto das relações sociais e da realidade econômica, as quais eram, no tempo de Sherwood, demarcadas pelo crescimento do capitalismo monopolista. Tentar remover o estigma paterno que porventura pairasse sob o semblante de Sherwood lançou-o no seio da história, pois não só a imagem que tem do pai e de seus hábitos são social e historicamente construídas, mas a definição das atitudes que o apartam dele também o são. Dedicar-se com afinco a suprir as lacunas domésticas, financeiras, morais e afetivas do pai foi o que fez Sherwood (e Sam, e McGregor) interceptar o mundo do trabalho e as componentes humanas que se construíram ao redor dele naquele momento histórico.

É em grande parte da obstinação do escritor em pôr-se para fora do estigma do pai, tornando-se um *business man* bem-sucedido (e em meio a uma conjuntura econômica em transformação), que decorrerão suas decepções, suas amarguras, seus arrependimentos e suas dolorosas epifanias. Nas pegadas do pai, e na tentativa de endireitá-las, é que Sherwood reivindicará para si, nos anos 1920 e 1930, o estatuto de "mito americano": espécie de síntese do estado de espírito gerado pela derrocada de vários pilares da ideologia liberal estadunidense diante da ascensão dos monopólios.

Quando pensada nesses termos a literatura de Sherwood é, em grande medida, um estilizado diário de bordo dessa travessia, e o escritor cuidou para que sua vida fosse recriada para servir-lhe como trajetória exemplar. Ele absorveu para dentro de sua própria vida os movimentos históricos da sociedade estadunidense daquele momento crucial, vivendo-os como crises particulares de consciência; e ao fazê-lo pôde fundir narrativa autobiográfica, crítica social e leitura histórica nas suas tramas, escrevendo com seus próprios sangue, suor e lágrimas a crônica daquela "América perplexa" (*puzzled America*) do início do século XX.⁹⁸ Por isso é que mesmo o mais introspectivo de seus mergulhos autobiográficos não é senão ligeiro desvio cujo caminho geral, de envergadura histórica ampla, está bem traçado.

⁹⁸ ANDERSON, Sherwood. **Puzzled America**. New York: Charles Scribner's sons, 1935.

Se a questão da "transcendência" do trabalho, do "artista", estava fortemente amarrada ao retrato da figura paterna do romance (alter-ego que era de Irwin Anderson), é em torno desta que está amarrada outra postura de Sam. Ao longo dos primeiros capítulos de *Windy McPherson's son*, pautando-se na sua própria experiência, Sherwood vai construindo em Sam uma vontade existencial cujo lema vai se fixando pouco a pouco. Urdindo a situação de instabilidade familiar com as opiniões da cidade, as insuficiências do pai com o senso de transcendência laboral de Telfer, Sam parece convencer-se acerca de um plano:

Ele acreditava que a resposta lógica à sua situação era dinheiro no banco, e com todo o ardor de seu coração, o garoto empenhou-se em alcançar essa resposta. Ele queria tornar-se um 'ganhador de dinheiro' [*money-maker*], e os números que constavam no rodapé das páginas amareladas de sua caderneta passaram a ser marcos do progresso que ele já havia alcançado. Esses números diziam-no que a luta diária com Fatty [*outro jornaleiro*], as longas marchas pelas ruas de Caxton nas noites lúgubres de inverno, bem como as infundáveis noites de sábado, quando Sam andava incansável entre as multidões que tomavam conta das ruas, das lojas e dos bares, não eram infrutíferas.⁹⁹

Uma passagem como essa parece fixar um certo materialismo tanto em Sam quanto em Sherwood, algo que poderíamos esperar degenerar-se em ganância ou ambição desmesuradas, ou, ainda, num pragmatismo rasteiro. Por outro lado, é preciso pensar sobre os significados que essa afirmação tem na literatura de Sherwood Anderson e diante do sentido histórico do trabalho naquela sociedade.

Especificamente em relação ao autor, conseguir dinheiro para suprir as despesas domésticas fora desde o início o princípio norteador de sua entrada no mundo do trabalho, sendo portanto bastante compreensível a associação estreita que ele constrói entre as duas coisas. Para além dessa dimensão biográfica, é possível notar que não há nessa passagem, pelo menos à primeira vista, uma contradição entre o trabalho virtuoso e o "ganhar dinheiro". O trabalhar duro e obstinadamente é o que traz como resultado o "ganhar dinheiro", não havendo nessa relação de causalidade, tal como encontra-se estabelecida nessa concepção, considerações de ordem posterior - sobre dinâmica econômica ou lógica sistêmica, por exemplo. A similaridade disto com a solda filosófica entre "vida material" e "estado de espírito" proposta por Horatio Alger Jr. encontra-se aqui devidamente insinuada...

Essa associação é curiosa porque expressiva para os propósitos dessa investigação. A busca pela prosperidade material, a busca por "ganhar dinheiro" vai se

⁹⁹ ANDERSON, Sherwood. *Windy McPherson's son*. op. cit. p. 22.

revestindo de sentidos morais e transcendentais na medida em que estão alicerçados sobre as certezas gravadas na mentalidade de Sherwood Anderson acerca do trabalho. Nesse sentido abundam exemplos que corroboram esse argumento, pois sobre os "impulsos do sexo" e os "impulsos em direção a deus",¹⁰⁰ destacou-se o "impulso em direção à barganhar e ganhar dinheiro", pois Sam "(...) decidiu que esse impulso era o que, nele, mais valia a pena valorizar (...)".^{101 102}

O mesmo sentido espiritual e transcendente aparece na seguinte passagem, em que Sherwood vai acompanhando as metamorfoses que se operam no íntimo, na personalidade e no caráter do personagem principal:

Sob a influência de John Telfer, o garoto, que havia largado a escola para dedicar-se a ganhar dinheiro, lia Walt Whitman e passava longo tempo a admirar seu próprio corpo, com suas precisas pernas claras, e a cabeça que estava pousada tão confiantemente sobre o corpo. Às vezes, no meio de certas noites de verão, ele acordava e encontrava-se tão repleto de ansiedade que se punha fora da cama e, abrindo a janela, (...) ansiava vorazmente por algum fino impulso, algum chamado, algum senso de grandeza e de liderança que parecia estar ausente das necessidades da vida que ele levava. Ele olhava para as estrelas e ouvia os ruídos noturnos, tão repleto de esperança que lágrimas rolavam de seus olhos.¹⁰³

Uma vez que o romance *Windy McPherson's son* acompanha a formação e amadurecimento de Sam, sendo, pois, literatura e não um tratado sobre o trabalho ou sobre a economia desse período, os indícios que permitem tomá-lo como fonte histórica encontram-se trançados com as tramas próprias da ficção e da escritura estética. O que percebemos tão logo conseguimos compreender a lógica própria do exuberante cipoal da linguagem literária é que há um sentido transcendente, bem ao gosto de um Whitman ou de um Emerson, que parece esconder-se por detrás de cada nova afirmação de Sherwood sobre trabalhar e ganhar dinheiro. A ânsia por grandeza, que ora tira o sono de Sam e ora embala seus sonhos, é a maneira como o escritor buscou traduzir os sentidos de que o trabalho se revestia naquela sociedade.

A busca quase obsessiva de McGregor com vistas a superar o que enxergava como uma mediocridade dos habitantes de Coal Creek, superação essa que passa por uma dedicação eficiente ao trabalho e pelo cultivo de suas propriedades moralizantes, tem um sentido transcendente similar ao de Sam McPherson. Embora os mineiros de

¹⁰⁰ Idem, ibidem, p. 40.

¹⁰¹ Idem, p. 40.

¹⁰² Coincidência ou não, essa passagem se assemelha bastante a uma das frases mais conhecidas de *A riqueza das nações*, de Adam Smith: "o homem tem uma propensão natural à barganha"

¹⁰³ ANDERSON, Sherwood. *Windy McPherson's son*. op. cit. pp. 37-38.

Coal Creek se dedicassem ao trabalho, Sherwood tem dificuldades em enxergar neles sujeitos virtuosos, provavelmente porque, ao relacionar intensamente o trabalho com as compleições individuais, visse sua falta de devoção subjetiva ao trabalho como um defeito moral. Como dissemos antes, é só timidamente que Sherwood compreendeu que os limites das suas concepções encontram-se numa mudança profunda na realidade concreta do trabalho. Até esse ponto de viragem a falta de sentido moral será atribuída ao indivíduo que trabalha e não ao trabalho em si. Cabe ressaltar que esse é um dos pontos em que a literatura de Sherwood mais expressiva se torna em relação à análise historiográfica, pois evidencia uma contradição que é parte da realidade histórica dos Estados Unidos desse período.

O potencial que o trabalho parece ter em relação ao talhe moral, espiritual e mesmo corporal do indivíduo é realmente curioso e instigante, pois nos conduz a perguntarmo-nos sobre a realidade histórica concreta que permitiu sua gestação e seu desenvolvimento. Logo, sob que condições pode haver uma associação tão estreita entre trabalhar e ganhar dinheiro, e em quais circunstâncias pode haver uma relação tão íntima entre trabalho, engrandecimento moral e transcendência? Que tipo de realidade histórica, e especialmente, que tipo de condições econômicas e materiais deram conta de fertilizar o solo histórico para o crescimento de tradições e costumes tão curiosos?

I.2 O substrato material da realização literária: a economia do Meio-Oeste no século XIX

Para interpretar a literatura de Sherwood Anderson poder-se-ia atribuir suas posturas à tradição do Transcendentalismo estadunidense, tratando-as como sua tributária, e não me parece que haveria grande dificuldade de encontrar inúmeros paralelos e entrelaçamentos entre as duas coisas. Contudo, mesmo essa associação não se agrega nos altos céus da ideologia e da filosofia sem ter bases materiais minimamente estáveis. Algo vinculado à experiência concreta da sociedade estadunidense no século XIX, em termos de estrutura econômica e ação subjetiva, contribuiu para que se sedimentassem na mente de Sherwood Anderson visões sobre o trabalho tais como as que se apresentam em sua literatura, e parece-nos que é a elas que precisamos nos dirigir para compreender soluções literárias e problemas históricos.

A estrutura e a dinâmica econômicas que se estabeleceram nos Estados Unidos ao longo dos séculos XVIII e XIX criaram as condições para que se sedimentassem determinadas concepções acerca do trabalho, as quais exerceram influência profunda no

imaginário daquela sociedade. Parece ter-se criado uma verdadeira tradição cultural do labor nesse sentido, que encontrou condições e circunstâncias bastante acolhedoras para que pudesse florescer e se tornar verdadeira ética existencial, inclusive com nuances filosóficos e religiosos, como na expressão coeva "Evangelho do trabalho" (Gospel of work).

O processo de assentamento das bases desse tradição laboral se entrelaça com a história do início de um movimento mais robusto em direção ao Oeste.

O território a oeste de onde encontravam-se as Treze Colônias inglesas, talvez especialmente aquele que se convencionou chamar, mais tarde, de Meio-Oeste (Midwest), constituiu-se desde fins do século XVIII no destino dos primeiros esforços de colonização. As regiões da porção nordeste do território estadunidense (com exceção da faixa litorânea) foram tendo suas populações nativas expulsas e suas terras ocupadas por migrantes desde o período de colonização inglesa, mas foi somente depois da Independência que de fato houve um incentivo mais efetivo às migrações.

Pensando especificamente em termos de terras para cultivo, é forçoso notar que mesmo havendo diversos exploradores, mercadores de peles e mesmo lavradores que cruzaram os Apalaches e atingiram as margens do Mississippi antes já no século XVIII, a criação e primeira estruturação de uma política fundiária e agrária nacional (o chamado National Land System) data de 1785, com o estabelecimento do Land Ordinance Act. A indicação cronológica é aqui importante, pois se por um lado nota-se que a expansão para o Oeste antecede a criação de uma sistema agrário nacional (a compra da Louisiana e a incorporação das Califórnia ainda não tinham ocorrido), por outro se percebe que a questão fundiária entrou em pauta logo nos primeiros anos do governo independente (o reconhecimento internacional da Independência se deu em 1783).

Por conta dessa situação é que o historiador Payson Jackson Treat afirma, acerca daquele primeiro movimento para o Oeste, que as evidências "(...) indicam que antes de 1820 as regulamentações para compra de terras públicas afetavam somente uma pequena porção, não mais que um quarto, dos sujeitos engajados na expansão para o Oeste."¹⁰⁴

Ou seja, grande parte daqueles migrantes e colonos que ocuparam as terras para além da faixa litorânea que constituía as Treze Colônias o fez na condição de posseiro

¹⁰⁴ TREAT, Payson Jackson. **The National land system (1785-1820)**. New York: E.B. Treat & Company, 1910. p. 373.

não-oficial. Com relação ao estado de Ohio, Payson Treat que somente com a abertura da oferta de terras de 1800-1801 foi que passou a haver de fato um efeito de regulamentação mais robusto e efetivo,¹⁰⁵ e foi nessa data, também, que se começou a abrir as estradas que permitiam o acesso a carroças, segundo Thomas Clark.¹⁰⁶ Logo, foi primeiro na condição de rústicos posseiros, e somente mais tarde na condição de colonos "oficiais" (ganhando o dignificativo de *settlers*), que os americanos enfrentaram os nativos indígenas para estabelecer a prevalência de sua propriedade.

Os debates políticos da época, em que se digladiavam as propostas federalistas, democráticas e republicanas, assim como os embates em torno da formulação da Constituição do país, remetiam-se constantemente aos problemas envolvendo a organização fundiária, buscando definir qual havia de ser o eixo norteador da política econômica do governo recém-independente. Somente com a projeção de Thomas Jefferson na década de 1790 foi que esses encaminhamentos institucionais ganharam um grau de unificação maior, acabando por coroar a autonomia econômica fundada na pequena propriedade como a grande plataforma governamental, ajudando assim a moldar de maneira determinante o sentimento nacional estadunidense.

Um dos traços mais marcantes da chamada "Democracia Jeffersoniana" era justamente modificar o sentido e a função das concessões fundiárias e da política de terras na República, já que nas décadas que se seguem a de 1800 a antiga predominância da noção de "terra como fonte de receita" foi dando lugar à crescente noção de "terra como instrumento de democratização liberal" (frequentemente contra os nativos indígenas, é preciso lembrar). Como bem resumiu o historiador Paul Gates, "Thomas Jefferson acreditava que a democracia política só podia ser mantida nos Estados Unidos se pudesse repousar nas fundações firmes de uma democracia econômica."¹⁰⁷

Como disse o historiador Max Berloff, foi pelo seu papel central nas negociações com Napoleão Bonaparte e na compra dos territórios da Louisiana que Jefferson "(...) assegurou aos americanos o acesso a todo o interior do continente", expressando desse ponto de vista "(...) os desejos do que se estavam tornando a corrente dominante nos Estados Unidos."¹⁰⁸ A importância histórica de Jefferson repousou em

¹⁰⁵ Idem, ibidem, pp. 378-379.

¹⁰⁶ CLARK, Thomas D. *East of the Mississippi: The agricultural frontier*. In: TORR, James D. (ed.). **The American Frontier**. San Diego: Greenhaven Press, 2002. p. 45.

¹⁰⁷ GATES, Paul Wallace. Land policy and tenancy in the Prairie States. *The Journal of Economic History*, n. 1, 1941, p. 60.

¹⁰⁸ BERLOFF, Max. **Jefferson e a Democracia Americana**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1964. p. 161.

grande parte na sua atuação em relação à questão fundiária, e não é uma coincidência fortuita o fato de que sua eleição encontra-se no limiar da passagem do século XVIII para o XIX: concreta e simbolicamente ele inaugurou aquele novo momento histórico que se iniciava em 1801.

Nesse ínterim, a expansão para o Oeste tornou-se pouco a pouco um fator preponderante na dinâmica nacional, e pouco a pouco, também, as tensões internas começavam a opor os interesses dos estados do Leste aos recém-criados estados do Meio-Oeste no início do século XIX (Kentucky em 1792, Tennessee em 1796, Ohio em 1803, Louisiana em 1812, Indiana em 1816, Mississippi em 1817, Illinois em 1818 e Alabama em 1819). Esses estados surgiram alterando a dinâmica da nação nascente pois constituíam tanto uma "ameaça de drenagem populacional e consequente aumento dos salários nos estados industriais do Leste",¹⁰⁹ quanto também ofereciam mudar a proporção de importância destes nos quadros político-institucionais da confederação republicana (de um modo similar ao que os estados sulistas fizeram ao serem reincorporados depois de 1865).

Os interesses comerciais e manufatureiros dos estados ao Leste muitas vezes destoavam, em termos de política econômica, dos interesses do Meio-Oeste nascente, sobretudo em relação ao protecionismo tarifário, à legislação comercial e à interferência governamental no controle monetário. Para os estados atlânticos, contudo, restava manter-se na oposição política e na manutenção econômica, pois não somente os princípios jeffersonianos constituíam a política econômica de então, como também a proporção de importância, de população mesmo, daquela fronteira ocidental crescia vertiginosamente, atraindo para ali as atenções nacionais.

Analisando a história da economia estadunidense pós-Independência, o economista Ross M. Robertson corrobora a noção sublinhada por Payson Treat de que houve uma gradativa modificação no trato institucional e político da questão da terra, a qual se verifica na transição do século XVIII ao XIX. Se os primeiros esforços de regulamentar a venda de terras públicas, como o Land Ordinance Act de 1785 e os Land Acts de 1796, insistiam no mínimo de 640 acres por propriedade, a 1 ou 2 dólares por acre e pagamento à vista, as modificações que foram sendo aplicadas a essas leis pioneiras ao longo das primeiras décadas do século XIX (em 1800, 1804, 1820 e 1832) diminuíram a extensão mínima das propriedades (320, 160, 80 e 40 acres,

¹⁰⁹ Idem, p. 380.

respectivamente). Essas também acabaram por fixar o valor do acre em 1,25 dólar, assim criando condições de pagamento para seus compradores, ou ao menos de legalização para as ocupações dos posseiros.¹¹⁰

Considerando somente o preço monetário da terra, e não sua extensão nem os recursos para explorá-la ou pagá-la, comprar uma propriedade passara de um investimento de 640 dólares para um de 50 dólares entre 1785 e 1832. A base mínima de extensão das propriedades passaram de 640 para 40 acres, algo que não pode ser tomado como sinônimo automático de economia de pequenas propriedades que encontramos no Ohio onde viveram os Anderson, mas que aponta para condições, ao menos institucionais, para o desenvolvimento de uma estrutura econômica menos concentrada e mais dispersiva.

As estatísticas compiladas pelo historiador Howard Zinn ajudam a dimensionar essa ocupação para além do limite das antigas Treze Colônias, demonstrando a importância nacional crescente que a fronteira ocidental ganhava:

Em 1790 haviam 3,9 milhões de americanos, e todos eles moravam dentro de uma faixa de 50 milhas do oceano Atlântico. Por volta de 1830, havia 13 milhões de americanos, sendo que em 1840 4,5 milhões deles haviam cruzado os Apalaches e se estabelecido no vale do Mississippi - essa vasta extensão de terra cruzada por rios que corriam de leste a oeste.¹¹¹

O salto populacional vertiginoso que se observa entre os Censos de 1800 e 1820 ajuda a dimensionar a projeção de importância, tanto econômica quanto política e social, da região do Meio-Oeste americano. Se nos enfocarmos no estado onde a família Anderson assentou suas raízes, Ohio, vemos que sua população salta de 45,365 para 581,434 nesses vinte anos! Para que se tenha um comparativo da enormidade de crescimento dessa cifra, pode-se olhar para Nova York e Pennsylvania, os dois mais populosos estados à época, 1,368,775 e 1,049,313 habitantes, respectivamente, e se verá que com muito menor tempo de ocupação sistemática (por volta de um século a menos, no mínimo), Ohio já tinha praticamente metade da população daqueles dois estados atlânticos muito mais tradicionais.¹¹²

E a importância populacional e crescentemente econômica desses estados para os assuntos nacionais não pode ser desligada dos eventos da Guerra de 1812, pois eles

¹¹⁰ ROBERTSON, Ross M. **História da economia americana - Vol. I**. Tradução de J.L. Mello. Rio de Janeiro: Record, 1967. pp. 131-142.

¹¹¹ ZINN, Howard. **A people's history of the United States**. New York: Longman, 1994. p. 124.

¹¹² Censo de 1800 e Censo de 1820. Disponíveis, respectivamente, em: <<https://www2.census.gov/library/publications/decennial/1800/1800-returns.pdf>> e <<https://www2.census.gov/library/publications/decennial/1820/1820a-02.pdf?#>> Acesso em 1º nov 2018.

explicam tanto a projeção patriótica geral dessa região quanto ajudam a definir a definição de seus quadros sociais e culturais internos.

A despeito do tratado de Paris de 1783, que reconhecia a independência norte-americana, as guerras napoleônicas e a negociação transatlântica da França com os Estados Unidos concorreu para acirrar os ânimos britânicos para além daquela data. A escalada que levou até a Guerra de 1812, sintomaticamente chamada de "Segunda Guerra de Independência", opôs tropas britânicas e exércitos federais americanos muito menos na costa Atlântica do que na divisa com o Canadá, na região dos Grandes Lagos: precisamente na fronteira do nascente Meio-Oeste. Entrando pela rota fluvial a partir do golfo de St. Lawrence, a frota britânica adentrou pelo Lago Ontario e foi tomando conta da fronteira lacustre entre Estados Unidos e Canadá. No território da Pennsylvania, de Nova York, de Ohio e onde mais tarde seria fundado o estado de Michigan, diversas batalhas ocorreram, sobretudo marítimas.

Tiveram participação importante no desenrolar do conflito não somente as tropas e a marinha federais, mas as milícias locais, formadas no seio mesmo das recém-fundadas cidades de Ohio, nas quais quase todos os homens adultos tinham armas, segundo Zinn.¹¹³ Ainda que grande parte do conflito tenha ocorrido nas águas do Grandes Lagos, aqueles colonos, alguns deles veteranos da Guerra de Independência, estavam dispostos a proteger suas terras de franceses e ingleses do mesmo modo como haviam estado em relação aos índios que as rondavam.¹¹⁴ A cidade de Clyde, por exemplo, onde Sherwood morou durante a infância e que usou para compor a antologia de historietas de 1919, foi fundada por um soldado que durante o conflito de 1812 marcou aquele lugar para depois torná-lo sua propriedade.

A integração do Meio-Oeste ao território dos Estados Unidos, portanto, teve diversos pontos e fases de costura. Passou pelos avanços de exploradores e mercadores de pele em tempos ainda coloniais, foi reclamado pela guerra de independência entre as décadas de 1770-1780, foi alargado pela compra da Louisiana em 1803, tornado peça-chave da "democracia econômica" de Thomas Jefferson a partir de 1800, e, finalmente, urdido com os fios patrióticos na bandeira nacional com a Guerra de 1812. Os ingredientes para que entendamos o senso de orgulho que bafeja sobre a literatura de

¹¹³ ZINN, Howard. **A people's history of the United States**. op. cit. p. 76.

¹¹⁴ BENN, Carl. **The war of 1812**. New York: Routledge, 2003. pp. 20-26; HOWES, Kelly King; CARNEGIE, Julie L. (eds.). **War of 1812**. Detroit: U.X.L. and Gale Group, 2002. pp. 18-20; e sobretudo WILENTZ, Sean. **The rise of American Democracy - From Jefferson to Lincoln**. New York: Norton, 2005. pp. 141-178. (Capítulo 5 - Nationalism and the War of 1812)

Sherwood Anderson, atrelados àqueles simplórios lavradores e artesãos provincianos personagens seus, são em larga medida os episódios desse processo de constituição histórica do território.

A coincidência cronológica da evolução da questão fundiária com a famosa "Democracia Jeffersoniana" não é gratuita mas histórica: a postura jeffersoniana de oposição à aristocracia novo-inglesa é sintomática de sua plataforma política, cuja base popular fora grandemente formada de pequenos agricultores. Esses eram encarnações da "virtude cívica" para Thomas Jefferson, em oposição aos vícios mercantis e aristocráticos da Nova Inglaterra.

Os grupos mercantis e crescentemente manufatureiros dos estados atlânticos, representados politicamente pelos Federalistas ao redor de Hamilton, "(...) haviam traçado um círculo de eleição muito estreito, favorecendo cavalheiros urbanos do Leste com negócios e conexões familiares, e excluindo lavradores e homens do Oeste, cidadãos de origens humildes mas de mérito".¹¹⁵ Por conta disto, foi opondo-se a estado de coisas e dirigindo-se aos "pequenos capitalistas", os "lavradores e homens do Oeste, cidadãos de origens humildes", que Jefferson fez seu pronunciamento de Gabinete em 15 de julho de 1790, no qual dizia que "Todo homem e todo grupo de homens na terra possuem o direito de autogoverno. Recebem-no, juntamente com o ser, da mão da natureza."¹¹⁶ Foi firmemente embasado nessa política que ele assumiu a presidência uma década mais tarde.

Entrelaçada na retórica jusnaturalista do presidente, rescendente a Locke, estava o projeto de expansão territorial no qual aqueles pequenos lavradores, atuando como pressão populacional e como estabilização de fronteiras, tinham papel fundamental. A ligação entre "autogoverno" e independência econômica, de um lado, e expansão econômica mediante expansão territorial, de outro, é capital. Pressente-se no projeto jeffersoniano a articulação de ambas as dimensões, faces de uma mesma moeda: a "abertura do continente" protagonizada pelo presidente mediante a compra da Louisiana é uma delas, a política fundiária e agrária que cria os pequenos lavradores como base da "democracia econômica", a outra.

¹¹⁵ WILENTZ, Sean. **The rise of American Democracy - From Jefferson to Lincoln**. op. cit. p. 102.

¹¹⁶ JEFFERSON, Thomas. *O direito de Autogoverno - Opinião do Gabinete, 15 de julho de 1790*. In: _____. **Escritos políticos**. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Ibrasa, 1964. p. 79.

A síntese operada por Jefferson foi o pontapé inicial do que Sean Wilentz chamou de "ascensão da democracia americana",¹¹⁷ pois conseguiu fundir o ideal democrático da Independência com a "democracia econômica" (entendida no sentido de "autogoverno" e protagonizada pelos pequenos lavradores), e esta, ainda, com o projeto de expansão territorial como condição do crescimento econômico. A solda que se formava ali é aquela que dominou todo o século XIX nos Estados Unidos: a expansão econômica nacional baseada na consolidação do individualismo econômico, com a consequente consonância entre prosperidade individual e progresso geral; tônica seminal do "metabolismo" do capitalismo estadunidense dos Oitocentos, da Doutrina Monroe, da ideologia do Destino Manifesto, e, finalmente, base fundamental do otimismo com que todo o século XIX, pelo menos até a Guerra Civil, foi vivido.

Logo, celebrar os pequeninos *settlers* era pavimentar o caminho para o grandioso destino que a retórica liberal dos Pais Fundadores fez crer no horizonte histórico dos Estados Unidos. Celebrar o grande pela celebração do pequeno, esse foi o segredo quase mágico da política jeffersoniana, pilar fundamental do nacionalismo estadunidense.

Quando ouve-se ecoando na retórica orgulhosa de Henry Adams a celebração daquele "um milhão de americanos fisicamente capazes (*able-bodied males*), sobre cujos ombros recaía o fardo de um continente" em 1800,¹¹⁸ não se fala disto? Por acaso a célebre pintura *American Progress*, de John Gast, não trazia marchando sob os auspícios da mítica Colúmbia lavradores de suspensórios, diligências de colonos, peões de gado, homens barbados montados à cavalo, exploradores munidos de carabinas e mineiros fumando *cornpipes*? Ao mesmo tempo, não era a marcha daqueles pequenos, simplórios mas orgulhosos indivíduos lá em baixo o que justificava aquela encarnação mística do Progresso a adejar lá no alto?

Os sucessores de Jefferson confirmaram isto cada qual a seu modo. James Madison anexou o Oeste da Flórida entre 1810-1813 (além de ter de garantir a soberania na guerra contra a Inglaterra em 1812); e James Monroe conseguiu arrancar a cessão do grosso do território da Flórida ao Reino da Nova Espanha em 1819. Foi este, aliás, que estabeleceu a partir da famosa mensagem ao Congresso em dezembro de 1823 a chamada "Doutrina Monroe", mantida como norte do governo de Quincy Adams e

¹¹⁷ WILENTZ, Sean. **The rise of American Democracy - From Jefferson to Lincoln**. op. cit.

¹¹⁸ ADAMS, Henry. **The United States in 1800**. 6ª ed. New York: Great Seal Books, 1963. p. 1.

Andrew Jackson, e elevada a uma novo patamar com o expansionismo crescentemente imperial de James Polk nos anos 1840 (como veremos no capítulo III).

A região onde se encontra o estado de Ohio e as cidades interioranas onde Sherwood passou sua infância localizavam-se no raio em que aquelas leis fundiárias jeffersonianas foram primariamente aplicadas, nos quadros geográficos em que aquela primeira expansão para o Oeste se deu e, não menos importante, onde aqueles pequenos-grandes lavradores jeffersonianos haviam se enraizado. Camden, Caledonia e Clyde foram fundadas nos anos 1810, e têm no significado de seus nomes genealogias vinculadas a fatos do momento histórico de que aqui falamos: Camden era originalmente Dover em virtude dos colonos novo-ingleses; Caledonia tem seu nome devido aos imigrantes escoceses e irlandeses que vieram no rastro do Land Act de 1804; e Clyde, foi batizada primeiro em homenagem a um militar da Guerra de 1812 (tendo depois ganhado seu nome definitivo por conta da intersecção de três ferrovias, a qual se dera o nome de Clyde).¹¹⁹

As primeiras linhas e meridianos traçados para mapear geograficamente as municipalidades (townships) a partir do início do século XIX, as quais serviram de base para a organização territorial e fundiária dos Estados Unidos, passavam muito próximas da porção setentrional do estado, onde estão aquelas cidades acima citadas. Era ali, portanto, que havia se sedimentado aquela primeira geração de "Americanos", aqueles que foram pouco a pouco se afastando do universo econômico e cultural da faixa litorânea, na qual imperava (e imperaria ainda por considerável tempo) as feições mais tipicamente novo-inglesas.

A questão da autonomia econômica sobre bases modestas, divisa jeffersoniana, não restringia-se às propriedades agrícolas, pois quando se esquadrinhou o território para proceder à venda das terras a oeste da Nova Inglaterra se previu a constituição de municipalidades regularmente, respondendo a limites e indicações previstas em seu tracejado. Assim, muitas vezes junto às trilhas de outrora ou nos pontos de parada das estradas que foram construídas no início do XIX (a grande estrada de Cumberland ou Estrada Nacional, foi inaugurada em 1811) foram surgindo e se desenvolvendo cidades. Essas envolviam tanto uma estrutura institucional simples quanto um amontoado de estabelecimentos comerciais, de manufatura, de pousada e serviços afins, ligados às

¹¹⁹ OVERMAN, William D. **Ohio town names**. Akron: Atlantic Press, 1958. p. 22, p. 21 e p. 31, respectivamente.

atividades agrícolas predominantes em seu derredor, e às demandas criadas pelas estradas e pelas rotas hidrográficas.

É importante notar, como demonstrou Wright Mills ao falar do que ele chamava de "antigas classes médias", que aos lavradores jeffersonianos no campo equivaliam os pequenos estabelecimentos comerciais, os artesãos autônomos e as pequenas oficinas nos domínios urbanos. Dizer isso significa afirmar que o processo histórico posto em movimento no início do XIX por Jefferson não dizia respeito somente aos cultivadores e à agricultura, mas de todos os pequenos agentes econômicos. A ênfase de seus discursos em relação aos lavradores se deve ao fato de que as terras que se pretendia colonizar eram sobretudo constituídas por um grande ermo, e como tal o esforço primário seria o de arroteamento com vistas ao cultivo.

Dada o massivo incremento populacional do início do século XIX, adido à política fundiária e econômica jeffersoniana, as cidadezinhas interioranas se espalharam ao longo de todo o Meio-Oeste, ao ponto de que Mary P. Ryan tenha dito que "Muito da fluida vida econômica e social dos Oitocentos estava vinculada ao movimento dentro, entre e ao redor de cidadezinhas como estas".¹²⁰ Elas ocupavam um lugar fundamental na dinâmica própria da história estadunidense desse período, formando juntamente com as pequenas propriedades agrícolas verdadeira colcha de retalhos sobre toda aquela extensa região. Tamanha foi sua presença, que mesmo com o desenvolvimento de grandes centros urbanos e industriais nas décadas de 1830-1840, como Cincinnati e Chicago (no caso de Ohio), passaram-se décadas antes que esses pequenos bastiões provincianos perdessem seu vigor e se tornassem mais folclore do que uma força civilizacional.

Tendo estudado em profundidade a história do Condado de Oneida em Nova York por volta de meados do século XIX, Ryan chegou à conclusão de que

A cidadezinha (...) estava inextricavelmente conectada com toda uma rede regional de pequenos e grandes lugares, de fazendas, vilas e grandes centros de distribuição nacional e internacional. Logo, o contexto apropriado para a história da comunidade oitocentista americana não é a de uma única unidade política, mas de um complexo de regiões econômicas.¹²¹

Essas cidades estavam, conforme notou Howe, "(...) a meio caminho na escala de organização social, entre o leste comercial e o oeste agrário",¹²² congregando em sua

¹²⁰ RYAN, Mary P. **Cradle of the middle class - The family in Oneida County, New York (1790-1865)**. op. cit. p. 5.

¹²¹ Idem, *ibidem*.

¹²² HOWE, Irving. **Sherwood Anderson - A biographical and critical study**. op. cit. p. 3.

própria fisionomia, em seu próprio "metabolismo" econômico e cultural a presença e a atuação de sujeitos produtivos dos mais diversos, desde aqueles mais associadas ao cultivo agrícola até aos numerosos ofícios artesanais (por vezes chamados de *trades*, por vezes de *skilled crafts*). Logo, na fauna humana dessas cidadezinhas havia carpinteiros, ferreiros, sapateiros, fabricantes de rodas, tecelões, construtores de barcos, calafeteiros, aplicadores de papel de parede, esmaltadores, aprendizes de oficinas mecânicas, relojoeiros, alfaiates, fabricantes de móveis (dentre eles os famosos *cabinetmakers*) etc. convivendo lado a lado com o homem simplório, o lavrador e o pequeno proprietário cujo talhe era reivindicado pela democracia jeffersoniana como pilar da política governamental.

O historiador Sean Wilentz, embora se referisse primariamente a New York, chamou a atenção para a organização do mundo do trabalho à época, dizendo haver um "sistema de artesanato com mestres, jornaleiros e aprendizes - todos vestidos com roupas de trabalho, cada qual em sua faina, alargando sua cidade e seus bens, esculpindo a civilização naquele semi-ermo, impondo seu *design* racional aos frutos da natureza."¹²³ Notemos, em especial, o contraste existente entre a sofisticação do sistema artesanal, costumeira evidência do desenvolvimento urbano no período pré-Guerra Civil, e a domesticação do semi-ermo (*semiwilderness*), realidade concreta e onipresente na maior parte do território estadunidense para além das 50 milhas litorâneas. Não à toa que tenha sido em Ohio que tenha se desenvolvido, por um lado, uma metrópole tão caracteristicamente americana nas suas feições como Chicago, enquanto, por outro, existissem ainda circunspectos castelos fugidos da Nova Inglaterra no seu *countryside*.¹²⁴ E como não pensar em algo similar a isto quando se observa a mobília e a arquitetura da "América Vitoriana":¹²⁵ delicados exemplares de marchetaria Chippendale e exuberante tapeçaria expostos em palacetes à italiana, mas fincados estes no mundo ainda rústico do Meio-Oeste, ao lado das cabanas de tronco onde labutavam os homens simples mas auto-confiantes do discurso de Jefferson?

¹²³ WILENTZ, Sean. **Chants democratic - New York city and the rise of the American working-class (1788-1850)**. New York: Oxford University Press, 2004. p. 4.

¹²⁴ BURCHARD, John; BUSH-BROWN, Albert. **A arquitetura dos Estados Unidos - Uma história social e cultural**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1969. pp. 89-169.

¹²⁵ BISHOP, Robert; COBLENTZ, Patricia. **The world of antiques, art and architecture in Victorian America**. New York: E.P. Dutton, 1979. Os catálogos *American Furniture* que Morrison Hecksher organizou para o Metropolitan Museum of Art atestam o mesmo; assim como o elegante livrinho que Edith Wharton escreveu com Ogden Codman, *The decoration of houses* (New York: Charles Scribner and sons, 1897).

Essa situação expressa bem aquela mudança histórica que Morrison e Commager chamaram de "a idade ingrata da América do Norte", a transição dos quadros propriamente novo-ingleses, ainda presos num tradicionalismo velho-mundista que só a muito custo a Independência pôde por em xeque, para a gestação de uma tradição nacional nova, de culturas, costumes e sobretudo, história, próprias:

O menino encantador que havia saído da casa paterna, o maravilhoso rapaz que havia proclamado grandes verdades (ou quiçá ilusões) a um mundo cândido, era agora um adolescente de ar aparvalhado. Tinha fabricado para o seu uso um excelente par de esquis a que dera o nome de republicanismo e democracia; mas como os esquiadores vanguardeiros, estava em pleno período de aprendizagem. (...) O republicanismo e a democracia fizeram a sua obra, e os recursos do país novo, explorados pelos seus habitantes sujeitos a leis que eles próprios faziam e a que eles próprios desobedeciam, tinham dado ao homem comum um grau de conforto e segurança que ele não conhecera desde os tempos da boa rainha Isabel. Não era, pois, de estranhar que os americanos estavam cheios de ímpeto e de jactância (...). Até mesmo o tipo fanfarrão da fronteira tinha lá suas qualidades, ainda que fosse somente, como observou o avô de Emerson no enterro do réprobo da aldeia, a de ser 'útil nos incêndios'.¹²⁶

Desconte-se um certo exagero das liberdades literárias e imaginativas da parte de Commager e Morrison, e teremos um retrato bastante apurado da sociedade estadunidense a partir da influência jeffersoniana, e um que lança luz não somente sobre os quadros gerais da política e das relações sociais, mas do que talvez pudéssemos chamar de "caráter" desse contingente humano que fora domesticar o ermo e expulsar os nativos indígenas. Cremos que o retrato pitoresco que os historiadores pintaram serve muito bem para definir o estado de espírito em que Sherwood Anderson se encontrava durante sua infância, e que herdara das tradições do "Evangelho do trabalho" oitocentista: "cheio de ímpeto e jactância". Os reclames voluntaristas que os protagonistas de seus romances de 1916 e 1917 sentem subir-lhe ao peito, decalques autobiográficos em larga medida, como vimos, eram fruto também do modo de vida que nasceu e se desenvolveu sobre a dispersão institucional e a independência econômica do processo particular de colonização do Meio-Oeste.

Tendeu a prevalecer ali, nos amplos domínios do Meio-Oeste e ao longo da lógica própria de domesticação da natureza e expulsão dos povos nativos, a autonomia econômica, manifestação pragmática daquele abstrato princípio do "autogoverno" jeffersoniano. Essa autonomia encontrava-se frequentemente ancorada na pequena propriedade, unidade básica que parece ter sido, a julgar pela extensa presença que tem na literatura produzida nesse período e sobre esse período, uma das principais bases

¹²⁶ MORRISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo I**. Tradução de Agenor Soares de Moura. São Paulo: Melhoramentos, s.d. p. 464.

materiais sobre as quais a experiência daquela sociedade se assentou. É nela que se amparou a experiência que foi reivindicada por tantos escritores como tendo algo de "genuinamente Americano".

A modificação histórica que se operou ao longo do século XIX foi a de que os sujeitos fixados nas áreas mais a Oeste da Nova Inglaterra, instalados nas pequenas propriedades agrícolas, nos ofícios artesanais de uma urbanidade rudimentar, cercada pela vida comunitária e pelo "culto à domesticidade", desenvolveram seu modo de vida pelo distanciamento, e um certo contraste orgulhoso, em relação aos costumes novo-ingleses. O resultado disto foi que acabou por se fundirem arranjos socioeconômicos embasados nas pequenas unidades, e neles costumes culturais fundados na vida agrícola e na oposição ao "aristocratismo" novo-inglês.

No seio dessa realidade histórica gestou-se uma determinada concepção de nacionalidade, a qual, congregando todas essas características, grosso modo alimentava as ideias de que aquele tipo de homem era "O Americano". Foi esse o modo de vida do qual se nutriu aquilo que Alan Kulikoff chamou "romântico mito sobre o passado americano, livre das hierarquias e lutas de classes e dos conflitos de gênero";¹²⁷ e que concorreu para formar, em grande medida, o que o crítico literário Leo Marx chamou de "ideal pastoral" no seu *The machine in the garden*.¹²⁸

Essa orgulhosa associação pareceu constituir, ainda, um substrato nacionalista, que ganhou força na oposição às formações sociais da Nova Inglaterra, e que foi apropriado política e socialmente através da consolidação da figura d'O Americano". Em grande parte por conta disto é que se explica porque Sherwood reivindicou o escopo da *America*, isto é, da nação estadunidense como uma ampla unidade em boa parte dos seus livros, pois ao identificar sua vida particular com os destinos sociais amplos, ele reclamava poder contar a história dos Estados Unidos por meio da sua própria. É o caso do termo (e conceito, a seu modo) *America* no título da coletânea de cânticos de 1917 (*Mid-American chants*), do subtítulo da reunião de contos de 1921 (*The triumph of the egg: A book of impressions from American life...*), do subtítulo da semi-autobiografia de 1924 (*A storyteller's story - The tale of an American writer's journey...*), e também do livro de ensaios de 1935 (*Puzzled America*).

¹²⁷ KULIKOFF, Alan. *The agrarian origins of American capitalism*. op. cit. p. 34.

¹²⁸ MARX, Leo. *The machine in the garden - Technology and the Pastoral ideal in America*. New York: Oxford University Press, 2000.

Mesmo quando se fala especificamente de literatura pode-se perceber que é muito frequente a aproximação interpretativa entre o movimento para o Oeste, distanciando-se historicamente da Nova Inglaterra, e a construção de quadros humanos onde desenvolveu-se uma literatura que aos poucos deixou de ser apêndice da literatura inglesa. A crítica literária costuma apontar para a metade do século XIX como o momento em que se desenvolvem características que permitem afirmar que existe uma "literatura nacional" ou uma "literatura norte-americana".¹²⁹

Acerca desse movimento histórico de colonização do Meio-Oeste, Ross Robertson escreveu que do "movimento constante em direção à fronteira surgiu um homem novo, o pioneiro ou arraiano, que perdurou até o desaparecimento da fronteira no fim do século XIX."¹³⁰ E Wright Mills parece corroborá-lo quando escreve que "A história do início das classes médias na América mostra como surgiu o pequeno empresário, o homem livre, como ele lutou contra inimigos bem visíveis e o mundo que construiu."¹³¹ Em ambas as citações se sobressai uma espécie de "novo homem" ou "novo tipo de homem" associado a uma forma consideravelmente diferente de existir, a qual havia se desenvolvido ao longo desse processo de expansão. Como Jefferson havia notado, e seus sucessores presidenciais levado adiante, a ligação entre "autogoverno" e expansão territorial constituía a base da ordem do dia, e o "novo homem" do qual falam os dois trechos supracitados era simultaneamente o protagonista e o produto histórico desse processo, seu sujeito e seu objeto.

A conhecida tese de Frederick Jackson Turner sobre a "fronteira norte-americana" e seu papel seminal na história dos Estados Unidos sintetiza com maestria esse impulso histórico que criou o mundo e as tradições em que foi educado Sherwood. Segundo Turner, "A existência de uma área de terra livre, sua contínua recessão, e o avanço ocidental do assentamento da sociedade norte-americana explicam o desenvolvimento dos Estados Unidos."¹³² Por mais criticadas que tenham sido as teses de Turner, sobretudo por seus estreitos conteúdos ideológicos, ele tocou num ponto que é crucial, sobremaneira crucial, para a sociedade de que Sherwood foi herdeiro: parte fundamental do modo de vida que se constituiu nos ideais do escritor, sobretudo em

¹²⁹ Alguns dos mais celebrados críticos literários e historiadores estadunidenses têm apontado nessa direção: Lionel Trilling, Edmund Wilson, Richard Hofstadter, Irving Howe, Van Wyck Brooks, Norman Foerster, Robert Penn Warren, Cleanth Brooks dentre outros.

¹³⁰ ROBERTSON, Ross M. **História da economia americana - Vol. I.** op. cit. p. 131.

¹³¹ MILLS, C. Wright. **A nova classe média.** op. cit. p. 25.

¹³² TURNER, Frederick Jackson. *The significance of the Frontier in American History* [1893]. _____. **The frontier in American history.** Huntington: R.E. Krieger Publishing Company, 1976. p. 1.

termos de significado do trabalho, decorre do fato de que o Meio-Oeste das últimas décadas do século XIX é herdeiro da fronteira, assim como são os homens que a assentaram e a fizeram avançar. Não é a esse homem que Sherwood Anderson se refere, algo miticamente, no cântico "Hosanna" de 1917, que "Os milhares não de ser a mãe dos homens. Eles estão repletas do leite do qual devem eles ser amamentados. Os homens barbados não de levantar-se. Resistentes e fortes, não de vir do Oeste"? O escritor chega mesmo a reivindicar essa genealogia para si, dizendo que "Em mim corre os sangue dos homens fortes."¹³³

Nos parece que o processo de expansão territorial e de fundação das bases econômicas da "democracia jeffersoniana" está para a realidade social e econômica, como o mito adâmico está para o imaginário estadunidense do século XIX. O crítico R.W.B. Lewis, no seu intrigante estudo de 1952,¹³⁴ demonstrou através do estudo de diversas obras literárias do período que as "ferramentas mentais" predominantes nos Oitocentos estadunidenses estavam marcadas todas pela expectativa de re-fundação, de re-criação e recomeço, cujo modelo mais remoto era o mito adâmico. A passagem de "camponeses britânicos para lavradores americanos" (para usar a expressão de Kulikoff)¹³⁵ foi um processo de fundação: adâmico porque oriundo da partida da pátria anterior, da antiga casa (fosse ela mais ou menos paradisíaca), mas adâmico nos quadros do puritanismo e do que Weber chamou de "ética protestante", de modo que ao trabalho cabia papel-chave nessa fundação. Por isso é que se entende a ligação entre o impulso adâmico e os "ímpeto e jactância" mencionados por Morison e Commager: ele era recomeço banhado em frescor, re-fundação prenhe de possibilidades. E é por isso que se explica, também, a celebração do trabalho como peça-chave da equação: nessa mitologia ele tem as propriedades divinas da criação, da fundação de um cosmos.¹³⁶

Esses caracteres ideológicos e mitológicos, portanto, se fundavam em realidades materiais. No caso do modo de vida do Meio-Oeste dos Oitocentos, dos quais Sherwood fez-se herdeiro, essas realidades eram constituídas pelo capitalismo "liberal" fundado sobre lavradores "*yeomen*" (Kulikoff) e "pequenos capitalistas" (Wright Mills) jeffersonianos, a enfrentar a natureza bravia e assentar uma vida social e urbana urdida

¹³³ ANDERSON, Sherwood. **Mid-American chants**. New York: John Lane Company, 1918. p. 67

¹³⁴ LEWIS, R.W.B. **The American Adam - Innocence, Tragedy and Tradition in the Nineteenth Century**. Chicago: University of Chicago Press, 1955.

¹³⁵ KULIKOFF, Allan. **From British peasants to Colonial American farmers**. Chapel Hill: North Carolina University Press, 2000.

¹³⁶ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano - A essência das religiões**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 46.

pela "domesticidade" dos quadros de uma "rudimentar economia de troca".¹³⁷ É sobre esse pano de fundo que as cores do trabalho se pintam com a exuberância com a qual aparecem na literatura e na constelação moral de Sherwood Anderson.

Pela vasta figura tradicional que se decalcou sobre esse grupo social surgido do primeiro movimento para o Oeste, percebe-se que há uma forte associação entre pequena propriedade, trabalho e autonomia. Essa, segundo Allan Kulikoff, é uma das características centrais da *yeomanry* estadunidense do Meio-Oeste, pois

(...) relaciona-se aos lavradores (farmers) que tinham a propriedade dos meios de produção e participavam de um mercado de bens para poderem sustentar a autonomia familiar. De meados do século XVIII até o fim do XIX, esses homens decidiam quais plantações cultivar, como dividir as tarefas da fazenda entre os membros da família, quando enviar as colheitas para mercados distantes etc. Eles praticavam uma agricultura cuja prioridade era a segurança ('safety-first' agriculture), produzindo a maioria das coisas que comiam e permutando com os vizinhos para suprir as demais necessidades.¹³⁸

A pequena propriedade, no caso dos lavradores e pequenos comerciantes, ou o domínio do *know-how* e da técnica produtiva, no caso do conjunto de artesãos de ofício e trabalhadores autônomos, garantia-lhes a estabilidade e a autonomia que formavam os quadros da vida social e econômica no Meio-Oeste do século XIX. O otimismo que se percebe nos discursos de Jefferson, na obra de Adams ou (várias décadas mais à frente) na literatura de Sherwood, pertencem à mesma linhagem histórica, ancorada que estava sobre essa base material - embora a linha descrita entre aquele, no início do século, e este, no fim dele, seja decrescente.

A preservação desse arranjo dependia do instável equilíbrio entre "disponibilidade de terras baratas",¹³⁹ de um lado, e a manutenção de certa igualdade econômica que não permitisse concentração acelerada, de outro: um difícil arranjo numa economia crescentemente capitalista, diga-se de passagem. Apesar disto, houve estabilidade por algumas décadas, pelo menos até a Guerra Civil, pois como notou o historiador James Bryce, embaixador inglês nos Estados Unidos, escreveu que "no período entre 1830 e 1840 haviam nos Estados Unidos poucas grandes fortunas e praticamente nenhuma pobreza".¹⁴⁰ Esse estado de coisas, por instável que fosse, permitiu que não houvesse concentração fundiária acentuada até pelo menos a segunda

¹³⁷ RYAN, Mary P. **Cradle of the middle class - The family in Oneida County, New York (1790-1865)**. op. cit. p. 7.

¹³⁸ KULIKOFF, Allan. **The agrarian origins of American capitalism**. op. cit. p. 34.

¹³⁹ Idem, ibidem, p. 43.

¹⁴⁰ BRYCE, James apud KAUTSKY, Karl. *The American worker. Historical Materialism*, v. 11, Leiden, NV, 2003. p. 28.

metade do século XIX, o que, por sua vez, fez permanecer firme a base mais orgânica de sustentação dos pequenos agentes econômicos, sedimentando a cultura que sobreviveria mesmo à sua destruição em fins do século.

A conjunção histórica estabelecida, portanto, entre a ideia de "Americano", as circunstâncias de sustentação material e a compleição espiritual dos sujeitos que compunham esses novos grupos sociais foi crucial para que se pudesse desenvolver um sentido de trabalho muito peculiar àquela formação humana. Esse sentido, dentro das condições e circunstâncias nas quais veio a existir e se desenvolver, era um dos aspectos que definiam com maior intensidade o modo de vida daquelas formações sociais. Os modos de trabalhar e de viver estavam fortemente entrelaçados, e davam fôlego para que identidades e princípios morais fossem talhados, tanto material quanto subjetivamente, econômica e culturalmente.

O mundo da infância de Sherwood encontrava-se muito mais delimitado pela "economia de pequenos capitalistas" estadunidense, do que estaria posteriormente. Como escreveu Bottomore, acerca dessa realidade histórica: "A igualdade econômica e, especialmente, a igualdade social ainda não tinham sido subvertidas. (...) havia uma tendência ao nivelamento das condições de vida."¹⁴¹ Morrison e Commager reforçam seu argumento dizendo que "As relações de homem para homem eram fáceis e agradáveis, porque não havia nem pretensões de superioridade social de um lado, nem atitude de inferioridade do outro."¹⁴²

As "antigas classes médias", mesmo nas cidadezinhas como Clyde, Camden e Caledonia, onde Sherwood passou sua infância já em avançado do século XIX, mantinham-se como uma classe social minimamente estável, de prestígio social e respeitabilidade junto ao conjunto da comunidade, ainda que gradativamente estivessem perdendo as bases materiais de sua cultura e de seus modos de viver. Todo esse universo humano estava albergado naquela estrutura econômica dos Oitocentos, na qual um certo equilíbrio sistêmico floresceu a partir do caráter assistemático da economia nacional, mantendo-se estável no limite cercado das pequenas propriedades, empresas e estabelecimentos comerciais. A situação curiosa engendrada por esse arranjo, que de tão excepcional pareceu definir o eterno *Rosebud* da cultura estadunidense, é que não havia ostensiva oposição ou contradição entre a participação em uma "rudimentar economia

¹⁴¹ BOTTOMORE, Tom B. **Críticos da sociedade - O pensamento radical na América do Norte**. Tradução de José Ricardo Brandão Azevedo. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. p. 20 e p. 21.

¹⁴² MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo I**. op. cit. pp. 464-465.

de troca" (Ryan) e a manutenção de quadros de existência comunitária, familiar, tradicional. A "virgindade" das condições econômicas, para usar o termo de Henry Nash Smith,¹⁴³ concorreu para compensar momentaneamente, por algumas (douradas) décadas, o potencial de concentração das relações de mercado ou de formação acumulativa e espoliativa de fortunas.

Sobre esse curioso arranjo, Kulikoff escreveu: "Os *yeomen* estavam enraizados nos mercados capitalistas e ainda assim alienados (alienated) de relações econômicas e sociais de tipo capitalistas. Eles participam do comércio de mercadorias com regularidade - mas somente para sustentar redes de vizinhança não-comerciais."¹⁴⁴ E complementa:

Os filhos dos lavradores consideravam a propriedade de terra como um direito que lhes cabe, devido a eles quando atingissem a maturidade. Eles viam a terra como um meio de sustentar a si e a suas famílias, e não para acumular capital, mesmo que chegassem a acumular substanciais riqueza e capitais.¹⁴⁵

Numa articulação de aparência às vezes bisonha, a aproximação entre quadros produtivos e quadros comerciais manteve-se unida numa certa base orgânica durante grande parte do século XIX, sem que degingolasse instantaneamente em favor desses últimos, formando a exploração mercantil clássica; nem fez com que os mais assíduos trabalhadores se tornassem assalariados explorados ou patrões capitalistas modernos. Numa alquimia fascinante, essa experiência histórica produziu tanto os pioneiros de envergadura mitológica do *Folhas da relva* quanto os altamente mundanos "caçadores de dólares"¹⁴⁶ como Sherwood, o *penny-hunter*, o *money-getter*: não parecia haver contradição entre eles; aliás, aos olhos da ideologia nacionalista nascente eles pareciam até ser a mesma pessoa! Por acaso não é o mesmo Thoreau dos encantadores mergulhos transcendentais que interrompe seu inefável diário de Walden para fazer o balanço contábil da experiência?¹⁴⁷

Como disse Mary Ryan em supracitada passagem: as mesmas cidadezinhas organizadas ao redor do "culto da domesticidade" eram aquelas que mantinham relações comerciais com grandes centros comerciais, manufatureiros e urbanos das redondezas,

¹⁴³ SMITH, Henry Nash. **Virgin land - The American West as symbol and myth**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

¹⁴⁴ KULIKOFF, Allan. **The agrarian origins of American capitalism**. op. cit. p. 36.

¹⁴⁵ Idem, ibidem, p. 35.

¹⁴⁶ MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo I**. op. cit. p. 456.

¹⁴⁷ THOREAU, Henry David. **Walden ou A vida nos bosques**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2010. pp. 66-67.

formando o que Kulikoff chamou de "complexa hierarquia agrícola".¹⁴⁸ Não surpreende, portanto, que o historiador estadunidense Michael Merrill tenha buscado ler essas pitorescas relações sociais de produção como participando do que ele chamou de "as origens anti-capitalistas dos Estados Unidos"...¹⁴⁹

Sem entrar nas minúcias de um debate que extrapolaria fartamente nossas condições de espaço e de enfoque, queremos nos centrar sobre o que isso implica em relação ao trabalho e aos sentidos históricos dele tal como aparecem na literatura de Sherwood Anderson na virada do século XIX para o XX.

Nas condições prevaletentes no Meio-Oeste pela maior parte do século XIX desenvolveu-se um certo respeito firmado nas liberdades e proteções proporcionadas pela pequena propriedade, gerando uma sociedade que ficou conhecida tanto pela autonomia que concedia aos seus membros (no que tange ao trabalho e administração, por exemplo), quanto por um certo otimismo que a tradição buscou consagrar (e que a literatura cantou fartamente), quanto, também, uma certa solidariedade teimosa e enviesada (individualista e centrípeta em relação às propriedades). Os avanços tecnológicos que se abateram sobre aquela região em fins do século XIX, tendo Chicago como um de seus centros nervosos, ainda não pareciam ter se engendrado estruturalmente sobre a Clyde onde Sherwood morou. Mantinham-se minimamente estáveis ali aquelas condições econômicas gerais de inícios do século, de dispersão, "virgindade" e pequenez das bases econômicas, de modo que ainda o escritor tivesse sido forjado em seu cadinho, protegido nesse pitoresco bolsão tradicional localizado no seio mesmo da modernidade industrial e monopolista.

O escritor era filho de um dos *settlers* pioneiros de Ohio, James Anderson, que havia chegado no estado em seus primeiros anos, logo após sua fundação. Era, pois, filho das antigas classes médias, da *yeomanry* jeffersoniana, e seu pai fora dono de uma fabriqueta de arreios durante parte considerável da vida, logo figura típica entre os artesãos de ofício que compunham a rústica vida urbana dessas cidades. Como as sociedades em meio às quais viveram ele e sua família (em Camden, Caledonia e Clyde) eram sociedades fundadas sobre uma base e uma estrutura típicas das formações sociais estadunidenses do século XIX, as atitudes do escritor, sua concepção e sua ética estavam em profunda sintonia com as ideias sobre o trabalho que eram professadas por

¹⁴⁸ KULIKOFF, Allan. **The agrarian origins of American capitalism**. op. cit. p. 36.

¹⁴⁹ Vide, sobretudo: MERRILL, Michael. The anti-capitalist origins of the United States. *Review (Fernand Braudel Center)*, v. 13, n. 4, pp. 465-497, 1990., e MERRILL, Michael (et al.). *The transition to capitalism in America: A panel discussion*. *The History Teacher*, v. 27, n. 3 (May, 1994), pp. 263-288.

seus habitantes, orbitando em torno de sua lógica e de seu poder. Era em grande medida por conta dessas concepções que o escritor afastou-se moral e existencialmente do pai (o qual parecia, como discutimos anteriormente, ter-se apartado delas), e conseguiu aproximar-se da sociedade local e de suas ideias morais e laborais.

Embora a época em que tenha nascido e crescido Sherwood seja um momento emblemático da derrocada histórica das condições que sustentaram o modo de vida desses tradicionais grupos sociais, ele esteve razoavelmente protegido de suas mudanças. Aliás, esse movimento se desenvolveu primariamente na base material daquele mundo, transformando a estrutura fundiária e gradativamente submetendo aquela economia local e orgânica aos rigores de um sistema econômico de envergadura nacional (financeiramente sistêmico, vale dizer). O historiador estadunidense Charles Beard notou a transformação de "vastas massas de pessoas em um proletariado", mas afirmou que "(...) em 1860 a vasta maioria das pessoas eram agricultores"¹⁵⁰ (Wright Mills chega a falar em 3/4 da população no campo em 1851),¹⁵¹ o que explica em alguma medida a cadência um pouco mais vagarosa da inversão de proporções nas regiões interioranas, tais como a Clyde em que Sherwood viveu.

A despeito dessas transformações econômicas de grande vulto, as mudanças que se concretizaram gradativamente nessa base material não fizeram alterar imediatamente, como se houvesse uma correia de transmissão simples unindo as duas, toda a cultura que florescera ali ao longo de um século. Sherwood Anderson tornou-se uma presa desse descompasso, extensão ativa e dialética dessa inércia existencial, pois foi um habitante do século XIX na época em que o século XIX se extinguiu, cronológica e historicamente.

Por conta dessa renitente permanência é que a literatura de Sherwood está repleta das ideias e concepções oitocentistas sobre trabalho e moral, e é por isso que por meio de sua pena falam os resistentes ecos daquele modo de viver que passara à história sendo tratado por mais como "genuinamente americano". Para poder compreender com mais apuro como essa organização econômica gestou um modo de vida tão peculiar e tão longevamente acalentado pela história estadunidense, cabe entender mais a fundo os sentidos que foram construídos, ao longo de sua existência, em torno do trabalho.

¹⁵⁰ BEARD, Charles. **Contemporary American history (1877-1913)**. New York: Macmillan Company, 1914, p. 34 e p. 35, respectivamente.

¹⁵¹ MILLS, C. Wright. **A nova classe média**. op. cit. p. 16.

Num regime de capitalismo em que imperam a dispersão estrutural e as pequenas unidades econômicas, as formas históricas do trabalho costumam ser definidas no interior destas últimas. Isso se verificava nos Estados Unidos do século XIX, no qual somente passará a haver uma organização mais sistêmica da economia (no sentido de controle e pressões arquitetadas em torno de uma concentração estrutural, financeiramente orquestrada) com a ascensão dos monopólios, dentro daquele processo que Eric S. Foner de "triunfo da nova economia industrial sobre uma economia centrada sobre a agricultura e o artesanato".¹⁵² Isso significa que onde se pôde minimamente preservar o bastião material da pequena propriedade tendeu a imperar uma certa autonomia de organização econômica que se estendia desde o controle sobre a venda do que era produzido até, e talvez principalmente, a forma como se organizavam as atividades práticas do processo de produção - em seu clássico texto *Americanismo e fordismo*, Gramsci chama os Oitocentos de século do "velho individualismo econômico".¹⁵³

Os pequenos agentes econômicos, os indivíduos, detinham então o controle sobre o conjunto da organização do trabalho, e este ia desde a consecução das tarefas práticas que compunham o processo produtivo, seu ritmo, sua disposição e distribuição no tempo e no espaço, até a definição sobre quais seriam os métodos, ferramentas e técnicas a serem aplicados. Havia nesse sentido, como é comum em sociedades de base mais familiar ou comunitária (com "domesticidade", diria Mary Ryan), um conjunto de comportamentos menos práticos e mais ritualizados que não raro acompanham as tradições dos trabalhos manuais. As cidadezinhas do Meio-Oeste, descreveu o historiador Thomas Clark, tinham "tons culturais distintos de comunidade à comunidade", os quais se organizavam ao redor dos "discursos políticos, juntas de milícias, danças de salão [e] mutirões de ajuda mútua (house-raising and logrollings)".¹⁵⁴ E isso sem contar as feiras de condado (County Fair), que se popularizaram nessa época e sobre as quais Sherwood escreveria em ponto avançado de sua vida;¹⁵⁵ os folclóricos *fiddlers* que tocavam no fim de um dia de trabalho, conforme descreve Hamlin Garland; as canções folclóricas reunidas no *American Songbag* de Carl

¹⁵² FONER, Eric S. **A short history of Reconstruction**. New York: Houghton Mifflin Press, s.d. posição 3795.

¹⁵³ GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere - Volume IV**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 239.

¹⁵⁴ CLARK, Thomas D. *East of the Mississippi: The agricultural frontier*. In: TORR, James D. **The American Frontier**. op. cit. pp. 47-48.

¹⁵⁵ ANDERSON, Sherwood. **The American County Fair**. New York: Random House Publishing, 1930.

Sandburg;¹⁵⁶ ou mesmo a pitoresca poesia provinciana tornada antologia por Edgar Lee Masters.¹⁵⁷

Na medida em que nesse arranjo sócio-histórico havia alternância entre atividades produtivas voltadas à venda e voltadas à subsistência (dependendo da atividade, da época, das aptidões do produtor, dos "arredores" econômicos, de potenciais compradores etc.), havia também, certamente, um conjunto de pressões que condicionava e restringia, relativamente, a autonomia e a liberdade econômica dos lavradores. No entanto, essas parecem ter tido menos importância na leitura histórica dessa experiência, talvez em virtude da forma do individualismo muito próprio daquela comunidade.

Enquanto o pequeno proprietário foi capaz de controlar os meios e as condições de produção de seu trabalho, mantendo-se dono do produto final resultante dele, o senso de autonomia então desenvolvido foi forte. A "virgindade econômica", a ausência de determinação de ostensivas fortunas, a desestruturação da economia geral, a debilidade de uma economia monetária,¹⁵⁸ os incentivos da política jeffersoniana, enfim, toda a conjunção das diversas forças históricas da maior parte do século XIX, forneceram as condições concretas de prosperidade individual para esses pequenos produtores, alimentando seu orgulho e seu otimismo, e incorporando-os ao grande caudal da ideologia liberal estadunidense e à dimensão nacionalista do "Evangelho do trabalho".

Além disso, é preciso ainda sopesar o fato de que a longa gestação histórica dessas concepções sobre o trabalho encontrou-se num determinado estágio tecnológico das ferramentas e condições de produção, e também em determinadas condições da colonização vinculadas à domesticação do ermo e arroteamento das terras.

No que tange às condições tecnológicas, prevalece a ausência quase sistemática de implementos mecânicos ou de ferramentas que não fossem acionadas por tração animal ou por algum tipo de esforço manual. Mary P. Ryan escreveu que a formação desses quadros, que ela chamou de "berço da classe média", caracterizou-se por uma "escala reduzida de mecanização na produção local", acrescentando que mesmo nas cidadezinhas, os artesãos de ofício e os trabalhadores autônomos "(...) dependiam de sua

¹⁵⁶ SANDBURG, Carl. **The American Songbag**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1927.

¹⁵⁷ MASTERS, Edgar Lee. **Spoon River Anthology**. New York: Macmillian Company, 1919.

¹⁵⁸ MERRILL, M. The Monetization of Everything: The Gift of Credit, the Social Relations of Exchange, and the Transition to Capitalism in the United States. Disponível em <commons.esc.edu/michaelmerrill/ files/2013/04/ Monetization-of-Everything.pdf> Acesso em 29 ago 2013.

habilidade e músculos antes da força de cavalos, engenhos hidráulicos ou energia à vapor".¹⁵⁹

Isso significa que a maior parte do trabalho de domesticação da natureza e construção das bases de exploração agrícola e econômica era feita manual e diretamente pelos pequenos proprietários e sua família.¹⁶⁰ Os recursos dos quais dispunham esses sujeitos, nesse estado de coisas, estavam intensa e estreitamente ligados às suas próprias forças e à sua própria disposição particular de trabalhar, assim como sua destreza e engenhosidade nesse ínterim. Na medida em que o trabalho de preparar a terra e erigir as condições de produção e estabilização não eram passíveis nem de terceirização (dadas as condições sociais próprias da região, diferentemente do Sul escravista) nem de submissão à força da máquina, tendia a haver uma forte associação entre o resultado do trabalho e a disposição de trabalhar daquele que se aplicava às tarefas em questão (seu engenho, sua industriiosidade, sua astúcia, sua obstinação, sua disciplina etc.).

O historiador Stuart Blumin, em seu estudo sobre a emergência da classe média nos Estados Unidos, notou que os primeiros arranques na direção da criação de trabalhos não-manuais deu-se na América Jacksoniana, isto é, na década de 1830.¹⁶¹ Contudo, tratava-se de um processo ainda muito incipiente, embrionário, que não encontrou suas condições de estabelecimento até que a tecnologia industrial não tivesse avançado e enquanto a manutenção das bases econômicas diminutas não se quebrou. Havia uma mudança importante sendo introduzida, pois criavam-se ali os quadros administrativos que mais tarde se tornariam os gerentes tayloristas, e aprofundavam-se as relações de dependência das pessoas às demandas do mercado (como consumidores e como trabalhadores), dois processos que mais tarde se mostraram determinantes no estabelecimento da hierarquia baseada na exploração do trabalho na aurora do século XX. Apesar disso, enquanto houve a "disponibilidade de terras baratas" (cf. Kulikoff) a compensar, pela extensão, a desigualdade oriunda das relações de produção capitalistas, a "tendência ao nivelamento" (cf. Bottomore), a "democracia econômica" (cf. Gates) pôde se manter. A associação feita por Thomas Clark, portanto, é precisa:

¹⁵⁹ RYAN, Mary P. **Cradle of the middle class - The family in Oneida County, New York (1790-1865)**. op. cit. p. 8.

¹⁶⁰ ROLT, L.T.C. **Tools for the job - A short history of machine tools**. London: B.T. Bartsford, 1965. pp. 154-177.

¹⁶¹ BLUMIN, Stuart M. **The emergence of middle class - Social experience in the American city, 1760-1900**. New York: Cambridge University Press, 2002. pp. 66-67.

"(...) quanto mais fundo os americanos penetravam continente adentro, menos pareciam aptos a tolerar qualquer estratificação social significativa".¹⁶²

Colocando a realidade social sintetizada por Clark diante do fato desenterrado por Blumin, somos tentados a perguntar: se o movimento "continente adentro" é inversamente proporcional à "tolerância a qualquer estratificação social significativa", o que havia de acontecer quando terminasse o continente? Nos parece que existe uma discreta mas seminal associação entre essas duas coisas (e uma que essa tese toma por base). A capacidade de fornecer um "continente" é fundamental para a viabilidade concreta da Democracia Jeffersoniana, o que pode ser traduzido, usando termos de outros autores, do seguinte modo: a existência da fronteira (cf. Turner) é a força histórica que dá as condições para o cultivo do impulso adâmico (cf. Lewis) que esteve tão fundamentalmente articulado com a manutenção da autonomia econômica e os ideais democráticos estadunidenses (a intolerância a "qualquer estratificação social significativa"). Logo, se cessa o "continente" que permite recriar o conjunto do modo de vida, do universo humano, que vive em seu bojo, isso significa que o impulso adâmico tão celebrado como o sangue que irriga a sociedade estadunidense (a "terra da oportunidade") é, na verdade, uma tragédia prometeica incubada, esperando sua hora?

Não era esse o delicado segredo da estratégia jeffersoniana? Não é precisamente esse o dilema que forma a medula filosófica e catártica das obras de Sherwood Anderson e Jack London?

De qualquer modo, seja sobretudo como experiência de democratização liberal historicamente original, seja principalmente como tragédia de desigualdade anunciada, foi no ventre econômico desse arranjo histórico que o trabalho foi sendo esculpido. Foi nele que floresceu o "Evangelho do trabalho", seu cultivo como indício de virtude individual e suas implicações morais, assim como sua celebração até as raias do transcendentalismo, como consta das páginas de *Windy McPherson's son* e *Marching men*.

Não surpreende, portanto, que tenha sido esse um dos traços que mais chamaram a atenção de Tocqueville quando escreveu sobre os Estados Unidos nos anos 1830:

A ideia de trabalho como condição necessária, natural e honesta da humanidade, se oferece, pois, de toda parte ao espírito humano. Não apenas o trabalho não é malvisto por esses povos, como é venerado; o preconceito não é contra ele, é favorável a ele. (...) A igualdade não reabilita apenas a ideia do

¹⁶² CLARK, Thomas D. *East of the Mississippi: The agricultural frontier*. In: TORR, James D. **The American Frontier**. op. cit. p. 49.

trabalho, mas realça a ideia do trabalho que proporciona lucro. (...) O trabalho é glorioso quando empreendido por ambição ou por virtude.¹⁶³

O "homem novo" que menciona Robertson, o "homem livre" que menciona Wright Mills, o "indivíduo econômico" que menciona Gramsci, são esses pequenos agentes econômicos que surgiram sob o guarda-chuva institucional proporcionado pelos jeffersonianos na primeira metade do século XIX. Orgulhoso de seu trabalho e de sua disposição de trabalhar diligentemente, ele mantinha junto de si, de sua individualidade, o conjunto das determinações do labor, e por tal, tendia a associar muito mais fortemente o processo de trabalho e seus frutos com os caracteres que constituíam sua própria identidade. A associação entre trabalho e moral, portanto, passava pela individualidade na medida em que as condições materiais gerais que se estabeleceram no Meio-Oeste do XIX eram sobremaneira favoráveis a isto, ainda mais dentro de quadros religiosos puritanos.

Pelas condições concretas do arroteamento do Meio-Oeste, os "inimigos bem visíveis" que esse "homem livre" enfrentou (para usar os termos de Wright Mills) são, em grande parte, os obstáculos colocados pela própria natureza. Essa natureza não só era distinta daquela que se encontrava nas porções atlânticas, terra novo-inglesa, mas talvez especialmente diferente pelo fato de a agricultura ter sido um de seus pilares mais fundamentais. O tipo de contato com a natureza que se observa em regiões mais urbanizadas e ligadas ao comércio, de um lado, e regiões majoritariamente agrárias, de outro, é bastante diferente, e tende a prevalecer uma relação estreita e proximal mais nas segundas do que nas primeiras. As célebres *Letters from an American farmer*, de Crèvecoeur, ainda do final do século XVIII, tocavam justamente nessas questões, e insistiam sobre como nesse contato com a natureza, especialmente através da agricultura, lançaram-se as bases de um modelo de sociedade distinto das europeias, na qual homens engenhosos surgiam, mais brutos talvez, mas ainda assim dotados de um orgulho individual que encantaram o cronista francófilo.¹⁶⁴

Mesmo Alexander Hamilton, ferrenho opositor de Jefferson e aguerrido defensor das manufaturas, reconheceu as virtudes da vida rural, tal como diz seu famoso Relatório de 1791:

¹⁶³ TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América, livro II - Sentimentos e opiniões**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 187.

¹⁶⁴ CRÈVECOUER, John Hector St. John de. **Letters from an American farmer**. New York: E.P. Dutton & Co, 1951. Especialmente as cartas I-III.

Deve-se admitir que o cultivo da terra, como fonte primordial e mais segura do abastecimento nacional, como fonte imediata e principal de subsistência para o homem, como origem primária dos elementos que nutrem as outras classes de trabalho, como base da condição mais favorável à liberdade e independência da mente humana e, talvez a mais propícia para a multiplicação da espécie, intrinsecamente, tem razões poderosas para gozar de preeminência sobre todos os demais tipo de indústrias.¹⁶⁵

Esse tipo de contato com a terra, e o tratamento laboral queurgia lhe ser dado, foi algo que ajudou a talhar o senso de trabalho que se construiu historicamente ao redor daquelas formações socioeconômicas da região do Meio-Oeste, pois constituía-se numa base material, social e subjetiva larga o suficiente para se constituir em verdadeira experiência histórica. Embora a dicotomia "leste comercial-oeste agrário" não possa ser tomada em absoluto, já que tanto haviam agricultores na Nova Inglaterra quanto comerciantes a Oeste dela, ela guarda uma distinção importante no que diz respeito ao trabalho: em termos culturais, e mesmo nas arengas políticas entre Hamilton e Jefferson, é comum encontrar uma noção que vincula a virtude diligente aos pequenos agricultores, e o ardil de negociante aos novo-ingleses. A questão se espalhou historicamente e ganhou várias edições, tanto para um lado da oposição como para o outro, pois os pequenos agricultores do Oeste tanto podiam ser aplicados trabalhadores quanto brutos rasteiros, enquanto os comerciantes do Leste tanto podiam ser sofisticados negociantes quanto aristocratas desonestos.

Longe das intenções dessa tese verificar o alcance ou o apuro dessas imagens. O que ressaltamos é que entre as realidades econômicas da região onde cresceu e se formou Sherwood Anderson, e a forma como o escritor concebeu e se relacionou com o trabalho na sua literatura haviam nexos históricos amplos, que se completam numa longa duração. Na obstinação de Sam McPherson e de "Beaut" McGregor (a qual se encontra espelhada em diversos outros personagens da literatura de Sherwood) jazem ecos que têm tanto de sociais e culturais quanto têm de econômicos. A aproximação e correspondência entre sustentação moral e capacidade laboral, ou entre disposição de trabalhar e virtude individual, se encontra historicamente embasada em costumes e tradições sociais ancorados na experiência de colonização do Meio-Oeste.

A sociedade na qual iremos encontrar Sherwood no final do século XIX é a sociedade que, num sentido amplo, constituiu-se ao longo do processo de domesticação da natureza, expulsão dos povos indígenas e lançamento das bases econômicas a que

¹⁶⁵ HAMILTON, Alexander. **Relatório sobre as manufaturas**. Tradução de Geraldo Luís Lino e Vitor Grünwaldt. Rio de Janeiro: Movimento de Solidariedade Ibero-Americana, 1995. pp. 34-35.

acima nos referimos, amparadas praticamente todas elas nas pequenas unidades econômicas. Naquelas condições, o trabalho encontrava-se numa sintonia estreita com as peculiaridades e as disposições próprias do trabalhador (do "produtor direto", talvez dissesse Marx), a ponto de que não fosse raro que a atividade laboral se tornasse uma espécie de índice moral ou medida da grandeza de quem a ela se dedicava. As observações de Tocqueville sobre os costumes e a vida material norte-americanas insistem em decretar que era essa imbricação orgânica dos homens com seu trabalho e com as condições materiais de seu fazer, juntamente à "ausência de normas e classes claramente definidas", o que "tornava possível a democracia política".¹⁶⁶ Pela débil estratificação social e pela profunda identificação entre o trabalho e o indivíduo que o realiza é que para esses habitantes do Meio-Oeste oitocentista "(...) o mundo é dividido entre produtores e não-produtores."¹⁶⁷ Se adequássemos a citação, colocando-lhe algo da retórica emersoniana ou thoreauiana que Sherwood tanto apreciava, talvez disséssemos que para aqueles homens dos Meio-Oeste dos Oitocentos, o mundo se dividida entre os que trabalham e os que não trabalham - com todas as implicações morais que isso carregava.

Coadunando-se a base das pequenas unidades econômicas às peculiaridades produtivas e tecnológicas do período, e, ainda, à distinção sociocultural em relação às formações novo-inglesas, originou-se um sentido de trabalho em que havia forte identificação entre o trabalho realizado (e seus frutos) e o sujeito que o realiza, a ponto de que, a julgar pela literatura de Sherwood Anderson, passa a haver um elo forte de ligação entre a condição material e subjetiva do sujeito e a capacidade de trabalho que se encontra no seu cerne. Os traços largamente liberais e algo "triumfalistas" que encontram-se naqueles romances de formação do tipo de Horatio Alger Jr., Edward Stratemeyer e William Taylor Adams¹⁶⁸ estão baseados, não raro ingenuamente, sobre essa associação que parece ter sido gravada à fogo na consciência estadunidense.

O historiador estadunidense Eric Foner escreveu que não havia uma economia sistematicamente estabelecida ou, ainda, uma cobertura institucional ampla e firme no que tange ao planejamento e à política econômica antes da Guerra Civil. Segundo ele,

¹⁶⁶ BOTTOMORE, Tom B. **Críticos da sociedade - O pensamento radical na América do Norte**. op. cit. p. 22.

¹⁶⁷ KULIKOFF, Allan. **The agrarian origins of American capitalism**. op. cit. p. 35.

¹⁶⁸ Os livros e historietas desses escritores são considerados, majoritariamente, de segunda categoria, e costumam constituir-se, em termos de enredo, na história de superação de um jovem pobre que, ao custo de seu suor, abnegação e astúcia consegue alcançar a estabilidade e a riqueza, bem como o reconhecimento e a admiração de seus pares.

"As medidas políticas tomadas pela União deram corpo a um espírito de ativismo econômico de âmbito nacional sem precedentes nos anos pré-guerra."¹⁶⁹ Essa situação acentuava o arranjo concreto em que o trabalho estava muito mais próximo da atividade realmente exercida, de seus caracteres práticos e diretos, do que de um sistema econômico rigoroso, como um *commodity*, como um valor ou como um dado econométrico. Foner, aliás, chega a escrever que "(...) uma pessoa podia viver sua vida inteira sem nunca encontrar um oficial representante da autoridade nacional."¹⁷⁰

A inexistência desse sistema econômico a engolfar os esforços individuais, contabilizando-os e buscando controlá-los dentro de quadros e tabulações rígidas, acabava muitas vezes por sustentar a percepção, socialmente disseminada, de que através do trabalho e do esforço, o homem "faz-se a si mesmo". O mito do *self-made man* que tão insistentemente tem habitado a consciência dos Estados Unidos, base de sua meritocracia, encontra-se embebido das fontes encontradas nesse arranjo sócio-histórico, que se caracteriza por uma organização econômica dispersa, pouco sistemática, ainda não costurada nem submetida financeiramente. Nessas condições a concentração era inexpressiva o suficiente para, por um lado, acalentar o "espírito da livre iniciativa" em termos de recompensa, e por outro, não contradizê-lo ao ponto de descaracterizá-lo como estratégia estável. Assim ele se transfigurava, muitas vezes, ética existencial.

Dentro dessas condições e circunstâncias, se o ritmo da produção é mais intenso ou mais afrouxado, se o produto final é em maior ou menor quantidade, ou se é mais ou menos bem cuidado, se possibilita a realização de trocas mais ou menos proveitosas, ou se se consegue por ele um maior ou menor rendimento (enfim, todos esses fatores econômicos e produtivos que influenciam na recompensa material de um produtor), tudo isto encontra-se muito mais estreitamente vinculado ao desempenho laboral que ele é capaz de ter, bem como de sua capacidade de negociação com outros "agentes econômicos" como ele. Por todos os fatores históricos que apontamos até aqui acerca da colonização do Meio-Oeste estadunidense no século XIX, o indivíduo que trabalhava tendia a ter uma identificação muito mais direta e ampla com o trabalho, de modo que seus caracteres subjetivos tenham sido muito mais fortemente atrelados à performance econômica que ele podia ter. Dominando a produção e as condições dela, esse produtor

¹⁶⁹ FONER, Eric S. **A short history of Reconstruction**. op. cit. posição 297.

¹⁷⁰ Idem, ibidem, p. 297.

direto, esse pequeno agente econômico, tendia a muito mais facilmente conceder ao trabalho e os frutos dele sua tarimba pessoal, suas feições, mesmo.

Embora aqui corra-se o risco de confundir os contornos concretos dessa sociedade com o otimismo ideológico dos seus cronistas, arrisquemo-nos a dizer que as noções de que o "homem faz-se a si mesmo" ou de que "o trabalho é a medida do sujeito que trabalha" faziam muito mais sentido naquela realidade social e econômica do que viriam a fazer posteriormente. Nos parece, inclusive, que essa constatação intensificada, e sua consequente celebração e idealização, se deram em grande parte por conta da ameaça de que passou a padecer esse preciso arranjo sócio-histórico. Sherwood Anderson e outros escritores do período passaram a tomar consciência crescente daquela realidade dado o fato de que o avanço da dinâmica monopolista, oferecendo o contraste histórico, tornava-se não só mais visível como mais digna de figurar como uma espécie de paraíso perdido.

Estando a economia organizada nesses termos, o trabalho ganhava um sentido peculiar, consideravelmente distinto do sentido que estava vindo a ser, num regime de capitalismo monopolista. O trabalho era visto como a plataforma concreta à disposição daqueles que queriam ascender acima de suas próprias contingências, sendo enxergado, também, como sustentáculo moral e como caminho para uma espécie de transcendência não bem definida, mas intensamente sentida.

Na medida em que a dispersão econômica se sobressai à sua estruturação sistemática, a programação da produção, o ajuste de preços, as oscilações cambiais, a definição de padrões de taxa de lucro afligem muito menos, relativamente falando, as rotinas cotidianas da produção e do trabalho, sendo que este encontra-se muito mais concretamente sob o domínio daquele que o pratica. Como afirmou Wright Mills, ainda, sobre essa situação,

(...) trabalho e propriedade estavam ligados de maneira inseparável. A propriedade era o local e o instrumento de aplicação do trabalho; o status social baseava-se em grande parte, na extensão e no estado da propriedade; a renda derivava dos lucros obtidos com o trabalho sobre a propriedade particular. Havia, portanto, uma estreita relação entre renda, status, trabalho e propriedade.¹⁷¹

O próprio sujeito imbricado na atividade produtiva tendia a ter uma percepção distinta sobre sua condição, pois inclinava-se a se ver como alguém que se encontra no patamar que está, ou que desfruta das condições de que desfruta, por conta de sua

¹⁷¹ MILLS, C. Wright. **A nova classe média**. op. cit. p. 31.

dedicação mais ou menos fervorosa ao trabalho. E não se trata somente de um acréscimo de intensidade ou de um aumento de horas de trabalho, mas de uma ampla capacidade de tomada de decisão e construção de estratégias, já que a proteção da pequena propriedade concede essa possibilidade àquele que a detém e que a trabalha, tal como se percebe na economia estadunidense da primeira metade do século XIX. Isso implica, considerando a enaltecida presença da questão no pensamento e na consciência estadunidenses, que o sujeito se enxergue no trabalho e veja o seu trabalho como uma espécie de extensão dele próprio, e que, muitas vezes, se orgulhe da obstinação, da engenhosidade, da astúcia, da perseverança, da diligência, tratando-as como virtudes e entendendo-as como necessárias produtoras de riqueza. Essa atitude mais imediatamente preocupada com a atividade produtiva direta, enxergando nos proventos do trabalho rigoroso a justificativa da riqueza e do pensamento mais abstrato, que o historiador Peter Gay escolheu denominar, quando investigou o Iluminismo norte-americano, de "racionalismo pragmático".¹⁷²

A prosperidade material, nessa visão, encontra-se acoplada social e historicamente à capacidade de trabalho, uma vez que esta tende a ser vista como garantia daquela, e que ambas sejam extensíveis e encarnáveis em domínios morais, sobretudo num escopo individual. Não se pode negar o fato de que apesar dos quadros comunitários e da "domesticidade" familiar das relações sociais do Meio-Oeste do século XIX, o individualismo era uma de suas características centrais. Como dissemos anteriormente, um dos passes de mestre da Democracia Jeffersoniana foi conseguir atrelar o destino nacional aos destinos individuais, colocando a independência econômica individual como base da vida democrática, de modo que impregnava a atmosfera ideológica dos Estados Unidos dos Oitocentos a noção de que buscar a promoção individual, cultivar-se a si próprio, era algo diretamente vinculado (como causalidade mesmo) à promoção da nação.

Como bem notou o crítico literário Robert Penn Warren quando falou sobre a presença do "eu", do *self*, na literatura estadunidense desse período, "(...) Jefferson imaginou uma sociedade na qual homens livres - eus independentes - exerceriam seus direitos, à luz da razão".¹⁷³ Ou seja, a base econômica da democracia jeffersoniana, preocupada em manter a autonomia individual, completava-se na noção política do

¹⁷² GAY, Peter. *O iluminismo*. In: WOODWARD, C. Vann (org.). **Ensaio comparativo sobre a história americana**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 55.

¹⁷³ WARREN, Robert Penn. **Democracia & Literatura**. Tradução de Ronaldo Sérgio de Biasi. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, s.d. p. 20.

"autogoverno", para a qual a democracia que deve prevalecer é a "democracia de eus".¹⁷⁴ O trabalho reforçava essas noções dando-lhes a concretude material que porventura as faltasse, tão crucial à tradição do pragmatismo estadunidense.

Isso se manifestava na literatura de diversos modos. Encontra-se, por exemplo, naquela noção holística que em Emerson o fazia ver em todo indivíduo a semente do universo:

Existe uma mente comum a todos os indivíduos. Cada homem é uma abertura para o idêntico e para tudo que é idêntico. Aquele que entra na posse do direito da razão torna-se um homem livre, legítimo proprietário de todo o espólio. O que Platão pensou, ele pode pensar; o que um santo sentiu, ele pode sentir; o que ocorreu a qualquer homem, não importa quando, ele pode entender. Quem tem acesso a esse mente universal é parte de tudo aquilo que é ou pode ser feito, pois ela é o único e soberano agente.¹⁷⁵

Não há nisso uma presunção de igualdade geral, amplamente democrática, que se funda no mais individualista dos direitos? E não é essa mesma noção que se encontra na fuga de Thoreau para as beiras do lago Walden, atestando pelas antípodas a tão-pitoresca-quanto-estadunidense noção de que a "virgindade" econômica e a existência individual talvez sejam os ingredientes essenciais e inescapáveis da democracia americana, para bem e para mal? Por acaso a *Song of myself*, de Whitman, quando posta diante desses quadros históricos não funde essas aparentemente contraditórias noções de individualismo e democracia quando escreve: "Celebro a mim mesmo e canto a mim mesmo/ E o que eu assumir, há você também fazê-lo/ Pois cada átomo que me pertence igualmente pertence a você"?¹⁷⁶

Como se pode ver, a literatura de Sherwood Anderson, bem como o sentido subjetivo do trabalho nela incrustado, pertencem a uma longa tradição histórica. As densidades por debaixo de seu simulacro de *dime-novels* de Alger Jr., portanto, participam da textura do amplo universo humano que constituiu momento crucial da experiência histórica estadunidense, tendo vindo a coroar, pelo otimismo aberto e pela ingenuidade (dis)simulada, os dilemas gestados por esse/nesse processo. E de tal modo, com uma tal intensidade, que a dimensão autobiográfica de seus escritos deixa de ser somente um recurso literário, reclamando a fusão com a vasta experiência social de que é herdeiro, quicá sua síntese.

¹⁷⁴ Idem, ibidem, p. 23.

¹⁷⁵ EMERSON, Ralph Waldo. *História* [1841] In: _____. **Ensaio - Primeira série**. Tradução de Carlos Graieb e José Marcos Mariani de Macedo. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 11.

¹⁷⁶ WHITMAN, Walt. *Song of myself* [1892 version] Disponível em <<https://www.poetryfoundation.org/poems/45477/song-of-myself-1892-version>> Acesso em 4 nov 2018.

Foi concatenando em si, de forma mitológica, o *débâcle* de uma sociedade que experimentava a decadência de seus modos de viver e existir que Sherwood Anderson pôde reclamar seu lugar no panteão literário estadunidense. Sua imolação particular e sua dissecação íntima lhe concederam a condição de bardo.

I.3 O sentido do trabalho em Sherwood Anderson: ideologia e mitologia oitocentistas

Levando em consideração as circunstâncias históricas em que Sherwood escreveu, recebendo os eflúvios do otimismo oitocentista mas tendo que conviver com a realidade de um capitalismo monopolista se estabelecendo, podemos compreender a complexa sutura literária de sua realidade geral e particular.

Quando Sherwood decidiu dedicar-se com afinco a trabalhar e ganhar dinheiro, entre os anos 1880-1890, ele respondia a contingências particulares de sua vida, mas para fazê-lo acabou por interceptar e ser interceptado por determinada concepção do trabalho, a qual havia sido longamente gestada no Meio-Oeste. Embora de seu ponto de vista a questão toda pudesse se apresentar, inicialmente, como uma decisão pessoal de sair da sombra do pai e compensar por aquilo que julgava suas insuficiências, ela só pôde ser levada a cabo inserindo-se nas tramas próprias da economia e sociedade estadunidenses daquele período. Nesse sentido, portanto, sua trajetória e sua literatura deixam de ser "somente" ajustes de contas particulares com seu próprio passado, passando a ser documentos que lançam luz sobre problemas históricos, de envergadura ampla.

Como a formação existencial de Sherwood Anderson encontrou-se muito marcada pela experiência dos pequenos agricultores e pequenos trabalhadores urbanos do Meio-Oeste, foi respirando aquela atmosfera de labor duro, obstinado e autônomo, com todas as suas peculiaridades morais e espirituais, que ele constituiu suas próprias visões sobre o trabalho. Porém, na medida em que seus escritos tocam em questões relativas ao mundo do trabalho menos como discussões econômicas ou historiográficas, e mais com os recursos literários, é preciso que compreendamos como sentidos subjetivos se entrelaçam com realidades objetivas no seio do processo histórico.

Conforme verificamos na aferição biográfica do primeiro subtítulo desse capítulo, em larga medida a trajetória de Sherwood foi análoga ao *pathos* existencial de diversos outros habitantes do Meio-Oeste em fins do século XIX, e a costura dessa similitude foi feita com os fios do trabalho. As origens provincianas de diversos dos

escritores da época, presente também na solução narrativa de diversos personagens literários de origens similares, forniram com algo de mitológico a vida particular de Sherwood, fazendo-o compartilhar com todos estes o senso de otimismo daquela tradição, a crença no potencial de prosperidade incubado na obstinação laboral e, enfim, a auto-confiança (a *self-reliance*) fortemente individual daquele ensaio de Emerson de 1841.

Na medida em que a tomada de consciência de Sherwood com relação aos limites dessas posturas foi se tornando mais forte conforme as décadas de 1900 e 1910 avançavam, a celebração do trabalho como lastro moral individual era tanto mais forte quanto mais remotos os escritos. O trabalhador que Sherwood aprendeu a ser nas cidadezinhas de Caledonia e de Clyde foi muito mais fervoroso em fins do século XIX e primeiros anos do século XX do que conseguiu ser em avançado dos anos 1910 ou 1920. Muito em virtude disto é que se justifica o interesse de passar em revista seus primeiros escritos, os chamados "Early writings", sobretudo aqueles produzidos no início dos Novecentos, entre 1902-1905.

Esses escritos pertencem ao momento da vida de Sherwood em que ele ainda não havia penetrado a fundo no mundo do trabalho moderno, regido pela lógica do capitalismo monopolista, e nem ainda se tornado um escritor de ofício. A epifania trágica que caracteriza sua trajetória ainda não havia recaído sobre ele. Sherwood havia recém se integrado ao universo dos colarinhos brancos de Chicago, em meio às posições intermediárias do crescente universo da publicidade, onde trabalhou como redator de publicidade para a *Agricultural Advertising*, uma de inúmeras publicações voltadas ao público formado pelos lavradores jeffersonianos,¹⁷⁷ que à época passavam pelas pressões adaptativas a uma economia crescentemente industrial. Essas publicações se apoiavam na velha tradição dos diretórios de serviços do Meio-Oeste, em cujas páginas o pai de Sherwood anunciou seus préstimos como fabricante de arreios e a partir dos quais os lavradores participavam da "rudimentar economia de troca" da qual falou a historiadora Mary P. Ryan. Assim como tantas outras realidades dos Estados Unidos à época, essas publicações também estavam a meio-caminho entre a tradição oitocentista

¹⁷⁷ Ray Lewis White, o crítico literário que compilou esses primeiros escritos de Sherwood Anderson, fornece na introdução do volume uma longuíssima lista dessas publicações, a qual demonstra a envergadura e a importância delas, bem como o alcance das pressões do grande capital sobre as pequenas propriedades agrícolas. Chama a atenção também o fato de que elas não se restringem ao Meio-Oeste, tendo sido publicadas também em estados como Kansas e Iowa; e que haviam publicações em língua estrangeira, sobretudo em alemão e em línguas escandinavas. WHITE, Ray Lewis. Introduction. ANDERSON, Sherwood. **Early writings**. op. cit. p. 5.

e a modernidade do século XX, misturando conselhos que parecem ter sido retirados dos *Poor Richard Almanac* de Benjamin Franklin, mas para auxiliar numa gerência científica de tipo taylorista.

O futuro-escriptor-e-então-trabalhador Sherwood Anderson encontrou naquela ocupação uma forma de fazer jogar a seu favor a herança provinciana que possuía, dando assim também seus primeiros passos no universo literário, pois como redator tinha que encontrar uma forma espirituosa e concisa de se comunicar com esses lavradores-leitores. Como estava ainda fortemente imbuído das certezas da juventude interiorana, os textos que ele escreveu nesses primeiros anos do novo século abundam de exemplos sobre aquela concepção tradicional sobre o trabalho.

Num artigo de 1902 intitulado "A soliloquy" (Um solilóquio, em tradução livre), Sherwood professa essas concepções ao propor uma hipótese de si para si:

Eu me pergunto se o negócio da publicidade (advertising game) não é em grande medida como o negócio da carne (meat business), das mercearias ou do vestuário, em que o homem que chega ao trabalho cedo e volta para casa tarde é aquele que deita mão no dinheiro - e nas olheiras. Fico pensando se não é tudo uma questão do bom e velho 'chegar-cedo-e-voltar-tarde', e se não tem nada de mistério ou gênio na coisa toda.¹⁷⁸

No meio da vida acelerada e cosmopolita da metrópole, aquele jovem provinciano de 26 anos tentava entender a lógica do universo material e da hierarquia socioeconômica que pretendia escalar. Munido da experiência de ter exercido diversas ocupações durante a adolescência, de ter sido o "faz-tudo" a quem os munícipes dirigiam um olhar de aprovação tácita, Sherwood tentava decantar a fórmula do sucesso. A despeito da experiência de privação material pela qual sua família passara, não havia sido sua obstinação individual e sua capacidade de trabalhar ignorando o cansaço aquilo que concorrera para fosse recompensado? Não parecia haver, nesse sentido, uma sintonia entre os reclames morais interiores e a aprovação concreta do exterior, tomasse ela a forma do beneplácito coletivo ou dos tostões que ele recebia? O trabalho não era justamente a pedra de toque fundamental dessa relação?

Aos olhos de Sherwood até aquele momento, essa sintonia não só parecia operante mas, igualmente, essencial. A despeito de ele ter vivido no último quartel do século XIX, no momento em que muitas das bases concretas do antigo modo de vida do Meio-Oeste rangiam decadentes, a organicidade da ligação entre impulsos que vinham de dentro e reforços que vinham de fora, entre sujeito e sociedade, entre "ser e

¹⁷⁸ ANDERSON, Sherwood. *A soliloquy* [1902]. In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 13

consciência social" (para usar os termos de Thompson), prevalecia. Ou pelo menos fazia mais sentido dadas as bases econômicas daquela sociedade e a experiência histórica que ela havia engendrado.

Se enxergando sobretudo como indivíduo (como um "eu", um *self*, diria Penn Warren) foi que Sherwood se lançou a tentar alcançar a hombridade e a prosperidade - as quais, naquele contexto, eram em grande medida sinônimos. Desse ponto de vista, parecia vir antes de qualquer coisa a virtude individual, espiritual mesmo, como ingrediente para a prosperidade, de modo que o trabalho fosse a expressão concreta dessa virtude, orgulhosa e auto-confiante ação individual sobre o mundo, da qual deveria advir, necessariamente, as recompensas materiais. Por conta disto é que se entende a pitoresca alquimia: a obstinação laboral, a disposição para "o bom e velho 'chegar-cedo-e-voltar-tarde'", constituía em Sherwood tanto a pressão oriunda de sua condição (ele precisava trabalhar para o sustento familiar) quanto uma espécie de ética auto-imposta (que ele tomava como emblema de virtude e máxima existencial).

Importa notar que todas as forças sob cujo efeito Sherwood cresceu e se desenvolveu o impeliam nessa direção: a dispersão da estruturação econômica do Meio-Oeste, a "aparelhagem mental" puritana, os pressupostos político-filosóficos da Democracia Jeffersoniana, a organicidade da relação subjetiva com o trabalho, a ausência de ostensivas concentrações funcionando como "proteção" às pequenas unidades econômicas, a "virgindade" do novo território, o individualismo pragmático nascido das condições tecnológicas de domesticação do território, o patriotismo fundado na ideia de prosperidade individual como seu combustível etc. etc. etc.

É isto o que se encontra na raiz da passagem supramencionada, quando ao jovem Sherwood, aspirante à prosperidade no universo da publicidade de Chicago: tudo parece se resumir ao trabalho. Ele havia sido até ali o que se encontrara à disposição dos lavradores do Meio-Oeste para erigirem seu sustento, seu orgulho e seu modo de vida; era o que lhes havia servido como consistente estratégia existencial, redundando em bons resultados materiais e culturais; logo, fazia sentido que continuasse sendo a pedra angular da visão de mundo de seus herdeiros, e ingrediente fundamental na receita da prosperidade.

O trabalho, portanto, ocupava um lugar destacado no altar moral, sendo tido como peça-chave no esquema da prosperidade material. Mesmo figuras como John Adams, segundo presidente dos Estados Unidos, e Alexander Hamilton, o primeiro Secretário do Tesouro do país (e nêmesis de Jefferson!) insistiam sobre essa ligação.

Aquele dizia que "(...) as manufaturas não podem sobreviver, nem muito menos prosperar, sem honra, fidelidade, pontualidade e fé íntima";¹⁷⁹ e este falava frequentemente de "indivíduos patriotas" e "famílias industriosas" no seu *Relatório sobre as manufaturas*,¹⁸⁰ tomando-os como elementos capitais do sistema econômico.

A realidade material do Meio-Oeste tinha mantido uma base estável por tempo suficiente para que ele pudesse responder pela prosperidade econômica individual a ponto de se tornar modo de vida, cultura em sentido amplo. A Democracia Jeffersoniana tinha associado indivíduo e nação nos laços da prosperidade material da mesma maneira que Emerson associara o indivíduo e a humanidade universal, de modo que este, o indivíduo, se tornava a base tanto da vida nacional quanto da própria vida, em patamares filosóficos mais abrangentes, totais (Sherwood não escrevera "Todo homem é uma unidade na nação e uma unidade na firma"?).¹⁸¹ Como filho dessa tradição histórica, o escritor acabou vendo a vida social muitas vezes como o terreno onde esses indivíduos se encontravam e onde manifestavam seus *self* na busca daquele constante melhoramento e transcendência (a *pursuit of happiness* da Declaração de Independência), fazendo-o sobretudo a partir do trabalho, entendido nesse caso como afluência interior e também como matéria-prima do existir concreto. Simplificando, talvez se pudesse dizer que o indivíduo é a unidade básica e a prosperidade o propósito único, ao passo que o trabalho é o caminho que se estende desde aquele até este, substância e lógica próprias da vida.

No trecho supramencionado de Sherwood flagra-se essa ética individual na peculiar aproximação que ele constrói entre "game" e "business", entre "jogo" e "negócio". Essa associação era quase onipresente na cultura estadunidense desse período, e encontrava-se fortemente assentada sobre o individualismo básico nascido da existência histórica dessa sociedade ao longo, sobretudo, do século XIX. Conforme demonstramos, a base econômica da vida do Meio-Oeste fez com que houvesse uma associação profunda entre o trabalho e o sujeito que o pratica, de modo que um dos mais fundamentais desdobramentos disto sobre o modo de vida da época foi que a prosperidade que aquele era capaz de gerar muito naturalmente fosse associada às disposições deste. Em condições estruturais dispersivas, sem grandes concentrações financeiras e nem elementos tecnológicos determinantes, a economia dos Oitocentos era

¹⁷⁹ ADAMS, John apud GUTMAN, Herbert. **Work, culture and society in industrializing America - Essays in American working-class and Social History**. New York: Vintage Books, 1977. p. 5

¹⁸⁰ HAMILTON, Alexander. **Relatório sobre as manufaturas**. op. cit. p. 120 e p. 49, respectivamente.

¹⁸¹ ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [October, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 50.

vista em grande medida como o enfrentamento entre indivíduos tentando auferir o máximo de prosperidade dessa relação, tanto "de si para si" quanto "de si em relação aos outros". Donde os "negócios" serem "jogo", donde a astúcia individual concorrer para a prosperidade do mesmo modo que contribuem para a vitória de alguém envolvido numa competição, e donde, muitas vezes, o otimismo jeffersoniano e a "auto-confiança" emersoniana encarnarem-se em certa virilidade, certo orgulho de hombridade que grassou amplamente a consciência estadunidense da época - a historiadora Kristin L. Hoganson chegou a dizer que a pressão sociocultural dessa "hombridade" (manifesta no que ela chama de "gender politics" da administração McKinley) teve uma participação capital na guerra Hispano-Americana e das Filipinas no final do século XIX.¹⁸²

Essa noções e todas as suas articulações estão fartamente presentes na literatura de Jack London, como veremos, e tão difundidas foram naquele *fin de siècle* nos Estados Unidos, que H.L. Mencken e G.J. Nathan o tomaram como pedra angular do que chamaram de "O Credo Americano",¹⁸³ feição principal do seu *homo Americanus*. Segundo eles, escrevendo em 1920, a articulação ambiciosa da prosperidade e da busca da ascensão social com a competição de tipo esportivo eram um dos pontos fulcrais ao redor dos quais se articulava a vida do início dos Novecentos - herdeira que era das tradições do século anterior. A espinha dorsal da "vida nacional", dizem os dois autores, era o credo imorredouro na justeza do "jogo", na disputa entre os indivíduos dentro da lógica da "livre iniciativa" que pretensamente garantia a prevalência do melhor, do mais engenhoso, astucioso, criativo, obstinado etc. - não surpreende que o historiador Richard Hofstadter tenha encontrado ali uma das bases do darwinismo social dos Estados Unidos, pois entre os louros do "vencedor do jogo" e os da "sobrevivência do mais apto" a distância se mostrou curta.¹⁸⁴

Para a cultura dos Oitocentos de que Sherwood era herdeiro, no entanto, não haviam evocações sinistras por debaixo da ideia de "jogo" e de concorrência individual. Elas pareciam-lhe tão naturais quanto a tradição lhe fora capaz de convencer, espécie de rito iniciático, batismo viril ao qual cabia não se furtar sob a pena da covardia, afinal era essa a travessia para "(...) alçar-se à hombridade entre os demais homens", o *pathos* que levava os rapazolas provincianos a "(...) ouvir o chamado do mundo para além das

¹⁸² HOGANSON, Kristin L. **Fighting for American Manhood - How gender politics provoked the Spanish-American and Philippine-American wars**. New Have: Yale University Press, 2000.

¹⁸³ MENCKEN, H.L.; NATHAN, G.J. **The American Credo - A contribution toward the interpretation of the national mind**. Charleston: Bibliolife, 2008.

¹⁸⁴ HOFSTADTER, Richard. **Social Darwinism in American thought**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1955.

colinas", fazendo-os "seguir adiante", para as cidades, e "de lá voltarem homens feitos".¹⁸⁵ Afinal, fora Sherwood quem dissera, no início do artigo de fevereiro de 1903, "Um novo trabalho, um novo lugar entre os homens. (...) Um novo tomar as rédeas. Ar novo em minhas narinas, novos homens jogando comigo o jogo dos negócios"¹⁸⁶

Era essa a ânsia que impelia Sherwood e a maior parte de seus personagens. Era isto o que respondia pelos clamores que pulsavam dentro de Sam McPherson e "Beaut" McGregor na primeira parte dos romances de 1916 e 1917. Era isto o que impelia o rapazola George Willard na coletânea *Winesburg, Ohio* de 1919. Era isto o que pressionava à ação o protagonista Hugh McVey, do romance *Poor white*, de 1921. Era isto, enfim, que impele o tipo social que Sherwood inventa para sumarizar a experiência da vida no Meio-Oeste naquela virada do XIX para o XX, Peter Macveagh, um "garoto de Indiana que veio para Chicago para fazer fortuna",

um rapaz provinciano de olhos claros e bochechas rosadas, (...) tão saudável de mente e de corpo que o mundo era para ele um lugar brilhante e agradável, pois os ventos que sopraram da velha fazenda não deixaram em sua alma temor ou desconfiança alheia suficientes para esfriar seu ardor.¹⁸⁷

A "jactância" que Morrison e Commager usaram para descrever o estado de espírito da sociedade estadunidense durante a primeira metade do século XIX não está no coração dessa passagem, incrustada ela já nos Novecentos?

A recorrência das palavras "game",¹⁸⁸ "winner" (vencedor),¹⁸⁹ e, embora com menos frequência, "quitter" (o que desiste, o amarelão),¹⁹⁰ transparece essa percepção sobre o mundo do trabalho e a concorrência nele existente, compondo a postura entusiástica herdada das tradições do Meio-Oeste. As analogias com as corridas e com o pugilismo também ocorrem,¹⁹¹ além da comparação pitoresca entre os esforços obstinados da labuta com as "façanhas" dos cavalos de tiro (quarter horses) das cidades provincianas.¹⁹² Do mesmo modo que os lavradores jeffersonianos de outrora haviam se lançado à aventura de então, a da domesticação do ermo e da expulsão dos nativos

¹⁸⁵ ANDERSON, Sherwood. *Not knocking* [1902] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 15.

¹⁸⁶ ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [February, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 21.

¹⁸⁷ ANDERSON, Sherwood. *Business Types* [March, 1904]. In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 71.

¹⁸⁸ Encontramo-lo em: p. 21, p. 23, p. 29, p. 32, p. 36, p. 41 etc.

¹⁸⁹ O termo está em praticamente toda a série de artigos *Rot and Reason* que Sherwood escreveu entre fevereiro e novembro de 1903 (p. 19, p. 22, p. 23, p. 26, p. 27, p. 29, p. 35, p. 41 etc.)

¹⁹⁰ Na mesma série de artigos: p. 27, p. 35, p. 41.

¹⁹¹ Por diversas vezes os "concorrentes" do mundo do trabalho são chamados por Sherwood de "fighters" (lutadores, contendores), e no artigo da série *Rot and Reason* de março de 1903 ele fala sobre a "corrida dos negócios de todos os dias" (everyday's business race, p. 27).

¹⁹² ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [April, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 29.

indígenas; cabia agora aos filhos e herdeiros deles lançarem-se à aventura de seu dia, ao "jogo" do mundo dos negócios da cidade.

Eis onde jaz aquele mais poderoso impulso que parece brotar de dentro de Sherwood quando ele celebra o homem disposto a trabalhar:

Dê-me um homem que agradece ao seu deus quando o dia começa, antes daquele que o faz quando o dia acaba; um homem que segue ansioso para seu escritório, colhendo tanto gozo (fun) e sabedoria do fracasso de hoje quanto do sucesso de amanhã. Eu quero amar meu trabalho porque ele me fornece pão e manteiga, eu quero rir e cantar, lutar, ganhar e perder, e quero encontrar satisfação de todo o negócio. O ponto é que fazendo bem o trabalho de que se gosta não é trabalhar, é se divertir, a melhor forma de diversão, a substância mesma da vida (meat and kernel of life).¹⁹³

Somos tentados a ver nessas diversas passagens uma dose de ingenuidade ou, para usar um termo diversas vezes usado para descrever a estrutura de sentimentos daquela segunda metade do século XIX, de "inocência". Como não ver o que o historiador Herbert Gutman chamou de "fantasmas de Benjamin Franklin"¹⁹⁴ nos adágios que Sherwood acrescentava diversas vezes ao fim de seus artigos da *Agricultural Advertising*? "Eu preferiria ser um mensageiro no escritório de um vencedor do que a rainha das Filipinas." "É melhor não obter sucesso. Quando você se tornar bem-sucedido, esse é o seu fim." "Bom trabalho é divertido, porque dar-lhe um tapinha nas costas?" "Não somos melhores publicitários do que somos bons cidadãos." "Coisas sem valor: Uma esposa que não o inspira a buscar um trabalho melhor (...) Dinheiro que você não ganhou de forma justa." "O homem que faz um bom produto e o anuncia de forma honesta está ajudando no progresso do mundo."¹⁹⁵

Mas, acautelemo-nos!, pois o que nos soa como "ingenuidade" é no mais das vezes o produto da perspectiva histórica que somos capazes de ter mas que Sherwood não o era. Afinal, mais de um século se estende desde ele até nosso tempo.

Considerando isto, ousamos dizer que se está diante de um ponto crucial do problema todo que estamos a abordar, e que possui duas faces complementares: em parte se trata de uma questão de perspectiva histórica; mas em parte trata-se de uma questão de realidade histórica concreta.

No primeiro caso, a impressão de "ingenuidade" que nos causam esses aforismos do idealismo *Yankee* está calcada na experiência histórica de um mundo em que os

¹⁹³ ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [July, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 39.

¹⁹⁴ GUTMAN, Herbert. **Work, culture and society in industrializing America - Essays in American working-class and Social History**. op. cit. p. 5.

¹⁹⁵ ANDERSON, Sherwood. **Early writings**. op. cit. p. 19, p. 20, p. 24, pp. 24, p. 31, e p. 47, respectivamente.

desdobramentos humanos da concorrência individual, da sua projeção ao regime monopolista, e da sua saturação industrial já ofereceram seu terrível espetáculo, inclusive pela escalada que levou a duas guerras mundiais. Por conhecermos o "capítulo seguinte" da História de Sherwood, corremos o constante risco da condescendência, imputando aos homens do passado uma "ingenuidade" que frequentemente não lhes pertence: os habitantes do passado não são pequenas Cassandras, ao passo que não cabe culpar-lhes por não conhecer o futuro. No caso de Sherwood, os desdobramentos sinistros da celebração da concorrência eram ainda muito incipientes, pairavam no máximo como agouro pessimista possível mas não provável, o qual a tradição dos Oitocentos no mais das vezes desvanecia, desautorizando com seu otimismo voluntarista. Logo, por rescendentes à "ingenuidade" que sejam grande parte das concepções sobre o trabalho que Sherwood professava, elas compunham com alguns desvios particulares o universo moral e cultural que a tradição dos Oitocentos criara, sendo, pois, força social e fato histórico.

Além disto, há uma outra dimensão da questão. A "ingenuidade" tinha uma coerência interna maior do que pode parecer à primeira vista, gozando também de precedentes históricos concretos que ajudam a explicá-la em suas afinidades internas. Como fomos capazes de ver até agora a partir dos quadros econômicos oitocentistas, o trabalho tinha uma forte e orgânica articulação com o sujeito que o realizava, concorrendo para sua estatura moral e para certo senso filosófico de propósito. Nas condições de dispersão estrutural predominantes, e vendo-se esse sujeito que trabalha sobretudo como indivíduo, lhe parecia "simples fato da vida" que nas permutas bem como nos demais contatos laborais que tivesse com os outros indivíduos, quando não se tratava de um contexto de mutirão (cf. Thomas Clark) ou ritos de raiz comunitária (cf. Mary P. Ryan), que certa competição surgisse. Isto é, que da tentativa de auferir melhores dividendos numa barganha ou melhor desempenho na produção, os indivíduos acabassem por competir entre si. Tamanha presença ele tinha naqueles quadros históricos e com tanta organicidade ele se entretencia na dinâmica cotidiana, que em *The iron heel*, Jack London chegou a chamá-lo de "egoísmo natural do homem médio",¹⁹⁶ entendendo-o como a natural busca de benefícios para si (parte do "jogo", cabe notar), não lá muito diferente daquela "natural propensão do homem à permuta" que Adam Smith colocou nalgum ponto de seu *A riqueza das nações*.

¹⁹⁶ LONDON, Jack. **The iron heel**. New York: Grosset & Dunlap Publishers, 1907. p. 31.

Como se pode ver, a busca de lucros e certo egoísmo individualista parecem ter tido uma participação fundamental na construção da cultura e da identidade nacional estadunidenses, e ainda haviam de continuar tendo por muito tempo. Contudo (e esse é o ponto), eles não se tornaram "desleais", no sentido de estruturalmente desiguais, com concentrações econômicas a alimentar relações predatórias e profundamente hierarquizadas até aquele momento histórico. Mesmo Stuart Blumin, que insiste que a divisão entre trabalho manual e não-manual existe desde os anos 1840, implicando nesse sentido uma certa divisão do trabalho e uma certa hierarquia, não titubeou em afirmar que a proporção pendeu ainda por muito tempo para os artesãos de ofício (cuja relação de trabalho era "salaried employment", recebedores de "ordenado") em detrimento de trabalhadores menos qualificados (submetidos ao regime de "wage-earning", ganhadores de "salário").^{197 198}

Em face disto, a "ingenuidade" subjacente aos comentários de Sherwood sobre o potencial enobrecedor do trabalho e a natureza sadia da competição individual começa a se desvanecer. Ela não é simplesmente a carapuça ideológica a disfarçar a exploração capitalista como direito inalienável de "busca da felicidade" garantida pela Declaração de Independência. Ela tinha realmente um grau de coerência interna maior, era mais verossímil, nos tempos em que a "tendência ao nivelamento das condições de vida" (cf. Bottomore), a "intolerância à estratificação social" (cf. Clark), a "inexistência de pretensões de superioridade social de um lado, [e] atitude de inferioridade o outro" (cf. Morrison e Commager), e a "escala limitada de mecanização da produção" (cf. Ryan) garantiam que essa tal competição colocasse frente à frente dois indivíduos, dois agentes econômicos, em pé de razoável igualdade material, assim garantindo o "jogo justo" (fair play)¹⁹⁹ que Sherwood menciona num dos artigos da série *Rot and Reason* de 1903.

Em tais condições, verificáveis em grande medida no Meio-Oeste do século XIX, pátria espiritual de Sherwood Anderson, a concorrência individual não

¹⁹⁷ Para essas traduções acatamos às sugestões de Vera Borda, que traduziu o estudo de Wright Mills, *A nova classe média*. Numa nota que ela inseriu no início do livro, assim ela explica suas opções: "Em inglês, o 'salary', típico do trabalhador não-manual, é geralmente estipulado nos contratos de base mensal ou anual para as categorias superiores, e é pago por quinzena ou mês. O 'wage', típico dos operários, é calculado por hora ou por dia de trabalho, e pago, em geral, por dia ou por semana." (BORDA, Vera. Nota da tradutora. In: MILLS, Charles Wright. *A nova classe média*. op. cit. p. 10)

¹⁹⁸ BLUMIN, Stuart M. *The emergence of middle class - Social experience in the American city, 1760-1900*. op. cit. p. 68.

¹⁹⁹ ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [February, 1903] In: _____. *Early writings*. op. cit. p. 21.

degringolava em exploração acentuada, não implicava opressão estrutural, nem permitia "atalhos" ou "artimanhas" desleais. Encontrando-se no palco da vida social e econômica como indivíduos, os *midwesterners* concorriam entre si, e por estarem gozando de condições razoavelmente equânimes, era a performance individual e subjetiva de cada um que garantiria os louros, tanto os materiais quanto os sociais, seja pelo reconhecimento da hombridade, seja pela unção moral disto advinda. Era esse o jogo em que os meninos tomavam parte para se tornarem homens, pois "(...) os americanos vão para o trabalho tão naturalmente com que garotos vão a um jogo de futebol".²⁰⁰

Enquanto as bases mais tradicionais do modo de vida do Meio-Oeste não foram abaladas pela industrialização e pelo desenvolvimento da vida urbana, e enquanto a dispersão e a "pequenez" econômica não foram subordinadas pela concentração financeira do pós-Guerra Civil ou pelo açambarcamento institucional federal, parece que a concorrência individual não foi sinônimo de exploração ou de opressão. Ou pelo menos não de um modo sistemático ou ostensivo. Os "ganhadores" não tornavam-se magnatas opressores a atravancar o caminho próprio da "competição"; e tampouco os "perdedores" tornavam-se seres subservientes e miseráveis. Foi a acentuação das classes sociais que mudou o significado histórico dessas relações sociais de produção. O "jogo" que os Oitocentos ensinaram a Sherwood era a concorrência que coroava a autoconfiança dos mais astuciosos ou educava a humildade dos que não haviam se obstinado o suficiente. Por isso é que, a ele (em termos demasiado romantizados, sim), o "jogo" era construtivo e não destrutivo, edificante e não castrador; e o que ele construía era, simultaneamente, a prosperidade e a hombridade, a estabilidade material e moral. Era um "jogo" muito diferente daquele que conheceria anos mais tarde, quando escreveu que "O grande movimento da indústria moderna (...) tornara-se (...) um grande jogo de azar sem sentido, jogado com dados viciados contra um público crédulo."^{201 202}

Por conta disto é que a competição que o "jogo" importava à vida econômica e social do Meio-Oeste era "construtiva": o aspecto mais saliente dela parece ter sido a o potencial constitutivo que ela proporcionava ao indivíduo que se sobressaía, ao coroar-lhe com os louros materiais, morais e mesmo espirituais. Noutros termos, a competição

²⁰⁰ ANDERSON, Sherwood. *The man and the book* [December, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 65.

²⁰¹ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 251.

²⁰² É preciso lembrar que dizemos tudo isto em referência aos novo-ingleses e americanos de origem europeia, e não aos nativos indígenas e aos escravos africanos, uma vez que estes desde há muito tempo experimentavam relações sociais de exploração e de violência sistemáticas. A "concorrência" destas estava longe de ser leal, como as cifras referentes à sua subordinação e ao seu extermínio o demonstram. Vide o capítulo 7 do supracitado livro de Howard Zinn, por exemplo.

era muito mais a sagração de um do que a derrota do outro, sobretudo porque nas condições concretas da vida estadunidense dos Oitocentos a vitória daquele um não precisa necessariamente implicar a derrota daquele outro, ou pelo menos não em termos permanentes nem destrutivos. Significativamente, nos artigos supramencionados o termo "winner" (vencedor) é muito frequente, enquanto "loser" (perdedor) praticamente não aparece; o antônimo daquele, ao que parece, é "quitter" (o desistente).

Em razão dessas circunstâncias é que quando se volta para a história pregressa do mundo semi-urbano, semi-agrário de sua infância no fim dos anos 1910, buscando recobri-lo com os véus pastorais, Sherwood concede uma função algo mitológica ao trabalho. Com esmero ele cuida para salientar (ostensivamente) o quanto o trabalho esculpia as feições dos indivíduos, isto é, como esse trabalho pedra de toque entre o cidadão e a nação, entre o indivíduo e a humanidade universal, criava sujeitos de larga envergadura, afinal, como ele diz, "os Estados Unidos são o tipo de país que cria homens fortes, está repleto de maravilhosas oportunidades".²⁰³

Um ótimo exemplo disto está na forma como ele constrói o pano de fundo de uma das historietas de seu mais famoso livro, *Winesburg, Ohio* de 1919, acompanhando os prolegômenos do estabelecimento da família Bentley, coincidente com o trabalho de arroteamento do Meio-Oeste que fora realizado ao longo do século XIX (e pelos seus ascendentes familiares e históricos):

A família Bentley estabelecera-se no norte de Ohio muitas gerações antes (...). Tinham vindo do estado de Nova Iorque e compraram terra quando a zona era nova e a terra podia ser adquirida a baixo preço. Durante muito tempo viveram em extrema pobreza, como toda a gente do *Middle West*. A terra onde se haviam instalado tinha boas matas, era coberta de toros derrubados e arbustos. Depois do longo e rude trabalho de limpar o terreno e cortar a madeira, ainda ficavam os tocos. Os arados, ao cortarem os campos, topavam com raízes ocultas; havia pedras por toda a parte, a água se acumulava nos lugares baixos e o trigo novo ficava amarelo, fenecia e morria.²⁰⁴

Assim como os antepassados Anderson e amplo contingente de lavradores jeffersonianos, os Bentley estavam assentando as bases de sua existência naquele lugar, e Sherwood usa a narrativa para fazer o leitor acompanhar-lhes no processo. É dito que apesar de parte do arroteamento ter sido concluída, os recém-chegados na nova terra foram se aclimatando ao trabalho bruto que aquela colonização exigia: Jesse Bentley,

²⁰³ ANDERSON, Sherwood. *Business types* [March, 1904] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 74.

²⁰⁴ ANDERSON, Sherwood. **Winesburg, Ohio**. Tradução de James Amado e Moacir Werneck de Castro. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 45.

seus irmãos e seu pai"(...) se aferraram à velha tradição e trabalharam como animais de carga."²⁰⁵

O trabalho que haviam de realizar ali, "no norte de Ohio", exigia grande força física e disposição, sobretudo na medida em que se tratavam de atividades manuais (derrubada de mata, destoca, limpeza do terreno, retirada de pedras, primeiras araduras etc.) que levavam razoável tempo e eram feitas com poucos recursos tecnológicos. A natureza daquele trabalho exigia uma dedicação custosa e integral, e uma que acabou por talhar suas feições em sentido amplo, de modo que

Os quatro rapazes da família trabalhavam com afinco durante todo o dia nas plantações, comiam abundantemente uma comida grosseira e gordurosa e de noite dormiam como animais cansados, em colchões de palha. Em suas vidas havia pouca coisa que não fosse grosseira e brutal, e eles próprios tinham um aspecto brutal e grosseiro. Nas tardes de sábado atrelavam cavalos a uma carroça (...) e abalavam para a cidade. Ali deixavam-se ficar perto das estufas, das casas de negócio, conversando com outros fazendeiros ou com os comerciantes. (...) Tinham dificuldade de falar e por isso se mantinham quase sempre em silêncio. (...) Sob a ação da bebida desatava-se a exuberância naturalmente forte do seu temperamento, mantida em recalque sob o trabalho heróico de arrotear a terra nova. Apoderava-se deles uma espécie de fervor poético, um fervor cru e animal.²⁰⁶

O trecho acima poderia passar por uma descrição, entre realista e romântica, naturalista e pastoral, do cotidiano dos antigos colonos celebrados pela Democracia Jeffersoniana. Notemos que no narrado há menos uma descrição do que *de facto* faziam esses "quatro rapazes da família Bentley" em seu labor, e mais uma descrição do tipo de sujeito que esse labor acabava por criar. Vibrando na mesma frequência das tradições do "Evangelho do trabalho" e do individualismo de que é herdeiro, Sherwood insiste em demonstrar que a faina do arroteamento resultava não somente em campos abertos e terra lavrada, mas que produzia também homens, sujeitos com certo perfil, certo espírito, certas características subjetivas, certa têmpera moral.

A passagem acima tem algo de dúvida, é difícil negá-lo.

De um lado, há uma admiração para com esses sujeitos, pois eles são "heróicos", "poéticos", de "temperamento forte". De outro, eles parecem carecer de certa porção de humanidade, solicitando para que se os descreva referências retiradas da natureza, primitivas: "dormiam como animais cansados", "tinham aspecto brutal e grosseiro", "tinham dificuldade de falar" e sob o efeito da bebida vinha à tona certo "fervor" que possuíam, descrito como "cru e animal".

²⁰⁵ Idem, *ibidem*.

²⁰⁶ Idem, pp. 45-46.

Pensando em termos comparativos, pode-se dizer que a obstinação dos Bentley no que tange ao trabalho ("trabalhavam com afinco") é análoga à diligência que caracteriza Sam McPherson, o jornaleiro dedicado de *Windy McPherson's son*, e que faz de McGregor um trabalhador aferrado à disciplina e à constância em *Marching men*. Por isso é que dizemos que o que une os Bentley aos personagens pregressos de Sherwood é também aquilo que une as duas dimensões aparentemente contraditórias de seu ser: o trabalho. O mesmo trabalho descrito como "heróico", que lhes esculpe o "temperamento forte" e lhes concede o "fervor poético", é o trabalho que lhes dá o "aspecto brutal e grosseiro", que lhes concede o "fervor cru e animal". Por efeito daquela curiosa alquimia que mencionamos outrora, catalisada pelo sentido histórico do trabalho naquela sociedade, aquilo que brutaliza também eleva, aquilo que amarra ao chão também faz transcender.

Os Bentley trabalhavam até o limite da exaustão (tanto que "dormiam como animais cansados"), de modo que, ainda que pese sua brutalização animalesca, eles são elegíveis para as benções do "Evangelho do trabalho". Sherwood Anderson construiu grande parte da sua galeria de personagens entremeando sua disposição ao trabalho com sua envergadura moral e sua ânsia de transcendência. Por isso é que mesmo quando o trabalho concede um "fervor cru e animal" àquele que o executa, esse fervor não deixa de ser "poético"; mesmo quando a atividade econômica exercida é prosaica como a venda de jornais ou o carregamento de barris num armazém, ela não é enxergada com maus olhos, como se diminuísse ou rebaixasse seu realizador. Pelo contrário, ela é vista como a oportunidade para transcender, para "fazer-se a si mesmo", realizar-se no sentido amplo que a tradição laboral dos Oitocentos garantia.

A crueza e a animalidade a que Sherwood se refere no trecho acima são descritas como geradoras de uma "exuberância", uma rusticidade prosaica que foi sustentada como uma espécie de emblema, marca distintiva que o escritor buscou tomar como substrato de uma certa identidade nacional estadunidense. É sobre essa marca, no que ela tem de materialidade histórica e no que ela tem de inventividade folclórica, que se funda a mitologia do "grotesco" de Sherwood Anderson.

Ainda que a Guerra Civil e a Era da Reconstrução tenham seus vultos historiográficos amplamente fundamentados na oposição entre o Sul e o Norte, o pensamento de Sherwood Anderson na segunda metade do século XIX pautava-se com mais intensidade na oposição entre Leste e Oeste, em especial dentro das noções de "Leste novo-inglês" e "Meio-Oeste americano". Esta oposição encontrava-se assaz

estruturada sobre formações sócio-históricas diferentes, nas quais a distinção entre comércio e agricultura, entre aristocrata e pequeno proprietário, entre manufactureiro e artesão de ofício, e também entre campo e cidade, encarnam alguns dos pontos de choque dialético. Ao longo do processo histórico no qual se estabeleceu a Nova Inglaterra no século XVIII e em que se colonizou o Meio-Oeste no XIX, processo esse trespassado pela verticalidade momentosa da Independência, cresceu uma distinção que não raro opunha a bruteza resultante do "arroteamento da terra nova" ao refinamento velho-mundista que grassava o Leste dos Apalaches. A "exuberância" bruta tornou-se pouco a pouco o distintivo americano, caráter cuja troca novo-inglesa a experiência americana esforçava-se para converter em louros.

Se colocarmos duas figuras do transcendentalismo estadunidense lado a lado, Jonathan Edwards e Walt Whitman, não havemos de perceber precisamente isto? De um lado, tem-se o puritanismo do primeiro, do século XVIII, que parecia saído diretamente de uma sessão da Câmara dos Lordes; de outro, tem-se o pitoresco do último, de meados do XIX, que facilmente passaria por um lavrador jeffersoniano na juventude, ou um Merlin arraiano na velhice, sequioso de cantar o "homem completo, inconquistável e simples".²⁰⁷ Edwards, emperucado e de toga; Whitman, de camisa aberta, mangas arregaçadas e barba farta: o refinamento aristocrático de um e a bruteza sensível do outro. Não há uma transição similar entre Emerson e Thoreau, mestre e discípulo, quando se vai dos ares vitorianos do primeiro aos às feições curtidas pela vida rústica do último? A literatura de Sherwood Anderson, galvanizada pelo sentido histórico do trabalho, está transida por essa mesma oposição formativa.

Na tensão entre Leste e Oeste flagra-se uma tensão entre Velho e Novo Mundos, entre Europa e América. Henry James foi o cronista por excelência dessa tensão formativa, mas o contato com a novelística moderna contribuiu para mantê-lo espiritualmente mais próximo da margem oriental do Atlântico, enquanto a crueza narrativa de Sherwood Anderson fez com que ele se mantivesse teimosamente "americano", ascendência que ele não cansou de reivindicar para si.²⁰⁸ Os dois escritores tinham sobre si uma muito parecida égide histórica, mas responderam a ela cada qual a seu modo e a partir de suas próprias experiências, o que os fez arvorarem em direções bastante diversas.

²⁰⁷ WHITMAN, Walt. **Folhas de relva (edição de 1855)**. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 13.

²⁰⁸ Vide a recorrência dos termos "America" e "American", e de temas condizentes, nos títulos de seus escritos, conforme anteriormente listamos.

Há nas obras de Sherwood uma estreita ligação entre aquela noção de trabalho duro e obstinado oitocentista e a identificação com o "ser americano", fundidas ambas na bruteza poética dos personagens que perambulam pelas páginas de sua ficção. Se foi a ocupação do Meio-Oeste que consolidou o tipo de formação socioeconômica e o tipo de homem de que viemos tratando aqui, e se foi esse movimento histórico que consolidou tanto a realidade material do trabalho quanto seus sentidos subjetivos, a bruteza obstinada constitui-se numa das características marcantes da identidade estadunidense. Na dialética histórica posta pelo movimento rumo ao Oeste nos Estados Unidos, experimentava-se um afastamento gradativo, ora orgulhoso da própria simplicidade rústica, ora rancoroso com o aristocratismo novo-ingleses, com sua civilização urbana e comercial - Sherwood, em 1918, escreveu com hostilidade contra os "deuses da Nova Inglaterra".²⁰⁹

Mesmo que essas imagens e estereótipos possam nos afastar das verdades históricas, nublando ou tipificando demasiado as realidades sociais, elas têm a vantagem de apontar para problemas de ordem histórica. Nesse caso, elas aparecem como indícios da leitura do escritor acerca da situação em que se encontrava e perante as contradições com as quais era confrontado. Uma vez que dentro do histórico de formação da sociedade do Meio-Oeste a domesticação da natureza foi uma das dimensões principais do estabelecimento e da continuidade de sua existência, e que para esse trabalho não puderam os pequenos proprietários contar com muito mais do que suas próprias reservas de força e disposição, parece ter-se desenvolvido uma certa valoração social em torno dos que pudessem trabalhar diligentemente e, como disse Sherwood, "heroicamente". Esse trabalho, não gozando de fontes de energia ou elementos tecnológicos que fossem muito além das disponibilizadas pelos próprios homens e seus músculos, acabou se materializando numa batalha individual ou familiar contra a natureza, revestida na cultura estadunidense ora de ressonâncias épicas, ora de ressonâncias transcendentalistas; ora introspectiva, ora panteístas.

Em tais circunstâncias, o trabalho era compreendido tanto como uma luta de sobrevivência quanto uma atividade de doma, tendo sido comumente acoplado subjetiva e socialmente a um significado de mérito individual, donde o orgulho dos personagens de Sherwood quanto às suas atividades, por mais prosaicas ou embrutecedoras que elas pudessem ser. Embrutecer-se, de certo modo, significa ter sobrevivido a uma provação,

²⁰⁹ ANDERSON, Sherwood. **Mid-American chants**. op. cit. p. 70.

aos olhos do escritor um motivo de orgulho e não de baixeza ou vileza. Não à toa que, em *Marching men*, "Beaut" McGregor tem curioso orgulho transcendente de sua bruteza, recriminando os brutos (!) mineiros por deixarem-na torná-los rasteiros e medíocres, pois se por um lado detesta o trabalho de padeiro, não deixa de admirar-se da forma física que ele lhe dava: "Amolgando a massa, seus braços e suas mãos tornaram-se fortes como os de um urso."²¹⁰

Esta é a "velha tradição de trabalhar como animais de carga" que Sherwood mencionou no conto supracitado, pois se a colonização da região entre a Nova Inglaterra e o rio Mississippi se deu dentro de quadros tecnológicos rudimentares e dentro de uma natureza bravia, aos sujeitos que a protagonizaram cabem os louros, que o escritor lhes concede. Esses louros, contudo, não correspondem à imagem clássica da coroa folhosa, mas são um elemento que insistentemente percorre as páginas dos livros de Sherwood Anderson: as mãos calejadas e a forma física rija, magra e forte.

O segundo conto de *Winesburg, Ohio* intitula-se "Mãos" ("Hands")²¹¹ e encaminha essa solução que é tão estética quanto histórica.

Como praticamente todas as narrativas da coletânea de 1919, esta apresenta e esculpe as características de um personagem, nesse caso Wing Biddlebaum. Este era um sujeito "encurvado", "silencioso", "assustado" e "tímido" que, por sua natureza nervosa e rústica, "(...) quando conversava (...) cerrava os punhos e batia com eles na mesa ou nas paredes da casa",²¹² e "Se lhe vinha o desejo de falar quando passeava (...) pelo campo, procurava um tronco de árvore ou um mourão de cerca para dar socos - e então se exprimia com mais facilidade."²¹³ Seus modos rústicos faziam com que, antes de palavras, Biddlebaum se expressasse melhor com as mãos, as quais, apesar da tentativa dele de pô-las nos bolsos ou atrás das costas, "(...) vinham para a frente e começavam a funcionar como alavanca de êmbolo em sua máquina de expressão."²¹⁴ É para esse sujeito rústico e embrutecido que Sherwood se volta para encontrar seus personagens, e são suas mãos, com sua linguagem corpórea, mais do que sua inteligência sofisticada ou sua retórica azeitada, que o tornam digno de figurar como literariamente expressivo aos olhos do escritor. A sua bruteza aparente se contrasta com sua delicadeza íntima, sua falta de jeito com as palavras não o torna um bronco desajeitado, mas é exatamente a

²¹⁰ ANDERSON, Sherwood. *Marching men*. op. cit. p. 25.

²¹¹ ANDERSON, Sherwood. *Winesburg, Ohio - A group of tales of Ohio small-town life*. New York: B.W. Huebsch, 1919. pp. 7-17.

²¹² ANDERSON, Sherwood. *Winesburg, Ohio*. op. cit. p. 14.

²¹³ Idem, ibidem, p. 15.

²¹⁴ Idem, ibidem.

partir dela que Biddlebaum encontra sua virtude espiritual. Num interessante jogo de contraste estético, Sherwood torna a bruteza de seu personagem no elemento que o torna sensível.

Esse efeito literário encontra-se lastreado na tradição histórica que buscamos rastrear se formando na região de Ohio desde o fim do século XVIII e início do XIX. A "delicadeza do bruto", se assim pudermos designar esse recurso (ou "bárbara polidez", como sugeriu o crítico Lionel Trilling)²¹⁵ constitui-se num dos mais recorrentes e interessantes mecanismos de realização artística e literária de Sherwood Anderson.²¹⁶ Buscando alcançá-la é que o escritor utilizou, especialmente em *Winesburg, Ohio*, as mãos como um elemento descritivo recorrente, e descritivo não somente de realidades objetivas e realistas mas também de caracteres simbólicos e morais.

Há exemplos abundantes disso no livro.

No conto "Bolinhas de papel" ("Paper pills") o protagonista é o dr. Reefy, um sujeito de "mãos enormes",²¹⁷ um tanto taciturno e de hábitos estranhos, mas que na sua simplicidade e na sua natureza prosaica mostra-se sensível, solidário e curioso, como praticamente todos os personagens de *Winesburg, Ohio*. Assim como grande parte dos outros membros dessa galeria, o dr. Reefy tem suas mãos descritas com detalhes: "Os nós dos dedos do médico eram extraordinariamente grossos. Suas mãos, quando fechadas, pareciam cachos de bolas de madeira, do tamanho de nozes, ligadas umas às outras por hastes de aço."²¹⁸ Numa direção muito parecida encontra-se a descrição de Handby, garçom de um estabelecimento em Winesburg, o qual é talhado por Sherwood através do preciso parágrafo: "Handby era alto e espadaúdo, com cerca de trinta anos, e morava nos altos do café de Ed Griffith. Tinha punhos fortes e uns olhinhos miúdos, porém sua voz, como a esconder a rijeza dos punhos, era macia e calma."²¹⁹

Quando descrevem-se as primícias do amor de George e Louise, no conto "Ninguém sabe" ("Nobody knows"), é às mãos que recorre Sherwood, juntamente à imagem expressiva de um calçamento civilizado que se torna selvagem pela ação das ervas daninhas: "Começaram a passear ao longo de uma estreita calçada de tijolos, entre cujas fendas crescia o capim. Faltavam alguns tijolos e a calçada era áspera e irregular.

²¹⁵ TRILLING, Lionel. **Literatura e sociedade - Ensaaios sobre a significação da arte e da ideia literária**. op. cit. p. 42.

²¹⁶ Talvez haja um parentesco entre "Wing" Biddlebaum e o gigante Lennie Small, da novela *Ratos e homens* (1937), do escritor John Steinbeck. O fato de ambos os personagens terem nascido no rescaldo de graves transformações econômicas contribui para reforçar essa suposição...

²¹⁷ ANDERSON, Sherwood. **Winesburg, Ohio**. op. cit. p. 20.

²¹⁸ Idem, ibidem.

²¹⁹ Idem, p. 142.

Ele tomou-lhe a mão, que também era áspera, achando-a deliciosamente pequena."²²⁰ Imagem aparentada a essa é apresentada, também recorrendo ao recurso das mãos e às analogias com a natureza, no conto "Tom Foster se embriaga" ("Drink"), no qual a avó do personagem é assim descrita:

Durante cinco anos esfregou o chão de um prédio de escritórios e depois empregou-se como lavadora de pratos num restaurante. Com o trabalho suas mãos haviam-se deformado. Quando pegava numa vassoura ou num esfregão, suas mãos lembravam uma trepadeira seca agarrada ao tronco de uma árvore.²²¹

Os irmãos Bentley, personagens discutidos anteriormente (dos contos "Godliness" e "Surrender"), também apresentam esse elemento literário. É dito que nas tardes de sábado, quando os extenuados trabalhadores iam às cidades, eles colocavam-se perto das estufas e, envergando seus "macacões" ou seus "pesados capotes salpicados de lama", "(...) estendiam para as chamas da estufa [*suas mãos, as quais*] (...) eram gretadas e vermelhas."²²² Característica similar é atribuída ao personagem Ray Pearson, trabalhador rural do conto "A secreta mentira" ("The untold lie"), assim descrito por Sherwood: "Ray era um homem quieto, um pouco nervoso, de cerca de cinquenta anos, com uma barba castanha e ombros um tanto encurvados pelo trabalho demasiadamente árduo."²²³ Além disso, Sherwood o descreve, em relação ao seu parceiro de lida rural, Hal Winters, dizendo que "(...) era o mais sensível dos dois e prestava mais atenção às coisas, tinha as mãos gretadas, o que lhe causava dores." E como suas mãos calejadas não eram empecilho, mas aparentemente condição, para que fosse Ray um sujeito sensível e profundamente humano, sobre ele segue a narrativa:

Enfiou-as [*as mãos*] nos bolsos do paletó e pôs-se a olhar os campos. Estava triste e abatido. A beleza do ambiente infundia-lhe sentimentos de ternura. Para entender seu sentimento é preciso conhecer as cercanias de Winesburg no outono, quando os outeiros se salpicam de amarelo e vermelho.²²⁴

Algo parecido se passa em "Solidão" ("Loneliness"), quando Enoch Robinson, o confuso artista que depois de andar por Chicago voltara para Winesburg, tenta explicar a outro personagem como era a mulher misteriosa por quem se apaixonara intensamente. Ele diz: "- Aquela mulher me produzia certa impressão. (...) Falávamos

²²⁰ Idem, p. 42.

²²¹ Idem, pp. 167-168.

²²² Idem, p. 45.

²²³ Idem, p. 160.

²²⁴ Idem, p. 162.

somente de pequenas coisas, mas eu não podia permanecer quieto, sentado. Sentia vontade de acariciá-la, de beijá-la. Suas mãos eram tão forte e seu rosto era tão bom!"²²⁵

Num sentido diferente, mas ainda repousando sobre as mãos como recurso descritivo, encontra-se uma passagem em que Elizabeth Willard, uma mulher doente e atormentada, tem suas mãos descritas como "brancas", e posteriormente assim complementada: "Junto à janela estava a mulher doente, completamente imóvel, alheia a tudo. Suas longas mãos, brancas e exangues, pendiam das extremidades dos braços da cadeira."²²⁶

Embora em cada uma dessas situações as mãos respondam, literariamente, a um determinado tipo de "função" estética e descritiva (ora mais realista, ora mais simbólica) e dependendo do personagem e da situação, em praticamente todos esses casos o estado das mãos dos personagens carrega indícios fortes sobre seu retrato moral e espiritual, sobre o tipo de visão e valor que se constrói ao redor deles. Na literatura de Sherwood Anderson as mãos são elementos que descrevem tanto caracteres físicos dos personagens, quanto (e arriscamos dizer que principalmente) atributos de ordem subjetiva e moral. Como as mãos de um trabalhador, elas são evidência de sua inserção no mundo do trabalho e também uma espécie de cicatriz que eles carregam por suportarem esse fardo. Essa natureza ambígua provavelmente apresentou-se a Sherwood como um rico recurso literário, de plasticidade e expressividade.

Se olharmos para os personagens de Ray Pearson, dos irmãos Bentley, do dr. Reefy e da avó de Tom Foster (por exemplo), veremos que suas mãos "gretadas", "grossas", "fortes" e "rijas" indicam algo sobre a natureza espiritual e subjetiva deles, quase sempre ressaltando sua humanidade com base nesse sutil recurso. No caso da mulher misteriosa de Enoch Robinson e nas impressões de George com relação a Louise, veremos que as mãos "grandes" e "ásperas" são dadas a qualquer tipo de erotismo e sensualidade, no mínimo uma volúpia insinuada. E, finalmente, no caso de Elizabeth Willard, as mãos "brancas", "longas" e "exangues" exprimem o estado cansado, doente e atormentado da personagem.

Diante disso, retomemos o argumento anterior em forma de pergunta: porque as mãos, nos escritos de Sherwood Anderson, carregam essa carga simbólica e expressiva com relação ao estado psicológico, moral, espiritual, enfim, subjetivo, dos personagens que as possuem?

²²⁵ Idem, p. 138.

²²⁶ Idem, p. 27.

Sustentamos que esse recurso literário só funciona em diálogo com a realidade histórica em que o autor viveu e se formou, no limiar entre ficção e realidade, e que nesse sentido encontra-se estreitamente atrelado à evolução e sedimentação dos sentidos do trabalho naquela sociedade. Conforme buscamos discutir até aqui, as concepções sobre o trabalho que foram construídas nos Estados Unidos no século XIX, especialmente na região onde nasceu e cresceu Sherwood Anderson, estavam fortemente ligadas à capacidade e à disposição individual de trabalhar, as quais acabavam se tornando como que "índices de moral" subjetivamente cultivados e socialmente reconhecidos. Num sentido geral e pedestre, ter as mãos calejadas, gretadas, grossas, rijas, fortes, grandes (etc.) indica a realização de atividades laborais mais, digamos, braçais. Ter as mãos calejadas indica participar de uma determinada prática materialmente localizada e socialmente sustentada, a qual constituía parte fundamental da tradição cultural dos Oitocentos estadunidenses, do "Evangelho do trabalho".

É nesse sentido e com base na ligação historicamente soldada entre "trabalho" e "moral", portanto, que o recurso literário de Sherwood Anderson torna-se operante, pois nessas circunstâncias as mãos indicam mais do que sua própria condição física e anatômica. Como prosperidade material e disposição individual para o trabalho tendem a estar mais próximos naquela estrutura econômica, e como tal arranjo existiu por tempo o suficiente para fazer escola na tradição cultural daquela região, as anatomias física e espiritual tendem a estar muito mais conformes do que apartadas. A celebração do trabalho, bem como a valorização da diligência e da obstinação laboral acabam por fundir a bruteza corporal com a exuberância espiritual numa pitoresca conjunção literária, a qual lança luz sobre porções determinantes da experiência nacional estadunidense naquele início de século, tanto quanto sobre seu mundo do trabalho.

Amalgamando ideias pastorais com uma curiosa verve naturalista, como se Zola tomasse às mãos cajado e lira e se pusesse a tanger ovelhas, Sherwood faz da bruteza primitiva um indício de sensibilidade humana. Aquelas misteriosas forças da terra que no naturalismo bestializam o homem, galvanizando-o em criatura horrenda e viciosa (como não lembrar do *La terre?*), em Sherwood se metamorfoseiam sob a égide do otimismo liberal e jeffersoniano, tornando-se benfazejo escopo para que o trabalho brutalize e humanize, tudo a um só tempo, concedendo a calejada envergadura mítica que o escritor usa como matéria-prima do substrato nacional.

É provável que em nome dessa razão o romancista William Faulkner tenha dito que o avô literário de Sherwood era Herman Melville,²²⁷ e não Nathaniel Hawthorne ou Washington Irving: encontraremos um parentesco maior em relação aos personagens de Sherwood nos brutos *nantucketeers* de *Moby Dick* do que nos *knickerbockers* dos escritos de Irving ou nos (ím)pios puritanos da Massachusetts de Hawthorne. A rusticidade de seu trato e sua linguagem monossilábica e gutural, ainda mais quando postos da acabrunhante faina do baleeiro *Pequod*, estavam em maior consonância com os grotescos habitantes da ficcional Winesburg.

Por isso é que, além das mãos dos personagens, Sherwood também propõe articulação parecida com relação ao corpo e à forma física num sentido geral. Vejamos.

São comuns as menções que o escritor faz ao talhe físico esculpido pelo trabalho. Em *Windy McPherson's son*, depois de certas amarguras que passa na cidade de Chicago (as quais discutiremos no capítulo II), Sam McPherson resolve devotar-se ao trabalho braçal como que para purgar-se de certos fantasmas que o estavam assolando. É assim que ele descreve suas intenções e objetivos:

Ele disse que queria trabalhar à céu aberto, não pelo dinheiro que ganharia, mas porque sua barriga estava grande e suas mãos tremiam pela manhã. (...) 'Eu quero trabalhar duro dia após dia para que meus músculos fiquem firmes e para que o sono venha a mim à noite.'²²⁸

Como Sherwood cultivava determinados valores e sentidos para o trabalho, a estratégia existencial de Sam surte resultados. E isso de tal modo que é a partir dessa dedicação fervorosa ao trabalho braçal é que Sam parece encontrar a redenção que buscava, a qual se manifesta tanto em seu espírito quanto em seu corpo:

(...) ele queria paz e algo como a felicidade, mas mais do que tudo, ele queria trabalho, trabalho real, trabalho que lhe demandasse, dia após dia, o melhor de si, de modo que ele precisasse constantemente renovar os melhores impulsos de sua mente. Ele estava no topo de sua vida, as poucas semanas de duro esforço físico pregando e carregando madeira haviam começado a restaurar em seu corpo a esculturalidade (shapeliness) e a força (...)²²⁹

Nessas duas passagens do romance de 1916 pode se perceber novamente, a exemplo dos primeiros trechos desse livro apresentados no início do capítulo, aquela ligação entre trabalho (especialmente se braçal ou fisicamente exigente) e algo como uma transcendência ou pelo menos intensa satisfação subjetiva. Aqui isso ainda vem

²²⁷ FAULKNER, William. *Sherwood Anderson: An appreciation*. In: WHITE, Ray Lewis (org.). **The achievement of Sherwood Anderson - Essays in criticism**. op. cit. p. 195

²²⁸ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 260.

²²⁹ Idem, ibidem, p. 278.

entrelaçado com a forma física. A dedicação ao labor materializa-se na "esculturalidade" e na "força" do corpo, de modo que esses atributos, quando aparecem na literatura de Sherwood, se refiram tanto a detalhes descritivos de ordem objetiva quanto de ordem subjetiva.

Dentro dessa mesma lógica histórica encaixa-se o cântico "Mid-American prayer" ("Prece do Meio-Oeste Americano", em tradução livre), de 1918, em que o eu-lírico não somente conclama os homens a abandonarem os deuses novo-ingleses e abraçarem os deuses do Meio-Oeste, mas também escreve, num tom algo messiânico:

Eu e meus homens nos levantamos, mas tornamo-nos gordos. Nós vivemos em casas na cidade e esquecemos os campos e a oração - os sons escondidos, as visões, o cheiro de coisas antigas.
Agora estou envergonhado e muitos de meus homens também o estão.
Não posso dizer quão fundo cala minha vergonha.
Eu caminho pelas ruas vendo meu corpo elegante e minhas mãos gorduchas com vergonha.²³⁰

A rijeza dos músculos indica a dedicação ao trabalho e, dentro da lógica histórica que discutimos, a conquista da virtude; enquanto as "mãos gorduchas" e a perda da esculturalidade corporal, dentro da mesma lógica, são indícios de uma decadência moral, uma frouxidão que se espalha como que do corpo para o espírito. Por mais que haja uma apropriação e uma reelaboração de ordem literária em torno dessa questão, o sentido histórico do trabalho encontra-se insinuado e mantido em suspensão como em outros escritos de Sherwood Anderson.

Há aqui um complexo compasso mantendo-se em pé.

Esse compasso agrega na literatura de Sherwood os tempos fortes de uma tradição cultural e laboral que longevamente sobreviveu nos Estados Unidos com base numa estrutura econômica dispersa em pequenas unidades e socialmente professada como mentalidade, costume cultural e como eixo da política institucional. Tal tradição embebeu o trabalho de dimensões morais e espirituais, concedendo a ele um certo potencial de transcendência e de prosperidade, concorrendo íntima e fisicamente para o cruzamento do limiar que separa a infância da vida adulta, a criança do homem feito. Tornada modo de vida, a tradição sobreviveu historicamente e foi responsável pela conformação de gerações de norte-americanos dentro de um certo sentido histórico do

²³⁰ ANDERSON, Sherwood. **Mid-American chants**. op. cit. p. 70)

trabalho,²³¹ o qual foi transformado em literatura pela pena convicta de Sherwood Anderson.

Esse compasso, por outro lado, também agrega a trajetória particular de um escritor com os destinos históricos de uma sociedade. A situação familiar e doméstica experimentada por Sherwood na infância, em especial em relação ao pai, acabaram fazendo-o travar contato com o mundo do trabalho e ali talhar suas concepções sobre o labor, sobre sustentar-se e viver. A figura paterna é uma das chaves nesse sentido, pois serviu de contraponto moral ao rapaz que, posteriormente, tornar-se-ia escritor: sua "falta de disciplina" laboral oferecia o anti-modelo do que buscaria Sherwood, e foi em tal esteira existencial que ele passou a acolher como seus os sentidos do "Evangelho do trabalho". Em outros termos, a situação particular de Sherwood forçou-o a lançar-se ao mundo social e econômico do último quartel do século XIX, para ali fazer-se o sujeito histórico cujas percepções e inconsciências tomamos como material de análise dessa tese.

* * *

Oriundo de uma realidade econômica em que imperavam as pequenas unidades econômicas e sua dinâmica, em meio a um processo histórico de domesticação da natureza bravia, e em tensão constante (não raro opositora) com uma tradição cultural herdada do Velho Mundo e das porções atlânticas, o sentido do trabalho acalentado por Sherwood encontra-se marcado pela dialética de uma transição estrutural.

Essa dialética se acentua de maneira quixotesca conforme, ao que parece, o escritor mais se agarrou aos velhos sentidos do trabalho tanto mais eles eram postos em xeque pela modernidade industrial, urbana, monopolista. Curiosamente, no entanto, o que faz Sherwood Anderson quixotesco é, em parte, a recusa de certas medidas e refinamentos que Dom Quixote, atento à etiqueta da decadente cavalaria, tomava como seus. O quixotesco de Sherwood é, dentre outras coisas, sua cultivação (um tanto sofisticada, paradoxalmente) da bruteza como traço definidor de caráter, como espécie

²³¹ O próprio Steinbeck, anteriormente citado, em sua obra-prima *As vinhas da ira*, de 1939, reforça a hipótese da longevidade dessa tradição quando escreve: "A última função clara e definitiva do homem – músculos que querem trabalhar, cérebro que quer dominar o simples desejo – isto é o homem. Construir um muro, construir uma casa, um dique, e botar nesse muro, nessa casa, nesse dique algo do homem, e retirar para o homem algo desse muro, dessa casa, desse dique; obter músculos duros à força de movê-los, obter linhas e formas elegantes pela concepção. Porque o homem, mais do qualquer coisa orgânica ou inorgânica do universo, cresce à força de seu próprio trabalho, galga os degraus de suas próprias idéias, emerge à força de suas próprias habilitações." (STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. Tradução de Ernesto Vinhaes e Herbert Caro. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 201)

de atestado de uma espécie de pureza primitiva, sadiamente livre da corrupção que afetava a civilização urbana, comercial e crescentemente industrial, a "vida moderna" e sua "falta de sentido",²³² diversas vezes encarnada simbolicamente na Nova Inglaterra.

Inversamente ao fidalgo de La Mancha, o escritor de Ohio quer afastar-se da etiqueta e das cortesances, dos "livros e dos ditos espirituosos dos novo-ingleses",²³³ das "palavras gastas e tortuosas",²³⁴ da "hipnose do abre-e-fecha dos maxilares",²³⁵ mantendo-se o mais "exuberante e poeticamente" bruto que puder, e mesmo sob a pena de tornar-se brejeiro em sua busca obstinada por certa pureza rústica e ao mesmo espiritualizada, atingida somente de forma canhestra. Ali onde o belo e o aberrante se tocam é que nasce o "grotesco" que Sherwood torna a base de seu livro de 1919, fato estético tanto quanto histórico.

O próprio William Faulkner, que convivera durante algum tempo com Sherwood Anderson em New Orleans, escreveu uma apreciação em que menciona essa pureza que o escritor acalentava em suas visões e buscava em seus escritos. Faulkner escreve que Sherwood costumeiramente relatava um sonho que tivera: sonhara que andava com um cavalo por uma estrada e que queria trocar esse cavalo por uma noite de sono, não simplesmente por uma cama, mas pelo sono mesmo. Interpretando o sentido do relato de Sherwood, Faulkner asseverou:

(...) ele havia escrito sua biografia inteira em uma anedota ou talvez uma parábola: o cavalo (havia sido um cavalo de corrida na primeira vez que contara, mas agora era um cavalo de trabalho, com sela e arado atrelado, seguro, forte e valoroso, mas sem *pedigree*) representava a vasta, doce e mansa extensão do vale do Mississippi, a sua América, a qual (...) ele estava oferecendo com humor, paciência e humildade, especialmente paciência e humildade, em troca de seu sonho de pureza e de integridade, de trabalho duro e constante, dos quais *Winesburg, Ohio* e *The triumph of the egg*²³⁶ haviam sido, ao mesmo tempo, sintomas e símbolos.²³⁷

²³² Os termos "modern life" e "aimlessness" são usados exaustivamente em *Mid-American Chants* e também várias vezes em *Marching men*.

²³³ Essas citações referem-se a seguinte passagem de um cântico de 1918: "Os filhos dos novo-ingleses, que trouxeram livros e ditos espirituosos para nossa América do Meio-Oeste, destruíram a fé em mim, que provinha do solo." ANDERSON, Sherwood. **Mid-American chants**. op. cit. p. 69.

²³⁴ ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. op. cit. p. 123.

²³⁵ Essa citação é uma ligeira modificação do trecho em que McGregor, constantemente incomodado pela fala de acadêmicos, reformistas, pregadores e socialistas, assim descreve um crítico social: "(...) mais um sentimentalista [que] (...) passa sua vida hipnotizado pelo abre-e-fecha de seu própria maxilar." Idem, *ibidem*, p. 217.

²³⁶ "O triunfo do ovo", em tradução livre. Trata-se de uma coletânea de contos que Sherwood Anderson publicou em 1921.

²³⁷ FAULKNER, William. *Sherwood Anderson: An appreciation*. op. cit. p. 195.

A teimosia e, quiçá, a "ingenuidade" quixotescas de Sherwood têm efeitos ambíguos. Por um lado, levam-no a atingir certas notas líricas, colocando-o como epígono do otimismo oitocentista representado tanto por um Emerson quanto por um Whitman, mas disposto a sacrificar deliberadamente sua inocência para oferecer naquele holocausto a catarse trágica de um impasse histórico. Por outro lado, porém, essa teimosia às vezes o leva a um perturbador elogio do voluntarismo, e com este, da força, enviesado caminho de sua crítica social e de seu despertar para a solidariedade coletiva, mas ao mesmo tempo escopo de uma certa celebração do mérito voluntarista e de um obscurantismo retrógrado (como veremos no capítulo II).

Para encerrar a analogia quixotesca (e esse capítulo), talvez se possa dizer sobre os sentidos históricos do trabalho que Sherwood celebra o que Marx dissera sobre o personagem de Miguel de Cervantes: "Dom Quixote pagou caro o erro de acreditar que a cavalaria andante era uma instituição compatível com todas as estruturas econômicas."²³⁸ Se Dom Quixote emblematiza o descompasso entre "instituição" e "estrutura econômica" e por conta disso é tornado figura tragicômica pela pena de Cervantes; aqui é o próprio escritor, de maneira auto-imposta, juntamente com seus personagens, que se tornaram emblema daquele descompasso, cronistas dele mas também suas presas.

Esse é o sentido subjacente daquela afirmação de Trilling, de que "(...) Anderson deveria estar para sempre protegido do fracasso artístico por força dos fatos que compõem a sua biografia": menos por ser "rudimentar" (isso, como vimos, é deliberado em larga medida) e mais porque jamais furtou-se a se colocar debaixo do microscópio e de se dissecar. Sua auto-autópsia espiritual, no que isso tem de visceral e de transcendente, foi o que lhe permitiu dar coerência a uma experiência histórica tão vária e contraditória como aquela que se precipitou nas décadas finais do XIX, na "turbulenta transição das condições de uma sociedade agrária para aquelas típicas da moderna vida urbana".²³⁹

É dessa experiência histórica que ele tirou os materiais com os quais erigir a pitoresca ponte entre o transcendentalismo dos Oitocentos para o naturalismo dos Novecentos, donde seu desencaixe, seu desajuste, seu deliberado anacronismo, seu "grotesco".

²³⁸ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos**. Tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 203.

²³⁹ HOFSTADTER, Richard. **The Age of Reform**. New York: Vintage Books, 1960. p. 6.

CAPÍTULO II

SHERWOOD ANDERSON E O TRABALHO NAS MALHAS DO CAPITALISMO MONOPOLISTA

"Aventure-se agora (...) no mundo dos negócios (...) Um mundo cuja vista mais nobre é composta de escrivatinhas e máquinas de escrever, arquivos de aço e calendários de seguro, telefones e cabeças carecas de homens que acham que sonhos são idiotas. Aqui, nenhum galeão rompe o horizonte; nenhum conquistador em roupas esvoaçantes faz amor com uma princesa. Aqui não cavalga nenhum cowboy jovial, e muito menos os heróis da grande guerra europeia. Trata-se de um mundo cujas crises não se compreende sem que se tenha aprendido que a diferença entre um lápis 2-A e um lápis 2-B é, pelo menos, tão importante quanto o contraste entre Londres e o Tibete"

- Sinclair Lewis, **The job**. [1917]

"Qual aspecto da vida norte-americana não é tocado por essa antítese? Qual explicação é mais central ou mais iluminadora? (...) Cultura transcendental de um lado e utilitarismo cru do outro criaram um impasse na mente norte-americana, e toda nossa vida permanece caoticamente à deriva entre esses dois extremos."

- Van Wyck Brooks. *Highbrow and Lowbrow*. [1915]

"(...) o problema dos Estados Unidos é, em certos aspectos, tão sombrio quanto vasto. (...) quem há de deter Behemoth? Quem domará Leviatã?"

- Walt Whitman, **Democratic vistas** [1871]

Como parte daquela tradição longeva que se estabeleceu nos Estados Unidos e, em especial, naquela região onde cresceu Sherwood Anderson, o trabalho era visto, talvez antes de tudo, como algo fortemente vinculado ao sujeito que o realiza. Antes de compor primariamente uma política econômica ou antes de ser contabilizável nos quadros de um sistema econômico rígido e amplo, o trabalho era enxergado como disposição individual e, portanto, como elemento que talha as feições de seu realizador, garantindo as condições concretas nas quais esse sujeito se encontra, material e moral, subjetiva e socialmente. Sob o signo da destruição da conjuntura econômica onde essas concepções de trabalho foram gestadas, Sherwood tornou-se delas uma espécie de bardo tardio. Sua obra tem como dispositivo catártico, consciente e inconscientemente, as adequações, os curto-circuitos, as sobrevivências e o descompasso dessas mesmas

concepções dentro de quadros econômicos e históricos profundamente diferentes daqueles de outrora. Em outros termos, do estabelecimento da industrialização, da modernidade, da vida urbana, tudo isso sob a égide do capitalismo monopolista.

Esse capítulo tem como objetivo problematizar o processo de transição do trabalho típico dos quadros econômicos oitocentistas para o trabalho que se desenvolveu no seio do capitalismo monopolista, tal como ele foi visto e interpretado por Sherwood Anderson ao longo do processo histórico em que se tornou recessivo. Sua literatura, embora nem sempre esteja central e conscientemente voltada ao tema do trabalho, encontra-se nele entretecida por conta do papel que este desempenhava dentro do horizonte particular de expectativas do escritor e em sua constituição moral, de modo que seus livros estejam embebidos dessa questão. A violência com que Sherwood foi chacoalhado em suas certezas e a confusão que sobre ele se abateu ao longo dessa década foram, ambos, eventos cuja genealogia e cuja lógica vinculam-se às concepções e formas históricas do trabalho para o escritor e dentro da economia e da sociedade estadunidenses daquela virada de século.

II.1 O mergulho biográfico (II): a transição para a cidade grande

A fatia da vida do escritor que trabalhamos em detalhe no capítulo anterior se estende desde sua genealogia familiar até as vésperas de sua partida de Clyde, fato que nos localiza cronologicamente no final do ano de 1896. Foi na primavera desse ano que Sherwood Anderson, depois de uma infância errante e instável, seguiu os passos de seu irmão Karl, e foi tentar a sorte noutro lugar. Era um passo que Sherwood tinha em alta conta esse "ouvir o chamado do mundo além das colinas",²⁴⁰ pois atitude muito própria da "hombridade". Assim como consta das páginas ficcionais de *Windy McPherson's son*, o projeto de deixar a cidadezinha do interior em direção à cidade grande só fora levado a cabo depois da morte da mãe, ocorrida em 1895.

Rideout escreve que Sherwood perambulou pelas cidadezinhas circunvizinhas buscando trabalhos esporádicos, e que essa peregrinação esteve vinculada a um período deveras instável na vida do escritor, pois sua referência materna havia se perdido e a paterna, pelo que vimos, jamais se consolidara *de facto*, senão eventualmente como mau exemplo. Acoplado a isto, encontrava-se um fato crucial no cruzamento da vida de Sherwood com a de seus contemporâneos (e inclusive com Jack London): ele havia

²⁴⁰ ANDERSON, Sherwood. *Not knocking* [1902] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 15.

experimentado a faina industrial no final de 1895, quando trabalhara na Elmore Manufacturing Company.

A experiência de ser incorporado a uma embrionária linha de produção e submetido aos quadros da divisão fabril do trabalho teve um impacto bastante negativo sobre Sherwood Anderson, e não somente do ponto de vista individual, mas também (e talvez sobretudo) como herdeiro do senso de autonomia e de valorização laboral dos Oitocentos. A jornada de trabalho que ele cumpriu no inverno de 1895-1896 era frequentemente de doze horas, e o restringia a ficar no interior de uma pequena construção de pouco mais de vinte metros quadrados (little twenty-by-forty-brick building) nos fundos da fábrica de bicicletas. Sua atividade consistia em mergulhar os quadros das bicicletas em tanques de esmalte, escová-los e pendurá-los para que secassem, assim preparando-os para que outro operário, mais tarde, os levasse para uma estufa de fixação.²⁴¹

Aquele trabalho, vinculado às transformações econômicas operantes ("as grandes forças que parecem sempre estar em curso", como ele disse em artigo de 1904),²⁴² forneceu a Sherwood a matéria-prima para sua percepção acerca da tônica que se estabelecia em termos de trabalho. Ele somente viria a entendê-la em quadros abrangentes anos mais tarde, mas aqueles meses de 1895-1896 lhe mostraram que a produção que começava a se espalhar naquele momento se caracterizava por trabalho em "lugares desconfortáveis, realizando movimentos repetitivos e que requeriam o mínimo de destreza".²⁴³ Isto é, apresentavam-se praticamente como o oposto do tipo de experiência laboral que ele tivera até aquele ponto. Tendo convivido com a autonomia e a ampla habilidade dos ofícios artesanais, e também com os "bicos" ao ar livre, de ritmo provinciano, a mudança de aspectos imposta pela fábrica de bicicletas foi-lhe brutal, ou no mínimo radicalmente distinta.

O biógrafo Rideout chega a propor uma aproximação do estado de espírito de Sherwood com a noção de alienação descrita por Marx, e nos parece que há grande acerto nisto, pois diante da tradição laboral em que crescera, aqueles resultados apequenantes que sentia ("impotência", "senso de irrelevância" e "privação de um senso orgânico de inteireza")²⁴⁴ se ofereciam como uma contradição dolorosa. O modo de vida e os costumes dos Oitocentos lhe ensinaram que o trabalho era um dos pilares de

²⁴¹ RIDEOUT, Walter B. *Sherwood Anderson - A writer in America*. Vol. 1. op. cit. p. 62.

²⁴² ANDERSON, Sherwood. *Business types* [March, 1904] In: _____. *Early writings*. op. cit. p. 72.

²⁴³ RIDEOUT, Walter B. *Sherwood Anderson - A writer in America*. Vol. 1. op. cit. p. 62.

²⁴⁴ Idem, *ibidem*, p. 62, p. 62 e p. 63.

sustentação do indivíduo no mundo de seus iguais, algo que garantia sustento material e solidez moral, dando-lhe um senso de propósito filosófico e pavimentando seu caminho rumo à prosperidade, subjetiva e coletivamente reconhecida. A excetuar a paga que ele recebia por seu trabalho, o trabalho na Elmore Manufacturing Company não parecia estar garantindo nenhum daqueles resultados...

Nas andanças pelo norte e nordeste de Ohio entre 1895-1897, Sherwood chegou a trabalhar em uma fábrica de pregos, onde cumpria basicamente as funções de carregador, e numa fundição de ferro, onde realizava trabalho pesado similar. Essas indústrias, já gozando da envergadura industrial clássica e já tendo maior afinidade aos métodos gerenciais tayloristas, ofereceram àquele trabalhador uma experiência muito similar àquela da Elmore Manufacturing Company. Diz Rideout que Sherwood vivia "entediado, com seu corpo cansado e sua mente infeliz".²⁴⁵ As expectativas dele em relação ao trabalho, aquilo que a tradição lhe ensinara a esperar da labuta, pareciam não se confirmar, deixando-o enredado num dilema que tinha tanto de seu quanto de histórico.

A experiência de vida que ele possuía àquela altura, quando não contava sequer 20 anos, não lhe parecia fornecer a clareza de que ele necessitava para responder a essas questões a contento. Sua erudição e sua cultura geral, em termos de "conhecimento de mundo" e leituras, eram demasiado incipientes para fornecer-lhe de chaves explicativas possíveis. Sobrava-lhe então o leito rochoso da cultura aprendida, da moral e da filosofia herdadas, e estas o impeliam adiante em direção ao labor, receitando-lhe a perseverança benjamin-frankliana que acabava por redundar diversas vezes na forma de um voluntarismo meio cego e auto-imputado.

Como as tradições em que fora amamentado associavam muito diretamente o trabalho com as disposições individuais de quem o realiza, tendia a prevalecer em Sherwood a noção de que o eventual fracasso ou a dificuldade de alcançar a prosperidade tinham tanto (senão mais) a ver com o sujeito que trabalha do que com o trabalho em si. Desse modo, não tinha tanto peso o trabalho quanto o trabalhador, ao passo que a obtenção da "chave dourada que abria a porta do sucesso"²⁴⁶ era vista como tendo muito menos a ver com o tipo de trabalho (com suas particularidades materiais) do que com a disposição do trabalhador, física e espiritual. Se da diligência

²⁴⁵ Idem, p. 63.

²⁴⁶ ANDERSON, Sherwood. *A soliloquy* [April, 1902] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 14.

individual pudera-se até então obter frutos proporcionais, dali haviam nascido suas expectativas morais.

Portanto, as pressões empíricas e as ortodoxas, as impostas pelas impressões presentes e as recomendadas pelas tradições pregressas, foram forçadas a um equilíbrio delicado no íntimo de Sherwood Anderson. Estas o levaram à "crescente percepção que para obter o sucesso que desejava, ele deveria usar seu cérebro ao invés de sua força física";²⁴⁷ aquelas faziam recair sobre seus ombros o ônus da prosperidade, forçando-o sempre adiante, ao afinco, à persistência. Trabalhar mais havia sido a solução empreendida pelos pequenos produtores do Meio-Oeste até aquele momento, e tinha gerado resultados materiais e morais consideráveis, logo, porque não seria tomada ainda uma vez como fórmula por aquele seu filho? O resultado biográfico disto foi certa fusão dialética de ambas as coisas: Sherwood passou a "(...) sonhar, a traçar um esquema de como trabalhar e ascender de um trabalho manual na fábrica (blue-collar shop) para um trabalho intelectual no escritório (white-collar office)."²⁴⁸

Não era uma tarefa cujo "como" era fácil de discernir, mas o "onde", por sua vez, era bastante mais evidente. O destino de Sherwood estava entrelaçado com a grande metrópole do Meio-Oeste naquele fim do século XIX: Chicago! Desde a Guerra Civil a cidade tornara-se um grande centro econômico e cosmopolita, metrópole de primeira importância em quadros regionais e nacionais. O crítico literário Bernard Duffey chegou a dizer que por estar num dos pontos mais baixos entre os vales do Mississippi e dos Grandes Lagos, Chicago "(...) parece que pela gravidade fazia fluir para si os produtos, as pessoas e os interesses do Meio-Oeste".²⁴⁹

Apesar do auspicioso horizonte que a metrópole projetava, os primeiros tempos de Sherwood na cidade não foram estáveis e tampouco promissores. Naquele período entre o verão de 1897 e avançado do ano de 1898, ele dividiu seus aposentos com seu irmão Karl, numa casa que pertencia a conhecidos do tempo em que os Anderson moraram na cidade de Clyde, os Padens. Aos demais moradores, Sherwood dizia, num otimismo tipicamente juvenil, interiorano e oitocentista, que "(...) começaria como balconista de mercearia e ascenderia a partir dali."²⁵⁰ Provavelmente se tratava da inspiração que posteriormente ele instilou em seu personagem Sam McPherson, que

²⁴⁷ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America**. Vol. 1. op. cit. p. 63.

²⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 68.

²⁴⁹ DUFEY, Bernard. **The Chicago Renaissance in American letters**. op. cit. p. 3.

²⁵⁰ TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. op. cit. p. 33.

ardia internamente pela possibilidade de prosperar. Segundo o que disse seu irmão Karl, Sherwood tinha nessa época uma "confiança inocente".²⁵¹

Esse estado de espírito foi importante para mantê-lo firme em seu propósito, acalentando como certas as promessas que a tradição havia lhe ensinado serem questão de tempo e dedicação. Contudo, em termos de confirmação concreta, fosse ela pecuniária ou mesmo moral, aqueles prenúncios se mostraram falhos. Como disse Irving Howe, os primeiros tempos de Sherwood em Chicago "Não foram uma época feliz."²⁵²

Sherwood logo percebeu que não seria tão fácil pavimentar a subida que seu otimismo julgava certa, pois seus trabalhos como carregador de barris de maçãs, de caixas de ovos, de manteiga e de carne congelada nas câmaras frigoríficas exigiam dele o vigor da juventude diurna, ao passo que deixavam-no exausto para quaisquer atividades no período noturno. Seu irmão escreveu que após a jornada ele chegava de volta à pensão "cansado como um cão, caindo aos pedaços".²⁵³ As expectativas que alimentou com relação à vida e às oportunidades da cidade grande ficavam em suspenso, pois o peso da condição de trabalhador desde cedo fez-se oneroso para o futuro escritor. Aquela imagem de campo aberto à prosperidade que a cidade possuía na sua imaginação tradicional começou a se mostrar uma miragem pouco a pouco. O trabalho braçal de carregador da planta frigorífica foi suportado por Sherwood por dois anos, ao longo dos quais ele foi chegando à amarga conclusão de que "(...) os trabalhos que mantinha não levavam ao sucesso, ao fim e ao cabo. Ele estava ganhando cerca de dois dólares por dia numa jornada de trabalho de dez horas."²⁵⁴

Apesar da rede de solidariedade que deitava raízes na vida pregressa a Chicago, a qual incluía seu irmão Karl (que lhe ajudava financeiramente todo mês) e Cliff e Jeanette Paden (que lhe garantiam o pensionato), Sherwood Anderson sentia-se acossado pela sua condição de insegurança material. É bastante provável que a industriiosidade que ele mantinha quando em Clyde, e que lhe valera algum tipo de estabilidade e segurança naquelas condições, quando trazida na bagagem para Chicago passou a significar algo distinto, muito menos do que Sherwood teria imaginado. O trânsito que o escritor fez não era somente de uma cidadezinha do interior do Ohio para

²⁵¹ ANDERSON, Karl apud RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit. p. 72.

²⁵² HOWE, Irving. **Sherwood Anderson - A biographical and critical study.** op. cit. p. 27.

²⁵³ ANDERSON, Karl apud RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit. p. 72.

²⁵⁴ TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson.** op. cit. p. 34.

um grande centro econômico: tratava-se também de uma transição de ordem histórica, de uma organização econômica encravada no coração do século XIX para um sistema econômico com as feições do século XX. E isso incluía uma modificação brutal na estrutura e na dinâmica própria do mundo do trabalho, já que outrora ele era um dentre outros produtores diretos numa ordem sem concentração econômica acentuada e sem grandes avanços tecnológicos a funcionar como dínamos de acumulação; e agora, entre 1897-1899, ele inserira-se numa economia crescentemente oligopolizada, habitada por seres mais poderosos que ele, e regida por uma lógica de concorrência tensionada por esses mesmos motivos.

A "insatisfação" e a "infelicidade" que Jeanette Paden diz que Sherwood manifestava "o tempo todo"²⁵⁵ nessa época estava ligada ao fato de que naqueles novos domínios urbanos ele era muito menor e menos autônomo do que fora até então, no ambiente provinciano de uma cidadezinha que não chegava a dez mil habitantes. Essa percepção se dava pelo fato de que em quadros numéricos agigantados como os de Chicago ele era menos importante, relativamente falando, mas se dava também porque ele deixou de habitar as demarcações de um mundo do trabalho em que sua disposição e habilidade eram um diferencial efetivo. Em Chicago ele disputava vagas com muitos outros sujeitos em condição similar (ainda mais dado o influxo de imigrantes nos anos 1880-1890), e num contexto de industrialização que diminuía o valor de seu trabalho, tornando sua disposição enérgica frequentemente obsoleta e inadequada.

Se partirmos do pressuposto de que há verossimilhança no realismo brutal da narrativa de Upton Sinclair em *The jungle*, romance publicado em 1906, podemos ter alguma noção da terrível realidade enfrentada por Sherwood naquele trabalho executado na câmara frigorífica. Mesmo se descontarmos a sanguinolência observada nos abatedouros da Packingtown de Sinclair (algo que, se visto por Sherwood, teria lhe valido ao menos uma nota em alguns de seus escritos), ainda seremos colocados diante da exaustão que se mantém colada àqueles que são submetidos às tramas do trabalho programado das "linhas de desmontagem" dos abatedouros e frigoríficos. As condições insalubres narradas por Sinclair eram complementadas por uma disciplina férrea que a produção em larga escala exigia como *modus operandi*, e que tinha grande impacto sobre o mundo do trabalho, objetiva e subjetivamente - "(...) a aceleração se tornava

²⁵⁵ PADEN, Jeanette apud RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit. p. 73.

mais selvagem a cada dia (...) parecia com uma câmara de tortura medieval", lê-se em *The jungle*.²⁵⁶

Ainda que Sherwood Anderson não pareça ter sido exposto àquele espetáculo de horrores dos matadouros de Chicago, parece não ter sido poupado das longas jornadas, do trabalho exaustivo e das mínguas pagas - nem da desolação delas proveniente. Rideout escreve que Sherwood "(...) odiava seu trabalho exaustivo e sem qualificação, o qual não parecia levá-lo a lugar algum; e ansiava por algo melhor e maior".²⁵⁷ Como outros trabalhadores desse universo laboral, Sherwood percebera o desprestígio e o empobrecimento que lhes acompanhava, algo que se abateu sobre seu otimismo inicial, contrariando-o de modo cruel.

A frustração em relação às perspectivas que se desenharam ante seus olhos dentro dessa lógica laboral levaram Sherwood a buscar alguma saída que o pusesse em melhores condições. Nesse esforço, matriculou-se no Lewis Institute, para dedicar-se a um curso intitulado "New Business Arithmetics" (Nova Aritmética Empresarial, em tradução livre), cujas aulas ocorriam todas as noites, de segundas às sextas, das 19:30 às 21:30hs, durante cinco meses, de outubro de 1897 a março de 1898. O curso cobria uma série de tópicos sobre "aritmética comercial", desde saberes básicos como frações decimais, percentagens e adições, até questões mais práticas e complexas, como descontos, juros, comissões, balanços, contabilidade tarifária etc.

Enxergado dentro da perspectiva de ascensão que ele desenhara para si quando da chegada em Chicago, esse curso deveria capacitá-lo em noções de contabilidade e administração, permitindo-o deixar sua condição de trabalhador manual e possibilitá-lo um trabalho como almoxarife, guarda-livros ou alguma posição dentro da estrutura burocrática crescente dos colarinhos-brancos. Afinal de contas, as décadas finais do século XIX constituem aquilo que Alfred D. Chandler chamou de "revolução gerencial": o exponencial aumento das funções gerenciais em vários níveis ao longo do processo de "ascensão da moderna empresa estadunidense".²⁵⁸ A historiadora Cindy Sondik Aron corrobora essa visão, mas em relação aos postos do governo: segundo ela

²⁵⁶ SINCLAIR, Upton. **The jungle**. New York: Bantam Books, 1981. p. 109.

²⁵⁷ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America**. Vol. 1. op. cit. p. 73.

²⁵⁸ CHANDLER Jr., Alfred D. **The visible hand - The managerial revolution in American business**. Cambridge: Bellknap Press of Harvard University Press, 1999.

pouco mais de 1200 pessoas trabalhavam em postos do governo em 1859, enquanto na virada do século o número passava de 25 mil.²⁵⁹

Considerando os relatos que os inúmeros críticos e conhecidos de Sherwood sobre ele fizeram, tratava-se de um sujeito tão otimista quanto espirituoso, e que gozava de um razoável senso de observação. Diante disso, é provável que sua decisão de frequentar o Lewis Institute, ainda que insuflada por sonhos particulares de prosperidade, tenha sido baseada numa observação empírica acerca da condição em que se encontrava a realidade material à sua volta. Chicago desempenhava o papel de vanguarda da dinâmica econômica após a vitória dos confederados, a ponto de fazê-la sediar em 1893 a grande Feira Internacional. Em diversos aspectos, portanto, Chicago encarnava as tendências econômicas que a monopolização econômica pós-Guerra Civil concretizava, em termos de dinâmica produtiva e concentração financeira, bem como de estruturação do trabalho, trazendo em seu bojo, pois, todos os desdobramentos sociais decorrentes. Dentre estes, um que deve ter sido captado por Sherwood Anderson naqueles anos finais do século XIX: o surgimento de novas camadas sociais intermediárias conforme a concentração econômica avançava e o fato de que elas estavam cada vez mais amparadas num determinado tipo de trabalho, que era o trabalho burocrático e de escritório, fosse em postos do governo ou em empresas privadas.

Se a experiência como operário industrial na Elmore Manufacturing Company o fizera decidir que não queria se sustentar a partir de seus músculos, mas de seu cérebro, as mudanças que vira em Chicago devem ter-lhe favorecido uma especificação desse projeto. A seu modo, Sherwood parece ter se dado conta de que havia uma mudança em curso, mesmo que não tivesse terminologia para designá-la, nem meios de diagnosticar quais seriam seus desdobramentos específicos. A busca pelas aulas de New Business Arithmetics estavam vinculadas ao processo de ascensão dos colarinhos-brancos e de sua relativa estabilidade diante da proletarização crescente ocasionada pelo regime econômico pós-Guerra Civil. Aqueles funcionários de escritório, burocratas, gerentes e administradores que ele tentava emular na virada do século eram em alguma medida, aliás, os descendentes daqueles carpinteiros, marceneiros, ferreiros e artesões de ofício das cidadezinhas provincianas.

Seu destino individual novamente se entrelaçava com o de seu tempo.

²⁵⁹ ARON, Cindy Sondik. **Ladies and Gentlemen of the Civil Service - Middle-class workers in Victorian America**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 3.

Era difícil, contudo, subtrair-se ao peso da condição de trabalhador. Sherwood esforçou-se o suficiente para obter boas notas (seus registros assim mostram), mas "(...) sua mais forte memória era do calor da sala de aula depois de um dia de trabalho no frio, de deitar sua cabeça sobre a carteira, e, antes que pudesse perceber, cair no sono."²⁶⁰ Assim como ocorrera com Jack London na Califórnia, em Ohio Sherwood sentia pesar sobre si o pedágio da condição trabalhadora, isto é, a necessidade mais acentuada do sacrifício individual para a ascensão e a prosperidade. Naqueles tempos em que a concentração econômica vinha potencializada pela difusão da indústria, assim fazendo com que a estratificação social se verticalizasse sobremaneira, a experiência dos que viviam sob ela era de que as antigas fórmulas do sucesso tornavam-se pouco a pouco caducas.

A ascensão que Sherwood tinha em mente quando chegara em Chicago se apresentava mais difícil do que havia sido prevista, e isso concorreu para aumentar sua frustração, já que as lembranças paternas e as lições sobre a correlação entre prosperidade e índice moral o acossavam tanto quanto as contingências materiais em que estava metido. Como a tradição o ensinara a correlação entre indivíduo e trabalho, e com isto tirava de leituras mais materialistas a explicação das dificuldades, foi como um fracasso individual que ele experimentou esses primeiros anos em Chicago - ainda mais diante do crescimento de seu irmão, Karl, que antes do fim do século XIX se estabelecera como ilustrador na *Women's Home Companion* em Springfield, Ohio.²⁶¹

A tudo isto é preciso somar ainda outra preocupação: Stella, Ray e Earl, seus três irmãos mais novos que haviam ficado em Clyde, vieram morar em Chicago nessa época. Isso significava proximidade ao seio familiar e retomada de alguns laços de comunidade importantes, mas significava também que Karl e Sherwood, os dois irmãos empregados, deveriam se desdobrar para encontrar os meios de sustentar aquela mudança até que Stella encontrasse uma ocupação remunerada.

Os pensamentos de Sherwood dessa época, segundo suas memórias e seus biógrafos, parecem ter se voltado intensamente para as preocupações de sustento, e ele se sentia cada vez mais acabrunhado pelas responsabilidades que lhe cabiam, ainda mais dentro de um orçamento estreito. O escritor ressentiu-se das incumbências que lhe couberam nesse arranjo familiar e orçamentário, sendo passíveis de explicação histórica, nesse ínterim, seus sentimentos e a decisão que tomou no ano seguinte, 1898. Seus

²⁶⁰ TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. op. cit. p. 36.

²⁶¹ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America**. Vol. 1. op. cit. p. 75.

reclames quanto às responsabilidades junto aos familiares eram a irrupção mais imediata de uma condição objetiva e estrutural: tratava-se de uma má vontade um tanto ingrata que tomava como alvo seus irmãos mas que se referia, no fundo, à incapacidade material de fazer frente ao conjunto de suas aspirações individuais. Seus irmãos eram a ponta mais próxima e visível a qual atribuir sua sensação de aprisionamento, mas a origem profunda dela era uma relação econômica em que ele era a "ponta fraca" - afinal, ele era o trabalhador na relação econômica calcada na base material oligopolizada.

Diante desta foi que se deu a decisão que Sherwood tomou em 1898. Ele enviou uma carta ao capitão Gillette, oficial responsável pela Companhia I do 16º Regimento da Guarda Nacional de Ohio, onde o escritor servira em 1895. Nessa carta Sherwood colocou-se à disposição da companhia para qualquer eventualidade oriunda da Guerra Hispano-Americana, que iniciara havia pouco tempo.

É possível que houvesse algo de idealismo nessa decisão - Sherwood dissera sobre seu treinamento em maio de 1898 que ele e seus companheiros eram "rapazes provincianos, filhos de lavradores experimentando o grande mundo".²⁶² Havia também alguma lembrança nostálgica do serviço militar de 1895, mas nas cartas que remeteu a Karl, Sherwood escreveu que se alistou "(...) porque estava quebrado, e não vislumbrava nenhuma outra forma de evitar ter que retornar à fábrica." Além disso, escreveu também, "Eu prefiro pegar febre amarela em Cuba do que viver numa câmara frigorífica em Chicago."²⁶³ A biografia de Townsend atribuiu a empolgação de Sherwood com o serviço militar, entre outras razões, pelo fato de que "Ele não precisava mais se preocupar com como se sustentaria."²⁶⁴

A situação material em que se encontrava Sherwood participou como influência em sua ida a Cuba em 1898. O período que se estende de 1896 a 1898 foi o primeiro choque do escritor e de suas expectativas de prosperidade com a conjuntura econômica que se alicerçava em Chicago e nos Estados Unidos. Se no interior de Ohio sua experiência particular e a realidade socioeconômica permitiam-no dissimular relativamente sua condição de classe, o mesmo não ocorria naquele centro metropolitano, pois a polarização social que se consolidava na grande cidade por conta da concentração econômica não autorizava tais ilusões. O resultado foi que Sherwood

²⁶² ANDERSON, Sherwood apud RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit. p. 78.

²⁶³ ANDERSON, Sherwood apud HOWE, Irving. **Sherwood Anderson - A biographical and critical study.** op. cit. p. 28.

²⁶⁴ TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson.** op. cit. p. 39.

viu-se às voltas com os percalços de um processo de proletarização, tal como seu pai alguns anos antes.

Gradativamente ele ia sendo confrontado com o continuado processo de expropriação do qual tornara-se presa: sua disposição e força de trabalho iam aos poucos se tornando armas menos eficazes para o enfrentamento com uma economia em processo de industrialização e concomitante concentração. A relativa autonomia, ou margem de negociação, de que gozava vinculando-se a um ou a outro trabalho na economia interiorana de Ohio era minada conforme a economia se metamorfoseava, e a experiência de ter de lidar com ela se dava sob a égide de uma condição social bastante bem definida, a de trabalhador.

Da suspensão temporária das responsabilidades de sustento que é provável ter advindo a lembrança boa que Sherwood cultivou sobre o período em que se preparava para embarcar para Cuba, marchando em Columbus, Toledo e ao sul de Ohio (isso e, certamente, o fato de ele e sua companhia somente terem sido enviados a Cuba quatro meses depois de o armistício da Guerra Hispano-Americana ter sido assinado). De qualquer modo, Sherwood e sua companhia permaneceram quatro meses em território cubano, em Cienfuegos, e durante esse processo a camaradagem entre os soldados e as exigências físicas do serviço parecem ter exercido um grande fascínio sobre ele. Townsend escreve que Sherwood "(...) ficou embriagado com a exaustão física. 'Havia', ele dizia, um 'processo de endurecimento físico' de que ele 'gostava instintivamente'".²⁶⁵ Era uma reminiscência nostálgica, ainda que com um desvio particular, que remetia à sua condição anterior de trabalhador e também de *midwestern*, uma vez que as marcas históricas da Guerra de 1812, antes, e da Guerra Civil, mais tarde, compunham o passado histórico daquelas cidadezinhas.

Destacamos essa passagem quase episódica da vida de Sherwood por dois motivos principais. Primeiro, porque se trata de um dos primeiros movimentos históricos no sentido da construção daquilo que Morrison e Commager chamaram de "O império colonial americano",²⁶⁶ produto direto da expansão capitalista de cariz monopólico, a qual, por recrutar um jovem interiorano otimista como Sherwood, demonstrava nessa curiosa junção de elementos, um pouco do estranho choque histórico crucial daquelas décadas finais do século XIX nos Estados Unidos, quando o tradicional

²⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 39.

²⁶⁶ MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo II**. Tradução de Agenor Soares de Moura e Constantino Paleólogo. São Paulo: Melhoramentos, s.d. p. 458.

municiaava o moderno. Em segundo lugar, chamamos a atenção para 1898 porque na compleição espiritual particular de Sherwood, esses meses deixaram marca indelével já que a disciplina militar, a eficiência geral criada pelo rigor pragmático da caserna, e mesmo a lisonja da força tornaram-se na sua mente oitocentista um exemplo do poder da diligência individual e da obstinação espartana. A curiosa analogia que ele fomenta entre a atividade militar e a atividade laboral é um dos mais significativos e assustadores fenômenos históricos oriundos da monopolização da economia e das relações sociais estadunidenses. Por fim, note-se que é em grande parte sobre as memórias de 1898 que Sherwood decalcou seu romance *Marching men* e sua inesperada conjunção de progressismo e reacionarismo.

Em abril de 1899 Sherwood retornou aos Estados Unidos e, a despeito da recepção calorosa de sua companhia nessa ocasião, viu-se novamente confrontado com as imediações da sobrevivência material. Pouco tempo depois do retorno, ele juntou-se a um grupo de debulhadores que trabalhava nas proximidades de Clyde, mas não permaneceu ali por longo tempo, pois nesse mesmo ano, juntando a paga da debulha e o soldo da campanha militar, ele mudou-se para Springfield, onde à época moravam seus irmãos Karl e Stella. O objetivo de Sherwood, calcado nas lembranças ruins do período de 1896-1898, era educar-se o suficiente para não depender novamente daquelas ocupações que outrora o deixaram frustrado, sendo nesse ínterim que veio a se matricular, em 1899, na Wittenberg Academy.

Se tratava de um conflito considerável. Aquela disposição física e particular que Sherwood reivindicava como um componente definidor de sua personalidade, carregada que estava de componentes sociais e históricos, parecia agora ser olhado com um certo receio. Na realidade socioeconômica de então, e em meio ao mundo dos colarinhos-brancos, aquele cultivo orgulhoso da obstinação de trabalhador braçal perdia sua força, quase sua *raison d'être*. Por duro que fosse, o trabalhador que ele era precisava compreender as implicações de sê-lo numa realidade econômica distinta, especialmente do ponto de vista tecnológico e da concentração. Num tal contexto, seus músculos não pareciam lhe prover as melhores oportunidades.

Transido entre o receituário da tradição e as imediações da experiência, Sherwood permaneceu na Wittenberg Academy até 1900, quando se formou com honras. Os registros institucionais do escritor mostram que ele teve uma performance acadêmica bastante proveitosa nos quatorze cursos que frequentou. Ao longo desse período, ele teve de organizar seus gastos e suas economias de uma maneira bastante

disciplinada, tendo pago sua moradia em The Oaks, uma antiga casa de fazenda transformada em pensão pelo casal Folger, "(...) aparando a grama, retirando a neve, cuidando dos fogões e abastecendo as lâmpadas de querosene"²⁶⁷ - mais uma evidência de seu pedágio de condição, a eterna disposição ao sacrifício que se exige da classe trabalhadora.

A combinação de seu senso de disciplina oitocentista com o receio de retroceder em seu plano de ascensão social temperou o esforço com que se lançou aos estudos. Nesse sentido, o ambiente cultural que se sustentava em The Oaks, com pensionistas aspirantes à vida artística e longas discussões filosóficas, ajudou muito, pois o quarto dos Anderson (Sherwood morava junto com seu irmão Karl) era o "quartel general de um grupo de jovens que se lançavam em vívidos debates".²⁶⁸ Tamanha foi a aplicação do futuro escritor àquilo que a seus olhos seria sua tábua de salvação, seus estudos e seu cultivo intelectual, que ele impressionou seus colegas e amigos durante sua estada em Wittenberg, destacando-se em seu amadurecimento. Um de seus colegas, aliás, J. Fuller Trump, chegou a dizer que era uma cena comum ver "Sherwood com as costas encostadas nalguma árvore do campus, lendo como se aquela fosse sua única ocupação".²⁶⁹

Entre esses amigos, estava um que frequentava as acaloradas discussões da pensão The Oaks e que foi determinante para o primeiro emprego de Sherwood que não um trabalho braçal: Harry Simmons, editor da publicação *Women's Home Companion*.²⁷⁰ No discurso que Sherwood pronunciou por ocasião da formatura na Wittenberg Academy, em junho de 1900, Simmons ficou tão impressionado que "(...) impulsivamente ofereceu a ele (...) um emprego no escritório da revista em Chicago."²⁷¹

A Sherwood, a oportunidade foi recebida com empolgação, pois depois de mais de três anos de tentativas de estabilidade frustradas, parecia que sua ascensão no *business world* finalmente começava. A oferta parecia também confirmar que ele havia colocado suas fichas no lugar certo, já que na leitura que fez da conjuntura histórica em que se encontrava, a passagem da categoria de aluno a procurador publicitário²⁷² soou

²⁶⁷ TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. op. cit. p. 42

²⁶⁸ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America**. Vol. 1. op. cit. p. 89

²⁶⁹ TRUMP, J. Fuller apud RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America**. Vol. 1. op. cit. p. 89.

²⁷⁰ Curiosamente, essa revista publicou dois contos de Jack London mais ou menos nesse período: "Their alcove", em 1900, e "The apostate", em 1906.

²⁷¹ HOWE, Irving. **Sherwood Anderson - A biographical and critical study**. op. cit. pp. 32-33.

²⁷² O termo em inglês é "advertising solicitor", que não nos parece aceitar bem a tradução de "advogado", uma vez que Sherwood era empregado direto de uma firma e agia por seu intermédio como um

como um avanço: "Ele não poderia continuar sendo o 'faz-tudo', o garoto do interior que podia fazer praticamente qualquer tarefa. Ele estava avançando, e a Era do Profissionalismo havia começado."²⁷³

O avanço do capitalismo monopolista, alimentando e alimentado que foi pela industrialização acelerada, seguiu lado a lado com uma divisão cada vez mais ramificada do trabalho. O impacto que o fordismo e o taylorismo tiveram não se restringiu às plantas fabris porque não surgiu vinculado somente à disseminação de tecnologias. A implementação estrutural de uma "economia programática", como designou esse fenômeno Gramsci,²⁷⁴ tomava como base tanto métodos gerenciais quanto um regime de propriedade concentrada. A monopolização e oligopolização da economia estadunidense desse período forneceram as condições para uma reestruturação profunda no mundo do trabalho e na própria estrutura de classes daquela sociedade. A "nova classe média" foi, a seu modo, subproduto desse fenômeno histórico, pois deslocou consideráveis contingentes de sujeitos das antigas classes médias e alguns membros da classe trabalhadora para dentro do universo dos escritórios, da burocracia estatal, da administração empresarial e para o setor de serviços. Um emprego como o de procurador publicitário conjugava-se com a ampliação de postos de trabalho como os daquele tipo, de modo que, olhando panoramicamente, podemos ver a entrada de Sherwood Anderson na *Women's Home Companion* como um determinante passo para dentro de uma realidade econômica, social e laboral típica do século XX.

Verdade é que seus trabalhos precários como carregador também fazem parte de uma realidade econômica urbana e industrial, consideravelmente diferente daquela que ele experimentava no interior campestre de Ohio - e atrelada já às dinâmicas próprias de um regime de capitalismo que não o de pequenos proprietários mas da "moderna empresa estadunidense". Contudo, do ponto de vista das aptidões práticas e da natureza braçal destes, nos parece que um corte distinto pode ser feito entre essas primeiras ocupações e aquela a que ele passou depois do convite de Harry Simmons: pela primeira vez Sherwood encontrava-se numa ocupação típica do universo dos colarinhos-brancos, na qual tinha de trabalhar com seu cérebro antes do que com seus músculos.

encarregado mais do que um profissional de credenciais reconhecidas (inclusive por não possuir formação acadêmica específica para tal).

²⁷³ TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. op. cit. p. 43.

²⁷⁴ GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere - Volume IV**. op. cit. p. 239.

Ao longo desse movimento que vai desde fins da década de 1880 até o ano de 1900, Sherwood ascendeu consideravelmente na escala laboral, de modo que não estava mais nos rincões subalternos mas acima deles, nas novas ocupações típicas da nova classe média insurgente, com o ônus e o bônus que isso implicava. Ao passar daquelas a esta ocupação, ele estava se inserindo nos postos de trabalho diretamente atrelados às transformações econômicas em curso, as quais ofereciam a esses trabalhadores condições materiais superiores e mais estáveis do que as que eram disponibilizadas, àquela altura, aos operários industriais, aos trabalhadores não-especializados e aos outrora tão independentes artesãos de ofício.

A Sherwood, é provável que tudo isso soasse como uma recompensa pelo seu esforço árduo, algo que lhe era de certo modo devido no esquema das coisas tal como ele as concebera desde sua infância e adolescência. Na matemática moral que ele herdara do século XIX, o convite que recebera de Simmons era o resultado lógico dos sacrifícios que ele havia realizados desde os tempos interioranos. Aquela compreensão sobre a realidade social e econômica do capitalismo monopolista, que Sherwood esboçara entre 1896-1898, tenha se desvanecia e deixava de ser um contra-argumento às suas certezas, tornando-se somente um degrau mais sombrio que os demais numa escalada cujo desfecho, apesar disso, era o topo - prosperidade que a tradição tomava como certa aos obstinados.

Essas primeiras aventuras de Sherwood na cidade grande são fundamentais porque demonstram como ele se introduziu aos poucos nas malhas do capitalismo monopolista, experimentando de modo gradativo a tensão social que imperava num tal regime, o que fez com que tenha sido impedida a quebra imediata de seu otimismo. Ao conseguir preservar certos laços de comunidade antigos naquele novo meio, com seus irmãos e com os Padens, Sherwood parece ter sido capaz de manter certos valores ativos e algumas certezas vivas por mais tempo do que pareceria à primeira vista. Coadunado a isso, o convite para engrossar as fileiras dos colarinhos-brancos atuou num mesmo sentido, dando-lhe uma estabilidade e um prestígio que dissimulavam a vacuidade de certas noções tradicionais que ele professava.

Curiosamente, as transformações do universo da publicidade favoreceram a valoração da herança cultural de Sherwood. Segundo Howe, a publicidade "(...) estava abandonando sua dignificante abordagem oitocentista e assumindo aquela de adulação

íntima que em breve se tornaria a matéria-prima do tino comercial norte-americano", ²⁷⁵ o que reforçava a posição de Sherwood, já que ele estava "(...) particularmente bem preparado para compor chamarizes marotos (...), [e] se adaptou rapidamente." ²⁷⁶ A tônica *boosterist* da nova publicidade, ainda mais uma largamente voltada aos lavradores interioranos que o escritor conhecera tão bem na infância, vieram a calhar para ele, pois detinha habilidades persuasivas que se esperava de um procurador publicitário nessas condições.

E eis como se está diante de um curioso movimento duplo, e eventualmente contraditório: o aprofundamento de Sherwood nas tramas da economia moderna deu-se juntamente com a manutenção das certezas gestadas fora (e antes) dela. Por um lado, sua herança laboral oitocentista parecia perder a razão de ser, uma vez que as condições concretas em que ela existia se desmanchavam e ela se tornava mero apanágio de submissão a rotinas definidas por outrem, mais dinâmica de exploração que de prosperidade. Por outro, no entanto, elas pareciam ainda sustentar-se sobre quaisquer bases que fossem surgindo, como o emprego oferecido em 1900, o qual parecia advir desse mesmo caudal de esforço particular, confirmação daquela mesma.

Na consciência e no espírito de Sherwood as duas forças, a preteritamente herdada e a presentemente vivida, digladiavam-se para tentar se assentar; fermento da epifania vindoura. Ao que parece, contudo, esta foi evitada temporariamente, ao passo que a década de 1900 transcorreu funcionando como o crescendo de sua preparação.

O emprego na *Women's Home Companion* foi um período de estabilidade que durou pouco, pois ainda no ano de 1900 Sherwood passou a trabalhar na Frank B. White Advertising Agency, onde ingressara por influência de seu ex-colega de pensionato Marco Morrow (como se vê, dinâmicas fortemente pessoais imperavam no azeitar das impessoais engrenagens modernas). Nessa empresa, que em 1903 se fundiu com outra para tornar-se a Long-Critchfield Agency, Sherwood exerceu a função de procurador publicitário e de redator de publicidade, posição que lhe permitiu colher louros tanto de popularidade quanto de prosperidade material. As certezas de outrora se confirmavam agora com maior intensidade e solidez, pois "Aumentos de salário apareciam com bastante frequência, e no mundo da publicidade de Chicago a mistura de astuta fanfarronice e otimismo ingênuo de Anderson tornava-o popular." ²⁷⁷

²⁷⁵ HOWE, Irving. *Sherwood Anderson - A biographical and critical study*. op. cit. p. 33.

²⁷⁶ Idem, ibidem, p. 33.

²⁷⁷ Idem, p. 34.

A trajetória de Sherwood estava entrelaçada com a ampliação crescente de empregos de colarinho-branco, mas também com aquilo que Edwin Emery chamou de "o surgimento do jornal moderno".²⁷⁸ Neste, uma das características era o aumento vertiginoso de material publicitário e a especialização desse ramo frente às novas dinâmicas de concorrência comercial e de consumo conspícuo. Sherwood participou dessa expansão, construindo ao redor de si uma espécie de aura de "homem de negócios" (businessman), lidando de maneira cada vez mais desajeitada com suas feições de trabalhador braçal.

Como procurador publicitário, Sherwood recebia mais do que fora capaz de receber como trabalhador até aquele momento (o que o dava o gosto da prosperidade), mas também demonstrava que ele era um cumpridor de desígnios alheios e rotinas protocolares pré-definidas em muito maior medida do que se percebera até então (o que apontava na direção oposta da autonomia individual que o receituário oitocentista dizia o trabalho ter).

É importante notarmos que ao adentrar nos domínios de uma economia moderna como Chicago, de calibração monopólica, Sherwood entrou também numa realidade em que já não imperava a dispersão estrutural e as pequenas unidades produtivas, de modo que aquela ligação orgânica que até então prevalecia entre as dimensões subjetivas e materiais do trabalho não era mais a forma prevalecente das relações sociais de produção. Se nos Oitocentos a realização subjetiva e coroação material, o salvo-conduto moral e a prosperidade pecuniária, andavam de mãos dadas quando o assunto era trabalho; nos Novecentos as transformações econômicas haviam dissociado ambas as coisas: era possível dedicar-se com ardor e abnegação espirituais ao trabalho e não ser recompensado materialmente, do mesmo modo que era possível amealhar razoáveis e por vezes grandes somas de dinheiro sem que se tivesse a menor retidão moral. Havia os operários abaixo e os magnatas acima, ambos oferecendo-se como enigmas à leitura de mundo que Sherwood havia aprendido ao longo de seu crescimento, uma vez que nenhum deles se encaixava exatamente nos termos culturais, sociais e econômicos que ele conhecia.

²⁷⁸ EMERY, Edwin. **História da imprensa nos Estados Unidos - Uma interpretação da história do jornalismo**. Tradução de E. Alkimin Cunha. Rio de Janeiro: Lidaador, 1965. Capítulo 18, pp. 417-446. As cifras ajudam a dimensionar esse crescimento: "Em 1890 a renda publicitária de todos os jornais e revistas totalizavam 71 milhões de dólares; em 1900, 95 milhões e em 1910, 200 milhões." (p. 430)

O dilema pelo qual ele passava era aquele que o historiador Eric Foner afirmou ter se encarado na opinião pública, nos debates políticos e na mentalidade estadunidenses na época da Reconstrução:

Tudo isso levantava perturbadoras perguntas a respeito da continuidade da validade dos antigos axiomas do trabalho livre: essa liberdade repousava sobre a propriedade de uma unidade produtiva, para a qual trabalhar em troca de pagamentos não era senão um passo no caminho para a autonomia econômica.²⁷⁹

E do mesmo modo que se expressava na conjuntura de forças históricas, encarnava-se também na posição social que Sherwood ocupava, segundo Rideout:

(...) ele estava, sociologicamente falando, ao mesmo tempo entre os favorecidos e fora de seus círculos. Tratava-se de uma situação que tipicamente produz - sendo Fitzgerald um exemplo extremo - tanto tensão psicológica quanto um aguçado sendo das pressões sociais e dos indicadores simbólicos que as pessoas ordinárias não costumam notar.²⁸⁰

O próprio Wright Mills, ao falar sobre a "nova classe média" de cujas origens Sherwood participou, disse que seus membros são ora os heróis prosaicos da aventura moderna, ora os seres submissos e amorfos dessa mesma modernidade.²⁸¹ A historiadora Cindy Aron aborda questões que demonstram bem o caráter dúbio de transição que imperava sobre esses terrenos sociais, pois segundo ela "As regras de classe média sob as quais esses homens e mulheres [*tais como Sherwood*] haviam sido criados não se aplicavam à vida de escritório, e um código de etiqueta para isto ainda estava para ser inventado."²⁸² Logo, questões tais como vestuário, temperança e decoro passaram a compor a pauta do mundo do trabalho dos colarinhos-brancos ao lado de balancetes, comissões e juros compostos. Não havia ainda um modo de vida próprio que desse conta, em termos de cultura e costumes, dessa forma de existência e de sustento. Sherwood não estava sozinho ao sentir-se como que inadequado à atmosfera social daquele universo; vestira-se como um Tom Sawyer até a véspera, e subitamente vira-se obrigado a trajar-se como um personagem de Fitzgerald - deve ter-se sentido, aqui ainda envergonhadamente, um ser "grotesco", quase um dos "camponeses enriquecidos" ironizados por Mencken.²⁸³

²⁷⁹ FONER, Eric S. **A short history of Reconstruction**. op. cit. pos. 3927-3933.

²⁸⁰ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America**. Vol. 1. op. cit. p. 52.

²⁸¹ MILLS, C. Wright. **A nova classe média**. op. cit. pp. 14-15.

²⁸² ARON, Cindy Sondik. **Ladies and Gentlemen of the Civil Service - Middle-class workers in Victorian America**. op. cit. p. 164.

²⁸³ MENCKEN, Henry Louis. **Prejudices: Second Series**. London: Jonathan Cape, 1921. p. 72.

Até a definição mais segura dessa identidade social, no entanto, viu-se às voltas com a nova ambiência histórica e com a fauna humana que a frequentava. A hierarquia mudara consideravelmente em virtude da consolidação dos inúmeros postos da "mão visível" do gerenciamento, e a divisão social do trabalho fora acelerada pela concentração e pela industrialização, duas mudanças que fizeram com que os limiares de classe passassem a ser mais visíveis num plano panorâmico (sobretudo porque implicavam verticalidades mais marcantes), mas que continuassem sendo cedidos no interior da experiência social, onde os novos modos, as maneiras, os ritos e os emblemas não se haviam ainda definido. Os diagramas propostos por Alfred Chandler em seu estudo, separando "alta", "média" e "baixa" gerências (para somente então adentrar no nível dos supervisores e feitores) demonstrava que daquela a esta, de cima a baixo nessas instâncias, podia-se por vezes mais que decuplicar o número de encarregados antes de chegar aos postos diretamente vinculados ao processo de produção.²⁸⁴ Tamanha era a dificuldade de definir com clareza quem é quem nesse labirinto social intermediário que ainda na década de 70 encontra-se um sociólogo soviético chamando-os, com muito imprevisto e pouca elegância, de "proletariado da esfera não-produtiva".²⁸⁵

Falamos sobre essa inadaptação social da qual H.L Mencken foi senão o melhor retratista, ao menos o mais mordaz, porque é a partir dela que se lançaram desde o início do século as sementes daquela ruptura traumática que Sherwood protagonizou nos anos 1910. Havemos de lá chegar, para sopesar seu significado histórico; por ora, contudo, cabe-nos compreender que ele adentrava junto com diversos outros contemporâneos seus naquele lusco-fusco de identidades sociais que o capitalismo *fin-de-siècle* criava, e cujos limiares tornavam-se crescentemente mais complexos na medida em que se consolidava aquilo que o historiador Hidetaka Hirota chamou de "consolidação da política imigratória americana",²⁸⁶ com mais e mais imigrantes adentrando o universo urbano, e também com as grandes hostes de ex-escravos deixando o Sul em busca de uma efetiva reconstrução.

²⁸⁴ CHANDLER Jr., Alfred D. **The visible hand - The managerial revolution in American business**. op. cit. p. 2, pp. 113-115, pp. 168-169, p.ex.

²⁸⁵ MELNIKOV, A.N. **A estrutura de classes nos Estados Unidos**. Tradução de J. Geraldo Guimarães. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 77.

²⁸⁶ HIROTA, Hidetaka. **Expelling the poor - Atlantic Seaboard States and the Nineteenth-Century origins of American Immigration policy**. New York: Oxford Press, 2007. p. 131.

Cabe-nos manter esse cenário histórico de transição em mente para que possamos avaliar como o sujeito em questão, Sherwood Anderson, foi sendo esculpido por seu terreno desconhecido e por sua complexa diversidade humana.

A projeção que Sherwood conseguiu amearhar nesse universo dos colarinhos-brancos, no *business world* (como ele gostava de chamá-lo) talvez tenha se dado pela sua insistência convicta numa "missão" e numa "nobreza" do homem de negócios e dos empresários, exemplares mais contemporâneos do *self-made man*. Afinal, Sherwood escreveu, em artigo de junho de 1903, que "Quando se viaja para lá e para cá, vai-se percebendo que o homem de negócios é a frente e o centro das coisas na América. Ele é o homem segurando as rédeas da vida nacional".²⁸⁷ Nesse mesmo artigo ele se perguntava, retoricamente: "O homem de negócios americano é melhor e mais valente do que os guerreiros e intelectuais que deixaram sua marca no passado?" Ao passo que respondia: "Pode ter certeza que sim", mesmo que por vezes esse homem de negócios padeça de uma "dose exagerada de dinheirismo (dollarism)".²⁸⁸

Tenha Sherwood ascendido na cadeia corporativa por conta de sua engenhosidade e diligência, tenha ele angariado posições por cair nas graças de seus superiores (não é essa dúvida a chave do eterno complexo de inferioridade da nova classe média estadunidense?), o fato é que ele se firmou cada vez mais solidamente naquele modo de vida, vindo a casar-se em 1904 com Cornelia Pratt Lane, filha de um empresário das vendas por atacado de Chicago. Somos tentados a uma comparação com o casal modelo da era do Jazz, Scott e Zelda Fitzgerald, se nos atentarmos à sua posição social e à sua aparência; contudo, os Anderson viviam de maneira bem mais regrada e mundana naqueles primeiros anos de século XX, e eram portanto mais dados aos babbittismos do personagem de Sinclair Lewis ou ao cotidiano dos casais que Fitzgerald ironizaria (sempre à beira de um colapso de nervos e sofrendo de dispepsia).²⁸⁹ A analogia, contudo, tem algo de profético, como veremos.

Aproximações históricas e literárias a parte, os anos que se estendem de 1900-1906 testemunharam Sherwood frequentando círculos sociais aos quais não tinha tido acesso até então, gozando da oportunidade de suprir aquelas que tinha como falhas de sua educação: sua cultura livresca, sua espirotuosidade cortesã, sua etiqueta e adjacentes. A cada novo convite de algum medalhão empresarial, a cada novo aumento em seu

²⁸⁷ ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [June, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 37.

²⁸⁸ Idem, *ibidem*.

²⁸⁹ Como em praticamente todos os contos de: FITZGERALD, Francis Scott Key. **Seis contos da Era do Jazz e outras histórias**. 7ª ed. Tradução de Brenno Silveira. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

ordenado, a cada novo emblema da respeitabilidade *middle-class* que ele passava a ostentar, mais convicto ele parecia se tornar de que sua obstinação pregressa estava se pagando.

Concomitantemente a isso, no entanto, uma série de dúvidas começava a crescer por debaixo de cada novo *slogan* açucarado que Sherwood escrevia, dilemas que orbitavam ao redor do rígido senso de moral que ele piamente professava e a realidade concreta dos afazeres que tinha que desempenhar. As expectativas que a tradição do trabalho lhe incubou realizavam-se somente pela metade, isto é, trazendo ganhos materiais mais do que razoáveis, de um lado, mas fazendo-o sentir como que castrado, preso e pequeno, de outro. Os artigos que Sherwood escreveu na *Agricultural Advertising* entre 1902-1905 podem muito bem ser lidos como uma tentativa de entender aquele universo humano em que adentrara: catalogando as coisas daquela nova realidade (vide a taxonomia dos "tipos do mundo dos negócios", p.ex.)²⁹⁰ e encontrando seu lugar no meio delas (sua exaltação das virtudes do bom publicitário e do bom homem de negócios, p.ex.).²⁹¹ Aquela dificuldade de adaptação social que ressaltamos anteriormente, acentuada pelas indefinições da nova classe média dentro da estrutura gerencial que os monopólios criavam em seu encaixe, começava a redundar numa crise de consciência, numa série de questionamentos subjetivos em Sherwood. Afinal, se a tradição laboral dos Oitocentos o ensinara orgânica a relação entre "trabalho" e "quem trabalha", como poderiam insatisfações com o trabalho não serem traduzidas como crises pessoais, senão mesmo espirituais?

Conforme o século XX avançava, a experiência de trabalho foi se mostrando crescentemente insatisfatória às expectativas que professava, de tal modo que o biógrafo Walter Rideout afirma que Sherwood começou a pensar-se noutra ocupação, noutro ofício. Os artigos que ele publicou desde 1902 foram perdendo seu caráter de meros textos comerciais e ganhando uma densidade mais literária. Um deles, parte da série *Business types*, intitulado "The man of affairs", chega a criar o personagem Peter Macveagh, um virtuoso rapaz interiorano que é corrompido pela ganância e pela sede de

²⁹⁰ Diversos artigos que Sherwood Anderson escreveu na revista *Agricultural Advertising* descrevendo alguns dos típicos sujeitos que perambulam no mundo dos negócios, assim traçando uma espécie de seu perfil, sua filosofia de vida, seus comportamentos, suas expectativas etc.

²⁹¹ A série de artigos intitulada *Rot and Reason* tenta extrair algumas das lições desse mundo dos negócios que se apresentava como algo novo a Sherwood naquele início de século, perfazendo um meio-caminho entre o transcendentalismo oitocentista e o pragmatismo da modernidade industrial. Ali dão-se dicas a jovens aspirantes à prosperidade, fazem-se anedotas sobre episódios de então sobre o mundo dos negócios, e propõe-se pequenas crônicas sobre fatos do dia.

poder que lhe desperta a cidade grande: espécie de confissão de dilemas íntimos mas também narrativa mítica cuja estrutura ele refará diversas vezes em sua literatura.²⁹²

Rideout sumariza do seguinte modo o estado de espírito de Sherwood naqueles anos iniciais do Novecentos:

Embora todo o processo de mudança de vida e de carreira se estenderia pela próxima década, não sendo ainda, portanto, uma clara e firme resolução, por volta de 1904 o pensamento de se tornar um escritor havia começado a deixar de ser um mero desejo para Sherwood, e tornara-se uma opção.²⁹³

Esses dilemas, por crescentes que estivessem se tornando naqueles anos iniciais do novo século, foram adiados ou minorados pela trajetória ascendente que ele vivenciou no período. No outono de 1906, inclusive, Sherwood foi contratado por uma empresa de vendas por correspondência, tendo vindo a mudar-se para Cleveland com sua mulher. A United Factories Company of Cleveland requisitou os serviços de Sherwood e deu-lhe um cargo cuja importância superava a de todos os seus trabalhos pgressos, o de presidente. Entretanto, assim como grande parte da "hierarquia anônima de gerentes médios, chefes de seção, consultores municipais, contramestres, inspetores federais e investigadores policiais formados em Direito",²⁹⁴ esse cargo tinha poderes reais dúbios. Era mais o de um procurador publicitário e redator glorificado do que de um real *businessman*, tanto que a primeira tarefa que lhe foi designada diferia muito pouco dos anúncios que ele já fazia na Long-Critchfield: um catálogo de coberturas (roofing catalogue).

O editorial que abre esse catálogo, da lavra de Sherwood, é um excelente exemplo daquela "inocência" que tantos intelectuais e escritores dizem ter-se perdido na passagem do século XIX para o XX nos Estados Unidos. O editorial é uma relíquia dos Oitocentos dentro do novo século, reminiscência da barganha honrada das cidadezinhas encravado num mundo crescentemente dominado pelos negócios escusos de magnatas. Algumas de suas noções tentam-nos a interpretá-las como "ingenuidade", soando anacrônicas frente ao avanço brutal dos monopólios sobre a economia estadunidense, e seu impacto sobre a concorrência e o mundo dos negócios. Sherwood escreve aos potenciais clientes que

²⁹² Ela é a base de *Windy McPherson's son*, de 1916; de *Poor white*, de 1921; de *Many marriages*, de 1923; e de *Dark laughter*, de 1925. Afora as inúmeras releituras autobiográficas que produziu.

²⁹³ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit. p. 104.

²⁹⁴ MILLS, Charles Wright. **A nova classe média.** op. cit. p. 12.

Embora eu e você talvez jamais nos conheçamos pessoalmente, dou-lhe minha palavra de que o que está escrito nesse livro é verdade, espiritual e factualmente. Coloco-me à disposição de fazer o que é certo para você, o comprador, e se em algum momento comprar algo das fábricas cujos produtos são anunciados através de meus catálogos e não ficar satisfeito, sinta-se à vontade para trazer à questão pessoalmente aos meus cuidados, prometo-lhe que não irei delegar o assunto para um balconista ou empilhar palavras para confundi-lo. Irei, sim, deixá-lo satisfeito com o que você comprou ou devolverei cada centavo do seu dinheiro não interessando o quanto percamos com isso.²⁹⁵

A retórica de convencimento típica dos anúncios comerciais e das propagandas, a "adulação íntima" de que falou Howe, não nos deve deixar enganar, pois se expressa aqui algo mais do que isto. Estamos diante de uma postura econômica e moral (uma atitude, em sentido amplo) que pertence a um momento histórico distinto, quando imperava uma economia de pequenos produtores em que as disposições específicas do trabalho e de seu produto carregavam diretamente as marcas específicas daquele que o produziu. Geralmente, as "antigas classes médias" dos Estados Unidos assumiam responsabilidade direta pelo que produziam e vendiam. Aquilo que produziam levava seu sinete pessoal, era espécie de indicativo acerca das intenções do indivíduo que os pusera em negociação. Isso não é seu atestado de moral mas uma forma histórica de se relacionar como agentes econômicos, uma cujos paralelos podem ser estendidos até mesmo em direção aos artesãos medievais ou com outras economias cuja base era comunitária ou familiar, como era o caso do Meio-Oeste onde Sherwood crescera.

Como discutimos no capítulo anterior, o século XIX abrigou as condições para que as pequenas unidades econômicas imperassem na economia estadunidense, e que, nesse ínterim, o trabalho fosse uma extensão muito mais direta daqueles que nele se empenhavam diretamente, algo que contribuía para adensar as dimensões morais desse ato. Numa economia de pequenos capitalistas, onde produz-se parcialmente para a subsistência e onde cada produtor costuma ser comerciante dos frutos de sua própria produção, é comum que haja uma associação muito estreita, e encampada socialmente, entre trocas comerciais (negócios) e disposição moral. Reiteramos que isso não torna os pequenos capitalistas sinônimos de virtude, mas demonstra que havia uma ligação muito forte entre trabalho, moral e negócios, cujo centro e cuja lógica eram profundamente individualistas, e cujas condições estruturais eram as de uma economia como a daquele século. Sob o domínio dos monopólios, a concentração de propriedade e de poder econômico deslocou o centro de decisão, tirando-o muitas vezes das mãos

²⁹⁵ ANDERSON, Sherwood *apud* TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. op. cit. p. 58.

dos pequenos proprietários e dos produtores diretos, submetendo-os a uma lógica administrativa férrea e programada, onde o arbítrio da decisão individual passa a ser privilégio de cada vez menos sujeitos, e onde, para os demais, o conjunto dos processos econômicos parece mais como o desenrolar de um mecanismo pré-estabelecido.

Sherwood carregou para dentro do século XX, para dentro das tramas do capitalismo monopolista, os pressupostos da economia e da sociedade do século anterior, tornando-se assim presa de um descompasso que está no cerne da problemática que aqui discutimos: ele expressa, por seus erros talvez mais do que por seus acertos, por suas semi-inconsciências mais do que por seus atos deliberados, as diferenças brutais existentes entre dois regimes distintos de capitalismo. Sherwood insiste em assumir pessoalmente as responsabilidades sobre os produtos que anuncia mesmo que eles sejam produzidos por um conjunto de indústrias soldadas com capital financeiro, e num mercado profundamente impessoal! Ou seja, ele falava com a retórica individualista dos pequenos capitalistas no interior de uma unidade econômica agigantada que era típica do capitalismo moderno.

O termo "ingenuidade", aplicado para adjetivar as noções de Sherwood Anderson sobre tantas coisas, é mais preciso aos nossos olhos do que poderia ser aos dele, embora seja muito difícil atestá-lo com precisão. O momento histórico que analisamos vivia as dores de parto de uma realidade econômica diferente e nova, cujos habitantes nem sempre dispunham de um arsenal interpretativo e mesmo terminológico que lhes desse uma percepção tão ampla e sistemática das demarcações de poder, das lógicas estruturais e dos caminhos abertos e obstruídos. Como bem notou Marc Bloch, "para grande desespero dos historiadores, os homens não têm o hábito de, a cada vez que mudam de costumes, mudar de vocabulário."²⁹⁶

Sherwood foi sujeito e objeto desse processo. Sua percepção sobre a realidade histórica estava amparada pelos constructos morais que ele gestara no século XIX e numa sociedade interiorana, domínios onde o capitalismo monopolista deitou suas garras de maneira muito mais restrita e enviesada, nem sempre dominante. Por isso é que a passagem da cidadezinha de Clyde à metrópole de Chicago foi crucial: foi ela que marcou o contraste entre dois modos de vida amparados em estruturas e dinâmicas econômicas organizadas de maneira distinta e sobre pressupostos diferentes (estrutura fundiária, circulação financeira, lógica comercial, organização da produção, regime de

²⁹⁶ BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 59.

propriedade corporativa etc.). Somente a experiência nos conflitos intestinos do capitalismo monopolista levaram Sherwood a sua peculiar epifania sobre a historicidade de seu tempo.

Os artigos de 1902-1904, ainda uma vez, vêm bem a calhar, permitindo ilustrar esse contraste. Eles celebram, de um lado, o "ganhar dinheiro" (money-making), e de outro, a honradez dos homens de negócios, aparentemente ignorando (ou tratando como defeito individual e portanto exceção) todo o barulho que os Muckrackers faziam à época sobre os escândalos de corrupção municipal, estadual e nacional, e o envolvimento de magnatas em todos eles. A questão havia ganhado notoriedade pública nacional suficiente para que um sujeito que lia tantos jornais, como Sherwood à época, pudesse ignorar - como disse Hofstadter, "(...) os grandes negócios (big business) estavam então mais entrincheirados que nunca" na vida nacional.²⁹⁷ Nos parece que ele insistia nas noções que aprendera da tradição, e continuava crendo nos valores algo redentores da riqueza e do trabalho (do *business*, enfim) apesar de tantos episódios controversos pululando nos jornais e na vida pública do país, assim não fazendo a ligação entre as duas coisas, entre os impulsos em direção à riqueza que julgava propósito filosófico e os mesmos impulsos por debaixo da ascensão escusa dos magnatas ou a consolidação brutal de poder dos trustes na economia nacional.

Essa dificuldade de uma (na falta de um melhor termo) "macro-visão" crítica sobre o trabalho e os negócios,²⁹⁸ assentada como estava na inércia cultural das bases materiais e do modo de vida dos Oitocentos, foi uma força histórica deveras relevante à ascensão do capitalismo monopolista nos Estados Unidos. Ao manter a performance econômica atrelada às disposições individuais, seus resultados eram tidos como questões de conduta e de caráter, não sendo assim passíveis de um tratamento objetivo mais amplo, capaz de expor suas entranhas econômicas e seus significados estruturais. Isso muitas vezes fazia com que fossem coniventes senão ativamente apologetas das transformações históricas do capitalismo monopolista.

Por conta disto é que vemos Sherwood escrever, em dezembro de 1903, num dos textos da série *Rot and Reason*, o seguinte: "(...) quando falamos de sucesso, a palavra

²⁹⁷ HOFSTADTER, Richard; GRAY, Wood. **An outline of American history**. United States Information Agency, s.d. p. 117.

²⁹⁸ No avançado de 1959, cinquenta anos mais tarde, Wright Mills ainda queixava-se dessa dificuldade dos americanos contemporâneos: "(...) tudo aquilo de que os homens comuns têm consciência direta e tudo o que tentam fazer está limitado pelas órbitas privadas em que vivem. Sua visão, sua capacidade, estão limitadas pelo cenário próximo" (MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Tradução de Waltensir Dutra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 6)

não pode significar senão uma coisa. Só há um tipo de sucesso nos negócios, e é o tipo de sucesso que ganha dinheiro."²⁹⁹ Vemo-lo também, num artigo de março de 1904, afirmar que "(...) é comum que se diga que os homens fortes não se importam com o dinheiro, e que é o poder que eles buscam. De minha parte, não consigo ver a diferença: o resultado (...) é exatamente o mesmo."³⁰⁰ Isso não o impede de cantar loas ao homem de negócios, como quando escreve que "(...) ele por vezes sofre de uma dose exagerada de dinheirismo, mas cuida da família, educa seus filhos, ama sua mulher, e geralmente sabe que a honestidade é uma muralha sólida e a verdade uma luz brilhante",³⁰¹ ou, ainda, quando afirma que "Um bom e correto homem de negócios, que trabalha bem disposto pela manhã e trata bem as pessoas ao seu redor, (...) está provavelmente fazendo mais bem que todos os moralistas que já viveram."³⁰²

Como se pode ver, a adaptação das velhas máximas morais à nova realidade social e econômica soava ingênua e, não raro, inadequada. Entre manutenções possíveis e desencaixes incontornáveis, Sherwood seguia, ora congratulando-se pela ascensão que obtivera, ora assombrado por momentos de dúvida sobre sua atividade - "seu trabalho, (...) seu lugar entre os homens", como ele disse certa feita.³⁰³

Um desses momentos não tardou àquele editorial supramencionado. Em 1907 um escândalo industrial se abateu sobre a United Factories Company of Cleveland tendo como epicentro o mal funcionamento sistemático de incubadoras, as quais eram vendidas pelos catálogos assinados por "Sherwood Anderson, presidente". Embora a culpa pelo ocorrido não repouse sobre seus ombros, ele empenhara a sua palavra aos clientes e aparecera como (ao menos) um dos rostos do conglomerado industrial. Ao oferecer sua identidade a um negócio cuja lógica organizacional era crescentemente baseada na "sociedade anônima", ele acabou por meter-se num embrulho moral: como ele, um *business man*, o "homem que segura as rédeas da vida nacional" poderia ter ocasionado tais perdas a seus clientes? Mas como poderia ele responder por esses danos com um ordenado que, por farto que fosse, não poderia cobrir os "milhares de dólares de prejuízo"?³⁰⁴

²⁹⁹ ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [December, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 59.

³⁰⁰ ANDERSON, Sherwood. *Business types* [March, 1904] In: _____. **Early writings**. op. cit. pp. 74-75.

³⁰¹ ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [June, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 35.

³⁰² ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [October, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 50.

³⁰³ ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [February, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 21.

³⁰⁴ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1.** op. cit. p. 126.

Num algo pitoresco episódio, seja ele oriundo de ordens vindas de cima ou de convicções vindas de dentro, Sherwood respondeu pessoalmente as cerca de seiscentas cartas de reclamação recebidas pela empresa de Cleveland!³⁰⁵

Sua incapacidade individual de responder pelos danos dos clientes, por outro lado, parece ter deixado um gosto amargo de mentira e de desonra, e sua busca por outro emprego naquele mesmo ano deve ter-lhe parecido uma fuga de responsabilidades, ainda mais para seu cioso senso de honestidade oitocentista. Embora uma outra posição tenha surgido como oportunidade logo em seguida a esses problemas em Cleveland, e mesmo que Sherwood não tenha sido implicado judicialmente no imbróglio, os antigos dilemas e dúvidas de que ele padecera levemente anos antes voltaram a assombrá-lo. A obsessão com que ele se lançou à busca da "Verdade" (com "V" maiúsculo)³⁰⁶ em sua literatura nesses tempos leva a pensar que ele se via cada vez mais como mentiroso ou desonesto.

Dada a situação que se criara com as indústrias de Cleveland, Sherwood muda-se para Elyria para assumir a posição de presidente de uma companhia, uma fábrica de utensílios para construção e reparos domésticos que chegou a levar seu nome, Anderson Manufacturing Company. Tratava-se de uma empresa de vendas por catálogo tal como aquela de Cleveland, mas dessa vez voltada ao comércio de um composto para reparo de telhados chamado "Roof-Fix". Já no ano seguinte, 1908, a empresa em questão absorveu uma fábrica de tintas e tornou-se a American Merchants Company, estratégia administrativa que apresentava as características típicas de uma economia cujos índices de lucratividade mais expandidos estavam numa gerência de tipo oligopólico. "Como uma corporação", a empresa de Sherwood "(...) atraía não só varejistas de ferragens mas também empresários e profissionais de Elyria como investidores."³⁰⁷

A despeito daquele tropeço de 1907, que abalara certas convicções de Sherwood quanto à integridade do mundo dos negócios cuja ribalta ele almejava, o sucesso econômico da aventura dos anos seguintes fez ebulir as quimeras de prosperidade do escritor. Depois de amargar o mundo do trabalho braçal entre 1896-1899, depois de duvidar da coerência ética de seus trabalhos publicitários como colarinho-branco entre 1900-1906, e depois de, finalmente, questionar-se sobre os limites morais de uma

³⁰⁵ Idem, *ibidem*.

³⁰⁶ Nos quatro livros dos anos 1910 (*Windy McPherson's son*, *Marching men*, *Mid-American chants e Winesburg, Ohio*) há, repetida à exaustão, a palavra "Verdade", quase sempre com o sentido de uma postura moral coerente e honesta, projetada como objetivo ou como um horizonte para o qual buscam caminhar, atormentadamente, os personagens dessas obras.

³⁰⁷ TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. op. cit. p. 61.

administração em larga escala, as certas recompensatórias do escritor pareceram vir à tona novamente. Os anos que se estendem de 1907-1912 foram aqueles em que Sherwood mais angariou êxitos monetários, e, curiosamente, também os que ele pareceu se perguntar de modo mais brutal sobre o preço daquele sucesso.

Se agudizou nesse período o esforço hercúleo do escritor em tentar conciliar realidades que cada vez mais se opunham histórica e socialmente. Por um lado,

Para adquirir mais capital e para aliciar mercadores de tinta numa relação mais adstrita à sua firma, Anderson desenvolveu um esquema chamado 'Democracia comercial', de acordo com o qual os vendedores de 'Roof-fix' comprariam ações da empresa e assim teriam participação na prosperidade dela.³⁰⁸

Por outro, Sherwood se torna um recluso à noite, tendo designado um cômodo da casa (trancado à chave) onde se isolava para escrever, rezar, refletir, manter uma coleção de soldadinhos de chumbo e às vezes lixar o assoalho de madeira. Townsend diz que "Uma vez lá, sozinho, [*Sherwood*] (...) tentava encontrar sentido em sua vida."³⁰⁹

O esquema a que alude Irving Howe, que Sherwood chamava "Democracia Comercial", emblemática o esforço de conciliação que tentava o escritor. Apesar do nome alvissareiro, quase jeffersoniano, tratava-se de uma estratégia de captação de capital através da construção de uma sociedade anônima de investidores, algo equivalente, apesar da forma rudimentar, da abertura da venda de ações na bolsa de valores. Esse recurso é típico do capitalismo monopolista, e foi orquestrado de maneira sistemática pelo capital financeiro nos Estados Unidos, dado que as sociedades anônimas (ainda mais em unidades industriais de tipo agregador como era a companhia de Sherwood) utilizavam-se da estratégia para acelerar a concentração e colocar-se em posição de poder que lhes permitisse sobrepor-se aos seus concorrentes. Por mais que esta não fosse algo completamente desconhecido no Meio-Oeste, uma vez que os lavradores e artesãos de ofício da região estavam acostumados a negociações monetárias numa "rudimentar economia de troca",³¹⁰ se tratava de um patamar novo, num momento econômico novo e num ramo produtivo distinto. Isto é, tentava tornar as "poupanças" dos lavradores (*farmers' savings*), cujo conhecimento flagramos num de

³⁰⁸ HOWE, Irving. *Sherwood Anderson - A biographical and critical study*. op. cit. p. 40.

³⁰⁹ TOWNSEND, Kim. *Sherwood Anderson*. op. cit. p. 64.

³¹⁰ RYAN, Mary P. *Cradle of the middle class - The family in Oneida County, New York (1790-1865)*. op. cit. p. 7.

seus artigos,³¹¹ em capital de investimento para a "moderna empresa" (modern business enterprise).

No caso específico em questão, não se trata de uma escala econômica tão grande quanto o cartel das ferrovias ou do petróleo, mas a dinâmica é de uma concentração crescente, ainda que embrionária. A dinâmica de absorção de indústrias cuja produção compunha parte do processo produtivo mais amplo (a fábrica de tintas participava da formulação do composto "Roof-Fix"), de modo a diminuir risco e custo e aumentar a lucratividade, é mencionado tanto por Lênin quanto por Hilferding, por exemplo.³¹² A abertura de capital na bolsa de valores, embora não seja uma invenção do capitalismo de regime monopolista, consumou-se de maneira muito mais orquestrada no *fin-de-siècle*, ainda mais nos Estados Unidos, onde um sistema bancário e monetário mais robusto, realmente nacional em envergadura, foi implementado nas décadas de 1870-1880.³¹³ Além disso, cabe mencionar ainda que o universo dos colarinhos-brancos era muitas vezes submetido ao pagamento salarial compulsório em *bonds* e *shares* das empresas onde trabalhavam, ou então, ainda, lançavam-se à compra desses dispositivos diluindo-os na folha de pagamento.³¹⁴

É provável que a capacidade de Sherwood de manter-se economicamente, e não tornar-se recessivo em termos de lucratividade, era perpassada pela aceitação e pela implementação de expedientes administrativos tais como estes, mais tácita ou mais conscientemente.

Embora se trate de um efeito bastante comum da consolidação do capitalismo monopolizado, ele parece não ter sido cotejado suficientemente em suas virtualidades subjetivas e psicológicas mais profundas, num efeito silencioso que o controle dos monopólios exerce em termos de estabelecimento daquilo que Pascal chamava de "segunda natureza", o costume. Por debaixo de parte considerável da literatura desse período parece estar um lamento profundo, não de todo posto sob a luz da consciência, acerca do estreitamento ou obstrução de possibilidades existenciais que não se

³¹¹ ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [November, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 58.

³¹² LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O imperialismo: fase superior do capitalismo**. Tradução de Leila Prado. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2005.; HILFERDING, Rudolf. **O capital financeiro**. Tradução de Reinaldo Mestrinel. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

³¹³ ROBERTSON, Ross M. **História da economia americana - Volume I**. op. cit. pp. 184-222.

³¹⁴ BARAN, Paul; SWEEZY, Paul M. **Capitalismo monopolista - Ensaio sobre a ordem econômica e social americana**. op. cit. pp. 24-59; MILLS, Charles Wright. **A nova classe média**. op. cit. pp. 257-276; PACKARD, Vance. **The status seekers - An exploration of class behaviour in America**. New York: Pelican Books, 1961.; VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa - Um estudo econômico das instituições**. Tradução de Olívia Krähenbühl. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

coadunassem com a matemática dos "negócios". Os escritores desse período parecem por vezes intuir tanto quanto ter uma noção plena desse processo, ao passo que lançam hipóteses interpretativas a partir de seus escritos, cada um deles composto com as experiências históricas próprias pelas quais passaram e as soluções estéticas pelas quais optaram.

Sherwood acalentara, mesmo antes de por os pés em Chicago, a oportunidade de "dar-se bem",³¹⁵ de prosperar e de "ganhar dinheiro" (seu alter-ego Sam McPherson tomara como sua a máxima a frase da cantiga de ninar: "Dinheiro é o que faz a égua andar").³¹⁶ Contudo, aos poucos ele parecia se dar conta das condições históricas em que seus desígnios podiam (ou tinham de) ser realizados, e a subscrição a elas parecia cada vez mais dividir suas crenças e atormentá-lo, submetendo-o à contradição que aqui analisamos: prosperar no século XIX, dentro da economia cuja dinâmica sua infância conhecera, certamente não significava a mesma coisa do que prosperar no século XX, numa economia de moldes monopolistas. Quando Sherwood escreve, portanto, que "Só há um tipo de sucesso nos negócios, e é o tipo de sucesso que ganha dinheiro",³¹⁷ ele tinha em mente o "sucesso" e o "ganhar dinheiro" cujo exemplo concreto era o das cidadezinhas interioranas, quando os homens enfrentavam-se como produtores diretos em condições de dispersão estrutural e razoável igualdade econômica. Na realidade de Chicago, de Cleveland e do mundo urbano cada vez mais agigantado, esses mesmos processos eram brutalmente diferentes, muito mais manietados por uma divisão de classes acentuada, por concentrações financeiras, pela divisão fabril do trabalho, pelo abuso da força econômica como instrumento de coação etc. Logo, se outrora a disputa econômica tendia a melhor premiar materialmente o indivíduo mais astucioso e diligente, nos Novecentos a tendência é que o indivíduo (e suas aptidões) tivesse muito menor peso, importando muito mais o fato de ele deter daqueles instrumentos de coação e estar disposto a usá-los para auferir ganhos.

Se retomarmos o fio da figura paterna nessa história, talvez entendamos de maneira mais completa as ambiguidades pelas quais passava Sherwood Anderson. Entre 1907 e 1911 nasceram seus três filhos (Robert Lane, John Sherwood e Marion), e estar

³¹⁵ A expressão "make good" é usada frequentemente nos escritos de Sherwood dessa época, conforme citado em: HOWE, Irving. **Sherwood Anderson - A biographical and critical study**. op. cit.; e em: TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. op. cit.

³¹⁶ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 75. A frase é de uma cantiga de ninar inglesa na qual um homem pede emprestada uma égua para ir à feira, e é dito que somente mediante um pagamento que o animal será posto a seu serviço.

³¹⁷ ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [December, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 59.

em condições de prover-lhes aquilo que seu próprio pai havia lhe negligenciado era uma razão forçosa a conduzir suas ações. Se Sherwood se ressentia de seu pai por conta de suas ausências domésticas e familiares, urgia-lhe não seguir nas mesmas pegadas dele, ao passo que se sentia pressionado ao êxito nos negócios, ao cumprimento seguro de seu papel de "provedor". A tensão se desenhava, pois, na conjunção desses dois desígnios: a estabilidade doméstica em termos materiais dependia de seu êxito administrativo e comercial, mas era precisamente este o que vinha lhe despertando cada vez mais dúvidas em relação à sua integridade, o que vinha ferindo seus escrúpulos.

A figura evanescente e multiforme do pai nos escritos de Sherwood, ora odiado, ora incompreendido, ora um pobre romântico, era muito provavelmente produto dessas dúvidas do período de 1907-1912. É provável que uma grande identificação com o pai tenha surgido por volta dessa época, ainda que este fosse permanecer na constelação de Sherwood como um freudiano complexo por anos.

Em nenhum outro momento da carreira de Sherwood como colarinho-branco ou como administrador-proprietário ele e sua família foram mais materialmente prósperos do que naqueles anos, e, contudo, em nenhum outro ele parece ter sido tão acabrunhado pelo descompasso de suas concepções morais em relação às condições históricas de prosperidade em que se encontrava.

Segundo Rideout, "no outono de 1911, a riqueza dos Anderson parecia estar no ápice",³¹⁸ e nesse momento os paralelos com F. Scott e Zela Fitzgerald parecem mais verossímeis. Sherwood e Cornelia eram convidados aos jantares e coquetéis do Country Club de Elyria, participavam do seletto clube literário Round Table Club, andavam bem vestidos e moravam numa casa grande e confortável na 7th Street. Sherwood era, inclusive, membro da Chamber of Commerce da cidade. E apesar disso tudo, ele "(...) começou a desprezar seu *status* de empresário respeitável, destruindo à noite a imagem que ele construía durante o dia. Cada vez mais frequentemente, ele se retirava para o sótão e punha-se a escrever."³¹⁹ Os rascunhos de *Windy McPherson's son* (e de outros livros, alguns jamais publicados) datam desse período.³²⁰

Sua ascensão dentro da hierarquia dos colarinhos-brancos o colocou em choque com certos valores que ele havia cultivado, fazendo-o mudar suas opiniões em relação

³¹⁸ RIDEOUT, Walter B. *Sherwood Anderson - A writer in America*. Vol. 1. op. cit. p. 138.

³¹⁹ HOWE, Irving. *Sherwood Anderson - A biographical and critical study*. op. cit. p. 42.

³²⁰ Irving Howe menciona que eram quatro os romances escritos nesse período (1911-1913): *Windy McPherson's son*, *Many marriages*, *Mary Cochran* e *Talbot Whittingham*, sendo os dois últimos nunca publicados - embora tendo tido trechos utilizados para contos e histórias posteriormente publicadas.

ao mundo dos negócios. Se compararmos algumas das passagens dos artigos que ele publicou depois de 1902 na *Agricultural Advertising* e a maneira como vinha se qualificando pelos idos de 1910-1911 poderemos perceber como algo havia se quebrado. Naqueles precoces textos Sherwood chama o homem de negócios de "um bom cidadão", um respeitável líder e pai de família,³²¹ enquanto que nos escritos posteriores ele se designa, tendo alcançado o patamar de homem de negócios, "mesquinho" e "um suave filho de uma cadela".³²²

É na esteira desse processo que se insere a "lenda" de Sherwood Anderson, aquele acontecimento abrupto e violento que precipitou sua decisão pessoal, e que acabou por fazê-la ressoar historicamente de forma ampla nos anos que se seguiriam: o colapso nervoso de novembro de 1912.

A posição de presidente da American Merchants Company exigiu de Sherwood um dispêndio extenuante de energia, e como a empresa participava das dinâmicas econômicas daquele período crucial de estabelecimento da lógica monopólica, ao escritor cabia a tomada de decisões que garantissem o sucesso do conglomerado. A lógica própria daquele regime de capitalismo nos Estados Unidos de início do XX fazia com que Sherwood "(...) visse a si próprio tornando-se mais e mais corrupto, mais e mais um trapaceirozinho, como um vendedor de sua própria alma."³²³ Ele foi pouco a pouco ruindo por debaixo daquela carapaça de sucesso, sentindo-se cada vez mais um "mentiroso" cujos sonhos de prosperidade e transcendência (de "Verdade") da juventude distanciavam-se do sentido de virtude que costumavam ter.

Na quinta-feira dia 28 de novembro, depois de uma longa e tormentosa gestação, aquelas dúvidas e dilemas morais vieram à tona: Sherwood chegou a ir ao trabalho e falar com sua secretária, mas logo depois disse "(...) algo do tipo 'meus pés estão molhados por ter errado num rio por tanto tempo.'"³²⁴ e saiu sem dizer para onde ia. Ficou quatro dias desaparecido, vindo a reaparecer numa farmácia de Cleveland, confuso e atordoado, incapaz de explicar coerentemente o que havia lhe acontecido ou por onde tinha andado naquele período.

Os termos e as interpretações acerca desse episódio são bastante variados. Townsend, em sua biografia de Sherwood Anderson, insiste sobre se tratar de um

³²¹ Todos esses dignificativos encontram-se nos artigos de 1902-1904: ANDERSON, Sherwood. **Early writings**. op. cit. p. 24, p. 37 e p. 40, por exemplo.

³²² "petty" e "a smooth son of a bitch" (tradução livre) TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. op. cit. p. 45 e p. 65, respectivamente.

³²³ Idem, ibidem, p. 64.

³²⁴ TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. op. cit. p. 76.

"estado de fuga", mais do que um "colapso nervoso" (que é a interpretação mais recorrente), mas "crise de meia idade", "amnésia", "exaustão nervosa" e "excesso de trabalho"³²⁵ são outros termos que apareceram no diagnóstico de médicos, amigos e jornalistas da época. Howe, outro biógrafo de Sherwood, escreveu que existe um vulto ao redor do episódio, o qual ele chama de "lenda", explicando que ela "(...) calou fundo na imaginação norte-americana porque era profundamente relevante para o clima emocional da vida dos Estados Unidos, para as ânsias semi-suprimidas com as quais tantos americanos esgotam suas vidas."³²⁶ Rideout, por sua vez, insiste no qualificativo "crise emocional e mental", oriunda de "pressões psíquicas"³²⁷ que se avolumaram sobre eles nos tempos anteriores:

É difícil determinar exatamente quando o desconforto mental oriundo de seu papel como homem de negócios se tornou uma mazela. Na verdade, pode-se assumir que esse profundo senso de auto-aversão que ele manifestava fora se acumulando por conta das trapaças e de deturpações que ele descobriu endêmicas em si, em seus amigos e nas práticas do mundo dos negócios, de sua própria facilidade em usar a linguagem para manipular os outros em seu próprio benefício.³²⁸

De qualquer modo, cabe notar que há uma dimensão histórica e social ao redor desse evento da vida de Sherwood. Embora faça parte da "lenda" (ativamente cultivada pelo escritor) a afirmação de que o colapso nervoso tenha sido o momento-chave da decisão de dedicar-se inteiramente à arte,³²⁹ ou, ainda, que tudo não passara de um esforço para livrar-se de um casamento decadente, é um fato incontornável que ele deixou a presidência da American Merchants Company logo depois do ocorrido. Além disso, mudou-se de volta para Chicago e recuperou seu emprego anterior, onde passou a trabalhar furiosamente nas composições publicitárias somente para entregá-las rapidamente e poder, então, trabalhar na sua literatura. Escrever era para Sherwood algo "curativo", sua "própria salvação"³³⁰ da mesquinha e da lógica cruel do mundo dos negócios. Seu plano de ação era uma tentativa de conciliar parte de seu passado de trabalhador, orgulhoso de sua disposição particular e força física, com a existência

³²⁵ Idem, *ibidem*, pp. 81-82.

³²⁶ HOWE, Irving. **Sherwood Anderson - A biographical and critical study**. op. cit. p. 49.

³²⁷ RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America**. Vol. 1. op. cit. p. 149

³²⁸ Idem, *ibidem*.

³²⁹ Como exemplo dessa recorrente leitura podemos citar passagem do crítico literário Maxwell Geismar, quando este diz que, em 1912, Sherwood "(...) deixou sua família, sua fábrica, seus associados e tudo mais para poder pôr um fim em seu aprendizado com Mammon, e assim começar a galantear a Musa" GEISMAR, Maxwell. **The last of the provincials. The American novel - 1915-1925**. New York: Hill and Wang, 1959. p. 225.

³³⁰ ANDERSON, Sherwood *apud* TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. op. cit. p. 65.

laboral numa realidade econômica em que seu trabalho se tornara indissociável de rotinas burocráticas e de uma condição qualquer de servilismo subjacente, quando não de artimanhas para adular e enganar os outros.

Há um corte bastante nítido nesse momento da vida de Sherwood Anderson. A partir do colapso em Elyria e da volta a Chicago, o escritor deixou de frequentar as *soirées* de colarinhos-brancos dos anos 1900-1906: suas noites passaram a ser desfrutadas nos círculos boêmios e na cena artística da Renascença de Chicago, continuação que eram dos tempos de debates da Wittenberg Academy e da pensão The Oaks. Foi nesse momento que ele travou contato com Floyd Dell (que quando partiu para Nova York para se tornar editor do *The Masses* levou cópia do manuscrito de *Windy McPherson's son* consigo),³³¹ com Theodore Dreiser (que desde a última década do XIX adquiriu o porte literário de um clássico), com Carl Sandburg (que se tornaria um dos grandes poetas estadunidenses), com Edgar Lee Masters (que publicava nesses anos sua obra-prima, *Spoon River Anthology*) e com tantas outras figuras de igual ou menor expressão no universo literário daquele período (Henry B. Fuller, Robert Herrick e Francis Hackett, por exemplo).

Antes de um diagnóstico, de ordem psiquiátrica ou espiritual, cabe-nos interpretar o episódio de 1912, e o processo de mudança que o engendrou, a partir da leitura que o próprio Sherwood construiu sobre ele. A dissecação de suas obras literárias dos anos 1910 permitem concatenar os dramas biográficos do escritor e compreender de maneira dialética a ficção autobiográfica que ele construiu como resposta à sua experiência à sombra da sociedade estadunidenses daquele momento. Como afirmou o crítico literário Brom Weber, os primeiros romances de Sherwood Anderson

(...) indubitavelmente serviram de auto-análise para [o autor] (...) [pois] arriscam-se perigosamente a tornar-se literatura de "confissão verdadeira", onde a aparente franqueza mal esconde a complacente teimosia com que o autor mais reitera do que explora os aborrecimentos aos quais se pensa que ele escapou.³³²

A crise particular pela qual passou Sherwood encontra-se organicamente imbricada com sua mudança de condição social dentro de uma realidade econômica estruturada sobre bases distintas. A passagem do interior à metrópole galvanizou essa mudança, e sua literatura não tardou a tornar-se uma tentativa de compreensão desse processo. A condição de trabalhador em que ele vivia no seio da economia interiorana

³³¹ HOWE, Irving. *Sherwood Anderson - A biographical and critical study*. op. cit. pp. 55-56.

³³² WEBER, Brom. *Sherwood Anderson*. op. cit. p. 59.

lhe permitiu autonomias e um senso de orgulho que ele passou a cultivar como parte importante de sua personalidade. Logo, a entrada na órbita econômica do capitalismo monopolista demonstrou a ele que a posição outrora mantida se enfraquecia, e que na relação com criaturas econômicas muito maiores e mais poderosas que ele, sua condição tornava-se cada vez mais precarizada e vulnerável.

Conforme dissemos, parece que dissecar a obra de Sherwood Anderson oferece um desafio tanto no que se refere a compreender a relação "sujeito-sociedade" quanto no que tange à relação "realidade-ficção". Essa característica certamente não nos isenta de ponderar sobre as reelaborações que se perfazem dos domínios da história para os da literatura, motivo pelo qual nos esforçamos para captar as soluções literárias e desconstruí-las a partir de sua própria lógica. A relação "sujeito-sociedade", contudo, se apresenta como um problema mais delicado na medida em que o elemento autobiográfico jamais pode ser isolado. Isso faz com que, mais do que em outros autores, a mediação particular se faça presente com uma intensidade orgânica peculiar. É por essa razão que temos tido o cuidado de fazer correr ao longo de todo o texto uma espécie de "acareação biográfica". Se isso implica num risco de ferir sua cadência e torná-lo algo exaustivo, cremos não nos poder furtar ao uso desse recurso.

II.2 As entranhas humanas do leviatã monopolista

Os romances *Windy McPherson's son* e *Marching men* foram dissecados do capítulo I para que se pudesse compreender, especialmente a partir de suas porções iniciais, o sentido histórico do trabalho que Sherwood Anderson expressava, e como ele estava umbilicalmente ligado à realidade econômica dos Estados Unidos dos Oitocentos. Retornaremos a eles daqui em diante para entendermos a continuidade de suas histórias e como elas expressam outra série de conflitos históricos, também estes cognoscíveis em sua intimidade através da relação com o realidade material e o mundo do trabalho sob a égide do capitalismo monopolista.

Se retomarmos os protagonistas desses romances de 1916 e 1917, notaremos que "Beaut" McGregor e Sam McPherson foram deixados na vizinhança de Chicago, tal como Sherwood no outono de 1897. Eles estavam às vésperas de se lançar naquele empreendimento de prosperidade material e de fibra moral que lhes parecia como uma espécie de continuidade, mais ou menos contrastante, em relação à vida nas pequenas cidades em que tinham habitado até aquele momento.

Desse ponto de vista, isto é, do ponto de vista da estrutura do enredo, ambos os romances carregam muitas similaridades, a maioria delas herdada da trajetória própria de Sherwood. No entanto, após a chegada em Chicago os personagens seguem caminhos muito diferentes, inclusive porque os dois livros foram concebidos e escritos em momentos diferentes da trajetória de Sherwood, tendo sido abastecidos por estados de espírito distintos. *Windy McPherson's son* é uma primeira concatenação das recordações de infância, uma história de aprendizado, desafio e, ao fim, busca de redenção e de transcendência, donde a estrutura de um romance de formação. *Marching men* é bem menos delicado, uma tentativa de aproximação de Sherwood em relação àqueles novos trabalhadores nascidos da sociedade industrial, é dado a extremos brutos e a uma mistura de teimosia e desespero que o torna lúgubre, donde o romance mais próximo do realismo e naturalismo, com frases categóricas e verborragia rígida a truncar o texto.

Mais do que simples oscilações particulares de humor e de disposição de seu autor, esses dois romances carregam a cicatriz histórica em sua frente. O livro de 1916 é fruto dos esforços de Sherwood em conciliar as exigências materiais de sua inserção no mundo dos negócios como administrador-proprietário, e as expectativas morais que ele carregou consigo, sua integridade e suas recompensas. É uma tentativa de emendar essas duas pontas conflitantes através do mergulho no íntimo do personagem e, ao fim e ao cabo, redimir-se da "corrupção" e "mesquinharia" de que se tornara presa. O livro de 1917, por outro lado, é uma recusa altissonante do passado de colarinho-branco, um escracho das janotices e da auto-confiança arrogante da nova classe média urbana que surge nas frinchas burocráticas e gerencias da economia monopolista. O exorcismo dessa filosofia da mediocridade degradingola rapidamente, no entanto, para um doutrinário elogio da força e exortação da bruteza, tentando aproximar-se da causa dos trabalhadores, mas sobretudo incompreendendo-a.

Ambos os romances são respostas de Sherwood às situações que o acossavam material e subjetivamente, mas foram escritos com a matéria-prima do real e tecidos com os circuitos de lógica historicamente à disposição do escritor. Dissecar essa literatura no limiar dialético "interno-externo" nos parece ser o procedimento que cabe aqui para compreender o que ela pode nos dizer sobre o processo de ascensão e consolidação dos monopólios na economia estadunidense e o que isso significou em termos humanos, especialmente para alguém que, como Sherwood, vivenciou a condição social de trabalhador em contextos tão diferentes.

Pelo fato de *Windy McPherson's son* nos oferecer a trajetória clássica e bem pontuada rumo à maturidade, entremeando-o com aspectos e episódios-chave da história daquele período, ele servirá de esqueleto para nossa análise nesse subtítulo, pois é especialmente exemplar dos problemas de que trataremos.

Como um ponto de costura do enredo de *Windy McPherson's son*, é dito à certa altura que "Sam era um jovem de quinze anos quando o chamado da cidade lhe sobreveio."³³³ O jovem protagonista estava "(...) determinado a se tornar um homem do dinheiro", e continuava também acalentando

(...) dentro dele a crença de que ganhar dinheiro, e ter dinheiro, ia de algum modo compensar as velhas e semi-esquecidas humilhações da vida da família McPherson, e, também, que ia estabelecer uma fundação mais segura do que aquela que o vacilante Windy havia conseguido prover (...)³³⁴

Para levar a cabo esse sonho ele havia se lançado desde muito cedo, a exemplo do próprio Sherwood, no mundo do trabalho, dedicando-se a uma série de ocupações temporárias, as quais foram celebradas, apesar de sua natureza prosaica, como expressões de diligência virtuosa. O passo seguinte de Sam nessa caminhada foi aceitar um trabalho sob as ordens de um comerciante de Caxton, Freedom Smith, o qual "(...) tinha uma paixão por comprar charretes e implementos agrícolas velhos ou meio desgastados, trazê-los para sua casa e deixá-los no quintal, juntando pó e ferrugem, jurando que eram bons como novos."³³⁵

Sherwood assim descreve o arranjo a que chegaram Sam e Freedom: "O acordo (...) incluía um justo ordenado semanal (...) e, junto a isso, dois terços de tudo o que ele fizesse Freedom economizar nas compras."³³⁶ Sua ocupação consistia em andar pelos arredores rurais de Caxton, travar contato com os agricultores e pequenos fazendeiros dali, fazer-lhes ofertas por suas charretes e demais apetrechos agrícolas, e, no caso de apresentar-se uma boa barganha, amealhá-la para Freedom. A função era a de uma espécie de comprador ambulante, realizada nas proximidades daquele lugar; não era um grande passo em relação aos sonhos ambiciosos de Sam, mas era um avanço em relação ao seu passado de jornaleiro.

Acerca dessa ocupação, Sherwood escreveu que

³³³ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 74.

³³⁴ Idem, ibidem, p. 74.

³³⁵ Idem, p. 81.

³³⁶ Idem, p. 80.

(...) há um pouco de (...) pretensão em todos os homens (...) [*e o jovem*] logo aprendeu a identificá-la e dela tirar vantagem. Ele deixava os homens falarem até que tivessem exagerado ou aumentado o valor de seus bens, então os chamava bruscamente para as contas e antes que tivessem se recobrado de sua confusão, Sam já rumava para casa com a barganha debaixo do braço.³³⁷

Nota-se uma continuidade no sentido do trabalho retratado por Sherwood apresentado no capítulo I, pois ele envolve muito direta e intensamente a habilidade do sujeito que nele se encontra envolvido. Tratava-se ainda de uma atividade comercial exercida no seio de uma economia mantida em suas bases diminutas, nos marcos da pequena unidade econômica, vinculada às dinâmicas que Mary P. Ryan descreveu já existiram antes de meados do XIX, nas quais "(...) mercadores locais tentavam seduzir os lavradores com *slogans* tais como 'dinheiro em troca de lã' ou 'troca-se trigo por dinheiro'" nos diretórios municipais ou de condado.³³⁸

Como nos primórdios da colonização do Meio-Oeste, quando a participação dos lavradores no mercado local, ou mesmo regional, não eram senão complementares à sua altissonante auto-suficiência, o trabalho de Sam McPherson era como que endógeno a esse arranjo econômico. Isto é, não concorria para desequilibrar estruturalmente posições socioeconômicas, era mais uma barganha astuciosa, indulgida com uma piscadela do *status quo*, do que a exação de um lucro expropriativo, este sim passível das reprimendas dedicadas à ganância. Tanto estava o sucesso comercial de Sam enraizado na dispersão e na "virgindade" econômica dos rincões provincianos do Meio-Oeste, que ele é explicado como repousando no fato de que

(...) naqueles dias os fazendeiros não tinham o costume de observar os preços mercantis diários, e, na verdade, os mercados não eram sistematizados ou regulados como viriam a ser posteriormente, de modo que a habilidade do comprador era de primeira importância.³³⁹

Era um trabalho em que Sam se encontrava, e que reforçava o sentido de virtude da obstinação que Sherwood acalentava. Apesar da estratégia de negociação envolver algum tipo de flexibilidade moral da parte do comprador e algum artifício de "confusão" para pegar desprevenido quem estava recebendo a oferta de compra, Sherwood faz questão de ressaltar que Sam "(...) ganhava dinheiro, mas ainda assim mantinha a confiança e o respeito dos homens com quem comerciava."³⁴⁰ Isso se dava, afirmamos,

³³⁷ Idem, p. 82.

³³⁸ RYAN, Mary P. **Cradle of the middle class - The family in Oneida County, New York (1790-1865)**. op. cit. p. 9.

³³⁹ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 82.

³⁴⁰ Idem, *ibidem*.

porque o comprador e o vendedor encontravam-se numa certa equivalência de condição material e social, nunca perfeita mas ainda assim existente, a ponto de que numa negociação como a descrita o ganho de um não advir da urgência de uma dependência, ou então ocasionar estruturalmente a degradação do outro. A autonomia que ambos desfrutavam, ancorada na pequena propriedade (rural, manufatureira, comercial), garantia que antes de uma imposição calcada na discrepância estrutural entre suas posições, o resultado da negociação estivesse mais diretamente ligado à capacidade de barganhar de cada um deles, à sua astúcia e destreza individuais na ocasião da negociação. Era isso o que Sherwood, assim como grande parte de sua geração, chamava de "jogo" (game) ou de "jogo dos negócios" (business game).

Essa situação esteve calcada no sistema econômico existente nos Estados Unidos no século XIX, ou melhor, na pouca sistematização deste. Se por um lado, a parca regulamentação financeira e governamental abria o caminho para um clima como-que-hobbessianos de desconfiança perene dos sujeitos em todas as negociações, por outro lado garantia smithianamente que as trocas comerciais fossem vistas muito mais como transações entre indivíduos do que como eventos ocasionados dentro de condições estruturais determinadas. Havia sido essa a experiência histórica que, tendo longa e organicamente constituído a existência material dos Estados Unidos, se assentou como modo de vida e como parte da cultura dessa sociedade desde muito cedo, tendo se constituído um fato medular daquilo que se poderia chamar de sua "aparelhagem mental", costume social e raiz ideológica.

O historiador marxista Daniel Gaido, em seu excelente estudo de síntese, notou essa peculiaridade da realidade socioeconômica dos Estados Unidos desde muito cedo. Ao rastrear os fatos que serviram de pré-condição para o posterior desenvolvimento do capitalismo naquele país, ele menciona "O fato de os colonos lavradores, numericamente imponentes, terem sido pequenos produtores de mercadorias (commodities)",³⁴¹ isto é, que além de produtores agrícolas eles também eram comerciantes de seus produtos. Faziam permutas, negócios, escambos por vezes, ainda que não de forma especializada, como se profissão. O universo do trabalho e dos "negócios" (o clássico *business* estadunidense) estavam mantidos junto um do outro na base de uma economia em que os produtores detinham as condições de produção, seja

³⁴¹ GAIDO, Daniel. **The formative period of American capitalism - A materialist interpretation**. New York: Routledge, 2006. p. 33.

na forma de pequenas propriedades, seja no controle sobre o produto final de seu trabalho, seja na manutenção de condições tecnológicas artesanais.

Por acaso em sua autobiografia, ainda no século XVIII, Benjamin Franklin não recomendava a frugalidade de hábitos tanto para que o dinheiro pudesse ser aplicado de forma mais lucrativa quanto para a preservação das energias que deveriam ser dedicadas à diligência do trabalho? Seu *Poor Richard's Almanac* não estava cheio de máximas vinculadas às práticas de negócios (business), tais como "um tostão poupado é um tostão ganhado" e "Tempo é dinheiro"?

Tanto Allan Kulikoff como Mary P. Ryan corroboram essa característica da economia e dos hábitos sociais dos Estados Unidos, aquele dizendo inclusive que os lavradores do Meio-Oeste participavam em "mercados de produtos (...) com regularidade" e justamente para "sustentar relações e vizinhanças não-comerciais".³⁴² Isto é, eram produtores mas também eram os mercadores de seu próprio trabalho, eram seus próprios homens de negócio. Por acaso não foi na famoso "Discurso da Cruz de Ouro" de 1896 que William Jennings Bryan disse que "O homem que trabalha por salários é tão homem de negócios quanto seu empregador"?³⁴³

Thorstein Veblen explicava a ascensão da empresa moderna (business enterprise) no final do XIX nos Estados Unidos como o momento em que as práticas de negociação, o *business*, "fosse no artesanato ou no comércio, deixaram de ser gerenciadas como formas de sustento e passaram a ser encaradas como lucro de um investimento".³⁴⁴ Ou seja, haviam até ali existido dentro da dinâmica econômica, ainda que não com as mesmas características e funções estruturais que viriam a ter posteriormente.

Tamanha era a presença dessas práticas de permuta e negociação no interior da vida material dos Estados Unidos que Thomas Cochran e William Miller escreveram:

Os Estados Unidos foram assentados principalmente por imigrantes empreendedores buscando oportunidades e liberdade econômicas. Que essa busca tem sido a mais poderosa em determinar a natureza de sua cultura, os historiadores reconhecem quando escrevem interpretações econômicas de nossa política, de nossa literatura, de nossa filosofia, de nossa religião. Mas eles falham em fazer-lhe justiça quanto tornam isto, e não os próprios negócios a matéria-prima de suas discussões. Nós não temos sido um povo

³⁴² KULIKOFF, Alan. *The agrarian origins of American capitalism*. op. cit. p. 36.

³⁴³ BRYAN, William Jennings. *Cross of Gold Speech*. In: HOFSTADTER, Richard (ed.). *Great Issues in American History - From Reconstruction to the Present Day (1864-1969)*. New York: Vintage Books, 1969. p. 168.

³⁴⁴ VEBLEN, Thorstein. *The theory of business enterprise*. New York: Charles Scribner's sons, 1915. pp. 23-24.

essencialmente político, literário, metafísico ou religioso. Nossos hábitos e costumes não foram formados somente pelo voto, pela leitura, pelos exercícios de lógica ou pela oração. Nossos modos não são simplesmente aqueles de convenções, liceus, escolas e igrejas. Nós temos sido primariamente um povo de negócios (a business people), e os negócios têm sido determinantes em nossa vida. Abstraindo aspectos curiosos de nossa cultura, os historiadores os têm interpretado inocentemente nos termos do "motivo do lucro" (profit motive).³⁴⁵

Há um certo exagero nessa passagem, talvez uma síntese aligeirada sobre o que se poderia chamar de "caráter estadunidense". No entanto, note-se que Cochran e Miller apontam para uma intersecção plena de consequências: os negócios não eram somente práticas econômicas, e certamente não eram entendidos como se restringindo a isto, pois participavam amplamente das demais esferas da vida, constituíam-se parte da existência social e elemento fundamental da cultura e do modo de viver, da própria moral. Quando os autores criticam a "interpretação inocente" dos historiadores que tratam os negócios como restritos ao "motivo do lucro", é em nome da percepção de que o costume dos negócios transbordava largamente as fronteiras econômicas, tendo se entrelaçado a todo um modo de existir, a uma certa filosofia, a uma certa moral, a um certo senso de individualismo, a uma forma de enxergar as instituições e as relações sociais, o conjunto mesmo de existir. E no que isso implica de jactância e também de mesquinharia, de *élan* progressivo e de utilitarismo pedestre.

O historiador estadunidense Henry Steele Commager, ao propor um perfil do "norte-americano do século XIX" ressaltou essa preocupação com os negócios como uma de suas características primordiais:

Pregava o evangelho do trabalho árduo e considerava a indolência um vício mais pernicioso do que a imoralidade. (...) o pior que se podia dizer sobre uma lei era que prejudicava os negócios. Tudo o que prometia aumentar a riqueza era automaticamente considerado bom.³⁴⁶

Mais à frente, ainda, o historiador escreve que esse sujeito estadunidense era "frequentemente romântico a respeito dos negócios".³⁴⁷

Na medida em que se mantiveram as condições econômicas gerais que descrevemos no capítulo anterior, parece ter prevalecido uma unidade mais estreita, soldada na prática econômica dos indivíduos mesmo, entre o trabalho e o que se chama

³⁴⁵ COCHRAN, Thomas C.; MILLER, William. **The Age of Enterprise - A social history of Industrial America**. Revised edition. New York: Harper Torchbooks, 1961. p. 2.

³⁴⁶ COMMAGER, Henry Steele. **O espírito norte-americano - Uma interpretação do pensamento e do caráter norte-americano desde a década de 1880**. Tradução de Jorge Fortes. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 17.

³⁴⁷ Idem, *ibidem*.

aqui (um tanto impropriamente, é verdade) de "negócios", de *business*. Mesmo Stuart Blumin, que em seu estudo sobre a emergência da classe média busca demonstrar os limites da tese da "democracia econômica" no século XIX afirmou que "(...) uma estrutura social mais claramente definida na história estadunidense, e uma mais profunda consciência entre os americanos acerca das classes em que se dividiam, somente emergiram nos anos que se seguiram à Guerra Civil."³⁴⁸

Na medida em que a afirmação de Blumin envolve tanto uma questão de consciência social quanto também de divisão do trabalho e estruturação da base material, podemos perceber que a separação (e sobretudo um antagonismo) entre os quadros produtivos e os quadros comerciais não se sacramentou profundamente a não ser durante a Era da Reconstrução. No caso da cultura do Meio-Oeste de que Sherwood foi herdeiro, essas dimensões se coadunavam, pois ao verem-se sobretudo como indivíduos e ao manterem relações produtivas e comerciais dentro de quadros econômicos dispersos, aquelas "antigas classes médias" acabaram por como que dissimular essa divisão de classes, ou ao menos não percebê-las de forma ostensiva. Eram produtoras tanto como eram comerciantes de seus produtos, e os mercadores locais e regionais participaram desse arranjo sócio-histórico sem desequilibrá-lo durante bastante tempo. Esse é o motivo pelo qual o escritor faz questão de dizer que seu protagonista, Sam McPherson, "(...) ganhava dinheiro, mas ainda assim mantinha a confiança e o respeito dos homens com quem comerciava".

A maioria desses traços ganharam espécie de endosso político-institucional com as políticas jeffersonianas de "abertura do continente" no início dos 1800, assim fundindo as prosperidades individuais com o progresso nacional em âmbito amplo e profundo. Não se pode deixar de notar, portanto, que por debaixo dessa afeição pelos negócios encontra-se uma herança puritana (Weber demonstrou-o belamente),³⁴⁹ mas também um certo senso de individualismo deveras presente, que ganhou a salvaguarda nacional já a partir da Independência. O ponto que queremos ressaltar é que enquanto as condições materiais de existência permaneceram razoavelmente equilibradas como se verifica no Meio-Oeste até por volta de 1860-1870, as negociações ocorriam de um modo como que "endêmico", como parte das relações e da vida dos indivíduos em sociedade, como uma prática corrente que se coadunava com os liames sociais e

³⁴⁸ BLUMIN, Stuart M. **The emergence of middle class - Social experience in the American city, 1760-1900**. op. cit. p. 258.

³⁴⁹ WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. Tradução de Maria Irene de Q.F. Szmrecsányi e Tamás J.M.K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1967.

econômicos, mantendo-se como parte dela, antes de antagonista dela - sendo esse precisamente o equilíbrio que a industrialização e o capitalismo monopolista quebraram nas últimas décadas do século XIX.

Sob a sombra histórica desse estado de coisas, os teimosos individualismo e pragmatismo estadunidenses floresceram de modo exuberante. Os pressupostos que subjazem ao trecho supracitado de Sherwood parecem ser precisamente esses. Por conta deles, aliás, Sam se orgulha de seu sucesso como comprador itinerante, pois naquelas condições concretas onde se encontrava, esse sucesso era evidência de sua astúcia e de sua habilidade de negociação, do que Sherwood chamou de "business sense" e que poderíamos talvez traduzir como "tino comercial". Era antes uma conquista individual sua do que a exploração alheia. A experiência que ele adquirira nos anos em que trabalhara para Freedom Smith lhe conferiram uma identificação, sustentada tanto por ele quanto pelos habitantes de Caxton, de que ele se tornava um "homem de negócios" (business man) nos termos que definimos acima.

De tal modo fora Sam bem-sucedido em sua empreitada comercial que Freedom escrevera uma carta recomendando-o à firma para a qual ele próprio vendia seus implementos, uma empresa de Chicago. Tendo sido aceito, fato que é retratado com comoção por Sherwood, o protagonista alter-ego do escritor passou "(...) dois anos vivendo a vida de comprador itinerante, visitando cidadezinhas de Indiana, Illinois e Iowa, e fazendo negócios com homens que, como Freedom Smith, compravam os produtos diretamente de fazendeiros."³⁵⁰ Conforme as histórias arquetípicas de realização e superação pessoal contadas pela literatura popular do século XIX, Sherwood alinhavou a trajetória particular de Sam com uma escalada vertical que ia se consolidando por meio do seu esforço e sua obstinação, e que o colocava em condições materiais cada vez mais estáveis. Antes ele era o comprador dos arredores que negociava diretamente com os pequenos fazendeiros, depois se tornou o negociante interestadual que negociava com aqueles que negociavam com os pequenos fazendeiros. Ele estava adentrando cada vez na estrutura burocrática desse ramo (nas diversas camadas intermediárias que compõem a "mão visível" do mercado de Alfred Chandler Jr.), algo que transparece a ramificação, hierarquia e especialização que a economia estava desenvolvendo nesse período.

³⁵⁰ Idem, p. 119.

Como se trata de uma *apprentice novel*, Sherwood descreve com detalhes as impressões íntimas que volteiam na mente do personagem, e em uma delas vê-se serem desenhadas suas visões sobre aquele mundo dos negócios para o interior do qual ele cada vez mais avançava:

Instintivamente, ele olhava para os negócios como um grande jogo em que muitos homens se encontravam, no qual alguns poucos, os quietos e capazes, esperavam pacientemente até um determinado momento, e então atacavam aquilo que viriam a possuir. Com a rapidez e a precisão de uma fera durante o bote eles atacavam. Sam sentia que tinha aquela capacidade, e nas suas negociações com os compradores valia-se dela impiedosamente.³⁵¹

A despeito da ascensão vertical experimentada pelo protagonista do romance de 1916, a convicção dele quanto à virtude de seu ofício e das dinâmicas comerciais e econômicas como um todo parecia prevalecer, ainda que não intactas. Há uma diferença considerável entre os pensamentos algo ingênuos daquele rapazola de Caxton, que buscava uma espécie de transcendência espiritual a partir do trabalho obstinado, e esse homem feito, que exorta sua própria ferocidade na barganha.

Ao passar a operar não mais nos limites regionais da economia de Caxton mas na economia ascendente de Chicago, não mais no varejo proximal mas nas esferas mais amplas de comércio interestadual, Sam passou a conviver noutra dinâmica de negociação. Se antes ele operava dentro da lógica fortemente amarrada com as ataduras do século XIX, com a mentalidade administrativa dos pequenos produtores, agora ele começava a participar de uma lógica onde imperavam as grandes unidades econômicas e onde a concentração de poder tornava os artifícios de negociação um elemento de opressão comercial. Em grande parte é em virtude dessa lógica sistemática e especializada da economia, que Sam vai sendo transformado nos seus hábitos comerciais, não sendo suas decisões fruto aleatório ou exclusivo de comportamentos instintivos.

Ao tornar-se um negociante que transitava entre as pequenas propriedades que formava a colcha de retalhos do Meio-Oeste, pouco a pouco incorporando-as a circuitos econômicos mais amplos, Sam McPherson torna um agente daquele processo que Morrison e Commager chamaram de "Revolução Agrícola", que "(...) significou a passagem da lavoura para a agricultura mecanizada, da produção para a subsistência para a agricultura comercial", e que teve a "utilização de máquinas e da ciência biológica na lavoura" desempenhando papel-chave, "bem como o uso do transporte

³⁵¹ Idem, p. 121.

moderno [*sobretudo as ferrovias*] para levar seus produtos aos mercados mundiais".³⁵² A costura que Sam ajudava a fazer era aquela tornou a agricultura "uma parte íntima (...) e subordinada do sistema industrial"³⁵³ nos anos finais do século XIX.

A função que esse personagem desempenha ao integrar os lavradores jeffersonianos é análoga ao papel que historicamente desempenharam as ferrovias e os canais fluviais, que forçaram, segundo Cochran e Miller, "a mudança da auto-suficiência local para a especialização e venda para mercados distantes".³⁵⁴ A "especialização" aqui mencionada é resultante tanto da integração da agricultura do Meio-Oeste a uma economia de envergadura nacional (e mesmo internacional) sob a batuta da administração do Partido Republicano, quanto também da "mecanização" e "utilização da ciência biológica" nas lavouras, forçadas que foram, a seu modo, pelo industrialismo. Note-se que, em termos mais panorâmicos, a integração das lavouras do Meio-Oeste à grande economia significou uma divisão do trabalho em termos amplos, não somente no nível da textura prática das atividades (os agricultores são uns, os mercadores são outros), mas também em quadros nacionais (a força centrípeta da economia local vai tornando-se centrífuga), ao longo do qual os cultivos deixaram de suprir as necessidades de alimentação doméstica e familiar, tornando-se cultivos para o mercado, e aquelas necessidades passaram a ser supridas recorrendo ao comércio - as tradicionais mercearias (grocery stores) e armarinhos (drygoods stores) primeiro, as crescentes lojas de departamento mais tarde, sobretudo a partir de meados do século XIX. Thomas Cochran escreve que "(...) por volta de 1890 o mercado estadunidense tinha crescido de 25 para mais de 60 milhões de consumidores."³⁵⁵

Os artigos de Sherwood do início dos anos 1900, quando o entusiasmo otimista do escritor ainda não havia arrefecido, falam sobre essas transformações pelas quais passavam os antigos lavradores jeffersonianos. A função de Sherwood nessa época, quando estava na *Agriculture Advertising*, era justamente vender implementos para os pequenos proprietários e arrendatários do Meio-Oeste, isto é, ajudá-los a se mercantilizar e manter passo com as mudanças tecnológicas que a economia do período tornava determinantes. Ele os chamava, de forma um tanto adúladora, de "prósperos

³⁵² MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo II.** op. cit. p. 333.

³⁵³ Idem, *ibidem*.

³⁵⁴ COCHRAN, Thomas C.; MILLER, William. **The Age of Enterprise - A social history of Industrial America.** op. cit. p. 211.

³⁵⁵ COCHRAN, Thomas C. **Basic history of American business.** Princeton: D. Van Nostrand Company, 1959. p. 59.

agricultores americanos", os "lavradores da colheita dourada", e diz ao leitor que seria um erro "(...) pensar neles como o mesmo sujeito que você conheceu trinta ou quarenta anos atrás, quando era uma garoto descalço": eles "têm melhorado sua mente e seus métodos", tem um "extrato bancário polpudo" e "muitos dólares no banco", além de um "filho na universidade".³⁵⁶

Naquele imorredouro tom de entusiasmo herdado, hibridismo de Emerson e de Alger Jr. ("highbrow and lowbrow", erudito e popularesco, diria Van Wyck Brooks),³⁵⁷ aquele Sherwood dos 1900 se empolgava ao notar a mudança da paisagem que aquela expansão da agricultura gerava no Meio-Oeste, algo que a ele parecia a confirmação das prosperidades incubadas no íntimo whitmaniano dos Estados Unidos, testemunho de seu poder. Ele diz que "(...) trinta anos atrás essa região não era mais do que uma grande mesa de bilhar, chata e morta", e que no início do século se tornara repleta de "campos de milho e de trigo, que haviam finalmente prosperado".³⁵⁸

E eis que novamente estamos diante de uma situação em que somos tentados a usar o adjetivo "ingênuo" para descrever a leitura proposta por Sherwood Anderson. O processo de transformação histórica descrito por ele como "dourado", o qual sua cultura herdada o fazia enxergar como confirmação da prosperidade e da "independência" dos proprietários rurais, era na verdade o processo de incorporação da agricultura aos quadros de uma economia industrial e comandada pelo capital financeiro. Cochran e Miller sintetizaram categoricamente a conjuntura de forças e as implicações que estavam em jogo:

Conquanto a especialização para plantações comerciais (cash crops) tenha significado a melhoria do padrão de vida, também significou maior dependência em relação ao clima e maior vulnerabilidade às flutuações de mercado. Lavradores individuais, no entanto, tinha pouca escolha em determinar se queriam ou não correr esses riscos. Conforme as indústrias em expansão mandavam seu produtos manufaturas para as áreas rurais, os serviços locais dos quais os lavradores dependiam foram varridos do mapa. Tecelagens, instrumentos de limpeza de tecido e moinhos de farinha fecharam todos, fundições e ferrarias locais que faziam ferramentas agrícolas e instrumentos domésticos foram abandonados.³⁵⁹

O contraste é instrutivo. A "melhoria do padrão de vida" mencionado por Cochran e Miller, cujo preço era a dependência e um risco econômico crescentes, fora

³⁵⁶ ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [August, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. pp. 44-45.

³⁵⁷ BROOKS, Van Wyck. **America's coming-of-age**. New York: B.W. Huebsch, 1915. pp. 3-38.

³⁵⁸ ANDERSON, Sherwood. *Rot and Reason* [October, 1903] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 49.

³⁵⁹ COCHRAN, Thomas C.; MILLER, William. **The age of enterprise - A social history of Industrial America**. op. cit. p. 211.

tomado por aquele Sherwood do início dos Novecentos como emblema do sucesso, expressão visível daqueles desígnios otimistas que a tradição parecia prever, justa recompensa aos que haviam trabalhado ("extrato bancário polpudo", "muitos dólares no banco", "filho na universidade"). Não deixa de ser uma marca um tanto bisonha desse descompasso de Sherwood, dessa sua "ingenuidade" que parece ora deliberada, ora não, o fato de que os "milharais" que ele celebra em sua ânsia pastoral tenham sido os daquilo que Morrison e Commager chamaram de "lavoura científica",³⁶⁰ provavelmente plantadas e colhidas com as máquinas que a Guerra Civil, ao "(...) roubar os trabalhadores das fazendas e elevar o preço dos cereais", havia ajudado a disseminar - segundo esses dois historiadores, a tecnologia havia ganhado tamanho impulso que em 1900 haviam 12 mil patentes de arado registradas!³⁶¹

Mas, como dizíamos, o contraste é instrutivo. A integração aos circuitos econômicos nacionais e internacionais revelou sua face terrível na crise de 1893, quando o rebaixamento brutal dos preços agrícolas levou de roldão as hipotecas e as propriedades cujas poupanças e cuja mecanização até aquele ponto não davam forças para aguentar o impacto das perdas. Eis o curioso: apesar de toda a momentosa presença do chamado Protesto Agrário (Agrarian Protest) ao longo daqueles anos, criticando as políticas de favorecimento financeiro em detrimento de uma democracia agrária, não parece ter levado os lavradores e trabalhadores rurais do Meio-Oeste a apoiar uma de suas figuras de proa, William Jennings Bryan. Nas eleições presidenciais de 1900 Michigan, Illinois, Wisconsin, Iowa, Indiana, Ohio, Pennsylvania e West Virginia tiveram maioria eleitoral em favor de McKinley.³⁶² O potencial radicalismo debaixo das propostas de Bryan deve ter assustado aqueles lavradores conservadores e individualistas. Sobre eles talvez especial aplicação aquilo que afirmou Zinn: "As historietas de Horatio Alger, 'dos trapos aos luxos' (from rags to riches) eram verdadeiras somente para poucos, no mais das vezes um mito, mas um mito muito útil para exercer controle."³⁶³

Não se pode ter certeza, à altura de *Windy McPherson's son*, se Sherwood tem noção clara desse processo como um todo ou se captava somente alguns de seus lances

³⁶⁰ MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo II.** op. cit. p. 335.

³⁶¹ Idem, ibidem, p. 336.

³⁶² ABRAMS, Richard M. *A América ingressa no século XX, 1900-1918*. In: LEUCHTENBURG, William E. (org.). **O século inacabado - A América desde 1900 (Volume I)**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 87.

³⁶³ ZINN, Howard. **A people's history of the United States**. op. cit. p. 248.

mais visíveis, mas se colocarmos a transição do protagonista dos quadros mais locais para aqueles mais amplos (e o seu concomitante desenvolvimento subjetivo) nos parece que há uma analogia possível, indício potencial de uma percepção histórica. O rompimento do casulo provinciano, batismo de fogo da hombridade que a própria tradição receitava, parece vir acompanhado de uma gradativa mudança de atitude, crescendo de orgulho das próprias capacidades a favorecer uma projeção individual que pouco a pouco vai ganhando feições perturbadoras. As permutas em que Sam toma parte vão aos poucos deixando de serem afirmações de si e passam cada vez mais a implicar, ou mesmo exigir, a negação do outro.

Observa-se esses agudos desconfortáveis ao perceber o outrora "inocente" rapaz interiorano tendo sua estratégia de negociação explicada por Sherwood Anderson: "Ele conhecia bem o olhar vago e incerto que afluía aos olhos do homem de negócios mal sucedido nos momentos críticos, Sam buscava esse olhar e tirava vantagem dele tal como um pugilista procura o mesmo olhar incerto nos olhos de um oponente."³⁶⁴ Embora a metáfora não pareça apontar para uma tomada plena de consciência de Sam quanto à desigualdade de condição dos dois envolvidos na negociação, ela já tomava como escopo de expressão um enfrentamento direto, uma certa beligerância. A noção de bote, que envolve predador e presa, complementa-se nesse mesmo sentido.

E ainda assim, chacoalhados por essa mudança, mantêm-se aspectos acoplados às noções oitocentistas de trabalho e habilidade individual nesse ínterim, agora alçados a um patamar novo, cuja dimensão extrapola a estreiteza das negociações de outrora mas que permanece insuflado por aparentado senso de orgulho. Estamos aqui falando de um livro que Sherwood escreveu no tormentoso período de 1910-1912, o que faz sua concepção coincidir tanto com a situação particular do escritor, às voltas com as exigências próprias de sua nova posição como presidente de um conglomerado industrial, quanto com o processo gradativo de consolidação da regência econômica dos monopólios, a qual alterou a forma com a qual se produzia, negociava, vendia e comprava. Sherwood traduz a experiência histórica de encontrar-se no limiar de duas realidades econômicas, e de ser pressionado por suas exigências e responsabilidades discrepantes, a partir de uma atitude dúbia de Sam McPherson diante de seu próprio avanço nesse mundo dos negócios. É por esse motivo que logo após a exortação da estratégia comercial beligerante, há uma comparação bastante mais amena (e curiosa) da

³⁶⁴ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 121.

habilidade do homem de negócios: "A energia que ele via nas mãos do homem de negócios bem sucedido ao seu redor era a energia também observada nos mestres pintores, cientistas, atores, cantores, pugilistas." Ao passo que Sam conclui: "Eu também serei um deles."³⁶⁵

Essas analogias construídas por Sherwood em torno do homem de negócios encontravam eco na mentalidade e na literatura estadunidenses do período, embora também passassem a ser revestidas de uma certa ambiguidade nessa mesma época. Podemos encontrar afirmação muito parecida com a supramencionada num ensaio de Frank Norris, escritor contemporâneo de Sherwood, onde ele galhardamente compara o "sexto sentido" e "sensibilidade" do romancista ao dom que o une aos grandes inventores, os grandes músicos e os grandes poetas, que é o mesmo que "(...) separa o mero homem de negócios do financista"³⁶⁶ - e isso sendo um ferrenho opositor deles.

A exortação da habilidade individual de negociar, bem como da astúcia de explorar os deslizes do outro negociante, teve desde muito cedo um lugar cativo na mitologia do *self-made man*, e continuava sendo uma pedra angular da reputação dos magnatas mesmo. O historiador Sigmund Diamond estudou a trajetória de vários desses magnatas (Morgan, Rockefeller, Vanderbilt, Ford) e os obituários de diversos jornais à ocasião de sua morte, e pôde verificar que a trajetória arquetípica do homem obstinado e diligente, que ascendeu do ofício mais prosaico à posição de "titã" econômico (para recuperar o título que lhes deu Dreiser)³⁶⁷ estava presente em praticamente todos eles, conferindo-lhes algo como uma veneranda admiração.³⁶⁸

Por outro lado, o historiador Richard Hofstadter afirmou que nessa época houve também uma mudança de valoração quanto aos homens de negócios, quando passou-se a enxergá-los como predatórios e/ou mesquinhos. Um ponto de viragem dessa atitude se verifica entre a publicação de *The rise of Silas Lapham* e de *A hazard of new fortunes*, ambos romances de William Dean Howells.³⁶⁹ Se nos basearmos nessa interpretação de Hofstadter como indicativo, seremos levados para o final da década de 1880, já que os romances em questão foram publicados, respectivamente, em 1885 e 1890. Estivesse Howells plenamente ciente (ou não) da conjuntura econômica em cujo seio produzia sua

³⁶⁵ Idem, ibidem.

³⁶⁶ NORRIS, Frank. **The responsibilities of the novelists and other literary essays**. London: Grant Richards, 1903. p. 21.

³⁶⁷ DREISER, Theodore. **The titan**. New York: John Lane Company, 1914.

³⁶⁸ DIAMOND, Sigmund. **The reputation of the American businessman**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1970.

³⁶⁹ HOFSTADTER, Richard. **O antiintelectualismo nos Estados Unidos**. Tradução de Hamilton Trevisan. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 292.

literatura, sua mudança de atitude para com o homem de negócios é no mínimo provocativa, pois insere-se precisamente no período em que a tônica oligopólica se espalhava e aprofundava nos Estados Unidos, ainda mais na região nordeste do país, onde vivia quando produziu grande parte de sua obra.

As mudanças pelas quais passa o protagonista do romance de Sherwood de 1916 são parte de uma transformação histórica em curso, pois se num momento Sam é uma espécie de artista da barganha, noutra ele se assemelha a um pugilista esperando a abertura para nocautear o adversário. Comparações e metáfora à parte, há nessa mudança uma transição que é mais do que somente subjetiva ou exclusivamente ficcional. A cultura entusiástica e voluntarista que herdara parecia dizer a Sam em relação ao seu trabalho: faça o seu melhor, aplique-se com sua mais ciosa dedicação e com a mais excelente habilidade, e consiga dessa aplicação o melhor resultado possível, a maior prosperidade individual. Contudo, as experiências de negociação pelas quais passava deixavam-lhe em dúvida, pois a maior excelência e a mais refinada habilidade pareciam implicar na exploração da fraqueza alheia. Se a prosperidade individual repousar sobre o prejuízo alheio, ela continua sendo passível da unção moral da tradição? Mesmo no íntimo de uma tradição individualista, aquele que trabalha começa a se estranhar com seu trabalho - do mesmo modo que Sherwood se estranhou naqueles anos que antecedem o colapso de 1912.

Pondo frente à frente a evolução histórica dos quadros econômicos e da literatura, vê-se que o escritor participava de um movimento mais amplo do que sua trajetória particular, e que suas opiniões e visões acerca da existência, do trabalho e dos negócios marcavam passo com as de outros escritores, todos eles sujeitos a um conjunto similar de pressões e preocupações, com grau e natureza de consciência diversos. Como parte da evolução histórica dos Estados Unidos, seus escritos carregam as incertezas e as ambiguidades (não raro contraditórias) que sobrevivem às transformações históricas, motivo pelo qual sustentamos que sua literatura foi presa do descompasso e, ao mesmo tempo, um processo de leitura de sua situação, mais particular e mais geral.

Após consolidar-se na posição de negociante interestadual e de chegar ao cume de sua projeção, Sam McPherson sente que urge buscar um novo desafio mais acima na hierarquia do mundo dos negócios: eis que ele se muda definitivamente para Chicago e passa a trabalhar numa firma controlada por dois irmãos, Cara-fina (Narrow-face) e Ombros-largos (Broad-shoulders). Como descreve Sherwood, "A firma comissionada para a qual Sam trabalhou era uma parceria, não uma corporação (...)", e seus

"escritórios, como a maioria dos escritórios daquela rua, eram escuros e estreitos, cheirando a vegetais estragados e manteiga rançosa".³⁷⁰

O patamar que Sam galgara ao passar para o trabalho de Chicago tem um aspecto geral bastante mais lúgubre do que aquele onde se encontravam suas profissões anteriores. Além da descrição pouco amistosa das instalações onde a firma se encontrava, as práticas comerciais e as operações financeiras que ali se davam são todas recobertas de uma camada de dúvida quanto à sua legitimidade. A função de Sam nessa firma era a de uma espécie de corretor de investimentos, pois seu trabalho consistia em conversar com pessoas para "(...) conseguir deitar mão num dinheiro do qual ele deveria tirar vantagem a partir das chances que, ele pensava, jaziam convidativamente pelos arredores."³⁷¹ Contudo, tão logo ele entendera a dinâmica do ganho e os fatores que regiam uma maior ou menor lucratividade, ele passara a tornar-se um especulador cada vez menos escrupuloso:

Sam mantinha ovos e maçãs jazendo num depósito aguardando uma subida de preço; tinha carne atravessada pela fronteira estadual de Michigan e Winsconsin, e mantida congelada e marcada com seu nome, pronta para ser vendida por altos preços a hotéis e restaurantes elegantes; Sam possuía, inclusive, alguma sacas de milho e trigo em armazéns à margem do rio Chicago, somente esperando para serem lançados no mercado ou seu comando (...) ou o comando de um operador financeiro de La Salle.³⁷²

A amplitude do controle do protagonista, o próprio volume de bens e dinheiro que jazem sob seu poder, funcionam como evidência de sua subida na hierarquia econômica, similarmente ao que acontecera ao longo da segunda metade do século XIX com os empresários e empresas que mais tarde se tornaram gigantes monopólicos. Sam não produzira nenhum daqueles produtos que negociava, mas ainda assim conseguia negociá-los pelas propriedades do capital financeiro, e usava essas propriedades para conseguir amealhar os melhores benefícios. Ao condensar grandes transformações históricas na vida de um único personagem, Sherwood correu o risco de forçar os limites da verossimilhança, mas as homologias permanecem ativas. Por acaso o controle que os instrumentos financeiros lhe deram não o faz nesse trecho atuar como um Morgan ou um Rockefeller atuava? Seu *modus operandi*, ao usar seu poder para "(...)

³⁷⁰ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 134.

³⁷¹ Idem, ibidem, pp. 135-136.

³⁷² Idem, p. 136.

sufocar a concorrência e manter preços altos"³⁷³ não é similar ao que fizeram os magnatas?

O comércio que Sam McPherson praticava anteriormente, nas imediações locais ou mesmo no âmbito regional, não eram da mesma natureza deste em que se encontra agora. O *business* que outrora existia "endemicamente" dentro do modo de vida das pequenas unidades econômicas, agora tornara-se nocivo a ela. Era preciso enfraquecer o adversário (mantendo produtos estocados para forçar o aumento dos preços, por exemplo) para conseguir a vitória. Era preciso forçar o comprador à submissão, por força econômica, para amealhar a boa barganha. Não se trata mais daqueles reclames de excelência individual que prevaleciam nos Oitocentos, isto é, a boa barganha não é aquela vencida pelo bom negociador. Se fala aqui de uma competição dentro de desigualdade estrutural, onde aquela base razoável de igualdade deixou de existir.

Ao ouvir os reclames da tradição, que o impelia em direção à prosperidade, Sam foi buscá-la, mas já não era possível uma prosperidade naqueles termos pregressos, de onde os ventos da tradição sopravam, mas somente a dos tempos de então, que o capitalismo monopolista definia. Esse é o dilema existencial em que se enredou Sherwood: o otimismo oitocentista o impelia ao trabalho obstinado e à busca incansável da prosperidade, mas estes, no mundo moderno que o final do XIX inaugurara, implicava aderir à competição predatório do *business* na era dos magnatas e dos monopólios. Aquela unidade holística entre o indivíduo e o universo, que Emerson preconizava, pode continuar existindo nesses termos?

Era esta a realidade que se consolidou nos anos que se seguiram à Guerra Civil, onde o antigo "sistema financeiro do país, com centenas de bancos estaduais sem um banco central"³⁷⁴ foi centralizado, em parte pelas medidas do Partido Republicano, em parte pela consolidação de Nova York, de Wall Street, como centro nervoso da projeção das finanças - o famoso cabo atlântico ligando a metrópole aos centros financeiros da Europa fora inaugurado em 1858, por exemplo. Esse é o período em que se consolida o que o historiador Thomas Cochran chamou do "mercado de envergadura nacional" (nation-wide market), com as ferrovias e as linhas do telégrafo diminuindo as distâncias

³⁷³ ZINN, Howard. **A people's history of the United States**. op. cit. p. 251.

³⁷⁴ BRANDS, H.W. **American Colossus - The triumph of capitalism (1865-1900)**. New York: Doubleday, 2010. pos. 174-180.

e aumentando as "pressões da competição", já que "(...) todos da nação passaram a estar competindo uns com os outros".³⁷⁵

A mudança que vemos se operar no ofício de Sam na sua passagem para Chicago é aquilo que o historiador H.W. Brands ressaltou como sendo uma das mais radicais transformações:

A coisa mais chocante sobre os negócios praticados em Wall Street - sobremaneira chocante para americanos comuns acostumados a realizar comprar coisas reais, a real produção de uma lavoura, uma oficina ou uma fábrica - era como esses mercadores (traders) negociavam de modo efêmero (in ephemera)³⁷⁶

A relação de Sam McPherson par com aqueles produtos mencionados na passagem anterior, "maçãs, ovos, carne", era a mesma relação entre os negociantes de Wall Street para com os títulos que compravam e vendiam. Aquela ligação de outrora, entre os negócios e o trabalho, cuja solda se mantinha sobre as bases da "democracia econômica" e o "auto-governo" jeffersonianos, na qual cada homem era um produtor e também o comerciante de sua produção, a essa altura encontrava-se já desfeita, subsumida nos quadros da nova divisão do trabalho.

Há o produtor, já subordinado a um regime fabril no campo ou na cidade, na "lavoura científica" ou na indústria; e há o comerciante, o homem de negócios, o *business man*, o *trader*, que vende a produção daqueles. E essa separação não era somente uma divisão do trabalho, ela implicava uma hierarquia, isto é, a subordinação do trabalho pelos negócios, ou dos trabalhadores ao capital. Aquela igualdade de outrora, quando se dissimulavam as classes sociais na "virgindade" e na dispersão econômicas do Meio-Oeste, caíra por terra. A construção das fortunas através da e após a Guerra Civil foi pouco a pouco ceifando a antiga autonomia econômica que prevalecia no Meio-Oeste, destruindo a dinâmica de competição e de "livre iniciativa" que até ali prevalecera, e estabelecendo patamares de tecnologia e produtividade que redundaram frequentemente na destruição dos modos de vida tradicionais.

Conforme o livro avança, Sam vai colocando-se mais e mais para dentro das dinâmicas econômicas que acompanharam a monopolização, passando a operar a partir delas. A tendencial queda da taxa de lucro do capitalismo, que se agrava e se acelera num regime monopolista,³⁷⁷ faz com que práticas concorrenciais tradicionais tenham de

³⁷⁵ COCHRAN, Thomas C. **Basic history of American business**. op. cit. p. 60.

³⁷⁶ BRANDS, H.W. **American Colossus - The triumph of capitalism (1865-1900)**. op. cit. pos. 245.

³⁷⁷ E de um modo complexo, pois como demonstraram Baran e Sweezy, uma vez que os monopólios favorecem um incremento muito mais robusto dessas taxas de lucro (já que a concentração permite

se desdobrar para fazer frente às exigências postas pela concentração de poder econômico, abrindo espaço para procedimentos como aqueles supracitados. A firma dos dois irmãos na qual trabalha Sam operava dentro de estratégias que se tornaram mais lucrativas pelo tipo de situação e procedimentos instaurados pelo capitalismo monopolista. Por um lado, tem-se o aumento da especulação financeira, por meio do desenvolvimento das sociedades anônimas e da bolsa de valores (onde "jazem as chances" de lucro de Sam). Por outro, dada a pressão que sofrem os lucros comerciais diante do estreitamento da concorrência e do controle mais sistemático dos preços, práticas de "banditismo" e "gangsterismo" tendem a se disseminar de modo a preservar artificialmente preços e garantir lucros acima do mercado.

Do ponto de vista da trama literária e da estrutura narrativa, essa passagem da vida de Sam serve ao propósito de demonstrar como ocorria uma série de transformações no protagonista conforme este ascendia no mundo dos negócios. O desenvolvimento íntimo dele nos serve de barômetro das mudanças econômicas, pois permite visualizá-las de maneira mais palpável. Além disso, é nela que se expressa a tensão crescente entre realidade econômica e atitude individual, o estranhamento íntimo, crise espiritual, que ganhava pouco a pouco a potência de força social na realidade estadunidense da virada dos séculos XIX-XX.

O mal estar do personagem chega a um novo estágio quando Sam trava um contato mais estreito com os donos daquela firma. Dos dois irmãos proprietários, Cara-fina era o "real mestre, e respondia pela habilidade na parceria (...) [*sendo*] escorregadio, silencioso e incansável". Sam inclusive suspeitava que ele era um "homem de negócios inescrupuloso."³⁷⁸ O conselho que Cara-fina dá para Sam, embora soe muito similar àquela cantilena de "ganhar dinheiro" que Sam repetia nas ruas de Caxton, está apartado daquele se se considerar que a realidade econômica dentro da qual se insere é muito diferente: "'Não passe seu tempo com quem não tenha dinheiro para ajudá-lo', ele disse, 'quando na estrada, busque os homens com dinheiro e tente consegui-lo. Isso é tudo o que se deve saber para os negócios - conseguir dinheiro.'³⁷⁹ A conclusão já traz incrustada a beligerância que Sam já havia começado a desenvolver

controlar os fatores e condições de produção e de venda com maior precisão), o problema de absorção dessa mesma taxa de lucro se coloca num patamar tão importante que se constitui no eixo de sua obra: "a criação e absorção do excedente num regime de capitalismo monopolista." BARAN, Paul; SWEEZY, Paul M. **Capitalismo monopolista - Ensaio sobre a ordem econômica e social americana**. op. cit. p. 17.

³⁷⁸ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 134.

³⁷⁹ Idem, *ibidem*, pp. 136-137.

quando negociante interestadual, mas agora mais violenta: "Eu chutaria metade dos homens metidos nos negócios se eu pudesse, mas eu mesmo tenho que dançar de acordo com a canção que o dinheiro toca."³⁸⁰

As palavras de Cara-fina causam grande impressão sobre Sam, a ponto de que ele ambicione dispor do dinheiro que um colega de quarto seu, chamado Eckardt, possuía. Sam havia se digladiado por diversas vezes quanto a essa perspectiva, perguntando-se sobre os escrúpulos envolvidos, mas parece que sob o efeito do conselho Cara-fina ele havia se decidido. Ele busca um advogado, Webster, indicado por seu conselheiro e assim apresenta sua proposta contratual para deitar mão no dinheiro de Eckardt: "Eu quero que você redija um contrato que me dê controle absoluto sobre vinte mil dólares, sem riscos para mim no caso de eu perdê-lo, e que preveja uma promessa de não pagar mais do que sete por cento dos dividendos caso que não perca o dinheiro."³⁸¹

A redação do contrato solicitado por Sam grava em pedra sua aceitação da lógica do lucro nas esferas financeiras do capitalismo monopolista, e ao mesmo tempo transforma em letra morta a virtude que, em suas concepções oitocentistas, acompanhava o trabalho. O próprio instrumento burocrático, o contrato impessoal, é um elemento que passa a mediar a relação entre dois sujeitos que resolvem entrar em negociação. Junto com a estrutura institucional da firma e o mercado financeiro, eles se apresentam como boas oportunidades de negócio mediante a alavancagem do lucro por meio de mecanismos nem sempre ilegais, mas certamente escusos³⁸² aos olhos das noções de um personagem como Sam e um escritor como Sherwood.

Dos tempos em que a rentabilidade de um empreendimento econômico decorria muito mais diretamente da capacidade de trabalho do produtor direto, até esses tempos em que ela depende mais da criação e sustentação de um desnível entre os dois indivíduos imbricados na negociação, além de um mecanismo jurídico a azeitá-la, algo mudou. Negociar nesses termos não era sobressair-se pela astúcia, era tornar a outra parte alvo de uma espécie de extorsão, de uma dependência calcada na disparidade de poder econômico, logo, exploração mesma de uma vantagem escusa. Aquele elixir smithiano do "esforço natural de cada indivíduo no sentido de melhorar sua própria

³⁸⁰ Idem, p. 137.

³⁸¹ Idem, p. 137.

³⁸² Mesmo o advogado ironiza a solicitação de Sam: "Quem é você, afinal de contas? (...) Se você é capaz de conseguir vinte mil dólares e nenhum risco sobre esse dinheiro, você é alguém que vale a pena conhecer. Pode ser que eu venha a montar uma gangue para assaltar um trem." Idem, p. 137.

condição",³⁸³ do qual haviam bebido fartamente os americanos, era agora envenenado pelo aprofundamento da divisão de classes.

A disparidade existente entre a dinâmica econômica do "capitalismo de pequenos capitalistas" e do capitalismo de regime monopolista é enorme. O lugar, a forma e o sentido do trabalho (e também dos negócios) nesses dois regimes de capitalismo se diferenciam o suficiente para confundir Sherwood e deixar Sam "(...) a se perguntar se ele estava sendo honesto."³⁸⁴ Entre o transcendentalismo interiorano, das verdades universais e fixas, e o pragmatismo utilitário da metrópole, das "verdades funcionais",³⁸⁵ o que se podia decidir? Ao jovem emulo de Benjamin Franklin que Sam parecia ser, o dilema se punha entre as virtudes número 6 e número 8 que aquele enumerou em sua *Autobiografia*: entre a "Industriosidade" e a "Justiça",³⁸⁶ como definir qual era mais determinante?

A transição da economia dos pequenos proprietários e de seu sistema pouco articulado para a economia dos monopólios, da concentração produtiva e da consolidação do poder financeiro, foi uma transição marcada pela mudança do significado e a fórmula do sucesso econômico - da "prosperidade" e do "ganhar dinheiro", para usar expressões caras a Sherwood Anderson. Também foi, ao longo de seu desdobrar-se, uma mudança do sentido e da função do trabalho nessa equação. A situação dividida em que se encontra Sam McPherson nessa parte do romance talvez seja retratada mais como uma crise moral e espiritual por conta da estrutura de um romance de formação, mas o que ele passa é também o resultado dialético de inserir-se numa realidade social e econômica em que as antigas sendas se estreitaram e os caminhos para o velho objetivo já não eram mais os mesmos.

O trabalho que na concepção de Sherwood cumpria a função dupla de dar base à probidade moral de quem trabalhava e de pavimentar o caminho que levava à prosperidade material, estava se transformando dentro do regime monopolista. O que Sherwood e Sam descobriram inserindo-se no mundo criado na "fase superior do capitalismo" foi que a equação da prosperidade havia se modificado, não sendo o trabalhar mais um enfrentamento heróico com a natureza nem uma atividade em que a obstinação individual é sinônimo de êxito. Através das crescentes desventuras de Sam,

³⁸³ SMITH, Adam. **A riqueza das nações - Investigação sobre sua natureza e suas causas - Volume II.** Tradução de Luiz João Baraúna. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. p. 68.

³⁸⁴ Idem, p. 137.

³⁸⁵ MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo II.** op. cit. p. 404.

³⁸⁶ FRANKLIN, Benjamin. **The autobiography of Benjamin Franklin.** op. cit. p. 108.

Sherwood demonstrou que o comportamento escuso, a exploração de um desnível estrutural e um amesquinamento obsessivo em nome do dinheiro respondem muito mais diretamente pelo "sucesso" econômico do que a cantilena liberal e transcendentalista que o protagonista mantinha quando na cidadezinha interiorana, em Caxton. Dada essa carga moral historicamente estabelecida na consciência estadunidense, torna-se compreensível porque o processo de ascensão do capitalismo monopolista foi lido por diversos escritores como uma "perda da inocência" - e porque a forma realista-naturalista, pela ideia de corrupção, serviu tão bem aos propósitos estéticos e artísticos dessa geração.³⁸⁷

Esse conflito entre retidão moral e prosperidade material se torna mais palpável numa conversa entre Cara-fina e um de seus devedores, a qual Sam ouve secretamente. Os termos utilizados pelo devedor, cobrado e incapaz de pagar, expressam com precisão o conflito pelo qual Sherwood passava: "Mas, veja, minha honra está em jogo", ao passo que Cara-fina o responde friamente: "Comigo não se trata de uma questão de honra mas de dólares, e eu hei de deitar-lhes mão".³⁸⁸ Não se trata mais de trabalhar para ser honrado e, nesse processo, angariar a prosperidade material e a admiração social; tudo parecia se resumir ao lucro. Aquela equação oitocentista não funciona mais no mundo moderno do Novecentos.

Por isso é que Sherwood escreveu que o "senso de equidade de Sam lutava uma batalha desigual", pois "Ele estava no mundo dos negócios (...) quando a América estava obcecada com a luta pelo ganho."³⁸⁹ O "senso de equidade" que ele encontrava negociando com os fazendeiros dos arredores de Caxton quando trabalhava para Freedom Smith, naquela dinâmica comercial em que sua astúcia lhe valia o lucro e que aquele com quem negociava mantinha seu "respeito e sua confiança"³⁹⁰ parecia não mais fazer sentido nessas novas condições impostas em Chicago. Era isso o que tirava o sono de Sam, e não a ânsia de "fazer-se a si próprio", pois se "fazer-se a si próprio" implicava desfazer-se do outro, do próximo, sua virtude pretensamente auto-evidente continua absoluta?

³⁸⁷ Quem insiste sobre isso é o crítico literário e historiador Vernon Louis Parrington, no volume III de seu colossal estudo: PARRINGTON, Vernon Louis. **Main currents in American thought - An interpretation of American literature from the beginnings to 1920**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1927-1930.

³⁸⁸ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 138.

³⁸⁹ Idem, ibidem, p. 139.

³⁹⁰ Idem, p. 82.

Transido pelo dilema, Sam McPherson mantém-se no caminho da obstinação: no Evangelho do trabalho estadunidense a preguiça é um pecado mais mortal do que o orgulho - afinal, Sherwood não ensinou que o oposto do "winner" é o "quitter"?

Sam se questiona sobre as implicações do que faz, mas não deixa de fazê-las, e com essa obstinação segue adiante na sua escalada no mundo dos negócios. Sua última parada foi a Rainey Arms Company, "uma empresa forte, antiga e conservadora, conhecida ao redor do mundo", na qual ele passou a ocupar o cargo de "comprador de todos os materiais que eram usados em suas fábricas."³⁹¹

Sherwood apresenta a empresa onde passa a trabalhar Sam do seguinte modo:

A empresa Rainey Arms (...) ainda era amplamente controlada pela família Rainey, filha e pai. O coronel Rainey, um homem barrigudo com bigodes grisalhos e aspecto militar, era o presidente e o maior acionista individual da empresa. Ele era um velho pomposo e falante, que possuía o hábito de fazer com que sua mais trivial frase soasse como uma sentença de morte pronunciada por um juiz (...)³⁹²

Tratava-se de uma empresa que continuava encabeçada pelo seu fundador, e que carregava toda as feições pessoais dele, como grande parte das empresas dos primeiros magnatas surgidos no fim do século XIX. Esse tipo de gerência, ainda que aqui numa dimensão agigantada, pertencia já aos tempos proto-monopolistas, quando geralmente coincidiam de maneira muito intensa a empresa e seu dono. Como a história veio a provar, esse é também um traço histórico que ia se apagando.

A história da empresa remonta à Guerra Civil Americana, tendo sido o resultado de um empreendimento conjunto de Rainey, à época um merceeiro dotado de capital, e de Whittaker, um inventor que desenvolveu um mecanismo para remuniamento de armas. Rainey financiou o patenteamento, a fabricação e a venda do invento de Whittaker, e as fortunas dos dois se juntaram definitivamente quando, depois da guerra, Jane Whittaker ("a última de sua linhagem") casou-se com o coronel. A trajetória do coronel Rainey e de sua empresa e fortuna estava intrinsecamente entrelaçada à evolução histórica própria da economia e da sociedade estadunidenses, inclusive uma provocativa insinuação de alegoria para com Morgan, Gould, Rockefeller, Carnegie, Drew e Vanderbilt, cujo embrião das fortunas fora a Guerra Civil³⁹³ - Drew chegou a

³⁹¹ Idem, p. 142.

³⁹² Idem, p. 143.

³⁹³ BRANDS, H.W. *American Colossus - The triumph of capitalism (1865-1900)*. op. cit. pos. 90-101.

escrever em suas memórias "(...) eu nunca ganhei tanto dinheiro (...) como nos quatro anos da guerra."³⁹⁴

Na Rainey Arms Company, aqueles dilemas morais e espirituais de Sam foram temporariamente colocados em segundo plano em nome das exigências mais práticas e cotidianas da logística e dos expedientes administrativos da empresa. Embora não tenha gostado muito do fato de que seu trabalho na empresa "(...) tirou-o da estrada e o confinou a um escritório o dia todo",³⁹⁵ Sam dedicou-se com fervor às suas funções desde o primeiro dia, conseguindo galgar degraus pouco a pouco dentro da hierarquia corporativa. Ele passou de um comprador a tesoureiro, e através do relacionamento amoroso (e do casamento) com Sue Rainey, a filha do coronel, ele conseguiu chegar a ser um dos gerentes centrais e o representante das ações dela. Como narrou Sherwood acerca dessa subida, Sam "(...) deixou de ser um arrivista ambicioso que caminhava nos limites da tradição e tornou-se o filho do coronel Tom, o controlador das ações de Sue, a mente dirigente e prática, e o gênio dos destinos da empresa."³⁹⁶

O sentido dessa trajetória ascensional encerrava em grande medida os contornos próprios da vida de Sherwood e também os aspectos mais gerais da economia estadunidense daquele início de século. A leitura do escritor acerca desse movimento de seu protagonista está estruturada sobre a passagem de um determinado tipo de gerenciamento empresarial para outro: de uma empresa "antiga e conservadora", que ainda guardava as feições pessoais de seu fundador, para uma corporação típica do capitalismo monopolista, mais parecida com um mecanismo frio e racional que suprime os traços pessoais de seu funcionamento.

A passagem de uma a outra foi marcada por um aprofundamento da tônica oligopólica na economia daquele período, processo esse em que mesmo o capitalista individual de grande envergadura tornou-se pequeno (relativamente, e não absolutamente) diante de uma maquinaria corporativa que tolhia sua ação dentro de uma grade lógica e sistêmica. O aprofundamento da ordem fabril taylorista no conjunto da vida social, acoplada ao tensionamento ocasionado pela concentração econômica, faz com que as decisões administrativas tornem-se antes a aplicação de princípios

³⁹⁴ WHITE, Bouck (ed.). **The book of Daniel Drew - A glimpse of the Fisk-Gould-Tweed Régime from the inside**. New York: Doubleday, Page & Company, 1911. p. 160.

³⁹⁵ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 142.

³⁹⁶ Idem, ibidem, p. 199.

"científicos" de gerência que a ação autônoma dos sujeitos econômicos - esse, aliás, é o grande lamento romântico daquele romance inacabado de Fitzgerald, *The last tycoon*.³⁹⁷

Sam vai se dando conta desse estado de coisas por meio de três situações, especialmente: sua discordância da gerência pessoal típica dos magnatas; a "necessidade" de tornar eficientes os departamentos e seções que compõem a empresa desde a produção até a gerência e funções burocráticas; e, finalmente, o "caminho" da lucratividade e do desenvolvimento apresentado pela fusão e concentração econômicas. Nessas três situações nos parece que Sherwood conseguiu entrelaçar a trajetória individual do personagem com sua história particular e com as metamorfoses da história estadunidense da época.

Logo após seu ingresso na Rainey Arms Company, Sam põe-se a pensar sobre a dinâmica de administração da empresa, e "(...) diz a si próprio que algo estava errado." Sam pensa que

(...) embora estivesse disposto a fazer eco às retumbantes declarações do coronel acerca das distintas tradições da empresa, ele não podia se converter à ideia de que a condução de um vasto empreendimento baseado num sistema de juras falsas a tradições ou de lealdade a um indivíduo.³⁹⁸

Podemos pensar que se trata aqui de uma questão de orgulho, já que, para um individualista estadunidense dos Oitocentos, colocar-se sob as ordens de um indivíduo que não si próprio poderia ferir-lhe os brios. Contudo, pensamos que há aqui uma transformação se operando no protagonista pela mudança de cenário, pois a obstinação em relação ao trabalho e o senso de pragmatismo o tornam hostil à ideia de uma gerência que soe, aos seus padrões, romântica e imprecisa. Como ele próprio pensa, logo em seguida, "Deve haver pontas soltas por todos os lados".³⁹⁹

Motivado pelos ideais que discutimos no capítulo anterior, aos olhos de Sam era imperativo que ele fosse o mais eficiente possível, que pudesse transformar os mecanismos internos da empresa nos mais excelentes. A ideia de imprecisão que pudesse advir de uma administração frouxa porque personalista lhe incomodava (vale lembrar que o coronel é descrito como "barrigudo" e forma física e compleição moral estão intimamente ligados na literatura de Sherwood Anderson). Sam encarnava bastante cedo uma tendência que se colocaria com cada vez mais força na economia dos

³⁹⁷ FITZGERALD, F. Scott. **The last tycoon, an unfinished novel and The Great Gatsby**. New York: Scribner, 1941.

³⁹⁸ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 144.

³⁹⁹ Idem, ibidem.

Estados Unidos, que é a da degeneração dos traços pessoais típicos da administração capitalista dos magnatas, e a projeção da empresa como uma espécie de entidade autônoma e central.

Fornecendo-nos uma bela leitura dessa transição pouco a pouco tornada mais perceptível, Sherwood fez com que Sam se tornasse o elemento catalisador dessa mudança, a peça-chave desse movimento. Para corrigir essa frouxidão ocasionada pelo comando do coronel Rainey, o protagonista do romance lança-se numa verdadeira cruzada taylorista. Como escreveu Sherwood, "Ainda que os negócios e as manufaturas americanas ainda não tivessem alcançado a ideia moderna de eficiência na administração de suas oficinas e escritórios, Sam tinha várias dessas ideias em sua mente e as expunha exaustivamente ao coronel." Essas ideias se manifestam como a perspicácia de um cioso administrador: Sam "(...) detestava o desperdício; ele não ligava para a tradição da empresa; ele não tinha plano algum, como tinham os chefes de outros departamentos, de conquistar um posto seguro e ali permanecer para o resto de seus dias".⁴⁰⁰

Sam usa seus ganhos aumentados como tesoureiro para amealhar ações da Rainey Arms Company e tornar-se cada vez mais uma figura de peso nas decisões sobre suas manobras e estratégias. Além disso, Sam "(...) começou a passar mais e mais tempo nas oficinas e, através do coronel Tom, forçou grandes mudanças por todo o canto. Ele demitiu contramestres, derrubou repartições entre as salas e pressionou em todo lugar por mais e melhor trabalho." E finalmente, "como o eficiente homem moderno", como Taylor fizera na Midvale Steel Company, como Carnegie fizera com suas indústrias de aço e como Rockefeller em suas refinarias, "(...) ele perambulava pela empresa de relógio em punho, eliminando trabalho ocioso, rearranjando-o e deixando-o a seu gosto."⁴⁰¹

A implementação de um regime taylorista no conjunto dos expedientes da empresa do coronel parecera a Sam a solução que o permitia fazer frente às exigências da diligência laboral. Algo parecido ocorre com "Beaut" McGregor em *Marching men*, depois de ele ser promovido a contramestre do armazém onde trabalhava. Ele implementa uma rotina precisa de trabalho para os empregados e os vigia obsessivamente, ao passo que "Quando (...) entrava numa sala em que os homens estavam em grupos conversando (...), eles rapidamente se ocupavam em alguma função.

⁴⁰⁰ Idem, p. 146.

⁴⁰¹ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 148.

(...) enquanto [McGregor lá] (...) permanecesse, eles trabalhavam desesperadamente".⁴⁰²

A "racionalização" sistemática das rotinas produtivas e a colocação de Sam na proa daquele processo se tornaram possíveis pela concentração que uma corporação da envergadura da Rainey Arms Company possuía. Nesse estado de coisas, portanto, o endosso à sistemática gerência "científica" e a aceitação da lógica própria do regime monopolista (umbilicalmente ligados, em termos históricos) são as medidas que garantem a prosperidade material de Sam e da empresa, sendo enxergadas por ele como o curso próprio do ímpeto industrioso que cultivava.

Ao longo de dois anos Sam trabalhou "impiedosamente (...) retirando todo e qualquer vestígio da gerência das mãos do coronel Tom", levando adiante seu plano de "consolidação das indústrias armamentistas americanas, as quais posteriormente puseram seu nome na primeira página de jornais e lhe granjearam o título de Capitão das Finanças."⁴⁰³ Sherwood colocou a decisão de Sam em sincronia com o processo histórico em curso, pois quando o protagonista se volta a consolidar seu controle sobre o segmento armamentista, "(...) o país ainda estava no início da grande onda de consolidação que acabaria por varrer todo o poder financeiro e concentrá-lo numa dúzia de mãos inteiramente competentes e eficientes."⁴⁰⁴

Por meio de manchetes mentirosas, de contratos fraudulentos, de tecnicidades jurídicas, do controle das ações de Sue Rainey (sua esposa) e de negociações com outros industriais do ramo baseadas na discrepância de poder (algumas vezes simples ameaças de *dumping* ou de sabotagem financeira ou industrial),⁴⁰⁵ Sam vai levando às últimas consequências sua obstinação pela maior rentabilidade possível. Numa reunião dramática com os acionistas da empresa, o Coronel Rainey tenta persuadi-los a "persistir nas antigas cores" e "Não deixar esse arrivista ingrato, filho de um pintor bêbado de vilarejo, que eu ajuntei do meio dos repolho da South Water Street, afastá-los da lealdade ao velho líder."⁴⁰⁶ Apesar da retórica salpicada dos argumentos e das grandiloquências do *self-made man* e de sua mitologia, a moção pelos desígnios de Sam (e contra a vontade do coronel) foi aprovada pela maioria dos votos. O "velho patriarca

⁴⁰² ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. op. cit. p. 124.

⁴⁰³ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 232.

⁴⁰⁴ Idem, ibidem, p. 233.

⁴⁰⁵ Idem, pp. 232-240.

⁴⁰⁶ Idem, pp. 239-240.

dos negócios americanos", que falara com uma "pomposidade extravagante"⁴⁰⁷ para defender seus interesses, afundava diante da complexa engenharia daquela economia que havia se consolidado no seu tempo de vida, aquela mesma que se estruturara a partir de seus esforços e que agora o descartava diante do acirramento da monopolização. O abalo foi tão grande para o coronel que dali a algum tempo ele suicidou-se.

Às vésperas da fatídica reunião, depois de ter se retirado para seus aposentos, Sam debateu-se levemente quanto aos seus projetos e suas implicações morais, mas somente o suficiente para concluir que ele estava "(...) trabalhando no sentido de conseguir o que queria da vida, e encontraria algum tipo de paz se pudesse pensar claramente em uma só linha, dia após dia".⁴⁰⁸

O transcendentalismo pereceu, o pragmatismo havia vencido.

Os eventos que se seguiram a essa reunião, no entanto, foram disruptivos para Sam: do ponto de vista da riqueza financeira, ele jamais havia sido tão próspero; do ponto de vista das certezas morais que sua prosperidade e sua obstinação devia trazer, o resultado era o exato oposto do esperado. Próximo do desfecho, o protagonista chega finalmente à sua epifania, algo similar àquela sofrida/alcançada por Sherwood em 1912: "O grande movimento da indústria moderna, do qual ele sonhava ser parte, tornara-se para ele um grande jogo de azar sem sentido, jogado com dados viciados contra um público crédulo."⁴⁰⁹

A trajetória de Sam McPherson guarda diversas semelhanças para com a de Sherwood Anderson. A epifania do protagonista o levou a deixar para trás as indústrias que havia fundido e o universo de especulação e fraude em que se transformara aquele mundo dos negócios que o jovem interiorano queria conquistar. A acabrunhante constatação de Sherwood o levou a buscar a literatura como uma forma alternativa de viver, uma forma de, curiosamente, buscar a verdade através da ficção. Dissemos anteriormente que *Windy McPherson's son* é a tentativa de redenção de Sherwood, motivo pelo qual ele tornou esse romance de formação num romance de deformação, desafiando os arquétipos que no período preconizavam a perseverança individual como caminho tanto para escapar da pobreza e prosperar, quanto para buscar a retidão moral e a realização subjetiva. Ele vira as máximas das noveletas de Alger Jr. pelo avesso, pondo-lhas sob o paradigma da lenda do Rei Midas.

⁴⁰⁷ Idem, p. 238 e p. 239, respectivamente.

⁴⁰⁸ Idem, p. 235.

⁴⁰⁹ Idem, p. 251.

Através de sua ascensão no mundo dos negócios em processo de monopolização, o personagem de Sherwood nos apresentou as condições e as implicações do "sucesso" econômico numa dinâmica e estrutura como aquelas, marcadas pelo avanço da divisão industrial do trabalho e pela estratificação vertical em classes. A obstinação em relação ao trabalho, herdada do tempo em que o homem econômico se digladiava com a rudeza da natureza, consigo próprio e com os outros homens num pé de igualdade relativa não tinham o mesmo sentido fora daquela realidade do século pregresso. A certeza quanto à necessidade da obstinação, inclusive como termômetro moral, permaneceu nos sujeitos, mas foi transformada de uma atividade braçal e algo épica para um conjunto de práticas mesquinhas e inescrupulosas, gerando o oposto efeito subjetivo de outrora. Tais percepções encontram-se insinuadas na literatura de Sherwood, embora muitas vezes com uma consciência oblíqua ou circunstante, de modo que se padece da eterna suspeita sobre a imolação de sua "inocência" ser deliberada ou espontânea.

Num sistema econômico monopolizado como aquele que o escritor e o personagem ascenderam, não se vence a natureza, a si próprio ou seus iguais numa disputa em "pé de igualdade"; prevalece, sim, uma dinâmica mais cruenta, onde a vitória de um é muito menos seu mérito individual, e muito mais diretamente a derrota do outro. A prosperidade de um parece decorrer da adversidade do outro. E isso se dava por conta da desigualdade de condição dentro da qual ocorrem suas relações econômicas, sujeitas como estão à polarização oriunda da concentração estrutural, da ascensão do capital financeiro e da estratificação social nascida da ordem fabril. Sam vai passando de cargo em cargo e tornando-se cada vez mais individualista, nesse ínterim, cada vez mais nocivo aos que com ele travam contato.

Os valores em que ele se fia são os mesmos de outrora, mas seu conteúdo humano mudou. Ora, não é precisamente esse conteúdo aquilo que determina seu sentido?

Sam demonstra que o "sucesso" se oferece mais àqueles que operam dentro dessa ordem econômica desigual, seja materializando-a ou endossando-a. Isso torna os atos individuais muito mais passíveis de caracterizarem opressão a partir dela (valendo-se de sua competição desigual e predatória) ou submissão a ela mesma (atuando sob suas ordens e em suas frinchas). O dilema moral enfrentado por Sam é, portanto, mais agudo: a disposição individual e subjetiva que era fundamental nas práticas econômicas e laborais dos Oitocentos, foi se tornando crescentemente secundária nesse plano, uma

vez que ou ela se torna predação direta ou subserviência protocolar - de qualquer modo contrários ao sentido virtuoso cultivado no século anterior.

Donde a literatura de Sherwood expressar um dilema histórico muito próprio dos Estados Unidos do final do XIX e início do XX, daquele momento crucial da passagem do capitalismo dito "liberal" para o capitalismo de regime monopolista: a crise existencial que se abate sobre Sam decorre de sua insistência em dar as velhas respostas aos novos problemas, apor as velhas máximas às novas questões. E esses novos problemas e novas questões, estavam vinculados a "antagonismos e dificuldades contra os quais (...) os ensinamentos dos fundadores da nacionalidade eram impotentes."⁴¹⁰ Uma das características mais recorrentes para definir a modernidade é precisamente sua imunidade às lições da tradição...

A expressividade histórica dessa fonte literária repousa em sua capacidade de permitir esses conflitos se desnudarem, os quais se davam no limiar da disposição subjetiva do personagem frente à realidade econômica e estrutural em questão: qualquer pretensa autonomia calcada em sua habilidade de trabalhar parece se esvaír, seja quando ele "prospera" (como capitão da indústria), seja quando decide "capitular" (abandonando essa posição). O personagem criado por Sherwood condensa essa dramaticidade traduzindo-a em termos morais, mas o faz porque sua textura literária foi tecida com fios históricos: são as angústias do escritor diante da realidade monopolista que fazem esse dínamo catártico funcionar - a lógica mesma do efeito literário é que revela sua historicidade e a torna uma fonte fecunda.

Enquanto colarinho-branco ou enquanto negociante, Sam e Sherwood encontraram condições de estabilidade material por operarem a partir da lógica da exploração da desigualdade. Mas o fizeram a partir dos estratos burocrático-administrativos que permitiam dissimular, somente de forma relativa (eis o núcleo de sua catarse!), as forças sociais e históricas em nome das quais agiam. A revelação do sentido humano de suas ações, sua epifania, constitui o clímax do romance.

Enquanto presidente do conglomerado industrial ou como cabeça de uma grande corporação, Sam e Sherwood vivenciaram a agência histórica na face oposta, experimentando, por um lado, a virulência e as recompensas da dominação monopolística, e por outro, o gosto amargo e ambíguo do ser um *self-made man* numa era monopolista. Mais do que em suas posições anteriores, surgiam abundantes indícios de que sua

⁴¹⁰ MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo II.** op. cit. p. 276.

fortuna crescia conforme a de outros decaía (donde a beligerância da relação "predador-presa"), e que dado o estado de coisas, essa era a condição dominante do enriquecimento - questão que era verdadeiro petardo contra a textura moral dos Oitocentos. Ao lado disso corria outra constatação, a de que a mítica de "fazer-se a si próprio" transformava-se cada vez mais em acatar e dar prosseguimento a um mecanismo imoral e relativamente indiferente ao seu operador individual. O *self-made man* engenhoso, impetuoso, livre de todas as amarras, presença imperiosa no folclore do capitalismo americano, dava lugar a um tipo distinto de figura econômica, uma muito mais cumpridora de ordens e seguidora de rotinas do que um herói épico que fazia e refazia o mundo à sua imagem e desígnio. Mais do que suas supostas sagacidade e energia, eram as instituições tipicamente monopolistas que lhe davam os meios e os modos para a grandeza econômica. Eis o sentido prometeico da passagem histórica do "velho individualismo econômico" à "economia programática".⁴¹¹

A figura dúbia que era o magnata, o "monstro de duas cabeças" de que fala Marianne Debouzy⁴¹² e que se encontra presente na literatura de Sherwood Anderson, expressa o quanto se vivenciava um movimento econômico de envergadura estrutural, o qual fixou aquela lei draconiana que metaforicamente chamamos de "segunda natureza" anteriormente. O magnata era o "barão ladrão" e o "senhor feudal" da economia estadunidense, alvo do esconjuro do movimento progressista e dos *muckrakers* desse período; mas era também uma espécie de herói nacional na medida em que emblemizava a vitória do *self-made man*, tão ao gosto do individualismo oitocentista da sociedade americana. Sherwood parece se desvencilhar desse dilema somente de forma lateral, pois se por vezes enxerga no mundo dos negócios estadunidense o problema (tratado este como "ganância" e "ambição"), em outros momentos admira o *businessman* que alcançou a envergadura de magnata (por sua "obstinação" e por sua resoluta "decisão").

Se para além da analogia possível entre a vida particular de Sherwood Anderson e a evolução histórica da economia dos Estados Unidos nos ativermos com maior atenção ao contorno dos dilemas subjetivos do escritor, perceberemos que o conflito entre retidão moral e prosperidade material é a pedra angular da maior parte de seus escritos. Ele desdobra-se, remenda-se, retrata-se e extrema-se até que a ruptura ocorre, e

⁴¹¹ GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere - Volume IV**. op. cit. p. 239 e p. 241, respectivamente.

⁴¹² DEBOUZY, Marianne. **O capitalismo "selvagem" nos Estados Unidos (1860-1920)**. Tradução de Maria de Lurdes Almeida Melo. Lisboa: Editorial Cor, 1972. p. 9.

mesmo ela não parece ter sido absoluta. O final de *Windy McPherson's son* traz uma passagem que encaminha o dilema com o qual Sherwood, aparentemente, havia de se debater pelo resto da sua vida e de sua produção literária:

Homens corajosos (...) empunharam o que acreditavam ser o estandarte da vida e o carregaram adiante. Cansando-se, eles pararam numa estrada que escalava uma alta colina e recostaram o estandarte numa árvore. Mentes firmes se afrouxaram. Convicções fortes se enfraqueceram. Os deuses antigos estão morrendo.⁴¹³

Incrustado nessas pesarosas linhas encontram-se as angústias de Sherwood depois de sua incursão no mundo dos negócios do capitalismo monopolista e de seu "sucesso". Encontra-se ali seu esforço de redenção das mesquinharias que tão aguilhoavam seu senso moral e sua vontade transcendente. Encontra-se ali, também, sua tentativa de construir uma interpretação lógica que pudesse pôr no lugar os eventos de sua existência por meio de uma solução narrativa ficcional. Como uma aduela numa abóbada, cujo encaixe permite ajustar todas as pedras que a formam, sejam elas curvas ou retas, as questões plasmadas nesse trecho servem para encaminhar a análise de todo o restante de sua literatura dos anos 1910, cujo ciclo se fecha com a publicação de sua *opus magnus* de 1919, *Winesburg, Ohio*.

II.3 O crepúsculo das certezas e seu *post-scriptum*

Na primeira parte de seu *A nova classe média*, Wright Mills busca reconstruir o que ele chamou de "O mundo do pequeno empresário" dos séculos XVIII-XIX, de cuja dialética ele extraiu, por meio da distinção, sua discussão sobre a realidade histórica do capitalismo monopolista no século XX. A passagem daquele a este, entretanto, não se satisfaz numa referência cronológica, exigindo uma explanação mais concreta sobre o fulcro da transição. O seguinte trecho, embora curto, parece oferecer sinteticamente uma dimensão fundamental dela:

A centralização da propriedade foi (...) o fim da união da propriedade e trabalho como uma base da liberdade essencial do homem, e a impossibilidade de o indivíduo ter um meio de vida independente modificou a base de seu plano de vida, assim como o ritmo psicológico desse plano.⁴¹⁴

Se trata de um trecho especialmente significativo para os propósitos de discussão dessa tese porque menciona dois elementos que nos servem aqui como pedras de toque

⁴¹³ ANDERSON, Sherwood. *Windy McPherson's son*. op. cit. p. 343.

⁴¹⁴ MILLS, Charles Wright. *A nova classe média*. op. cit. p. 35.

entre preocupação analítica, vinculada às questões da história econômica, e natureza das fontes, que é literária. O que se encontra no trecho de Wright Mills e que nos concerne de maneira primordial é a relação estabelecida por ele entre a "centralização da propriedade", a "base do plano de vida" e o "ritmo psicológico desse plano". De certo modo, o sociólogo encaminha um problema que se tornou especialmente rascante na literatura de Sherwood Anderson, que é a tentativa de encontrar um "plano de vida" depois da experiência traumática por ele vivenciada no mundo dos negócios sustentado pelo capitalismo monopolista. E esse "plano de vida" incluía os esforços e as dores de adaptação a um "ritmo psicológico" - Vernon Louis Parrington, aliás, insistiu sobre o papel pioneiro de Sherwood no desbravamento da dimensão psicológica na literatura estadunidense, muito em virtude desse escritor traduzir numa crise de consciência íntima a crise histórica daquela virada de século nos Estados Unidos.⁴¹⁵

A partir de algumas passagens que apontamos no primeiro capítulo, podemos perceber que uma das primeiras respostas encontradas por Sherwood diante dessa crise existencial foi retomar uma noção que era cláusula-pétrea de sua constituição: a entrega febril ao trabalho braçal como uma forma de redenção e de purgação. Depois de sua decepção, Sam McPherson "(...) queria paz e algo como a felicidade, mas mais do que tudo, ele queria trabalho, trabalho real, trabalho que lhe demandasse, dia após dia, o melhor de si (...)".⁴¹⁶ Na equação existencial de Sherwood, aquela que ele aprendera do modo de vida nas cidadezinhas interioranas de Ohio, era o trabalho o que garantia a realização material e espiritual, motivo pelo qual, cremos, Sherwood tentou buscá-los com fervor também no romance de 1917, quando tentou se aproximar dos outros homens que pareciam ter sido atropelados pela roda viva da economia moderna, os trabalhadores fabris.

Se entendermos *Windy McPherson's son* como uma narrativa da queda, como um romance de formação às avessas (de deformação, portanto), suas obras posteriores são tentativas de assentar um "plano de vida" após esse ocaso. Sherwood Anderson tentava diagnosticar o que lhe afligia naqueles anos, e, como vimos, a literatura tinha um papel central nesse processo, algo entre o exorcismo e a terapia. O escritor, no entanto, era tão observador daquele processo quanto era dele personagem direto, e isso não necessariamente lhe facilitava a tarefa de intérprete.

⁴¹⁵ PARRINGTON, Vernon. Louis. **Main currents in American thought**. op. cit. p. 327.

⁴¹⁶ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 278.

O romance *Marching men*, e especialmente o papel edificante que o trabalho braçal e movido por uma firme obstinação nele desempenham são expressão das difíceis dores de parto de um novo "plano de vida". A diferença de atmosfera do primeiro para o segundo livro é digna de nota. Se o romance de 1916 iniciava com um clima de certeza e harmonia, vindo a decair gradativamente até o estado soturno de sua catarse, o romance de 1917 já se inicia pesado e lúgubre. Sem saber ao certo o que lhe afligia, Sherwood reconhece, com um quê intuitivo, que "Há algo muito grande e obscuro acontecendo na vida moderna."⁴¹⁷ Esse algo era o que está a causar a "desordem da vida moderna", seu estado "completamente odioso", a "indolência de seus homens errando pelas ruas", sua "deformidade".⁴¹⁸ Quando McGregor, protagonista do romance, chega em Chicago em 1893, Sherwood escreve que era "um tempo ruim para garotos e homens naquela cidade."⁴¹⁹

A "vida moderna" a que Sherwood se referia, que por diversas vezes ele chamou de "industrialismo",⁴²⁰ era o resultado de uma conjunção histórica inédita na história dos Estados Unidos. Se tratava da articulação da vitória do Norte manufatureiro com a consolidação das grandes fortunas através da guerra de 1860, atrelado ainda à projeção do Partido Republicano como dínamo político-institucional da modernização. A equação dessa mudança, segundo Huberman, era formada por "Material, Homens, Máquinas e Dinheiro".⁴²¹

Os materiais eram o conjunto de recursos naturais devassados no pós-1865 ("quatro vezes mais madeira foi cortada no Michigan, quatro vezes mais ferro fundido no Ohio";⁴²² a extração de petróleo aumentou mais de cinco vezes entre 1870 e 1880;⁴²³ e a de carvão mineral "mais que dobrou a cada década").⁴²⁴ As máquinas eram a materialização da industrialização que tomou conta dos Estados Unidos durante a Era da Reconstrução (o valor dos produtos manufaturados aumentou 11 vezes entre 1850 e

⁴¹⁷ ANDERSON, Sherwood. *Marching men*. op. cit. p. 91.

⁴¹⁸ Idem, ibidem, p. 78, p. 67, p. 75, p. 194, p. 61, respectivamente.

⁴¹⁹ Idem, p. 61.

⁴²⁰ Esse termo é usado em *Mid-American chants* (p. 7, p. 31); em *Winesburg, Ohio* (p. 65, p. 79, p. 88), em *Poor white* (p. 53, p. 134, p. 339), por exemplo.

⁴²¹ HUBERMAN, Leo. *História da riqueza dos Estados Unidos (Nós, o povo)*. Tradução de Mary Fonseca. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1978. p. 167.

⁴²² MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. *História dos Estados Unidos da América - Tomo II*. op. cit. 175.

⁴²³ LEE, Brian; REINDERS, Robert. *A perda da inocência: 1880-1914*. In: BRADBURY, Malcolm; TEMPERLEY, Howard (orgs.). *Introdução aos estudos americanos*. Tradução de Elcio Cerqueira. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, s.d. p. 225.

⁴²⁴ Idem, ibidem.

1900;⁴²⁵ e a extensão das ferrovias triplicou entre 1860 e 1890).⁴²⁶ O dinheiro era o capital, crescentemente sistematizado pelo National Banking Act de 1863, e que financiava uma expansão econômica em proporções colossais (em 1870 "(...) uns 1600 bancos acusavam rendimentos de 60 milhões de dólares sobre um capital total de 425 milhões",⁴²⁷ e "em 1910 a capitalização da indústria e da produção tinha aumentado mais de 100% em relação a 1890").⁴²⁸

Na equação apontada por Huberman resta saber quem são os homens.

Eles são os magnatas, os *moguls*, como os chamou Holbrook,⁴²⁹ que tiveram uma presença histórica inegável na economia do período (ainda que por vezes exagerada pela mitologia liberal estadunidense); mas são também, e sobretudo, o enorme contingente de trabalhadores em todos os níveis da produção nacional, cuja presença se verifica tanto nas estatísticas demográficas quanto na política imigratória do período - além de no seu crescendo de consciência e organização política. São esses os "homens em marcha" do romance de Sherwood, de quem ele buscou aproximar-se filosoficamente, em busca de um "plano de vida".

Entre 1850 e 1900 a população estadunidense triplicou, e como as décadas finais desse período coincidem com o processo de estratificação industrial e econômica que criou as classes sociais fundamentais do capitalismo nos Estados Unidos, a maior parte desse contingente estava mais próximo da base do que do vértice da pirâmide social. O estudo dos historiadores Lee e Reinders, baseando-se nos dados compilados pelos Censos federais decenais, permite verificar esse aumento populacional vertiginoso quando mostra que diversas cidades que em 1880 contavam seus habitantes em dezenas de milhares passaram a ter de adotar a casa das centenas de milhares nos anos 1910 (Los Angeles foi de 11 para 319 mil, Minneapolis de 46 para 301 mil, St. Paul de 41 a 214 mil, Atlanta de 37 para 154 mil, Oakland de 34 para 150 mil etc.).⁴³⁰ Chicago, "a mais desordenada das grandes cidades americanas, dobrou sua população de 1880 numa década, passando-a de 503.185 habitantes para 1.099.850"!⁴³¹

⁴²⁵ DEBOUZY, Marianne. **O capitalismo "selvagem" nos Estados Unidos (1860-1920)**. op. cit. p. 16.

⁴²⁶ HUBERMAN, Leo. **História da riqueza dos Estados Unidos (Nós, o povo)**. op. cit. p. 170 e p. 169, respectivamente.

⁴²⁷ MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo II**. op. cit. pp. 174-175.

⁴²⁸ DEBOUZY, Marianne. **O capitalismo "selvagem" nos Estados Unidos (1860-1920)**. op. cit. p. 16.

⁴²⁹ HOLBROOK, Stewart Hall. **The age of the moguls**. New York: Doubleday, 1953.

⁴³⁰ LEE, Brian; REINDERS, Robert. *A perda da inocência: 1880-1914*. In: BRADBURY, Malcolm; TEMPERLEY, Howard (orgs.). **Introdução aos estudos americanos**. op. cit. p. 227.

⁴³¹ Idem, ibidem, p. 226.

O crescimento desses números não se deve a um período de particular fecundidade das mulheres americanas, mas sim a uma política sistemática de imigração fomentada pelo governo federal. O historiador Hidetaka Hirota destaca o Act to Encourage Immigration, assinado por Lincoln em 1864, como uma espécie de pontapé inicial dos esforços governamentais nesse sentido.⁴³² O Censo de 1860 contava pouco mais de 31 milhões de residentes,⁴³³ sendo que dessa década até 1900 contou-se cerca de 14 milhões de imigrantes, além de mais 18 milhões entre 1900 e 1930⁴³⁴ - Howard Zinn afirmou que a International Working People's Association de Chicago publicava seus períodos em cinco línguas em 1887.⁴³⁵

Esse processo se baseava nos princípios que a Comissão de Imigração ratificou oficialmente mais tarde, quando em 1911 declarou que a política imigratória dos Estados Unidos "(...) deve ser baseada primariamente baseada em considerações de ordem econômica e dos negócios (business)".⁴³⁶ As estatísticas compiladas por Isaac Hourwich, que trabalhou durante muitos anos no *bureau* do Censo nos Estados Unidos, demonstram que a maioria desses imigrantes desde a década de 1860 vinham para compor a categoria de "trabalhadores comuns" (common laborers). Dos 125 mil imigrantes da década de 1860, 53 mil se integravam nesse grupo; dos 219 mil dos anos 1870, 103 mil; e dos 653 mil da década de 1900, 227 mil.⁴³⁷ Howard Zinn escreveu que esses "(...) novos imigrantes se tornaram trabalhadores comuns (laborers), pintores de casas, pedreiros, cavadores de valas. Eram frequentemente importados em massa por empreiteiros".⁴³⁸

Foi a esse grupo crescente, e com características sociais e econômicas cada vez mais claramente definidas, que Sherwood buscou se aproximar no seu romance de 1917; a dedicatória dele diz: "Aos trabalhadores americanos".⁴³⁹ A queda que sofrera Sam McPherson no final do romance de 1916, e aquela de que padecera Sherwood em

⁴³² HIROTA, Hidetaka. **Expelling the poor - Atlantic Seaboard States and the Nineteenth-Century origins of American Immigration policy**. op. cit. p. 131.

⁴³³ Disponível em <<https://www.census.gov/library/publications/1853/dec/1850a.html>> e <<https://www.census.gov/library/publications/1864/dec/1860a.html>> Acesso em 15 nov 2018.

⁴³⁴ MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo II**. op. cit. p. 322.

⁴³⁵ Idem, ibidem, pp. 262-263.

⁴³⁶ Immigration Commission apud HOURWICH, Isaac A. **Immigration and Labor - The economic aspects of European immigration to the United States**. New York: The Knickerbocker Press, 1912. p. I (Preface).

⁴³⁷ HOURWICH, Isaac A. **Immigration and Labor - The economic aspects of European immigration to the United States**. op. cit. p. 501.

⁴³⁸ ZINN, Howard. **A people's history of the United States**. op. cit. p. 260.

⁴³⁹ "To American workingmen" (tradução livre) ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. op. cit. p. 5.

1912, os fez olhar para os lados do poço social, ao passo que a adesão às fileiras dos trabalhadores ergueu-se pouco a pouco como uma alternativa ao beco sem saída que o mundo dos negócios havia se mostrado, de modo que se possa dizer que da costela literária de McPherson nasceu o protagonista McGregor.

Pela aproximação aos desvalidos da economia capitalista, aqueles que perambulam indolentes pelas ruas de Chicago, *Marching men* tem os contornos de um "romance proletário", como afirmou o crítico Francis Hackett,⁴⁴⁰ mas também se faz uma espécie de acerto de contas de Sherwood para com o mundo dos negócios e dos colarinhos-brancos. O elogio da "força e da virilidade"⁴⁴¹ que faz Sherwood através de McGregor, e a recorrente ojeriza às "palavras" e aos "pensamentos" que ocupam o lugar da ação prática fundem as preocupações de Sherwood quanto ao mundo do trabalho e também quanto à nova estrutura de classes que se forma com base na economia monopolista. O romance em questão é um livro "cheio de raiva",⁴⁴² um esconjuro de Sherwood em relação ao seu passado de colarinho-branco, à sua altissonância mesquinha e à sua mediocridade servil. "Beaut" McGregor nem aceita ser confundido com aquela auto-confiança falsa, nem aceita vincular-se ao tipo de trabalho de escritório típico dos colarinhos-brancos.

A seu modo, Sherwood tentava encontrar as afinidades que lhe permitissem desvincular-se da cultura da nova classe média, do gosto de amargo de ter participado como lacaio das práticas de rapina daquele mundo econômico. Dentro de um tal esforço, cultivar certa admiração viril pelo trabalho braçal, e ao lado disso evitar as janotices e a dúbia subserviência dos colarinhos-brancos se mostravam passos importantes. O protagonista de *Marching men* queria purgar-se da "infinita realização de pequenas tarefas, do infinito cotejar de pensamentos pequenos e da inacabável repetição de palavras tal qual papagaios que vivem em gaiolas e que ganham seu pão por gritar duas ou três frases aos que passam."⁴⁴³ Aquelas grandiosas certezas morais e espirituais que Sam McPherson professava no romance de 1916 foram abaladas pela realidade histórica que ele encontrou em Chicago, seja no mundo dos negócios, seja no universo dos colarinhos-brancos, e a tarefa de McGregor e de Sherwood Anderson era a de recuperá-las de algum modo, para estabelecer algum princípio ou objetivo que pudesse equilibrar novamente um modo de viver, um "plano de vida".

⁴⁴⁰ HACKETT, Francis. *To American workingmen*. op. cit. p. 27.

⁴⁴¹ ANDERSON, Sherwood. *Marching men*. op. cit. p. 123.

⁴⁴² TOWNSEND, Kim. *Sherwood Anderson*. op. cit. p. 72.

⁴⁴³ ANDERSON, Sherwood. *Marching men*. op. cit. pp. 122-123.

Como alter-ego de Sherwood, Sam fora expropriado de suas habilidades e disposições de trabalho ao adentrar na lógica econômica do capitalismo monopolista, de modo que elas não lhe garantissem nem segurança, nem realização e nem o orgulho que ele costumava sentir noutros tempos. Os trabalhos pelos quais passou o escritor quando de sua inserção em Chicago, em especial a partir de 1900, eram parte dessa mesma realidade, uma vez que o mundo da publicidade e da administração burocrática eram subprodutos da concentração econômica e da proliferação dos gerentes e funcionários de escalão médio. Além disso, o controle produtivo privilegiado proporcionado pelas fusões e absorções oligopolistas estabeleceu as bases para uma divisão qualitativamente distinta do trabalho,⁴⁴⁴ algo que levou a uma especialização acentuada das tarefas, e à sua simplificação e precarização.

Esse processo significou, para o mundo do trabalho, muitas coisas em muitos âmbitos. Alterou a dinâmica das relações sociais de produção, empoderando bizarramente uma das classes em detrimento das outras; estilhaçou a unidade orgânica do trabalho enquanto conjunto de processos práticos; destruiu a unidade entre atividade laboral e sujeito que trabalha, mantida até então na base das pequenas unidades econômicas; modificou os fundamentos do trabalho, da "base da tradição" para a "base da ciência";⁴⁴⁵ estreitou as possibilidades de manutenção material fora das demarcações oligopolizadas, entre outros diversos efeitos. John dos Passos, tentando criar literariamente o efeito de aceleração e instabilidade daquela modernidade, escreveu sobre um trabalhador anônimo: "Uma cama só não basta, um emprego só não basta, uma vida só não basta."⁴⁴⁶

Em suma, como escreveu Braverman: "(...) o trabalho tornou-se cada vez mais subdividido em operações mínimas, incapazes de suscitar o interesse ou empenhar as capacidades de pessoas que possuíam níveis normais de instrução". E completa: "(...) a moderna tendência do trabalho, por sua dispensa de 'cérebro' e pela 'burocratização', está alienando setores cada vez mais amplos da população trabalhadora."⁴⁴⁷

Por conta da natureza de nossas fontes, nos é dado explorar uma dimensão menos objetivamente verificável dessa transformação, uma vinculada à subjetividade de

⁴⁴⁴ Mesmo Lênin, em *O imperialismo*, se surpreende (num misto de admiração e terror) com a possibilidade de planificação e controle que as grandes fusões monopolísticas ocasionavam.

⁴⁴⁵ BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista - A degradação do trabalho no século XX.** op. cit.

⁴⁴⁶ DOS PASSOS, John. **Paralelo 42.** Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. p. 12.

⁴⁴⁷ BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista - A degradação do trabalho no século XX.** op. cit. pp. 15-16.

alguém que observou esse processo mas que, ao que nos parece, não conseguiu de fato fazer parte dele, ao passo que continuou aferrado aos velhos valores, insistindo em oferecer como antídoto ao seu desajuste uma atitude doutro tempo. A degradação do trabalho e das relações sociais de produção foi sentida por Sherwood, mas somente entrou nos domínios de sua consciência de maneira oblíqua, mais intuída que sistematicamente compreendida, sendo sintetizada na constatação (um tanto vaga) de que há uma "desordem na vida moderna". Diante dessa leitura, o escritor pareceu propor uma certa postura, um certo "plano de ação", cuja curiosa lógica levanta sobranceiras tanto quanto levanta problemas relevantes para a análise historiográfica.

O protagonista de *Marching men*, assim como o do romance anterior, era um rapaz provinciano que deixara uma das cidadezinhas interioranas em busca de Chicago numa transição paradigmática para o período. Contudo, ao chegar à metrópole, McGregor se depara com um cenário desolador, com homens desempregados errando pelas ruas, dormindo ao relento, como que catatônicos, desprovidos do trabalho que lhes garantiria o sustento e o senso de propósito - almas mortas de Gogol. Esses sujeitos são como que a expressão encarnada, tecida com os fios da experiência histórica, do desamparo que Sherwood sentira ao ter suas esperanças frustradas pelo mundo dos negócios moderno.

Por vê-los como vítimas da modernidade econômica, e portanto como que irmãos de infortúnio, o escritor faz seu personagem aproximar-se deles e partilhar de suas angústias. Mas a energia que arde no interior de McGregor o impele na direção de tentar oferecer algum remédio àquele estado de coisas, afinal, ele era herdeiro da obstinação oitocentista, aquela a que o modo de vida provinciano servira como bastião, pressionando-o como que de dentro por um inquieto voluntarismo. A resposta que naturalmente lhe vinha à mente para combater os males que afligem a eles todos repousava sobre o trabalho: o papel central deste dentro da experiência histórica que Sherwood aprendera o fazia continuar a receitá-lo.

Dessa particularidade da cultura laboral dos Oitocentos, aliás, surge o encaminhamento do livro. A desolação testemunhada por McGregor em Chicago, a indolência que, aos olhos de Sherwood, parecia corromper "homens e garotos", o levam à proposição da simbólica "solução" ficcional e literária que deu nome ao livro: uma marcha.

Contudo, não se trata de uma marcha qualquer. Pelo fato de a vivência histórica da juventude de Sherwood ter-lhe oferecido os subsídios para conceber o trabalho como

uma atividade estreitamente afeita ao seu realizador e intimamente ligada às dimensões morais e subjetivas deste, a marcha aparece no romance de 1917 como o catalisador desses precisos efeitos. O movimento ordenado, física e espiritualmente sentido, parece ter a capacidade de despertar o potencial edificante da atividade prática naqueles "homens e garotos" que erravam "ineficientes" pelas ruas de Chicago. O período de serviço militar do escritor exerceu influência importante, já que ele "gostara instintivamente"⁴⁴⁸ da exaustão física das marchas militares, as quais aproximam-se da labuta embrutecedora mas virtuosa que tanto o cativava.

Mesmo se descontarmos o sentido literário dos misticismos que rodeiam essa marcha, notamos que Sherwood permanece concebendo o trabalho (a aplicação física, obstinada, quase febril), como uma resposta existencial eficiente. O escritor contrabandeava as concepções laborais oitocentistas para dentro do mundo do trabalho sob a sombra dos monopólios, e insistia no potencial edificante que o trabalho tinha no justo momento em que, como vimos, ele era precarizado pela ordem fabril e pela gerência científica.

Eis a nova contradição em que o escritor se enredava! Separadas as esferas de trabalho e negócios, e sedimentada ao longo de seu curso as classes capitalista, de um lado, e trabalhadora, do outro, a nova classe média nascente a que Sherwood pertenceu oscilava entre o esses dois grupos, à deriva entre seus dois universos culturais e suas identidades sociais - carregava, em potencial, ambas suas contradições e promessas. Nesse sentido, a trajetória de Sam em *Windy McPherson's son* era a tentativa de incursão nos domínios superiores, narrativa do esforço de plasmar-se no universo de existência da classe capitalista, material e subjetivamente. Frustrada esta, restou a tentativa de tentar incorporar-se à vida da classe trabalhadora, e a seu projeto existencial.

Vejamos como essa complexa situação se expressa em *Marching men*.

A reação de "Beaut" McGregor ante a desoladora realidade de Chicago está eivada da impetuosidade oitocentista (a "jactância", diriam Morrison e Commager),⁴⁴⁹ mas fora, então, reorientada e intensificada para fazer frente aos problemas da vida na modernidade industrial e urbana. O estado de espírito do protagonista nesse sentido é assim descrito: "O sentimento de poder oculto, a habilidade de colocar-se acima da

⁴⁴⁸ ANDERSON *apud* TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. op. cit. p. 39.

⁴⁴⁹ MORRISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo I**. op. cit. p. 464.

bagunça na qual naufragava a vida moderna afluíam nele".⁴⁵⁰ Ele, o indivíduo, o *self*, talvez se pudesse dizer, almejava se erguer acima da "desordem moderna", e por sua afirmação tornar-se uma espécie de farol que teria o potencial de conduzir todos aqueles homens aparentemente desprovidos da vontade férrea, presas da "indolência errante".

Como explicou McGregor quando ponderava sobre seu projeto, "Alguém tem de ensiná-los a grande lição (...). Eles têm que destruir o medo, a desordem e a falta de sentido debaixo de sua marcha."⁴⁵¹ O que tornava os trabalhadores errantes de Chicago receptáculos da solidariedade de McGregor não era sua condição socioeconômica ou sua posição de classe, mas sim o fato de que eles continuavam sendo, nos termos de Sherwood Anderson, potenciais depositários da virtude que, na sua matemática existencial, resultava do esforço. Eles não eram os desonestos e predatórios empresários no topo do *business world*, nem os empedernidos e subservientes membros da nova classe média.

Os trabalhadores que McGregor quer ensinar a marchar são como que herdeiros morais do trabalho oitocentista, mas no momento em que a industrialização tenha reestruturado violentamente o mundo do trabalho. A aproximação que Sherwood tentava construir com a classe trabalhadora, portanto, era muito mais uma reafirmação do trabalho sob a insistente concepção dele como plataforma de engrandecimento à disposição dos homens - tem-se a impressão, aliás, de que os trabalhadores (*workingmen*) são alvos da solidariedade de McGregor e de Sherwood porque são "os que trabalham", e não porque força política ou porque possuem projeto alternativo à modernidade.

No lusco-fusco das transformações históricas as identidades e os valores sociais se tornaram ambíguos. Por debaixo da aparência revolucionária da aproximação de Sherwood para com a classe trabalhadora, há algo de reacionário, um certo moralismo conservador que é bastante perturbador.

Ainda apoiado no sentido histórico do trabalho que herdara, Sherwood mantinha-se preso numa concepção em que o "trabalhar" era assumir uma postura diligente em sentido amplo, muitas vezes entendido como uma vocação que se cultivava intimamente, e que é, portanto, individualista. Não era decorrente de condição socioeconômica numa estrutura ampla, mas conduta íntima, espiritual. Seus reclames parecem ter um genuíno esforço de boa vontade, tanto que *Marching men* pode ser lido

⁴⁵⁰ ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. op. cit. p. 99.

⁴⁵¹ Idem, ibidem, p. 150.

como virtual libelo contra o desemprego ou a alienação (ele não se passa em 1893, quando a crise econômica criou hordas de desempregados?), mas no fim parecem quase sempre acabar redundando nas fórmulas obsoletas que receitam o trabalho como salvação e a indolência como pecado. Ao fim e ao cabo, parece-nos que a "teimosia" socialmente construída de Sherwood jamais lhe deixou ver o trabalho como problema, mas sempre como solução - confessamos que esse é mais um daqueles momentos em que a tentação de apor-lhe o adjetivo "ingênuo" nos assalta.

Como a diligência laboral estava intimamente acoplada a uma espécie de transcendência subjetiva no mundo econômico em que Sherwood fora criado, era isso que seu protagonista pretendia instilar nos trabalhadores, donde seu projeto ter uma dimensão algo transcendentalista, ainda que num sentido bizarro (ou, melhor, "grotesco"). Pode-se mesmo pensar que McGregor tentava encontrar oportunidades para afirmar-se, oscilando de uma busca mística da coletividade para uma ênfase individualista que tornam bastante dúbios seus desígnios e projetos. Talvez haja aí algo daquela interpretação iconoclasta do pensamento de Emerson feita pelo crítico Newton Arvin: "O Emersonianismo é, em grande parte, uma vulgar superstição otimista, um declive para o egoísmo disfarçado sob a capa do altruísmo".⁴⁵²

No adejar daquelas frases supramencionadas de McGregor, declarações de férrea resolução que são, não se vai dos píncaros transcendentais ao utilitarismo pragmático quase que de forma imediata? Argumentamos que foi realidade histórica da afirmação dos monopólios que criou esses extremos, essa tensão contraditória de valores. Esse parece ser mais um exemplo daquela ambiguidade a que nos referimos outrora: os valores de antes e de agora são os mesmos, mas seu conteúdo humano mudou, logo, é possível ainda dizer que seu sentido histórico permanece? Por acaso Borges não mostrou que usando as mesmíssimas palavras Pierre Menard criou um Quixote diferente do de Cervantes porque o recheio humano delas era outro?⁴⁵³

Aos olhos de Sherwood não eram as mudanças objetivas no mundo do trabalho a causa do estado desordenado da vida moderna, motivo pelo qual ele se voltou precisamente para o trabalho como forma de reordenar o estado de coisas que observava. Entre aquele mundo dos pequenos proprietários onde a aplicação obstinada a uma atividade prática dava a quem trabalhava a estabilidade material e o orgulho

⁴⁵² ARVIN, Newton. **Panteão americano**. Tradução de Sylvia Jatobá. Rio de Janeiro: Lidador, 1968. p. 29.

⁴⁵³ BORGES, Jorge Luís. *Pierre Menard, Autor do Quixote*. In: _____. **Ficções**. Tradução de Carlos Nejar. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 56.

subjetivo, e este, onde os homens tornaram-se indolentes por se deixar hipnotizar pelas "palavras e pensamentos", Sherwood só conseguia enxergar uma ênfase na atividade prática (e física) como a saída. O trabalho tinha sido uma resposta eficaz para a tradição social a que ele pertencia, fazia sentido insistir nele como plano de ação. Por isso a marcha se apresenta no livro como uma espécie de elo perdido, uma solução: é ela que pode fazer renascer nos homens seu senso de propósito, já que é através dela que os homens poderiam retomar o prazer físico e prático do trabalho d'antanho, o qual, curiosamente, não tornava os homens mesquinhos e chãos, mas abertos à plenitude. Sherwood parece continuar operando sobre uma base crescentemente anacrônica.

Se constitui aí o que no romance é chamado de "a lição do milho": "O milho cresce e não pensa em nada a não ser em crescer. (...) Chicago esqueceu a lição do milho. Todos os homens esqueceram."⁴⁵⁴ Ou seja, há uma curiosa associação, cuja lógica remonta a uma outra época do capitalismo estadunidense, entre disposição de trabalho prático e senso de ordem moral e espiritual. Por conta dessa lógica é que as páginas de *Marching men* podem ser lidas tanto como um esforço sincero de Sherwood em ser solidário aos trabalhadores, quanto podem ser entendidas como exortações da força que beiram posturas fascistóides: exortação da força, o fascínio militar, a ojeriza aos pensamentos e palavras, o voluntarismo físico e semi-místico da marcha e do "espírito de corpo" que ela proporcionaria, assim como a pressuposição de que "no coração dos homens jaz um amor à ordem".⁴⁵⁵

Sua perturbadora confusão particular era socialmente compartilhada na medida em que expressava mudanças históricas na função, no sentido e na realidade prática do trabalho dentro do conjunto da vida social. Nesse ínterim, aliás, ela está aparentada aos perigosos moralismos que tomaram conta dos Estados Unidos naquele início de século, desde as Ligas Absenteístas até os movimentos sociais protestantes cujos *slogans* prometiam "a pie in the sky when you die" no caso de uma boa conduta mundana; desde a "ascensão do cristianismo social (...) ou Movimento do Evangelho Social depois de 1900"⁴⁵⁶ até aquelas práticas que Sinclair Lewis ironizou preocupado, enxergando-as como jazendo na base de posturas fascistas em seu romance de 1935, como quando a senhora Adelaide Tarr Gimmitch, durante a Grande Guerra, "(...) manteve os soldados americanos longe dos cafés franceses pelo esperto truque de enviá-los dezenas de

⁴⁵⁴ ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. op. cit. p. 156.

⁴⁵⁵ Idem, ibidem, p. 130.

⁴⁵⁶ ABRAMS, Richard M. *A América ingressa no século XX, 1900-1918*. In: LEUCHTENBURG, William E. (org.). **O século inacabado - A América desde 1900 (Volume I)**. op. cit. p. 64.

milhares de dominós."⁴⁵⁷ O historiador Gabriel Kolko chamou esse momento histórico de "triunfo do conservadorismo",⁴⁵⁸ e Carroll e Noble lhe cunharam o sardônico epíteto de "Cruzada da Pureza" (Purity Crusade).⁴⁵⁹

Dentro da lógica professada por Sherwood, o que faltava aos trabalhadores, os mesmos aos quais é dedicado o livro, era o afincio e a persistência cujo exemplo histórico vinha das velhas práticas do trabalho oitocentista. Por conta do *élan* voluntarista com que sempre enxergou a realidade, Sherwood fez com que McGregor insistisse em marchar não rumo a algo, mas marchar pela marcha em si, pois é ao longo dela e por meio dela que cada sujeito poderia encontrar o senso de propósito que lhe fora usurpado, ou não fora ainda despertado. A marcha pela marcha, como processo físico, mais sentida do que racionalizada, é que poderia ensinar a "lição do milho" àqueles trabalhadores. O manifesto que os marchadores produzem no romance não indica um destino ou um propósito para a marcha, limitando-se a afirmar, diversas vezes, que "Nós pretendemos marchar", "(...) nós marcharemos", "Nós não pensamos e dizemos palavras/Nós marchamos", "Veja, o interior de nossas mãos é áspero/E assim marchamos - nós, os trabalhadores."⁴⁶⁰

Esse manifesto que aparece ao fim do livro, espécie de cântico ou quiçá canção marcial, é inspirado no poema de Edwin Markham, "The man with the hoe" ("O homem com a enxada"), de 1899, o qual Sherwood mencionou de forma elogiosa num artigo publicado na *Agricultural Advertising* em novembro de 1902. Segundo o escritor, "Algum tempo atrás um professor universitário do Oeste escreveu uma canção do trabalho (song of labor) que ecoou ao redor do mundo. (...) Eu a li uma vez, e descobri-me acordado à noite depois de uma dia de trabalho duro cantando-a em voz alta."⁴⁶¹ A poesia de Markham, inspirado na pintura homônima de Millet, lança luz sobre o significado com que Sherwood busca pintar a marcha, pois aquela formula o que este pretende responder.

Markham inicia celebrando as potencialidades latentes daquele protótipo de trabalhador, o "homem com a enxada": "Dobrado pelo peso dos séculos ele se apóia/ Sobre sua enxada e fita o chão,/ O vazio das eras em seu rosto,/ E sobre suas costas o

⁴⁵⁷ LEWIS, Sinclair. **It can't happen here**. New York: The Sun Dial Press, 1935. p. 2

⁴⁵⁸ KOLKO, Gabriel. **The triumph of conservatism - A reinterpretation of American History, 1900-1916**. New York: Free Press, 1963.

⁴⁵⁹ CARROLL, Peter N.; NOBLE, David W. **The free and the unfree - A new history of the United States**. 2ª ed. New York: Penguin Books, 1992. p. 252.

⁴⁶⁰ ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. op. cit. pp. 287-288.

⁴⁶¹ ANDERSON, Sherwood. *Writing it down* [November, 1902] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 14.

fardo do mundo." Reconhece-o, no entanto, desfigurado pelo tratamento que tem recebido: "Quem o fez imune ao arrebatamento e ao desespero,/ Atordoad e estólido, irmão dos bois?/ Quem afrouxou e deixou cair sua bruta mandíbula?/ De quem a mão que fez descer seu cenho?/ Quem aquele cujo sopro varreu a luz de sua mente?" E termina por lançar o desafio do que será feito quando esse homem julgar sua situação insuportável: "Ó mestres e senhores das terras todas,/ Como o futuro há de acertar suas contas com esse Homem?/ Como há de responder a bruta pergunta naquela hora/ Quando os turbilhões da rebelião abalarem o mundo?"⁴⁶²

Aquele sujeito cuja aparência brutalizada pode fazer o observador tomá-lo "por irmão dos bois", é quem traz sobre "suas costas o fardo do mundo"; sua brutalidade exterior não deve deixar obscurecer sua grandeza interior: o mais mundano e o mais celestial, o pragmatismo e o transcendente, unidos ao redor dessa figura que, por tal, parecia feita para a poesia.

Contudo, onde o ímpeto de reformista social de Markham lhe fazia advogar pela causa dos trabalhadores, enxergando sua submissão pelo trabalho como o problema que implicava "os mestres e os senhores das terras todas" e lançava o desafio dos "turbilhões de rebelião"; Sherwood recomendava o trabalho como resposta, tratando o labor da marcha como se a própria rebelião. Onde Markham tentava inserir o radicalismo dos novos tempos, Sherwood insistia no conservadorismo dos antigos. Afinal, não fora lixando o assoalho de madeira nas noites solitárias que Sherwood tentava curar-se da falta de escrúpulo diurna? Não fora por meio da dedicação febril ao trabalho braçal que Sam McPherson se purgara das imoralidades do *business world*, e que conseguira algo próximo de uma redenção? Não devia parecer aos olhos do escritor, portanto, que por meio de uma demonstração física viril, vinculada instintivamente aos sentidos mais elementares dos homens, que se poderia catalisar sua própria redenção, o expurgo de sua "indolência", do seu "errar" sem propósito? Não representava isto, também, a possibilidade de um mergulho em certo obscurantismo perigoso, que redundasse num voluntarismo cego?

Disto a desconfortável sensação das páginas de *Marching men*. Num momento, a trama parece sugerir um parentesco com a grande marcha do Exército de Coxey, cujas fileiras de desempregados propuseram andar da costa Oeste a costa Leste, até

⁴⁶² MARKHAM, Edwin. *The man with the hoe* [1899] Disponível em <<https://www.poetryfoundation.org/poems/47948/the-man-with-the-hoe>> Acesso em 16 nov 2018.

Washington, para cobrar providências do governo em relação ao descalabro humano da recessão. Noutro momento, porém, pressente-se uma sinistra similaridade com uma marcha para-militar fascistóide, afirmação doentia da virilidade e da força - por acaso não foi grande parte da base de apoio dos fascismos europeus alguns anos mais tarde formada precisamente pelas classes médias, pressionadas entre o grande capital e a ameaça da proletarização?

Esses extremos convivem em Sherwood por conta das transformações no trabalho e no mundo do trabalho. Da economia de pequenos capitalistas para a economia monopolista o trabalho passou por diversas mudanças: a atividade que no interior do mundo dos pequenos proprietários estava organicamente ligado ao sujeito que trabalhava, na economia monopolista já se fragmentara em inúmeras tarefas concatenadas pela "gerência científica", de modo que dificilmente poderia gerar o mesmo efeito nos trabalhadores. Além disso, a relativa equidade de condição material, que governava a economia do século XIX, e que dava mínimas condições para que cada um "fosse patrão de si próprio", existia cada vez menos no regime monopolista de capitalismo. A concentração transformou o trabalho não mais em fomentador de autonomia, mas em gerador de submissão e de alienação, a qual era sentida tanto estrutural quanto subjetivamente. A "fúria cega"⁴⁶³ que domina a mente de McGregor e que o leva a buscar desesperadamente uma afirmação imperiosa se origina do sentimento de subserviência que acompanhava o mundo do trabalho da nova classe média. Esse sentimento era pouco afeito ao brioso *self-made man* cujo imaginário ainda bafejava as mentes dos herdeiros dos Oitocentos; somente seria exorcizado mediante um ato decisivo de força, especialmente se físico e bruto, afastado das características do trabalho gerencial, burocrático e *middle class*.

Marching men celebra a busca de uma comunidade elementar, baseada em algo de instintual que jazia no íntimo de cada indivíduo, cuja natureza irracional parece ser tomada como mais genuína, mais passível de ser tomada por "essência". A marcha do livro traria isso à tona, criaria esse elo que não passa por uma consciência política da classe trabalhadora, mas por uma inconsciência quase fisiológica, de certo obscurantismo. Tem-se a impressão de que as relações sociais da civilização norte-americana novecentista tiveram sua castração e seu mal-estar freudianos tão acentuados

⁴⁶³ ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. op. cit. p. 97.

que somente o retorno a um estágio anterior, mais primitivo, pode conceder-lhe a liberdade exuberante d'antanho, donde sua idealização do irracional e do instintivo.

Em face de todas essas ambiguidades, a aproximação da literatura de Sherwood aos trabalhadores não satisfazia os reclames espirituais do escritor. Se mostrara tão efêmera quanto sua investida nos domínios dos colarinhos brancos havia sido infrutífera. Há uma incompreensão profunda do escritor e de seus personagens em relação àqueles trabalhadores e suas formas de ação política: o esforço por afinidades, portanto, foi marcado por uma distinção visões de mundo que sem grandes esforços degenerava em antagonismo.

O capítulo I do Livro III de *Windy McPherson's son* narra como Sam deixou Chicago em busca de trabalho e foi dar numa cidadezinha interiorana qualquer, onde se empregou nalguma atividade braçal. Ele estava atrás daquela redenção que a ele repousava na devoção absoluta ao labor, mas lá acabou por encontrar trabalhadores socialistas tentando organizar seus companheiros de condição numa greve. Sam tentou tomar parte no movimento, tentou inclusive liderá-lo, usando suas antigas conexões de homem de negócios de Chicago para resolver o imbróglio todo como se fosse uma questão administrativa (dando dinheiro para os panfletos e usando técnicas de negociação financeira), mas não conseguiu realmente integrar-se àquela coletividade. Seu orgulho individual o torna incapaz de uma relação coletiva horizontal e democrática, o que irritou o principal líder trabalhista, Ed, a ponto de que eles brigassem: Ed "(...) golpeou Sam repetidas vezes no rosto", deixando o protagonista a remoer-se de ódio mais tarde, "com bandagens frias sobre o rosto ferido", dizendo entre dentes "Eu vou mostrar a eles, aqueles valentões".⁴⁶⁴

A tentativa de aproximação termina com Sam desentendendo-se ainda mais violentamente com todos, adotando uma postura condescendente em relação aos trabalhadores, e reprovando a forma política de sua luta, inclusive por ela não se traduzir nos termos de um negócio, como um *business*: "O que eles podem saber? (...) O que eles querem é mais salários. Tem um milhão de dólares envolvido no negócio da energia [*a questão em torno da qual se dava o imbróglio*], e eles ignoram quanto seja um milhão tanto quanto ignoram o que é o Paraíso."⁴⁶⁵ O capítulo termina com Sam

⁴⁶⁴ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 270, p. 271 e p. 271, respectivamente.

⁴⁶⁵ Idem, ibidem, p. 275.

deixando a cidadezinha e dizendo: "Boa noite (...). Eu não faço mais parte do movimento. Eu saí dele. Não vale a pena perder tempo explicando."⁴⁶⁶

No capítulo IV (Livro III) do mesmo romance, Sam se desentende com um socialista que protestava na frente de uma manufatura da Pennsylvania. A descrição de Sherwood rapidamente atenta ao fato de que esse sujeito "(...) não trabalhava e estava muito orgulhoso disto".⁴⁶⁷ Mais à frente, Sam tenta se unir a uma greve de costureiras de uma manufatura local, e vendo-as paradas (o que o deixa desconcertado) sugere organizá-las a escrever cartas sobre sua experiência e tentar assim angariar a simpatia da opinião pública para sua causa. O curioso é que, como um gerente taylorista e típico empreendedor estadunidense, Sam aluga uma sala e paga por todas as expensas da empreitada, pondo-as todas para trabalhar diligentemente em nome do "sucesso" da causa. Esse arranjo enfurece Harrigan, líder sindical delas, que chama as então-estenógrafas de fura-greves (scab), dizendo que elas escrevem em máquinas de escrever fura-greves e fazem impressões fura-greve.⁴⁶⁸ A má opinião de Sherwood sobre os mecanismos de luta sindical, bem como sua alta opinião da atitude diligente, se expressa quando uma das costureiras tenta explicar que aquele esquema de redação de cartas estava "ganhando a greve" para elas, ao passo que o intransigente líder sindical criado por Sherwood diz tacanhamente: "É melhor perder do que ter uma vitória fura-greve (scab victory)!"⁴⁶⁹

Ressaltamos que havia entre Sherwood e a classe trabalhadora, sobretudo quando organizada politicamente, uma incompreensão profunda. Os desentendimentos que prevalecem na relação da literatura de Sherwood com os trabalhadores eram tão dele quanto parecem ter sido compartilhados, sobretudo como parte da crise de transformação econômica pela qual os Estados Unidos passavam naquela transição de séculos. De um lado, as crises econômicas de 1873 e 1893, assim como a industrialização e a imigração massiva da segunda metade do século XIX, criavam um crônico contingente de desempregados, os quais tornavam-se mão-de-obra volante, somente semi-ocupada ou então feita de mendigos e vagabundos - cabe lembrar que a década de 1890 é a década dos *hoboes*. De outro lado, a classe trabalhadora percorrera um longo caminho de amadurecimento político, vindo desde o Knights of Labor de 1869 até a American Federation of Labor (AFL) em 1881, e desta até a formação da

⁴⁶⁶ Idem, p. 276.

⁴⁶⁷ Idem, p. 293.

⁴⁶⁸ Idem, p. 302.

⁴⁶⁹ Idem, p. 302.

Industrial Workers of the World (IWW) em 1904, indo dos ideais de irmandade religiosa até a aliança revolucionária com os socialistas, sendo que ao longo de todo esse tempo a greve, os piquetes e os *lock-outs* tinha se tornado um dos principais armas de sua luta.

Ora, tanto o desemprego produzido pelas transformações econômicas quanto a paralisação grevista oriunda da organização política da classe trabalhadora implicavam em não-trabalho. Aos olhos de uma tradição cultural tão fortemente calcada sobre o trabalho, como poderiam esses novos tempos modernos ser vistos com bons olhos? Considerando Sherwood em específico, percebe-se que era à ineficiência, à indolência, à recusa ao trabalho (mesmo que tática) que seus personagens dirigiram seus vitupérios. Essas situações despertavam-lhes aquele ressentimento que acompanhou amargamente as antigas classes médias estadunidenses na sua via crúcis de adaptação à nova realidade histórica, seja impelindo-a a uma postura progressista e avançada, como no caso de tantos críticos e reformadores sociais da época, seja afundando-a em posições retrógradas e reacionárias, como é o caso dos moralismos e obscurantismos tradicionalistas com que dividiram a cena política. A ambiguidade do chamado Movimento Progressista e do Protesto Agrário são exemplos disto, bem como a curiosa interpretação judicial da Décima Quarta Emenda no pós-Guerra Civil e da Lei Sherman de 1890, a primeira para proteger as corporações e a segunda para punir os sindicatos como se monopólios!⁴⁷⁰

Confuso e contraditório, dubio e teimoso, Sherwood Anderson tentava encontrar um "plano de vida", um princípio moral que pudesse dar-lhe um ancoradouro equivalente àquele que amparava outrora, e que fosse tão grandioso: transcendente como os sonhos de Sam McPherson e não mezinho como os "pequenos pensamentos" da "vida moderna"). Mesmo ali, nas suas tentativas e erros, Sherwood era histórico, pois

⁴⁷⁰ Zinn diz que "Tão logo a Décima Quarta Emenda se tornou lei, a Suprema Corte começou a demoli-la como proteção aos negros e transformá-la em proteção às corporações." (ZINN, Howard. **A people's history of the United States**. op. cit. p. 254), e Richard Abrams escreveu que as mudanças legais do período de 1873 a 1897 "(...) deram às sociedades anônimas o estatuto legal de 'pessoas', qualificando-as assim para os privilégios, proteções e imunidades garantidas pela Constituição, de acordo com a Quinta e a Décima Quarta Emendas." (ABRAMS, Richard M. *A América ingressa no século XX, 1900-1918*. op. cit. p. 57). Joseph L. Greenslade escreveu que a Suprema Corte dos Estados Unidos aplicou a legislação anti-truste criada em 1890 (o Sherman Act) contra os sindicatos, interpretando sua atuação como controle sobre a comercialização do trabalho - aplicação esta que prevaleceu até os anos 1940 a despeito de inúmeras tentativas do Congresso de limitá-la ou torná-la inconstitucional (GREENSLADE, Joseph L. *Labor Unions and the Sherman Act: rethinking labor's nonstatutory exemption*. *Loyola of Los Angeles Law Review*, v. 22, n. 1, pp. 151-216, 1988).

dava corpo a um estado de espírito que era socialmente compartilhado como parte daquela conjuntura. Sobre isto, Wright Mills escreveu:

A intranquilidade, o mal-estar de nossa época decorrem de um fato essencial: na política e na economia, na vida familiar e na religião - em praticamente todas as esferas de nossa existência - as certezas dos séculos XVIII e XIX desintegraram-se ou foram destituídas sem que se firmassem novas sanções ou justificações para organizar as rotinas que vivemos ou que devemos viver. (...) Não há nenhum plano de vida.⁴⁷¹

O desfecho pouco conclusivo dos romances de 1916 e de 1917, que mais deixam pontos de interrogação do que se voltam a afirmações categóricas, é a materialização dessa incerteza pela qual passara Sherwood Anderson. Experimentando o fechamento dos horizontes nos quais projetara seus sonhos juvenis de sucesso, e tendo sido confrontado com o tensionamento da divisão de classes ao mesmo tempo em que continuava a professar a certeza da redenção pelo trabalho, Sherwood somente conseguiu voltar-se para trás, para o passado.

Incapaz de se adequar aos pólos culturais que transiam a existência da nova classe média, ou se conformar ao modo de vida dos trabalhadores, restou-lhe um retorno repleto de ambiguidades. A existência predatória dos homens de negócios fora-lhe desastrosa, e a tentativa de unir-se ao projeto social da classe trabalhadora também falhara. Aparentemente inapto a ajustar-se a qualquer um desses "planos de vida" que a monopolização criara, Sherwood adotou o desajuste deliberado como forma de existência (ou subsistência, talvez) donde nasceu a noção que talvez seja a sua mais conhecida, sua ideia de "grotesco". O "grotesco" deriva de sua desistência da adequação ao mundo moderno, a adoção voluntária de seu provincianismo como marca identitária.

Antes de tornar esse "grotesco" o centro de sua identidade e de sua literatura, entretanto, e de dar-lhe uma forma mais bem acabada, Sherwood flertou com ele por meio de um retorno pastoral, que lhes pretendia semear algo de épico, infundir-lhes certa grandeza mitológica - "Eu estava determinado a trazer as coisas antigas para a terra do novo", diz o eu-lírico de "The cornfields".⁴⁷² Esse flerte constitui a coletânea de cânticos de 1918, *Mid-American chants*. Em virtude das pretensões épicas, cabia eleger o povo cujos feitos iria cantar, a comunidade tradicional que seria a depositária de sua admiração e a matéria-prima de sua idealização folclórica: é aí que entram os *midwesterners*. É a eles que o prefácio da primeira edição, de fevereiro de 1918, se

⁴⁷¹ MILLS, Charles Wright. **A nova classe média**. op. cit. p. 18.

⁴⁷² ANDERSON, Sherwood. **Mid-American chants**. op. cit. p. 11.

dirigia: "Eu ousei dar forma a esses cânticos somente porque espero, e acredito, que eles possam encontrar claro apelo e resposta no coração dos outros americanos do Meio-Oeste."⁴⁷³

Em se tratando dessa região, e ao invocar as tradições próprias de seu passado, Sherwood não pôde se furtar a um certo modelo algo paradigmático, o qual o crítico Leo Marx chamou de "pastoral jeffersoniana". A construção do ideal bucólico do "auto-governo" dos lavradores dos Oitocentos, espécie de democracia rústica, teve uma participação determinante na construção do imaginário e dos costumes americanos, constituindo "uma obscura fronteira da qual inúmeras confusões sobre arte e ideologia surgiram".⁴⁷⁴

Gestada na base da experiência histórica do deslocamento da civilização do capitalismo monopolista, e surgindo, assim, como tentativa de fuga da sociedade humana da modernidade, o grande antagonista do "povo do Meio-Oeste" não é outro senão a "terrível engrenagem do industrialismo",⁴⁷⁵ contra a qual se opõe os vastos "milharais" (cornfields), cuja onipresença na literatura de Sherwood é sintomática e marcante. Seguindo a cartilha sinestésica do ideal pastoral, o escritor tentou recuperar o misticismo dos antigos cultos da fertilidade, fazendo com que o industrialismo perfizesse a força que esteriliza, enquanto os milharais materializassem o vigor da fecundidade, recobrando-os de desígnios colossais, parte de uma batalha cósmica e cosmogônica, onde deuses, ninfas e grandes poderes tomam parte.

Desse metabolismo simbólico nasceu a oposição fundante de *Mid-American chants*.

A cidade e as fábricas, símbolos da modernidade, representam tudo o que é castrador e desumano. É nas cidades que as "pessoas ficaram tontas por conta das palavras", onde "As palavras as sufocam". É em Chicago que estão "as coisas quebradas", onde "as línguas se chocam com os dentes", e onde "Não há nada além de gritos estridentes e barulho". É ainda em Chicago, "a triunfante Chicago", que predominam "fábricas, centros comerciais e o ronco das máquinas - horrível, terrível, feio e brutal". O eu-lírico de um dos cânticos diz: "A poeira da minha civilização estava em minh'alma." Sobre o industrialismo diz-se: "Conhecimento antigos e velhas crenças/ por sua mão são mortos -", ao passo que contra ele é que se conclama: "Levantai-vos e

⁴⁷³ Idem, ibidem, p. 8.

⁴⁷⁴ MARX, Leo. **The machine in the garden - Technology and the Pastoral ideal in America**. op. cit. p. 74.

⁴⁷⁵ ANDERSON, Sherwood. **Mid-American chants**. op. cit. p.8.

quebrai vossos grilhões empoeirados." Finalmente, é sobre a vida em Chicago que o coletivo é usado: "Nós somos a sujeira da cidade, levada na correnteza de um triunfo mecânico - eis o que somos".⁴⁷⁶

Se o futuro está tomado de cidades e de fábricas que o fazem um tormento, bloqueando sua humanidade, que outro rumo tomar senão o passado? É essa a noção que jaz por debaixo da idealização do primitivismo, a qual os milharais servem de escopo plástico. No entanto, as bucólicas de Sherwood, seja pela influência do realismo-naturalismo, seja por sua deliberada rusticidade à Americana, seja por terem tido sua "inocência" corrompida pela modernidade, têm uma intensidade lúbrica distinta, por vezes gráfica, quase obscurantista. Isso acrescenta algo de quase freudiano ao virgílico.

Em virtude disto é que a fecundidade abunda nos milharais, símbolos do velho ermo que era o Meio-Oeste nos Oitocentos. É neles que "o casulo sagrado foi plantado", e dos doces óleos do milho esse casulo há de ser enchido. É aos milharais que se volta o eu-lírico de um dos cânticos: "Eu me pus ante a frente dos deuses por meio dos milharais./ De volta ao útero de minha mãe irei", e é "às carícias dos milharais (...) que se voltam aqueles que estão cansados". "Os milharais serão a mãe dos homens. Eles estão ricos do leite do qual estes devem ser amamentados". Diz-se ainda que "Na primavera pressiono seu corpo sobre o solo recém-arado, molhado e frio/ (...) Disporei sagradamente de você". Em meio ao "rico e leitoso cheiro dos milharais" é que estão as "ninfas dançantes", e é o Meio-Oeste, "onde jazem os milharais", o "berço de gigantes".⁴⁷⁷

Nas suas memórias de 1942, aliás, Sherwood conta sobre uma pitoresca experiência que teve quando em 1925 foi morar numa cidadezinha da Virgínia para escrever: "Quando eu terminei um capítulo eu saí da cabana e o li em voz alta para o milho. Era um pouco ridículo, mas eu pensei 'Ninguém vai saber'. E o milho pareceu ter falado comigo."⁴⁷⁸

Em meio a essa oposição formativa, cosmogônica mesmo, onde as grandes forças da fecundidade agrícola e da esterilidade industrial se debatem, ressurgem a raça dos homens fortes, então coberta dos louros folclóricos que Sherwood depositou sobre sua frente: "Fundo em meu vale jaz o homem nu./ Ele é uma semente./ Nele jazem sementes./ Esse homem há de ser o pai de uma tribo, de uma raça./ Ele é um mundo e

⁴⁷⁶ Idem, ibidem, p. 11, p. 15, p. 16, p. 26, p. 31, p. 31 e p. 62, respectivamente.

⁴⁷⁷ Idem, p. 11, p. 12, p. 22, p. 29, p. 67, p. 30, p. 34 e p. 35, respectivamente.

⁴⁷⁸ apud WHITE, Ray Lewis. Introduction. ANDERSON, Sherwood. **Tar - A midwest childhood**. op. cit. p. XIII.

todo um mundo tem estado dormindo dentro dele."⁴⁷⁹ "Homens em formação - qual sementes na terra".⁴⁸⁰

Esses são os homens "barbados", "brutos", "bíblicos", "rijos", de "braços fortes", "corajosos", "livres", enfim, patriarcas antigos de uma "raça" nova, que destoa deliberadamente do refinamento citadino, que cultiva sem receio o "saudável animalismo de Whitman"⁴⁸¹ que Sherwood tanto apreciava. Não são nem os operários desempregados que erram pela "desordem moderna",⁴⁸² nem os subservientes colarinhos-brancos perdidos na "infinita realização de tarefas pequenas",⁴⁸³ e tampouco os desonestos homens de negócios de Chicago, predadores inescrupulosos do "crédulo público"⁴⁸⁴ americano.

O movimento de Sherwood em direção ao interior do Meio-Oeste, mundo a meio caminho entre o urbano e o rural, é tanto um retorno quanto uma recriação mitológica. Dotado do parâmetro que a cidade e a modernidade industrial ofereciam, Sherwood fez com que seus habitantes encarnassem seu oposto, por vezes num sentido hiperbólico, a oscilar entre o fascínio e a morbidez. O escritor se assemelha, nesse ínterim, ao eu-lírico da "Canção primaveril americana" (American spring song), o qual diz que "Na primavera, quando os ventos sopravam e os fazendeiros aravam os campos/Veio à mente um alegrar-me por minha brutalidade".⁴⁸⁵ Desse reencontro com a rusticidade e a "brutalidade" da vida no Meio-Oeste, que nasceu o "grotesco" de Sherwood, aquele que fizera no início do livro de 1919. Sua primeira aparição deu-se já nos *Mid-American chants*, numa passagem recheada de elementos autobiográficos: "Da lama na margem do rio eu moldei um deus para mim/Um pequeno e grotesco deus com a face retorcida,/Um deus para mim e para meus homens." E simbolicamente encaminhando a volta ao mundo campestre do das cidadezinhas interioranas, a canção arremata o arco do retorno: "Eu vestia um colarinho-branco e alguém havia me dado um alfinete cravejado/(...) Ninguém soube que eu me ajoelhei na lama debaixo da ponte/Na cidade de Chicago."⁴⁸⁶

No final do romance de 1916 diz-se que "Os velhos deuses estão morrendo", e eis que nos poemas de 1918 um "pequeno deus grotesco" é moldado: moldado da

⁴⁷⁹ ANDERSON, Sherwood. **Mid-American chants**. op. cit. p. 52.

⁴⁸⁰ Idem, ibidem, p. 34.

⁴⁸¹ apud RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1**. op. cit. p. 74.

⁴⁸² ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. op. cit. p. 78.

⁴⁸³ Idem, ibidem, pp. 122-123.

⁴⁸⁴ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 251.

⁴⁸⁵ ANDERSON, Sherwood. **Mid-American chants**. op. cit. p. 44.

⁴⁸⁶ ANDERSON, Sherwood. **Mid-American chants**. op. cit. pp. 44-45.

"lama" apesar do "colarinho-branco" e do "alfinete cravejado". O contraste entre o asseio civilizado e a sujeira rústica, ressaltando o lirismo desse último, não são iluminadores? Se as transformações históricas da virada do século consolidaram as classes sociais supramencionadas e seus universos culturais, tornando-os comuns, "normais", parte da civilização, não é àquilo que foge ao estabelecido, o não-normativo, o "anormal", o desviante, o rústico, enfim, o "grotesco" o que Sherwood passou a perseguir como ideal? Não são eles os habitantes da sua ficcional, mas sobretudo tipificada, cidadezinha em *Winesburg, Ohio*?

Na carta a Arthur H. Smith de 6 de junho de 1932, Sherwood escreve sobre os personagens que criou para as histórias do livro de 1919:

Eles não se tornaram banqueiros ou corretores de ações, não estabeleceram nenhuma de nossas grandes indústrias modernas nem ascenderam ao topo da gerência dos negócios. Eles eram pessoas boas e simples que permaneceram na obscuridade de suas pequenas cidades. A vida os machucou e distorceu, e desejos os assaltaram, mas ao fim e ao cabo eles permaneceram doces e bons.⁴⁸⁷

Winesburg, Ohio é o livro que fecha a década e o ciclo de amadurecimento literário de Sherwood. Pode-se dizer que a cidadezinha típica que ele criou ali tanto se alimenta de suas memórias da infância quanto as molda de acordo com as experiências da vida adulta, afinal, seu subtítulo dizia tratar-se de "Um grupo de estórias da vida de uma cidadezinha de Ohio" (*A group of tales of Ohio small-town life*). Esse era o mundo onde Sherwood aprendera que o trabalho estava adstrito ao indivíduo e concorria para sua realização moral, material e espiritual, e não para sua submissão; era onde o trabalho era braçal e não dado às mesquinhas dos colarinhos-brancos, embrutecia mas preservava das janotices e velhacarias. Aos olhos do escritor, aquela Winesburg ficcional era o lugar onde mais provavelmente o indivíduo não se sentia pequeno diante dos ciclóticos monopólios, onde sentia grandioso de um modo humildes, tosco mas enfim humano: improvável bolsão da vida pré-moderna.

A Winesburg ficcional de Sherwood se afinava aos anseios humanistas da literatura estadunidense do período, profundamente preocupada com o lugar do velho Adão americano (cf. Lewis) nesse novo mundo colossal que ele mesmo havia criado. Parrington afirmou que um dos temas dominantes no romance dessa época era "(...) a centralização que submergiu o indivíduo, [*deixando-o*] (...) impotente diante da

⁴⁸⁷ In: ANDERSON, Sherwood. **Winesburg, Ohio - Authoritative text, backgrounds and contexts, Criticism**. Edited by Charles E. Modlin and Ray Lewis White. New York: W.W. Norton, 1995. p. 142.

corporação leviatânica";⁴⁸⁸ e Warren dizia que o final do século XIX vivenciou o "declínio do eu [*self*]" na literatura.⁴⁸⁹

Pelas ruas empoeiradas daquela típica *small town* interiorana foi onde Sherwood procurou fazer desfilar, ostensivamente, a exuberância pitoresca de seus habitantes, que ele de forma deliberada tornava desajustados para que pudessem expressar sua vontade ativa de desajuste. Eles pareciam botocudos, mas o eram por ação resoluta do autor, a quem essa rusticidade bruta parecia proporcional à sua humanidade e também a seu lirismo. Sherwood tornou os habitantes de Winesburg "seres grotescos" de propósito. Como dissemos outras vezes, o termo é o mesmo, mas seu conteúdo humano mudou: ao dar tessitura folclórica, senão mítica, à trajetória histórica dos *midwesterners*, Sherwood pôde reivindicar sua animalidade como épica, dando sinal positivo ao seu "grotesco", em sentidos críticos mas também em sentidos retrógrados, como contraste da modernidade industrial e igualmente como certo culto de essência.

Era um retorno ambivalente, pois a cidadezinha provinciana cumprira papel dúbio na vida e na literatura de Sherwood Anderson. Os protagonistas de 1916 e 1917 sentiam que seu lugar não era lá, e que seus sonhos de prosperidade encontravam-se em Chicago - por vezes chegavam mesmo a se ressentirem do provincianismo e da estreiteza espiritual da vida nelas, de seu imutável prosaico. Não se diz nalgum dos artigos da *Agricultural Advertising* que romper o casulo interiorano é parte crucial de tornar-se um "homem feito",⁴⁹⁰ um "rito iniciático", "ritual de passagem"?⁴⁹¹ O próprio Rideout, biógrafo do escritor, notou que o decalque de Winesburg que Sherwood fez sobre a Clyde de sua infância misturava "elegia e raiva".⁴⁹² O universo interiorano era na cosmologia do escritor um elemento cercado de conflituosidade: romper com a cidadezinha, com sua *aurea mediocritas*, fora parte crucial da vida de Sherwood e de seus personagens, mas o peso de sua aura dourada (aurea) e sua mediocridade (mediocritas) inverteu-se na medida em que a frustração da modernidade econômica assomou o horizonte existencial do escritor, chacoalhando suas certezas.

O estado de coisas nos Estados Unidos fazia com que os sonhos de prosperidade dos personagens de Sherwood (encarnações do *pathos* histórico de transição da

⁴⁸⁸ PARRINGTON, Vernon Louis. **Main currents in American thought**. op. cit. p. 347.

⁴⁸⁹ WARREN, Robert Penn. *Os Estados Unidos e o declínio do eu*. In: _____. **Democracia e literatura**. op. cit. pp. 17-50.

⁴⁹⁰ ANDERSON, Sherwood. *Not knocking* [1902] In: _____. **Early writings**. op. cit. p. 15.

⁴⁹¹ BLUEFARB, Sam. **The escape motif in the America novel - Mark Twain to Richard Wright**. Columbus: Ohio State University Press, 1972. p. 43.

⁴⁹² RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1**. op. cit. p. 23.

cidadezinha para a metrópole) sóoubessem naquele mundo, como os romances dos anos 1910 demonstram, pois na realidade apresentada por Chicago eles se tornavam um pesadelo.

Por esse curioso estado de coisas, que como vimos esteve articulado à consolidação do capitalismo monopolista e suas consequências humanas, a cidadezinha interiorana ocupou lugar cediço no pensamento de Sherwood, pois era ao mesmo tempo a barreira a ser rompida e o bastião acolhedor das certezas de outrora; encarnava o parâmetro do progresso individual quando dela se partia mas também era o monumento ao seu fracasso quando a ela se retornava. Sherwood quisera tornar-se um homem no "grande mundo dos homens"⁴⁹³ da cidade, motivo pelo qual precisou deixar a cidadezinha interiorana e superar suas arestas mais rústicas; mas descobrira-se cronicamente deslocado lá, sugado pela voragem da acumulação monopolista, ao passo que retornou a Winesburg para ali compor, como conformação disfarçada de celebração, um idílio pastoral. A "inocência" oitocentista havia sido devassada pela modernidade, e o máximo de pastoral possível a Sherwood foi o "grotesco"; no lugar das éclogas ideais, os esboços distorcidos; no lugar da ascendência virgílica, algo da neurose freudiana.

Fica-se a impressão de que o voluntarismo da experiência oitocentista, com seu otimismo imorredouro a impelir sempre adiante, não tolera o retorno senão como sinônimo de retrocesso.

O famoso "Livro do grotesco" e sua insólita teoria nascem dessa tortuosa indefinição:

No princípio, quando o mundo era novo, havia uma porção de pensamentos, mas não se conhecia uma coisa chamada verdade. Os próprios homens é que faziam as verdades, e cada verdade se compunha de numerosos pensamentos vagos. Por toda parte no mundo havia verdades e todas eram belas. (...) Depois entraram em cena as pessoas. Cada uma delas agarrou uma das verdades e algumas mais fortes agarraram uma dúzia. Eram as verdades que tornavam as pessoas grotescas. (...) desde o momento em que uma das pessoas tomava conta de uma das verdades, passava a chamá-la de 'sua' verdade e tratava de viver o resto da vida de acordo com ela - desde esse momento ficava grotesco e a verdade abraçada se transformava em falsidade.⁴⁹⁴

A ambiguidade do retorno de Sherwood ao Meio-Oeste está alicerçada sobre esse desencontro cultural e econômico, no qual a mudança do sentido e do lugar do trabalho, estrutural e subjetivamente, teve papel tão destacado. Utilizando-nos das

⁴⁹³ ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 15.

⁴⁹⁴ ANDERSON, Sherwood. **Winesburg, Ohio**. op. cit. p. 11.

palavras de Wright Mills, entendemos que a volta de Sherwood ao mundo de sua infância constitui-se numa tentativa de encontrar as "sanções e justificativas" que poderiam organizar as "rotinas" componentes de um "plano de vida". O "plano de vida" possível parece estar mais próximo da experiência de Sherwood Anderson no modo de vida incrustado nas cidadezinhas do Meio-Oeste, mas é dele mais um *bricolage*, justaposição possível de posturas e afinidades, do que a reafirmação fervorosa de uma certeza definitiva. A frustração dos projetos longamente acalentados pelo escritor foi interpretada como demonstração da impossibilidade da existência em nome de um princípio universal: era o subproduto da descalibração dos desígnios individuais em relação aos meios sociais de atingi-los, agravada pelo antagonismo extremado das classes no interior da economia monopolista. É bem provável que seja por isso que seus livros dos anos 1910 falem de "deuses morrendo" e que por tanto tempo tenham insistido em buscar algo como um novo deus - é dito, inclusive, que a ascensão de McGregor à frente dos "homens em marcha" pareceu "o nascimento de um deus",⁴⁹⁵ e o eu-lírico do primeiro dos cânticos do *Mid-American chants* declara "Eu renovarei um meu povo a veneração aos deuses".⁴⁹⁶

Ao que parece Sherwood não conseguiu realizar de fato essa ressurreição.

A passagem acima, retirada do "Livro do grotesco", carrega uma amargura pesada, a qual decorre da dificuldade encontrada pelo escritor em levar sua vida sendo um "grotesco", já que a verdade da diligência virtuosa que ele sustentou por tanto tempo, e que exerceu com tanto fervor, mostrou-se falsa. Pela base individualista da tradição dentro da qual fora criado, Sherwood só conseguia compreender dificultosamente a historicidade social da transformação daquela "verdade" em "falsidade", assumindo, portanto, que ela decorria de um defeito particular e subjetivo ou mesmo da natureza essencial das coisas. Seu "plano de vida" anterior estava assentado sobre ela, e o passeio pelo lado selvagem do capitalismo monopolista minou os pilares mais fundamentais de sua constituição particular, motivo pelo qual o escritor tateava buscando encontrar os princípios e as posturas com as quais construir um novo "plano de vida". A confrontação dessa passagem (por sua relação dúbia com as verdades)⁴⁹⁷ com aquelas passagens d'antanho (em que Sam McPherson buscava

⁴⁹⁵ ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. op. cit. p. 276.

⁴⁹⁶ ANDERSON, Sherwood. **Mid-American chants**. op. cit. p. 11.

⁴⁹⁷ A título de curiosidade, há diversas edições brasileiras de *Winesburg, Ohio*, e publicadas com títulos deveras interessantes: há *A verdade de cada um* (Cultrix, 1947); enquanto outra com o título *A secreta mentira* (Globo, 1950); e, finalmente, outra com o título de *O livro dos grotescos* (Revista Branca, 1952).

febrilmente "a Verdade")⁴⁹⁸ demonstram a incerteza pela qual Sherwood passara nos anos 1910.

O "grotesco" é a constatação e, mesmo, a conformação do fato de que não existem verdades absolutas tais como aquelas sobre as quais o pensamento oitocentista se apoiava. Mas o "grotesco" são também os personagens que perambulam pelas páginas do livro de 1919, como diz Irving Howe, pois são "absurdos", "estranhos" e "excêntricos",⁴⁹⁹ ou, no eufemismo de Llewellyn Jones, repletos das "peculiaridades do povo provinciano".⁵⁰⁰ Como pudemos ver no final do capítulo anterior, há um "fervor animal" e certa brutalidade nesses sujeitos, os quais constituem a "exuberância poética" deles mesmo, ainda que os torne algo primitivos - Howe diz que *Winesburg, Ohio* é "uma fábula do estranho americano".⁵⁰¹ Não há em Sherwood contradição auto-excludente entre esses dois termos, bruteza e beleza; aliás, é da complementaridade dialética entre os dois como dínamo estético do desajuste como alternativa existencial que Trilling cunhou a expressão "bárbara polidez"⁵⁰² - é isto o que torna "deliciosas (...) as maçãzinhas deformadas (twisted little apples) que crescem nos pomares de Winesburg".⁵⁰³

A ambiguidade disso tudo é o que constitui um dos mais curiosos atrativos do livro, pois se por um lado os personagens parecem ser seres botocudos, prosaicos e cheios de esquisitices chãs e pitorescas; por outro parecem dotados de um potencial poético acentuado, donos de um lirismo tosco que Sherwood desnuda para fazê-los grotescos somente na medida em que é algo estranho pode ser belo, rústicos somente no limite em que isso não os torna bestiais. A palavra "grotesco", derivado de *grotto* (gruta), foi o termo "usado pelos renascentistas para descrever os arabescos nas ruínas

Todas elas se referem a mesma tradução da edição da L&PM, de James Amado e Moacyr Werneck de Castro.

⁴⁹⁸ O protagonista do romance de 1916 repete por diversas vezes: "Os melhores homens passam suas vidas buscando a verdade." ("The best men spend their lives seeking truth." [tradução livre]) ANDERSON, Sherwood. **Windy McPherson's son**. op. cit. p. 240, p. 255, p. 297, p. 322, p. 333.

⁴⁹⁹ HOWE, Irving. *The book of the grotesque*. In: WHITE, Ray Lewis (org.). **The achievement of Sherwood Anderson - Essays in criticism**. op. cit. p. 94.

⁵⁰⁰ JONES, Llewellyn. *The unroofing of Winesburg: Tales of life that seem overheard rather than written* [June, 1919] In: ANDERSON, Sherwood. **Winesburg, Ohio - Text and Criticism**. Edited by John H. Ferres. New York: Penguin Books, 1983. p. 255.

⁵⁰¹ HOWE, Irving. *The book of the grotesque*. In: WHITE, Ray Lewis (org.). **The achievement of Sherwood Anderson - Essays in criticism**. op. cit. p. 96.

⁵⁰² TRILLING, Lionel. **Literatura e sociedade - Ensaios sobre a significação da arte e da ideia literária**. op. cit. p. 42.

⁵⁰³ ANDERSON, Sherwood. **Winesburg, Ohio - A group of tales of Ohio small-town life**. op. cit. p. 19.

subterrâneas da 'Casa Dourada' de Nero",⁵⁰⁴ e se expressa pelo "modo do espanto, mas tingido pela aversão", segundo Harold Bloom, "diferente do espanto transcendente, induzido pelo Sublime."⁵⁰⁵ Não é sintomático que as afinidades de Sherwood com as altitudes do transcendentalismo emersoniano e whitmaniano dos Oitocentos tenham degradingolado para os subterrâneos do grotesco depois de marcadas com o estigma do capitalismo monopolista?

Os grotescos homens interioranos que residem em Winesburg, exagerados em sua humanidade tanto quanto em sua brutalidade, são os habitantes do mundo que Sherwood elegeu como o possível de habitar depois do ocaso de sua experiência moderna: assim como a cidadezinha interiorana foi o refúgio de conformação que o escritor buscou depois de ter dela saído (e de ter dela se ressentido), seus habitantes representam em seu panteão humano não o ideal, mas o possível, o alcançável. A existência não-convencional e desviante dos grotescos, sua "distorção" (para usar os termos de Sherwood), só se estende até o ponto da ambiguidade, de modo a não torná-los bestiais e assim poder mantê-los "simples", "doces" e "bons".

É importante notar que sua rusticidade não é tanto uma falta de refinamento, como contra-refinamento. Desgostoso das formas de existência social que a modernidade monopolista criara, e aparentemente incapaz de se integrar às formas de sustento material que a divisão industrial do trabalho criara, Sherwood abraçou seu desajuste tornando-o uma espécie de identidade, de modo que aqueles personagens grotescos de Winesburg, Ohio sejam como que suas criaturas, criadas à sua própria imagem para expressar por sua ambiguidade as contradições da experiência histórica de então - nos cânticos de 1918 há um verso que diz "Eu mesmo sou um deus distorcido".⁵⁰⁶ Os "grotescos" que perambulam pelas ruas e pelas páginas de Winesburg encarnam a *mediocritas* interiorana que todos os personagens de Sherwood (e ele próprio) tentaram superar, por isso sua brutalidade ter um preconceito subterrâneo do escritor; mas encarnam também a existência que restou possível depois de Chicago, donde seu lirismo projetado, sua natureza simplória revestida de um primitivismo rousseauiano. É uma repulsa jamais completa e uma admiração nunca convicta.

⁵⁰⁴ HOWE, Irving. *The book of the grotesque*. In: WHITE, Ray Lewis (org.). **The achievement of Sherwood Anderson - Essays in criticism**. op. cit. p. 96.

⁵⁰⁵ BLOOM, Harold. Introduction. In: HOBBS, Blake (ed.). **The grotesque**. New York: Infobase Publishing, 2009. p. XV.

⁵⁰⁶ ANDERSON, Sherwood. **Mid-American chants**. op. cit. p. 45.

Sua ideia de "grotesco", portanto, era o equivalente literário da encruzilhada histórica dos Estados Unidos na virada do século XIX. Era também a pastoral possível nos tempos de uma estética naturalista, quando as lições de Zola haviam já feito fenecer o idealismo e a inocência.

Por conta da dubiedade nascida da experiência histórica é que *Winesburg, Ohio* se tornou dúbio, a ponto de ser lido pelos críticos ora como um livro de "revolta contra a cidadezinha provinciana", ora como uma "celebração" dela mesma.⁵⁰⁷ A própria estrutura do livro parece responder a essas pressões concretas. Cada conto dele está construído ao redor de um personagem, cada personagem é um habitante da cidade de Winesburg, e cada um deles possui alguma esquisitice/excentricidade (a depender de como se o leia). Não existe propriamente um personagem principal, com exceção de George Willard, o jornalista da cidade que anda à cata de histórias, e que serve como elo de ligação dos contos. É justamente através de Willard que Sherwood consegue analisar traços de personalidade, trejeitos, comportamentos, estados de espírito e sentimentos dos personagens, mostrando-lhes seu grotesco peculiar mas selecionando de cada um deles um esboço ou decalque de virtude, de paixão, de humanidade, tanto quanto de "histeria", de "sexualidade não-convencional", de estranheza. Ao longo do livro inteiro, Willard recolhe esses lampejos de humanidade imiscuídos no grotesco de cada um dos habitantes, a princípio para publicá-los como notícia no jornal da cidade, mas no fim pare tê-los consigo quando parte para a cidade grande.

A capacidade de talhar as feições de seus personagens com precisão foi celebrado como um grande talento de Sherwood. Os contos de *Winesburg, Ohio* tem poucas folhas cada um, mas a impressão de profundidade e intimidade para com os habitantes da cidadezinha parece decorrer de um estudo de proporções romanescas. Nos parece que essa exímia apreensão de traços de personalidade estava fortemente ligado às angústias do escritor quanto a tentar compor um conjunto de "sanções" e "justificativas", "valores" e "princípios", depois da derrocada de seus deuses e depois da constatação, através do "livro do grotesco" de que não existem verdades absolutas que não se tornem falsidade. A volta à vida interiorana e a estrutura do livro de 1919 servem ao esforço do escritor de compor um novo "plano de vida", não mais entronando um princípio uno e definitivo como outrora, mas uma miríade de valores e afinidades cuja junção e colagem lhe sirvam de horizonte existencialmente coerente.

⁵⁰⁷ BROOKS, Cleanth; LEWIS, R.W.B.; WARREN, Robert Penn. **American Literature: the makers and the making. Vol. II.** op. cit. p. 1925.

Por conta disso, nos parece que a apreensão de Geismar é certa quando diz que Sherwood Anderson pertence aos "últimos provincianos".⁵⁰⁸ Seu retorno ao interior do Meio-Oeste, no entanto, não é a volta à postura romântica da infância, mas uma melancólica e algo sombria busca de um repouso conformado. Sherwood deixara a cidadezinha interiorana como um espírito fulgurante e otimista, e retornava a ela como um soturno combatente que perdera a guerra. Nesse sentido sua obra tem profundas ressonâncias na de William Dean Howells, na de Theodore Dreiser, na de F. Scott Fitzgerald, na de Sinclair Lewis e de tantos outros escritores estadunidenses que viram as promessas de grandeza épica e transcendente dos Oitocentos se tornarem as ninharias medíocres, as futilidades filisteias e a perversidade predatória da existência sob a égide monopolista.

A beleza melancólica da passagem final de *Winesburg, Ohio* expressa justamente isto. Willard, o protagonista virtual das historietas, de dentro de um dos vagões do trem que partia, "(...) olhou para fora da janela do trem e a cidade de Winesburg desaparecera; sua vida ali havia se tornado somente um pano de fundo sobre o qual pintar os sonhos da hombridade."⁵⁰⁹

A seu modo cômico da derrocada, Sherwood quis fazer-se não modelo, mas lição, de modo que o crepúsculo de suas certezas se espalhou pela conjuntura de sua literatura muito além da década de 1910. Mesmo se ignorarmos *Windy McPherson's son* e seu caráter autobiográfico, e também os romances *Poor white* (1921) e *Dark laughter* (1925), que possuem basicamente a mesma estrutura narrativa, perceberemos que Sherwood escreveu pelo menos mais três grandes narrativas em que busca ordenar e dar um sentido aos eventos que compõem sua vida: em 1924 foi publicado *A story teller's story*; em 1926, *Tar - A Midwest childhood*,⁵¹⁰ e em 1942, postumamente, suas *Memoirs*, às quais ele vinha se dedicando desde os anos 1930.

Todos esses escritos apontam para uma necessidade quase obsessiva de recontar sua história, mudando ênfases, minorando alguns eventos e redimensionando outros, resignificando-a amplamente - vide a figura do pai, que ele já não conseguia condenar pela natureza folgazã uma vez que a vida moderna tinha lhe mostrado o preço moral da obstinação férrea. Dessa tentativa de releitura de sua vida advém o esforço de

⁵⁰⁸ GEISMAR, Maxwell. **The last of the provincials. The American novel - 1915-1925.** op. cit.

⁵⁰⁹ ANDERSON, Sherwood. **Winesburg, Ohio - A group of tales of Ohio small-town life.** op. cit. p. 303.

⁵¹⁰ Isso sem contar a publicação, nesse mesmo ano, do *Sherwood Anderson's notebook*, livro de memórias e anotações esparsas (notas, ensaios, relatos etc.) que optei por não incluir naquela lista por ele não possuir um esforço tão sistemático de recontagem da própria trajetória, como aqueles tinham.

"mitologização" a que Sherwood se lançou depois dos anos 1910, pois como disse Howe, o escritor

(...) passou a maior parte de sua maturidade tentando relacionar a si próprio com sua infância em Clyde, processo que encantava como se se tratasse de uma lenda popular (...). Essa auto-referência se devia em parte à sua vaidade, e em parte a uma crença bastante plausível de que sua vida continha algo tão crucial da experiência estadunidense, podendo ser tomada como representativa daquela era (...)⁵¹¹

A derrocada de Sherwood levou-o de volta ao passado com novos e desamparados olhos, mas para algo mais do que lamentar-se ou fechar-se sobre si mesmo. Sherwood quis tornar sua experiência particular uma história de contornos trágicos, que pudesse ser instrutiva e ao mesmo tempo literariamente relevante. Ousamos dizer que havia no fundo desses escritos e desses esforços uma tentativa, mais ou menos inconsciente, de encontrar um outro desfecho para sua própria história, impondo um robusto motivo psicológico em seus escritos.

A insistência com que retoma o tema da morte, do nascimento e da fertilidade, articulando-os aos milharais que seriam o "berço dos homens", finalmente unindo-os no ato do sacrifício, reforçam essa ideia. Era de sua própria derrocada que ele falava, e era ela que ele ressignificara como sacrifício, transformada em palavras, em cânticos, em poesias, em romances, em historietas.

Na antologia de 1918 há um personagem chamado Cedric, cujos pais tem os mesmos nomes dos pais de Sherwood, Irwin e Emma, e sobre o qual se diz: "Cedric (...), Abra mão de sua vida, doe sua alma a América agora. Cedric, seja forte."⁵¹² No seu *New Testament* de 1920, uma poesia diz: "Eu atirei minhas palavras como pedras, pedras feitas para a construção/Eu espalhei minhas palavras nos becos como sementes."⁵¹³ O último dos cânticos do *Mid-American chants*, sintomaticamente intitulado "Song of the singer" (Canção do cantor), recomenda: "Cante./ Ouse cantar./ Beije a boca da canção com seus lábios./ Pela manhã e à noite/ Confie-se à terrível força da canção indomável."⁵¹⁴

Não são todas estas profissões de fé de Sherwood Anderson?

* * *

⁵¹¹ HOWE, Irving. *Sherwood Anderson - A biographical and critical study*. op. cit. p. 18.

⁵¹² ANDERSON, Sherwood. *Mid-American chants*. op. cit. p. 20.

⁵¹³ ANDERSON, Sherwood. *A New Testament*. New York: Boni and Liveright, 1927. p. 17 e p. 23, respectivamente.

⁵¹⁴ ANDERSON, Sherwood. *Mid-American chants*. op. cit. p. 82.

A literatura de Sherwood Anderson nos oferece um desafio consideravelmente distinto das demais literaturas, dentre outras razões pela intimidade e urgência com que sua experiência crua foi transformada em narrativa ficcional. Essa característica particular de seus escritos pode levar a enganos, já que o limiar da realidade para a ficção pode ser entendido como sendo mais direto do que de fato é. Além disso, a forma intensamente pessoal com que esse escritor pratica a literatura oferece o perigo constante de que situações e visões de ordem particular sejam alçados à condição de aspecto geral ou de noção socialmente compartilhada.

E, contudo, essa precisa característica é um dos mais sintomáticos aspectos da sociedade e da cultura históricas dos Estados Unidos!

Nossa precaução quanto a essa particularidade foi o recurso de levar a cabo uma cuidadosa acareação biográfica, uma vez que o conhecimento pormenorizado dos eventos de sua trajetória particular evita o erro de tomar o sintoma como causa e a nuvem por Juno. A natureza própria da literatura, sua profundidade introspectiva e sua idiosincrasia estética e estilística, exigem um fôlego de análise que torna fundamental um mergulho mais generoso nos fatos biográficos.

Conduzida com quiçá exaustiva meticulosidade essa tarefa, estávamos diante da possibilidade de realizar a incisão analítica desses dois capítulos que ora encerramos. Buscando o exigente equilíbrio que faz coincidir a preocupação historiográfica com o fato literário, foi o problema do trabalho e suas metamorfoses históricas aquele que se apresentou como o terreno propício para a discussão. O desafio foi calibrar noções de trabalho cuja extração era tão distinta como aquelas que jazem nos trabalhos de história econômica, e aquelas que habitam as páginas de Sherwood. Cremos que é precisamente essa calibração, pautada como está numa certa distância e estranhamento, o que torna os escritos desse escritor uma fonte relevante para a análise historiográfica.

Tendo-se assentado numa experiência histórica cuja visão sistêmica a perspectiva histórica nos permite conhecer, o diálogo dessa literatura com a história econômica foi fecundo. Pôde-se problematizar a dimensão social e econômica daquelas visões de Sherwood pondo-as em contato com as realidades estruturais e com as correntes culturais da tradição norte-americana, diagnosticando sua historicidade. E as conclusões envolviam um jogo dialético cujo dínamo é bastante curioso. Se por um lado o conhecimento da história econômica lançava uma insólita luz sobre a noção quase poética de trabalho, explicando com isso o funcionamento daquela literatura; por outro

lado eram os artifícios literários, a complexa fisiologia de seus pressupostos e funções, o que oferecia a possibilidade da descoberta da textura humana daquela realidade econômica.

À primeira função pode-se dizer que nossos esforços exegéticos comungam da hóstia consagrada da crítica literária, acusação da qual não podemos nos isentar. À segunda função, no entanto, evocamos a benção pagã de Clio, pois apesar da apropriação heterodoxa das noções econômicas e de sua costura com tecidos literários, os frutos analíticos desses capítulos são consumadamente historiográficos.

Sherwood foi testemunha e vítima da decadência histórica daquela noção de trabalho que ele sustentou e alimentou ao longo de praticamente toda a sua vida. A concentração econômica e a polarização social trazidas pelo capitalismo monopolista mudaram a função, o sentido e a realidade prática do trabalho, afastando-o dos desígnios individuais, submetendo-o à gerência fordista-taylorista e tornando-o elemento de subordinação. Por conta disso, a resposta tipicamente oitocentista de Sherwood, de dedicar-se com mais afinco ao trabalho, já não resultava mais nos efeitos de outrora: se antes alimentava um senso de realização e de autonomia subjetiva, agora tornara-se protocolar, vazio, fonte de alienação; se antes garantia estabilidade material, agora exauria o trabalhador sem contraparte recompensatória.

O escritor, contudo, não leu os anos 1900 e 1910 desse modo, motivo pelo qual tornou-se quase sempre presa do descompasso entre a economia oitocentista e novecentista, e canhestramente, talvez, um de seus lúcidos intérpretes. Tão mais lúcido quanto mais disposto a oferecer sua "inocência" (sua "ingenuidade", talvez?) em imolação no altar da literatura, talvez na esperança que suas vísceras espirituais pudessem recriar a fecundidade dos horizontes humanos d'antanho, que a experiência americana do século anterior tinha albergado em seu regaço histórico.

Dessa disposição de oferecer-se que nasce seu quixotismo, a impressão de "ingenuidade" que nos causa. Para retomar o exemplo literário que invocamos ao final do capítulo anterior, perguntemo-nos: se o Quixote de Cervantes resolvesse escrever sobre sua própria ingenuidade, tomaríamos-lo por duplamente ingênuo ou como propositalmente ingênuo?

Essa é a confusão ocasionada pela dificuldade histórica de encontrar um "plano de vida" naquele mundo onde os "deuses estavam morrendo". Se notarmos a evolução dos formatos literários e dos escopos estéticos que ele foi adotando ao longo da década de 1910, veremos que ele passou de um romance de formação às avessas (*Windy*

McPherson's son, em 1916) para a tentativa de um romance proletário (*Marching Men*, em 1917), para uma tentativa de pastoral (*Mid-American chants*, em 1918), para, finalmente, aceitar seu grotesco e torná-lo núcleo estético e filosófico (*Winesburg, Ohio*, em 1919). Sherwood esforçava-se para encontrar um "plano de vida", procurava suas próprias afinidades eletivas, seus próprios valores e identidade; e procurou até descobrir que não tê-lo o tornava mais representativo do que se o tivesse. É isto o que adensa a dimensão psicológica de sua literatura, e é isto o que aproxima-o, um tanto timidamente, do modernismo.

Em virtude desse estado de coisas é que a ponte que une a literatura à história, e, nesse caso específico, uma literatura fortemente autobiográfica à história econômica, é feita das consciências e inconsciências de Sherwood, das dimensões materiais e subjetivas que sustentavam tanto sua mentalidade quanto sua literatura. Nos parece que Sherwood Anderson faz-se relevante para uma discussão historiográfica por ter sido sujeito de sua própria história mas também por ter sido objeto dela. As incongruências e curto-circuitos de suas leituras são tão interessantes quanto a sinceridade sensível com que dissecava problemas árdios transformando-os em situações literárias. A engenharia reversa de sua ficção, atenta à sua autonomia artística tanto quanto ao diálogo sócio-histórico que mantém, faz desdobrar-se uma dimensão epistemológica do texto literário que, pelo fato de estar embebida de humanidade, ajuda a desencavar os firmamentos da perversa história do capitalismo monopolista.

CAPÍTULO III

JACK LONDON E O SENTIDO HISTÓRICO DO TRABALHO NO OESTE ESTADUNIDENSE

*"Oh Susanna
Don't you cry for me
I'm going to California
With my washpan on my knee."*

- California Gold Rush Song, **Little house in the prairie**, Laura Ingalls Wilder, 1935

"The meeting, to be sure, was rather a cold and formal one. They were both old Californians, and they dreaded to appear to each other in any wise unmanly."

- Josiah Royce, **The feud of Oakville Creek**, 1887

Diferentemente de Sherwood Anderson, cuja celebridade é sob vários aspectos bastante exígua, Jack London foi e continua sendo um escritor extremamente popular. Dono de um estilo muito mais idiossincrático, de uma brutalidade filosófica e literária insistentemente sublinhada pelos críticos de sua época, e por um vigoroso gosto pela aventura, London angariou para si as luzes da ribalta com um arrebatamento muito mais definitivo que o de Sherwood Anderson. A dimensão melancólica e o gosto pela introspecção contemplativa que o romance de Sherwood cultivava, mesmo em seus ardorosos sonhos de marcha e no seu "elogio da força", não foram capazes de responder tão pronta e amplamente aos anseios dos leitores da virada do século quanto foi London - e nem foi sua vida tantas vezes tornada matéria-prima da vigília da imprensa dessa mesma época.

Dizer isso não significa que a presença de London no panteão literário norte-americano seja ponto pacífico. Tinta e papel suficientes já foram gastos para que mostrar os desencontros entre aclamação popular e estatura clássica. De todas as reivindicações de que foi objeto a literatura de London, indo de uma fervorosa acolhida por sua pregação revolucionária (como em Anatole France e Leon Trotsky),⁵¹⁵ até o ceticismo quanto à sua envergadura clássica (como no tratamento "nota-de-rodapé" do grandioso estudo de Warren, Lewis e Foerster),⁵¹⁶ e passando por sua onipresença em

⁵¹⁵ Vide os prefácio e posfácio de: LONDON, Jack. **O tacão de ferro**. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2011. pp. 9-11 e pp. 261-263, respectivamente.

⁵¹⁶ BROOKS, Cleanth; LEWIS, R.W.B.; WARREN, Robert Penn. **American Literature: the makers and the making. Vol. II (1861 to the present)**. op. cit. 1973.

coletâneas de literatura infanto-juvenil clássicas, ela se prestou a toda a sorte de controvérsias, elogios e apreciações. Tendo alimentado por mais de um século escaramuças contra e a favor de seu nome, de seus feitos e de suas posições (disputa já presente nas colunas jornalísticas de seu tempo), isto continua a lhe votar presença insistente e aparentemente imorredoura na cultura popular.⁵¹⁷

Apropriar-se historiograficamente de um escritor como esse requer um cuidado especial, pois muito mais facilmente que com outros, se corre o constante risco de ficar obsedado por essa imperiosa figura literária, como uma mariposa pela luz elétrica. Tendo tido Jack London uma vida tão aventureira e romanesca quanto sua literatura, e tendo sido o pivô de tantas discussões e controvérsias, aproximar-se de suas imediações históricas e colocá-lo dentro de quadros sociais, econômicos e políticos que eram compartilhados por outros sujeitos históricos exige um esforço extenuante e melindroso. Por um lado, não se quer apagar quão peculiar foi a trajetória de London diante de seus contemporâneos. Por outro, não se quer correr o risco de se tornar prisioneiro de sua lenda pessoal, descolando-o desses mesmos contemporâneos.

Acosado por essas preocupações, o presente texto foi obrigado a tomar certas precauções e adotar certas estratégias metodológicas. A exemplo do que foi feito nos capítulos I e II, resolvemos fazer correr nos capítulos restantes uma espécie de acareação biográfica acerca da trajetória de Jack London (sobretudo em sua experiência histórica como trabalhador) como forma de respeitar ambas as exigências, a histórica e a biográfica, e de entrelaçá-las de modo mais orgânico, fazendo-as não se chocarem ou contradizerem, mas complementarem-se dialeticamente na análise de certos problemas historiográficos.

Evidentemente, uma tal solução metodológica impõe consequências.

Há uma enorme quantidade de biografias de Jack London, e que o retratam com ênfases tão variegadas quanto a atribuição a ele de "uma vida americana",⁵¹⁸ como um ativista cívico da era progressista,⁵¹⁹ como um aventureiro *westerner* de "mil vidas",⁵²⁰ um hábil escritor seguindo o "chamado da hombridade",⁵²¹ um exuberante sujeito político,⁵²² um escritor sensível e engajado,⁵²³ um "marinheiro em lombo de cavalo",⁵²⁴

⁵¹⁷ LE BRIS, Michel. Jack London, o poder indomável. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Março/2017.

⁵¹⁸ LABOR, Earle Gene. **Jack London - An American life**. New York: Farrar, Straus e Giroux, 2014.

⁵¹⁹ TICH, Cecelia. **Jack London - A writer's fight for a better America**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2015.

⁵²⁰ HALEY, James L. **Wolf - The lives of Jack London**. Basic Books: New York, 2010.

⁵²¹ AUERBACH, Jonathan. **Male call - Becoming Jack London**. Durham: Duke University Press, 1996.

⁵²² SINCLAIR, Andrew. **Jack - A biography of Jack London**. New York: HarperCollins, 1977.

um "rebelde americano",⁵²⁵ um autêntico "escritor americano",⁵²⁶ um pai complexo que por sua própria sede de viver encarnou seu tempo,⁵²⁷ um amálgama árquico de proeza física e boemia artística,⁵²⁸ um avô lendário e ambíguo,⁵²⁹ um aventureiro de espírito irrequieto,⁵³⁰ um homem "em busca de amor",⁵³¹ um menino aventureiro,⁵³² um sujeito cercado de fascinantes controvérsias,⁵³³ um companheiro feito da "matéria-prima das estrelas",⁵³⁴ um pobre-diabo talentoso e "misterioso",⁵³⁵ "um genuíno americano",⁵³⁶ um alcoólatra em remissão,⁵³⁷ um escritor em busca de uma voz literária própria⁵³⁸ (esses dois últimos de autoria dele próprio) etc. etc. etc. Logo, é possível conhecer detalhes bastante obscuros da vida particular e pública de Jack London, cuja enormidade pode às vezes se tornar contra-producente. Junte-se a isto o fato de que ele era um contumaz missivista,⁵³⁹ de que grandes fatias de sua vida foram diluídas em memórias e escritos

⁵²³ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. New York: Scholastic Press, 1997.

⁵²⁴ STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. 4ª ed. Tradução de Genolino Amado e Geraldo Cavalcanti. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

⁵²⁵ FONER, Philip S. **Jack London - American rebel**. New York: The Citadel Press, 1964.

⁵²⁶ WALKER, Franklin Dickerson. **Jack London and the Klondike - The genesis of an American writer**. San Marino: Huntington Library, 1966.

⁵²⁷ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. New York: The Book League of America, 1939.

⁵²⁸ NOEL, Joseph. **Footloose in Arcadia - A personal record of Jack London, George Sterling and Ambrose Bierce**. New York: Carrick & Evans, 1940.

⁵²⁹ ABBOTT, Helen Marie. **Inheritors of a legend**. [2005] Disponível em <<http://www.lotter.org/jack-london-fraud/>> Acesso em 25 jan 2018.

⁵³⁰ O'CONNOR, Richard. **Jack London, a biography**. Boston: Little, Brown and Co., 1964.

⁵³¹ BAIN, Ian. **Jack London - A life in search of love**. [2012] Disponível em <<http://digitalrepository.trincoll.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1148&context=theses>> Acesso em 25 jan 2018.

⁵³² ATHERTON, Frank Irving. **Jack London in boyhood adventures**. CreateSpace Independent Publishing Platform, 2014. Trata-se de um livro de memórias que Frank Atherton, colega da meninice de Jack London, escreveu em 1930 e que por pouco não se perdeu. Joan London o utilizou em seu estudo biográfico do pai (de 1939), e em 1965 doou o manuscrito para a biblioteca pública de Oakland para que ele fosse incorporado à coleção de Jack London. A atual edição foi baseada nesse manuscrito.

⁵³³ KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. New York: Crown-Publishers, 1979.

⁵³⁴ LONDON, Charmian. **The book of Jack London**. New York: The Century Company, 1921. (2 vols.)

⁵³⁵ BAMFORD, Georgia Loring. **The mystery of Jack London: some of his friends, also a few letters - A reminiscence**. New York: Norwood Press, 1976. Na sua primeira edição, em 1931, esse livro foi proibido por Charmian London.

⁵³⁶ STEFOFF, Rebecca. **Jack London - An American original**. New York: Oxford University Press, 2002.

⁵³⁷ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. New York: The Century, 1913.

⁵³⁸ LONDON, Jack. **Martin Eden**. New York: Macmillan Company, 1916.

⁵³⁹ LONDON, Jack. **As cartas de Jack London**. Seleção e tradução de Ana Barradas. Lisboa: Antígona, 2001.; LONDON, Jack. **Letters from Jack London - Containing an unpublished correspondence between London and Sinclair Lewis**. Edited by King Hendricks and Irving Shepard. New York: Odyssey Press, 1965. A edição definitiva das cartas de Jack London é a de 1988, com três volumes, organizada por Labor, Leitz e Shepard: LONDON, Jack. **The Letters of Jack London**. Edited by Earle Labor, Robert C. Leitz e Irving Milo Shepard. Stanford: University of Stanford Press, 1988. 3 vols. Infelizmente só consegui ter acesso a terceiro volume desta.

(semi-)autobiográficos aqui e acolá,⁵⁴⁰ e que "Desde a publicação de *The call of the wild* em 1903 até a morte prematura de London em 1916, suas atividades viravam manchetes de jornal",⁵⁴¹ (e isso sem contar sua própria e robusta atuação como jornalista, repórter e colunista na imprensa da época),⁵⁴² e se pode perceber que reconstruir um perfil do escritor é pôr-se a montar um mosaico que poderia facilmente tornar-se uma fractal.

Em virtude desse *state of affairs* somos colocados diante da necessidade de buscar uma análise mais minuciosa de sua vida nos aspectos que interessam à presente pesquisa, isto é, ao trabalho e aos trabalhadores ao longo do processo de construção do capitalismo monopolista nos Estados Unidos. Partimos do pressuposto geral de que eleger um ângulo de observação seja uma legítima e necessária decisão metodológica, e da percepção específica de que esse ângulo particular está longe de ser puramente arbitrário ou aleatório (e muito menos excludente) em relação às circunstâncias próprias em que viveu Jack London.

É necessário notar, ainda, que embora esse procedimento de "acareação biográfica cerrada" seja similar ao que realizamos nos dois primeiros capítulos, o motivo que o anima é ligeiramente distinto daquele. A razão que nos levou a fazê-lo em relação a Sherwood Anderson foi a natureza auto-biográfica de seus escritos; o motivo pelo qual o fazemos quanto a London tem a ver principalmente com a dialética própria de sua inserção no mundo do trabalho, que se deu sob condições distintas da de Sherwood e de tantos outros trabalhadores, mas que marcou profundamente sua visão sobre a lógica imperiosa do capitalismo que se firmava à época - pois lhe deu o que Ginzburg chamou de "distância e perspectiva".⁵⁴³ Concomitante a isto, há também a necessidade de entender a evolução própria do seu pensamento e de sua "leitura de mundo", a qual se revela melhor por meio da compreensão de dois movimentos que ele faz ao longo das décadas de 1890 e de 1900, "da civilização para o ermo" e "do ermo para a civilização", e cujo arco completo, coroado pela escrita de *O tacão de ferro* em 1907, permite montar uma apreciação mais coerente e totalizante de sua obra, bem

⁵⁴⁰ LONDON, Jack. **Tales of the Fish Patrol**. Massachussets: Norwood Press, 1905.; LONDON, Jack. **A Estrada**. Tradução de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo, 2008.; LONDON, Jack; STRUNSKY, Anna. **The Kempton-Wace letters**. New York: Macmillian Company, 1903.

⁵⁴¹ ETULAIN, Richard W. The lives of Jack London. *Western American Literature*, v. 11, n. 2, University of Nebraska Press, Summer/1976, p. 149.

⁵⁴² Os sites *The Archive of American Journalism* (<www.thegrandarchive.wordpress.com>) e *Historic Journalism* (<www.historicjournalism.com>) possuem on-line o conjunto dos escritos jornalísticos de Jack London, que ultrapassa a centena.

⁵⁴³ GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

como de seu significado histórico para a compreensão do trabalho e dos trabalhadores naquelas circunstâncias.

Portanto, no intuito de podermos transformar sua prolífica literatura em fonte histórica, lançamo-nos à tarefa de entender as profundas intersecções entre a trajetória particular de London e as condições históricas concretas nas quais ela se inseriu e pelas quais foi moldada. Isto é, cabe-nos entender como o trabalhador veio a se tornar escritor, e compreender como sua ficção carregou as cicatrizes do mundo do trabalho que experimentou, tornando-se dele um curioso e fascinante documento.

III.1 O mergulho biográfico (I): a recusa da civilização e a busca do novo ermo

Pelo corte de observação e pelo ângulo de investigação que aqui adotamos, cuja natureza é historiográfica e cuja problemática atine ao mundo do trabalho, esse estudo biográfico tem de (quase) necessariamente estabelecer de início que a infância de Jack London e de sua família constituiu-se numa experiência partilhada por muitos trabalhadores nos Estados Unidos desse mesmo período. A condição socioeconômica na qual nasceu o futuro escritor era de instabilidade material e de incertezas orçamentárias, empregatícias e domésticas - como escreveu London num dos capítulos d'*A Estrada*, em 1907, "A sobrevivência foi sempre um problema premente em nosso lar, e a quantidade de carne na mesa, o novo par de sapatos, um dia de passeio ou o livro escolar dependiam da sorte que meu pai tivesse (...)",⁵⁴⁴ ou num ensaio de 1906, quando afirma: "Eu nasci na classe trabalhadora. (...) Meu ambiente era cru, áspero e bruto. (...) Na sociedade meu lugar era embaixo."⁵⁴⁵

Essas incertezas se davam em virtude de uma situação particular de sua família, às voltas com uma deserção paterna e uma saúde materna em debilidade, tanto quanto eram fruto da conjuntura de transformação econômicas que se espalhava pelos Estados Unidos e que tinha no Oeste, especificamente na Califórnia, um capítulo bastante particular. Num delicado equilíbrio entre essas duas dimensões de sua formação, a familiar-particular e sócio-histórica, podemos entender a gênese de Jack London como sujeito histórico e como trabalhador. De certo modo, parte-se do pressuposto subjacente

⁵⁴⁴ LONDON, Jack. *A Estrada*. op. cit. p. 173.

⁵⁴⁵ LONDON, Jack. *What life means to me* [1906]. In: _____. *Revolution and other essays*. New York: Macmillan Company, 1910. p. 292.

naquela célebre máxima de Sartre sobre Paul Valéry,⁵⁴⁶ como que assumindo, grosso modo, que Jack London é um trabalhador, mas nem todo trabalhador é Jack London.

A formação familiar dos London não pode ser simplesmente tomada como exemplar da classe trabalhadora californiana ou estadunidense, como se síntese sociológica destas. A história por meio da qual se explica como Jack London ganhou esse sobrenome serve como exemplo disto. Como notou Daniel Dyer, um dos inúmeros biógrafos do escritor, "Seu nome não é originalmente Jack, nem seu sobrenome originalmente London."⁵⁴⁷ O bebê nascido no número 615 da Third Street, em San Francisco, Califórnia, a 12 de janeiro de 1876 se chamava John Griffith Chaney, e seus pais "(...) o chamavam de Johnny."⁵⁴⁸

Pensado sobre esse prisma, a gravidez de Flora Wellman, mãe de London, constitui um evento determinante no posterior destino da família, pois implicou numa trajetória particularmente dramática, mesmo em se tratando da empobrecida classe trabalhadora estadunidense daquele período. Foi a gravidez que precipitou uma crise conjugal entre ela e seu esposo, William Henry Chaney, culminando, algum tempo depois do nascimento de London, na partida dele. A precariedade da condição material dos (então) Chaney, aliada ao abalo emocional trazido por aquela inesperada gravidez, concorreram para fornecer Jack London de suas primeiras experiências como membro da classe trabalhadora.

Curiosamente, a mãe de Jack London chegara à Califórnia em 1876, em San Francisco, vinda de uma cidade somente a algumas centenas de quilômetros daquelas em que Sherwood Anderson fora criado alguns anos mais tarde: Massillon, no estado de Ohio. As circunstâncias de sua saída da morada paterna ajudam a explicar, em alguma medida, como sua situação particular acabou vindo a se constituir numa experiência compartilhada em amplo espectro social, pois da região Leste à região Oeste, no encalço de um movimento migratório robusto que se seguiu às primeiras fases da "Corrida do Ouro" nos anos 1840 e ao famoso Homestead Act de 1862, Flora Wellman deixou uma vida segura e (até onde se sabe) abastada no Ohio para uma existência empobrecida e incerta na Califórnia.

Por mais que Joan London, filha mais velha de Jack, insista em dizer na sua biografia do pai (uma das mais completas e confiáveis) que "Pouco se sabe de Flora

⁵⁴⁶ SARTRE, Jean-Paul. **Questão de método**. 2ª ed. Tradução de Bento Prado Jr. São Paulo: Difel, 1967.

⁵⁴⁷ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 1.

⁵⁴⁸ Idem, *ibidem*.

Wellman antes de sua chegada a San Francisco",⁵⁴⁹ há consenso da parte dos biógrafos de que sua família era materialmente estável. Alex Kershaw, outro de seus biógrafos, afirma sobre Flora Wellman que "Ela não nascera na pobreza. (...) Crescera como filha caçula em uma família abastada (...) e fora mimada pelo pai, Marshall Wellman, comerciante de trigo."⁵⁵⁰ Joan London, sobre o bisavô materno, diz que era um "construtor de canais e pioneiro do Ohio, e um dos cidadãos mais ricos da cidade".⁵⁵¹ E Irving Stone sobre ele escreve: "(...) abriu canais e tirou patentes de invenção (...). Não tardou a enriquecer e a construir uma das casas mais bonitas de Massillon."⁵⁵²

Fosse o avô de Jack London um próspero e agressivo negociante como o Curtis Jadwin do romance de Frank Norris,⁵⁵³ fosse ele mais como a aristocrática *leisure class* do estudo de Veblen, sabe-se que Flora Wellman teve aulas de piano e tutores de oratória na casa paterna, "(...) frequentou cursos adiantados, preparou-se em gramática e em literatura e adquiriu maneiras distintas"⁵⁵⁴, além de gozar de brinquedos especialmente vindos de Nova York.

Ela ficou desolada quando uma febre tifóide "(...) lhe arruinou a aparência, prejudicou sua visão e (...) tolheu seu crescimento"⁵⁵⁵ para além do que os vestidos e os acessórios podiam vir a compensar. As filhas de Jack, bem como seu pai (que alimentava por ela uma relação muito dúbia e às vezes abertamente rancorosa),⁵⁵⁶ insistiam que ela havia sido uma criança mimada - fato que a morte prematura de sua mãe, adicionada às crises de depressão que se seguiram à febre tifóide, parecem corroborar, já que parece ter havido um esforço sistemático de compensação a ela por parte de seus familiares.⁵⁵⁷

Há um forte consenso entre os biógrafos (com exceção, seletiva, de Joseph Noel) de que esse quadro de febre tifóide, na medida em que tornou Flora uma pessoa enfermiça cujas compleição e aparência foram sensivelmente alteradas, concorreu dali em diante para alterar seriamente sua personalidade. O rancor, a insatisfação, a teimosia,

⁵⁴⁹ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 2.

⁵⁵⁰ KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. Tradução de Maria Lúcia Leão. São Paulo: Benvirá, 2013. p. 27.

⁵⁵¹ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. pp. 2-3.

⁵⁵² STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. op. cit. p. 4.

⁵⁵³ NORRIS, Frank. **The pit - A story of Chicago**. New York: Doubleday, Page & Co., 1905.

⁵⁵⁴ STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. op. cit. p. 4.

⁵⁵⁵ KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. op. cit. p. 27.

⁵⁵⁶ Vide os escritos em que Jack London fala sobre os trabalhos em que foi empregado na infância e como sua mãe cobrava dele parte substancial de seus ganhos ("The apostate", "How I became a Socialist" e os capítulos de *John Barleycorn* [1913] que lidam com sua infância).

⁵⁵⁷ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 3.

e um vago ressentimento que não raro recaiu sobre Jack London e seu padrasto fizeram com que fosse seja vista como uma espécie de megera shakespeariana ou ao menos uma pessoa muito amarga e desgostosa. Essas características particulares de Flora foram muitas vezes agravadas pela condição socioeconômica de sua família, frequentemente ameaçada pela privação, contribuindo para que uma figura tão pouco lisonjeira se pintasse dela.

Saindo da soleira da porta dos Wellman em Massillon, e indo para o Oeste quando tinha por volta de 25 anos, Flora deu um passo importante no sentido de se tornar mãe de Jack London, e outro no sentido de se integrar a um grande movimento na evolução histórica da sociedade estadunidense, um que se mostraria crucial em pouquíssimo tempo. A partida se deu por volta de 1868, quando os espólios da Guerra Civil estavam começando a ser colhidos de forma mais sistemática pelo "Norte manufatureiro" e quando o Oeste foi definitivamente incorporado ao território estadunidense. Flora Wellman poderia ter se tornado uma personagem de Edith Wharton, "(...) vivendo numa atmosfera de leves implicações e tênues delicadezas", evitando "cetim preto no baile de debutante" e "(...) bordando tapeçarias de seda";⁵⁵⁸ mas acabou por se tornar algo como uma *pioneer* com "olhar de ferocidade amazona"⁵⁵⁹ de Willa Cather, senão uma das mulheres trágicas dos contos de Bret Harte.⁵⁶⁰

A resolução de ir para o Oeste, primeiro para Seattle e depois para San Francisco, acabou por fazer com que Flora Wellman se encontrasse com aquele que veio a ser o pai de Jack London, William Henry Chaney. Os dois se conheceram sob os auspícios do Sr. Yester, prefeito de Seattle, amigo dos Wellman cuja casa era frequentada, também, pelo "Professor" Chaney.

Dyer escreve que Chaney nascera no Maine, mas passara por dois anos num barco pesqueiro, e algum tempo em New Orleans e na Virginia antes de assentar-se, temporariamente, no Oeste.⁵⁶¹ Ao longo dessa trajetória, tornara-se um astrólogo e interessara-se pelo ocultismo, bem como outras ciências, como a Química, a Matemática e a Astronomia. Chaney construiu uma reputação de "homem excepcional", afirma Stone: "Os astrólogos tinham-no por mestre", e seus discípulos atestavam "(...)"

⁵⁵⁸ WHARTON, Edith. **A época da inocência**. Tradução de Sieni Maria Campos. São Paulo: Círculo do Livro, 1993. p. 26, p. 45 e p. 47, respectivamente.

⁵⁵⁹ CATHER, Willa. **O pioneers!** Cambridge: Riverside Press, 1913. position 66.

⁵⁶⁰ Como nos contos "Melissa" e "Uma ingênua das sierras": HARTE, Bret. **Os melhores contos de Bret Harte**. Tradução de Marques Rebelo e José Paulo Paes. São Paulo: Círculo do Livro; Cultrix, s.d. pp. 175-203 e pp. 113-132, respectivamente.

⁵⁶¹ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. pp. 2-3.

que suas aulas e conferências prendiam fortemente a atenção, pois era um homem que tinha sempre alguma coisa para dizer, e sabia dizê-lo de modo agradável."⁵⁶² Nesse sentido, por singular figura que fosse Chaney, ele fazia parte de um fenômeno social e cultural de razoáveis proporções, encarnado também por muitos dos sujeitos que, a exemplo dele e de Flora, marchavam para o Oeste:

O fermento intelectual daqueles tempos, operando numa região nova, em rápida expansão e em grande medida culturalmente isolada do resto do mundo, expressou-se de modos muito curiosos. Qualquer causa cujo apelo fosse humanitário, pseudo-científico ou religioso, ou que promettesse a libertação de velhas crenças e restrições, rapidamente encontrava seguidores entusiásticos.⁵⁶³

As décadas de 1840 e 1850 viram florescer uma cultura distinta nos Estados Unidos, que pouco a pouco saía das demarcações puritanas, e que se encarnava nos cultos revivalistas, no espiritualismo, na astrologia, na astrofisiologia, no apostolado do Segundo Advento e em várias localidades, mais ou menos isoladas, em que experimentos sociais vinculados a utopias socialistas e anarquistas foram conduzidos. Como esse crescimento muitas vezes se entrelaçou com o processo de expansão para o Oeste, não só em termos cronológicos mas também em quadros sociais e culturais, é bastante razoável entender a decisão de Flora Wellman e de William Henry Chaney como parte desse mesmo processo. Quando se estabeleceu em San Francisco, a futura de mãe de Jack London alternava as aulas de piano que ministrava com *séances* que conduzia em sua própria casa; e seu pai, quando não escrevia artigos entusiásticos sobre Astrologia para a revista *Common Sense* ou dava palestras sobre isto na Philomatean Society, atuava no "consultório astrológico" que era a casa dos dois, pois, diz Kershaw, "Patroas espertas não ousavam nem contratar uma criada sem primeiro consultar espiritualistas (...), que, por dinheiro, atuavam como psicoterapeutas primitivos".⁵⁶⁴

Os esforços reformistas e/ou libertários que animavam muitos dos movimentos e das doutrinas que se espalhavam nessa época também recebiam influxos de uma decantada e imprópria cientificidade. William Chaney buscou complementar sua formação mais, digamos, esotérica com uma outra porção mais científica e/ou pseudo-científica. Joan London escreve que os "rumores de desenvolvimento científico" que começaram a se espalhar na época, no encalço mesmo das *main-travelled roads* para o Oeste, "(...) foram prontamente explorados por hordas de auto-intitulados esclarecidos,

⁵⁶² STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. op. cit. p. 6.

⁵⁶³ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 1.

⁵⁶⁴ KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. op. cit. p. 27.

que vendiam para as pessoas comuns esse novo conhecimento: diluído, pervertido e altamente edulcorado." Esses sujeitos, diz ainda Joan London, "(...) correram o país dando palestras, publicando revistas e panfletos, e, enfim, ganhando a vida com a sedenta credulidade do público norte-americano."⁵⁶⁵

Flora Wellman e William Chaney seguiram os passos que muitos deram e que muitos ainda haviam de dar naquelas décadas remanescentes do século XIX: deixaram as porções mais orientais do território estadunidense, seja motivados pela promessa de um pedaço de terra, pela fortuna instantânea do ouro ou por uma liberdade não-puritana, e buscaram se instalar ao longo de todo o trajeto para o Oeste, mas sobretudo na Costa Ocidental. Tivessem vindo a pé, de barco, em carroças, lombos de cavalo ou de mula, ou ainda à bordo dos vagões de um trem (a ferrovia transcontinental fora inaugurada em maio de 1869), parte importante desse contingente e o casal Chaney pareciam compartilhar algo da "aparelhagem mental" que o crítico literário R.W.B. Lewis afirmou marcar o imaginário estadunidense no século XIX: uma expectativa de recomeço, de re-fundação, cujo modelo mais remoto parecia ser o mito adâmico.⁵⁶⁶ O Oeste materializava esses auspícios, para satisfazê-los ou frustrá-los, e foi sob eles também que Jack London cresceu e se nutriu existencialmente.

Os Chaney chegaram a San Francisco em 1873, quando as notícias de descoberta de ouro ainda pululavam aqui ou acolá, conquanto um tanto embaciadas se postas diante do quadriênio 1849-1852. Tamanha era sua representatividade e seu poder de magnetismo no imenso Far West, que San Francisco era simplesmente conhecida como "The City". Kershaw diz que ela era

(...) uma cidade em pleno desenvolvimento, onde ricos mineradores de ouro e magnatas da estrada de ferro estavam começando a erigir uma cidade imperial que iria, em poucos anos, ostentar algumas das mais luxuosas mansões e da mais bela arquitetura civil de todo o território dos Estados Unidos.⁵⁶⁷

Joan London, contra-balançando o retrato de Kershaw e assim expressando algumas das contradições daquele último quarto de século nos Estados Unidos, descreve San Francisco do seguinte modo:

Ontem, um descampado estéril com colinas que se erguiam de uma baía vazia até as dunas que caíam vagarosamente para o Pacífico; hoje, a população de um quarto de milhão transborda suas habitações, atravanca suas ruas e

⁵⁶⁵ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. pp. 1-2.

⁵⁶⁶ LEWIS, R.W.B. **The American Adam - Innocence, Tragedy and Tradition in the Nineteenth Century**. op. cit.

⁵⁶⁷ KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. op. cit. p. 27.

demonstra a inadequação de seus prédios públicos e suas instalações comerciais.⁵⁶⁸

A disparidade de imagens ajuda a entender o ambiente em que cresceu Jack London, empolgante e castrador, grandioso e claustrofóbico, e é também um indício central que informa o que foi o final o século XIX em que ele viveu e do qual se tornou um curioso cronista, como atesta sua literatura.

O "quarto de milhão" que Joan London menciona tinha a mais heterogênea composição. Além de populações nativas que resistiam na permanência ali, como os indígenas e os mexicanos, havia o contingente de *midwesterners*, *easterners*, e de escravos alforriados, e ainda levas massivas de imigrantes da Europa e da Ásia. Nos anos 1860 a administração Lincoln esmerou-se em promover uma ampla política imigratória, tendo assinado em julho de 1864 o Act to Encourage Immigration e o Tratado de Burlingame com a China em 1868, além de "(...) ter o Congresso recebido variados projetos para o estabelecimento de agências de emigração em países europeus."⁵⁶⁹ Os escritos de London estão repletos de personagens de outras nacionalidades, e ele chegou a dizer nas suas "memórias alcoólicas", sobre o rancho de San Mateo County: "(...) frequentemente eu ouvia minha mãe pavonear-se de que éramos da velha cepa americana e não imigrantes italianos e irlandeses como nossos vizinhos. Em toda a nossa seção havia somente mais uma família de origem americana."⁵⁷⁰

Ao mesmo tempo em que San Francisco oferecia um empolgante ambiente no qual um casal como Flora e William poderiam esperar alcançar satisfação a seus projetos e anseios "progressistas", por outro lançava sobre eles a ameaça constante da precariedade material e das dificuldades de se sustentar num mundo do trabalho de relações ao mesmo tempo voláteis e crescentemente demarcadas pela concentração. A roda-viva que era a cidade de San Francisco podia levá-los em suas asas, mas também podia atropelá-los, como havia de fazer em breve com Jack.

Deve ter sido um contraste brutal como este o que atingiu em cheio o casal em meados de 1875, com a notícia da gravidez de Flora.

Daniel Dyer afirma que sua união dos dois fora sacramentada (sem registros oficiais, contudo) em 12 de junho de 1874, enquanto outros biógrafos (Stone, Kershaw

⁵⁶⁸ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 4.

⁵⁶⁹ HIROTA, Hidetaka. **Expelling the poor - Atlantic Seaboard States and the Nineteenth-Century origins of American Immigration policy**. op. cit. p. 131.

⁵⁷⁰ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 22.

e London, p.ex.) e o próprio William Chaney digam que eles jamais se casaram.⁵⁷¹ É seguro dizer, a despeito dessa divergência entre as biografias, que entre 1874-1875 os dois conviveram, e que nesse tempo parecem ter sintonizado seus interesses no oculto como forma de "(...) manter relações comerciais tanto quanto pessoais".⁵⁷² O "consultório astrológico" da casa em que moravam era um projeto conjunto, e quando Chaney fazia preleções sobre Astrologia no Charter Oak Hall nos domingos, "(...) era Flora quem vendia os bilhetes na porta."⁵⁷³ O abalo que levou à separação parece ter nascido de fato com a notícia da gravidez.

Haviam problemas particulares anteriores à gravidez, que foram catalisados por ela. Stone afirma que a "grande fraqueza de Chaney eram as mulheres", e os biógrafos todos relatam que ele já era casado quando se juntou a Flora (e que não a avisou do fato). Flora, também concordam os biógrafos, era teimosa, mimada e intempestiva, bem como (os relatos são de Chaney) fora encontrada vivendo secretamente como mulher de um tal Lee Smith, e isso além de ter tido "namoros com dois outros homens na primavera de 1875".⁵⁷⁴ A concepção do futuro Jack London trouxe isto à tona e os fez vislumbrar as dificuldades de sustento que os aguardava dali em diante, já que até aquele ponto nenhum deles podia se dizer estável ou remediado em termos materiais. Kershaw é mais incisivo quando escreve que "A gravidez destruíra suas esperanças [*de Flora*] de ficar rica"⁵⁷⁵ - ou ao menos de equiparar a estabilidade que deixara em Ohio. Em vista desse turbilhão Flora costumava dizer que aquele filho era seu "emblema da vergonha" (*badge of shame*).⁵⁷⁶

Razões e causas à parte, o que se impõe para compreender a gênese de Jack London como trabalhador passa pelo fato crucial da partida de William Chaney em 1876, algum tempo após seu nascimento. Foi a ameaça desse "abandono"⁵⁷⁷ que levou a

⁵⁷¹ William Henry Chaney o afirma nas cartas que trocou com Jack London na época em que, velho, morava em Chicago (Kershaw, pp. 74-78; Stone, pp. 10-11). London descobriu detalhes do seu nascimento no inverno de 1897, quando investigava a questão nos arquivos do *San Francisco Chronicle*. Nessas cartas, que devem ter sido dolorosas para London, Chaney nega o casamento, confessa o ódio que chegara a nutrir por Flora Wellman, e também nega (mais de uma vez) a paternidade do escritor - para esse último argumento, aliás, Chaney cita supostos "adultérios" e aventuras amorosas que Flora tivera no ano de 1875.

⁵⁷² DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 3.

⁵⁷³ STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. op. cit. p. 8.

⁵⁷⁴ Idem, *ibidem*, p. 10.

⁵⁷⁵ KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. op. cit. p. 28.

⁵⁷⁶ O'CONNOR, Richard. **Jack London, a biography**. op. cit. p. 31.; KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. op. cit. p. 23.

⁵⁷⁷ O termo foi usado na notícia e na manchete que saiu no *The San Francisco Chronicle* em 4 de junho de 1875: "Uma esposa abandonada" ("A discarded wife", no original). Nas cartas que trocou com London em 1897, Chaney chama essa notícia de "calúnia" e diz que ela lhe arrasou a reputação. (Kershaw, pp. 74-

mãe de London, ainda grávida dele, a tentar suicídio, e foi esse mesmo fato que a levou a buscar amparo naquele que se tornaria a figura paterna para o futuro escritor, John London.

Nos primeiros meses depois da partida de Chaney e até o nascimento de Jack London, Flora viveu de favor na casa de William H. Slocumb, redator do *The San Francisco Chronicle* e diretor da revista *Common Sense*, que era um amigo da família. Tão logo pôde minimamente reabilitar-se, voltou a conduzir as *séances* em sua casa, para arranjar dinheiro. Joan London escreve que a debilidade do parto foi combatida por Flora quando esta tornou-se "(...) agudamente consciente (...) da necessidade de sustentar a si e ao filho tão rapidamente quanto possível".⁵⁷⁸ Stone chega a dizer que nessa época "Muitas vezes se fizeram coletas em seu favor."⁵⁷⁹

Por conta da insuficiência do aleitamento de Flora Wellman na nutrição do pequeno Jack London, a esposa de Slocumb, Amanda, procurou um médico, e este a indicou uma ex-escrava das redondezas que recém perdera seu filho, Virginia Prentiss, para tornar-se sua ama-de-leite. Foi sob os cuidados dela que Jack passou os primeiros oito meses de sua existência, enquanto sua mãe trabalhava para tentar manter um orçamento doméstico mínimo.

Além das aulas de piano e das sessões espiritualistas que conduzia no "consultório astrológico", Flora buscou fazer uso de outra das habilidades que sua criação abastada lhe proporcionara para tentar se manter: a costura. Escreve Joan London que, "(...) para expressar sua gratidão a Jennie [*esse era o antigo nome de Virginia Prentiss*] ela se incumbiu de costurar camisas para seu marido, o Sr. Prentiss."⁵⁸⁰ E foi através desses serviços de costura que Flora Wellman acabou por conhecer John London, o qual ficara admirado com as peças que ela confeccionara.

Ambos Flora e John London compartilhavam as amarguras de uma condição socioeconômica precária. Ela era uma mulher separada, mãe solteira, que tinha que desdobrar-se em trabalhos variados para tentar compor um orçamento que lhe permitisse continuar vivendo e sustentando o filho. Ele era um viúvo, veterano da Guerra Civil que perdera um pulmão no conflito, com duas filhas para sustentar, e que

78; Stone, pp. 10-11; O'Connor, p. 9, pp. 19-20) Na notícia em questão chega-se a dizer que "A união [*de Flora e William*] parece ter sido o resultado de uma obsessão parecida, e ao mesmo tempo muito diferente, daquela que juntou Desdêmona e o negro Mourou."

⁵⁷⁸ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 13.

⁵⁷⁹ STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. op. cit. p. 13.

⁵⁸⁰ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 13.

viera para San Francisco na mesma esteira de esperança e recomeço de muitos outros homens e mulheres, com a desvantagem que sua condição de saúde lhe impunha.

Ela dispunha de um conjunto de habilidades manuais e intelectuais que haviam lhe permitido sustentar-se até ali, com a ajuda de amigos, da caridade e da ama-de-leite que cuidava de Jack. Ele havia trabalhado em toda sorte de ocupações, de lavrador a carpinteiro, de ferroviário a construtor, e buscava meios de conseguir estabilizar-se para poder criar as filhas (que nesse momento ficavam no Protestant Orphan Asylum para que ele pudesse procurar trabalho). Sua incerta condição, partilhada por tantos trabalhadores naquela superlotada San Francisco dos anos 1870, acabou por levá-los a juntarem-se, provavelmente na esperança de que unidos teriam mais chances de manterem-se acima do nível da água do que apartados. Oficializaram a união a 7 de setembro de 1876, e foram todos morar num "apartamento acanhado na Folsom Street, em um bairro relativamente seguro e próspero de San Francisco".⁵⁸¹ Os London então eram cinco: o casal Flora e John, e seus três filhos, Jack, Eliza e Ida.

Infelizmente, "Os modestos planos dos London para o futuro dificilmente poderiam ter sido feitos num momento menos auspicioso." Mais uma vez o complicado arranjo familiar de London era sacudido pelo efeito da atuação de forças históricas: "As ferrovias haviam acabado com o esplêndido isolamento do Oeste, ligando-o, para o bem e para o mal, com o restante do país. (...) O pêndulo das recessões e recuperações agora oscilava de costa à costa."⁵⁸² O desemprego permanecera uma constante naquela metrópole de crescimento acelerado e desordenado. Além disso, a política imigratória dos Estados Unidos mudara bastante desde a Guerra Civil, algo que tornou centros urbanos e econômicos como a Califórnia (em geral) e San Francisco (em específico), locais particularmente propensos a suas oscilações. Junte-se a isto, ainda, o fato de que a crise de 1873 não havia deixado o horizonte econômico - segundo Marianne Debouzy a recuperação efetiva se deu somente por volta de 1879.⁵⁸³

John London foi uma dentre tantas vítimas desse cada vez mais recorrente e massivo problema do capitalismo oligopólico e monopólico, o desemprego. Ou isto, ou inúmeras semi-ocupações, "bicos" e biscates (odd jobs). Embora tenha conseguido trabalhos temporários como emoldurador na Victor Sewing Company, embalador num armazém, "agente-vendedor de máquinas de costura", e eventuais "bicos" como

⁵⁸¹ KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. op. cit. p. 28.

⁵⁸² LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. 15.

⁵⁸³ DEBOUZY, Marianne. **O capitalismo selvagem nos Estados Unidos**. op. cit. p. 16.

carpinteiro,⁵⁸⁴ John London não conseguiu se fixar a ponto de poder ser arrimo de família - nem mesmo com as aulas de piano que sua esposa continuava a oferecer. Onde sua resolução, parte escolha parte falta dela, de tentar morar em quatro diferentes localidades de San Francisco, lançando-se a diferentes ocupações em cada uma delas.⁵⁸⁵ E donde, também, a decisão de mudar-se para Oakland em 1879, que era, segundo Kershaw "(...) uma cidadezinha (...) construída sobre verdadeiros valores pioneiros de trabalho árduo e honestidade", a qual "Havia surgido como uma cidade-dormitório e logo se tornou um centro (...) devido à reputação de proeminente terminal ferroviário da Califórnia."⁵⁸⁶

Entre 1877 e 1881, como sintetiza Joseph Noel (amigo e posterior biógrafo de Jack) os London "(...) estiveram entrando e saindo de cinco diferentes vizinhanças (...) na baía"⁵⁸⁷ de San Francisco e Oakland. Em *A pictorial life of Jack London*, Russ Kingman apresenta fotografias de várias das casas em que os London moraram nesse período, e mesmo uma rápida olhada permite ver seu tamanho diminuindo e suas condições deteriorando.⁵⁸⁸ Na esperança de estabelecer-se em definitivo nas cercanias meridionais da cidade, aliás, que John comprou um rancho de 20 acres de terra em Alameda, onde, "(...) por dois anos, os London viveram, cultivando frutas e vegetais".⁵⁸⁹ Joan London defende a hipótese de que a "ambição" do avô adotivo era "(...) deixar permanentemente a cidade e retornar ao campo".⁵⁹⁰ Irving Stone, mais colorido e menos rigoroso, afirma que em Alameda, "(...) John London voltou à sua única e verdadeira paixão na vida: a lavoura."⁵⁹¹

Provavelmente por sua formação ter se dado num período e numa região em que as pequenas propriedades rurais eram um baluarte de estabilidade econômica, John London apostou naquela "horta comercial"⁵⁹² suas fichas. E foi o caso de muitos outros pequenos e médios agricultores que aproveitaram a alta dos preços agrícolas durante a Guerra Civil e as condições do Homestead Act para avançar sobre o Meio-Oeste e o

⁵⁸⁴ KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. op. cit. pp. 28-29; STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. op. cit. p. 16; LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 16.

⁵⁸⁵ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 6.

⁵⁸⁶ KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. op. cit. p. 29.

⁵⁸⁷ NOEL, Joseph. **Footloose in Arcadia - A personal record of Jack London, George Sterling and Ambrose Bierce**. op. cit. p. 18.

⁵⁸⁸ KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. op. cit. pp. 30-33.

⁵⁸⁹ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 7.

⁵⁹⁰ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 14.

⁵⁹¹ STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. op. cit. p. 18.

⁵⁹² KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. op. cit. p. 30.

Oeste.⁵⁹³ Muitos deles acabaram amargando duas recessões que derrubaram os preços agrícolas, em 1873 e em 1893, vindo a cair nas garras da sub-hipoteca e dos empréstimos bancários - história inglória esta que conhecemos desde os contos de Hamlin Garland de 1891⁵⁹⁴ até os escritos de John Steinbeck na década de 1930.⁵⁹⁵

Em relação à propriedade em Alameda, a trajetória dos London não foi assim tão trágica. A insistência de Flora para que vendessem a propriedade e ampliassem sua capacidade de produção e ganhos os levou para San Mateo County, ao sul de San Francisco, em 1883. Tratava-se de um rancho bem maior, o Tobin Ranch, de 75 acres de terra, mas somente arrendado por John London, no qual ele pretendia "(...) cultivar batatas e criar cavalos".⁵⁹⁶

Nesse ponto da infância de Jack, quando ele contava sete anos, as biografias divergem quanto à situação material dos London. Daniel Dyer e Irving Stone afirmam que até 1885 o rancho prosperou a ponto de John não só conseguir pagar o arrendamento quanto guardar dinheiro o suficiente para comprar um outro rancho (menor) nas cercanias, em Livermore. Por outro lado, Alex Kershaw e Joan London apontam que "Por um tempo, a despeito de alguns infortúnios e reveses, o sucesso pareceu ter estado ao seu alcance."⁵⁹⁷ Entre 1883-1886, os London iniciaram uma plantação de oliveiras, lutaram contra pagamentos e juros hipotecários, obtiveram alguma estabilidade financeira, perderam todos os frangos e poedeiras de sua granja por conta de uma epidemia, e, segundo Jack London, passaram o período mais faminto de sua vida - a ponto de ele ter roubado um pedaço de carne da merenda de uma colega, afirmam Stone e Charmian London.⁵⁹⁸

Quer tenham sido mais prósperos, mais remediados ou mais pobres, quer tenham conseguido tirar proveito do interstício de estabilidade econômica entre as décadas recessivas de 1870 e 1890 ou não, o fato que se impõe à consideração é que os London não permaneceram no campo, nem como pequenos proprietários nem como

⁵⁹³ Cf. DEBOUZY, Marianne. **O capitalismo selvagem nos Estados Unidos**. op. cit. pp. 21-22; FONER, Philip S. **A short history of Reconstruction**. op. cit. pos. 403-747. (Capítulo II - Rehearsals for Reconstruction)

⁵⁹⁴ GARLAND, Hamlin. **Main-travelled roads**. New York: Harper & Brothers, 1899. Vide, sobretudo, a estória "Under the lion's paw" (pp. 130-144)

⁵⁹⁵ Vide os artigos que Steinbeck para o jornal San Francisco News em 1935 sobre o que ele chamou de "ciganos da colheita": STEINBECK, John. **The harvest gypsies: On the road to *The grapes of wrath***. Berkeley: Heyday Books, 1988.

⁵⁹⁶ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 7.

⁵⁹⁷ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 23.

⁵⁹⁸ STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. op. cit. p. 20.; LONDON, Charmian. **The book of Jack London - Volume I**. op. cit. p. 36.

arrendatários. E mais: ao voltarem à cidade tiveram de se resignar a morar em West Oakland, "(...) numa comunidade paupérrima de imigrantes italianos e chineses brutalmente explorados."⁵⁹⁹ Ou seja, de sua partida de Oakland em 1881, até sua volta a Oakland em 1886, os London passaram por um processo de empobrecimento, ainda que este não tenha descrito uma linha descendente perfeitamente reta e constante ao longo daqueles cinco anos.

Desde os anos 1870, West Oakland era conhecido como um bairro operário e povoado de imigrantes - diz Joan London que "(...) quando o *boom* industrial começou, ele tornou-se o bairro operário da cidade".⁶⁰⁰ Chris Rhomberg escreve que o mundo do trabalho estava demarcado por fronteiras étnicas, e que alemães, portugueses, mexicanos, italianos, chineses e irlandeses (além de menores porções de imigrantes do leste europeu) dividiam-se nas diversas atividades exercidas na região da baía de San Francisco, que iam da pesca à navegação, do crescente trabalho fabril, como no processamento do algodão e de enlatados, até aos inúmeros trabalhos vinculados às ferrovias, cujos terminais eram próximos. Ao mesmo tempo, "As mulheres e as crianças costumavam exercer atividades não-especializadas nas lavanderias, nas indústrias de conservas e de tecelagem, recebendo por volta de 40 cents ao dia; outras (...) ganhavam algum dinheiro acolhendo pensionistas ou costurando em casa."⁶⁰¹

Foi provavelmente uma combinação dessa miríade de pequenas ofertas de ocupações com os aluguéis baixos que levou os London para West Oakland. Nos anos que se seguiram a 1886, John foi alternando trabalhos de vigia e de funcionário ferroviário com períodos de desemprego, e o bangalô que a família conseguiu alugar foi rapidamente convertido numa pensão para operárias escocesas, que trabalhavam na Fábrica de Tecidos Califórnia (California Cotton Mills), nas proximidades.⁶⁰² Jack London, que então contava dez anos, fora introduzido no mundo do trabalho, pois "(...) seus pequenos ganhos como jornaleiro e realizando pequenas tarefas se tornaram parte indispensável do orçamento familiar" como afirmou Joan,⁶⁰³ e como afirmou também o próprio escritor: "Quando eu tinha dez anos, minha família abandonou a vida no campo

⁵⁹⁹ KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. op. cit. p. 32.

⁶⁰⁰ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 27.

⁶⁰¹ RHOMBERG, Chris. **No there there: race, class and political community in Oakland**. Berkley: University of California Press, 2004. p. 29.

⁶⁰² LONDON, Charmian. **The book of Jack London - Volume I**. op. cit. p. 53.

⁶⁰³ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 27.

e foi viver na cidade. E ali (...) eu comecei como jornalista. A razão disto é que nós precisávamos do dinheiro. Outra razão é que eu precisava do exercício."⁶⁰⁴

O esquema que os London haviam encontrado albergando operárias escocesas, no entanto, fracassou quando eles tentaram deixar o aluguel e comprar a casa/pensão, perdendo-a frente à inadimplência da hipoteca.⁶⁰⁵ Na biografia apócrifa de Jack London, escrita por Georgia Loring Bamford em 1931 e proibida pela segunda esposa do escritor, é dito que depois de terem perdido o bangalô, os London passaram a "(...) morar numa casa feita de restos de demolição no estuário, próxima da Brooklyn Station."⁶⁰⁶

John London conseguia trabalhos somente de forma esporádica, pois o desemprego, seguindo no encalço do excesso de mão-de-obra, da concentração econômica e da industrialização, dava os primeiros passos no processo de se tornar uma das principais pragas do capitalismo monopolista. Charmian London, segunda esposa de Jack, que travou contato com conhecidos da família dessa época, escreveu que a lembrança deles sobre o padrasto de Jack era de que ele "(...) havia sido quebrado, e que escondia um doloroso senso de fracasso debaixo de suas sutis reticências."⁶⁰⁷

Richard O'Connor diz que diante dessas circunstâncias, esse período da vida de Jack London constitui "Uma infância que nunca foi",⁶⁰⁸ já que ele precisou desde muito cedo assumir parte do ônus do sustento da casa. Charmian London escreveu que Jack "(...) estava destinado a tornar-se uma espécie de patriarca para um grupo de dependentes."⁶⁰⁹ O futuro escritor afirmou, aliás, que desde muito cedo se preocupava de um modo muito adulto com os meios de se remediar de sua pobreza: "Cedo indaguei qual a taxa de juros do dinheiro aplicado, e preocupava meu cérebro de criança com a compreensão das virtudes e excelências dessa notável invenção do homem, os juros compostos." A despeito do possível exagero anacrônico dessa lembrança, a explicação que ele deu sobre seus métodos de jornalista aos dez anos de idade é expressiva: "(...)

⁶⁰⁴ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 40.

⁶⁰⁵ KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. op. cit. pp. 31-32; STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. op. cit. p. 26; LONDON, Charmian. **The book of Jack London - Volume I**. op. cit. pp. 52-53.

⁶⁰⁶ BAMFORD, Georgia Loring apud NOEL, Joseph. **Footloose in Arcadia - A personal record of Jack London, George Sterling and Ambrose Bierce**. op. cit. p. 19.

⁶⁰⁷ LONDON, Charmian. **The book of Jack London - Volume I**. op. cit. p. 54.

⁶⁰⁸ O'CONNOR, Richard. **Jack London, a biography**. op. cit. pp. 3-42.

⁶⁰⁹ LONDON, Charmian. **The book of Jack London - Volume I**. op. cit. p. 73.

comprando dois jornais por cinco cents, num piscar de olhos eu podia vendê-los por dez centavos e dobrar meu capital".⁶¹⁰

A situação de incerteza material parecia afetar sobremaneira Jack, que desde cedo desenvolveu uma de suas marcas pessoais e uma habilidade muito útil para a sobrevivência numa pobreza de tipo crescentemente monopolista: a capacidade de adaptação e improviso, uma sabedoria prática e uma esperteza ligeira que viriam a se manifestar muito curiosamente em sua literatura. Harry Braverman chamou a atenção sobre esse fato em seu estudo, sublinhando que uma das forças predominantes na organização do trabalho sob o capitalismo, e particularmente acentuado sob o regime monopolista, é a contínua "redistribuição do trabalho entre ocupações e atividades." Motivo pelo qual, aliás, Braverman deu tanta importância ao estudo do trabalho tanto "dentro das ocupações", quanto nas "alternâncias entre as ocupações."⁶¹¹

No período que se estende entre 1886-1891, Jack buscou fazer frente às necessidades materiais de sua condição exercendo toda a sorte de "bicos" e trabalhos temporários, além do trabalho de jornaleiro. Ele escreveu: "Conforme o tempo passava, eu trabalhei como ajudante num vagão refrigerado, arrumei pinos de boliche num bar, e varri os *saloons* nos campos de piquenique de domingo."⁶¹² Joseph Noel lista entre esses biscates um no qual Jack London "(...) ajudava a construir chaminés",⁶¹³ e Irving Stone menciona que nas andanças que Jack London tinha que fazer ao longo de sua rota de jornaleiro, um dos pontos recorrentes de parada era o Yacht Club, no estuário de Oakland, onde o escritor juntou seu fascínio pela vida marítima com as exigências laborais: começou a prestar pequenos serviços aos donos das embarcações, "(...) lavando tombadilhos", "trepando em mastros [e] (...) desamarrando velas"⁶¹⁴ e começando a aprender o ofício que seguiria admirando por toda a vida.

Além desses biscates, o pequeno trabalhador adentrou em domínios laborais menos tradicionais e mesmo escusos, estes últimos favorecidos pelo ambiente de precariedade de West Oakland, bairro muito pobre, e pela proximidade das docas, ambiente bastante insalubre para uma criança, como Jack persuasivamente explicou nas

⁶¹⁰ LONDON, Jack. *O que a vida significa para mim* [1906]. In: _____. **De vagões e vagabundos - Memórias do submundo**. Tradução de Alberto Alexandre Martins. Porto Alegre: L&PM, 2005. pp. 116-117.

⁶¹¹ BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capitalismo monopolista - A degradação do trabalho no século XX**. op. cit. p. 19 e p. 16, respectivamente.

⁶¹² LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 44.

⁶¹³ NOEL, Joseph. **Footloose in Arcadia - A personal record of Jack London, George Sterling and Ambrose Bierce**. op. cit. p. 21.

⁶¹⁴ STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. op. cit. p. 27.

suas "memórias alcoólicas" de 1913. Russ Kingman diz que enquanto Jack entregava e vendia jornais, ele também "(...) aprendia a lutar e tornar-se um impetuoso menino de rua."⁶¹⁵ A mãe de London lançou alguma luz sobre o cotidiano do jornaleiro: "Acho que Jack era um bom menino se você pensar bem, o problema é que ele acabou com más companhias. Ele costumava se meter em terríveis brigas com os outros garotos da vizinhança."⁶¹⁶ Joseph Noel, aliás, insiste em afirmar que "A filosofia da vida como um perpétuo 'matar-ou-morrer' (dog-eat-dog), a qual iria encontrar futura justificação nas páginas de Herbert Spencer, era encenada (...) na sua vivência cotidiana."⁶¹⁷

Esses primeiros anos de Jack London no mundo do trabalho se mostraram cruciais para que ele desenvolvesse seus posicionamentos e leituras de mundo posteriores, pois o fizeram sentir as demarcações do poder e a lógica belicosa das relações sociais de produção estabelecidas. No limiar entre a infância e a idade da razão, London começou a experimentar esquemas de ganhar a vida que o permitissem compensar sua precariedade, e para estes uma postura mais incisiva e se necessário agressiva eram ferramentas de sobrevivência. A biografia apócrifa de Georgia Bamford diz que "(...) para ganhar dinheiro, [Jack] se valeu de meios que (...) não resultariam em leitura agradável."⁶¹⁸

Jack London escreveu que foi por esses anos que ele se tornou consciente do "aperto da pobreza", e respondeu desdobrando-se numa espécie de biscateiro profissional (uma versão mais subversiva do "jobby" que era Sherwood Anderson por volta da mesma época em Ohio). A primeira coisa que ele diz ter tido de sua foi uma "coleção de ágatas" que ele dizia ser "mais significativa do que qualquer uma que ele tenha visto algum garoto possuir". A forma como ele a conseguiu é ilustrativa da natureza das relações sociais que ele experimentava: Jack diz que o "coração da coleção era um punhado de ágatas que valia pelo menos três dólares, o qual eu havia tomado como garantia pelos vinte cents que emprestei para um garoto mensageiro que foi mandado para o reformatório antes que pudesse reavê-las."⁶¹⁹ A título de parâmetro, quando entrou para trabalhar na fábrica de conservas de Hickmott em 1891, Jack

⁶¹⁵ KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. op. cit. p. 31.

⁶¹⁶ WELLMAN, Flora apud NOEL, Joseph. **Footloose in Arcadia - A personal record of Jack London, George Sterling and Ambrose Bierce**. op. cit. p. 20.

⁶¹⁷ Idem, ibidem, p. 21.

⁶¹⁸ BAMFORD, Georgia apud NOEL, Joseph. **Footloose in Arcadia - A personal record of Jack London, George Sterling e Ambrose Bierce**. op. cit. p. 19.

⁶¹⁹ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. pp. 81-82.

ganhava dez cents por hora,⁶²⁰ e Daniel Dyer afirma que o montante oriundo da entrega de jornais era de três dólares mensais.⁶²¹

Como tinha um porte físico avantajado e desenvolvera uma aguda esperteza prática em decorrência de suas rondas de jornaleiro, Jack conseguiu tornar-se um negociador hábil e se necessário impositivo e ameaçador, que atuava também em intermédio de outros garotos:

Eu conseguia trocar qualquer coisa por qualquer coisa, e trocá-la mais doze vezes até que ela houvesse se transformado em algo com algum valor. Eu era um negociante famoso, e um notório avaro. Eu podia fazer mesmo um catador de sucata chorar quando fizesse negócio com ele. Outros garotos me chamavam para que eu vendesse suas coleções de garrafas, retalhos, ferro velho, bolsas de grãos e galões de óleo. Eu recebia uma comissão deles para fazer isto.⁶²²

A aprendizagem do escritor sobre o cotidiano dos trabalhadores nessa "infância que nunca foi" parecem ter vindo junto com um senso de orgulho e de autonomia, que se digladiavam com o "aperto da pobreza" que não o largava. Na faina de conseguir trocados para entregar à mãe e suprir a dificuldade de empregar-se do pai, Jack London aprendeu cedo as relações de força desse mundo e o custo de sua liberdade nele, ao passo que encontrar os atalhos para se esquivar de uma labuta muito dura e pouco rendosa, ou de aumentar ganhos de forma escusa não demoraram a fazer parte de seus expedientes. Parte importante de seus vizinhos e dos homens com quem convivia eram trabalhadores cronicamente desempregados, aos quais viver à margem da legalidade ou transitando em seus limites cediços era algo rotineiro. Joseph Noel afirma que na infância, Jack London "(...) se vangloriava de já ter executado em um ano uma centena de formas de conseguir dinheiro por fora da lei."⁶²³

O bairro operário em que ele morava, com a pecha que os residentes estrangeiros e pobres atraíam sobre ele, compunha a experiência de trabalhador de Jack London. A clareza de percepção com que anos mais tarde ele enunciou sua pertença à classe trabalhadora ou sua experiência nos baixios sociais talvez não pertence ao rapazola de treze anos que perambulava por toda a cidade de Oakland, mas ele tomava consciência disto gradativamente, ainda que por vezes de forma canhestra. Os sonhos que ele tinha nessa época, com personagens chineses monstruosos ("de longos cabelos e longas

⁶²⁰ STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. op. cit. p. 29

⁶²¹ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 13.

⁶²² LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. pp. 82-83.

⁶²³ NOEL, Joseph. **Footloose in Arcadia - A personal record of Jack London, George Sterling and Ambrose Bierce**. op. cit. p. 22.

unhas"), são um exemplo disto. A descrição que ele faz de um bairro proletário de residentes chineses (chamado Pit, Cova, Vala, Fossa, Abismo) na sua noveleta de estreia, de 1902, *The cruise of the Dazzler* (*O cruzeiro do "Dazzler"*, em português),⁶²⁴ descreve em alguma medida suas impressões alimentadas de preconceitos e, curiosamente, também parte do cenário urbano que ele conheceu vivendo em West Oakland:

Crianças e bebês esparramavam-se pela calçada debaixo dos seus pés. Mulheres desleixadas e com as cabeças descobertas fofocavam às portas e passavam para lá e para cá com parcas mercadorias debaixo do braço. Havia um cheiro geral de frutas apodrecidas e peixe, um fedor de estagnação e podridão. (...) Havia uma algazarra de línguas e conversas estrangeiras, gritos estridentes, brigas e arengas, e o Pit pulsava com grande e constante murmúrio, como o zumbido da colmeia humana que nele havia.⁶²⁵

A expressão "colmeia humana" (human hive) serve como exemplo de como a leitura de mundo baseada na selvageria da natureza, na "lei da selva" (que ele lapidaria nos anos vindouros), parecia estar por debaixo da leitura das experiências da mocidade. Como argumentamos nos capítulos anteriores, o processo de concentração econômica que caracteriza a consolidação dos monopólios tendia a tornar mais cruenta a luta pela sobrevivência pelos "de baixo", em parte porque foi eliminando outros meios e espaços de sobrevivência socioeconômica pela concorrência desigual ou pela espoliação direta, e em parte, como no caso da Califórnia pós-1860, pela enxurrada de imigrantes que mantinham sempre alimentadas as fileiras do exército industrial de reserva.

As andanças que Jack fazia ao longo da sua rota de jornalista, as mesmas que lhe levaram a conhecer a Biblioteca Municipal de Oakland, foram que lhe permitiram aprender as manhas e o traquejo das negociações e do sub-mundo de contratações e indicações informais que regia parte importante do mundo do trabalho da cidade. As "memórias alcoólicas" do escritor, assim como sua vida forçando os limites da legalidade estão entrelaçadas com essas relações de força.

Chris Rhomberg, no supramencionado estudo sobre as relações entre classe e etnia na construção da comunidade política de Oakland, escreve que "Num mercado de trabalho assalariado, um dos mais básicos e estruturais problemas com os quais se defrontavam os trabalhadores é o de ganhar acesso ao trabalho, sobretudo durante

⁶²⁴ LONDON, Jack. *O cruzeiro do "Dazzler"*. Tradução de Jorge de Lima. Porto: Civilização, 1972.

⁶²⁵ LONDON, Jack. *The cruise of the Dazzler*. 2ª ed. London: Hodder and Stoughton, 1906. pp. 24-25.

períodos de recessão."⁶²⁶ No caso de Oakland, onde a maquinaria política dominava setores-chave dos serviços públicos e onde os crescentes monopólios ferroviário e industrial controlavam a produção, essas redes informais de relações atuavam correntemente, azeitando o processo de contratação. Rhomberg afirma ainda que eram muitas vezes os bares e as tavernas (os *saloons*) que materializavam essa mediação. Ou seja, havia uma "ligação entre a máquina política e o que era então uma típica instituição da sociedade civil urbana: o *saloon*."⁶²⁷

É em parte por isso que, ainda segundo Rhomberg, havia cerca de 450 *saloons* para uma população de 200 mil pessoas em Oakland antes dos anos da Proibição.⁶²⁸ A aparente onipresença deles causou vívida impressão em Jack London: "os pontos mais brilhantes de minha infância são os *saloons*".⁶²⁹ Eles eram "brilhantes" por vários motivos, mas também porque, como o escritor afirma categoricamente mais à frente, "Beber era o emblema da hombridade."⁶³⁰ Imbricados na vida de pequenos trambiques e biscates, de andanças de jornaleiro e de sonhos de marinheiro, de exigências familiares e de incertezas materiais, os *saloons* ofereciam um vislumbre de uma alternativa ao rapazola trabalhador, um mundo cujo romântico de seus relatos servia como antídoto à monotonia e a pouca recompensa da vida cotidiana de trabalhador informal empobrecido. E junto disto, a tão-desejada hombridade!

Enquanto "Não haviam grandes momentos quando eu andava pela rua atirando jornais nas portas das casas", por outro lado, "nos *saloons* a vida era diferente. Os homens falavam com vozes grandiloquentes, davam grandes risadas, e havia ali uma atmosfera de grandeza, algo a mais do que a vida comum e cotidiana, na qual nada acontecia."⁶³¹ Os *saloons* eram para Jack London, curiosamente, antídotos ao trabalho, ainda que desempenhassem um papel de socialização que funcionava como engrenagem do mundo do trabalho, como afirmou Rhomberg.

Esses mesmos *saloons* continuaram sendo nesse tempo um oásis de descontração para Jack London, e o contraste para com sua condição socioeconômica de trabalhador se acentuou muito no final de 1890: John London foi apanhado por um trem e ficou seriamente ferido. Incapacitado seu pai de trabalhar, e vivendo a família em

⁶²⁶ RHOMBERG, Chris. **No there there - Race, class and political community in Oakland**. op. cit. p. 33

⁶²⁷ Idem, ibidem, p. 33.

⁶²⁸ O parâmetro que ele usa são os dados referentes a isto nos anos 1980, quando haviam 200 *saloons* para 350.000 pessoas (Idem, ibidem, p. 33).

⁶²⁹ Idem, ibidem, p. 37.

⁶³⁰ Idem, p. 49.

⁶³¹ Idem, pp. 42-43.

farrapos e sem higiene, a Jack coube assumir o ônus de arrimo da casa e buscar remediar a situação. Foi essa a cadeia de eventos que o levou a abandonar o pouco de liberdade que possuía na faina de jornaleiro, e buscar trabalho na fábrica de enlatados de Hickmott (Hickmott's cannery), localizada no próprio bairro de West Oakland, na Myrtle Street. Naquele momento crucial da industrialização dos Estados Unidos, às vésperas de uma severa recessão econômica que viria a acentuar a concentração econômica e deteriorar ainda mais as condições da classe trabalhadora estadunidense, Jack London tornou-se pela primeira vez um operário fabril.

Nenhuma lembrança do escritor, nem descrição alguma de seus biógrafos consegue referir-se ao período em que ele esteve empregado na Hickmott de uma forma que não seja extremamente negativa e degradante. Um pouco antes de as fotos de Lewis Hine chocarem o mundo com a realidade do trabalho infantil, e simultaneamente ao livro-reportagem de Jacob Riis mostrar como "a outra metade vive",⁶³² London se viu obrigado a experimentar na carne aquele ambiente e situação terríveis: "Privados de seu direito divino do brilho do sol, meninos e meninos sentavam-se diante de suas máquinas sem proteção, com a segurança de suas jovens mãos macias a depender somente de terem eles uma correlação mental afiada."⁶³³ A filha mais velha de London acrescenta: "Suas memórias desses meses são amargas e ressentidas. Das sete da manhã até o meio-dia, e da uma às seis, ele permanecia em frente à máquina, repetindo indefinidamente a mesma operação."⁶³⁴ A indústria de enlatados "(...) embalava frutas e legumes [*e Jack*] (...) operava uma máquina que enchia, fechava e então lacrava as latas. Era um trabalho entediante que deixava sua mente entorpecida"⁶³⁵

A jornada de trabalho nesses tempos idílicos do capitalismo monopolista não tinham regulamentação, de modo que os relatos de Jack London sobre horas extras, além da jornada de dez horas diárias, são numerosos. Ele comenta que fazia turnos de 18 a 20 horas diárias, e que numa ocasião chegou a ficar 36 horas ininterruptas operando máquinas.⁶³⁶ "Algumas vezes ele ganhava cinquenta dólares num mês, uma soma desconcertante para um garoto de quinze anos, considerando a paga básica - dez

⁶³² RIIS, Jacob August. **How the other half lives - Studies among tenements of New York**. New York: Charles Scribner's sons, 1890.

⁶³³ LONDON, Charmian. **The book of Jack London - Volume I**. op. cit. p. 73.

⁶³⁴ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 37.

⁶³⁵ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 18.

⁶³⁶ Essa informação está em todas as biografias já citadas, e foram declaradas por Jack London em mais de uma ocasião, contudo a mais concisa e precisa delas está em *John Barleycorn* (op. cit. pp. 62-63).

cents por hora e pouco mais pelas horas extras."⁶³⁷ Somente para se dimensionar isto, basta pensar que se ele trabalhasse as dez horas regulamentares de domingo à domingo, somaria somente 30 ou 31 dólares ao fim do mês e ele chegou a ganhar quase o dobro disto!

As impressões mais pessoais de Jack London sobre esse período não são menos sombrias do que as informações e descrições objetivas do trabalho:

(...) não podíamos olhar ou tirar um tempo de nosso cansaço da máquina, e quando um de nós se machucava, um olhar assustado para o lado, uma leve distração da mais aguda atenção da operação em mãos, e *Zás!* ali ia embora seu dedo. Eu acho que tive mesmo é sorte.⁶³⁸

O texto que ele publicou na revista *Comrade*, em março de 1903, no qual explica como veio a se tornar um socialista, Jack London descreve seus dias de operário fabril: "TODOS OS MEUS DIAS EU TRABALHEI DURO COM MEU CORPO, E A DESPEITO DO NÚMERO DE DIAS QUE EU TRABALHO, E ATÉ MESMO POR CONTA DISTO, EU ME APROXIMEI DO FUNDO DO ABISMO." (grifo do autor)⁶³⁹ A distância de mais de uma década lhe concedeu perspectiva, polimento intelectual e uma visão de todo, sobretudo depois que ele passara uma temporada vivendo com os operários miseráveis do East End de Londres em 1902. A experiência laboral do início dos anos 1890, a despeito de seu "otimismo" por "(...) jamais [*ter sido*] preterido pelo patrão por não parecer apto ao trabalho, [*e ser*] sempre capaz de conseguir um emprego carregando carvão, como marujo ou em trabalhos manuais de qualquer espécie",⁶⁴⁰ gravou-se na memória de Jack London como uma "servidão". Sobre a época, ainda, ele afirmou: "Eu não conhecia cavalo algum na cidade de Oakland que trabalhasse tantas horas quanto eu. Se isso era a vida, eu definitivamente não estava enamorado dela."⁶⁴¹

Desde 1886 um leitor voraz sob os cuidados da poetisa laureada e bibliotecária de Oakland Ina Coolbrith, e desde a mesma época frequentador assíduo das docas e do *waterfront* da baía da San Francisco, o novo trabalho fabril de Jack sugava suas energias até a medula, deixando pouco tempo ou energia para essas atividades. Ele havia concluído seus estudos básicos na Cole Grammar School em 1887, e desde lá sabia que não poderia continuar sua educação, pois tanto lhe faltavam meios para pagá-la quanto

⁶³⁷ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 37.

⁶³⁸ LONDON, Charmian. **The book of Jack London - Volume I**. op. cit. p. 74.

⁶³⁹ LONDON, Jack. How I became a socialist. *Comrade*, março/1903. Disponível em <<https://thegrandarchive.wordpress.com/how-i-became-a-socialist/>> Acesso em 28 abr 2018.

⁶⁴⁰ Idem, *ibidem*.

⁶⁴¹ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 63.

era sua força de trabalho necessária para a manutenção da casa dos London (sobretudo após a convalescença de John). Acabrunhado pelas responsabilidades familiares e domésticas que lhe recaíam cada vez mais sobre os ombros, e ressentindo-se do ônus que isso lhe imputava, o jovem trabalhador passava seus exaustivos dias transido entre a frustração de seu espírito aventureiro em nome do dever, e a culpa por desejar a alforria do labor fabril - suspeito que seja desse retorcido estado de espírito a pecha de "apóstata" que ele "se" impinge no (autobiográfico) conto de 1911, "The apostate".⁶⁴²

Ele suportou ser uma "besta-de-trabalho" (work-beast) em Hickmott apenas por alguns meses. A saída que ele encontrou a esse estado de coisas, para responder aos seus anseios espirituais sem que simplesmente deixasse de lado os encargos familiares e domésticos, veio através do mar.

Desde os primeiros tempos em que viera a morar em West Oakland, Jack sonhava em poder ter um barco e navegar livremente na baía de San Francisco. Num artigo que escreveu mais tarde, "The joy of small-boat sailing" (O prazer da navegação em barcos pequenos, em tradução livre) de 1912, o escritor disse: "Desde que eu tinha doze anos [*isto é, em 1888*], eu escutava o chamado do mar."⁶⁴³ Depois de ter possuído um pequeno esquife (skiff) por algum tempo no final da década de 1880, com a ajuda de sua antiga ama-de-leite, Jack London juntou suas economias e comprou em 1890 uma chalupa (sloop ou shallop) que fora posta à venda nas docas de Oakland, batizada de *Razzle Dazzle*.

Na biografia que escreveu sobre o marido, Charmian London afirma que foi à bordo do *Razzle Dazzle* que Jack chegou à conclusão de que seu barco, suas habilidades de navegação e seu conhecimento da vida marítima na baía podiam lhe alforriar do trabalho extenuante de Hickmott: "(...) em seu pequeno mas independente barco (...), em meio às perversas correntes de um dos maiores e mais traiçoeiros portos do mundo, ele subitamente se deu conta da humilhante e destrutiva existência em que se metera".⁶⁴⁴ Em suas memórias sobre esse período, Jack London concedeu maior atmosfera de romantismo a esse momento: "Eu queria ir para o mar. Eu queria escapar da monotonia e da mesmice. Eu estava na flor da adolescência, tomado pelo romance e pela aventura,

⁶⁴² LONDON, Jack. *The apostate*. In: _____. **When god laughs and other stories**. New York: Macmillian Company, 1911. pp. 25-68.

⁶⁴³ LONDON, Jack. The joy of small-boat sailing. *Country Life in America*, agosto/1912. Disponível em <<http://carl-bell-2.baylor.edu/bellc/jl/TheJoyOfSmallBoatSailing.html>> Acesso em 15 maio 2018.

⁶⁴⁴ LONDON, Charmian. **The book of Jack London - Volume I**. op. cit. p. 76.

sonhando com uma vida emocionante no fascinante mundos dos homens."⁶⁴⁵ Donde a resolução: "Só havia um modo de escapar o beco sem saída que era meu trabalho. Eu tinha que me mandar para a água. Eu tinha que ganhar meu pão na água. (...) quando me dei conta disto é que tomei coragem de não voltar à minha vida bestial junto da máquina."⁶⁴⁶

O passeio pelo lado selvagem que Jack London iniciara alguns anos antes, morando num bairro mal-afamado e percorrendo as ruas e o *waterfront* de Oakland, brigando com outros garotos e aplicando pequenos golpes, rumou mais fundo no sub-mundo das cercanias. O barco que ele comprara originalmente para satisfazer seus anseios marítimos tornou-se então o instrumento para que ele se juntasse à gangue dos piratas de ostras.

Assim como tantos outros em condição semelhante, Jack adentrava as ondas da baía de San Francisco na escuridão da noite para poder pilhar as gaiolas e criadouros. As ostras da costa Oeste não eram tão apreciadas quanto as ostras da costa Leste, esclarece Luiz Bernardo Pericás, e quando "(...) a Southern Pacific Railroad alugou terras para empresários, que criaram baixios lodosos artificiais para produzir ostras trazidas do Leste" e "(...) as condições monopolísticas levaram a preços elevados",⁶⁴⁷ a oportunidade se apresentou para sujeitos como o jovem trabalhador desgostoso com a labuta "honesta" da fábrica.

Uma aventura com algo de autobiográfico nesse sentido encontra-se registrados (sob os artifícios da ficção) na noveleta de 1902, *The cruise of the Dazzler*, em que o protagonista Joe Bronston, desgostoso com os deveres da escola e a rotina monótona do dia-a-dia, lança-se em aventuras marítimas - "(...) ele sabia que havia muito trabalho duro e experiência bruta no mundo; mas ele achava que os garotos têm certos direitos."⁶⁴⁸ A pirataria de ostras envolvia navegação noturna, o olhar cioso da patrulha pesqueira, a sanha dos armados guardas particulares, e as intempéries próprias da natureza. Ou seja, envolvia uma necessidade de coragem, astúcia e engenhosidade que serviam muito bem à hombridade que Jack buscava, e não deixava de ser, nesse sentido, também uma fonte de tão-necessários ganhos materiais. A seu modo, era um antídoto à monotonia fabril, com a vantagem de que lhe rendia dinheiro.

⁶⁴⁵ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 46.

⁶⁴⁶ Idem, ibidem, p. 63.

⁶⁴⁷ PERICÁS, Luiz Bernardo. Nota de rodapé em: LONDON, Jack. **A Estrada**. op. cit. p. 143.

⁶⁴⁸ LONDON, Jack. **The cruise of the Dazzler**. op. cit. p. 70.

Alex Kershaw escreve que "(...) donos de bares e hotéis barganhavam pelas pilhagens mais finas. Uma noite de trabalho rendia a Jack no mínimo 25 dólares",⁶⁴⁹ uma quantia que, vale lembrar, praticamente equivale à paga de um mês como "besta-de-trabalho" na Hickmott Canning Factory. Ao lado disto haviam bônus adicionais, pois, escreve Pericás, por oferecer ostras da costa Leste a preços não-abusivos como os monopolísticos, os piratas acabavam por ganhar "a simpatia do público".⁶⁵⁰ O butim oriundo das pilhagens garantia com que Jack London pudesse fazer frente aos deveres familiares e domésticos, e a rotina que a pirataria de ostras oferecia o poupava de ser escravizado pela máquina, assim gozando de tempo para suas aventuras e leituras.

A contravenção e a vida clandestina se mostraram saídas momentâneas para sua condição de trabalhador, mas cobravam seu preço. Apesar de ter se tornado, pela coragem e habilidade, o "Príncipe dos Piratas das Ostras" (título de que iria se vangloriar por muitos anos), o ofício o levou a uma existência temerária e dissoluta, na qual os perigos de morte e de prisão eram frequentes, e onde a bebida e a promiscuidade constituíam dimensão importante. O *saloon* de John Heinhold, o *First and Last Chance*, na Webster Street, tornou-se como que sua segunda casa nesse período, e o jovem trabalhador brindava sua quitação de deveres lançando-se cada vez mais fundo na sua busca de hombridade e, como ele disse frequentemente, do *romance*.

Após algumas experiências ruins vivendo nas antípodas da lei, e após a constatação de que vários de seus companheiros piratas haviam acabado ou presos ou mortos, Jack London reavaliou a decisão que tomara. Os ganhos que obtivera logo nos primeiros tempos de pirataria não tinham a regularidade necessária. E foi nessa época, também, que Jack foi chamado por Frederick Bamford para fazer parte das discussões literárias do Ruskin Club, convite este que parece tê-lo ajudado no "(...) período de sua vida em que uma escolha entre caminhos se fez imperativa."⁶⁵¹ Há relatos, inclusive, acerca de uma tentativa de suicídio numa certa noite em que ele ficara agudamente desgostoso com o rumo que sua vida tinha tomado e o fato de não ter-se resolvido o problema de seu sustento e de sua família - as biografias não concordam, contudo, se

⁶⁴⁹ KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. op. cit. p. 35.

⁶⁵⁰ PERICÁS, Luiz Bernardo. Nota de rodapé em: LONDON, Jack. **A Estrada**. op. cit. p. 143.

⁶⁵¹ NOEL, Joseph. **Footloose in Arcadia - A personal recording of Jack London, George Sterling and Ambrose Bierce**. op. cit. p. 23.

esse episódio aconteceu durante ou depois de seus três meses na vida de pirataria de ostras.⁶⁵²

Uma alternativa a essa vida, e também a um odioso retorno à lida fabril em Hickmott, lhe foi apresentada quando entrou em contato com um trio de marinheiros que fazia parte da Patrulha Pesqueira: Charley Le Grant, Billy Murphy e Joe Boyd, que lhe persuadiram de que o emprego como patrulheiro podia oferecer certas vantagens. Os patrulheiros (deputy patrolman) não tinham salário fixo como o patrulheiro chefe (patrolmen proper), mas ganhavam "(...) uma certa porcentagem das multas aplicadas aos infratores das leis de pesca"⁶⁵³ - isso além de eventuais recompensas, pagas pelas autoridades ou por criadores particulares.⁶⁵⁴ Pareceu a Jack uma boa oportunidade de sair do "lado selvagem" da pirataria, ganhar algum dinheiro e não precisar deixar a sua amada baía de San Francisco.

Durante o período em que, em 1892, Jack serviu à Patrulha Pesqueira, o jovem trabalhador parece ter continuado na trilha da aventura. Seus escritos acerca desse período, *Tales of the Fish Patrol*, compostos e publicado em 1902, deixam entrever a rotina (ou falta dela) dos expedientes que envolviam ser um patrulheiro nas águas da baía de San Francisco naquela época, e como eles o colocavam diante da babilônica fauna de imigrantes empobrecidos com os quais posteriormente ele viria a cerrar fileiras em nome da revolução.

A Patrulha Pesqueira havia sido criada em 1883 quando houve uma drástica queda na pesca do salmão, a qual forçou as autoridades a tomarem providências contra piores consequências a médio e longo prazo. A costa californiana, e grande parte de seu território, estava amplamente ocupada por chineses, e o método de pesca que era comumente utilizado por esses pescadores, a "Chinese line", fora proibida por ser predatória. Apreender essas redes, assim como prevenir assaltos de piratas gregos ou ingleses, e a pesca predatória do camarão eram alguns dos encargos da Patrulha Pesqueira naquele momento.

Tales of the Fish Patrol é, no geral, uma narrativa de aventura e de heroísmo, em que o narrador busca sublinhar e descrever com minúcia os atos destemidos de bravura dos marinheiros (e os seus próprios), registrando a vida colorida dos patrulheiros. Apesar disto, nem todas essas características apreciadas por Jack London foram

⁶⁵² É possível encontrá-los em praticamente todas as biografias (Joan London, pp. 47-48; Irving Stone, p. 37; Charmian London, pp. 104-105 etc.), e também no capítulo XII de *John Barleycorn* (pp. 109-120).

⁶⁵³ LONDON, Jack. **Tales of the Fish Patrol**. op. cit. p. 82.

⁶⁵⁴ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 46.

suficientes para deixá-lo por muito tempo satisfeito com seu ofício. Sua fidelidade ao mar e seu profundo respeito pela astúcia e engenhosidade de bons navegadores tornava sua captura muitas vezes penosa para ele. Na história de Demetrios Contos (capítulo VI), marujo grego que construíra o barco mais veloz daquelas águas, Jack não pode deixar de admirar a habilidade de construção e navegação do grego, vindo a nutrir por ele um respeito quase venerando. Tanto que ele escreve: "Não se deve pensar, a partir do que lhes disse sobre os pescadores gregos, que eles eram de todo maus. Longe disto. Eram homens ásperos, unidos em comunidades isoladas e lutando contra os elementos para viver."⁶⁵⁵ Apesar de um tom bem menos elogioso, que passa por um certo temor respeitoso, que não sabe se é mais temor ou mais respeito, Jack descreve "The Big Alec", o capitão do *Lancashire Queen*, o pirata chinês "Yellow Handkerchief",⁶⁵⁶ outros infratores que ele perseguiu quando na Patrulha Pesqueira: exemplares de homens fortes e resolutos que parecem sempre ter-lhe fascinado - e que posteriormente viriam a servir para encher de másculas vísceras o sombrio capitão Wolf Larsen, do romance *The sea-wolf*, de 1904.

Embora não possa ser tomada como a razão última pela qual Jack London veio a deixar a Patrulha Pesqueira no outono de 1892, algo como uma certa crise de consciência desempenhou algum papel, e não somente porque ele tinha estado do outro lado da relação 'Patrulha Pesqueira-infratores', mas também porque a condição a que estavam submetidos boa parte daqueles a quem ele perseguiu era em grande medida a partilhada por ele. Sua leitura de mundo baseada no princípio do "Faz-se qualquer coisa para seguir vivendo",⁶⁵⁷ que pela verdade granítica da sobrevivência estabelece e ao mesmo tempo absolve a filosofia "matar-ou-morrer", teoricamente deveria apaziguar seu espírito, mas é nesse ínterim que ele se flagra em estados de espírito compreensivos, como quando fala sobre a patrulha e os pescadores gregos:

Nós ameaçávamos suas vidas e seu sustento, que são a mesma coisa em muitos aspectos. Nós confiscávamos armadilhas e redes ilegais, e o material usado para fazê-las havia custado somas consideráveis, assim como havia requerido semanas de trabalho. Nós os impedíamos de pescar em várias épocas e estações, o que era o equivalente a impedi-los de subsistir tão bem quanto eles poderiam, no caso de não existirmos.⁶⁵⁸

⁶⁵⁵ LONDON, Jack. **Tales of the Fish Patrol**. op. cit. p. 177.

⁶⁵⁶ Idem, ibidem, pp. 39-70 (capítulo II - The king of the Greeks); pp. 103-137 (capítulo IV - The siege of the Lancashire Queen); e pp. 211-243 (capítulo VII - Yellow handkerchief), respectivamente.

⁶⁵⁷ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 29.

⁶⁵⁸ LONDON, Jack. **Tales of the Fish Patrol**. op. cit. pp. 177-178.

Essa postura compreensiva, cujo humanismo se sobressai ao tradicional evolucionismo selvagem do "matar-ou-morrer", acaba por ser encaixada por Jack London numa síntese que busca sua analogia na natureza - como se curiosamente voltasse a uma primitiva e metabólica relação 'predador-presa': "Como o cão é o inimigo natural do gato, e a cobra do homem, assim éramos nós da patrulha pesqueira os inimigos naturais dos pescadores."⁶⁵⁹

Os motivos para ter deixado a Patrulha Pesqueira são um tanto quanto reticentes, e seus biógrafos frequentemente explicam-no em virtude de sua inquietude crônica e sua sede de viver. Qualquer que seja, precisamente, a razão, o período que se segue é um dos mais sombrios da vida de Jack London, sendo aquele em que diz que mais próximo da morte chegou (depois de uma bebedeira com Scratch Nelson).⁶⁶⁰ Joan London afirma que ele "(...) trabalhou em biscates nas docas e vadiava de vez em quando nos *saloons*."⁶⁶¹ Por essa época ele meteu-se com uma gangue de crianças vagabundas (Road-kids) que subiu o trajeto da ferrovia ao longo de Sierra Nevada como passageiros clandestinos em trens e também nesse tempo experimentou um aumento preocupante de seu vício alcoólico, vindo a temer que abreviaria sua vida caso não fosse capaz de permanecer fora dos *saloons*.

Foi nesse estado de espírito que ele decidiu juntar-se à tripulação da escuna de três mastros *Sophie Shuterland*, que zarpou da baía de San Francisco para o Ártico em janeiro de 1893, numa viagem de caça à foca que durou sete meses.

Falaremos em tópico posterior sobre os significados dessa viagem e o que ela tem a dizer sobre o sentido do trabalho e sua transformação no final do século XIX nos Estados Unidos. Por ora, cabe-nos constatar que a viagem à bordo do *Sophie Shuterland* foi uma etapa muito importante no "chamado da hombridade" de Jack London, bem como de sua formação pessoal e artística, como ele posteriormente reconheceu, e que isso teve um papel determinante em sua experiência como trabalhador, sobretudo porque ressaltou a crueza do mundo dos homens, sua lógica de "matar-ou-morrer", e deu-lhe um senso mais aguçado sobre seus próprios anseios existenciais. Entre outras coisas, a viagem ao Ártico tornou o trabalho maquinal, fabril e repetitivo algo particularmente detestável - libertar-se dele tornar-se-ia dentro em breve uma necessidade imperiosa a Jack London.

⁶⁵⁹ Idem, ibidem, p. 178.

⁶⁶⁰ "Com frequência penso que esta foi a ocasião em que cheguei mais perto da morte." LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 138.

⁶⁶¹ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. pp. 47-48.

Correndo ao lado dessa mudança de ordem mais subjetiva, uma recessão econômica profunda se instaurou nos Estados Unidos. A conjuntura de indicadores econômicos positivos que se observara na segunda metade da década de 1880, e que preparava o terreno para a decolagem imperialista no final do século não pôde resistir ao descompasso de crescimento que as forças internacionais puseram em movimento, interrompido durante a crise europeia de 1890. O escritor voltou aos Estados Unidos num momento-chave da transição à qual chamou a atenção o historiador estadunidense Henry Steele Commager: de "uma América predominantemente agrícola, preocupada com assuntos domésticos" para a "América moderna, predominantemente urbana e industrial, inextricavelmente envolvida na política e na economia mundiais".⁶⁶²

As precariedade e incerteza de sua infância e primeira juventude permaneciam, com a diferença de que a crise de 1893, que se desenvolvera ao longo daquele tempo em que esteve navegando no Ártico, as agravara sensivelmente. Numa economia que tinha alcançado àquela altura um razoável grau de unificação, a quebra da bolsa de Nova York no 5 de maio não demorou para se espalhar e circuitar a queda de preços, a desvalorização das *commodities*, o frenesi de venda de ações e os temores envolvendo as medidas a serem tomadas pela administração do presidente Cleveland. Era nesse ambiente pouco convidativo, ou mesmo abertamente hostil, curiosamente tão parecido quanto diferente do mundo bárbaro da caça às focas, que Jack London precisava reiniciar suas funções de arrimo de casa - em suas memórias de 1913 ele escreve: "(...) minha mãe disse que eu tinha tido meu momento de curtir a vida e agora era hora de eu arranjar um trabalho fixo."⁶⁶³

Seu primeiro trabalho nessa nova conjuntura era demasiado similar ao que ele exercera em Hickmott: um trabalho fabril, regido pelo tempo da máquina, servil, apequenante, frustrante. Jack foi admitido numa fábrica de juta (Daniel Dyer afirma ser provavelmente a Pacific Jute Manufacturing Company).⁶⁶⁴ Charmian London descreve o estado de espírito com que Jack lembrava desse período:

Alguma coisa estava muito, muito errada. Havia um senso de confusão, e ele não podia encontrar a luz que a explicava. Lá estava ele, um homem forte, com ombros e peito poderosos, e bíceps tão desenvolvidos quanto os de

⁶⁶² "an America predominantly agricultural; concerned with domestic problems"; "the modern America, predominantly urban and industrial; inextricably involved in world economy and politics" (tradução livre) COMMAGER, Henry Steele. **The American mind - An interpretation of thought and culture since the 1880s**. New Haven: Yale University Press, 1950. p. 41.

⁶⁶³ "(...) my mother said I had sown my wild oats and it was time I settled down to a regular job." (tradução livre) LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 171.

⁶⁶⁴ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 33.

marinheiros veteranos. Ele havia se medido em trabalho e em resistência com os melhores, e se sentia merecedor da arrogância da individualidade, a qual nutria seu sentimento de "ádua igualdade" para com os profissionalmente fortes e capazes. Ele ganhara a experiência do mundo, era um ser distante daquele garoto que a menos de um ano atrás trabalhava na fábrica de enlatados por dez cents a hora. E apesar disto, a melhor oferta de trabalho que recebeu (ele, com porte e andar de grande marinheiro) foi na "monotonia do trabalho maquinal" da fábrica de juta, pelos mesmos dez cents a hora, e pela mesma jornada de mais de dez horas.⁶⁶⁵

Sua jornada rumo à hombridade, sua atitude astuciosa e corajosa de juntar-se à tripulação do *Sophie Shuterland* e ter-se testado diante da intempérie da natureza e dos tempos, num mundo de homens formados (de HOMENS! em maiúsculas, como grafou no artigo da revista *Comrade* de 1903), redundou deixando-o no mesmo lugar e na mesma condição de onde ele saíra. O descompasso entre seu retorno e o retorno glorioso dos protagonistas dos livros de aventura, que ele devorava no segundo andar da biblioteca pública de Oakland, deve ter-lhe parecido particularmente amargo. Em termos subjetivos e também de recompensa material - a paga pelas peles de foca que lhe cabia lhe rendeu um chapéu usado, algumas camisas de 40 cents, roupa de baixo de 50 cents, um colete e uma jaqueta de segunda mão, e o restante fora dedicado a pagar débitos de seu pai e despesas familiares.⁶⁶⁶

O jovem trabalhador experimentou como conflito familiar e como impasse moral sua condição socioeconômica. Seu anseio subjetivo pela liberdade e aventura confundiam-se com sentimentos de culpa e auto-acusações de egoísmo diante de seus familiares e de suas obrigações domésticas.

Provavelmente sentiu-se de novo como o protagonista do conto "The apostate", que vive culpado pela deserção que planeja em relação à existência extenuante que leva, pois Jack entendia-se como que em dívida pelo período "sabático" de que desfrutara à bordo do *Sophie Shuterland*. O protagonista desse conto chama-se Johnny, que é a forma com que a mãe de Jack sempre se dirigiu a ele, e personagem e autor compartilham uma relação ambígua com a figura materna, uma pessoa a um tempo carinhosa mas exigente, solidária mas impositiva. O mesmo ser maternal que se abstém de uma fatia de pão e de uma caneca de café para que o filho possa melhor se nutrir, é quem lhe tira do sono para sua jornada bestial na fábrica, e quem severamente lhe coleta a paga recebida quando da volta à casa.⁶⁶⁷

⁶⁶⁵ LONDON, Charmian. **The book of Jack London - Volume I.** op. cit. p. 135.

⁶⁶⁶ DYER, Daniel. **Jack London - A biography.** op. cit. pp. 32-33.

⁶⁶⁷ LONDON, Jack. *The apostate.* op. cit. p. 27.

Considerando o período que se seguiu ao seu retorno, Jack London não estava mais disposto a se submeter às duras tarifas existenciais cobradas aos membros dos baixios sociais.

O primeiro passo dessa gestação veio com a quebra da promessa da fábrica de juta em conceder-lhe um aumento após certo período inicial de trabalho. A promessa consistia em que ao invés de dez cents a hora de trabalho, Jack ganharia "um dólar e 25 cents após alguns meses."⁶⁶⁸ Não a obtendo, escreve ele: "Eu, um garoto americano nascido livre, cujos ancestrais lutaram todas as guerras, desde a velha guerra pré-revolucionária até as guerras indígenas, exercitei meu direito soberano de liberdade contratual deixando o emprego."⁶⁶⁹

Sair do emprego era um ato de auto-valorização, que lho permitiu preservar seu senso de orgulho e de amor-próprio, mas que não resolvia o problema de sua condição concreta. E Jack sabia disto. Mas novamente a indecisão o assomava, como podemos ver na discrepância de trechos oriundos de duas memórias que produziu sobre esse período. O primeiro dizia: "Eu ainda estava decidido a me estabilizar num emprego",⁶⁷⁰ o outro afirma que "(...) meu sangue ainda corria quente demais para uma rotina fixa".⁶⁷¹

A decisão de tentar um novo trabalho logo após a saída da fábrica de juta evidencia que a fervura de seu sangue ainda teria de esperar. O conjunto de experiências frustrantes que ele havia recolhido no mundo do trabalho até ali lhe fizera tirar uma conclusão: "Uma coisa era certa. Trabalho não-qualificado pagava pouco. Eu tinha que aprender um ofício".⁶⁷² As linhas elétricas de bonde estavam se espalhando pelo tracejado urbano de Oakland naquele final do XIX, donde Jack London concluir que "A necessidade por eletricitistas está crescendo constantemente",⁶⁷³ e donde ele, sabedor do "embaraço financeiro"⁶⁷⁴ que não permitia que fosse a uma escola técnica ou universidade, resolveu procurar diretamente a usina elétrica de uma das companhias de bonde da cidade, a San Leandro and Haywards Electric Railway.⁶⁷⁵

⁶⁶⁸ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 170.

⁶⁶⁹ Idem, ibidem, p. 187.

⁶⁷⁰ Idem.

⁶⁷¹ LONDON, Jack apud DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 37.

⁶⁷² LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 187.

⁶⁷³ Idem, ibidem.

⁶⁷⁴ Idem, p. 185.

⁶⁷⁵ KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. op. cit. p. 49.

A entrevista de emprego deu-se diretamente com o superintendente ("Eu falei na lata", "Sou um homem prático num mundo prático",⁶⁷⁶ afirmava Jack), e o trabalhador expôs que sua ambição era tornar-se um eletricista (electrician). O encarregado, provável leitor de Frederick Taylor e entusiasta de Henry Ford, viu naquele garoto a possibilidade de alimentar as engrenagens da nova divisão do trabalho, e lho disse: "Você vai realmente começar de baixo."⁶⁷⁷

Foi assim que Jack London passou os meses seguintes transitando entre pequenas tarefas dentro da complexa cadeia de produção que punha os bondes de Oakland em movimento - reforçando o prognóstico de Harry Braverman quando este disse que sob o capitalismo monopolista a "alternância entre as ocupações" é tão importante quanto o trabalho "dentro das ocupações". O jovem trabalhador e futuro escritor começou limpando os vagões, mas com a promessa do superintendente: "(...) depois que você se demonstrar satisfatoriamente hábil nisto, então pode começar como auxiliar dos eletricistas na garagem dos vagões."⁶⁷⁸

Pingando muito mais horizontal do que verticalmente nas diferentes ocupações da hierarquia laboral da usina elétrica, Jack passou daquelas duas ocupações iniciais para "lubrificador da sala de máquinas" e também pela caldeira ("ajudante de foguista", escreve Irving Stone),⁶⁷⁹ numa jornada mais uma vez extenuante: "Por trinta dólares por mês, ele trabalhava dez horas por dia, incluindo domingos, com um dia de folga por mês",⁶⁸⁰ e Richard O'Connor complementa: "sem hora extra, não importava quantas horas diárias trabalhasse (...). Ele normalmente se apresentava ao trabalho às seis horas da manhã e raramente parava antes das oito da noite."⁶⁸¹

Num breve apanhado descritivo da atividade em que viera parar, trabalho braçal e não-qualificado do mais simplório, Jack London destila sua ironia para demonstrar quão infrutífera estava sendo sua jornada:

Eu estava passando carvão para o foguista, que por sua vez o pegava com uma pá e atirava nas fornalhas, onde seu calor era transformado em vapor, o qual, na sala das máquinas, era transformado na eletricidade com a qual os eletricistas trabalhavam. Carregar carvão era certamente o início dos inícios... a não ser que o superintendente metesse na cabeça me mandar trabalhar nas

⁶⁷⁶ Idem, p. 187 e p. 188, respectivamente.

⁶⁷⁷ Idem, p. 189.

⁶⁷⁸ Idem, p. 189.

⁶⁷⁹ STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. op. cit. p. 46.

⁶⁸⁰ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 37.

⁶⁸¹ O'CONNOR, Richard. **Jack London, a biography**. op. cit. p. 57.

minas de onde o carvão vem, para eu ter um entendimento mais completo da gênese da eletricidade das linhas férreas.⁶⁸²

Ele não estava aprendendo um ofício, como pretendia, estava simplesmente sendo explorado através de sua mão-de-obra nos mesmos moldes com que o fora nos empregos fabris anteriores: "Eu estava me matando, e por nada."⁶⁸³ Sua vida se reduzira a isto, ele se tornara novamente uma "besta-de-trabalho". O'Connor escreve que "A totalidade de sua vida passou a ser dedicada a trabalhar e dormir; sem mais tempo para os livros da biblioteca, sem mais encontros com as garotas."⁶⁸⁴ Sobre a volta diária de Jack para casa, Daniel Dyer disse que "Quando o bonde se aproximou de sua parada, ele percebeu que mal conseguia ficar em pé: seus músculos enrijecidos recusavam-se a cooperar. Ele (...) caía no sono antes que sua mãe pudesse trazer-lhe sua comida."⁶⁸⁵

Concomitantemente à sua descoberta da perversa lógica de ascensão no mundo do trabalho industrial, Jack também parece ter-se dado conta do efeito colateral de seus arroubos de obstinação laboral na usina elétrica. Antes de ele começar a carregar carvão, dois homens se revezavam entre os turnos diurno e noturno para fazer o mesmo trabalho, e ganhavam quarenta dólares cada. Na sua obstinação de provar sua hombridade e resistência, Jack fez o suficiente para que sozinho equivalesse aos dois. Ele não sabia disto: o superintendente ordenou que ninguém lho dissesse e foi somente depois de um tempo que o foguista, em sussurros ao pé do ouvido, resolveu pô-lo a par do arranjo.⁶⁸⁶ De posse das novas informações ele juntou as peças e pôde ver a paisagem maior, da qual fazia parte sem saber: "Eu estava simplesmente baixando o preço do trabalho, (...) e tirando o emprego de dois homens." "(...) Eu achei que estava me tornando um eletricista. Na verdade, eu estava meramente economizando cinquenta dólares em despesas operacionais para a empresa."⁶⁸⁷

Mais uma vez a questão do trabalho se colocou a ele como uma encruzilhada, mas dessa vez a gota d'água já havia caído. Depois de ter dormido por 24 horas seguidas, Jack London concatenou suas ideias e, entre mortos e feridos, ponderou:

⁶⁸² LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 192.

⁶⁸³ Idem, ibidem, p. 200.

⁶⁸⁴ O'CONNOR, Richard. **Jack London, a biography**. op. cit. p. 57.

⁶⁸⁵ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 37.

⁶⁸⁶ O'CONNOR, Richard. op. cit., pp. 57-58; LONDON, Joan. op. cit., p. 71; KINGMAN, Russ. op. cit., p. 50; DYER, Daniel. op. cit., p. 38; KERSHAW, Alex. pp. 51-52; LONDON, Charmian. op. cit. pp. 145-146.

⁶⁸⁷ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. pp. 192-193 e p. 200, respectivamente.

Felizmente eu não fiquei naquele trabalho tempo o suficiente para me machucar, embora eu tenho tido que usar munhequeiras por um ano. O efeito que minha indulgência nessa orgia laboral teve foi tornar o trabalho repugnante para mim. Eu simplesmente não iria mais trabalhar. O simples pensar em trabalhar era repulsivo. E eu não ligava se nunca conseguisse me estabelecer.⁶⁸⁸

É virtualmente impossível ser categórico na afirmação de que esse momento, no início de 1894, representou um divisor de águas na vida de Jack London. Ele ainda precisaria se submeter a trabalhos manuais e não-qualificados por diversas vezes até tornar-se, em ponto avançado da década de 1900, o "escritor mais bem pago de seu tempo." Contudo, nos parece que uma recusa crucial fora feita, espécie de promessa que se fixou como norte de sua existência e que, ao fim e ao cabo, foi fundamental na sua formação como escritor.

Não à toa que, pouco tempo depois que o ronco das máquinas baixou o suficiente para se tornar um ruído de fundo, o chamado da aventura, do "adventure-path", como ele chamava (tão vereda concreta quanto *pathos* existencial), tornou-se imperioso. Emprestando a estrutura de uma máxima filosófica do próprio escritor, que dizia que "Intensidade e duração são antigas inimigas, como o fogo e a água. (...) Não podem coexistir",⁶⁸⁹ arriscamos dizer que liberdade e trabalho (nos moldes que até então experimentara) também não podiam coexistir. Essa máxima, nutrida da experiência e tornada axioma, orientou a decisão pela recusa.

Olhando retrospectivamente, à sombra pósteras das experiências de 1894-1895 e de 1897-1898, a viagem à bordo do *Sophie Shuterland* havia sido somente um ensaio. Na primavera de 1894 ele deixou Oakland rumo ao Leste, para suas peregrinações como vagabundo. No verão de 1897 deixou Oakland rumo ao Norte, para sua peregrinação ao Klondike. No ponto mesmo onde sua trajetória como "besta-de-trabalho" se encerrou, suas jornadas épicas e revolucionárias começavam.

III.2 O substrato material da realização literária: a economia do Oeste no século XIX

A Califórnia onde cresceu Jack London era o produto de uma evolução histórica pitoresca, profundamente entrelaçada com a chamada "conquista do Oeste Americano". Os livros que ele escreveu são herdeiros, em muitos aspectos, da literatura a que esse território havia dado azo - e que existe numa quantidade monumental, diga-se de

⁶⁸⁸ Idem, ibidem, p. 201.

⁶⁸⁹ Idem, p. 53.

passagem. Para que se possa entender como os livros de Jack London possuem valor como documentos históricos sobre o mundo do trabalho e dos trabalhadores, é preciso minimamente entender as bases materiais sobre as quais esse mundo e esses sujeitos se desenvolveram, e tal tarefa demanda que se faça, grosso modo, um apanhado histórico que permita entender de onde os anos 1870-1890 nasceram e em que pia batismal foram ungidos.

Uma sistematização da expansão territorial dos Estados Unidos mostra que o processo de incorporação de novas porções ao conjunto da superfície nacional seguiu um movimento cujo deslocamento se deu de Leste a Oeste, e que se estendeu, se excetuarmos o período pré-Independência e as possessões não-continentais, de 1776 a 1853, tendo iniciado com a revolta pela separação da Grã-Bretanha e terminada com a Compra de Gadsden (Gadsden Purchase), que trouxe as últimas fatias meridionais dos estados de Arizona e Novo México.

Se pensarmos o Oeste como o conjunto de territórios para além do Mississippi (que havia sido o marco do ermo [*wilderness*] até os primeiros anos do século XIX), essa enorme região comporta estados cujas datas de reconhecimento e incorporação oficial variam em um século: Louisiana tornou-se estado em 1812, enquanto Arizona e Novo México somente foram estabelecidos em 1912. Levar isso em consideração é reconhecer que o Oeste a cuja história a Califórnia de London pertence possuem uma heterogeneidade formativa grande, mas nos permite operar a incisão necessária a nossos propósitos analíticos, cujo pontapé inicial de constituição data da década de 1840: "A entrada do Texas na União (1845), a partilha do Oregon com a Grã-Bretanha (1846) e o Tratado de Guadalupe-Hidalgo com a Espanha (1848) introduziram um novo oeste no domínio americano e o consagraram desde então como velho oeste."⁶⁹⁰

É sobretudo a esse Oeste que nos remeteremos para entender as linhas mestras e as forças sociais e econômicas que moldaram as realidades mais estruturais e mais imediatas nas quais formou-se Jack London, trabalhador e escritor. A região da Califórnia, sobretudo, por estender-se ao longo da costa Atlântica do território dos Estados Unidos e ser a região mais ocidental do país, acabou passando à história muitas vezes chamada de Far West (Oeste Distante ou Extremo Oeste, ou a corruptela em português, Faroeste), Old West (Velho Oeste) ou mesmo de Wild West (Oeste Selvagem).

⁶⁹⁰ FOHLEN, Claude. **O Faroeste (1860-1890)**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989. p. 11.

O ano de 1845 é capital nesse processo, pois testemunhou a ascensão de James Polk à presidência dos Estados Unidos. O historiador Howard Zinn escreve que Polk, "(...) na noite de sua posse, confidenciou a seu Secretário da Marinha, que um de seus principais objetivos era a aquisição da Califórnia."⁶⁹¹ As ordens do presidente em fevereiro de 1846 foram para que as tropas marchassem até as margens do Rio Grande, reconhecido até então como fronteira nacional tanto pelos Estados Unidos quanto pelo México, e que em Matamoros fosse iniciada a construção de um forte cujos canhões estavam voltados para as casas brancas e os muros de adobe da cidade. Era uma clara provocação aos mexicanos, fundada sobre o proeminência presidencial via Executivo, herança da Democracia Jacksoniana e evidência da "Ambição Manifesta" do expansionismo proto-imperial.⁶⁹²

Não demorou muito para que as hostilidades começassem e a guerra fosse deflagrada. As escaramuças se sucederam, e confirmaram a superioridade dos recursos e da infra-estrutura estadunidense, de modo que, em 1848, assinado o armistício que assegurava a vitória *yankee*, uma grande cessão de terras por parte do México serviu como reparação/butim pelo conflito. As ambições imperiais de Polk e do Partido Democrata, fazendo frente aos impulsos expansionistas do vigoroso capitalismo nortenho, consolidaram a incorporação do território correspondente à maior parte da Califórnia.

Não foi somente a confidência sussurrada de Polk a seu secretário que evidencia seu projeto expansionista rumo ao Oeste. Uma das plataformas de sua campanha presidencial foi justamente a reincorporação do Texas à União, uma vez que o estado havia declarado sua independência em 1845, e era peça-chave da envergadura continental ambicionada por Polk. Ao lado disto, corre também a assinatura do Tratado de Bidlack-Mallarino com o Panamá em dezembro de 1846, alguns meses depois do início do conflito com o México, "(...) o qual estabelecia os Estados Unidos como o garantidor de livre e ininterrupto transporte pelo istmo. (...) Em troca, (...) ficava assegurado o acesso de passageiros e cargas estadunidenses à rota de trânsito".⁶⁹³ Antes mesmo do desfecho do conflito, uma das principais rotas para a Califórnia, e que seria largamente utilizada durante a Corrida do Ouro, já estava pavimentada.

⁶⁹¹ ZINN, Howard. **A people's history of the United States**. op. cit. p. 147

⁶⁹² PINHEIRO, John C. Chapter 1 - Jacksonian America and the Coming of the Mexican War. In: _____. **Manifest Ambition: James K. Polk and civil-military relations during the Mexican War**. Westport: Praeger Security International, 2007. pp. 7-34.

⁶⁹³ MCGUINNESS, Aims. **Path of Empire - Panama and the California Gold Rush**. Ithaca: Cornell University Press, 2008. pp. 29-30.

Há também, com uma coincidência bastante impressionante, a famosa descoberta de James Marshall em agosto de 1847, quando em meio aos trabalhos de escavação para as fundações de um moinho na terra de John Sutter, as primeiras pepitas de ouro de aluvião foram encontradas. Chamamos aqui a atenção não para a descoberta em si, como evento isolado, mas para o fato de que a informação foi incorporada como tema central da mensagem anual do presidente para o Congresso, à 5 de dezembro do mesmo ano: "Polk acolheu as novas como justificativa para sua política pela cessão territorial mexicana. Como evidência, ele citou o relatório de um capitão do exército declarando que havia ouro suficiente na Califórnia para pagar os custos da guerra mexicana 'mais de cem vezes.'"⁶⁹⁴

O discurso do presidente foi repercutido com rapidez por uma imprensa recentemente ampliada e barateada (a *penny press*), desencadeando um frenesi migratório sem precedentes na história da jovem nação. O historiador estadunidense Richard Stillson, autor de um exaustivo estudo sobre a disseminação de informação sobre a Corrida do Ouro nas décadas de 1840-1850, afirma que a partir de dezembro de 1848 muito material foi produzido sobre o Oeste e sobre como chegar à Califórnia (sobretudo a Coloma, onde Marshall havia feito sua descoberta) e que a credibilidade das informações contidas nesse material, ou a falta dela, era uma questão central.⁶⁹⁵

Alguns relatórios de expedições militares oficiais e de incursões não-oficiais, como os de John Frémont (1842-1845) e de Francis Parkman (1847), por exemplo, foram usados na confecção dessa volumoso manancial de publicações. Esses relatórios, segundo Van Wyck Brooks, eram "magnéticos e cheios de vida e poesia",⁶⁹⁶ e contribuíram para que, entre fato de pouca credibilidade e ficção imaginosa, o Oeste se apresentasse rapidamente como uma grande oportunidade, uma grande "terra virgem" que, segundo Henry Nash Smith, ganhou contornos "míticos" na imaginação estadunidense - novo capítulo do mito que remonta ao século XVIII e à administração de Thomas Jefferson, segundo o historiador.⁶⁹⁷

O êxodo alimentou-se fartamente disto, afirma ainda Brooks, pois os relatórios dessas expedições "(...) eram discutidos e lidos em milhares de fazendas, em lojas do

⁶⁹⁴ VAUGHT, David. **After the Gold Rush: tarnished dreams in the Sacramento Valley**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2007. p. 3.

⁶⁹⁵ STILLSON, Richard Thomas. **Spreading the word: a history of information in the California Gold Rush**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2006.

⁶⁹⁶ BROOKS, Van Wyck. **O tempo de Melville e Whitman**. Tradução de Alberto da Costa e Silva e Luiz Carlos do Nascimento Silva. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1954. p. 91.

⁶⁹⁷ SMITH, Henry Nash. **Virgin land - The American West as symbol and myth**. op. cit.

interior, em bares e em clubes a leste do Mississippi."⁶⁹⁸ Stillson corrobora isto quando diz que "Essas histórias sobre os exploradores das montanhas [*mountain men*] eram muito populares, e os que tomaram parte na corrida do ouro provavelmente as leram; os romances devem ter reforçado a ideia de que indivíduos podiam conquistar o ermo se tivessem as habilidades, o conhecimento e a coragem de fazê-lo."⁶⁹⁹

Em meio a esse curioso *state of affairs*, entre ambições econômicas expansionistas e a edição de um novo Oeste a intoxicar as mentes de muitos aventureiros em busca de lucro mirífico, a Califórnia tornou-se o destino do êxodo e o volume da migração atingiu números estratosféricos. Don Fehrenbacher escreve que "No final do ano de 1848, por volta de dez mil homens estavam escavando e procurando por ouro na Califórnia, e esses eram apenas a vanguarda de outras iminentes hostes."⁷⁰⁰ David Vaught, confirmando a observação de seu colega, escreve que em 1849 quarenta mil homens já haviam sido infectados pela "febre do ouro" e reviravam o solo californiano.⁷⁰¹ E os dois historiadores, ao lado de Robert Cleland e Glenn Dumke, se apóiam nos dados fornecidos tanto pelo Sétimo Censo dos Estados Unidos de 1850 quanto pelas estimativas do California State Mining Bureau de 1852, para afirmar que esses números cresceram vertiginosamente e chegaram ao seu pico em 1852, quando cem mil homens palmilharam a Califórnia, sobretudo sua parte setentrional, em busca de ouro.⁷⁰²

O historiador estadunidense Brian Roberts, com uma boa dose de sarcasmo, escreve que a Corrida do Ouro e o processo de ocupação da Califórnia foi composto de "partes iguais de epopeia democrática e devassidão ébria".⁷⁰³ Não é difícil compreender o comentário do historiador, considerando os vários relatos que se produziram sobre a saga dos homens que deixaram as porções orientais dos Estados Unidos para se lançar na Corrida do Ouro, desde muito cedo chamados de Argonautas. As esperanças que muitos dos *forty-niners* nutriam eram de prosperidade, e de uma prosperidade mais

⁶⁹⁸ BROOKS, Van Wyck. **O tempo de Melville e Whitman**. op. cit. p. 91.

⁶⁹⁹ STILLSON, Richard T. **Spreading the word: a history of information in the California Gold Rush**. op. cit. p. 9.

⁷⁰⁰ FEHRENBACHER, Don Edward. **A basic history of California**. Princeton: D. Van Nostrand Company, 1964. p. 33.

⁷⁰¹ VAUGHT, David. **After the Gold Rush: tarnished dreams in the Sacramento Valley**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2007. p. 4.

⁷⁰² FEHRENBACHER, Don Edward. **A basic history of California**. op. cit. p. 34.; VAUGHT, David. **After the Gold Rush: tarnished dreams in the Sacramento Valley**. op. cit. p. 5.; CLELAND, Robert G.; DUMKE, Glenn S. **From wilderness to Empire - A history of California**. New York: Alfred A. Knopf, 1959. pp. 134-136.

⁷⁰³ ROBERTS, Brian. **American alchemy - The California Gold Rush and the middle-class culture**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2000. p. 4.

"livre", no sentido de que eram menos demarcados pela estrutura econômica que se cimentava cada vez mais no Norte manufatureiro de costumes puritanos (de onde veio a maior parte dos migrantes), e prometiam condições em que o indivíduo pudesse melhor tirar proveito de suas habilidades e obstinação. Ao mesmo tempo, a sociedade que se formou na Califórnia, sobretudo em San Francisco, era uma em que a bebida e a jogatina se faziam intensamente presentes, em que quantidade de dinheiro despendida nesses hábitos não deixou de surpreender observadores como Bayard Taylor e Horace Greeley, bem como alimentar as figuras folclóricas dos *forty-niners* cultivadas pela literatura de um Bret Harte e de um Mark Twain.

O jocoso comentário de Brian Roberts, portanto, contém um fundo histórico de verdade, um que nos ajuda a entender as fundações materiais e os mecanismos internos da literatura que Jack London veio a produzir algumas décadas mais tarde. Pelos espasmos que participaram de sua construção, o Oeste das últimas décadas do XIX alimentava um modo de vida cuja dinâmica só pode ser satisfatoriamente entendida se levar-se em consideração os extremos e as discrepâncias que concedem concretude ao comentário de Roberts: ainda a receber os eflúvios de autonomia aventureira do passado, promissora de prosperidade e liberdade, mas confrontando-se diariamente com o cerceamento dela mesma pelas forças econômicas em consolidação.

Com uma diferença crescente do avanço da fronteira ocidental até aquele momento, o Far West possuía um chamariz mais sedutor, a promessa do ouro e da fortuna fácil, uma vez que as pepitas que Marshall encontrara (e que foram expostas como evidência do discurso do presidente Polk) eram de aluvião, e como tal podiam ser extraídas com razoável facilidade, sem grandes custos. A isso, em grande medida, se atribui a migração desordenada e acelerada, e foi isto também a raiz da peculiaridade da sociedade e da economia que se formaram na Califórnia.

Aludimos a esses fatos por serem eles cruciais para entender o caráter de imprevisto e experimentação, "tentativa-e-erro" mesmo, com que muito do modo de vida das décadas posteriores à de 1840 se deu, e como esses traços concorreram para a consolidação de um senso de autonomia e liberdade individual que teve participação central nas tradições e nas expectativas (na "aparelhagem mental", para usar um termo caro a Lucien Febvre) do mundo do trabalho e dos trabalhadores *westerners* das décadas finais do século XIX. A natureza incerta da empreitada extrativa e migratória, a ausência de um esforço mais institucionalmente coordenado de ocupação, bem como a patente precariedade das condições gerais de vida no Oeste fizeram desse inflado

processo migratório uma experiência histórica muito peculiar na evolução dos Estados Unidos - uma que foi particularmente aventureira, conforme buscamos argumentar, e que desempenhou um papel capital nos liames da formação histórica de sua sociedade e cultura.

Um dos primeiros aspectos em que isto se evidencia é na migração para o Oeste. Quando da Corrida do Ouro, três eram as possíveis formas de deixar a costa Atlântica e chegar à costa Pacífica: contornando o continente americano e cruzando o cabo Horn; por meio da travessia do Panamá; e por terra, numa jornada de envergadura continental (chamada de "overland journey"). Os *forty-niners* de cepa norte-americana tiveram que enfrentar um desses três modos de travessia. O contorno pelo cabo Horn não foi tão utilizado quanto os outros métodos, uma vez que demandava maior paga e era de todos o que mais tempo exigia em média: a viagem poderia durar de quatro a seis meses, a depender das condições naturais. A travessia por terra tomava em média quatro meses, mas era possível somente se o inverno não a interceptasse, pois as Montanhas Rochosas eram um obstáculo intransponível na temporada fria. O trajeto do Panamá, por sua vez, podia ser completado em seis semanas, mas demandava quantias menos moderadas para ser empreendido.⁷⁰⁴

A travessia do Panamá não era direta, e era complicada por diversos fatores. Os passageiros das embarcações que deixavam a costa Atlântica dos Estados Unidos chegavam ao porto de Chagres, onde tinham de desembarcar a uma milha da costa por conta das águas rasas do porto, e então ser conduzidos à terra por pequenos barcos à vela ou por canoas. Lá chegando, seguiam pelo rio em canoas, e pela floresta em lombo de mula, até chegarem à cidade do Panamá, onde embarcavam para o porto de San Francisco. Uma das incertezas se dava pelo sistema dentro do qual estava organizado esse transporte: os migrantes "(...) passavam por vários estágios até chegar à costa Pacífica, cada um dos quais controlado e operado por um grupo distinto de trabalhadores, muitos deles também proprietários dos meios de transporte, inclusive das mulas e das canoas". Ou seja, "Não se podia comprar passagens diretas para cruzar o Panamá."⁷⁰⁵

Bayard Taylor, repórter que fez a travessia para a Califórnia em 1849, para cobrir a Corrida do Ouro para o jornal *The New York Tribune*, escreveu sobre a

⁷⁰⁴ ONSGARD, Bethany. **Life during the California Gold Rush**. Minneapolis: Core Library, 2015. pp. 8-10; McGUINNESS, Aims. **Path of Empire - Panama and the California Gold Rush**. op. cit. p. 32.

⁷⁰⁵ McGUINNESS, Aims. **Path of Empire - Panama and the California Gold Rush**. op. cit. p. 33 e p. 34, respectivamente.

passagem pelo Panamá. Ele resume aqueles cinco dias do seguinte modo: "decididamente mais inédita, grotesca e aventureira do que qualquer viagem de mesma duração em todo o mundo."⁷⁰⁶

Os textos de Taylor sobre o cruzar do istmo oscilam entre um maravilhar-se com a natureza tropical exuberante, e a temor diante dos perigos envolvidos na jornada, sobretudo em relação às doenças e ao clima quente e úmido. Como quando à bordo da canoa: "O sol fazia arder as margens pantanosas e visões da febre amarela vinham à mente dos viajantes mais tímidos." Ou quando encontram um viajante pestilento e cadavérico à beira da trilha no meio da floresta tropical: "Estávamos alarmados; era impossível parar no meio da floresta pantanosa, e igualmente impossível abandoná-lo ali (...). A única coisa que carregávamos e que tinha algum parentesco com remédio era uma garrafa de clarete."⁷⁰⁷ Ou, ainda, quando a mata densa se descortina àquele estrangeiro vindo dos rigorosos climas setentrionais:

Não há nada no mundo comparável a essas florestas. Nenhuma descrição que eu tenha lido dá conta de transparecer a esplêndida abundância vegetal dos trópicos. O largo rio segue com a suave corrente da mais doce água que já bebi, e o vento sopra entre as paredes de folhas que nascem de sua superfície. Todos os produtos desse eterno verão estão tão grandiosamente amalgamados numa única e impenetrável massa, que os olhos ficam desconcertados. (...) Como ocorre no oceano, tem-se mais um senso do que uma percepção clara de beleza.⁷⁰⁸

Os riscos ameaçadoramente letais se misturam com as observações potencialmente transcendentais, fazendo nascer uma experiência que encontrou eco em muitos relatos dos que realizaram a travessia para o Oeste, qualquer que fosse o meio utilizados pelos migrantes. As impressões colhidas por Taylor fazem questão de ressaltar os perigos encontrados e os riscos corridos, como que a sublinhar a astúcia incomum do narrador em tê-las enfrentado, singularizando-o e esculpindo também suas feições. Ao lado destas, costuma correr certa narrativa de encantamento, de deslumbramento, que concorre para deixar marcas mais, digamos, espirituais no narrador e encher os olhos e sobretudo a imaginação dos leitores. Empreender uma viagem como esta era colocar-se a descoberto de certas garantias e proteções proporcionadas pela vida nas demarcações da "civilização", e nesse sentido, especialmente dentro da cultura acentuadamente individual e pragmática da sociedade

⁷⁰⁶ TAYLOR, Bayard. *Eldorado or Adventures in the path of Empire*. 8ª ed. New York: George P. Putnam & Company, 1857. p. 25.

⁷⁰⁷ Idem, ibidem, p. 12 e p. 24, respectivamente.

⁷⁰⁸ Idem, p. 14.

estadunidense, tratava-se de um "pôr-se à prova", um "testar-se". O lançar-se em direção à fronteira que, senão material, ao menos simbolicamente, marcava o umbral da civilização e o início do ermo (da *wilderness*, na linguagem estadunidense) era uma atividade que exigia uma disposição algo similar àquelas obstinação e astúcia que anteriormente dizemos ser um dos valores laborais celebrados por Sherwood Anderson em sua literatura.

Os relatos que se debruçam sobre a experiência de alcançar o Oeste por via terrestre são ainda mais expressivos nesses aspectos que aqui ressaltamos. O próprio Bayard Taylor, que retornou a Nova York por terra e que conheceu e entrevistou muitos dos homens que fizeram essa travessia, fala sobre esses relatos:

As histórias de suas aventuras soavam ainda mais maravilhosas que qualquer coisa que eu tenha lido ou ouvido falar desde meu contato juvenil com Robinson Crusoé (...). Tomando-as como a experiência média de trinta mil migrantes que no ano passado [1849] cruzaram as Planícies, essa Cruzada da Califórnia mais do que iguala as grandes expedições militares da Idade Média em termos de magnitude, perigo e aventura. O quinhão de sofrimento enfrentado nas passagens selvagens dessas montanhas e nos desertos pelados do interior não pode ser posto em palavras.⁷⁰⁹

Como a notícia do ouro, pela natureza própria do ofício e pelas condições gerais da extração, exigia uma decisão praticamente instantânea e uma disposição quase espasmódica de pôr-se à caminho do Oeste, muitas vezes era sem uma noção segura das circunstâncias da jornada que muitos homens desabalavam pela trilha da Califórnia. Esse despreparo favorecia o estado de desamparo em que muitos acabavam por se colocar, conforme explicam Cleland e Dumke:

A completa inexperiência [*dos que partiam*], agravada em muitos casos pela falta de bom senso, levou muitos migrantes a iniciar a longa jornada terrestre com uma massa de equipamentos volumosa e mal escolhida, grande parte da qual tinha de ser abandonada ao longo do caminho.⁷¹⁰

Ajuntando-se a isto o fato de que os caminhos para o Oeste ainda eram muito rústicos, sendo constituídos basicamente de trilhas em meio à natureza selvagem, e têm-se os ingredientes para entender porque as narrativas sobre a travessia para o Oeste são quase sempre histórias de privação, de resistência às intempéries, e de enfrentamento contra uma natureza deslumbrante mas impiedosa, nas quais o senso de auto-preservação individual era constantemente acionado a cada nova ameaça que se descortinava.

⁷⁰⁹ Idem, p. 47.

⁷¹⁰ CLELAND, Robert G.; DUMKE, Glenn S. **From wilderness to Empire - A history of California.** op. cit. p. 129.

Os escritos de G.W. Thissel, que empreendeu a jornada à Califórnia em março de 1849, dizem que mesmo antes de cruzar o Mississippi e chegar ao Missouri, espécie de posto avançado da "civilização" àquela altura, muitos homens acabavam desistindo das promessas sombrias da viagem: "Durante as semanas de atraso [*do barco com que transportam o rio*], a cólera e a febre do inverno deram as caras, e muitos adoeceram e morreram. Outros, cansados das provações e da dureza já enfrentadas, venderam seus pertences e voltaram para casa."⁷¹¹

Mesmo os escritos oriundos da travessia do Coronel John Charles Frémont, homem de trato militar, que cruzou o território estadunidense rumo a Califórnia entre 1842-1845, revelam os traços árduos da jornada comuns aos relatos dos migrantes posteriores, contaminados pela "febre do ouro" do final dos anos 1840. Ele escreve, sobre o túmulo rústico erigido para um explorador caído havia pouco tempo:

Ele foi enterrado aqui, próximo da margem; mas, como é comum, os lobos o desenterraram, e alguns dos ossos que jazem no chão são supostamente seus. As alcatéias que permaneceram ao largo dos búfalos mantiveram uivo ininterrupto durante a noite, aventurando-se muito próximo de nosso acampamento.⁷¹²

Ao lado dos lobos, que nem aos mortos dão descanso, também a travessia de um rio pode revelar-se um obstáculo perigoso: "Com exceção de somente alguns pontos secos, o leito do rio é geralmente formado de areia movediça na qual as carroças afundam rapidamente, assim que as mulas param. Por conta disso, é necessário mantê-las em constante marcha."⁷¹³ E algo similar se dava com a temida presença dos índios, que de tão constante já parecia não ser capaz de abalar os nervos do coronel:

Havia uma carga galopante de batedores e cavaleiros, vindo de todos os lados - uma corrida e uma algaravia que iam e vinham. Os rifles foram tirados dos coldres e as bolsas de chumbo examinadas: dentro em pouco um grito de 'Índios!' foi escutado novamente. Eu me tornara tão acostumado a esses alarmes que eles já não causavam senão pequeno alvoroço em mim⁷¹⁴

As impressões coletadas e descritas por Francis Parkman, que cruzou o continente pela trilha do Oregon em 1847, são em grande medida similares às trazidas

⁷¹¹ THISSEL, G.W. **Crossing the plains in '49** [1903]. Disponível em <<https://ia800309.us.archive.org/23/items/crossingplainsin00this/crossingplainsin00this.pdf>> Acesso em 30 maio 2018.

⁷¹² FRÉMONT, John Charles. **The exploring expedition to the Rocky Mountains, Oregon and California** (revised edition). Auburn: Derby and Miller, 1854. pp. 24-25.

⁷¹³ Idem, ibidem, p. 25.

⁷¹⁴ Idem, p. 51.

por Frémont, como quando fala sobre os perigos e obstáculos que se encontram no caminho dos aventureiros que aceitarem empreender a marcha para o Oeste:

Essa noite nós desfrutamos de um serenata feita pelos lobos, mais vívida do que qualquer outra com que eles nos tivessem brindado até então. E os seresteiros apareceram pela manhã, a poucas jardas de nossas tendas, calmamente sentados entre os cavalos e nos observando com seus grandes olhos cinzentos.⁷¹⁵

Tão bravia era a natureza que se interpunha entre o Leste e o Oeste, que Parkman chega às raias da cômico pitoresco quando descreve seus esforços para tentar encontrar algum lugar onde ele e seus companheiros pudessem se banhar. Quando avista um riacho que pensa poder servir aos seus propósitos, é logo desmentido pela exuberância, entre bucólica e temerosa, do ermo:

Uma enorme rã-touro verde [*bull-frog*] proferiu um coaxo indignado e pulou da margem com um sonoro espadanar na água. (...) Algumas rãs menores seguiram o exemplo da matriarca. Três tartarugas, não maiores que uma cédula de dólar, deixaram o largo lírio-d'água onde até então estiveram repousando. Enquanto isso, uma cobra, alegremente listrada de preto e amarelo, deslizou da margem e serpentou até o outro lado do rio. Uma pequenina poça estagnada, onde meu pé havia inadvertidamente empurrado uma pedra, se encheu instantaneamente de vida com uma congregação de girinos.⁷¹⁶

De modo similar aos escritos de Frémont, Parkman comenta sobre os desafios de se locomover nos terrenos rústicos que se estendem desde as margens do Mississippi até as porções ocidentais de Sierra Nevada:

Lá estava a carroça, atolada até os eixos na lama, afundando mais e mais a cada instante. Não havia nada a fazer senão descarregá-la, cavar na lama um trilho na frente das rodas, e então pavimentá-lo com galhos e folhas. Findo esse agradável trabalho, a carroça podia então emergir do lamaçal. Como esse tipo de interrupção se deu de quatro a cinco vezes por dia nas últimas duas semanas, nosso progresso (...) não foi desprovido de obstáculos.⁷¹⁷

Mesmo o editor do *The New York Tribune*, Horace Greeley, que empreendeu sua jornada terrestre para a Califórnia em 1859, não deixou de mencionar os perigos escondidos ao longo do trajeto, como atropelamentos por manadas de búfalo, o espreitar sorrateiro do lobo-cinzento e do lobo-das-pradarias, os ataques dos índios Pawnee e Sioux, as temíveis cascavéis etc.⁷¹⁸

⁷¹⁵ PARKMAN, Francis. **The Oregon Trail**. 4ª ed. New York: Ginn and Company, 1910. p. 28.

⁷¹⁶ Idem, ibidem, pp. 36-37.

⁷¹⁷ Idem, p. 26.

⁷¹⁸ GREELEY, Horace. **An overland journey from New York to San Francisco in the Summer of 1859**. New York: C.M. Saxton, Barker & Company, 1860. p. 85, pp. 92-94 e p. 95, respectivamente.

As observações de Greeley estavam muito mais voltadas a encontrar os traços de "civilização" do ermo, antes dos aspectos notadamente selvagens ou rústicos de sua constituição. A dicção do editor, carregada daquele clássico *boosterism*⁷¹⁹ empreendedor da cultura estadunidense, não se cansa de fazer a apologia da perseverança adaptativa dos pioneiros, e está sempre atenta ao potencial comercial das pastagens de *buffalo-grass* das Grandes Planícies ou das capacidades hidráulicas desse ou daquele córrego ao longo das pradarias centrais. Apesar do crescendo entusiástico que essa lente de observação concedeu aos escritos de Greeley, ele não pode deixar de chamar a atenção para os obstáculos impostos pela natureza, como quando da entrada na porção desértica da jornada, para além das Rochosas:

Nós não passamos por uma única gota de água corrente em toda a cavalcada matinal, e por somente alguns pequenos atoleiros e buracos erodidos no leito de riachos ressequidos. (...) Até mesmo os animais nos desertaram. (...) Eu não encontraria correspondência entre essas paragens e qualquer outra parte do país, em termos de desolação.⁷²⁰

Willa Cather, cujas obras costumavam tomar a vida nesse ermo como ambiente e como dínamo dramático, contou a história do padre Latour em *A morte vem buscar o arcebispo*, de 1927, personagem inspirado num missionário francês que fora nomeado responsável pela diocese californiana no século XIX. A romancista assim escreve, sobre as condições de existência do Oeste:

Um europeu dificilmente poderia conceber tais privações. Os países velhos estão afeiçoados à imagem da natureza convertida numa vestidura, numa espécie de segundo corpo para o homem. Neles, as ervas e os frutos silvestres, e os cogumelos das florestas, eram comestíveis. Os arroios tinham água potável, as árvores propiciavam sombra e abrigo. Mas nos desertos alcalinos, os poços d'água eram venenosos e a vegetação não oferecia nada a um homem que estivesse morrendo de inanição. Tudo era ressequido, espinhento, saibroso: iúca, junípero, *greasewood*, cactus; o lagarto, a cascavel - o homem tornado cruel por uma vida cruel. (...) Certamente suportavam eles Fome, Sede, Frio e Nudez de uma espécie que ultrapassava todas as concepções que São Paulo e seus irmãos pudessem ter tido.⁷²¹

Como se pode ver, há uma forte proximidade entre os relatos no que tange ao ressaltar as dificuldades, sobretudo materiais e naturais, que a jornada para o Oeste continha, fosse porque em termos concretos isso era uma realidade, fosse porque em termos culturais e subjetivos, assim ela foi enxergada e interpretada pelos que a

⁷¹⁹ Trata-se do comportamento entusiasticamente industrioso e voluntarista que mais tarde seria satirizado por Sinclair Lewis em seus livros, tanto em *Main Street* (1920) quanto em *Babbitt* (1922).

⁷²⁰ GREELEY, Horace. **An overland journey from New York to San Francisco in the Summer of 1859**. op. cit. pp. 99-100.

⁷²¹ CATHER, Willa. **A morte vem buscar o arcebispo**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1968. p. 203.

empreenderam. A existência desses obstáculos vem de encontro ao realce do auto-sacrifício dos indivíduos que se lançaram à travessia, bem como da teimosia e da resistência que eles costumavam manifestar - tão afeita à obstinação da ideologia liberal que impregna a cultura estadunidense dos Oitocentos.

Não é difícil encontrar simetria semelhante a respeito do deslumbramento pela natureza, que com frequência desperta um sentimento como que de engrandecimento subjetivo, que fez esses viajantes experimentarem certo ardor espiritual e emocional, levando-os à transcendência em vários casos. De certo modo, a natureza dos colossais descampados do bioma estadunidense, com longas extensões planas e amplos céus abertos, oferecem uma régua para a estatura do homem, ora a servir de parâmetro para sua pequenez no grande esquema das coisas, em suas coordenadas mais pragmáticas; ora como escopo para sua reflexão introspectiva, em seus arroubos mais transcendentais. Os bucólicos planos abertos das pinturas da Hudson River School, de um lado, e os ensaios de Walt Whitman sobre o *self*, de outro, encontram-se entretecidas numa textura sentimental irmanada à dos cronistas da travessia, reverberando também no estado de espírito que, em *My Antonia* de 1918, toma conta de um dos personagens de Willa Cather que se movia para o Oeste: "Entre aquela terra e aquele céu eu me senti apagado, mero borrão. Eu não disse minhas preces naquela noite: aqui, senti eu, o que fosse para ser, havia de ser."⁷²²

Algo parecido ocorre ao juntar-se o supramencionado trecho de Bayard Taylor sobre a floresta tropical com as linhas em que Francis Parkman, filho de um clérigo metodista, descreve as pradarias:

Se algum de meus leitores chegar a visitar as pradarias (...) posso assegurá-lo que não é necessário pensar muito para perceber ter entrado no paraíso da imaginação. (...) O cenário é manso, gracioso e agradável. Aqui todos os desníveis se aplainam, numa extensão ampla demais para que os olhos a possam medir (...). Seja o leitor quão entusiástico quizer, aqui há de encontrar o suficiente para ultrapassar seu ardor.⁷²³

Uma sintonia entre a maravilha da paisagem exterior e o "ardor" e a "imaginação" interiores se estabelece, apelando para algo de solene. Mesmo o objetivo e protocolar James Abbey, que cruzou o território rumo à Califórnia na primavera de 1850, descreveu a passagem pelo acidentado terreno rochoso próximo de Sierra Nevada com inspiração transcendente: "Aqui a passagem é tão estreita e profunda que os raios

⁷²² CATHER, Willa. *My Antonia*. Disponível em <<https://www.gutenberg.org/files/242/242-h/242-h.htm>> Acesso em 2 maio 2018.

⁷²³ PARKMAN, Francis. *The Oregon Trail*. op. cit. pp. 28-29.

de sol nunca chegam ao seu fundo. A cena é grandiosa, mas, ao mesmo tempo, solene e solitária, de um modo que chega a doer contemplá-la."⁷²⁴

Nas cercanias da Califórnia, depois de vencidos os cumes e passagens da Sierra Nevada, num ponto bastante próximo daquele em que se encontrava Abbey quando fez aquelas anotações em seu diário, Francis Parkman escreveu sobre a paisagem que se descortinava: "Essas são as planícies do poeta e do romancista."⁷²⁵

Horace Greeley, mesmo tendo sido o homem prático e objetivo que foi, foi tomado por encantamento venerando em meio à vegetação exuberante do Yosemite, já em paragens californianas, buscando nas mitologias velho-mundistas as referências para descrever seu estado de espírito estupefato:

(...) minha mente vacilante se recordou de contos alemães sobre elfos e caçadores mitológicos, que falavam de homens que, aceitando os convites para caçadas noturnas, descobriam em seu retorno que haviam caçado por eras, e que todos os seus amigos e familiares haviam morrido, e que ninguém mais os reconhecia.⁷²⁶

O feérico e o terrível andando lado a lado, e se sucedendo, bem como a transcendência e a provação material. Algo similar encontra-se no relatório de John Frémont, escrito mais de uma década antes, no qual a escalada a um dos cumes das Montanhas Rochosas é primeiro descrito assim: "Uma quietude profunda e uma solidão terrível, características destacadas dali, acossavam nossas mentes o tempo todo", e depois do seguinte modo: "Nós havíamos escalado o pico mais elevado das Montanhas Rochosas. Enquanto olhávamos para a neve a mil pés abaixo de nós, onde nenhum ser humano havia posto os pés antes, sentimos a exultação de primeiros exploradores."⁷²⁷

Uma das melhores sínteses do sentimento de transcendência envolvido no desbravamento do ermo talvez esteja nas linhas de Eliza Farnham, que viveu nas pradarias nos anos 1840 e que produziu um robusto relato sobre a experiência. Sobre a imensidão das paisagens naturais, traço que praticamente todos os relatos ressaltam nalgum momento (ora nas pradarias, ora nas planícies, ora nas florestas), Eliza Farnham comentou, com a típica dicção puritana que nela encontrava grande expressão:

⁷²⁴ ABBEY, James. **A trip across the Plains in the Spring of 1850**. New Albany: Kent, Norman & Nunemacher Publishers, 1850. p. 38.

⁷²⁵ Idem, *ibidem*, p. 344.

⁷²⁶ GREELEY, Horace. **An overland journey from New York to San Francisco in the Summer of 1859**. op. cit. p. 305.

⁷²⁷ FRÉMONT, John Charles. **The exploring expedition to the Rocky Mountains, Oregon and California**. op. cit. p. 103 e p. 105, respectivamente.

Abençoada seja a natureza - bela e iluminadora natureza! Abençoados sejam os mil artifícios pelos quais ela apela para nosso amor e nossa reverência. (...) E três vezes abençoada e adorada seja a sabedoria que nos permitiu contemplar tudo isso, e fazer parte de seu ser, de sua beleza e de seu poder. O majestoso silêncio (pois a rica música da natureza é o silêncio que harmoniza com a alma) no qual, e somente no qual, essa emoção pode viver, é profundo nas planícies escuras que nos rodeiam.⁷²⁸

O crítico literário Kay S. House construiu volume inteiro selecionando escritos em que realidade e mito, desviando para a transcendência e para a introspecção, demonstram o potencial épico desse contato com a natureza. Segundo ele, trata-se de um "um lirismo entrecortado pela dúvida",⁷²⁹ ou, adaptando, um lirismo entrecortado pela ambiguidade, já que a provação material e a resiliência subjetiva costumam se articular numa potencial cadeia de 'causa-consequência', embora distem em termos de experiência emocional.

No estudo que prefacia a caudalosa seleção de escritos literários de escritores estadunidense sobre a fronteira, Philip Durham e Everett Jones oferecem uma chave para esse sentimento:

Para os norte-americanos, a fronteira tem sido desde sempre um símbolo ambivalente. Ela foi considerada uma fonte de liberdade e um lugar de perigo; um estimulante desafio mas também a causa para sofrimento e exaustão; ocasião para heroísmo mas também para racismo, sadismo e brutalidade (...). A fronteira foi idealizada como manancial de saúde, vitalidade e nobreza; mas também condenada por ser rude, feia e bárbara.⁷³⁰

Sem que precisemos decair para a cantilena heróica sobre o pioneirismo estadunidense no desbravar das pradarias, planícies, desertos e montanhas (do homem branco e de origem anglo-saxã, muitas vezes), podemos constatar que um árduo embate com a natureza constituiu parte crucial da experiência de formação da economia, do mundo do trabalho, do modo de vida e da sociedade californiana. A rota terrestre para o Oeste era formada de alguns poucos trechos de estradas de ferro (basicamente até o rio Mississippi), algumas poucas vias navegáveis (os principais rios passíveis de ajudar iam no máximo até as Montanhas Rochosas, diz Fohlen),⁷³¹ e o restante do trecho tinha de ser vencido em lombo de cavalo ou mula, ou à bordo das famosas diligências (stagecoaches). E cabe lembrar que entre a escarpa central das Rochosas, cuja passagem é ponto nodal de toda a literatura de viagem dos Estados Unidos, e a Sierra Nevada,

⁷²⁸ FARNHAM, Eliza. **Life in Prairie land**. New York: Harper & Borthers Publishers, 1846. p. 205.

⁷²⁹ HOUSE, Kay S. (org.) **Reality and myth in American literature**. Greenwich: Fawcett Premier Books, 1966. p. 15.

⁷³⁰ DURHAM, Philip; JONES, Everett L. (orgs.). **The frontier in American literature**. New York: The Odyssey Press, 1969. p. 1.

⁷³¹ FOHLEN, Claude. **O Faroeeste (1860-1890)**. op. cit. pp. 22-26. ('As vias navegáveis')

espécie de farol natural que indica a esperada proximidade da costa Pacífica, o trajeto é em larga medida o cruzar de um deserto - o "Great American Desert", conforme o título que lhe concedeu o major Stephen Long, quando de sua expedição à região nos anos 1810-1820.⁷³²

Entre a chegada dos *forty-niners* e a formação mais robusta de uma classe trabalhadora de moldes modernos, produto das últimas décadas do século XIX, não muito mais do que uma geração se passou, o que implica reconhecer que a travessia para o Oeste e o caudal de tradições e costumes que ela fomentou ainda se faziam sentir na textura material e cultural da Califórnia de Jack London. Conhecidos *frontiersmen* como Kit Carson, Jim Bridger, John Rosse Browne e o próprio Frémont, o velho John Sutter, e os próprios *forty-niners* (e isso sem contar os diversos veteranos da Guerra Mexicano-Americana que receberam terras californianas como recompensa ou como butim)⁷³³ estavam vivos ou só há pouco tempo haviam perecido quando os monopólios começaram a delimitar as fronteiras da estratificação econômica de forma mais sistemática. Por mais avassalador que tenha sido o crescimento e a modificação das feições urbanas de San Francisco ao longo dos anos 1840-1890, esse pólo magnético do Oeste estadunidense e pivô da expansão ferroviária e da industrialização monopólica, Van Wyck Brooks garante que desbravadores como Frémont e Parkman, bem como os "homens da montanha que eles encontraram (...) [*se tornaram*] lendários nas regiões colonizadas."⁷³⁴

Argumentamos aqui que o aspecto aventureiro e improvisado desse avanço sobre o Oeste, ancorado na experimentação empírica da rusticidade econômica de um lado, e na liberdade individual proporcionada pela dispersão social e institucional de outro, deixaram marcas consideráveis no mundo do trabalho californiano, vindo a desempenhar um papel importante na percepção daqueles trabalhadores, herdeiros desse êxodo. Os perigos naturais da travessia naqueles tempos pré-ferrovia transcontinental contribuíram para que, adicionado à extração cultural atlântica ou *midwestern* dos migrantes, um senso de individualidade acentuado se desenvolvesse, concatenando esforços de auto-preservação com uma exótica experiência algo espiritual. Esses eram frequentemente catalisadores de uma projeção do sujeito como unidade fundamental

⁷³² HOLLON, Eugene William. **Great American Desert then and now**. New York: Oxford University Press, 1966.

⁷³³ ROBINSON, W.W. **Land in California**. Berkeley: University of California Press, 1948. pp. 59-72. (Chapter VI - Gifts of land)

⁷³⁴ BROOKS, Van Wyck. **O tempo de Melville e Whitman**. op. cit. p. 92.

sobre um grande e ameaçador pano de fundo representado pela natureza e suas provações.

Um tanto paradoxalmente, o senso de individualidade e de resiliência individual gestados ao longo da travessia para o Oeste constituíam uma coletiva "estrutura de sentimentos", para usar a expressão de Raymond Williams. Esta se oferecia como inércia de tradição: era vivida como processo, mas dependia de encarnar-se *de facto* como conteúdo das relações sociais no Oeste, o que implica reconhecer que ela teve que encontrar condições materiais para que pudesse vingar e ser tomada como herança. A economia, o mundo do trabalho e as circunstâncias gerais da existência na Califórnia e no Oeste entre as décadas de 1840-1870 forneceram essas condições, como veremos.

Pode-se começar a entendê-lo por meio dos quadros gerais das políticas governamentais e da infra-estrutura institucional e econômica em que o avanço para o oeste do Rio Mississippi se deu. Se colocarmos a domesticação do Oeste diante da ocupação do Meio-Oeste veremos que aquela expansão foi muito mais explosiva e muito menos fornida por políticas institucionais de planejamento, assentamento e organização (como as que mencionamos no capítulo I). Por mais que se possa argumentar que o Meio-Oeste fora um ermo selvagem antes da transposição dos Apalaches no final do XVIII, e que até então circulavam ali elementos menos gregários, como caçadores, exploradores e *frontiersmen* como Daniel Boone e David Crockett, ainda assim teremos de ressaltar sensíveis diferenças em relação ao Oeste. O impulso agrícola do Meio-Oeste encontrou condições mais favoráveis, tanto natural como institucionalmente, e, como requer a própria atividade produtiva em questão, ancorou-se mais numa coordenação estável e laboriosa, tendo recrutado e criado os clássicos pequenos proprietários jeffersonianos, antes dos soldados da fortuna que seguiram no encalço da febre do ouro.

Ainda como argumentamos no capítulo I, a conjuntura econômica na qual a expansão para o Meio-Oeste se deu foi uma em que grandes fortunas ainda não se haviam avolumado num patamar que pudesse severamente desafiar a autonomia produtiva e comercial dos pequenos proprietários. A expansão para o Oeste, por sua vez, foi muito mais pressionada pelo vigor econômico e pela demarcação de crescentes capitais, tanto que só pôde manter seu "esplêndido isolamento", como disse Joan London, por algumas poucas décadas. Esta, aliás, é outra das discrepâncias que marcam o processo de construção do Oeste e da Califórnia: a sucessão de um intenso período de dispersão econômica por um período de cerceamento e concentração econômica

acentuados no intervalo de poucas décadas - precisamente aquelas em cujo limiar encontrava-se Jack London.

Houveram companhias de emigração que buscaram organizar o traslado para a costa Pacífica e os trabalhos de mineração subsequentes, como a Brothers Mining and Trading Company de New Haven, Connecticut, brevemente analisada por Linda Altman em seu *The California Gold Rush*, ou como as companhias da Nova Inglaterra, estudadas por Cornelius Howe em *The Argonauts of '49*, como a California Mining Company, a Ophir Mining Company, a Newburyport, a El Dorado, e outras mais.

Segundo Howe, elas ofereciam toda sorte de arranjos em termos de ingresso e funcionamento, desde a entrada direta por membros cujo valor ia de 50 a 1000 dólares, venda de ações para financiamento de mineiros, adiantamento de valores, uma espécie de "contratação indireta" de prospectores por sujeitos mais abastados, pagamento de porcentagens sobre o ouro descoberto à companhia etc. O número de membros, esmagadoramente homens, variava de menos de uma dezena até 150. Nas maiores havia a contratação de engenheiros de mineração, médicos, advogados e agentes legais.⁷³⁵ Altman comenta que os membros das companhias chegavam a fazer juramentos prometendo não beber nem envolver-se com jogos de azar, sendo muito comum que esses "códigos de conduta" servissem como critério de convite e recrutamento para suas fileiras.⁷³⁶

Escrúpulos como esses parecem contradizer a rusticidade de trato dos homens de que até aqui viemos falando, que atravessam as pouco hospitaleiras planuras centrais do território estadunidense. As companhias de emigração novo-inglesas não responderam pela maioria das hostes que cruzaram o país em meados do XIX, mas é preciso reconhecer o que Brian Roberts disse ser "uma das realidades sociais centrais da corrida do ouro: uma grande porcentagem dos *forty-niners* saídos do nordeste [*da Nova Inglaterra, basicamente*] ou era, ou aspirava se tornar, membro da emergente classe média estadunidense."⁷³⁷ Essa é a "alquimia" a que seu livro faz menção, os homens barbados, rústicos e brutos que cavaram e peneiraram as areias da Califórnia em busca de ouro eram, em considerável medida, os respeitáveis membros da "afetada e

⁷³⁵ HOWE, Cornelius Thorndike. **Argonauts of '49 - History and adventures of the emigrant companies from Massachusetts (1849-1850)**. Cambridge: Harvard University Press, 1923. pp. 3-15.

⁷³⁶ ALTMAN, Linda Jacobs. **The California Gold Rush**. New Jersey: Enslow Publishing, 1997. location 222.

⁷³⁷ ROBERTS, Brian. **American alchemy - The California Gold Rush and middle-class culture**. op. cit. p. 5.

supercivilizada pequena burguesia do Leste".⁷³⁸ Ou, como ele sintetiza: o escriturário Bartleby, personagem de Melville que epitomiza a respeitabilidade e a ética industriosa da emergente classe média estadunidense de meados do XIX, se tornou um dos brutos e folgazões mineradores personagens dos contos de Bret Harte.

O ponto central de sua tese, e que ajuda a entender como a travessia para o Oeste moldou o mundo do trabalho californiano, é que "(...) a corrida do ouro foi uma rebelião contra certos valores da classe média; essa revolta, contudo, foi levada a cabo por sujeitos dessa mesma classe média."⁷³⁹ Isto ajuda a entender, de um lado, porque certa ética de trabalho diligente, típica divisa da classe média, participou mesmo da mais espasmódica aventura laboral empreendida nas terras do Oeste; e de outro, como o senso de autonomia individual, calcada na busca da prosperidade e na conquista de certa liberdade pessoal, informou desde muito cedo as aspirações dos que deixaram a economia demarcada do Leste em busca das oportunidades do Oeste.

Cornelius Howe é enfático em dizer que tão logo as notícias sobre o ouro californiano ganharam o endosso do pronunciamento oficial do presidente Polk, um frenesi tomou conta da Nova Inglaterra: "Sujeitos hipotecaram suas fazendas e casas, balconistas renunciaram boas posições, comerciantes fecharam seus estabelecimentos, médicos largaram a prática, mecânicos empacotaram suas ferramentas e muitos clérigos receberam o chamado do El Dorado."⁷⁴⁰ O supramencionado Horace Greeley, quando atravessava as grandes planícies, notou a variabilidade de elementos que se dirigiam à Califórnia:

O próximo sujeito que você encontrar conduzindo gado provavelmente será um ex-banqueiro ou médico, um comerciante falido ou um manufatureiro dos velhos estados que quebrou seu porquinho para, caridosa ou desdenhosamente, conseguir acertar suas contas com seus credores quando da chegada e poder assim tentar a sorte ainda uma vez. (...). Ex-editores, ex-gráficos, ex-balconistas, ex-marinheiros, todos eles estão aqui, aos montes, na louca busca pelo ouro, na qual somente alguns se darão bem.⁷⁴¹

Bayard Taylor já falava dessa variedade de migrantes que vieram a desaguar na Califórnia quando diz que "Todo recém-chegado a San Francisco é tomado por completo desconcerto. (...) As ruas fervilham de pessoas andando para lá e para cá, (...)

⁷³⁸ Idem, ibidem, pp. 3-4.

⁷³⁹ Idem, p. 5.

⁷⁴⁰ HOWE, Cornelius Thorndike. *Argonauts of '49 - History and adventures of the emigrant companies from Massachusetts (1849-1850)*. op. cit. p. 4.

⁷⁴¹ GREELEY, Horace. *An overland journey from New York to San Francisco in the Summer of 1859*. op. cit. p. 158.

Yankees de toda a variedade possível".⁷⁴² E Van Wyck Brooks corrobora ainda uma vez mais essa curiosa junção: "Havia ex-médicos andando pelas ruas, ex-ministros que eram jogadores, banqueiros e bandidos sicilianos que eram garçons nos cafés, advogados lavando os conveses dos navios, condes e marqueses sem tostão que eram fragateiros, pescadores ou porteiros."⁷⁴³

A origem social e cultural do caudal de migrantes que deixou o Leste em busca do Oeste participou da consolidação do tipo de sociedade que se fixou no Oeste, mas é preciso não se deixar ludibriar pela força da inércia desses valores, pois tanto Howe quanto Altman concordam que os juramentos feitos e as alianças firmadas dentro das companhias de emigração "(...) estavam todos destinados a se dissolver logo após a chegada à Califórnia".⁷⁴⁴ Apesar do laço que unia essas companhias, as circunstâncias gerais da vida no Oeste, enfrentando a natureza, olhando constantemente por cima dos ombros para possíveis ladrões, com uma superpopulação sem condições seguras de abrigo, comida e sustento geral desempenharam uma força muito mais geradora de concorrência individual, do que um esforço de coordenação coletiva mais perene.

O fato de que profissionais de toda sorte e de todo trato se ombrearam na prospecção de ouro, e em condições laborais de razoável igualdade, contribuiu para que a percepção e as expectativas sobre custos e recompensas laborais tenha se tornado uma coordenada da "estrutura de sentimentos" dos trabalhadores assalariados herdeiros da geração dos *forty-niners* - e de Jack London, como veremos mais adiante. Essas expectativas, fossem elas mais alimentadas pelas promessas jornalísticas e presidenciais, fossem mais derivadas herança da diligência de classe média, encontraram condições materiais e econômicas muito peculiares onde se nutrir, nas quais os caracteres mais práticos da prospecção do ouro e as relações sociais do dia-a-dia no Oeste tiveram lugar destacado.

Em seu famoso ensaio sobre "O significado da fronteira na história americana", de 1893, o historiador estadunidense Frederick Jackson Turner declarou, solenemente, uma das mais célebres passagens da historiografia daquele país: "Até os nossos dias, a história norte-americana tem sido em larga medida a história da colonização do Grande Oeste." Passagem que ele complementou, logo em seguida, afirmando que "A existência

⁷⁴² TAYLOR, Bayard. *Eldorado or Adventures in the path of Empire*. op. cit. p. 57 e p. 55, respectivamente.

⁷⁴³ BROOKS, Van Wyck. *O tempo de Melville e Whitman*. op. cit. p. 98.

⁷⁴⁴ HOWE, Cornelius Thondike. *Argonauts of '49 - History and adventures of the emigrant companies from Massachusetts (1849-1850)*. op. cit. p. 6.

de uma área de terra livre, sua contínua recessão, e o avanço ocidental do assentamento da sociedade norte-americana explicam o desenvolvimento dos Estados Unidos."⁷⁴⁵

A tese da fronteira (*Frontier thesis*) já foi sabatinada e criticada o suficiente para que possamos nos abster de repisá-la novamente, e para que nos limitemos à consideração de dois traços característicos do movimento de avanço da fronteira que se articulam na construção do modo de vida do Oeste. Primeiro, o fato de que há

um retorno a condições primitivas ao longo da linha de avanço da fronteira (...) [no qual] o desenvolvimento social norte-americano tem continuamente recomeçado na fronteira (...) [e cujos] perene renascimento (...), fluidez da vida (...), e suas novas oportunidades (...) fomentam as forças que determinam o caráter norte-americano.⁷⁴⁶

E em segundo lugar, que "(...) a fronteira é produtora de individualismo. (...) Ela produz antipatia ao controle, e particularmente a quaisquer formas de controle direto." Ou, como exposto por Turner mais à frente, a fronteira gera costumes "fortes em egoísmo e individualismo, (...) que pressionam por liberdade individual".⁷⁴⁷

As "condições primitivas", a "fluidez da vida" e "suas novas oportunidades" estão interligadas no argumento de Turner, soldadas pelas circunstâncias da vida na fronteira. Sustentamos que, em termos de trabalho propriamente dito, as "condições primitivas", o "individualismo" ou a "pressão por liberdade individual" também mantêm uma articulação dentro de tais circunstâncias. O Meio-Oeste da primeira metade do século XIX e o Oeste das décadas de 1840-1870 experimentaram uma frouxidão estrutural em termos econômicos e um crescente esforço de adaptação e adestramento das forças e elementos da natureza: aquele ancorado na pequena propriedade, este amparado na rudimentar organização do conjunto das atividades. Em ambos os casos, certa autonomia laboral prevaleceu, em termos econômicos gerais e como experiência social e subjetiva, tornando-se uma marca distintiva do trabalho em tais condições, e mantendo os caracteres das atividades produtivas estreitamente atrelados aos seus executores.

A ausência de robusta maquinaria ou de extensivos aparatos tecnológicos a coordenar as atividades (em termos macro-econômicos), ou a ditar o ritmo das tarefas em termos práticos, fez com que esse senso de individualidade e de autonomia subjetiva, que viemos acompanhando se formar desde a travessia para o Oeste se

⁷⁴⁵ TURNER, Frederick Jackson. *The significance of the Frontier in American History* [1893]. _____. **The frontier in American history.** op. cit. p. 1.

⁷⁴⁶ Idem, ibidem, pp. 2-3.

⁷⁴⁷ Idem, p. 32.

tornassem características do trabalho. As características primitivas da Corrida do Ouro nos seus primeiros anos, vinculadas à irregularidade explosiva com que a onda migratória tomou o Oeste, fez com que aos olhos de muitos dos *gold-rushers* sua obstinação, engenhosidade e astúcia fossem as características centrais para a obtenção de resultados positivos, da tão sonhada prosperidade - inclusive porque "A mineração era um trabalho fisicamente exaustivo, e os prospectores trabalhavam de 12 a 16 horas por dia, seis dias por semana."⁷⁴⁸

Como ressaltou Don Feherenbacher, "A mineração de aluvião nos anos 1850 era em muitos aspectos altamente democrática. Devido ao fato de tornar todos os homens trabalhadores manuais, ela tendia a nivelar distinções baseadas em parentesco, educação formal ou logros pregressos."⁷⁴⁹ Visto que muitos dos homens que vieram para o Oeste eram oriundos do Leste estadunidense, onde as condições econômicas estruturais estavam já muito mais consolidadas e onde restrições de propriedade, ofício, técnica e concentração econômica começavam a se fazer avultar, a sociedade que vieram a formar tinha o senso de oportunidade individual particularmente acentuado. Bayard Taylor, analisando a natureza do trabalho de mineração na Califórnia de 1849, comentou: "(...) começo a pensar que a fábula de Aladdin não era tão notável, ao fim e ao cabo. O gênio virá, como veio para muitos que vi na Califórnia; mas o esfregar da lâmpada - nossa, que esfregada. Não há nada tão penoso para as mãos."⁷⁵⁰

A experimentação e a dispensa de habilidades de aprendizado demorado para o garimpo de aluvião exerceu um curioso efeito de nivelamento, fazendo com que, no frenético impulso migratório que se despejava na região, uma boa fortuna e a disposição individual de trabalhar concorressem para uma chance razoável de alguma prosperidade. Como escreveu Fehrenbacher,

Os primeiros a chegar encontraram seu tesouro nos depósitos aluviais, ou *placers*, próximos da superfície da terra. Eles só precisavam escavá-lo levemente com picaretas e pás, e então separar a areia mais leve, argila e pedriscos numa peneira ou tigela de metal.⁷⁵¹

David Vaught corrobora essa afirmação dizendo que o processo de "escavar e lavar" (*digging and washing*) "(...) tornou-se o método que dezenas de milhares de Argonautas, armados de picaretas, pás e peneiras (...) usaram em sua procura de

⁷⁴⁸ ONSGARD, Bethany. **Life during the California Gold Rush**. op. cit. p. 13.

⁷⁴⁹ FEHRENBACHER, Don. **A basic history of California**. op. cit. pp. 35-36.

⁷⁵⁰ TAYLOR, Bayard. **Eldorado or Adventures in the path of Empire**. op. cit. p. 86.

⁷⁵¹ FEHRENBACHER, Don Edward. **A basic history of California**. op. cit. p. 35.

ouro."⁷⁵² O historiador H.W. Brands afirma o mesmo quando diz que "De início, os caçadores de ouro empregaram os mais rudimentares equipamentos. Uma faca pontuda para desengastar as pepitas, uma pá para apanhar pedriscos (...), uma *wash-bowl* [*espécie de panela especial para garimpo*]".⁷⁵³ Em tempo, notemos que ao lado das promessas de fortuna fácil, a mineração demandava uma dedicação física e laboral onerosa, que fez Bayard Taylor dizer que os melhores mineradores seriam os "que asfaltam ruas e extraem calcário", o que nos permite observar que, estando os *gold-rushers* postos em condições técnicas de produção razoavelmente equânimes, passava a ser a questão de resistência e perseverança individuais um dos critérios para a prosperidade material. Numa sociedade profundamente individualizada como aquela californiana de meados do século XIX, esse silogismo encontrou forte acolhida.

A parte setentrional da Califórnia contava com as condições ideais para que os surtos de descoberta e exploração aurífera se disseminassem. O degelo da Sierra Nevada faz correr inúmeros rios e córregos, os quais vêm todos a desaguar no grande Rio Sacramento, que, por sua vez, leva as águas até a baía de San Francisco, porto de chegada de muitos *gold-rushers*. Explorando gradativamente essa vasta região foi que a mineração de menores recursos e proporções pôde sobreviver até os idos de 1870. Conforme as reservas de ouro mais superficiais eram esgotadas, começavam operações mais custosas, que envolviam represamento e canalização da correnteza, além de uma engenharia de escavação mais sofisticada (com os *sluicers* e *long-Toms*). Contudo, até que esse esforço intensivo fosse tornado necessário, a exploração extensiva foi praticada por grande parte do Oeste, como provam as descobertas e corridas do ouro menores que se seguiram à de 1849, como a de Mariposa County (1850), a de Mokelumne (1849-1850), a de Virginia City (1858), e a descoberta de prata em Comstock (1859), entre outras - e eventualmente a do Yukon e do Klondike, entre 1897-1898, da qual participou Jack London.

Ainda que sejamos obrigados a constatar que a proporção "mineradores X ouro garimpado" nos anos 1840-1870 demonstre que as reservas auríferas da Califórnia não podiam ser igualmente pródigas com todos os Argonautas,⁷⁵⁴ o caráter assistemático da

⁷⁵² VAUGHT, David S. **After the Gold Rush: tarnished dreams in the Sacramento Valley**. op. cit. p. 2.

⁷⁵³ BRANDS, H.W. **The age of gold - The California Gold Rush and the new American dream**. New York: Doubleday, 2002. p. 198

⁷⁵⁴ David Vaught demonstrou essa proporção: em 1848, haviam na Califórnia 6,000 mineradores, e foram extraídos 10 milhões em ouro; em 1849, 40,000 mineradores e 30 milhões em ouro; em 1852 (apogeu da extração) 100,000 mineradores e 80 milhões em ouro (VAUGHT, David. op. cit., p. 10). A população

economia californiana dessa época permitiu um lastro considerável para sonhos individuais de prosperidade. O mesmo pode ser dito sobre certo senso de autonomia e auto-suficiência que existiu e que muitas vezes degingolava em egoísmo ou em certa moral de auto-preservação (não raro violenta, aliás).

Bayard Taylor, nova-iorquino de nascimento e criação, acostumado aos padrões econômicos e à estratificação do mundo do trabalho do Leste estadunidense, ficou deslumbrado com o conjunto de oportunidades de negócio e trabalho que a dispersão californiana permitia. Logo nos primeiros dias após o desembarque em San Francisco, ele comenta entusiasmado sobre um "cavalheiro de Nova York" que trouxe mil e quinhentas cópias do *The Tribune* consigo, vendendo-as a um dólar cada mas tendo pago somente dez dólares pelo lote todo. E arremata: "A mente (...) não pode imediatamente abandonar os velhos instintos sobre valor e as antigas ideias sobre negócios (...), para poder a ambição seguir novo caminho em formas que jamais havia imaginado. (...) Não se sabe se está acordado ou em alguma maravilhoso sonho."⁷⁵⁵

O Oeste movia-se entre discrepâncias como estas. Em tais condições, ele se apresentava como a oportunidade de um recomeço, onde a "virgindade" econômica (para emprestar o termo de Smith) permitia maior liberdade individual, melhores circunstâncias para agentes econômicos de menor porte, sobretudo se comparado ao Leste cuja estrutura produtiva, comercial e institucional estava em estágio mais avançado de demarcação e controle. Horace Greeley, dez anos depois do pico migratório de 1849, atribuía a essas condições favoráveis o fato de que "Aonde quer que se vá (...) se está a uma milha de lotes de escavação, presentes ou passados. (...) toda ravina, garganta ou curso d'água foi explorado; todos eles foram, nalgum momento, abertos até o leito de rocha."⁷⁵⁶

A urgência posta pelas condições da atividade mineradora, acoplada às circunstâncias precárias de sobrevivência e organização geral, acabavam quase sempre numa sociabilidade marcada pela concorrência exacerbada, na qual tendia a prevalecer profunda individualidade, ora espicaçada pela ética do trabalho concorrencial da classe média *easterner*, ávida de fortuna livre das restrições econômicas d'alhures, ora

californiana não declinou nos anos seguintes, o que permite fazer uma estimativa razoável sobre a diminuição dessa proporção, pois Fehrenbacher escreve que no início dos anos 1860 a extração não passava de 45 milhões ao ano, e no ano de 1870 ficou em menos de 20 milhões (FEHRENBACHER, Don. op. cit., p. 35).

⁷⁵⁵ TAYLOR, Bayard. *Eldorado or Adventures in the path of Empire*. op. cit. p. 57.

⁷⁵⁶ GREELEY, Horace. *An overland journey from New York to San Francisco in the Summer of 1859*. op. cit. p. 286.

suscitada pelos foros da sobrevivência que o deserto e a quase-ausência de autoridades produziam e retro-alimentavam.

Em grande parte por conta desses motivos é que a violência foi uma das marcas mais conhecidas da sociedade produzida pela corrida do ouro. Como escreveu Linda Altman, "Quase sempre [*os forty-niners*] se relacionavam como competidores, antes do que como amigos. A ausência de lei e a trapaça corriam soltos".⁷⁵⁷ E Fehrenbacher corrobora: "A corrida do ouro não somente afrouxou restrições sociais ordinárias como também atraiu considerável elemento sem lei, o qual encontrou oportunidades fáceis de roubo na confusão prevalecente."⁷⁵⁸

A individualidade que, como vimos, compunha o arsenal de costumes dos migrantes, encontrava circunstâncias concretas onde se sustentar. A existência de uma ora mais velada, ora mais evidente ética de "cada-um-por-si" instilava-se nos rincões mais ordinários da vida, desde de as regras do reclame de posse até a lida da mineração (feita com revólveres e rifles à tiracolo), da lei punitiva das comissões de vigilantes não-oficiais (operando com pena capital), até as tarefas "domésticas", pois "O *forty-niner* comum tinha de cozinhar sua própria comida, e lavar e costurar suas próprias roupas."⁷⁵⁹

A sociedade oriunda da corrida do ouro foi uma em que o elemento masculino predominou largamente, o que contribuiu sobremaneira para que a cultura de hombridade característica dos Oitocentos estadunidense (cf. discutido nos capítulos I e II) tenha se tornado hegemônica em termos de sociabilidade. Isso importou para as relações sociais uma individualidade cerzida pelo orgulho másculo, que muitas vezes resultava em belicosidade para com os outros (também indivíduos e também másculos), como que a buscar firmar como traço dominante de seu perfil o ser indômito.

Se se observa as circunstâncias de posse e propriedade da terra na Califórnia naquelas décadas pós-1840, é possível encontrar mais motivos para entender a belicosidade das relações sociais, e seu acentuado traço de individualidade. Mesmo passados dez anos da primeira onda de migrações da corrida do ouro, e onze da anexação oficial do território californiano aos Estados Unidos, Horace Greeley escreveu que a "incerteza dos títulos de terra (...) [*é a*] principal maldição da Califórnia".⁷⁶⁰ Em

⁷⁵⁷ ALTMAN, Linda. **The California Gold Rush**. op. cit. location 67.

⁷⁵⁸ FEHRENBACHER, Don. **A basic history of California**. op. cit. p. 36.

⁷⁵⁹ Idem, *ibidem*, p. 37.

⁷⁶⁰ GREELEY, Horace. **An overland journey from New York to San Francisco in the Summer of 1859**. op. cit. p. 295.

seu estudo sobre a terra na Califórnia, o historiador W.W. Robinson menciona inúmeros conflitos pela posse de terra que se desenrolaram na região do vale de San Joaquin e arredores do Rio Sacramento entre os anos 1840-1870. Oakland, San Antonio e Sacramento, que em 1850 não eram muito mais do que "cidades de tendas", mesmo assim tiveram suas "ruas" barricadas por conflitos de posseiros. Até San Francisco, que era rústica mas ainda assim a metrópole do Oeste, testemunhou conflitos armados em torno dessa questão:

Em San Francisco, onde o título de povoado [*pueblo title*] não foi confirmado senão em 1865, tornar-se um posseiro era inevitável, talvez lógico. Virou até mesmo um negócio. Homens tomavam posse para si e por contrato, e fizeram isto por mais de vinte anos. O equipamento para essa operação consistia de cobertores e armas de fogo.⁷⁶¹

Era a época, segundo Robinson, dos "títulos de espingarda" (shotgun titles), quando a garantia de posse e de sustento se dava pelo uso da força, o que concorria para pôr todos de sobreaviso. Olhar por sobre os ombros fazia parte do modo de vida do Oeste estadunidense naqueles anos. Robinson chega mesmo a dizer que a população de posseiros era tamanha na região que os políticos locais começaram a fazer campanha direcionada pelos seus votos.⁷⁶²

Em tais circunstâncias, não é tão espantoso que "(...) a violência nas relações humanas (...) impregnava a vida cotidiana", ou que "(...) a existência cotidiana era um verdadeira combate em que cada um se preocupava antes de tudo em sobreviver, frequentemente às custas do vizinho." A imagem clássica e romantizada que a literatura e o cinema ajudaram a consolidar sobre o Oeste, o Far West, não estava totalmente apartada da verdade, pois "No Oeste os costumes eram brutais, e essa brutalidade marcou a vida cotidiana".⁷⁶³ Como disse o atônito Francis Parkman, puritano que era, para além da fronteira do Mississipi, "(...) o rifle é o árbitro principal das relações entre os homens".⁷⁶⁴

Quando, em maio de 1869, a ferrovia transcontinental permitiu que se cruzasse o território estadunidense de Leste a Oeste num tempo absolutamente mais curto e menos penoso do que todas as possíveis formas de fazê-lo até então, uma mudança histórica de envergadura nacional começou a ser implementada. A vitória da União em 1865 delimitara as linhas gerais do projeto de crescimento socioeconômico dali em diante,

⁷⁶¹ ROBINSON, W.W. **Land in California**. op. cit. pp. 113-114.

⁷⁶² Idem, ibidem, p. 116.

⁷⁶³ FOHLEN, Claude. **O Far Oeste (1860-1890)**. op. cit. p. 20.

⁷⁶⁴ PARKMAN, Francis. **The Oregon Trail**. op. cit. p. 12.

embasado na industrialização capitalista em detrimento da *plantation* escravista, e o novo governo do Partido Republicano encaminhava a pauta política que já vinha sendo gestada desde pelo menos 1840, na qual o Oeste tinha um lugar destacado, como área produtiva e como mercado consumidor.

A sociedade e a economia que se desenvolveram no Oeste e na Califórnia desde a década de 1840 começaram a ter suas feições principais gradativamente descaracterizadas pela pressão dos capitais do Norte manufatureiro e do governo federal então centralizado e crescentemente poderoso. A experiência existencial gestada pelos colossais e irregulares fluxos migratórios; pelos enfrentamentos com a natureza bravia; pelos espasmos de enriquecimento e empobrecimento típicos da dispersão econômica e da atividade mineradora; pelo trabalho duro, primitivo e experimental da incipiente economia *western*; pelos conflitos de terra; pela ética da sobrevivência individualista e violenta; pela liberdade belicosa e exuberantemente brutal do Oeste "selvagem"; pela cultura da hombridade dos duelos e dos "títulos de espingarda", enfim, todo aquele modo de vida e sua estrutura de sentimentos, começou a ser restringido, modificado e posto sob o controle de instituições mais amplas, como as crescentes fortunas, industriais e financeiras, bem como a autoridade federal.

As crises de 1873 e de 1893 foram momentos pivotais da mudança, ao longo das quais a maré migratória que outrora desaguara mineradores e prospectores na Califórnia deixou muitos deles, dezenas de milhares deles, proletariamente à deriva. Comentando sobre as anotações do diário de um *forty-niner*, o historiador Chauncey Canfield escreve que um dos pontos mais interessantes das anotações é como o autor do diário passou de um "novo-inglês puritano (...) [a] um típico californiano cujo crescimento espiritual foi estimulado pela liberdade de seu ambiente e relações."⁷⁶⁵ A obra de Jack London, considerando o mundo do trabalho das últimas décadas do século XIX, permite observar as convulsões doutra mudança, daquela dolorosa transformação dos bravos e violentos homens e pioneiros do Oeste nos seres assalariados e empobrecidos que se acotovelavam na frente das fábricas e diante dos teares e máquinas de enlatar.

A tomada de consciência acerca disto não era fácil nem muito menos passível de determinação *a priori*. Envolveria reações ambíguas, teimosos comportamentos conservadores e pitorescas atitudes revolucionárias, todos movendo-se numa dialética

⁷⁶⁵ CANFIELD, Chauncey (ed.). **Diary of a Forty-Niner**. Boston: Houghton Mifflin Co., 1920. p. X.

caprichosa, na qual inércias e anseios se coadunam no corpo hieroglífico do texto literário.

Urge decifrá-lo!

III.3 A corrida do ouro do Klondike e o rapsodo *Yankee*

No romance *The octopus*, escrito nos anos finais da década de 1890 e publicado em 1901, Frank Norris criou um personagem que buscava um tema literário sobre o qual escrever. Presley, esse era seu nome, formara-se numa universidade do Leste estadunidense e viera passar uma temporada como hóspede de Magnus Derrick, um grande proprietário da Califórnia, para tirar proveito dos ares tépidos da região e restabelecer sua saúde. Assim Norris descreve as aspirações do jovem escritor:

(...) ele estava determinado que sua poesia seria sobre o Oeste, aquela universal fronteira romântica onde uma nova raça, um novo povo - resistente, valente e apaixonado - estava construindo um império, onde a tumultuosa vida se alastrava como fogo, do amanhecer ao anoitecer, e ao amanhecer de novo, primitiva, brutal, honesta e destemida.⁷⁶⁶

Mas não era qualquer obra que podia estar à altura daquela ambição e da realidade própria do Oeste, era preciso

(...) uma grande canção que deveria abarcar em seu seio toda uma época, uma era inteira, a voz de um povo, da qual todas as pessoas deveria fazer parte - elas e suas lendas, seu folclore, suas lutas, seus amores e seus desejos, seu humor seco e sombrio, seu estoicismo quando sob pressão, suas aventuras, seus tesouros achados de dia e apostados à noite, sua fala crua e direta, sua generosidade e sua crueldade, seu heroísmo e sua bestialidade, sua religião e suas profanações, seu auto-sacrifício e sua obscenidade - o destemido e verdadeiro estabelecimento de uma fase passageira da história, descompromissada e sincera; cada grupo em seu ambiente; o vale, a planície e a montanha; a fazenda, o rancho e a mina - tudo, todos os tratos e os tipos de uma comunidade (...) devassados, postos lado a lado e soldados, juntos todos numa única e grandiosa canção, a Canção do Oeste.⁷⁶⁷

O Oeste da época de Norris, o mesmo de Jack London, sentia ainda os bálsamos da tradição histórica das décadas que a antecederam, da corrida do ouro, da sociabilidade bruta, do combate com a natureza selvagem, enfim, da experiência histórica que exploramos no subtítulo anterior. Tendo se consolidado como parte de uma memória socialmente disseminada que a lia como pioneirismo e como espécie de jornada quase mítica de fundação (o velho mito de Adão, diria R.W.B Lewis), é

⁷⁶⁶ NORRIS, Frank. *The octopus - A story of California*. Garden City: The Sun Dial Press, 1938. p. 7.

⁷⁶⁷ Idem, *ibidem*, pp. 7-8.

razoável compreender, como sugerem os devaneios do personagem Presley, que somente uma forma épica poderia conter em seu seio tão grandiosa fortuna humana.

Praticamente toda a primeira literatura de Jack London, sobretudo seus primeiros contos, pode ser entendida sob os auspícios que Norris pôs na boca de seu personagem, inclusive à luz da experiência histórica dos dois escritores, contemporâneos e conterrâneos. A porção mais intensamente aventurosa da literatura de London, a mais afeita à atmosfera grandiloquente, briosa e monumental aventada pela passagem do livro de Norris, encontra-se nos seus primeiros ensaios de escrita, desde os contos publicados entre 1893-1897, mas especialmente nas coletâneas e romances que lhe angariaram a celebridade no início da década de 1900.

Embora haja, perdido entre alfarrábios obscuros de crítica literária de London, uma resenha da obra de Norris em questão,⁷⁶⁸ não partimos do pressuposto de que Jack tomou a passagem supramencionada como um programa literário, consciente ou deliberadamente. Ousamos propor que tanto as aspirações de Presley, costuradas pelo olhar arguto de Norris, quanto os reclames aventurosos da primeira literatura de Jack London são, ambos, expressões da estrutura de sentimentos e da inércia gerada pela evolução histórica do Oeste e de seu modo de vida.

A trajetória biográfica de Jack London punha esses elementos em constante contato, e parecem ter gerado em seu íntimo a fervura existencial que se manifesta em suas posturas e em seus livros. Pela parte de seus pais, um quinhão de herança da travessia para o Oeste se fazia sentir, pois ambos haviam deixado o Leste em condições mais ou menos aventurosas, e em busca de uma vida melhor, mais livre e mais estável. Da parte das cercanias da baía de San Francisco, vinham as histórias de piratas, pioneiros, bandidos, mineradores e exploradores d'antanho - sobretudo a Barbary Coast que Jack frequentara desde a adolescência e que era um dos portos mais mal-afamados dos sete mares,⁷⁶⁹ cheio de personagens pitorescos e histórias extraordinárias.

Entre as estantes de livros do segundo andar da Biblioteca Pública de Oakland, outra componente da existência de London se robusteceu: sua cultura literária e livresca. A bibliotecária responsável, e que logo notou o assíduo jovem leitor, era a poetisa Ina Coolbrith, a "doce cancioneira da Califórnia", que ocupava lugar proeminente no modesto mas crescente panteão literário do Oeste. Entusiasta da literatura californiana,

⁷⁶⁸ O escritor publicou uma resenha do romance *The octopus* na revista *Impressions Quarterly* (v. 2, n. 3) em junho de 1901.

⁷⁶⁹ ASBURY, Herbert. **The Barbary Coast - An informal history of the San Francisco underworld.** New York: Thunder's Mouth Press, 2008.

ela era amiga pessoal de vários de seus campeões, Mark Twain, Bret Harte, Ambrose Bierce, Joaquin Miller, John Muir, Charles Warren Stoddard e outros mais.

Sob os cuidados dela, Jack alimentou-se fartamente das histórias de aventuras do Oeste. E também pôde devassar o acervo da biblioteca, mergulhando fascinado nos relatos maravilhosos sobre as terras longínquas e brumosas das *Tales of the Alhambra*, de Washington Irving, nos mistérios obscuros do calhamaço *Signa*, da escritora vitoriana Ouida; no grosso volume com todas as aventuras do pirata Peregrine Pickle, de Tobias Smollet, na literatura de viagem do explorador francês Paul de Chaillu etc. Em suas memórias ele disse, acerca desse período: "Eu lia de tudo, mas principalmente História e aventuras, e tudo sobre antigas viagens e explorações."⁷⁷⁰

Por aventureira e colorida que possa ter sido essa ou aquela porção de sua infância e de sua adolescência, e por mais que se tenha tentado jogar a voluteante seda de romantização por sobre ela, procurando ver sua criatividade pitoresca de biscateiro profissional como abrigo remediado, a condição socioeconômica de trabalhador empobrecido cobrava seu ônus. O pedágio mais comum que exigia de Jack London era um estado de constante preocupação com o orçamento doméstico, que entre ressentimento e culpa, lhe impunha uma rotina laboral irregular mas amplamente restritiva. O lufa-lufa das pequenas tarefas e dos cálculos comezinhos, aquela sórdida sensação de incômodo culpado toda vez que alguma atividade não-remuneratória era empreendida, a mundanidade demasiadamente colada ao chão da sobrevivência trabalhadora, fosse na frente das máquinas fabris ou mesmo na falsa liberdade da rota de jornais, tudo isso parecia se tornar pouco a pouco uma existência insustentável para Jack - eram "os fatos medíocres da sonolenta cidade".⁷⁷¹ É provável que se sentisse como aquele personagem de *Marching men*, de Sherwood Anderson, que se enfiava com a "infinita realização de pequenas tarefas, o infinito cotejar de pensamentos pequenos".⁷⁷²

Tomando a condição trabalhadora como espécie de parâmetro de magnitude existencial, não surpreende que Jack tenha dito que os *saloons* eram "os pontos mais brilhantes da minha infância":

Nos *saloons* a vida era diferente. Os homens falavam com vozes grandiloquentes, davam grandes risadas, e havia ali uma atmosfera de grandeza. Havia ali algo mais do que a vida comum e cotidiana, na qual nada acontecia. Aqui a vida era sempre muito vívida, e por vezes mesmo chocante, quando socos eram dados, sangue derramado e policiais apareciam de forma

⁷⁷⁰ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 41.

⁷⁷¹ Idem, *ibidem*, p. 60.

⁷⁷² ANDERSON, Sherwood. **Marching men**. op. cit. pp. 122-123.

truculenta. Eram grandes momentos, esses, para mim, com a cabeça repleta de lutas ousadas em galantes aventuras em terra ou ao mar. Não haviam grandes momentos quando eu andava pela rua atirando jornais nas portas das casas. Nos *saloons*, ao contrário, até os estupefatos bêbados esparramando-se sobre as mesas ou no meio da serragem eram objeto de mistério e de fascínio.⁷⁷³

Os *saloons* surgem como antídoto à monotonia apequenante do cotidiano de trabalhador, absorto na alternância de tarefas desinteressantes e por vezes quase-servis. Os *saloons*, esses numerosos pontos de encontros herdados da sociedade *western* pós-1849, eram para Jack London os lugares em que a faina de sua condição socioeconômica era temporariamente esquecida, e onde o véu de uma outra existência era suspenso, permitindo que aquele jovem trabalhador constataste que outros modos de viver eram possíveis, modos mais grandiosos, mais fascinantes, e, talvez sobretudo, mais viris, mais afeitos aos ideais de hombridade que aquela sociedade havia tradicionalmente aprendido a cultivar.

É flagrante no trecho acima que a "grandeza" mantém estreitos vínculos com a "hombridade", sobretudo se lembrarmos da categórica passagem de *John Barleycorn*: "Beber era o emblema da hombridade."⁷⁷⁴ Uma certa brutalidade violenta ("socos dados" e "sangue derramado"), uma ferocidade reclamando sua condição indômita, um "fervor poético (...), cru e animal", diria Sherwood Anderson,⁷⁷⁵ compunham os costumes dos frequentadores desses *saloons*, e eram precisamente eles que se concatenavam naquele universo tão diferente do cotidiano que London experimentava nas demarcações existenciais da condição de trabalhador.

As passagens nesse sentido poderiam ser empilhadas aqui. Sobre as histórias de piratas, naufrágios e batalhas, ele faz uma pergunta retórica: "(...) que garoto em sã consciência não venderia sua alma para poder tomar parte nesses assuntos?" Acerca de seus desejos em relação a isto, ele diz: "Eu queria escapar da monotonia e da banalidade. Eu estava na flor da adolescência, sedento por aventuras românticas, sonhando com uma vida selvagem num selvagem mundo masculino."⁷⁷⁶ Poder-se-ia suspeitar, em se tratando de trechos das memórias do ano de 1913, quando era um escritor consagrado, que Jack London quisesse cultivar sua lenda pessoal (hipótese bastante plausível, diga-se de passagem), mas o fato que se impõe é o de que ele realmente deixou Oakland na juventude - seja para perseguir precisamente essas

⁷⁷³ LONDON, Jack. *John Barleycorn - Alcoholic memoirs*. op. cit. p. 37 e pp. 42-43, respectivamente.

⁷⁷⁴ Idem, ibidem, p. 49.

⁷⁷⁵ ANDERSON, Sherwood. *Winesburg, Ohio*. op. cit. pp. 45-46.

⁷⁷⁶ LONDON, Jack. *John Barleycorn - Alcoholic memoirs*. op. cit. p. 43 e p. 46, respectivamente.

aventuras, seja para poder escapar ao ônus da sobrevivência proletária, se é que não se tratavam de faces de uma mesma moeda...

Jack, como disse Charmian London, era um "autêntico apóstolo do real",⁷⁷⁷ e alguém muito preocupado com as tradições do "selvagem mundo masculino" de seu tempo, ao qual pleiteava pertença. Por conta disto, deve ter-lhe parecido trapaceiro e covarde escrever sobre aventuras de segunda mão. Sua insatisfação com o mundo do trabalho que a civilização lhe impunha e suas aspirações por uma vida mais livre e máscula, mais aventureira e romântica, soldaram-se nesse sentido, concorrendo para torná-lo o escritor que veio a ser. Era preciso encontrar um novo ermo, uma nova *wilderness*, onde pôr-se à teste.

Um contratempo para além de suas forças, no entanto, se impunha: ele nascera tarde demais para a aventura da corrida do ouro de meados do século. Os meses que passara à bordo do *Sophie Shuterland* caçando focas no Ártico, em 1893, e sua temporada como *hobo* cruzando os Estados Unidos clandestinamente, em 1894, foram cruciais para sua formação de escritor, e também para que ele aguçasse suas ferramentas literárias e enriquecesse seu repertório de estórias, mas nenhuma delas parecia estar à altura daqueles anos turbulentos e rescendentes a épico das décadas de 1840-1850.

As ruínas daquele antigo êxodo ainda se mantinham ao longo da paisagem, e impunham seu legado aos brios de seus descendentes. Jornais como o *Daily Alta California* e o *San Francisco Call*, dois grandes entre os numerosos periódicos da Califórnia naqueles anos em que Jack fazia as rotas de jornaleiro, anunciavam lotes de mineração à venda, e ofereciam os mais diversos serviços e informações para os que quisessem se equipar e partir para a prospecção, e isso sem contar as notícias eventuais sobre achados minerais.⁷⁷⁸ O periódico literário *The Californian*, publicado entre 1864-1868, tivera papel pioneiro no cultivo de uma literatura californiana, tendo abrigado textos preambulares de diversos escritores que nas décadas seguintes alcançaram quadros editoriais nacionais e internacionais, como Bret Harte e Mark Twain, por exemplo - aquele chegara a editar por algum tempo a prestigiada revista *The Atlantic Monthly*; este era convidado a proferir discursos e conferências mundo afora entre os

⁷⁷⁷ LONDON, Charmian. **The book of Jack London - Volume I**. op. cit. p. 103.

⁷⁷⁸ O portal *California Digital Newspaper Collection* (CDNC) disponibiliza um enorme repositório digitalizado de jornais californianos desde 1846. Na seção de 'Classificados' há caudaloso manancial de ofertas desse tipo. Disponível em <<https://cdnc.ucr.edu/cgi-bin/cdnc>> Acesso em 9 jun 2018.

anos de 1880-1890.⁷⁷⁹ A famosa revista literária *Overland Monthly*, a despeito da variedade temática de seus artigos, raramente deixava passar um número sem que alguma menção ao Oeste de '49 fosse feita, comumente coroada de louros e glórias, com Argonautas e "homens arrojados" perambulando em suas páginas - o poema de Charles Greene da edição de janeiro de 1883, aliás, dizia que "As glórias do Oeste (...) jazem a nosso redor".⁷⁸⁰

Jacob Burkhardt afirmou, nalguma das páginas de seu clássico estudo de 1860, que parte da explicação dos porquês de a Itália ter sido o berço do Renascimento pode ser atribuída à presença perene das antigas ruínas romanas ao longo da paisagem da península.⁷⁸¹ Deve ter sido motivo similar que fez com que a notícia sobre a descoberta de ouro no Klondike tenha encontrado tão entusiástica acolhida por Jack London no início de 1897: sua corrida do ouro, sua oportunidade de poder ombrear as homens das lendas com que fora amamentado e que o cercavam, a sua própria epopeia, surgiram no horizonte. Ainda que ele já tivesse escrito e publicado razoável quantidade de material literário (e jornalístico e panfletário), a verdadeira "gênese do escritor", para usar os termos de Franklin Walker,⁷⁸² veio com a experiência da jornada ao Norte entre 1897-1898.

Desde seu primeiro texto publicado,⁷⁸³ o relato sobre um tufão na costa do Japão, de 1893 (que lhe valeu o prêmio de melhor crônica num concurso promovido pelo jornal *The San Francisco Call*), até sua ida ao Klondike em julho de 1897, Jack London escrevera poucos contos - poucos se tomarmos como parâmetro sua colossal produção como contista, que no total contabiliza incríveis 197 textos! Boa parte eram

⁷⁷⁹ Gunnar Ahlström, membro da Academia Sueca, afirmou que Mark Twain chegara a estar no páreo como candidato estadunidense à láurea. In: AHLSTRÖM, Gunnar. Pequena história da atribuição do Prêmio Nobel a Rudyard Kipling. In: KIPLING, Rudyard. **A luz que se apagou**. Tradução de João Távora. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973. p. 9.

⁷⁸⁰ GREENE, Charles S. California's poet. *Overland Monthly*, San Francisco, v. 1, n. 1, jan/1883. p. 59. Disponível em <<https://quod.lib.umich.edu/m/moajrnl/ahj1472.2-01.001/63:15?page=root;rgn=full+text;size=100;view=image>> Acesso em 28 maio 2018.

⁷⁸¹ BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália - Um ensaio**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Diz o historiador alemão: "Com que frequência, até Gibbon e Niebuhr, esse mundo de ruínas não despertou a contemplação histórica!" (p. 182)

⁷⁸² WALKER, Franklin D. **Jack London and the Klondike - The genesis of an American writer**. op. cit.

⁷⁸³ Na cronologia de escrita e publicação das obras de Jack London, nos baseamos na monumental compilação de Hensley C. Woodbridge, *Jack London: A bibliography*, de 1966; e sobretudo no rigoroso levantamento feito pelo portal 'Jack London International' (<<http://www.jack-london.org/06-works-by-date.htm>>), que compila informações dos mais conceituados estudos e pesquisas sobre Jack London, indo desde registros pessoais até cartas do autor, de seus manuscritos até as biografias e relatos publicadas pelas pessoas que conviveram com ele, além da "London Collection" da Henry E. Huntington Library, de San Marino, Califórnia.

historietas sobre aventuras de navegação, como o "Frisco Kid's Story" (1894), "And 'Frisco Kid came back" (1895), "A night's swim at Yeddo Bay" (1895), e "The plague ship" (1897); ou então histórias de certa atmosfera *pulp*, ora escoradas em suas experiências no *Sophie Shuterland*, ora amparadas em suas fartas leituras romanescas: há desde o exótico oriental como em "O Haru" (1895) e "Sakaicho, Hona Asi and Hakadaki" (1895), até o mistério sobrenatural meio-vitoriano de "Who believes in ghosts?" (1895) e de "The strange experience of a misogynist" (1897). Nenhum desses (em torno de) vinte contos havia causado grande sensação, embora alguns deles tivessem sido publicados em revistas literárias de menor porte.⁷⁸⁴

Sem se estender em questões de maturidade literária (ainda verde, como indicam a superficialidade dos personagens ou a repetição do desfecho epifânico), ou de marcas idiossincráticas (sua narrativa vigorosa e veloz, de frases curtas com descrições quase-técnicas e altamente visuais da ação), esses contos pareciam desenrolar-se em variadas direções, como que buscando um eixo, em termos de forma e de conteúdo, que os unificasse, algo que fosse capaz de os catalisar. Nesses primeiros escritos, Jack London muito se parecia o personagem de Frank Norris anteriormente mencionado: Tateando em busca do algo grandioso, que permitisse suprir, em seu caso, necessidades a um tempo existenciais e literárias.

Se observarmos o rumo que sua produção literária tomou após o retorno do escritor a Oakland, em 1898, a jornada do Klondike parece ter desempenhado esse papel, coordenando seus esforços em torno de um universo temático bastante mais bem definido (dando-lhe unidade de teor), e também com recursos narrativos mais bem formatados (dando-lhe organicidade formal). A quase-totalidade dos contos que escreveu entre 1898 e 1903 possui traços comuns, o que inclui tanto os que publicou isoladamente em revistas quanto os reunidos em três coletâneas (*The son of the wolf - Tales of the Far North*, 1900; *The god of his fathers and other stories*, de 1901; e *Children of the frost*, de 1902),⁷⁸⁵ além de seus textos de dicção jornalística e seus dois

⁷⁸⁴ Alguns haviam sido publicados na revista *Aegis*, da escola onde Jack estudava, a Oakland High School, como o "Sakaicho, Hona Asi and Hakadaki" (1895) e "A night's swim in Yeddo Bay" (1895). O conto "Two gold bricks" foi publicado na *The Owl Magazine* de Boston em setembro de 1897, quando o escritor já havia partido para o Alaska.

⁷⁸⁵ Alguns dos contos que Jack London escreveu e publicou em revistas durante os anos de 1898-1903 aparecem numa coletânea publicada posteriormente a esse período, *The faith of men and other stories* (1904), os quais serão levados em conta quando de nossa análise.

romances (*A daughter of the snows*, esc. 1900-1901, pub. 1902; e *The call of the wild*, esc. 1902-1903, pub. 1903).⁷⁸⁶

A literatura de London entre 1898-1903 esteve centralmente preocupada em digerir a experiência do Klondike, buscando interpretá-la e erigi-la, deliberada mas também inconscientemente, como uma epopeia. Não qualquer tipo de epopeia, contudo, mas aquela áspera, individualista e viril cuja estrutura foi fixada pela tradição histórica estadunidense da travessia para o Oeste, sob cujos auspícios o escritor fora nutrido. As soluções narrativas e as inflexões temáticas adotadas por Jack London recorrentemente descrevem simetrias, afinidades eletivas mesmo, em relação aos escritos sobre a travessia para o Oeste estadunidense. Por tal razão, seja pela forma compilatória e algo folclórica de sua ficção, seja pelo conteúdo e questões que elaborou, tomamos a liberdade de tratar o escritor desse primeiro momento como um peculiar rapsodo, um rapsodo *yankee*.

Em face desses elementos é que operamos nosso recorte cronológico e a proposição de nossa problemática, partindo do pressuposto de que a genealogia siamesa desses traços, mais do que fenômeno puramente individual ou estritamente estético, é histórico, e portanto social, material e cultural: passível de lançar luz sobre a experiência subjetiva da condição de trabalhador na Califórnia e no Oeste estadunidense de fins do século XIX e início do século XX.

Desde as primeiras linhas produzidas por Jack London tendo por base sua experiência no Klondike, um pressuposto fundamental se impõe: o contraste do ermo (*wilderness*) com a civilização. No conto "The god of his fathers" (1900), aliás, a travessia ao Norte é retratada como uma espécie de batismo dantesco. Um "renegado de sangue meio-inglês" chamado de Baptiste, o vermelho, guarda o portão do Alaska, "lar do inverno e Casa Nortenha do Tesouro". Ele proclama a todos os que quiserem adentrar em seus domínios que "(...) todo homem branco que vier à minha vila, eu o farei negar a seu deus."⁷⁸⁷ Como o pórtico do Inferno de Dante, aconselhando aos que o cruzassem que abandonassem toda a esperança, também o portão do Norte exige que o deus da civilização seja abandonado. Está-se adentrando domínios em que as forças civilizadas não podem proteger os indivíduos, onde as instituições e os costumes

⁷⁸⁶ No caso de alguns romances ou novelas, que, diferentemente das coletâneas de contos, têm uma elaboração unificada, optou-se por indicar o ano de escrita e de publicação separadamente, usando as abreviações 'esc.' e 'pub.' consentaneamente. No caso dos contos (nas coletâneas ou fora delas) indica-se individualmente o ano em que foram escritos.

⁷⁸⁷ LONDON, Jack. *The god of his fathers*. In: _____. **The god of his fathers and other stories**. McClure, Phillips & Company, 1901. pp. 12-13, p. 13 e p. 10, respectivamente.

aprendidos não se encontram em vigor; embrenhar-se neles implica assumir o ônus da sobrevivência dentro de seus quadros; tarefa para os audazes.

Como diz a epígrafe do conto "Jan, the unrepentant" (1900), "Pois que nunca houve lei, de deus ou dos homens/Que sobrevivesse ao Norte do '53"⁷⁸⁸ (o paralelo da fronteira do Alaska). O Norte que Jack London reconstruiu ficcionalmente em sua literatura desse período é o domínio do selvagem, do primevo, da lei da natureza, onde circunstâncias primitivas extremas ditam o comportamento e os costumes, antes do que qualquer herança de civilidade que se possa ter trazido na bagagem. A natureza é hostil, a competição entre os prospectores de ouro é hostil, e o conjunto geral da vida prática é hostil, logo, é despindo-se dos quadros civilizados que se sobrevive no Norte primevo. O homem vê-se reduzido a uma condição primitiva, tornando-se mais parte do mundo da Natureza do que do mundo da Cultura, tolhido numa metamorfose análoga àquela pela qual passaram os *forty-niners* que fundaram barbaramente o Oeste estadunidense, sobre sangue índio, contra a natureza feroz e em meio a uma sociabilidade marcada pela violência.

Com essas mesmas características é descrita a travessia do cão Buck para o Klondike, no romance *The call of the wild*: ele "(...) tinha sido subitamente arrancado do coração da civilização e lançado no centro das coisas primordiais." E esse novo ambiente não é amigável: "Havia uma imperativa necessidade de estar constantemente alerta, pois esses cães e homens não eram cães e homens. Eram selvagens, todos eles. Não conheciam lei senão a do porrete e das presas."⁷⁸⁹

Um comportamento comum aos habitantes do Norte, conforme descrito em "Jan, the unrepentant", explica-se sob essa mesma lógica: "(...) nas terras do Norte os homens descobriram que as preces só são eficazes se respaldadas por músculos. Eles estão acostumados a fazer eles próprios as coisas para si mesmos."⁷⁹⁰ "Músculos", "presas", "porrete": essa é a realidade que se impõe no ermo, a lei do mais forte, antes de "qualquer lei de deus ou dos homens".

A puritana sra. McFee, personagem do conto "The scorn of women" (1900), formulara uma teoria deveras curiosa e expressiva sobre a vida nas paragens geladas do Klondike. Olhando a brutalidade dos costumes naquelas terras, ela alinhavou uma interpretação sobre os homens com os fios da religião:

⁷⁸⁸ LONDON, Jack. *Jan, the unrepentant*. In: _____. **The god of his fathers and other stories**. op. cit. p. 140.

⁷⁸⁹ LONDON, Jack. **The call of the wild**. New York: Macmillian Company, 1903. p. 43.

⁷⁹⁰ LONDON, Jack. *Jan, the unrepentant*. op. cit. p. 146.

Ela (...) tinha uma teoria que construía nas vigílias silenciosas das longas e escuras noites, e era sua convicção que a terra do Norte é irregenerável porque muito frio. Não se pode cultivar o temor ao fogo do inferno numa caixa de gelo. Pode parecer dogmático, mas era essa a teoria da sra. McFee.⁷⁹¹

O potencial leviatânico da religião, passível de incutir sujeição aos homens, torná-los tementes a deus e com isso endireitar-lhes os costumes, não se aplica ao Norte. Naqueles domínios os homens são postos dentro dos implacáveis quadros da natureza e expostos às intempéries que ela é capaz de lhes infligir, ao passo que vêm-se obrigados a contingenciar seus velhos hábitos e desfazer-se de tudo aquilo que não responda imediatamente à sobrevivência. Em tais condições, os instintos fisiológicos e uma crua luta pela sobrevivência tendem a se sobrepor como protocolo de existência aos costumes aprendidos no seio da civilização, donde o diagnóstico da sra. McFee.

O conto "In a far country" (1899), da coletânea *The son of the wolf*, inicia estabelecendo precisamente esse axioma existencial e filosófico:

QUANDO um homem viaja para um lugar distante, ele deve estar preparado para esquecer muitas das coisas que aprendeu, e adquirir os costumes tais como eles foram herdados na existência dessa nova terra. Ele deve abandonar velhos ideais e antigos deuses, e, frequentemente, deve inverter os códigos a partir dos quais sua conduta, até então, havia sido moldada.⁷⁹²

E, logo em seguida, se o especifica para lapidá-lo ao caso do Norte palmilhado e experimentado por Jack London:

O homem que virar suas costas para os confortos de uma velha civilização e que encarar a juventude selvagem, a simplicidade primordial do Norte, pode estimar seu sucesso numa razão inversa à quantidade e à qualidade da permanência de seus velhos e teimosos hábitos.⁷⁹³

O axioma encontra-se demonstrado concretamente no intróito do romance *A daughter of the snows* (*A filha das neves*, na edição brasileira),⁷⁹⁴ quando um dos passageiros do barco tenta expressar polidez buscando facilitar o desembarque da dama Frona Welse num dos portos do Norte: "O senhor Thurston seguiu com firmeza a amurada, e, como recompensa por seu cavalheirismo, teve os nós de seus dedos atingidos pelo remo do barco."⁷⁹⁵ A polidez do senhor Thurston não tem lugar no

⁷⁹¹ LONDON, Jack. *The scorn of women*. In: _____. **The god of his fathers and other stories**. op. cit. p. 299.

⁷⁹² LONDON, Jack. *In a far country*. In: _____. **The son of the wolf - Tales of the Far North**. New York: The Riverside Press, 1900. p. 69.

⁷⁹³ Idem, ibidem, p. 70.

⁷⁹⁴ LONDON, Jack. **A filha das neves**. Tradução de José Maria Machado. São Paulo: Clube do Livro, 1973.

⁷⁹⁵ LONDON, Jack. **A daughter of the snows**. New York: Grosset & Dunlap, 1902. p. 11.

Klondike, tanto mais apto a sobreviver estará ele quanto conseguir abrir mão desses hábitos. Como se pode ler em *The call of the wild*, "Misericórdia é algo reservado para climas mais amigáveis",⁷⁹⁶ e como é dito por David Wertz, personagem de "Where the trail forks" (1900): "Princípios são princípios, e são bons aonde pertencem, mas são melhores deixados em casa quando se vem ao Alaska."⁷⁹⁷

O mesmo pode se dizer a respeito do silêncio que se estabelece entre a comitiva de "The White Silence" (1898) quando esta coloca-se sobre os trenós e chicoteia os cães para pô-los em marcha: "As conversas cessam; a labuta da trilha não permite tal extravagância."⁷⁹⁸ Ou ainda na ocasião em que Montana Kid, no conto "At the rainbow's end" (1899), encontra um desconhecido rebocando um homem cegado pela neve em seu trenó, e corta qualquer saudação amistosa ou disposição de solidariedade, indo direto às informações objetivas sobre o trajeto que ele percorrera: "Um primeiro encontro no ermo [*wilderness*] não costuma ser caracterizado pela formalidade."⁷⁹⁹

O pedágio da existência no ermo é a subscrição a certa variedade de lei da selva, a redução do humano ao nível instintual e mais básico da sobrevivência, semelhante ao de um animal mesmo. Dois homens nortenhos têm assim suas feições e seu estado de espírito descritos em "The wisdom of the trail" (1899): "De vez em quando seus olhos adquiriam o paciente estoicismo de sofrimento mudo; e então novamente o ego parecia irromper à diante com seu grito selvagem de 'Eu, eu, eu quero existir', a nota dominante de todo o universo dos vivos."⁸⁰⁰ Essa é a "sabedoria da trilha" contido no título do conto: o cultivo de níveis de estoicismo abnegado tão acentuados, a diminuição de desejos subjetivos a reclames tão básicos como somente "existir", que o homem vê-se como que despido dos caracteres próprios de sua identidade, deixando sua humanidade civilizacional para trás e tornando-se parte da natureza e de sua implacável homeostase.

Essa era uma das características centrais dos sujeitos que ousavam heroicamente cruzar o limiar do paralelo '53 para Jack London, como se pode observar em duas passagens retiradas de "The great interrogation" (1900): "(...) eles era uma raça prática, os homens nortenhos, praticantes de um salutar desprezo por teorias e de um firme

⁷⁹⁶ LONDON, Jack. **The call of the wild**. op. cit. p. 98.

⁷⁹⁷ LONDON, Jack. *Where the trail forks*. In: _____. **The god of his fathers and other stories**. op. cit. p. 207.

⁷⁹⁸ LONDON, Jack. *The White Silence*. In: _____. **The son of the wolf - Tales of the Far North**. op. cit. p. 6.

⁷⁹⁹ LONDON, Jack. *At the rainbow's end*. In: _____. **The god of his fathers and other stories**. op. cit. p. 240.

⁸⁰⁰ LONDON, Jack. *The wisdom of the trail*. In: _____. **The son of the wolf - Tales of the Far North**. op. cit. p. 146.

apreço pelos fatos", e "O macho ártico é elementar (...), e um tanto enérgico em seus sentimentos."⁸⁰¹ A visão de mundo do aventureiro nortenho precisa ser pragmática, e quanto mais ele for capaz de sufocar os reclames e vontades de sua individualidade civilizada, aceitando as "regras do jogo" da natureza, maiores serão suas chances de sobrevivência e sucesso. É isso o que garantiu a John Fox o seu, pois o explorador do conto "The marriage of Lit-Lit" (1903), sendo "de um lugar onde o *whiskey* congela e pode ser usado como peso de papel durante grande parte do ano", ele levou para o Klondike um "estado mental primitivo, uma simplicidade elementar e uma percepção das coisas como elas são, o que lhe assegurou imediato sucesso."⁸⁰²

Como é dito, com filigranas de formulação filosófica, no conto "The Law of Life" (1900): "A Natureza não é bondosa com a carne. Ela não liga para essa coisa concreta que chamamos de indivíduo. Seu interesse jaz na espécie, na raça." Donde o corolário do estóico Koskoosh, protagonista do conto, que serenamente aceita o curso da natureza: "Todos os homens devem morrer. Ele não reclamava. Era o curso da vida, e era justo. (...) Era a lei que cingia toda a carne."⁸⁰³

O Norte configura aos olhos de Jack London uma experiência que vai além da busca material por ouro ou das privações concretas, sejam elas da ordem dos homens ou da ordem das intempéries, que se colocam no caminho dos prospectores. A travessia ao Norte, e a vida nele, implicam uma mudança como que espiritual, de hábitos e costumes, análoga ao cruzar o limiar da civilização e o adentrar em domínios onde certos modos de viver caem em desuso. Era sobre essa metamorfose, esse "fazer-se" árduo e másculo, que muitos de seus contos se debruçavam, e era ele que se oferecia como contraste à experiência de trabalhador: não pela dureza envolvida na labuta nortenha (pois duro era abrir uma trilha na neve e também ficar dez horas diante de um tear de juta), mas sim pelo fato de que ela permitia que desse processo nascessem um senso de autonomia individual, de orgulho próprio, de hombridade e de astúcia que eram radicalmente distintos dos sentimentos fomentados pelo trabalho fabril, mais próximos do servilismo, da insignificância, da pequenez.

Precisamente sobre aqueles incapazes de se aclimatar ao trato áspero do Klondike e do Norte é que pesa o vergonha e o ridículo. Eles são "um típico espécime, o

⁸⁰¹ LONDON, Jack. *The great interrogation*. In: _____. **The god of his father and other stories**. op. cit. p. 35 e p. 46, respectivamente.

⁸⁰² LONDON, Jack. *The marriage of Lit-Lit*. In: _____. **The faith of men and other stories**. New York: The Macmillian Company, 1904. p. 177.

⁸⁰³ LONDON, Jack. *The Law of Life*. In: _____. **Children of the frost**. New York: Regent Press, 1902. p. 40.

ineficiente da fronteira", "cria da cidade",⁸⁰⁴ "camaradas indolentes", "filhos de pais abastados", "cavaleiros de braseiro e não de fogueira".⁸⁰⁵ Percy Cuthfert e Carter Weatherbee, os dois personagens que protagonizam o conto "In a far country", eram "funcionários de balcão" antes de se aventurarem na corrida do ouro de 1897. E escreve London que "não havia o espírito romântico neles, pois a escravidão do comércio o tinha esmagado".⁸⁰⁶ Era esse o caso de muitos neófitos desavisados que foram ao Klondike e perambulam pelas páginas da literatura do escritor: são os *che-cha-quos* e os "pés-macios" (tender-foot), como o trio que compra Buck no capítulo V de *The call of the wild* e sobrecarrega seu trenó; e o homem que fora abandonado ao lado da trilha nevada pela sua companhia em *A daughter of the snows*, ao qual Frana reserve somente um breve comentário cruel: "(...) você tem o espírito fraco. Esse lugar não é para os de espírito fraco".⁸⁰⁷ Um destino tenebroso costuma aguardar esses "impotentes rebentos da civilização", esses "incapazes".⁸⁰⁸ No caso de Cuthfert e Weatherbee, ambos sucumbem à loucura trancafiados numa cabana de madeira no meio da imensidão gelada, lutando entre si por conta das suspeitas oriundas de sua ganância despreparada.

O Klondike, como London predicou incansavelmente, não é um lugar para todos; ele pertence aos de envergadura heróica, dignos de sua epopeia.

Para a cultura de hombridade que participava da estrutura de sentimentos que sedimentou as tradições do Oeste, o Norte atua como uma espécie de filtro, seleciona os capazes, coroando-os dos ásperos louros da virilidade, vinculada que está à resiliência, à dureza de trato, à autonomia e ao orgulho calcados sobre a obstinação, de trabalho e de sobrevivência. O Norte que fazia nascer essa "nova raça" (new breed) de homens é aquele em que "Sobre cada palmo de seu chão se estendia a floresta primeva, lar da comédia estrepitosa e da tragédia silente. Aqui a luta pela sobrevivência continuava cobrando seu preço com toda a brutalidade d'antanho".⁸⁰⁹ Pelo mesmo motivo é que, em "The grit of women" (1900), afirma-se que "Para aqueles de pouca fé, não há lugar mais recomendado do que o Klondike para morrer. Mas que não se infira disto que é lugar adequado se se tiver propósitos de viver".⁸¹⁰

⁸⁰⁴ LONDON, Jack. *At the rainbow's end*. op. cit. p. 238.

⁸⁰⁵ LONDON, Jack. *The Priestly Prerogative* [1899]. In: _____. **The son of the wolf - Tales of the Far North**. op. cit. p. 120 e p. 124, respectivamente.

⁸⁰⁶ LONDON, Jack. *In a far country*. op. cit. p. 70 e p. 71, respectivamente.

⁸⁰⁷ LONDON, Jack. **A daughter of the snows**. op. cit. p. 38.

⁸⁰⁸ LONDON, Jack. *In a far country*. op. cit. p. 73 e p. 74, respectivamente.

⁸⁰⁹ LONDON, Jack. *The god of his fathers*. op. cit. p. 1.

⁸¹⁰ LONDON, Jack. *The grit of women*. In: _____. **The god of his fathers and other stories**. op. cit. p. 157.

A abdicação da civilidade que caracteriza a vida no Norte é explorada como máxima filosófica e como recurso literário por Jack London, que vai gradativamente fazendo a precariedade prática do dia-a-dia e a rusticidade técnica do trabalho de mineração no Klondike tornaram-se sucedâneos da conversão do homem num ser animalesco, intensamente assombrado por instintos primitivos. O processo de "des-civilização" que se operava na ficção do escritor vinha alimentado e requintado pela difusão do darwinismo nos Estados Unidos do final do XIX,⁸¹¹ e parece ter concorrido na literatura do escritor para realçar a dimensão biológica e natural do homem, partilhada por ele e pelos animais no grande esquema da sobrevivência, adaptação e evolução.

Aqui se entrelaçam influências no tecido literário, e um tanto quanto confusamente. As reverberações da antiga narrativa tradicional sobre conquista do Oeste, que ressaltavam as condições extremas da natureza a acossar os pioneiros e impor-lhes uma existência primitiva, se entrecruzam com os sonhos bestiais do darwinismo, por vezes mesmo de certo darwinismo social que via na vida social manifestação da evolução via seleção natural, e da sociabilidade uma cruenta luta de todos contra todos. A sociabilidade de concorrência exacerbada, comum tanto ao Oeste dos anos 1840-1870 quanto ao Klondike dos anos 1890, confunde-se com certa variedade de seleção natural, como se diretamente extensíveis um ao outro. O cultural ímpeto pela acumulação e a violência calcada na ambição de fortuna fácil, por meio da ação dos artifícios literários, rapidamente se converte numa natural sobrevivência do mais apto, mecanismo basilar do evolucionismo darwiniano.

No conto "The god of his fathers" o retorno à lei da natureza e às priscas eras de nossa selvageria são revestidos de sentidos religiosos. O personagem Sturges Owen, um pregador que se nega a aceitar o caráter primitivo da religião e do modo de vida nortenhos, sofre o impacto violento daquelas poderosas forças que parecem concorrer para a involução dos homens:

Ele sentiu obscuramente a maldição ancestral, a debilidade do espírito que havia assomado em si vindo do passado, e sentiu raiva da força criativa que o

⁸¹¹ GRAHAM, Don. **The fiction of Frank Norris - The aesthetic context**. Columbia: University of Missouri Press, 1978. pp. 66-122. (Chapter 3 - The Aesthetic Nineties and the huge conglomerate West of *The octopus*); MUMFORD, Lewis. **The Brown Decades - A study of the arts in America (1865-1895)**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1931. pp. 1-56 (Chapter 1 - The Brown Decades); COMMAGER, Henry Steele. **O espírito norte-americano - Uma interpretação do pensamento e do caráter norte-americano desde a década de 1880**. op. cit. pp. 119-131. (Capítulo VI - Determinismo em literatura); HOFSTADTER, Richard. **Social Darwinism in American thought**. op. cit. pp. 143-169. (Chapter VIII - Trends in Social Theory, 1890-1915)

tinha feito tão servil e tão fraco (...). Pois mesmo a um homem de princípios fortes, tais ira e tensão de circunstâncias eram suficientes para gerar apostasia, e para Sturges Owen ela era inevitável.⁸¹²

O pregador, filho da civilização e pio crente do seu deus, vê-se diante de uma simbólica apostasia. A "maldição ancestral" é a brutalidade da vida nortenha, onde o trato rude se sobrepõe aos hábitos civis, e onde abreviam-se os ritos civilizados pela urgência do pragmatismo oriundo de uma vida constantemente tensionada.

O famoso conto "The White Silence" (1898) também serve de exemplo nesse sentido. Logo em seu início ele retrata dois condutores de trenó conversando ao lado de uma fogueira, isolados em meio ao ermo nevado, e observando os exaustos cães que puxavam seus trenós. Um dos homens diz, indicando um animal: "(...) olhe só para Shookum, ele tem a gana. Aposto com você que ele devora Carmen [*uma cadela da matilha*] antes que semana acabe." O outro responde: "Eu banco outra aposta (...). Nós havemos de jantar Shookum antes que essa viagem termine."⁸¹³ A vida no Norte não somente se caracteriza pela lógica cruenta do "dog-eat-dog" (cão-comer-cão, em tradução literal, ou "matar-ou-morrer", em versão adaptada), mas vai além disto, pois o cão que sobrar também será devorado.

O enredo de "The White Silence", aliás, se desenrola até o ponto em que a matilha que puxava o trenó, faminta e vendo um de seus donos enfraquecido por um pesado galho que caíra sobre si, o ataca ferozmente. O homem que o acompanhava arremete em seu socorro, e é assim que a cena é descrita: "Ele tomou parte na peleja segurando seu rifle pelo cano, como um porrete, e o velho jogo da seleção natural foi disputado com toda a crueldade de seu ambiente primordial (...) homem e besta lutaram pela supremacia até a mais rascante conclusão."⁸¹⁴ Lutando com unhas e dentes, a distância entre homem e besta diminui, e ambos são postos num mesmo patamar, parte de uma mesma categoria diante da inescapável dimensão biológica que engolfa a todas as criaturas.

É por essa lógica subjacente à vida nortenha, no coração gelado do último bastião da *wilderness* estadunidense, que outros tantos exemplos podem ser arrolados na literatura primeira de Jack London. Quando o professor A. Van Brunt, personagem do conto "In the forests of the North" (1901), escuta a história de como certo nativo morrera "pelas garras de um urso", ele só pode exclamar sobre a existência no Norte:

⁸¹² LONDON, Jack. *The god of his fathers*. op. cit. p. 31.

⁸¹³ LONDON, Jack. *The White Silence*. op. cit. p. 2.

⁸¹⁴ Idem, *ibidem*, pp. 16-17.

"Vida bestial!"⁸¹⁵ Sobre a Sra. Eppingwell, que convivera nas terras nortenhas por tempo suficiente para conhecer os efeitos que suas condições extremas exercem sobre os homens, é dito que "Ela achava fácil pôr-se à parte da civilização e contemplar as coisas de um ponto de vista bárbaro. Conseguia compreender certas características primais e análogas entre um lobo e um homem famintos".⁸¹⁶ No episódio do conto "The son of the wolf" (1900) em que o protagonista "Scruffy" Mackenzie se bate com os nativos esquimós "pela sua fêmea", escreveu London: "Era uma cena estranha, um anacronismo. Ao sul, o século XIX desenrolava os últimos anos de sua última década; no Norte florescia o homem primevo, uma sombra dos pré-históricos homens das cavernas, um fragmento esquecido do Mundo Antigo."⁸¹⁷

A literatura de Jack dessa primeira fase epitomiza a condição primitiva e selvagem do Klondike e do Norte até as raias de uma temerária celebração dessa impetuosidade violenta e bruta. Em algumas passagens o homem nortenho quase se torna um homúnculo, senão um animal. Expressão disto se encontra na descrição do porto de Dyea, onde desembarca Frona Welse, protagonista de *A daughter of the snows*:

O tempo havia caminhado para trás, e a locomoção e o transporte estavam novamente nos estágios mais primitivos. Homens que nunca haviam carregado mais que embrulhos tinham então se tornado carregadores de grandes fardos. Eles já não caminhavam mais eretos sob o sol, e sim curvavam-se com o corpo para frente e ficavam com suas cabeças rentes ao chão.⁸¹⁸

Os homens parecem adquirir os trejeitos, o porte e a compleição de alguma de seus primitivos ascendentes, como que retornando nos estágios da evolução que o tirou das árvores e o trouxe até sua condição de *Homo sapiens sapiens*. Ans Anderson, personagem de "Too much gold" (1903) é descrito como sendo "alto e magro, com braços compridos como os de um homem pré-histórico".⁸¹⁹ Não surpreende que tenha sido no misterioso mundo primitivo que predomina no Norte de Jack London que se pôde alojar, ficcionalmente, um mamute pré-histórico (!), como no conto "A relic of the Pliocene" (1900). O narrador da estória, buscando manter qualquer solidez em seu relato, faz questão de afirmar que se encontrava "(...) para além de mil milhas do posto mais avançado da civilização."⁸²⁰

⁸¹⁵ LONDON, Jack. *In the forests of the North*. In: _____. **Children of the frost**. op. cit. p. 10.

⁸¹⁶ LONDON, Jack. *The scorn of women*. op. cit. pp. 265-266.

⁸¹⁷ LONDON, Jack. *The son of the wolf*. op. cit. pp. 35-36.

⁸¹⁸ LONDON, Jack. **A daughter of the snows**. op. cit. p. 16.

⁸¹⁹ LONDON, Jack. *Too much gold*. In: _____. **The faith of men and other stories**. op. cit. p. 120.

⁸²⁰ LONDON, Jack. *A relic of the Pliocene*. In: _____. **The faith of men and other stories**. op. cit. p. 5.

Noutra passagem do conto "The scorn of women" o receituário animalesco e o pesadelo darwiniano chegam a outros extremos. A sra. Eppingwell faz comentários sobre como uma certa dançarina grega conseguia virar a cabeça de um minerador recém-enriquecido da região:

Os homens são somente vertebrados gregários, domesticados e evoluídos. É muito provável que, pelo fato de ela ter tido que lidar com bestas masculinas mais selvagens, ela tenha conseguido aplacar os ânimos dele com seus olhos infernais (...). A besta que existia nele dobrou-se ao seu chicote.⁸²¹

London se compraz em fornecer todos os rincões da vida nortenha com os aspectos mais primitivos, incorrendo muitas vezes numa concepção animalesca de homem, como se este fosse no geral guiado pelos mesmos instintos naturais básicos dos animais ou de seus ascendentes pré-históricos. Como advogava o fabulário naturalista do final do XIX, a literatura de Jack London fiava-se no drama e na tragédia deterministas, transformando o meio nortenho no dínamo da bestialização humana, devidamente calibrado com o cientificismo *state-of-the-art* da época, movido a Darwin, Huxley, Weismann, Haeckel, Conn, Spencer e afins. As forças da natureza e o furor das urgências biológico-fisiológicas parecem assomar no horizonte humano, assombrando homens e mulheres que, alheados dos freios morais e espirituais da civilização, sucumbem à vileza e à lei da selva, tornando-se mais animais do que gente.

Tudo isto parece justificar a colocação de Jack London sob o cabeçalho "Prosa naturalista", antes de reclamar-lhe o estatuto pouco ortodoxo de "Epopéia". A presença robusta de noções tais como "raça", "sangue", "hereditariedade", "ancestralidade", "seleção", "evolução", aliás, parece reforçar essa catalogação. Há bons e suficientes motivos para pleitear sua cadeira no panteão literário norte-americano ao lado de Theodore Dreiser, Frank Norris, Upton Sinclair e Stephen Crane.

Contudo, insistimos em argumentar que a nota mestra que afinava a literatura primeira de Jack London, aquela produzida entre 1898-1903, é a busca do épico. O naturalismo que cimentou o *tour de force* que é *The iron heel*, e que tanto vigor injetou na suas posições socialistas e avaliações políticas posteriores, este já estava presente naquele *fin de siècle*, mas incipiente e instintivo, ainda submetido ao escritor de aventuras que London era, atento ao gosto editorial e dos leitores - aliás, é sobre essa atenção e esse esforço, demonstrada no artigo de 1903 "Getting into print" (Sendo

⁸²¹ LONDON, Jack. *The scorn of women*. op. cit. pp. 282-283.

publicado, em tradução livre), que Jonathan Auerbach se baseou para entender "o formidável poder da obra de Jack London".⁸²²

Seus escritos primeiros eram uma resposta à sua vivência de trabalhador desiludido, uma leitura do Klondike à luz de sua vida pregressa. Buscavam interpretar a temporada nortenha como experiência diametralmente oposta aos seus dias de "besta-de-trabalho" e de "fatos medíocres", dando ao Alaska a condição de pai da hombridade grandiosa que ele por tanto tempo acalentara (quicá entrelaçada aos dilemas muitos particulares de sua própria filiação ambígua). O Norte é a pia batismal da velha-nova epopeia estadunidense, e creio não ser por outra razão que os títulos de seus livros dessa época aludem tão frequentemente à paternidade e à filiação: "O filho do lobo", "A filha das neves", "O deus de seus pais", "Os filhos da geada"; ou que a dedicatória da coletânea de 1900 seja "Para os filhos do lobo [*como os nativos nortenhos chamam os homens brancos*] que buscaram sua herança e deixaram seus ossos entre as sombras do Círculo",⁸²³ e a da de 1901 "Para as filhas do lobo, que deram a luz e amamentaram toda uma raça de homens."⁸²⁴

O esforço de Jack London em cortejar a força aparentemente implacável do primitivo e da natureza no talhar dos homens foi interpretado como manifestação naturalista, pois parecia conceber o homem como ser pequenino, quase fantoche delas. Não é ele quem diz, no ensaio de 1896-1897 "The Road: Glimpses of the underworld", entre aterrado e fascinado: "Transformação pelo meio - Ó fórmula fecunda!"⁸²⁵ No entanto, nos parece que a inflexão dessa primeira literatura de London era outra: antes de robustecer o primitivo e a natureza como forças que solapam o livre-arbítrio do homem, tornando-o mero animal instintual, ele insiste sobre quão implacáveis essas forças podem ser precisamente para poder ressaltar a intrepidez e a astúcia do homem em resisti-las, passando por sua provação.

Essa é a chave de seu épico!

Recorramos ao célebre conto que abre a coletânea de 1901, "The White Silence" para poder compreendê-lo. Uma das mais conhecidas passagens é aquela em que o Silêncio Branco é descrito:

⁸²² Diz Auerbach sobre o propósito de seu livro: "Proponho (...) entender o formidável poder da obra de Jack London nos termos próprios das instituições de publicação de fins do século - o processo coletivo de composição, digitação, envio, rejeição, edição, revisão, negociação, publicação, entrevista" (tradução livre) AUERBACH, Jonathan. **Male call - Becoming Jack London**. op. cit. p. 2.

⁸²³ LONDON, Jack. **The son of the wolf - Tales of the Far North**. op. cit.

⁸²⁴ LONDON, Jack. **The god of their fathers and other stories**. op. cit.

⁸²⁵ RASKIN, Jonah (ed.). **The radical Jack London - Writings on war and revolution**. Berkeley: University of California Press, 2008. p. 69.

A Natureza tem muitos truques para convencer o homem de sua finitude: o incessante fluxo das marés, a fúria da tempestade, o abalo do terremoto, o longo rolar da artilharia celeste. Porém, o mais tremendo, o mais incrível de todos é fase passiva do Silêncio Branco. Todo o movimento cessa, o céu se desanuvia e se torna brônzeo, e o mais leve sussurro parece um sacrilégio. O homem sente-se intimidado, assustado com o som da própria voz. Solitária criatura a jornada pelos ermos fantasmagóricos desse mundo defunto, ele treme do alto de sua audácia, dando-se conta de que sua vida não é mais do que a de um verme, nada mais.⁸²⁶

Há aí aquele elemento de fortes inclinações naturalistas do qual tantos exemplos já arrolamos: o homem aqui é ser pequeno, quase insignificante diante da majestade aterradora da Natureza. Contudo, uma passagem bem menos conhecida é aquela que descreve o homem que ousa confrontar o Silêncio Branco:

Aquele que tentar abrir a trilha na neve pela primeira vez, se porventura conseguir evitar o traiçoeiro perigo de dar passadas muito longas ou muito curtas em relação a suas pernas, irá desabar exausto ao fim de cem jardas. Aquele que conseguir manter-se fora do caminho dos cães por um dia poderá arrastar-se para seu saco de dormir com um orgulho tamanho (...) que desafia todo entendimento. Ora, aquele que consegue viajar por vinte dias na Longa Trilha, eis um homem a quem até os deuses invejam.⁸²⁷

Há uma razão interessante a ser explorada aqui. Quanto mais hostil, brutal e primitiva for a natureza, e quanto mais avassaladores forem seus efeitos físicos e psicológicos sobre os homens, tanto mais intrépidos, grandiosos e heróicos serão aqueles que lhe conseguirem resistir. A ferocidade da natureza e a bravura dos sujeitos que lhe confrontam são diretamente proporcionais. A implacabilidade das poderosas forças que constroem o homem podem ser tanto sua danação quanto a plataforma de sua ascensão épica.

A literatura de Jack London entre os anos de 1898-1903 está tomada pela natureza selvagem e pelos atavismos primitivos que assombram o homem, porém, está também povoada de sujeitos que sobrepujaram essas mesmas forças colossais, tornando-se grandiosos e venerandos. Eles são os heróis da sua ficção, simétricos aos intrépidos *forty-niners* cantados pela tradição do Oeste, e diametralmente opostos aos homens servis e acabrunhados que o mundo do trabalho do final do século XIX criava em proporções crescentes. Foi recusando a civilização e aceitando o "chamado selvagem" do ermo, "quando o mundo vibrou com a lenda do ouro ártico e o Norte tomou de assalto o coração dos homens",⁸²⁸ que o escritor pôde dar forma mais bem

⁸²⁶ LONDON, Jack. *The White Silence*. op. cit. p. 7.

⁸²⁷ Idem, p. 6.

⁸²⁸ LONDON, Jack. *In a far country*. op. cit. p. 70.

acabada aos descompassados reclames existenciais de sua adolescência. Ao homem explorado, castrado e apequenado, preso nas cadeias do mundo do trabalho que London negava titubeante, o Norte permitiu opor (e, nesse sentido, propor) um homem viril, bruto e autônomo, que não causava pena aos filantropos, mas inveja aos deuses.

Essa figura, tão literária quanto material, tão constructo estético quanto moral, perambula fartamente pelas páginas dessa literatura de London, vivenciando experiências épicas. Em "The White Silence", "To the man on trail" (1898), "The wife of a king" (1899), ela é encarnada por Malemute Kid. Em "The son of the wolf", por "Scruffy" Mackenzie. Em "The men of forty-mile" (1899), por Big Jim Belden e Lon McFane. Em "To the man on trail", por Jack Westondale. Em "The wisdom of the trail", "The grit of women", e "The scorn of women", por Sitka Charley. Em "An Odyssey of the North", (1899) por Axel Gunderson. Em "Which make men remember" (1900), por Uri Bram. Em "Where the trail forks", por Hitchcock. Em "A daughter of the Aurora", (1899) por Louis Savoy. Em "At the rainbow's end", por Montana Kid. Em "In the forests of the North", por John Fairfax. Em "The Law of Life", por Koskoosh. Em "Keesh, the son of Keesh" (1901), pelo personagem de mesmo nome. Em "Li Wan, the fair" (1901), por Canim. Em "The faith of men" (1902), por Corry Hutchinson. Em "The marriage of Lit-Lit", por John Fox. Em *A daughter of the snows*, por Matt McCarthy. Em *The call of the wild*, por John Thornton.

Como se diz no conto (de sintomático título) "An Odyssey of the North", esses homens "(...) eram de várias raças, mas a vida comum que levavam havia feito deles um certo tipo, um tipo magro e esguio, com músculos endurecidos pela labuta da trilha, faces bronzeadas pelo sol e espíritos imperturbáveis, que fitavam o porvir com lucidez e firmeza." Eles eram "(...) os heróis não coroados que tinham visto a história ser feita, que consideravam o grandioso e o romântico como o ordinário incidental da rotina própria da vida."⁸²⁹

Como o caudal humano que se despejou sobre o Oeste e sobre a Califórnia entre as décadas de 1840-1870, cujas histórias constituíam a mitologia aventureira e as tradições de hombridade dentro das quais Jack London crescera, os homens nortenhos enfrentaram condições similares. Compunha sua experiência no Klondike o enfrentamento de uma natureza bravia, a ausência ou a tibieza de instituições e de estruturas legais, uma sociabilidade acentuadamente marcada pela concorrência e não

⁸²⁹ LONDON, Jack. *An Odyssey of the North*. In: _____. **The son of the wolf - Tales of the Far North**. op. cit. pp. 192-193 e p. 194, respectivamente.

raro pela brutalidade e pela violência, bem como condições econômicas dispersas o suficiente para que se pudessem alimentar sonhos de prosperidade individual fartamente em seu seio. Mesmo a convocação migratória espasmódica que a descoberta de ouro proporciona se encontrava no Norte tanto quanto no Oeste.

Sustentamos que por conta disto, dessa semelhança de circunstâncias entre as duas corridas do ouro, que o aventureiro e o épico daquele de 1849 tenha sido estendido por Jack London à de 1897-1898, vindo a oferecer-se como antídoto à vivência experimentada pelo escritor nas malhas do mundo do trabalho californiano de fins do século XIX. Não nos parece por outra razão que a ficção de London manifesta, deliberada e instintivamente, inúmeros exemplos de simetria entre os dois processos históricos. O "Far West" (Oeste Distante ou Extremo Oeste) torna-se o "Far North" (Norte Distante ou Extremo Norte) do título da coletânea de 1900; as planícies e montanhas desérticas do Oeste tornam-se as planícies e montanhas geladas do Norte; os índios e mexicanos que se relacionaram harmoniosa e belicosamente com os *forty-niners* e *cowboys* do Oeste de meados do XIX se tornam os esquimós e Inuits que fizeram o mesmo com os homens que foram *Klondiking*⁸³⁰ no final desse mesmo século; a vida dissoluta e festiva dos *saloons* de San Francisco foi recriada nos *saloons* de Dawson, Dyea e Circle City, com as mesmas bebedeira, jogatina e prostituição; os fiéis cavalos da tradição *western* tornaram-se os cães puxadores de trenó do Alaska; o chapéu e botas dos homens do Oeste deram lugar aos casacos de pele e *moccasins* do Norte, e mantiveram os revólveres e rifles como utensílios individuais básicos; a velha tradição dos duelos do Oeste manteve-se no protocolo nortenho em que "Cada homem media uma ofensa e aplicava a punição na proporção em que ela o afetava";⁸³¹ e a experiência transcendente que o ermo proporcionou aos migrantes do Oeste também teve seu par no Norte de London, como com o "Silêncio Branco".

Essa busca de simetria, aliás, é o que dá conta de explicar uma aparente contradição dessa porção primeira da literatura de London de acordo com a interpretação que viemos construindo. Dissemos que existe uma ligação orgânica entre a insatisfação de London com as longas e estafantes horas no mundo do trabalho que experimentou e a celebração do Norte como um modo de vida preferível àquele. Curiosamente, contudo, a julgar pela literatura do escritor, o Klondike de fins da década

⁸³⁰ A expressão "to go Klondiking" (ir Klondikear, em tradução livre) é usada por Jack London no conto "The Man with the Gash" (1899), da coletânea *The god of their fathers and other stories*, página 124.

⁸³¹ LONDON, Jack. *The men of Forty-Mile*. In: _____. **The son of the wolf - Tales of the Far North**. op. cit. pp. 57-58.

1890 tem como uma de suas características de maior relevo a exigência laboral ao limite da exaustão, algo supostamente similar às condições da faina trabalhadora de London em Oakland.

Diz-se em "The White Silence" que "De todos os penosos trabalhos, aquele da trilha nortenha é o pior de todos."⁸³² O protagonista de "The son of the wolf", típico exemplar do homem nortenho celebrado por London, é descrito como "um homem prático", "filho da labuta e da dureza".⁸³³ Sobre Jack Westondale, personagem de "To the man on trail", é dito que nos seus três anos de vida nortenha "(...) trabalhou como um cavalo".⁸³⁴ Um dos companheiros prospectores de "Where the trail forks" diz que "(...) nos últimos doze meses (...) trabalhamos como bestas!"⁸³⁵ Sitka Charley, em "The grit of women", expõe sua máxima filosófica: "Viver é trabalhar duro".⁸³⁶ Sobre David Rasmussen, protagonista do conto "The one thousand dozen" (1902), diz-se que "Quão duro ele trabalhara e quanto sofrera, ele não sabia ao certo."⁸³⁷ No conto "The story of Jeess Uck" (1902), o contraste entre as mãos de Jeess Uck, uma mulher nortenha, e Kitty Bonner, uma mulher de San Francisco, reforça essa noção: "(...) a primeira, curtida pelo trabalho e endurecida pelo cabo do chicote pelo toque do remo; a outra, intocada pelo trabalho e macia como a pele de um bebê".⁸³⁸ No romance *A daughter of the snows*, o homem é descrito como "o grande labutador", e Frona Welse, sua protagonista, canta loas à obstinação laboral da raça dos homens nortenhos: "Nós trabalhamos e lutamos, e nos fiamos na labuta e na batalha não importa quão infrutífero isso possa parecer."⁸³⁹ Os "braços longos" e as "mãos largas como pratos de sopa, retorcidas e de juntas grossas" de Ans Anderson, personagem de "Too much gold", são atribuídas "ao trabalho".⁸⁴⁰ Mesmo o relato romanceado de Hamlin Garland sobre os caçadores de ouro do Alaska, *The trail of the gold seekers* (1899), descreve as faces dos homens que chegavam ao

⁸³² LONDON, Jack. *The White Silence*. op. cit. p. 6.

⁸³³ LONDON, Jack. *The son of the wolf*. op. cit. p. 23.

⁸³⁴ LONDON, Jack. *To the man on trail*. In: _____. **The son of the wolf - Tales of the Far North**. op. cit. p. 111.

⁸³⁵ LONDON, Jack. *Where the trail forks*. In: _____. **The god of his fathers and other stories**. op. cit. p. 187.

⁸³⁶ LONDON, Jack. *The grit of women*. op. cit. p. 176.

⁸³⁷ LONDON, Jack. *The one thousand dozen*. In: _____. **The faith of men and other stories**. op. cit. p. 160.

⁸³⁸ LONDON, Jack. *The story of Jeess Uck*. In: _____. **The faith of men and other stories**. op. cit. p. 279.

⁸³⁹ LONDON, Jack. **A daughter of the snows**. op. cit. p. 13 e p. 83, respectivamente.

⁸⁴⁰ LONDON, Jack. *Too much gold*. op. cit. p. 120.

porto de Seattle depois da aventura nortenha como "pálidas e cansadas, como se acometidas de uma longa mazela ou de exaustiva labuta".⁸⁴¹

Os exemplos poderiam ser arrolados mais abundantemente, mas penso que o ponto está estabelecido: o Norte demanda tanto (senão mais) trabalho do que o cotidiano laboral que Jack experimentou na Califórnia. O que explica, portanto, a recusa insatisfeita do escritor pelo trabalho na "civilização" e a adoção entusiástica do trabalho no "ermo"?

A julgar pelas características literárias com que London (re)cria ficcionalmente o Norte, podemos responder o seguinte: o trabalho "civilizado" o apequena, enquanto o trabalho no "ermo" o torna grandioso. Não é ao trabalho em si, no sentido lato e inespecífico dele, como mera atividade prática de produção, que London recusa, mas sim determinado tipo de trabalho, em determinadas condições e a partir de determinados costumes e tradições.

O mundo do trabalho de Oakland nos anos 1880-1890 estava já em considerável estado de avanço tecnológico, e se encontrava nos quadros de uma economia em crescente processo de concentração e oligopolização. Trabalhar nesse íterim, como demonstra a vida mesma de Jack London, costuma resultar menos de uma escolha do que ser produto de pressões operadas em nível material, causa e consequência de pobreza. Trabalhar em tais condições implicava também, frequentemente, pôr-se numa relação marcada pela verticalidade, na qual a ponta fraca cabia ao trabalhador, sobretudo nos quadros de crescente incremento tecnológico e de capital, que precarizava as circunstâncias de negociação entre capital e trabalho. Além disso, por elementar que possa parecer, trabalhar nesse íterim é não ser dono do produto final do trabalho e da razoável autonomia que isso pleiteia, mas sim vender sua força de trabalho, algo que era comumente enxergado como pôr-se à serviço de alguém, hipotecando a própria liberdade de definir idas e vindas, horários e condições de trabalho, relação particularmente detestável aos olhos de uma cultura de hombridade como aquela que formatava as mentes dos antigos *forty-niners* e seus herdeiros.

Por severas e fisicamente exaustivas que pudessem ser, portanto, as tarefas laborais que a vida material do Klondike exigia eram feitas dentro de condições no geral mais livres, fosse pela dificuldade de comunicação e transporte imposta pela natureza,

⁸⁴¹ GARLAND, Hamlin. **The trail of the Gold-seekers - A record of travel in Prose and Verse.** London: Macmillan & Company, 1906. Disponível em <<https://www.gutenberg.org/files/28551/28551-h/28551-h.htm>> Acesso em 30 jun 2018.

fosse pela "virgindade" econômica que permitia maior espaço de manobra para os pequenos agentes econômicos, num clima similar ao de 1849 quanto ao razoável nivelamento de todos na condição de trabalhadores braçais. Ao lado disso, é claro, não se pode menosprezar o fato de que a mineração do ouro eventualmente permitia que se tirasse a sorte grande e se ganhasse uma grande fortuna, algo virtualmente impossível numa condição proletária. Na medida em que todas essas condições nortenhas favoreciam caracteres da hombridade, como uma certa independência indômita e uma relativa liberdade individual, o Klondike se projetou como espécie de bastião onde a hombridade perdida na "civilização" podia ser conquistada. Não à toa que no conto "The story of Jeess Uck", o pai de Neil Bonner vaticine, às vésperas da ida do filho ao Norte gelado: "Cinco anos de simplicidade, próximo do solo e longe da tentação, farão dele um homem."⁸⁴²

À sombra desse conjunto de razões históricas, a transição da "civilização" para o "ermo" tinha de ser lida como uma epopeia. Uma epopeia pouco ortodoxa, é verdade, mas ainda assim recheada de heroísmo, com passagens tais como "Sua é a ancestralidade que sobreviveu por mil séculos, por centenas de milhares de séculos, não deve parar aqui"⁸⁴³ ou "Ele estendeu sua mão vagamente na direção norte e leste, onde se estendia uma *terra incognita* em cuja vastidão muitos homens erraram, mas poucos retornaram."⁸⁴⁴ Na peça *The return of Ulysses* (sic!) de 1903, o personagem George, que recém retornara do Klondike, responde do seguinte modo quando perguntado sobre o que tinha a apresentar de sua jornada setentrional:

A apresentar? Que tenho eu a apresentar?
 Por entre as vastas planuras árticas ter ido errar?
 Onde a escuridão amortalha o mundo silente,
 E a morte paira sobre todos, arrojai de frente,
 Meu desafio às estrelas, desfraldei valente
 Meu estandarte, feitos míticos realizei,
 Uma dúzia de selvagens marchas liderei;
 Por meses a fio apenas de alce me alimentei,
 Congelei meus pés, mas não esperei
 Que se curassem, e logo de um nariz congelado padeci.
 Sim, ante grandes perigos me ergui,
 Tivesse eu um modo de contar apropriado,
 Minhas aventuras naquele inferno gelado,
 O mais íntimo de sua alma iria amedrontar,
 Com os feitos praticados sob a Luz do Norte polar.⁸⁴⁵

⁸⁴² LONDON, Jack. *The story of Jeess Uck*. In: _____. **The faith of men and other stories**. op. cit. p. 244.

⁸⁴³ LONDON, Jack. *The great interrogation*. op. cit. pp. 56-57.

⁸⁴⁴ LONDON, Jack. *A relic of the Pliocene*. op. cit. p. 13.

⁸⁴⁵ LONDON, Jack. *The return of Ulysses*. In: _____. **The complete works of Jack London**. Sussex: Delphi Classics, 2011. pos. 130872.

Para ser digno da autoria dessa mítica história, Jack London precisava tornar-se, antes de um contista ou um romancista, um rapsodo. Para a homérica missão, era imperioso que ele refreasse sua imaginação ficcional dionisíaca e exercitasse sua contenção compilatória apolínea, fazendo-as cooperar num esforço em que transcrição humilde e criação vaidosa precisavam se equilibrar - esforço com algo de dilema cuja ironia muito teria agradado ao humor do deuses gregos.

Sustentamos que foi com base nesse esforço "criativo-compilatório" que a literatura de London dos anos de 1898-1903 pôde catalisar organicamente sua forma, do mesmo modo que a vida no Klondike lhe oferecera as ferramentas para catalisar seu teor filosófico e seus grandes temas humanos.

Os personagens da literatura de London dessa primeira fase são quase sempre decalcados a partir dos sujeitos que ele conheceu quando perambulou pelas paragens nortenhas. São prospectores de ouro, soldados da fortuna de toda origem nacional e social, comerciantes de equipamentos de mineração, negociantes escusos, condutores de trenós, *voyageurs* franco-canadenses, exploradores profissionais, nativos esquimós, ladrões de ouro, vigaristas, guerreiros e xamãs indígenas, jogadores de *faro*, bêbados dissolutos, ex-balconistas, pregadores e missionários, dançarinas e prostitutas de *saloon*, leais esposas puritanas, ferozes donas de casa nortenhas, carregadores e doqueiros, proto-jornalistas, funcionários do correio, feitores de companhias mineradoras, oficiais da polícia montada e da polícia real, capitães de navios mercantes, marinheiros da navegação fluvial etc. Parte robusta da fauna humana que rumou para o Alaska nos anos finais da década de 1890 teve seu retrato pintado pelo escritor nos contos que produziu no final do XIX e início do XX.

Sob um grande arco épico da travessia ao Klondike, uma enormidade de situações menores, pequenos *tableaux* da vida cotidiana nortenha, dão corpo à literatura de London de seus primeiros anos como escritor. Seus escritos desse período contam de homens lutando com lobos e com o rigoroso inverno nortenhas (The White Silence), de um homem enfrentando sozinho uma tribo inteira de índios pela mão da filha de seu chefe (The son of the wolf), de homens tentando duelar por desavenças e seus companheiros tentando impedi-los de fazê-lo (The men of Forty-Mile), de dois prospectores de ouro despreparados que sucumbem à loucura do isolamento gelado (In a far country), de um pobre-diabo que roubou aquele que o roubara e que depende da cumplicidade dos brutos homens nortenhas para escapar da polícia (To the man on

trail), de um pregador jesuíta que precisa aplacar crises matrimoniais em meio à alternância de bonanças e misérias do Klondike (The priestly prerogative), de um mestiço que tenta levar a lei do homem branco às últimas consequências (The wisdom of the trail), de uma esposa preterida pelo marido recém-enriquecido que se disfarça de dançarina estrangeira para seduzi-lo secretamente (The wife of a king), de um homem nativo que foge de sua tribo, viaja os mares setentrionais como marinheiro, e vende-se como escravo para poder alcançar a amada (An Odyssey of the North), da religião e da apostasia brutas do mundo nortenho (The god of his fathers), de um casal que tem seus caminhos apartados por conta da corrida do ouro do Klondike (The great interrogation), de um jogador de cartas que depois de ter assassinato na mesa de *faro* é escondido por um sujeito que, mais tarde se descobre, era amigo da vítima e buscava vingança particular (Which make men remember), de um antigo marinheiro que no passado desmascarara um chefe tribal e casara com sua linda e astuciosa filha (Siwash), de um comerciante aterrorizado pela possibilidade de ser assaltado na solidão gelada do Norte (The man with the gash), dos procedimentos para o enforcamentos de um assassino (Jan, the unrepentant), de um homem que resolve resgatar uma mulher nativa que seria sacrificada em rituais tribais (Where the trail forks), de uma corrida de trenós pela permissão de escavar certo lote de mineração (A daughter of the Aurora), sobre um grupo de homens que fica ilhado durante o violento degelo da primavera nortenha (At the rainbow's end), do plano de duas mulheres muito diferentes, uma esposa puritana e uma prostituta experiente, para impedir um recém-enriquecido de desertar sua noiva (The scorn of women), de um homem que fora dado como morto e é reencontrado vivendo numa aldeia de nativos, recusando-se a voltar à civilização (In the forests of the North), de um velho inuit que aceita estoicamente a lei da vida e deixa-se devorar pelos lobos (The Law of Life), de um nativo esquimó que depois de ter passado uma temporada à bordo de um barco à vapor retorna à sua vila e não consegue fazer ninguém mais acreditá-lo (Nam-Bok, the Unveracious), de um xamã desmascarado (The master of mystery), de uma tribo que resiste ao ataque dos homens brancos (The Sunlanders), de um velho chefe que deseja casar-se e unificar as tribos sob seu mando (The sickness of Lone Chief), de um jovem índio que realizar inúmeros feitos para conseguir um dote à altura de sua exigente amada (Keesh, the son of Keesh), de um conselho indígena que termina numa carnificina generalizada (The death of Ligoun), de uma nativa que desperta a ira de seu marido quando resolve conviver com duas mulheres brancas (Li-Wan, The Fair), de um velho índio, procurado por matar diversos homens brancos, que

se entrega à polícia e explica as razões que o levaram aos seus crimes (*The league of old men*), de um velho explorador que diz ter emboscado e abatido um mamute (*A relic of the Pliocene*), de um explorador que tornou-se figura central da política de uma tribo nortenha (*A hyperborean brew*), da errata de um jornal que causa toda uma série de desentendimentos entre dois companheiros de mineração e a noiva de um deles (*The faith of men*), de uma dupla de vigaristas tentando enganar um prospector e vender-lhe um lote ruim (*Too much gold*), de um homem que pretende fazer fortuna no Klondike vendendo ovos aos prospectores (*The one thousand dozen*), de um feitor que casa com uma esposa nativa e frustra os planos de extorsão do pai da jovem (*The marriage of Lit-Lit*), de um cão diabólico vingando-se de seu dono violento e desonesto (*Bâtard*), de uma nativa nortenha que é desposado por um gold-rushers e depois preterida por sua antiga amada estadunidense (*The story of Jeess Uck*), do retorno de uma moça nascida na gélida vida do "ermo" que havia ido educar-se na "civilização" (*A daughter of the snows*), de um cão que se rende ao chamado selvagem de seus instintos mais íntimos e se descobre da cepa de lobos nortenhos (*The call of the wild*) etc. etc. etc.

Não resta dúvida de que grande parte dessa histórias baseou-se no que Jack London observou e vivenciou quando esteve no Klondike entre 1897-1898 - com certo gosto autobiográfico é que ao supramencionado personagem da peça *The return of Ulysses* é oferecido um brinde: "Ao filho de Mammon, ousado/ Rico ao menos em histórias, se não em pó dourado".⁸⁴⁶ Contudo, dizemos que ele é um rapsodo porque para além da inspiração ficcional oriunda da observação *in loco*, um recurso literário era por ele frequentemente usado: a adoção de uma dicção compilatória, como que de recolhimento de relatos. Parte considerável de sua primeira literatura encontra-se marcada por um sutil recuo do escritor na construção de seu narrador, como se criasse, por sua mão, na igual proporção em que transcrevesse o relato que recebera de outrem. Jack London provavelmente *observou* muitas daquelas situações em primeira mão, mas certamente *ouviu* muitas delas em primeira mão.

Especialmente em seus contos, costuma dominar a arquitetura narrativa de um relato recolhido de outrem, ao qual o escritor se limitou a retrabalhar aqui e ali, pondo-lhe uma moldura mais propriamente literária, mas que em seu núcleo mais bruto é uma história que ouviu da boca de alguém. A própria atmosfera em que se iniciam muitos de seus contos, ao redor de uma fogueira, próximo de uma lareira, dentro de uma barraca,

⁸⁴⁶ LONDON, Jack. *The return of Ulysses*. op. cit. pos. 130965.

no balcão de um *saloon*, ou ao pé do leito das cabanas de madeira que jaziam ao longo da trilha gelada, favorece essa particularidade. Se a vida nortenha, como é dito num dos contos, torna as conversas extravagância, são nesses momentos de sociabilidade abrigada que os homens põe-se a falar, embevecidos pelo calor, pela bebida, e também pelos ouvintes.

Sobre sua temporada como *hobo* em 1894, London mencionou com fascínio esse aspecto da vida errante e aventureira: a experiência de ouvir e contar histórias. Acerca do período em que esteve detido na prisão de Erie County, em julho daquele ano, por exemplo, ele escreveu: "Ouvi histórias inacreditáveis e monstruosas sobre a polícia, os julgamentos e os advogados. Prisioneiros me contaram experiências pessoais horríveis com a polícia das grandes cidades." E a respeito de uma travessia clandestina de trem:

Durante todo o resto do dia, viajamos através da nevasca, e para passar o tempo decidimos que cada homem contaria uma história. Estipulou-se que cada narrativa teria de ser boa e, mais ainda, que deveria ser inédita. A pena para quem fracassasse seria a 'debulhadora'. Ninguém falhou. E quero dizer aqui que nunca na minha vida me sentei com contadores de história tão maravilhosos. Ali estavam 84 homens de todo o mundo - eu completava 85; e cada um contava uma obra-prima. E tinha de ser assim. Caso contrário, iam para a 'debulhadora'.⁸⁴⁷

O fascínio provavelmente perseverou quando de sua ida ao Norte. O narrador de grande parte dos contos de London sobre o Klondike parece abdicar daquele feitiço da ficção, aquele acordo tácito de "suspensão de descrença" firmado entre o escritor e o leitor, sobre o qual falou Umberto Eco,⁸⁴⁸ passando a adotar sem-cerimoniosamente um tom de relato, que oscila entre a compilação de terceiro e a demonstração de um argumento por meio de uma estória exemplar. A distância que os separa é a muito similar à que separa, em Twain, o *Roughing it* (1872) de *Huckleberry Finn* (1884); ou, em Bret Harte, o *Tales of the Argonauts* (1875) do *The Argonauts of North Liberty* (1888) - naqueles se equilibram relato e invenção, nestes a invenção subordina a escrita. De qualquer modo, essa literatura iniciática de Jack London difere bastante do modo de narrar dos escritos posteriores dele, em que sua autoria criativa se sobressai, predominando e comandando a narrativa, o enredo, os diálogos, as descrições (etc.), como receitavam, aliás, os ditames romanescos de Flaubert contidos na famosa carta de

⁸⁴⁷ LONDON, Jack. **A Estrada**. op. cit. p. 140 e pp. 137-138, respectivamente.

⁸⁴⁸ ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

1852, em que este dizia ser o escritor em sua obra como deus, "presente em toda parte e visível parte alguma."⁸⁴⁹

Vejamos alguns exemplos.

No conto "The son of the wolf", há uma breve prédica sobre certo aspecto da vida nortenha, ao fim da qual chega-se à filosófica conclusão: "Isto não serve senão para demonstrar o egoísmo inato do homem." Em seguida, escreve-se, como que à guisa de gancho e de demonstração: "Isto também nos traz aos percalços de 'Scruff' Mackenzie, que ocorreu nos dias antigos".⁸⁵⁰ Após essa aparição inicial, para dar o pontapé inicial na estória propriamente dita, o narrador não é mais mencionado, permanecendo em segundo plano como se desimportante fosse, como se, tendo concluído aquela arenga de contextualização inicial, o relato pudesse agora seguir "*per se*". A narração decorre como que por interposta pessoa, indiretamente, como se o narrador ficcional criado por Jack London não fizesse mais do que alinhar o relato de outrem, de uma história antiga que demonstra a validade de um argumento antes proposto.

O escrúpulo com que se inicia o conto "Too much gold" pode também servir como indício disto. Eis suas primeiras linhas: "Sendo esta uma história - e uma mais verdadeira do que pode parecer - de uma região mineradora, é de se esperar que seja sobre má sorte. Mas isso depende do ponto de vista."⁸⁵¹ O narrador procede a um "isentar-se", como se seletivamente se abstivesse de assumir plena autoria, e *a fortiori* responsabilidade, por aquilo que será narrado em seguida. Este é o recuo a que fizemos menção acima, pois seu efeito é o de tomada de distância e aposição de uma moldura, tão formatação quanto invenção literárias.

Algo cujo sentido suspeitamos explicar-se pela mesma razão acontece com o conto "The priestly prerogative" (1899). Ele inicia com a quebra do protocolo ficcional: "Essa é a história de um homem que não soube apreciar sua esposa; é, também, a história de uma mulher que lhe fez honra demasiado grande aceitando a ele doar-se. Incidentalmente, a história diz respeito a um pregador jesuíta do qual jamais se soube mentir."⁸⁵² Somente depois dessa exposição dos bastidores, das entranhas mesmas da ficção, é que a estória de Edwin e Grace Bentham, de Clyde Wharton e do Padre Roubeau começa a ser *de facto* contada, nos termos mais, digamos, tradicionais da

⁸⁴⁹ FLAUBERT, Gustave apud WOOD, James. **Como funciona a ficção**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 48.

⁸⁵⁰ LONDON, Jack. *The son of the wolf*. op. cit. p. 22.

⁸⁵¹ LONDON, Jack. *Too much gold*. op. cit. p. 101.

⁸⁵² LONDON, Jack. *The priestly prerogative*. In: _____. **The son of the wolf - Tales of the Far North**. op. cit. p. 119.

ficção. Vários contos de Jack são iniciados desse modo. É como se, de forma mais vistosa ou mais sutil, em estado mais original ou mais modificado, o núcleo duro do enredo fosse oriundo do relato de alguma pessoa, e que o narrador criado por London, talvez operando uma espécie de catalogação mental que o próprio escritor deve ter mantido, desse alguma indicação de como lidar com aquela estória que segue.

Se vê algo semelhante em "The wife of a king", onde primeiro se contextualiza o universo em que a história se passa (ou em que foi relatada), "(...) quando a terra do Norte era jovem, e quando as virtudes cívicas e sociais eram notoriamente similares em sua pobreza e simplicidade",⁸⁵³ para que então a história de Madeline, exemplar acerca das precariedades morais do Klondike, possa ser contada. A impressão é de que mais do que recurso narrativo para aplicar mais uma camada de ficção, se está diante de um escrúpulo do rapsodo *yankee*, oscilando entre sua vontade de colher os louros da autoria e seu débito para com os *raconteurs* anônimos que lhe presentearam com esse material quando em terras nortenhas.

O conto "To the man on trail" inicia-se com a conversa entre dois personagens, com o acordo ficcional tácito entre leitor e escritor devidamente em vigor. Entre os preparos de um ponche, os dois personagens conversam até que se chegue ao tópico do casal Mason e Ruth, que é (salvo nalguns pontos) a trama central do conto em questão, mas que praticamente nada tem a ver com aquela cena inicial, como se essa não fosse mais do que uma contextualização que deve preceder a "real estória" a ser contada. É nesse ponto que Jack London escreveu: "Então Malemute Kid, que era um contador de histórias nato, pôs-se a narrar a história nua e crua daquele Lochinvar⁸⁵⁴ nortenho."⁸⁵⁵ E segue um longo relato do personagem, com as devidas aspas. Por mais que haja algum interesse no contexto ficcional em que a história de Mason e Ruth é narrada, encadeando assim as duas porções do conto, "passado" e "presente", metade dele é dedicado ao relato daquele personagem. E de tal modo que, em larga medida, "To the man on trail" é uma estória sobre uma estória, como se interessasse tanto o tratamento criativo e ficcional que o escritor lhe deu, quanto a ideia de enredo que algum representante anônimo da "raça nortenha" tenha lhe dado.

Essa característica de "uma estória sobre uma estória", aliás, é flagrante em "An Odyssey of the North". Depois de algumas conversas transcorridas entre Stanley Prince

⁸⁵³ LONDON, Jack. *The wife of a king*. In: _____. **The son of the wolf - Tales of the Far North**. op. cit. p. 160.

⁸⁵⁴ Lochinvar é um personagem do romance *Marmion*, de Walter Scott, publicado em 1808.

⁸⁵⁵ LONDON, Jack. *To the man on trail*. op. cit. p. 103.

e Malemute Kid, onde a voz característica de um narrador ficcional se faz sentir, criando o ambiente, descrevendo os personagens, fornecendo os detalhes da ação e conduzindo discretamente o leitor pela trama, surge um personagem misterioso, um homem exaurido que adentra o interior da cabana em busca de calor e abrigo. Até aquele momento, pouca coisa efetivamente significativa havia ocorrido no conto, não havia uma situação-limite propriamente estabelecida, que pudesse mover a trama para frente: mais preparava-se o terreno para que o relato desse personagem pudesse vir à tona. E então o relato vem, e se estende por páginas e páginas, até que se percebe que a "odisseia" mencionada no título não ocorre na história do conto, mas na história dentro da história do conto.

A estratégia narrativa do conto, por assim dizer, é criar as condições para que a trama *de facto*, aquela contida no relato do homem misterioso possa se desenrolar. O resto é pouco importante. É uma espécie de "relato compilado" que ocupa o palco central do conto, antes dos andaimes ficcionais que porventura se tenha erigido ao redor dele. Onde, por vezes, o escritor dividir espaço com, senão ceder primazia a, o rapsodo.

A lamentação que faz Jack London a Cloudesley Johns em carta de 6 de setembro de 1899, sobre sua dificuldade de ser criativo (ficcionalmente propositivo, ousamos dizer) em relação às tramas de suas histórias, aponta na direção que aqui escorçamos, e que tem a ver com o delicado equilíbrio entre o rapsodo curador de relatos e o escritor inventivo: "Eu não consigo sequer pensar num enredo adequado - minha maldita falta de criatividade, veja você. *Acho que vou me tornar um intérprete das coisas que são, antes de um criador de coisas que poderiam ser.*" (grifo nosso)⁸⁵⁶

No conto "Which make men remember", há um longo espaço do conto reservado para o relato do personagem Uri Bram sobre toda sua trajetória pregressa, e somente à luz dessa trama pregressa (aparentemente compilada) que a trama de então (a propriamente ficcional) pode seguir. Em "The god of his fathers", é somente depois de um exaustivo relato sobre a história de Baptiste, o vermelho (com quase 10 páginas, num total de pouco mais de 30) que a trama ficcional se encontra calibrada para poder prosseguir. Em "The Law of Life" parte considerável do conto é dedicado para que, à beira da vacilante fogueira cujo apagar será também o seu, o velho Koskoosh possa

⁸⁵⁶ LONDON, Jack apud HAMILTON, David. **"The tools of my trade": the annotated books in Jack London's library.** Seattle: University of Washington Press, 1986. p. 2.

contar sua história. É um fato recorrente, aliás, encontrar pessoas contando histórias nos contos de London.

Embora o narrador de "A relic of the Pliocene" o faça pelo caráter insólito do relato, vinculado à caça de um mamute, à luz das passagens supracitadas é expressivo que ele diga: "Eu lavo minhas mãos logo de cara. Não posso assumir a paternidade de suas histórias, nem tomarei responsabilidade por elas."⁸⁵⁷ Não temos razão para suspeitar que Thomas Stevens, o personagem que nesse conto reclama a façanha de ter abatido o último dos mamutes, seja real, nem é esse o ponto que perseguimos. O que chamamos a atenção aqui é o procedimento adotado: a voz narrativa do conto, que não tem nome e tampouco é personagem da história, admite que não faz mais do recolher e transcrever história contada por outrem. Se essa voz narrativa pertence a Jack London ou não, se podemos afirmar tal ou se o escrúpulo do acordo ficcional nos impede de fazê-lo, isso é assunto aqui secundário. É a ideia de compilação criativa, de recolhimento literariamente tratado, de transcrição ficcionalizada de relato alheio, dessa espécie de "partilha da autoria" que nos fascina aqui.

Não é disto que trata, sutilmente, a passagem abaixo, retirada do mesmo "A relic of the Pliocene"?

Se ele disse verdades, pois muito bem; se inverdades, muito bem também. Pois quem pode prová-las? Eu me elimino da proposição, ao passo que aqueles de pouca fé podem proceder como eu - procurem o dito Thomas Stevens e discutam pessoalmente os vários assuntos que, se a fortuna permitir, hei de relatar.⁸⁵⁸

Feliz ou infelizmente, não há um modo categórico de provar que em tais ou quais contos, o núcleo bruto do enredo foi fornecido a Jack London por um contador de histórias anônimo. No entanto, a recorrente disposição com que ele expõe, por vezes de modo ostensivo, as costuras da ficção, a manifestação de insistente escrúpulo narrativo que julgamos decorrente da compilação, bem como a frequência com que pessoas contam histórias em sua literatura, permite a suspeita. Não é feita de substância parecida a persistente dúvida sobre Homero?⁸⁵⁹

Pode se tratar simplesmente de um maroto recurso de verossimilhança, assim como de um engenhoso e sensível modo de recriar a atmosfera acolhedora de beira de

⁸⁵⁷ LONDON, Jack. *A relic of the Pliocene*. op. cit. p. 3.

⁸⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 4.

⁸⁵⁹ VIDAL-NAQUET, Pierre. **O mundo de Homero**. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Pergunta-se o historiador francês logo no primeiro capítulo, atestando as incertezas que pairam sobre a questão: "Existiu um Homero, dois Homeros e até, como alguns pensaram, uma multidão de Homeros?" (p. 14)

fogueira, onde historicamente lendas, histórias e "causos" têm sido contados. Porém, em se tratando de material produzido por um escritor em formação, obstinadamente disposto a libertar-se da condição de "besta-de-trabalho" através das letras, nos parece mais do que razoável que o Norte, por meio de sua experiência e por meio de seus rústicos trovadores anônimos, tenha-se-lhe oferecido como tábua de salvação.

Desde sua volta das andanças vagabundas de 1894, Jack estava convencido de que devia tirar seu sustento do trabalho intelectual ao invés de braçal - "O cérebro paga; os músculos não, e eu estava disposto a nunca mais pôr meus braços à venda no mercado da labuta."⁸⁶⁰ Foi nessa época que ele ganhou seus primeiros dólares escrevendo ficção, e quando tomou a férrea resolução de começar seu dia escrevendo mil palavras - hábito que, diz-se, cumpriu com disciplina espartana até o fim da vida. Deve ter lhe parecido um bom plano dividir sua imberbe voz literária entre porções criativas e compilatórias, amparando seus vãos mais idiossincráticos com o sólido fabulário oral da beira de fogueira. A leitura que ele próprio fez sobre seus pontos literários fracos e fortes, na carta de 17 de junho de 1900 a Elwyn Hoffmann, corrobora essa hipótese: "A expressão (...), no meu caso, é muito mais fácil do que a invenção."⁸⁶¹ Talvez seja isto o que esteja por detrás da debilidade e do esquematismo verborrágicos de *A daughter of the snows*: sua voz literária não estava pronta, não podia ainda caminhar sozinha.

O Klondike concreto, o qual palmilhou e no qual padeceu de escorbuto, apresentou-se a London como a antítese do modo de vida imposto pelo trabalho nos quadros econômicos do fim do XIX. O Klondike ficcional, que ele criou e recriou, permitiu-lhe alçar-se à posição de escritor profissional e para fora das notas de rodapé da História. Em ambos os casos, concreto ou ficcional, a nota redentora se sobressai.

* * *

Filho da sociedade *western* herdada da corrida do ouro pós-1840, Jack London não podia deixar de se fiar em seu universo humano, em suas tradições culturais, de algum modo. Mas filho também da classe trabalhadora dos primeiros vagidos fabris de envergadura monopólica da economia estadunidense, o ônus de tal existência não pôde deixar de ser por ele sentido. Sua literatura iniciática é a cria siamesa desse encontro

⁸⁶⁰ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 204.

⁸⁶¹ LONDON, Jack apud HAMILTON, David. **"The tools of my trade": the annotated books in Jack London's library**. op. cit. p. 2.

pitoresco, no qual as virtudes indômitas das gerações pregressas, em seu bruto otimismo oitocentista, pressionavam as descendentes no momento mesmo em que a modernidade do Novecentos se instalava e as tornava obsoletas, buscando-as domesticá-las, castrá-las. Os anos 1890 foram década decisiva na história estadunidense, e ser trabalhador nela era ver-se repuxado por antagonismos entre subsistência e expectativa particularmente acentuados - experiência de envergadura vasta, a julgar pelo abalo gêmeo que se abatia sobre Sherwood Anderson mais ou menos na mesma época em Chicago.

Tomar a literatura de London como fonte histórica implica reconhecer o efeito potencialmente disruptivo que essa genealogia ocasionou. Em termos mais propriamente literários, havia o que Harold Bloom talvez chamasse de "ânsia da influência",⁸⁶² uma vez que a impetuosidade, o senso de aventura e a tradição da hombridade que compunham a estrutura de sentimentos da sociedade *western* pesava sobre o escritor-então-trabalhador. Mas, apelando para pressupostos mais históricos e materialistas, insistimos em que aquela "ânsia" não se transmite somente pelo etéreo das coisas do espírito; ela precisa de algo que a conduza, que a transmita, e que a corporifique, dando-lhe a concretude inescapável da existência. A Oakland dos anos 1880-1890, sobretudo para um rapazola trabalhador e pobre como London, não proporcionava esse "algo", salvo, talvez, pelas suas antípodas - o que não era suficiente. O mundo do trabalho que ele frequentava assiduamente, apesar das numerosas trocas de biscoito, lhe oferecia apenas o que ele se decidira por não querer, de modo que somente junto dos balcões de *saloons* e nas cercanias do cais que aquele trabalhador encontrava rasgos de uma existência mais grandiosa e menos medíocre.

Somente o Klondike pôde proporcionar o eixo sobre o qual a "ânsia da influência" foi em movimento e gerou sua fortuna. Nem a temporada como marinheiro no Ártico (1893), tampouco a peregrinação vagabunda como *hobo* nas ferrovias (1894) puderam se fazer tão vasta, profunda e rapidamente determinantes na literatura de London - algo que se pode verificar se cruzarmos 'incidência temática vs. relevância editorial-literária' na cronologia de sua obra.⁸⁶³

⁸⁶² BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

⁸⁶³ Os escritos que granjearam a London as graças do universo editorial da Costa Atlântica, que fizeram seu nome literário, e que lhe permitiram tornar-se um escritor profissional foram aqueles sobre o Klondike, sobretudo os contos (a maioria deles primeiro publicados em revistas, depois reunidos em coletâneas) e o romance *The call of the wild* (1902-1903). As experiências à bordo do *Sophie Shuterland* estão dispersas, parte em incipientes contos pré-1898 (alguns foram mencionados nesse texto), parte

O Klondike foi o escopo adequado para que o escritor pudesse soldar experiência existencial concreta e tradições culturais e literárias. A simetria social, econômica e cultural que ele possuía com o Oeste de 1849 permitiu com que London o tornasse o seu próprio Far West, o "ermo" com o qual ele, na tradição de tantos outros *frontiersmen* estadunidenses que o antecederam, poderia confeccionar os instrumentos com os quais observaria dali em diante a "civilização". As trilhas do Norte ofereciam uma variedade primitiva de alforria, oportunidade da aventura, dispersão econômica e institucional que estimulava a autonomia e o sentido do trabalho como plataforma individual para a prosperidade, ou ao menos para certo orgulho e senso de autonomia. Por fim, oferecem a aspereza rústica própria para a cultura masculina típica do Oeste onde crescera London. Como se diz em "Too much gold": "De acordo com a Escritura Nortenha, correr a trilha é para os ágeis; abri-la, para os fortes; mas os louros cabem a quem estiver à altura de ambos."⁸⁶⁴

Por conta de todos esses fatores que sua literatura dos primeiros tempos, de 1898-1903, desenvolveu sua anatomia épica. A "nova raça" de homens nortenhos cujas aventuras e efemérides, cujas glórias e misérias formam as melhores páginas de seus escritos dessa época, eram sujeitos modelares, possuidores das qualidades mesmas que a faina de trabalhador insistia em alijar dele e de seus pares "civilizados". Os caracteres dessa literatura iniciática de London sugerem razões tais como: quanto mais implacável o ambiente nortenho, mais sólida a envergadura heróica dos homens que o resistem; quanto mais castrador e apequenante o mundo do trabalho civilizado, tanto mais heróicos tenderão a ser os "filhos do lobo". Donde, sustentamos, ter Jack London assumido a condição de seu rapsodo.

Diante do processo de industrialização, concentração econômica e precarização das relações e das condições de trabalho da Califórnia de fins do século XIX, vindo à roldão da expansão ferroviária, a alvorada do Klondike parece ter concedido uma sobrevida à exuberância da fronteira que Turner havia declarado oficialmente fechada em julho de 1893.⁸⁶⁵ A umbilical ligação que, na história dos Estados Unidos, o "ermo"

diluída em *The sea-wolf* (1903-1904). A experiência como *hobo* está registrada nos escritos conhecidos como "Tramp Diary", mas que só foram organizadas e trabalhadas para publicação em 1907, no título *The Road* - nos parece que por pertencer a uma outra coordenada da vida e pensamento de London, que abordaremos em detalhe no capítulo IV.

⁸⁶⁴ LONDON, Jack. *Too much gold*. op. cit. pp. 114-115.

⁸⁶⁵ Talvez seja em parte por esse motivo que "No espaço de menos de dezoito meses, por volta de cinquenta mil homens e mulheres [norte-americanos] (...) se viram vivendo temporariamente sob uma bandeira estrangeira" e que, "Em Dawson e em praticamente qualquer lugar salvo nas regiões *all-Canadians*, os norte-americanos superavam os canadenses numa proporção de 5 para 1." (tradução livre)

(wilderness) manteve com a tradição épica e com o retumbante entusiasmo de seu liberalismo viveu no Klondike um capítulo marcado das contradições do crepúsculo, no qual a modernidade, avessa a tradições, desempenhou papel capital.

Foi sobre seu declínio que London começou a falar quando a fase iniciática de sua literatura foi chegando ao fim. Em *The Kempton-Wace Letters* (esc. 1900-1902, pub. 1903), o singular ensaio epistolar escrito em co-autoria com Anna Strunsky, o personagem/alter-ego de Jack, chamado Herbert Wace, proclama rascante essa mudança quando escreve que

A poesia é vazia em nossos dias. É inútil e está morta. Nenhuma canção épica ou lírica velho-mundistas dará conta de organizar esse nosso mundo miserável. (...) O velho mundo está morto, morto e enterrado junto com suas Helenas, cavaleiros, donzelas, torneios e cortejos.⁸⁶⁶

Observadas sob esse prisma, as insurgências naturalistas de Jack London foram também as exéquias da última epopeia estadunidense. E Herbert Wace vaticinava lucidamente isto: "Não se pode cantar a verdade e a beleza de hoje nos termos de ontem. Ninguém há de escutá-lo até que se cante sobre hoje, e com os termos de hoje."⁸⁶⁷ Conforme o novo século avançava e as transformações sociais e econômicas se sedimentavam, London se afastava do Klondike. O tempo se impunha entre seu presente e sua experiência no "ermo", esmorecendo a pátina de seu romantismo em inversa proporção com que as urgências da "civilização", a reclamar "seus próprios termos", concorriam para robustecer o naturalismo e dar-lhe a inflexão dominante sobre o épico.

O chamado do "ermo" (do "selvagem", se preferirmos) que o cão Buck ouve ao longo de todo o romance *The call of the wild*, e que o fará converter-se à sua vocação de lobo, é simbólico da trajetória de Jack London, como a argumentação construída e os exemplos recolhidos nesse capítulo propõem. Encarnada numa curiosa transcendência fisiológica, num lirismo bruto, onde o primitivo encontra-se à meia-distância do bestial e do celestial, o protagonista do livro é constantemente acossado por clamores ancestrais, incessantemente chamado a cumprir o destino grandioso que sua hereditariedade lhe vaticinava. Pensado em termos autobiográficos, o "chamado selvagem" que reclama Buck cumpria na metamorfose ficcional o "chamado" da

BERTON, Pierre. **Klondike - The last great Gold Rush, 1896-1899**. Revised edition. Ontario: Anchor Canada, 2001. pos. 168.

⁸⁶⁶ LONDON, Jack. **The Kempton-Wace letters**. op. cit. p. 19.

⁸⁶⁷ Idem, ibidem, pp. 19-20.

aventura, do heroísmo e da epopeia que reclamara Jack London. Não nos parece por outro motivo que em ambos os casos a origem do chamado seja precisamente o mundo misterioso, entre belo e aterrador, do Norte.

Para além de mais um indício a catalogar e arquivar junto às evidências que até aqui arrolamos, é ao sentido da expressiva cena final do romance que queremos nos debruçar. Tendo descoberto que seu dono, John Thornton, havia sido morto pelos ferozes nativos Yeehats, a última etapa da conversão de Buck ao "ermo" se desencadeia: ele "(...) mergulhou entre os nativos, rasgando-os, dilacerando-os, destruindo-os, num constante e terrível movimento".⁸⁶⁸ Era a consumação final, tétrica, da selvageria.

Thornton era, como tantos outros personagens de London, uma encarnação do tipo nortenho, o herói estóico, pragmático e bruto que protagoniza numerosos contos seus. Excetuando o juiz que era seu dono original, ainda em San Francisco, e de quem Buck fora raptado logo no início do livro, Thornton é o único homem por quem nutre sentimentos de afeição. Era este, precisamente, o homem que havia sido morto. E era este que havia, nesse ponto avançado da fase iniciática da literatura de Jack London, perecido.

Não se tratava de uma morte comum, era uma morte simbólica.

Tendo expressado em *The Kempton-Wace letters* a necessidade de uma linguagem mais adequada à realidade de então e tendo se afastado da memória do Klondike ao mesmo tempo em que se aproximou dos dilemas da "civilização", a morte de John Thornton e a consumação do "chamado do selvagem" são pivotais. Assim dizem algumas das linhas finais de *The call of the wild*: "John Thornton estava morto. O último elo havia se quebrado. O homem e as cadeias do homem já não o constringiam."⁸⁶⁹ O "selvagem" nortenho, cujo chamado Jack ouvira e de cuja substância ele se alimentara para nutrir sua voz literária, podia enfim retornar ao ermo.

O brilho dourado do Klondike embaciava. Os heróis nortenhos pereciam. Soava a hora da epopeia selvagem, e iniciava a era do romance civilizado. A tumba do rapsodo foi o berço do romancista.

⁸⁶⁸ LONDON, Jack. **The call of the wild**. op. cit. p. 221.

⁸⁶⁹ Idem, ibidem, p. 224.

CAPÍTULO IV

O MUNDO DO TRABALHO SOB O "TACÃO DE FERRO"

"Tendo sido educado no esplêndido (quicá extravagante) patriotismo do Oeste durante e após a Guerra Civil, fui levado a crer que o trabalho era honroso e que os ociosos deveriam ser desprezados. Agora, porém, enquanto sento de cabeça baixa, com frio, com fome e sem dinheiro, sabendo que devo seguir sob o sol procurando trabalho, o mundo me pareceu um lugar muito hostil."

- Hamlin Garland, **A son of the middle border**, 1917.

*"Hark, hark!
The dogs do bark,
The beggars are coming to town;
Some in tags,
Some in rags,
And some in velvet gowns."*

- **William Denslow's Mother Goose**, 1901.

O primeiro grande escape de Jack London para fora da "civilização" se dera à bordo do *Sophie Shuterland*, escuna dedicada à caça de focas no Círculo Ártico, em 1893. O episódio tornou-se o prólogo de um conjunto de outras jornadas que o escritor empreendeu nos anos seguintes, acedendo ao canto de sereia da aventura, ou do "adventure-path", como ele costumava chamar. Pertencem a esse conjunto tanto as andanças vagabundas de *hobo* do ano de 1894, quanto a peregrinação nortenha do Klondike entre 1897-1898.

Dentro da estrutura de análise que traçamos no início do capítulo III, afirmamos que dois movimentos eram cruciais para que pudéssemos converter a obra literária de Jack London em fonte histórica e simultaneamente respeitar sua lógica própria: o primeiro indo da civilização para o ermo; e o segundo vindo do ermo para a civilização. As transumâncias existenciais, filosóficas e estéticas encarnadas nesse duplo movimento, sustentamos, permitem fazer frente aos reclames tanto exegeticos quanto historiográficos, pois na dialética própria do seu fazer-se é possível oferecer interpretações sobre a alquimia na qual o real torna-se ficção - ou como aquela ficção carrega cicatrizes do real, o que dá praticamente no mesmo, ao menos do ponto de vista historiográfico.

Observando pela refração desses termos, o Klondike de fins do século é a coroação do "adventure-path" após as temporadas de 1893 e 1894, tendo marcado

também o início do declínio daquele primeiro movimento: enquanto a experiência da última (e selvagem) década era digerida pelo escritor, a grandiosa permanência no ermo chegava ao fim. Nos parece que o retorno de Buck ao Norte gelado no fim de *The call of the wild* encarna simbolicamente o fechamento desse capítulo da vida e da obra de Jack London - ou pelo menos o momento em que o ermo e seu universo humano deixa de ser a inflexão preponderante daquelas.

No entanto, como é bem sabido pelos historiadores, periodizações como essas tanto podem ser extremamente úteis quanto podem ignorar inflexões subjacentes, eventualmente cruciais. A exatidão pretensa de cortes interpretativos raramente encontra justificação plena em suas contrapartes concretas. Para não nos deixarmos deslumbrar por nosso próprio argumento, e para fazer justiça à complexidade própria da evolução de Jack London e da história estadunidense do início do XX, passamos agora à investigação de uma pitoresca simultaneidade. Ao longo do mesmo processo em que o ermo fez morada e floresceu na ficção de London, uma outra dimensão desta gradativamente se robustecia, irremediavelmente entranhada na civilização.

Por isso, sem medo de incorrer em contradição, afirmamos que conforme o movimento "da civilização para o ermo" seguia seu curso até o apogeu de 1898-1903, o movimento "do ermo para a civilização" vinha dando os primeiros passos para sua consolidação futura. Sem o concurso dos dois, arriscamos dizer, as faculdades críticas de London não teriam sido tão aguçadas, tampouco suas maturidade literária e visceralidade filosófica teriam podido dar à luz a uma obra-prima como *The iron heel*.

Em face dessa realidade de transformação é que o presente capítulo tem por objetivo problematizar as transformações do mundo do trabalho e dos trabalhadores nos momentos finais do século XIX e início do século XX, tomando Jack London como seu habitante, sua testemunha e seu intérprete. Como permite e exige a natureza de nossas fontes, não é por meio da precisão econométrica nem pela virtude estatística que o fazemos, mas pela compreensão da dialética material e cultural através da qual a experiência de ser trabalhador naquelas circunstâncias ganhou corpo, sobretudo em meio às severas transformações sociais e econômicas daqueles anos decisivos.

Para usar de exemplos literários, digamo-lo doutro modo. Queremos entender como aqueles independentes *forty-niners* descritos por Mark Twain e Bret Harte, que na corrida do ouro de 1850 "(...) por uma semana subiram a montanha carregados de

picaretas, puas, talhadeiras, pés-de-cabra e pás",⁸⁷⁰ e que "(...) cessavam seu trabalho e se apoiavam sobre suas picaretas para ouvir a um romântico vagabundo indo-se embora rumo ao pôr do sol",⁸⁷¹ se tornaram os "trabalhadores (...) com casacões sujos de lama, picaretas e pás de longos cabos por cima dos ombros"⁸⁷² que o realismo de Norris retratou marchando para sua jornada diária na Polk Street de San Francisco, no fim daquele mesmo século.

IV.1 O mergulho biográfico (II): o crepúsculo do ermo e a dissecação da civilização

O ano de 1894 foi fundamental na existência de Jack London, pois marcou o início empírico da construção de uma leitura de mundo que se afirmaria dominante em sua literatura por volta de uma década mais tarde. As frustrações que ele acumulara desde sua volta do Ártico no final de 1893 se precipitaram ao longo dos primeiros meses do ano seguinte, adensadas pelo clima geral de insegurança que se seguiu ao rescaldo da crise econômica que estourara naquele mesmo ano.

Depois de uma dantesca descida ao mundo do trabalho fabril nos anos anteriores, London tomara uma férrea resolução no início de 1894: "Eu simplesmente não iria mais trabalhar. (...) E não ligava se nunca conseguisse me estabelecer."⁸⁷³ E no estado de espírito engendrado por essa decisão, veio outra: tornar-se um *hobo* lançando-se numa jornada clandestina pelas ferrovias dos Estados Unidos, seguindo o numeroso contingente humano que se avolumava à beira dos trilhos e da miséria. Indo no encalço da aventura e da pobreza (curiosa e tragicamente enlaçados que estavam), Jack partiu no início de abril de 1894, em plena primavera, para retornar a Oakland somente em dezembro daquele ano, trazendo o inverno em seu rastro.

A preocupação em não "conseguir se estabelecer", que ele menciona nos píncaros de sua recusa, era uma quebra repleta de sentido, pois encarado por ele como o sacrifício que a decisão impunha. Como pudemos ver no capítulo anterior, London não se negava ao trabalho. Ele, o tinha, aliás, como pedra angular de certa força e exuberância indômitas que eram cruciais na cultura da hombridade de que partilhava. A

⁸⁷⁰ TWAIN, Mark. **Roughing it**. [1872] Disponível em <<https://www.gutenberg.org/files/3177/3177-h/3177-h.htm>> Acesso em 1º jun 2018.

⁸⁷¹ HARTE, Bret. *Brown of Calaveras*. In: _____. **The luck of Roaring Camp and other tales**. [1870] Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/6373/6373-h/6373-h.htm>> Acesso em 16 jun 2018.

⁸⁷² NORRIS, Frank. **McTeague - Uma história de San Francisco**. Tradução de Aureliano Sampaio. Porto: Livraria Civilização Editora, 1977. p. 16.

⁸⁷³ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 201.

experiência de trabalho que ele recusava, material e moralmente, era aquela que o apequenava e o tornava servil.

O "estabelecer-se" (to settle down) que até aquele momento de ruptura vinha colado com a obstinação laboral e sua "natural" recompensa material (tal como em Sherwood Anderson), tornara-se sua antítese, de tal modo que a ausência mesma desse "estabelecimento" constitui-se num dos atrativos que London mais veementemente celebrou na vida de *hobo*: "Talvez o maior encanto da vida de vagabundo seja a ausência de monotonia. No Mundo da Vadiagem, a face da vida é versátil - uma fantasmagoria em constante mutação, na qual o impossível acontece e o inesperado surge a cada curva da estrada."⁸⁷⁴

Por meio de uma alquimia cujos ingredientes e receita são históricos, "estabelecer-se" deixou de ser "conquistar estabilidade" ou "criar raízes" para tornar-se algo como "ser subordinado à rotina", "colar-se ao chão" ou "tornar-se presa da monotonia". É possível que a etimologia do verbo permita essa polissemia gramatical sem grandes percalços, contudo, de uma perspectiva historiográfica a mudança de sentido é indício de tremores subterrâneos.

Numa anti-simetria que faz lembrar o *Coração das trevas* de Conrad, Jack refez pelo reverso o caminho pelo qual a "civilização" e sua crise econômica haviam chegado ao Oeste, à Califórnia e a Oakland: ele partiu da costa Pacífica para a costa Atlântica dos Estados Unidos, e seguindo pelas veias férreas da modernidade, cruzou no sentido contrário o caminho que os *forty-niners* haviam palmilhado desde meados do XIX.

Em parte ele fez isso por conta própria e em parte como recruta na Companhia "L" da Segunda Divisão do Exército de Kelly, uma das falanges do grande exército de desempregados que marchava para Washington liderados pelo general Jacob Sechler Coxey em 1894. No caso de London, os reclames da aventura compunham seu estado de espírito tanto quanto sua ejeção do mundo do trabalho; mas no caso da maioria das dezenas de milhares de vagabundos que ele acompanhou, o desemprego parecia ser a razão primária.

Tendo deixado Oakland algumas horas depois que o Exército de Kelly o fizera, London somente alcançou suas fileiras da retaguarda onze dias depois, em Wyoming, no ponto mais alto da Ferrovia Transcontinental, chamado de "Continental Divide". A plasticidade do momento não podia ser mais providencial: à sombra do Ames

⁸⁷⁴ LONDON, Jack. **A Estrada**. op. cit. p. 59.

Monument, a pirâmide de pedra construída em homenagem aos irmãos Oakes e Oliver Ames, financistas da Union Pacific Railroad, um dos futuros grandes nomes do socialismo estadunidense encontrava as fileiras do exército de desempregados que marchava a Washington para exigir providências contra os descabros do capitalismo.

Dada a inflexão biográfica que adotamos, voltadas a enxergar London como trabalhador, as peregrinações vagabundas podem ser divididas basicamente em duas porções: da saída de Oakland até a ruptura com o Exército, em Hannibal, Missouri (6 de abril a 25 de maio); e desse ponto até sua volta a Oakland (de fins de maio ao início de dezembro). Ao longo desses dois momentos, uma mudança razoável parece se operar nele: o *bragadoccio* aventuroso das primeiras semanas vai dando lugar a uma crescente circunspecção, pontapé inicial do que o escritor quis tratar (dez anos mais tarde) como espécie de "despertar" filosófico, ao qual chamou de sua "conversão" socialista, seu "renascimento".⁸⁷⁵

Os escritos mais conhecidos de London sobre sua experiência como *hobo* são os textos reunidos em *The Road*, produzidos entre dezembro de 1906 e abril de 1907, e nestes não se pode ver sua suposta "conversão" socialista, a não ser de uma forma muito difusa, mais como mudança de estados de espírito. Quando os textos de *The Road* foram escritos mais de uma década havia se passado desde as andanças vagabundas, e muita coisa acontecido desde então, sobretudo se considerarmos que de 1894 a 1906 aquele *hobo* anônimo d'antanho se tornara "o escritor mais bem pago de sua época".⁸⁷⁶

De todos os episódios que são narrados em *The Road*, aqueles em que mais pesadamente se sente o furor socialista típico de London são os narrados nos capítulos IV e V, "Pinched" ("Grampeados") e The Pen (A Penitenciária), respectivamente. Esses capítulos lidam com acontecimentos passados com Jack entre junho e julho de 1894, quando foi preso em Niagara Falls e, sumariamente "julgado", condenado por vadiagem e sentenciado a uma pena de 30 dias na penitenciária do Condado de Erie. O julgamento a que foi submetido não pode ser realmente chamado como tal. Quando capturado, ele foi levado ao tribunal juntamente com outros dezesseis homens presos em condições similares. Sem considerações de outra sorte e sem dar oportunidade de defesa, o juiz sentenciou cada um deles a trinta dias de prisão por vadiagem, não tomando todo o

⁸⁷⁵ LONDON, Jack. *How I became a socialist*. In: _____. **War of the classes**. New York: The Macmillan Company, 1905. p. 277.

⁸⁷⁶ STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. op. cit.

processo mais do que "quinze segundos para cada vagabundo".⁸⁷⁷ Tanto nos escritos de 1903 quanto nos de 1906-1907, Jack chamou a atenção ao fato de que seu destino inglório era compartilhado por diversos outros, "cujas circunstâncias eram similares", e cujo agravo judicial era "não ter morada fixa nem meios visíveis de sustento".⁸⁷⁸

Nesses dois capítulos escritos entre 1906-1907, abundam exemplos daquele brilhantismo do Jack escritor socialista, como na parte em que ele descreve o esquema de revenda clandestina de pão: "Éramos mestres em economia em nosso saguão, controlando as operações de maneira muito similar à dos magnatas da civilização capitalista"; ou quando fala sobre a atmosfera hostil da penitenciária: "Oh, éramos lobos, acreditem - exatamente como os sujeitos que fazem negócios em Wall Street."⁸⁷⁹

O detalhe ao qual precisamos nos ater aqui para propor nosso argumento é o fato de que o texto desses dois capítulos foi escrito entre 1906-1907. Diferente dos demais capítulos de *The Road* (salvo "Two Thousand Stiffs"),⁸⁸⁰ esses dois não têm um esboço anterior, por esquelético que seja. E isso tem toda a importância.

Expliquemo-nos.

Há uma série de anotações que Jack tomou ao longo do ano de 1894 num caderno de endereços que pertencia a um de seus companheiros de viagem, Frank Davis, e que ficou conhecido como "The Tramp Diary" (O diário vagabundo, em tradução livre). O caderno de endereços, que se encontra na coleção "Jack and Charmian London" pertencente a Biblioteca Merrill da Universidade de Utah State (Caixa 20), é constituído de 73 folhas de texto escrito à mão, e acompanham praticamente metade da viagem de London (de Oakland a Chicago, do início de abril ao final de maio ou início de junho). As entradas de London no diário são curtas mas bastante regulares, particularmente nas primeiras semanas em que esteve viajando junto com os outros vagabundos e desempregados do Exército de Kelly e de Coxey. A última anotação que Jack fez no diário se deu em Chicago, o que se deu provavelmente entre 29 de maio e os primeiros dias de junho,⁸⁸¹ quando se sabe que conseguiu deitar mão

⁸⁷⁷ LONDON, Jack. **A Estrada**. op. cit. p. 92.

⁸⁷⁸ LONDON, Jack. *How I became a socialist*. In: _____. **War of the classes**. op. cit. p. 276. Em *The Road* é dito que: "(...) a cada momento, a porta se abria e dois ou três mais eram jogados no meio da gente." LONDON, Jack. **A Estrada**. op. cit. pp. 91-92.

⁸⁷⁹ LONDON, Jack. **A Estrada**. op. cit. p. 109 e p. 111, respectivamente.

⁸⁸⁰ Ou "Dois mil vagabundos", em português. Nesse capítulo narram-se os eventos da segunda quinzena de maio de 1894, quando as hostes do exército de desempregados sofreu o revés de ter o transporte ferroviário negado, e continuaram a marcha a Washington descendo o rio Mississippi em jangadas de madeira que eles próprios construíram.

⁸⁸¹ ETULAIN, Richard W. Introduction. In: _____. (ed.). **Jack London on the road - The Tramp Diary and other hobo writings**. Logan: University of Utah Press, 1979.

em 4 dólares que sua mãe havia lhe enviado, logo antes de passar alguns dias na casa de sua tia materna em St. Joseph, às margens do lago Michigan.

Ou seja, os eventos em Niagara Falls e na penitenciária do Condado de Erie, precisamente aqueles em que mais ostensivamente se sente a mão socialista de Jack London a conduzir a pena, não constam do "Tramp Diary" de 1894.

Um possível motivo para explicá-lo é que as páginas tivessem acabado, o que é desmentido por Etulain, o cuidadoso editor que preparou a publicação do diário nos anos 1970: de acordo com ele há "por volta de dez páginas em branco"⁸⁸² restando no diário. Um outro motivo, esse atestável, é que o diário foi retirado juntamente com os demais pertences de Jack quando ele foi encarcerado em 29 de junho de 1894.⁸⁸³ De todo modo, sabemos que o diário estava com ele quando chegou a Califórnia, e ainda assim nenhuma outra nota foi acrescentada depois de Chicago, mesmo tendo Jack ainda viajado por mais alguns meses depois de liberado do encarceramento.

Chamamos aqui a atenção para esse fato porque embora as andanças com o Exército de Coxey e a experiência da prisão tenham acontecido uma logo em seguida da outra (entre abril e julho de 1894), a narrativa delas por London, considerando *The Road* e o "Tramp Diary", distam mais de dez anos. O socialista que, primeiro em 1903 e depois em 1906-1907, Jack London afirma ter se tornado em 1894 encontram pouco eco em seus escritos do ano de 1894!

Ressaltamo-lo porque a visível diferença de tom entre as entradas do "Tramp Diary" e as memórias de *The Road*, isto é, entre 1894 e 1906-1907, é demasiado expressiva para ser tratada como secundária. Ela ajuda a entender, de um lado, certas transformações no mundo do trabalho dos Estados Unidos de então, e de outro, entender porque a literatura de London entra em uma nova fase após 1903.

Ponderemos sobre essa diferença.

Nas entradas do "Tramp Diary" o critério que parece guiar o olhar e a pena de Jack é o da aventura, da fanfarronice, preocupado mais em narrar os divertimentos e os folguedos em que pôde tomar parte ao longo do caminho, do que a adoção daquela dicção séria e contundente que é característica de seus textos de crítica social. Se levarmos em conta o argumento que construímos no capítulo anterior, de que a literatura iniciática de Jack London orbitava mais em torno da aventura ou do heroísmo viril de certa coloração épica, torna-se forçoso reconhecer que o "Tramp Diary" também se

⁸⁸² Idem, *ibidem*, p. 30.

⁸⁸³ LONDON, Jack. **A Estrada**. op. cit. p. 100.

encontra sob essa égide. E é isto que parece se confirmar quando passamos em revista algumas de suas passagens, a começar pelo fato de que ele se referia aos vagabundos e viajantes clandestinos dos trens como "cavaleiros da estrada" (Knights of the Road),⁸⁸⁴ título mais rocambolesco do que asseverado.

Quando chegou em Rock Springs, por volta de meados de abril de 1894, eis o que suas notas dizem que fez: "Eu fui até o *saloon*, pedi um copo de cerveja e apliquei-me uma bela lavada com água morna. Estou escrevendo isto do *saloon*. Aqui parece à beça o velho Oeste selvagem. Os soldados, mineradores e cowboys todos parecem estar todos em polvorosa."⁸⁸⁵ São sintomáticos a empolgação de London com o "Oeste selvagem" e o sensível orgulho com que registrou o fato de que, como homem feito, bebeu uma cerveja roçando os ombros com velhos cowboys e mineradores (decalques de *forty-niners*). Jack tinha então dezoito anos, e como Georgia Bamford notou quando o conheceu em 1895, "ele parecia um menino".⁸⁸⁶ A um rapazola amamentado na cultura da hombridade dos trabalhadores herdeiros dos *forty-niners*, a oportunidade de Rock Springs deve ter tido um gosto muito doce.

Quando narrou a chegada do Exército de Kelly em Council Bluffs na entrada do dia 19 de abril, percebe-se que muito antes de ser dissecada como fenômeno socioeconômico, ela é mostrada algo romanticamente, quase como a chegada dos cruzados: "O Exército fez uma exibição deveras imponente, com bandeiras e estandartes, e o General Kelly, o encabeçando, montava um belo cavalo negro presente de um entusiástico cidadão de Council Bluffs."⁸⁸⁷

Nos povoados provincianos de Weston Underwood, Neola e Atlantic a recepção era amistosa e festiva: "Nós marchamos pela cidadezinha com centenas de cidadãos se juntando à nosso desfile. Parecia mais Quatro de Julho do que um domingo tranquilo naquela cidade interiorana."⁸⁸⁸ Os soldados esfarrapados do Exército de Kelly se entretinham com a população local em jogos de beisebol cujos *scores* estão cuidadosamente registrados no "Tramp Diary". Não soubéssemos se tratar das hostes despossuídas dos *heart-breaking nineties*,⁸⁸⁹ que eram ostensivamente acompanhadas

⁸⁸⁴ LONDON, Jack. The Tramp Diary. In: ETULAIN, Richard W. (ed.). **Jack London on the road - The Tramp Diary and other hobo writings**. Logan: University of Utah Press, 1979. p. 36.

⁸⁸⁵ Idem, idem, p. 38.

⁸⁸⁶ BAMFORD, Georgia Loring. **The mystery of Jack London: some of his friends, also a few letters - A reminiscence**. op. cit. p. 15.

⁸⁸⁷ Idem, p. 41.

⁸⁸⁸ Idem, p. 45.

⁸⁸⁹ McMURRY, Donald Le Crone. **Coxey's Army: A study of the industrial army movement of 1894**. Boston: Little Brown and Company, 1929. p. 3.

pelas polícias locais segundo Joan London,⁸⁹⁰ as entradas do diário de Jack quase nos convenceriam estarmos diante de um comunitário piquenique à pastoral, decalque à Americana das pinturas de Renoir. Tal como o que se deu em Butler Woods:

Durante toda a tarde, damas e cavalheiros da cidade encheram o acampamento, misturando-se aos rapazes; e à noite houve um júbilo geral. Em todos os acampamentos se passavam conversas e cantorias, as garotas misturando suas vozes doces com a dos rapazes, essas roucas por conta do frio e de dormir ao relento. As damas de Omaha e Council Bluffs ainda nos acompanhavam junto com seus pares. Numa ponta do acampamento uma igreja foi improvisada e um ministro celebrava; noutra, dois grupos de alemães lançavam as canções de sua velha pátria a ecoar acampamento afora. Tivemos nosso momentozinho ali, e sua parte principal eram canções e danças junto ao redor da refeição.⁸⁹¹

Franklin Walker, um dos mais respeitados estudiosos de London, na biografia inacabada do escritor (cujos esboços encontram-se na coleção de documentos da Huntington Library, em San Marino, Califórnia) manifestou estranheza ao confrontar os manuscritos do "Tramp Diary" com os reclames socialistas e radicais de Jack London dali em diante, dizendo que naqueles prevalecia "uma ausência de comentário social".⁸⁹²

Apesar dos reclames do próprio escritor de que foram as experiências de 1894 que o tornaram um socialista e um revolucionário, foi com um estado de espírito folgazão, pouco comum a um socialista aguerrido como veio a ser, que ele resolveu se lançar à vida de *hobo*. O escritor, aliás, reconheceu enviesadamente que a conclusão que tirou sobre sua "conversão" ao socialismo pertence mais aos anos 1900 do que a meados da década de 1890: "Eu era então um socialista sem o sabê-lo",⁸⁹³ e entre 1906-1907 ele o confessou doutro modo, num dos textos d'A *Estrada*:

Tornei-me um vadio por causa da vontade de viver dentro de mim, do desejo de aventura que corria em meu sangue e não me deixava descansar. (...) Peguei a Estrada porque não conseguia ficar longe dela; porque não tinha um tostão no bolso para pagar uma passagem de trem; porque não queria fazer a mesma coisa a vida inteira; porque...ora, apenas porque era mais fácil do que não me aventurar nela.⁸⁹⁴

Nosso objetivo aqui não é apontar supostas mentiras de Jack London, questionar suas credenciais socialistas ou a veracidade deste ou daquele evento, mas permitir entrever que sua percepção de mundo continuava constantemente tensionada pela sua pertença ao mundo do trabalho, material e subjetivamente. Quando ressaltamos o

⁸⁹⁰ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 74.

⁸⁹¹ Idem, p. 45.

⁸⁹² WALKER, Franklin apud ETULAIN, Richard W. (ed.). **Jack London on the road - The Tramp Diary and other hobo writings**. op. cit. p. 23, nota de rodapé.

⁸⁹³ LONDON, Jack. **War of the classes**. op. cit. p. 277.

⁸⁹⁴ LONDON, Jack. **A Estrada**. op. cit. p. 143.

caráter aventureiro com que London vivenciou e digeriu as experiências de 1894, o fazemos para que se entenda que sobre seu espírito ainda bafejava, a despeito de sua recusa dramática ao trabalho, o conjunto das tradições da hombridade herdado da sociedade *western*. Donde argumentarmos que seu olhar em 1894 era mais o de um trabalhador californiano gozando a desforra pós-abandono de um emprego castrador, do que o de um socialista precoce.

Ao encarnar essa aparente contradição, ou ao fazer em si a junção pouco convencional de duas *personas* tão díspares, Jack London não deixava de ser um trabalhador, ponto este que ressaltamos para poder compreendê-la em quadros subjetivos e sociais, biográficos e históricos. Tal disparidade, aliás, é algo que causa certo desconforto e reticências da parte dos estudiosos de Jack e de sua obra. Aquela caudalosa lista de biografias que citamos no início do capítulo anterior costumam cair em uma das duas seguintes abordagens do escritor: ou se valem da inflexão romântica de sua vida, ou então enfatizam sua trajetória socialista. Jack London costuma ser ora o aventureiro, ora o revolucionário, ao passo que a concatenação dos dois num mesmo sujeito e numa mesma trajetória costuma revelar uma costura bastante frágil, senão deliberadamente evitada.

A presente tese ousa dizer que uma explicação coerente para essas duas inflexões de sua existência repousa sobre sua experiência como trabalhador. Demonstramos no capítulo anterior que a recusa de London ao trabalho braçal nasceu do descompasso entre a cultura estadunidense de valorização do trabalho e a precarização dele sob o império monopolista, ao passo que sua literatura de 1898-1903 encarna esse dilema, buscando respondê-lo por seus próprios meios. Argumentamos agora que sua "conversão" ao socialismo não se deu de forma pontual em 1894, mas que se fortaleceu ao longo dos esforços hercúleos que ele empreendeu para conseguir erguer-se acima do trabalho braçal no restante da década de 1890, buscando forma de sustento que dependesse de "seu cérebro e não de seus músculos"⁸⁹⁵ (como fez também Sherwood Anderson).

Seria evidentemente temeroso assumir que a experiência de ter sido "julgado" de forma sumária e preso por trinta dias não tenha tido qualquer efeito por Jack London, nos termos de um "despertar socialista" ou não. Quando resolveu iniciar o texto "How I became a socialist", de 1903, dizendo que "É bastante justo dizer que eu me tornei um

⁸⁹⁵ "O cérebro paga; os músculos não" LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 204.

socialista de uma maneira similar àquela com que os teutônicos pagãos se tornaram cristãos - a marteladas",⁸⁹⁶ era muito provavelmente a essa experiência que ele se referia. O que argumentamos, distintamente, é que ele a sentiu antes como trabalhador do que como socialista; e, mais além, que justamente por tê-la sentido como trabalhador, e buscado responder a ela a partir de sua experiência como trabalhador, que veio a gradativamente se tornar um socialista.

O crescendo do envolvimento de London com o socialismo desde sua volta das peregrinações como *hobo* já foi documentado e afirmado com solidez mais do que suficiente para que queiramos refutá-lo: são provas disso seus escritos de 1895-1897, sua aproximação com os "oradores de caixote" da City Hall Plaza em 1896, e também o alcunha de "garoto socialista de Oakland" que o jornal *San Francisco Chronicle* lhe concedeu em matéria de 16 de janeiro de 1896.⁸⁹⁷ O que argumentamos, portanto, é que Jack foi se tornando um socialista na medida em que procurou com afincio qualificar-se para algum ofício intelectual, quiçá burocrático ou administrativo, ou ao menos um que lhe permitisse se subtrair à labuta castradora do trabalho fabril, o qual sua experiência como trabalhador lhe ensinara detestável.

É provável que a experiência da prisão tenha concorrido de modo determinante para o aspecto taciturno que o restante de sua viagem teve. Os lugares que visitou após ter sido libertado no final de julho parecem todos residir numa penumbra outonal: Washington, Baltimore, Nova York, Boston...a Nova Inglaterra e os velhos Estados Unidos. Ao ir da jovem Califórnia para as regiões da velha América Atlântica, dos amplos espaços abertos do Oeste para o confinamento urbano do Leste, Jack London percorreu uma jornada geográfica e histórica que lhe causou temor. Talvez percebeu que tinha feito pelo contrário os passos da "civilização" que era ainda tão verde na Califórnia, de modo que o destino cinzento daquele Leste estava no horizonte do seu Oeste... Os biógrafos todos insistem que Nova York deixou tão má impressão nele que mesmo depois de ter construído sua reputação como escritor, ele procurava passar na grande metrópole somente o tempo necessário para resolver seus assuntos.⁸⁹⁸

A experiência amarga do encarceramento o fez sentir-se assustado com uma eventual segunda prisão, potencialmente mais trágica porque reincidente, ao passo que o insucesso de sua busca por caridade em Washington e Baltimore ("lugar impossível

⁸⁹⁶ Idem, *ibidem*, p. 267.

⁸⁹⁷ Cf. KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. op. cit. p. 64.

⁸⁹⁸ O'CONNOR, Richard. **Jack London, a biography**. op. cit. p. 65; KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. op. cit. pp. 57-58.; DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. pp. 46-47.

para mendigar por sapatos", disse ele mais tarde)⁸⁹⁹ devem tê-lo feito sentir-se particularmente desamparado e solitário. Como esse período não tem entradas no "Tramp Diary", as únicas linhas escritas sobre ele são as de 1906-1907, mas o acento negativo sobreviveu mesmo passados dez anos. A julgar por certos traços de informação que podemos encontrar em posteriores escritos seus, arriscamos pensar, à guisa de hipótese, que se considerando um "Americano nascido livre, cujos ancestrais lutaram desde a velha guerra pré-revolucionária até as guerras indígenas",⁹⁰⁰ o tratamento que Jack recebeu na corte de Niagara Falls desferiu um duro golpe contra certas de suas crenças mais fundamentais. Em 1906-1907, por exemplo, ele escreveu que naquele dia de julgamento seus "sentimentos patrióticos e de cidadão norte-americano receberam (...) um abalo do qual nunca se recuperariam totalmente."⁹⁰¹ O tratamento que ele recebeu e viu receberem tantos outros vagabundos e desempregados como ele deve também tê-lo refletir sobre o trabalho, pouco a pouco tornando-se um fato social tanto quanto individual. Praticamente todos aqueles presos tinham em comum o fato de não terem emprego ("sem meios visíveis de sustento", dizia sua sentença),⁹⁰² e não o tê-lo agravara o tratamento que recebiam. Como Jack notou num texto que escreveu em 1896-1897, a maioria esmagadora dos vagabundos eram pessoas que estavam em busca de um emprego mas não conseguiam,⁹⁰³ sendo esses os mesmos pobres desabrigados e esfarrapados que o aterraram em Nova York, como disse Joan London:

(...) sua mais profunda e duradoura impressão era a face angustiada dos pobres. Quando ele viu as saídas de incêndio, os parques e o Battery [*parque em Manhattan*] lotados a noite toda com homens, mulheres e crianças, todos eles incapazes de dormir nos sufocantes quartos de pensão; crianças definhando e homens e mulheres com olhares famintos, não foi preciso muita imaginação para imaginar seu sofrimento nos meses de inverno severo.⁹⁰⁴

A falta de emprego daqueles pobres diabos o assustou, tendo sido este um dos pontos que ele ressaltou no texto de 1903: "Eu deixei o amplo Oeste onde os homens se davam bem e onde o trabalho os caçava, para os centro congestionados do Leste, onde

⁸⁹⁹ LONDON apud ETULAIN, Richard W. (ed.). **Jack London on the road - The Tramp Diary and other hobo writings**. op. cit. pp. 4-5.

⁹⁰⁰ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 187.

⁹⁰¹ LONDON, Jack. **A Estrada**. op. cit. p. 92.

⁹⁰² LONDON, Jack. *How I became a Socialist*. In: _____. **War of the classes**. op. cit. p. 276.

⁹⁰³ LONDON, Jack. *The Road: Glimpses of the Underworld*. In: RASKIN, Jonah (ed.). **The radical Jack London - Writings on war and revolution**. p. 67.

⁹⁰⁴ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 83.

os homens eram pequeninos e eles é quem caçavam o trabalho, com todas as forças de que dispunham."⁹⁰⁵

Em face disso tudo, o final de 1894 e o início de 1895, de volta a Oakland, foram um momento crucial na vida de Jack London. Ele viu-se às voltas com um dilema que parecia repuxá-lo em duas direções distintas: de um lado, queria manter-se fiel a sua promessa de não voltar ao trabalho castrador; de outro, preocupavam-lhe as condições hostis que cabiam aos desprovidos de trabalho, fosse na prisão ou dormindo ao relento. Como doutras vezes, Jack era posto entre cruz e a espada, forçado a uma decisão cujas implicações e urgência o tensionavam duramente - não surpreende que um dos grandes temas da literatura dele, provável obsessão existencial, tenha sido justamente a delicada relação entre liberdade e determinação.

A decisão que acabou por tomar, acossada pelas condições materiais dele e de sua família, lhe permitiu manter sua promessa ao mesmo tempo em que expressava a decisão que muitos trabalhadores tentaram fazer naquele mesmo momento: Jack London voltaria a estudar de modo a suprir suas lacunas educacionais e culturais, para que assim pudesse encontrar meio de se sustentar sem depender do trabalho braçal. Como mencionamos outrora, no capítulo II, a "Era do Profissionalismo havia começado",⁹⁰⁶ e havia alguma chance de se livrar das onerosas demandas físicas do trabalho braçal se lançando ao aprimoramento de um conjunto de habilidades intelectuais e técnicas via educação formal.

Russ Kingman disse que Jack "(...) estava atrás do diploma universitário, essa chave vital para o futuro nos anos 1890", já que "Ser um universitário, um *college man*, era a chave que abria a porta do sucesso e da aceitação social."⁹⁰⁷ E Joan London corrobora o biógrafo dizendo que Jack "(...) estava convencido que um diploma universitário era indispensável para que conseguisse ganhar a vida por meio de seu cérebro, fosse como escritor ou noutro ofício".⁹⁰⁸ Esse foi o caminho que Sherwood Anderson tomou alguns anos mais tarde em Chicago, e também foi aquele em que se lançou Jack London na Califórnia.

De uma perspectiva mais diretamente atinente a Jack-London-trabalhador, portanto, a jornada de 1894 ofereceu os bálsamos passageiros da quebra de rotina, a

⁹⁰⁵ LONDON, Jack. *How I became a Socialist*. In: _____. **War of the classes**. op. cit. p. 272.

⁹⁰⁶ TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. op. cit. p. 43.

⁹⁰⁷ KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. op. cit. pp. 62-63.

⁹⁰⁸ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 93.

nutrição de qualquer atmosfera romântica (talvez "picaresca")⁹⁰⁹ acerca do escape do mundo laboral, além de um crescente e cada vez mais agudo senso de consciência coletiva, demarcado primeiro pela indignação alheia e depois pelo medo particular. De uma perspectiva mais centrada sobre Jack-London-escritor, tem-se de notar que foi esse um período de aprimoramento da arte da narrativa, e também quando as primeiras sementes do realismo foram plantadas, tanto que anos mais tarde ele declarou: "Saibam que de sua habilidade de contar histórias é que depende o sucesso do pedinte", além de: "Frequentemente penso que ao treinamento de meus dias de vagabundagem é que deve ser atribuído meu sucesso como escritor."⁹¹⁰

Seja ponderando sobre Jack London como um proto-escritor, seja o observando sob o ângulo de um então-trabalhador, a peregrinação vagabunda de 1894 operou uma mudança considerável em seus projetos. Quando retornou a Oakland em dezembro daquele ano, ele não tinha uma possibilidade de carreira literária, intelectual, burocrática ou no setor de serviços; mas também não dispunha de condições concretas para sobreviver sem trabalho, de modo que se mostra bastante compreensível sua decisão de voltar aos bancos da escola. Por profundas que possam ter sido as mudanças espirituais e sensíveis que se operaram nele durante aqueles últimos meses, e por fortes que pudessem ser os embrionários reclames socialistas que pulsavam dentro dele, as imediações concretas de sua existência continuavam ali, e era preciso respondê-las. Convicto que estava Jack de que "os músculos não pagavam", restou o que nas "memórias alcoólicas" de 1913 ele chamou de "firme intenção de desenvolver meu cérebro" - "Isso significava educação escolar."⁹¹¹

As afirmações de London sobre isso são abundantes: além das memórias de 1913, elas estão no "How I became a Socialist" de 1903; no "What life means to me" de 1905; e, na forma de ficção, são a medula do romance escrito entre 1907-1908, *Martin Eden*.⁹¹² Ao lado dessas evidências encontra-se o incontornável fato de que ele voltou a frequentar a escola, a Oakland High School, no início de 1895; chegando a ser admitido na University of California, Berkeley, no outono de 1896.

Em virtude das exigências orçamentárias do lar dos London, que puseram Jack no mundo do trabalho desde muito cedo, e também por conta das instabilidades

⁹⁰⁹ SEELYE, John D. *The American Tramp - A version of the picaresque* (inverno/1963). Disponível em <https://www.jstor.org/stable/2710972?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em 2 jul 2018.

⁹¹⁰ LONDON, Jack. **The Road**. New York: Macmillan Company, 1907. p. 9 e p. 10, respectivamente.

⁹¹¹ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 204.

⁹¹² LONDON, Jack. *How I became a Socialist*. op. cit. p. 278.; LONDON, Jack. *What life means to me*. op. cit. p. 301.; LONDON, Jack. **Martin Eden**. New York: Macmillan Company, 1916.

materiais, que os fizeram mudar de lugar em lugar desde o início dos anos 1880, a formação escolar daquele trabalhador de dezenove anos não era das mais promissoras. Até 1895 ele tinha frequentado três escolas: a West End School de Alameda, entre 1881-1883; uma "escola rural em San Mateo County, cujo professor era um alcoólatra",⁹¹³ entre 1883-1885; e a Cole Grammar School de West Oakland entre 1886-1887.⁹¹⁴

Um histórico escolar como este deixou muitas lacunas, entre as quais se pode destacar os diversos erros ortográficos do "Tramp Diary" de 1894, e também a necessidade de que o esforço de compensação de Jack London a partir de 1895 fosse colossal. A condição trabalhadora cobrava seu ônus exigindo dele uma disposição de sacrifício que certamente não era partilhada por todos os seus colegas. Não é um belo retrato disto o relato de Georgia Bamford sobre seu primeiro encontro com Jack nos bancos da Oakland High School? Enquanto os colegas mais jovens moviam-se pela sala em algazarra, ele "(...) havia escolhido uma cadeira (...) separada dos demais",⁹¹⁵ enquanto os assistia circunspecto; e Bamford diz ainda que "Sua aparência era incrivelmente esfarrapada, descuidada e suja; diferente de qualquer coisa que eu tivesse visto antes numa sala de aula."⁹¹⁶

A tarefa que jazia à frente de London era árdua: "Levaria três anos até que ele pudesse ser admitido na University of California, uma incômoda preparação preliminar para um rapaz seis anos mais velho que a maioria de seus colegas."⁹¹⁷ Ser proletário na realidade histórica dos Estados Unidos de fins do XIX não permitia um afastamento sabático tão longo, motivo pelo qual ele se viu obrigado a encontrar formas de equilibrar a escola com o trabalho: "Para pagar por meus estudos, trabalhei como zelador. Minha irmã me ajudava, também; e eu não me encontrava acima de aparar o gramado de alguém ou de bater a poeira de tapetes quando tivesse metade de um dia livre."⁹¹⁸ Daniel Dyer afirma que nessa época ele chegou a trabalhar "no cais como estivador, carregando e descarregando navios."⁹¹⁹ O trabalho de zelador que ele encontrou, aliás, era na mesma Oakland High School onde ele estudava, de modo que

⁹¹³ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 36.

⁹¹⁴ ATHERTON, Frank apud DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. pp. 15-16.

⁹¹⁵ BAMFORD, Georgia Loring. **The mystery of Jack London: some of his friends, also a few letters - A reminiscence**. op. cit. p. 17.

⁹¹⁶ Idem, ibidem, p. 17.

⁹¹⁷ O'CONNOR, Richard. **Jack London, a biography**. op. cit. p. 69.

⁹¹⁸ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. pp. 204-205.

⁹¹⁹ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 51.

quando seus colegas partiam, Jack diz que "(...) continuava na escola trabalhando, esfregando o chão e limpando os banheiros."⁹²⁰

London se sentia deslocado, e por conta do conjunto de elementos pessoais e materiais que formava essa inadequação, Jack não permaneceu na Oakland High School por muito tempo. Parece ter ficado nela somente o tempo que sua amizade com os membros da Aegis Publishing Company, "a organização estudantil mais popular da escola",⁹²¹ lhe valeu a oportunidade de exercitar suas aspirações literárias;⁹²² e também enquanto o amadurecimento intelectual advindo dos debates do Henry Clay Club não fez com que a distância entre seu intelecto e o currículo da escola se tornasse um abismo. Earle Labor, um dos mais distintos biógrafos de London e um dos curadores de sua correspondência completa, listou entre as obras lidas por Jack nesse período *A origem das espécies* de Darwin; *Crítica da razão pura* de Kant; *A riqueza das nações* de Adam Smith; *A filosofia do estilo* de Spencer.⁹²³ Logo, é razoável pensar, ainda que como hipótese, que o currículo da escola e o fato de estar voltado a pessoas bastante mais pueris que ele deviam parecer bastante frustrantes para alguém com tal carga de leituras e com tantas aventuras "adultas" em seu histórico. Isso fez com que a escola "(...) se arrastasse e que Jack ficasse impaciente com seus estudos".⁹²⁴

Olhando para os dois anos e meio que ainda tinha pela frente se seguisse naquele ritmo, Jack ponderou, "(...) minha educação estava se tornando financeiramente insustentável",⁹²⁵ de modo que no início do semestre de outono de 1895 deixou a Oakland High School.

Para driblar as limitações financeiras e a falta de tempo, Jack traçou um plano: assumir ele próprio as rédeas de seu aprendizado. Três companheiros seus do clube de debates Henry Clay (Fred Jacobs, Bess Maddern e Ted Applegarth) também se preparavam para os exames admissionais da University of California, Berkeley, e foi em grande medida com eles que Jack buscou suprir em poucos meses o conteúdo que em circunstâncias regulares levaria três anos. Parte dessa preparação ocorreu na sua segunda casa, a Biblioteca Pública de Oakland; parte na University Academy de Alameda, espécie de "cursinho" preparatório (cramming school), que conseguiu pagar

⁹²⁰ O'CONNOR, Richard. **Jack London, a biography**. op. cit. p. 69.

⁹²¹ KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. op. cit. p. 60.

⁹²² Jack conseguiu publicar oito artigos e dois contos na revista *Aegis*, cuja edição era administrada por aquela organização estudantil.

⁹²³ LABOR, Earle Gene. **Jack London - An American life**. op. cit. Capítulo 7 - A man among boys, pp. 79-87.

⁹²⁴ KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. op. cit. p. 62.

⁹²⁵ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 210.

com a ajuda de sua irmã, Eliza; e parte, ainda, sob as cuidadosas orientações de Frederick Irons Bamford, bibliotecário de Oakland e membro do Ruskin Club que Jack frequentava nessa época.

Esse momento da vida de London demonstra como poucos quão certo é o comentário feito por Harold Bloom no prefácio do seu "Modern Critical Views" do escritor, dizendo que "As energias de London são incomensuráveis."⁹²⁶

Para sua sorte e também de sua família, que dependia dos "bicos" que ele fazia, a longa residência de Jack no mundo do trabalho precarizado havia lhe ensinado a fazer malabarismos com seu tempo e sua energia. Naquela segunda metade de 1895 os "bicos" voltados ao remendo orçamentário foram se alternando com os estudos daquele célebre momento de sua formação em que Jack afirmou ter por vezes estudado "dezenove horas por dia".⁹²⁷ Independentemente da veracidade do relato acima, não deixa de ser expressivo o fato mencionado por praticamente todos os biógrafos: algumas semanas após ter se matriculado na University Academy de Alameda, Jack é chamado ao escritório do diretor e convidado a deixar a instituição, pois "(...) a reputação da escola poderia sofrer, e a universidade poderia descreditá-la, se descobrisse que se permitiu a um estudante fazer o trabalho de dois anos em um semestre."⁹²⁸

Exasperado com mais esse obstáculo, Jack resolveu tomar definitivamente em suas mãos a preparação para os exames de admissão universitária, e não depender mais de instituição educacional alguma. As doze semanas seguintes foram de frenético estudo, e testemunharam London indo da Biblioteca Pública de Oakland (onde disse ter mais de meia-dúzia de fichas para poder pegar mais livros de uma única vez)⁹²⁹ para um quarto isolado de sua casa onde passava longas horas. Dali, ainda, ele ia para as casas de seus companheiros de estudo supramencionados, que o ajudavam com os conteúdos de Química, Física e Matemática.⁹³⁰

A 10 de agosto de 1896, tendo tirado sua bicicleta da penhora, Jack dirigiu-se nela a Berkeley para prestar os exames de admissão, os quais duravam três dias. Tendo estudado até a exaustão nos últimos meses, a lembrança dele acerca de seu estado à

⁹²⁶ BLOOM, Harold. *Introduction*. In: _____ (org.) **Harold Bloom's Modern Critical Views: Jack London**. New York: Infobase, 2011. p. 1.

⁹²⁷ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 211.

⁹²⁸ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 128. O mesmo fato é citado em Kingman (p. 65), em Labor (pp. 88-89).

⁹²⁹ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 56.

⁹³⁰ KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. op. cit. p. 66.

ocasião é tormentosa: "Meu corpo tinha se exaurido, minha mente tinha se exaurido (...). Meus olhos tinham se cansado e começado a contrair-se (...). Eu sofria de um esplêndido caso de exaustão mental. Não queria ver livro algum na minha frente."⁹³¹ Jack padecia daquela realidade que segundo Simone Weil era a mais determinante da "condição operária", o cansaço; e declarou mais tarde estar ciente da ironia amarga de sua situação: "Eu estava trabalhando para conseguir escapar do trabalho; mas mantive-me firme apesar da triste percepção do paradoxo."⁹³²

O resultado desse exaustivo período de preparação foi que Jack venceu as diversas circunstâncias adversas da condição de trabalhador, tendo sido aceito para a admissão na University of California, Berkeley em agosto de 1896!

Antes de observar os louros que o singularizam, é preciso que também olhemos para os obstáculos que London experimentou como condição socialmente partilhada. É um mérito inegável seu feito, e não o questionamos. Mas não conseguimos indulgir o tom laudatório sem chamarmos atenção ainda uma vez sobre o conjunto de dificuldades que se opunham a ele, o pedágio específico que ele pagou por pertencer à classe trabalhadora, seja na condensação dos estudos em menor tempo, seja na alternância entre eles e os empregos, seja a fundamental solidariedade a que ele precisou recorrer em diferentes momentos. Isto é, a quantidade de adversidades materiais que ele foi obrigado a subjugar pela intensidade de sua disposição e pela prontidão de seu sacrifício expressam a distância crescente imposta pela divisão do trabalho e pela estratificação social. A ideia de "super-homem nietzscheano" que o fascinava nesse período⁹³³ e que apelava à sua vaidade, talvez fosse um subproduto dessa rigorosa restrição da ascensão social nas bases de uma economia monopolizada.

O problema da matrícula na universidade expressava justamente esse pedágio. O conjunto de "bicos" nos quais se empenhou desde o início de 1895 pouco mais fizeram além de permiti-lo chegar até ali, e mesmo assim forçando-o a largar a escola e comprimir os estudos num tempo recorde. A bicicleta que a irmã de Jack lhe dera para que pudesse abreviar o tempo do trajeto até a escola já fora penhorada e tirada do

⁹³¹ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. pp. 211-212.

⁹³² LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 205.

⁹³³ Em diversos textos London se considera uma das "bestas louras" (blond beasts) de Nietzsche. Em "How I became a Socialist", por exemplo, ele explica seu individualismo: "(...) [eu era individualista] porque eu era forte. E era muito natural, eu era um vencedor", arrematando logo em seguida: "Eu conseguia ver minha vida somente num frenesi furioso como uma das bestas louras de Nietzsche, vagando luxuriosamente e conquistando as coisas por pura força e superioridade." LONDON, Jack. *How I became a Socialist*. In: _____. **War of the classes**. op. cit. pp. 269-270)

penhor vezes demais para que ele pudesse reivindicar crédito junto a um desses estabelecimentos.⁹³⁴

Foi então que, mais uma vez, a solidariedade dos desafortunados veio em seu favor. Escreveu London que diante desse impasse ele buscou agir

(...) em obediência ao código que ele havia aprendido junto com todas as outras coisas ligadas a John Barleycorn [*a bebida*]: em situações de dificuldade, quando um homem não tem mais a quem se voltar, quando não possui sequer o mais mísero item pelo qual um penhorista predatório poderia se interessar, ele pode voltar-se a algum taverneiro que conheça.⁹³⁵

E foi Johnny Heinhold, dono do bar "First and Last Chance", que o conhecia desde quando frequentava o cais da baía de San Francisco ainda rapazola, quem lhe emprestou o dinheiro para a matrícula.

Pode ter sido para expressar sua gratidão a Heinhold que Jack redobrou sua dedicação, mas quer seja isto, quer seja sua particular intensidade, o tempo dele em Berkeley foi espartano na disciplina, e ateniense no cultivo intelectual. O relato de Jimmy Hopper, colega seu dessa época, é bastante ilustrativo: "Ele me disse o que pretendia fazer: ele cursaria todas as disciplinas de Língua Inglesa que estivessem disponíveis, todas elas, nada menos. E, é claro, ele também pretendia frequentar a maioria das disciplinas de Ciências Naturais, várias de História, e abocanhar uma parte considerável das Filosofias."⁹³⁶ Dono de uma faculdade de observação bastante afiada a essa altura e tendo sobre os ombros uma experiência de mundo não desprezível, London já parecia ter se dado conta de que para compensar os limites oriundos de sua origem social ele precisava ser duplamente resistente e perseverante.

Olhando a trajetória pregressa de London daquele ponto no tempo, isto é, do início do semestre de outono de 1896, nota-se que quase dois anos haviam se passado desde que ele retornara das andanças vagabundas, tempo esse em que suas aptidões intelectuais e eruditas haviam dado largos passos. A formação universitária prometia ser a coroação do projeto de qualificação profissional que London traçou para si desde fins de 1894, mas no decurso deste algo havia mudado. Cada vez mais sua jornada de estudos se tornava antes intelectual e filosófica do que propriamente técnica. As amplitudes humanistas que ela abriu fizeram soçobrar sua porção mais estritamente

⁹³⁴ Em *John Barleycorn* Jack diz que adorava andar de bicicleta quando dispunha de tempo, e também "(...) toda vez que fosse afortunado o suficiente para tirá-la do penhor." LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 209.)

⁹³⁵ Idem, ibidem, pp. 206-207.

⁹³⁶ HOPPER, Jimmy apud HAMILTON, David. "The tools of my trade": the annotated books in Jack London's library. op. cit. p. 8.

profissionalizante. A paixão pela leitura que o levava ao segundo andar da Biblioteca Pública de Oakland na infância arrastou Jack London homem-feito em jornadas filosóficas, científicas e políticas cada vez mais amplas. E ao longo e através desse processo certas afinidades foram se robustecendo mais do que as outras.

Se recorrermos a um breve apanhado dos textos políticos de London, poderemos entender melhor essa silenciosa mudança.

Com acento pesadamente panfletário, "Pessimism, Optimism and Patriotism" foi publicado na revista *Aegis* da Oakland High School em março de 1895, e ali percebemos nele as tímidas afinidades que eram traçadas: a escrita e o socialismo. E parece haver méritos reconhecíveis, talvez mais em termos de escrita do que de socialismo. Mesclando uma crescente discordância em relação à ideologia do otimismo liberal estadunidense com uma ainda temerosa solidariedade em relação àquela emergente causa radical e trabalhista (que ele chamava "pessimista"), o artigo termina com uma exortação *à la Manifesto Comunista*, mas patrioticamente contida: "Levantai-vos Americanos, patriotas e otimistas! Despertai! Tomem as rédeas do governo corrupto e eduquem suas massas!"⁹³⁷

A esse texto segue um outro já de tom mais declaradamente socialista, expresso inclusive no curioso fato de que foi publicado no Natal de 1895. Em "What Socialism is", que saiu no *San Francisco Examiner*, ainda vê-se um sujeito cuja confissão patriótica se sobressai às afinidades radicais, seja mais como cálculo persuasivo, seja como convicção serena, mas onde os "socialistas pessimistas" do texto anterior dão lugar a um Socialismo mais ecumênico: "(...) socialismo é um termo abrangente. Comunistas, nacionalistas, coletivistas, idealistas, utópicos e altruístas são todos socialistas, embora não possa ser dito que o socialismo seja um deles, pois é todos." Jack não se furta a citar Lincoln e a usar, de modo engenhosamente subversivo, uma máxima filosófica que podia ter saído da boca de um dos Pais Fundadores para expor a justiça da causa: "Por 'todos os homens nascem livres e iguais' entende-se que nascem livres e com iguais oportunidades de ganhar a vida por meio do trabalho - físico ou mental." Donde sua conclusão: "Qualquer um é socialista na medida em que luta por uma melhor forma de governo do que aquela sob a qual vive."⁹³⁸ Havia ali, provavelmente mais por comunhão espiritual do que por conhecimento teórico de causa,

⁹³⁷ LONDON, Jack. *Pessimism, Optimism and Patriotism* [1895]. In: RASKIN, Jonah (ed.). **The radical Jack London - Writings on war and revolution**. op. cit. pp. 55.

⁹³⁸ LONDON, Jack. What Socialism is [1895]. Disponível em <<https://thegrandarchive.wordpress.com/what-socialism-is/>> Acesso em 27 abr 2018.

uma acolhida de Jack ao socialismo, nem que fosse somente para não deixá-lo tornar-se o Grinch.

É entre os primeiros meses de 1896 e o primeiro semestre 1897 que se pode verificar uma mudança mais robusta na direção do socialismo.

Naquele ano, não se registram outros escritos de London senão quatro textos políticos, e de intervenção direta em assuntos correntes (municipalização das águas, legislação democrática direta e questões fiscal e monetária).⁹³⁹ Estes ainda apelavam a um "renascimento do patriotismo",⁹⁴⁰ mas já eram capazes de diagnosticar efeitos nocivos e monopolizadores da competição, destarte demonstrando a projeção e amadurecimento político dele como "o garoto socialista de Oakland". Neste ano é quando foi escrito o ensaio "The Road",⁹⁴¹ que revela uma agudeza analítica mais radical, e no qual London busca debruçar-se sobre o problema dos vagabundos nos Estados Unidos. Na anatomia de sua argumentação pode-se vê-lo submetendo suas observações *in loco* de 1894 à sabatina de todo o conjunto das leituras que tinha feito e dos debates em que havia tomado parte.

O resultado é poderoso. Descrevendo os quadros sociológicos gerais dos desempregados, Jack deu-se conta de que esse era um dos pontos nodais da realidade de sua época: "O problema do vagabundo abre à nossa frente um vasto campo de estudo" pois "em nossa alta civilização [*ele é*] um fenômeno singular e paradoxal". O escritor encerra o texto com a questão que o perseguiria por anos, a qual ele tinha agora condições de formular, embora ainda não de responder: "(...) muitos devem permanecer desocupados, e uma vez que por meio da invenção a eficiência do trabalho está constantemente aumentando, aumenta também o exército de desocupados (...). Pode a vagabundagem ser abolida ou não?"⁹⁴²

Se verifica certa evolução e refinamento no pensamento de Jack London, tanto em termos de erudição e rigor intelectual, quanto em termos de argumentação e de

⁹³⁹ "Direct legislation through the Initiative and Referendum", *Oakland Times*, 9 maio 1896; "Socialistic views on coin", *Oakland Times*, junho de 1896; "Socialistic views... on the municipal ownership of waterworks", *Oakland Times*, 12 de agosto de 1896; "Jack London is against the Single Tax", *Oakland Times*, 24 de agosto de 1896.

⁹⁴⁰ LONDON, Jack. "Direct legislation through the Initiative and Referendum". Disponível em <<https://theGrandArchive.wordpress.com/direct-legislation-through-the-initiative-and-referendum/>> Acesso em 27 abr 2018.

⁹⁴¹ Em virtude só ter sido publicado em 1970, não se tem consenso sobre a data em que esse texto foi escrito. Etulain escreve que ele foi submetido ao *San Francisco Examiner* em 1897 (p. 69); Jonah Raskin afirma que ele pode ter sido escrito em 1896 ou 1897 (p. 63), e a cronologia de James Williams aponta para junho de 1897.

⁹⁴² LONDON, Jack. *The Road* [c. 1896-1897]. In: RASKIN, Jonah (ed.). **The radical Jack London - Writings on war and revolution**. op. cit. pp. 72-73.

retórica. O voluntarismo socialista do período imediatamente pós-1894, despreparado e holístico, foi tornando-se mais consequente, seja por meio do envolvimento com os socialistas de Oakland, seja pelas demandas próprias a textos analíticos de divulgação.

Essa mudança, no entanto, correu ao lado de outra, de modo estreito.

Até a partida de Oakland em 6 de abril de 1894, só se tem notícia de um único escrito seu, e esporádico, o famoso ensaio "Story of a typhoon off the coast of Japan", sendo que, de seu retorno em dezembro de 1894 em diante, sua escrita tornou-se muito mais frequente do que havia sido até então. É possível encontrar indício importante nesse sentido se recorrermos a uma rápida verificação de sua bibliografia. Nos cinco meses que vão de novembro de 1893, quando escreveu seu primeiro texto publicado, até abril de 1894, quando partiu de Oakland como *hobo*, Jack somente produziu o supramencionado texto laureado. Por outro lado, nos dois anos e meio entre seu retorno a Oakland (dezembro de 1894) até sua nova partida, dessa vez para o Klondike (julho de 1897), Jack produziu próximo de trinta textos de ficção e não-ficção, afora poesias, anedotas e pequenos ensaios, tendo alguns deles, inclusive, sido publicados em jornais da época.

Conforme sustentamos no capítulo anterior, Jack tornou-se *de facto* um escritor, no sentido de possuir suficiente unidade de forma e conteúdo, a partir de seu retorno do Klondike em 1898, justamente ao retrabalhar o folclore humano que garimpara nas paragens nortenhas. A preparação que o punha à altura dessa fortuna fabular, porém, começara muito antes, precisamente no período após seu retorno a Oakland no final de 1894. Mais do que isso, e eis a questão que queremos apresentar, sua aprendizagem como escritor estava umbilicalmente ligada às vivências e observações que ele obtivera residindo no mundo do trabalho. Nesse sentido é que a London o ofício de escritor literário foi gradativamente se materializando como alternativa de sustento.

Aliás, existe uma solda perene a amalgamar em London as decisões literárias e laborais.

Os primeiros contos de London apontam em várias direções temáticas e tentam se valer de diversas estratégias de narrativas e de enredo, ora inspiradas nos modelos fornecidos por suas leituras, ora calcadas de forma impressionista sobre sua própria experiência. O rigor espartano pelo qual ficou conhecido mais tarde, como o famoso costume de só começar seu dia depois de ter escrito mil palavras, ainda não havia sido incorporado como ética de trabalho, mas há indícios do período entre 1895-1897 que permitem pensar que se tornar um escritor era uma possibilidade no horizonte de

London. São exemplos disso as notas que ele foi tomando no "Tramp Diary" sobre potenciais personagens (os "character studies"), a prontidão com que buscou aproximar-se da editora estudantil na Oakland High School, o fato de estar decidido a fazer todas as disciplinas de Língua Inglesa, e, é claro, o crescente material que ele começou a enviar para revistas literárias no primeiro semestre de 1897.

A supor que as faculdades de observação de London estivessem atentas em relação ao universo literário ao seu redor (e com Frederick Irons Bamford e Ina Coolbrith como mentores é difícil pensar o contrário), ele deve ter notado a conjuntura favorável nessa direção: vários escritores californianos tinham alcançado as luzes da ribalta nacional e internacional, havia diversas revistas literárias bem-estabelecidas na tradição literária de San Francisco ("a metrópole cultural a oeste das Rochosas"),⁹⁴³ textos sobre vagabundos se tornaram muito mais comuns a partir de 1875,⁹⁴⁴ dentre outros. Jonathan Auerbach, estudioso da obra de Jack London, disse que o escritor desenvolveu nessa época verdadeiro método para ser publicado.⁹⁴⁵

De posse de todos esses indícios, e olhando retrospectivamente, percebemos que junto com os esforços de London para completar seus estudos e ingressar na universidade robusteceram as coordenadas política e literária de sua trajetória. É em alguma medida a partir desse crescimento que podemos entender porque, antes da metade do segundo semestre de seus estudos em Berkeley, Jack resolveu deixar a universidade com "baixa honrosa".⁹⁴⁶

Descrevendo a vida acadêmica do *campus* de Berkeley, Joan London disse que "Conforme Jack [as] assistia, sua admiração inicial tornou-se desprezo. Aqueles estudantes e professores, supostos representantes do melhor da classe média, não eram inteligentes nem honestos."⁹⁴⁷ Charmian London escreveu que a visão de Jack a respeito da universidade era de que "(...) ele poderia ter feito tanto quanto fez nesse período sem estar matriculado nela". Ela ilustra o desencaixe de Jack em relação à universidade por meio do episódio em que ele aceitara uma oferta de trabalho para lixar e renovar um mastro de bandeira no *campus*, o que fez sob os olhares espantados dos colegas.⁹⁴⁸ Daniel Dyer, por sua vez, menciona o episódio em que Jack, depois de ter vencido um

⁹⁴³ KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. op. cit. p. 27.

⁹⁴⁴ FEIED, Frederick. **No pie in the sky: the hobo as an American hero in the works of Jack London, John Dos Passos and Jack Kerouac**. New York: The Citadel Press, 1964. p. 10.

⁹⁴⁵ AUERBACH, Jonathan. **Male call - Becoming Jack London**. op. cit.

⁹⁴⁶ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 135.

⁹⁴⁷ Idem, *ibidem*, p. 133.

⁹⁴⁸ LONDON, Charmian. **The book of Jack London - Volume I**. op. cit. p. 213.

boxeador com suas técnicas "de rua" (wild-cat), foi nocauteado por um boxeador mais experiente, tendo desabado "desorientado, humilhado em frente a uma pequena multidão de espectadores."⁹⁴⁹ O próprio Jack declarou mais tarde que "(...) a pressão da falta de dinheiro, mais a convicção de que a universidade não estava me dando tudo o que eu queria no tempo que conseguia arranjar para ela, me forçaram a deixá-la."⁹⁵⁰

É bastante provável que seu cultivo socialista, capaz de produzir um texto penetrante e cruento como "The Road", tenha se impaciado com certa largueza folgazã da vida acadêmica reservada às classes mais abastadas do que ele. O ressentimento sobre o episódio do mastro e a humilhação por ocasião do nocaute devem ter tido seu peso, mas certamente não determinante. Independente da proporção disso em sua decisão de deixar a universidade no início de 1897, parece certo que as pressões econômicas desempenharam seu sempiterno papel. O fato de que somente algumas semanas após sua saída ele tenha se juntado ao sobrinho na lida da lavanderia da Belmont Academy argumenta nesse sentido.

Ciente da distância socioeconômica e política que o separava daqueles colegas durante sua estada na Oakland High School, na University Academy ou em Berkeley, Jack continuou a experimentá-la doutro modo trabalhando na lavanderia da academia Belmont: lavava as roupas dos professores, de suas esposas e dos alunos. Sobre esse período ele disse:

Nós [*London e Herbert Shepard, seu sobrinho*] trabalhávamos como leões, especialmente quando o verão chegava e os garotos da academia começavam a usar calças de brim. Leva um tempo medonho para passar uma calça de brim. Nós trabalhamos longas e escaldantes semanas numa tarefa que nunca ficava pronta; e em muitas noites, enquanto os estudantes roncavam em suas camas, meu parceiro e eu trabalhamos sob luz elétrica na engomadeira à vapor e na tábua de passar.⁹⁵¹

Sua paga era de vinte dólares a mais do que outrora, quando trabalhou na fábrica de conservas ou carregando carvão, mas as perspectivas que se estendiam à sua frente não eram as mais promissoras. Na sua faina de "trabalhar para poder escapar do trabalho", Jack projetava que dado seu "índice de desenvolvimento" até ali, ele "(...) podia esperar ser, antes de morrer, um vigia noturno por 60 dólares ao mês, ou então um policial por cem, contando as coletas".⁹⁵²

⁹⁴⁹ DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. op. cit. p. 68.

⁹⁵⁰ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 220.

⁹⁵¹ Idem, ibidem, p. 225.

⁹⁵² Idem, p. 226.

O antigo plano de conseguir um diploma universitário viera abaixo, mas nem todas as perspectivas que ele abria naufragaram com ele. A "paixão do socialismo" que o levava a pegar a balsa para as reuniões do Socialist Labor Party e a ser preso por discursar de cima de um caixote em fevereiro de 1897, bem como as possibilidades de um sustento vindo da escrita, permaneceram como herança do frenesi intelectual em que havia se encarnado sua decisão de "abrir os livros".

À guisa de síntese, pode-se dizer que desde sua saída de Berkeley, excetuando os meses em que permaneceu no Klondike, o tempo restante dos anos 1890 e o início dos 1900 foram passados por London entre os dilemas orçamentários a arrastar-lhe para os "bicos", e os esforços colossais que lhe permitissem se tornar um escritor. Necessidades imediatas e sonhos de tiro longo dividindo seu tempo e suas energias. Ou seja, mesmo após os esforços de 1895-1897 para emancipar-se do trabalho braçal e conseguir alguma ocupação "vivendo de seu cérebro", London ainda permanecia um trabalhador empobrecido e acossado pelas necessidades materiais, com a diferença de estar então munido de um conjunto de experiências, leituras e reflexões que o permitiriam vir a tornar-se um escritor mais tarde, no início do século XX.

Pode-se verificar esse conjunto de esforços logo antes da partida para o Klondike, e sobretudo após o retorno dele.

As semanas que se seguiram à saída de Berkeley testemunharam London "(...) fazendo um intenso esforço para tornar-se um escritor", ou, para por em termo mais práticos, para conseguir sustentar-se da venda de seus "contos, tratados sociológicos e políticos, ensaios, poemas leves, tragédias épicas em verso".⁹⁵³

O cunhado de London, marido de Eliza, possuía uma máquina de escrever que usava durante o dia, a qual Jack passou a emprestar à noite. Era nela que ele "(...) escrevia regularmente, dia após dia, por até quinze horas diárias." Com um provável exagero oriundo de sua ascendência cultural oitocentista, repleto do orgulho laboral que nem mesmo o ardor socialista pôde aplacar, Jack chegou a dizer: "Às vezes eu esquecia de comer, ou me recusava a interromper meus arroubos passionais para comer."⁹⁵⁴ Para poder seguir adiante com seu projeto, foi obrigado a vender seus livros de estudo para livreiros de segunda mão e assim estar apto a comprar papel e selos de postagem e enviar os textos para as revistas.

⁹⁵³ O'CONNOR, Richard. **Jack London, a biography**. op. cit. p. 78.

⁹⁵⁴ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 221.

Os febris esforços de London para ganhar dinheiro com seus textos sofreram reveses duros, que iam desde as cartas de recusa das revistas literárias a se empilhar em seu quartinho de estudos, até o estado de saúde cada vez mais deteriorado de seu pai. Muito em virtude dessa situação última é que as "quinze horas diárias" de escrita precisaram diminuir e dar lugar a um emprego convencional, cujas exaustivas tarefas o fizeram ver-se na "velha e familiar condição de besta-de-trabalho".⁹⁵⁵

A familiaridade de sua condição trabalhadora de outrora deixou-se entrever em meio ao labor da lavanderia, e não tardou para que a decisão de outrora se insinuasse entre os desígnios de London. Numa curiosa simetria, a aurora do Klondike brilhou em meados de 1897 assim como as peregrinações vagabundas despontaram no horizonte no início de 1894. Dessa vez, no entanto, ele podia dizer que além do canto de sereia da aventura havia também a chance da riqueza.

Charmian London relata que "(...) frequentemente ouvia Jack dizer que ele não havia pensado em usar o Klondike como recurso literário até o momento que seu sonho de encontrar ouro caiu por terra, quando ele viu-se voltando a Califórnia sem tostão algum."⁹⁵⁶ Se colocarmos essa afirmação diante de sua bibliografia podemos dizê-la bastante apurada: nos somente seis meses restantes de 1898, Jack escreveu mais que em qualquer outro ano anterior, e também mais que nos sete meses iniciais de 1897, quando lançara-se pela primeira vez numa campanha para tornar-se um escritor. E isso sem contar que em 1899 e 1900 o número de textos seus mais que dobrou em relação a 1898 e 1897.

Como doutras vezes, a ascensão literária não veio sem que uma série de sacrifícios provenientes de sua condição trabalhadora precisasse ser feita. Logo após seu retorno do Klondike, London encontrou seu lar em uma situação desesperadora, pois seu pai, John London, havia falecido, e junto com ele uma fatia considerável do orçamento: "Eu me vi (...) na posição de cabeça da família e de arrimo da casa."⁹⁵⁷ A atitude que tomou diante daquele estado de coisas foi lançar-se com afinco na caça de trabalho. Ele já havia escapado da condição de "besta-de-trabalho" duas vezes, mas nada impedia que tivesse que se tornar presa dela ainda uma terceira vez, pois, como ele bem notara, "Era difícil encontrar trabalhos de qualquer natureza. E trabalho de qualquer natureza era o que eu tinha de aceitar, pois eu ainda era um trabalhador

⁹⁵⁵ Idem, ibidem, p. 226.

⁹⁵⁶ LONDON, Charmian. **The book of Jack London - Volume I**. op. cit. p. 247.

⁹⁵⁷ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 232.

desqualificado."⁹⁵⁸ Jack "(...) colocara seu nome à disposição em cinco agências de emprego e em três jornais, ele buscou alguns amigos que poderiam ajudá-lo a encontrar algum trabalho",⁹⁵⁹ mas nada disso surtiu efeito. Ele quase tornou-se um vendedor de máquinas de costura por comissão, mas não foi adiante com a intenção; tentou "(...) arranjar trabalhos como *wop*,⁹⁶⁰ estivador e doqueiro (...), [*por*] dia, por meio dia, qualquer coisa disponível." Além disso, Jack relata: "Eu aparava gramados, podava cercas-vivas, batia a pó de tapetes. Cheguei a prestar os exames para o serviço civil para entregador dos correios e passei de primeira, mas não havia vagas e eu tinha de esperar."⁹⁶¹

A incapacidade de encontrar qualquer trabalho mais ou menos fixo, que lhe proporcionasse alguma estabilidade mais duradoura, fez com que London mais uma vez tivesse que demonstrar sua versatilidade em encontrar meios de ganhar algum dinheiro. Um desses meios era recorrer ao penhor, expressa num trecho doloroso de suas memórias: "Eu penhorei meu relógio, minha bicicleta e um gabardine do qual meu pai tinha muito orgulho, o qual ele havia deixado para mim. Era minha única herança dele nesse mundo. Havia custado quinze dólares, mas o penhorista me deu apenas dois dólares por ele."⁹⁶²

Diante da dificuldade de assentar-se num trabalho, Jack começou a acalentar novamente, dessa vez de modo mais pragmático e urgente, a ideia de sustentar-se como escritor. Uma carta dele para o editor do jornal *San Francisco Bulletin* de 17 de setembro de 1898 demonstra sua crescente inclinação nessa direção:

Acabei de retornar de uma viagem de um ano no Klondike (...). Velejei e viajei bastante também em outras partes do mundo, e aprendi a apropriar-me do que é interessante, a agarrar o verdadeiro romance das coisas e entender as pessoas no meio das quais sou jogado. Acabo de terminar um artigo de 4 mil palavras descrevendo a viagem de Dawson a St. Michael em um barco à remo. Peço gentilmente que me avise caso haja alguma demanda em suas colunas para ele. (...)⁹⁶³

⁹⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 232.

⁹⁵⁹ KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. op. cit. p. 82.

⁹⁶⁰ Termo pejorativo para imigrantes de ascendência italiana derivado do termo original "guappo" (sujeito, rapaz). É razoável pensar que muitos deles eram trabalhadores subalternizados dentro das demarcações étnicas do mundo do trabalho estadunidense daquela época, inclusive porque italianos (e outros estrangeiros) são mencionados diversas vezes nos escritos de London.

⁹⁶¹ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 236.

⁹⁶² Idem, *ibidem*, p. 235.

⁹⁶³ LONDON, Jack. Carta de 17 de setembro ao editor do *San Francisco Bulletin* apud KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. op. cit. p. 83.

Jack lançou-se nesta com afinco, mas a abordagem com que encarou então a possibilidade de sustentar-se como escritor passou a ter uma disciplina diferente, uma "atitude puramente profissional", "metódica".⁹⁶⁴ Foi nessa época que ele adotou o padrão de trabalho de escrever mil palavras diárias logo pela manhã; foi quando passou, segundo James McClintock, a "(...) estudar a ficção das revistas literárias e manuais sobre o conto para aprender forma e técnica";⁹⁶⁵ e quando, segundo David Hamilton, esticou um varal em seu quarto de estudo, onde pendurava suas "anotações de ficção".⁹⁶⁶ O livro de Auerbach, aliás, traz fac-símiles de algumas anotações de Jack tabelando o conjunto de envios de originais para revistas, seu custo, a resposta obtida, as indicações de revisão etc.⁹⁶⁷

Esse período se estende entre 1898 e 1902, e vai desde a primeira leva de contos sobre o Klondike até a escrita e publicação de *The call of the wild*, desde a adoção de uma abordagem profissional da escrita até a consagração literária e econômica daquele romance. Joan London escreveu que os anos após o retorno do Klondike "(...) marcam o período mais intenso na vida"⁹⁶⁸ do pai.

Na medida em que as oportunidades de trabalho não batiam à porta nem por intermédio das agências de emprego, nem por conta dos anúncios no jornal e tampouco pelo serviço civil dos correios, Jack continuou dedicando-se ferrenhamente a educar-se e a escrever. Ele dividia seu tempo tratando a escrita como atividade profissional: durante o horário comercial escrevia, datilografava, se correspondia com editoras, envia textos para revistas e para jornais e fazia os demais arranjos necessários para o que esperava ser uma carreira literária; à noite dedicava-se a ler e estudar. Hamilton afirmou que "As leituras de London durante esses anos de aprendizado literário incluíam não somente uma pesada quantidade de economia e sociologia, mas também um considerável montante de ficção."⁹⁶⁹ Listando as obras lidas por Jack nesse período, Hamilton nos permite ver que iam desde ficção clássica até uma grande amostragem de ficção contemporânea (norte-americana, inclusive senão sobretudo), de ciência natural a economia e grande carga de leituras políticas de autores socialistas da época.

⁹⁶⁴ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 165.

⁹⁶⁵ McCLINTOCK, James I. **Jack London's strong truths**. East Lansing: Michigan State University Press, 1997. pp. 14-15.

⁹⁶⁶ HAMILTON, David. **"The tools of my trade": the annotated books in Jack London's library**. op. cit. p. 10.

⁹⁶⁷ AUERBACH, Jonathan. **Male call - Becoming Jack London**. op. cit. p. 15.

⁹⁶⁸ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 151.

⁹⁶⁹ HAMILTON, David. **"The tools of my trade": the annotated books in Jack London's library**. op. cit. pp. 10-11.

Numa carta de janeiro de 1900 para a Houghton Mifflin, Jack London escreveu: "Não há uma noite sequer (tenha eu saído ou não) em que eu não passe as últimas horas antes de dormir com meus livros. Todas as coisas me interessam - o mundo é tão fascinante."⁹⁷⁰ Com a diligência enérgica com que encarou seus estudos anteriores, ele encarou agora estes: acossado pela necessidade de dinheiro mas também sabedor da carga extra de disposição que necessitava para compensar as lacunas de sua formação.

Com o passar do tempo, o varal com as "notas de ficção" tornou-se pesado demais e deu lugar a caixas. Um fato curioso serve como indício do quanto Jack passara a encarar a escrita como seu trabalho: quando teve acesso à biblioteca de London para compilar as anotações de seus livros, a biblioteca deixada por um escritor que se tornara muito célebre em meados dos anos 1910, Hamilton ficou surpreso com a quantidade de anotações nos livros e o aparente "desleixo" com que ele guardava edições do século XVIII e livros raros: "(...) estava claro que London não era um colecionador de livros, mas um escritor com uma biblioteca profissional."⁹⁷¹

Alguns números dessa nova empresa de Jack demonstram as necessidades materiais batendo à porta. Tendo adotado um método e uma disciplina de escrita, Jack produziu quantidade farta de material, a qual enviava prontamente para as mais diversas revistas da Califórnia e também do bastião literário do Costa Leste. A cifra das cartas de rejeição que recebia constantemente pelo correio nos permitem imaginar a força de disposição que ele tinha: somente nos seis meses de 1898 em que esteve nos Estados Unidos foram 44 cartas de rejeição e devoluções de manuscritos; e no ano de 1899 chegou ao recorde de sua carreira, incríveis 266!⁹⁷²

A despeito da quantidade de rejeições, a partir do início de 1899 alguma aceitação começou a se mesclar a essa maré. Em janeiro a prestigiosa *Overland Monthly* publicou o conto "To the man on trail" na edição de número 33, e pouco tempo depois aceitou também "The White Silence", que saiu na edição de fevereiro. Na edição nº 44 da revista *Black Cat* foi publicado um conto de terror seu, "A thousand deaths", e foi este que, disse o próprio Jack, "salvou sua vida".⁹⁷³ O motivo pelo qual Jack pôs mais importância na aceitação de uma revista menor como a *Black Cat* do que na veneranda *Overland Monthly* indica a prevalência de sua condição socioeconômica: enquanto por

⁹⁷⁰ LONDON, Jack. Carta de 31 de janeiro de 1900 a Houghton Mifflin apud HAMILTON, David. **"The tools of my trade": the annotated books in Jack London's library.** op. cit. p. 11.

⁹⁷¹ Idem, ibidem, p. 1.

⁹⁷² KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London.** op. cit. p. 87.

⁹⁷³ LONDON, Jack. Introduction of *The red hot dollar and other stories*, by H.D. Umbstaetter apud LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography.** op. cit. p. 178.

"To the man on trail" ele recebeu cinco dólares, por "A thousand deaths" recebera quarenta.

A projeção que ele ganhou com essas publicações, aliada à constância com que continuava escrevendo e enviando seus manuscritos a revistas, jornais e editoras (ao todo foram 287 envios de manuscritos em 1899),⁹⁷⁴ fez com que dentro de alguns meses Jack estivesse se sustentando com sua escrita. A lista de publicações que aceitaram imprimir seus textos de ficção e não-ficção foi crescendo conforme o novo século avançava, e incluíam revistas de envergadura nacional e local (*Youth's Companion*, *American Agriculturist*, *The Owl*, *Woman's Home Companion*, *Cosmopolitan Magazine*, *Collier's Magazine* etc.), jornais de circulação diversa (*San Francisco Examiner*, *Buffalo Express*, *The Editor*, *Review of Reviews* etc.) e até mesmo publicações socialistas (*Comrade*, *The International Socialist Review*, *The Industrial Worker* etc.).

Conforme sintetiza Hamilton,

Por volta de 1902, London havia se tornado um autor estabelecido. Seus livros *The son of the wolf* e *The god of his fathers* estavam já sendo impressos; *Children of the frost* estava agendado para publicação no outono, e com a jovem Anna Strunsky da Universidade de Stanford, ele trabalhava no *The Kempton-Wace letters*. Se ainda não financeiramente seguro, ele estava enfim saboreando a primeira doçura do sucesso literário.⁹⁷⁵

Tendo sido *The call of the wild* seu maior sucesso até então, literária e financeiramente falando, é bastante seguro assumir que o ano de 1902 marca uma espécie de coroação de seu longo aprendizado literário. Seu nome passou a ser conhecido amplamente. As tendências das publicações da época, que ele estudava para emular e poder ser publicado, passaram então a ser em alguma medida influenciados por ele. Jack chegara a um determinado ponto de sua trajetória literária em que ganhara alguma liberdade mais ampla, não mais necessitando tão estritamente estudar a técnica e a fórmula vigentes para conseguir ser lido, ao passo que também começou pouco a pouco a dispensar os *raconteurs* anônimos que o fizeram ser até ali o rapsodo *Yankee*.

Correndo ao lado de sua projeção como figura socialista, com textos cuja abrangência e maturidade atestavam sua evolução intelectual, suas credenciais literárias foram estabelecidas por meio de uma dedicação fervorosa e disciplinada, que incluía mapear as demandas das publicações de seu tempo e descobrir os mecanismos pelos

⁹⁷⁴ KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. op. cit. p. 87.

⁹⁷⁵ HAMILTON, David. **"The tools of my trade": the annotated books in Jack London's library**. op. cit. p. 16.

quais se conseguia sustentar uma carreira literária propriamente dita. Assim como o Klondike não poupava trabalho duro àqueles que nele se aventuravam, também o universo literário estadunidense de fins do XIX e início do XX não parecia fazê-lo, ou pelo menos não o fez para London. Do mesmo modo como este fora para o Klondike como um trabalhador, não deixando de sê-lo porque um aventureiro; também foi na condição de trabalhador que perseguiu um modo de sustentar-se por meio de sua escrita. Essa condição era experimentada pela situação instável de London, pela percepção dos limites do mercado de trabalho e talvez sobretudo pela necessidade de sacrifício imposta pelas restrições materiais que se avolumavam - não à toa que no artigo "Getting into print" de 1903, no qual dá conselhos a escritores aspirantes, ele tenha dito que para chegar até ali, é preciso "aclimatar-se aos arreios" e "soletrar TRABALHO com maiúsculas".⁹⁷⁶

Para não cairmos na armadilha de endossar o mito do *self-made man* ao falar do impressionante crescendo da trajetória de London desde meados da década de 1890 até 1902, digamos que ela encarna a seu modo o estado de coisas posto naqueles anos cruciais da consolidação do capitalismo monopolista: crescimento e empobrecimento da classe trabalhadora, precarização e intensificação do trabalho por meio da tecnologia, concentração econômica de proporções inéditas, e uma decrescente taxa de lucro dos oligopólios que os forçará a assumir vocações imperialistas cada vez mais intensamente. A trajetória de London se entrelaça com todos esses eventos, seja experimentando-os diretamente, como no caso do estreitamento das possibilidades de ascensão social ou de estabilidade de trabalho, seja tornando-se deles intérprete, como em sua leitura socialista da selvageria posta pelos monopólios.

Cabe entender como sua literatura permite entrever e entender essas transformações históricas, o que, no caso específico em questão, significa encontrar meios de responder à seguinte pergunta: porque a literatura de Jack London ganhou um acento e um sentido diferentes após 1903 e até 1908?

IV.2 O leviatã monopolista e a genealogia do "povo do Abismo"

A peregrinação vagabunda de London não foi, como argumentamos, o episódio catalisador de uma "conversão" instantânea dele ao socialismo - ou pelo menos não sem que outras experiências igualmente importantes tivessem concorrido como causa.

⁹⁷⁶ LONDON, Jack. *Getting into print* [1903]. Disponível em < <https://thegrandarchive.wordpress.com/getting-into-print> > Acesso em 28 abr 2018.

Defender tal argumento, contudo, não permite ignorar que a experiência de 1894 forneceu a substância empírica que London ficou roendo intelectualmente por anos.

O diagnóstico de sua "conversão" ao socialismo é conclusão póster, mas nem por isto mero falseamento: a diferença entre ambos gira em torno da perspectiva histórica e, ousamos dizer, da consciência. Uma mudança de atitude pôde ser observada em London a partir do retorno a Oakland em dezembro de 94, e uma nova solução de continuidade encarnou-se em seus desígnios. Contudo, sua capacidade de entender o movimento em que tomava parte era ainda bastante incipiente, donde a questão tê-lo acabrunhado por anos a fio. Seguir a evolução do pensamento de London da empiria bruta à compreensão totalizante nos permite entender a história dos Estados Unidos daquele momento e, ao mesmo tempo, nos leva até o umbral da segunda fase de sua literatura.

Em certo sentido, 1894 parece ter defrontado Jack London com questões fundamentais acerca de sua existência, tendo sido autêntica experiência transcendental. Ou pelo menos no sentido em que um romance naturalista, a dissecação rembrandtiana de um cadáver ou um arco-íris numa poça de gasolina podem sê-lo: épica e naturalista, bela e grotesca, como a aurora boreal descrita num de seus contos ("Há uma magia na noite nortenha, que se instila como a febre dos pântanos de malária"),⁹⁷⁷ ou uma passagem do clássico naturalista de Stephen Crane ("A garota Maggie floresceu numa poça de lama.").⁹⁷⁸ Isto é, para além do incansável *memento mori* que todas as suas aventuras parecem ter ecoado, a temporada como *hobo* operou em Jack um abrir de horizontes na medida em que o forçou a ampliar o escopo por meio do qual exercitava sua leitura de mundo, tornando cada vez mais inocentes os filtros individuais de seu aprendizado de "garoto americano nascido livre".⁹⁷⁹ Afinal de contas, a jornada de 1894 tinha o anti-clímax das transcendências supramencionadas: Jack finalmente tornara-se um homem "no fascinante mundo de homens",⁹⁸⁰ mas estes encontravam-se esfarrapados e desempregados, pouco parecidos com os homens de folclórica virilidade das gerações pregressas.

O jovem *hobo* Jack conviveu com pessoas cujas trajetória e procedência socioeconômica eram muito parecidas com as suas, e que também tinham acabado por

⁹⁷⁷ LONDON, Jack. *A relic of the Pliocene*. In: _____. **The faith of men and other stories**. op. cit. p. 7.

⁹⁷⁸ CRANE, Stephen. **Maggie: A girl of the streets**. [1893] pos. 245. Disponível em <<https://www.gutenberg.org/ebooks/447>> Acesso em 30 ago 2018.

⁹⁷⁹ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 187.

⁹⁸⁰ Idem, ibidem, p. 46.

estar ali, sujeitos a dificuldades muito similares às dos demais. A variabilidade de sotaques, vocabulários, nacionalidades, idades, etnias, origens sociais e regionais, profissões pregressas e projetos futuros, tiveram um efeito muito interessante, ainda que não de todo inesperado, em London. Por um lado, a diversidade de seus companheiros de viagem lhe dera parâmetros com os quais medir sua relevância relativa diante do todo, enfraquecendo sua singularidade individual e fortalecendo sua auto-percepção coletiva; por outro, a enorme variabilidade despertou-lhe a suspeita de que algo em comum os cingia, algo que, em última instância, os pusera ali. Diz Joan London sobre o pai nesse período que ele "(...) estava começando a pensar, e pensar seriamente. Ele tinha percorrido um longo caminho na identificação de si próprio com sua classe."⁹⁸¹

Numa das curiosas simetrias que, por assim se darem, permitem que a literatura possa ser reivindicada como fonte histórica, London começou a robustecer sua identificação com a classe trabalhadora no momento mesmo em que grande contingente de habitantes dos Estados Unidos também o faziam - frequentemente como constatação trágica de seu empobrecimento, sobretudo no Oeste, onde ele foi particularmente brusco. Se o Klondike oferecera-se à imaginação desse Oeste do *fin-de-siècle* como uma nova fronteira, fazendo reavivar a chama daquele senso de oportunidade tão tipicamente americano, sua aparição não fez mais que prolongar por curto tempo tais expectativas. Era mais um epílogo que um novo capítulo.

Pode parecer estranho que o Jack London que defendia o socialismo no dia de Natal (!) do ano de 1895 seja o mesmo Jack London que fez desfilar uma galeria de bravos *self-made men* nos seus contos de 1898; bem como pode soar incoerência argumentativa dizer que os *forty-niners* de meados do XIX e os *hoboes* dos anos 1890 são o mesmo sujeito, mas em diferentes momentos históricos da evolução econômica estadunidense. Os Estados Unidos daqueles últimos anos do século XIX prestavam-se a essas ambiguidades das quais Jack e Sherwood foram tão excelentes representantes.

O historiador marxista Daniel Gaido oferece um exemplo disto quando chama a atenção, logo na introdução de seu livro, acerca da proximidade de duas datas fundamentais da história dos Estados Unidos: "Em 29 de dezembro de 1890 a Sétima Cavalaria matou mais de trezentos prisioneiros Lakota (da Grande Nação Sioux) próximo do rio Wounded Knee, no território da Dakota", e "Oito anos mais tarde, em 10

⁹⁸¹ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 84.

de junho de 1898, tropas estadunidenses desembarcaram na baía de Guantánamo, em Cuba, numa das primeiras batalhas da Guerra Hispano-Americana."⁹⁸²

Outro exemplo que poderia ser citado, e que causa similar desconcerto: antes mesmo que Turner declarasse que a última fronteira estadunidense se fechava, na conferência de 12 de julho de 1893; o Congresso Norte-Americano já havia aprovado em nível federal uma lei que nascera primariamente em âmbito menor da parte de vários estados:⁹⁸³ a Lei Anti-truste de Sherman de 2 de julho de 1890.

Os episódios em questão expõem a ambígua situação histórica dos Estados Unidos naquele fim de século. Por importante que seja a extensão continental do país como fator explicativo para essa discrepância, existem fatores de outra ordem que tem de ser levados em conta, de modo que a realidade que se impõe pode ser sintetizada na lapidar frase de Gaido: "(...) no curto espaço de uma década, os Estados Unidos encontrava-se na encruzilhada das duas principais tendências de sua história: o fim do colonização interna e a ascensão do imperialismo"⁹⁸⁴ - os historiadores Peter Carroll e David Noble sintetizaram belamente essa situação dizendo que "Uma fronteira internacional se abria conforme a fronteira do Oeste se fechava".⁹⁸⁵

De um modo mais acentuado do que nos centros urbanizados do Leste e mesmo do Meio-Oeste, é o Oeste que se oferece como um dos mais ostensivos exemplos dessa discrepância. Tendo sido a última região estadunidense a ser colonizada, são compreensíveis as razões pelas quais a anatomia de sua vida cotidiana e de suas instituições, da sua base material e dos seus fenômenos culturais, carregam as marcas de tendências tão distintas; o aspecto de "encruzilhada" mencionado por Gaido. Um exemplo disto são os onipresentes *saloons* mencionados por Jack London nas suas "memórias alcoólicas" de 1913: de pontos de encontro da sociedade *forty-niner* do Velho Oeste, eles passaram a ser centros de recrutamento informal de trabalhadores assalariados no início do século XX.⁹⁸⁶

É preciso retroceder alguns anos para compreender essa metamorfose.

⁹⁸² GAIDO, Daniel. **The formative period of American capitalism - A materialist interpretation**. op. cit. p. 1.

⁹⁸³ SYRETT, Harold C. (org.). **Documentos históricos dos Estados Unidos**. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1988. p. 237.

⁹⁸⁴ GAIDO, Daniel. **The formative period of American capitalism - A materialist interpretation**. op. cit. p. 1.

⁹⁸⁵ CARROLL, Peter N.; NOBLE, David W. **The free and the unfree - A new history of the United States**. op. cit. p. 227.

⁹⁸⁶ RHOMBERG, Chris. **No there there - Race, class and political community in Oakland**. op. cit. p. 33.

À sombra de quadros históricos mais amplos e estruturais, a célebre Corrida do Ouro que o discurso do presidente Polk e o curioso exotismo da *penny press* ajudaram a desencadear não era somente uma maquinação política. Ela tinha coordenadas materiais vinculadas à situação que a evolução econômica estadunidense de meados do XIX preparou, e que a do fim do XIX estatuiu.

O capítulo sobre a expansão do Oeste nos Estados Unidos está entrelaçado à deflagração da Guerra de Secessão. Nos artigos escritos para o *New York Daily Tribune* entre 1861-1862, à convite do editor Charles Dana, Marx chamou a atenção para o fato de que a expansão calcada nas necessidades econômicas do sistema escravista do Sul e manufatureiro do Norte, entrando em choque com o crescimento populacional e desequilibrando o *status quo* da representação político-institucional, desempenharam papel-chave na condução ao conflito.⁹⁸⁷ Cabe ainda lembrar que a disputa nas cadeiras do Congresso e do Senado, processo que concorreu para a escalada de antagonismos entre sulistas e nortistas, expunha o papel importante que podia desempenhar o Oeste, visto que a fundação de novos estados desde 1812 incluía mais representantes e tinha potencial para determinar votações-chave. Genovese resumiu esse dilema histórico dos estados do Sul do seguinte modo: "A lenta marcha de seu progresso econômico (...) ameaçava enfraquecer sua paridade política."⁹⁸⁸

O laço que une, de um lado, a consolidação do Oeste como território estadunidense nos anos 1850, e de outro, a escalada que levou à Guerra Civil em no início de 1860 não é o de uma fatalidade cronológica. Existe uma articulação histórica entre os dois fatos. A diferença entre o Sul agrícola e escravista e o Norte manufatureiro e de trabalho livre transformou-se em antagonismo conforme o futuro do Oeste fez assomar as contradições dentro do corpo federativo e pretensamente orgânico dos Estados Unidos, uma vez que oferecia-se como "terra virgem" disponível (para usar novamente o termo de Smith),⁹⁸⁹ potencialmente utilizável tanto para a expansão das *plantations* sulistas quanto como mercado consumidor e fonte de matérias-primas para as manufaturas crescentes da Nova Inglaterra.

Evidência desse potencial representado pelo Oeste é o fato de que as instituições econômicas e o modo de vida tanto do Norte manufatureiro quanto do Sul agrícola já terem cruzado os Apalaches muito antes do conflito: Ohio, Indiana e Illinois datam

⁹⁸⁷ MARX, Karl. **On America and the Civil War**. New York: McGraw-Hill, 1972.

⁹⁸⁸ GENOVESE, Eugene. **A Economia Política da escravidão**. Tradução de Fanny Wrobel e Maria Cristina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Pallas, 1976. p. 22.

⁹⁸⁹ SMITH, Henry Nash. **Virgin land - The American West as symbol and myth**. op. cit.

respectivamente de 1803, 1816 e 1818; e Tennessee, Mississippi e Alabama, de 1796, 1817 e 1819. A jornada de Huckleberry Finn pelo Mississippi, esse limiar do ermo nos Estados Unidos *antebellum*, não o pôs em contato tanto com pequenos proprietários agrícolas quanto com escravos? Quando o Norte fez-se unionista e o Sul confederado, ambos tinham experiência histórica e condições de mensurar o potencial do Oeste como "terra virgem".

A despeito desse papel histórico desempenhado pelo Oeste na escalada e precipitação do antagonismo daquelas regiões Atlânticas, a Guerra Civil propriamente dita, enquanto conflito armado, não teve um impacto tão direto sobre ele. As batalhas vinculadas ao conflito mais próximas da costa Pacífica foram quase sempre conflitos que mais pertencem às chamadas "Guerras Indígenas" (Indian Wars) do que propriamente opunham tropas confederadas e unionistas diretamente. A batalha mais a Oeste em que os exércitos sulista e nortista foram postos frente à frente foi a batalha de Stanwix Station, no Arizona (então território de New Mexico), que dista mais de trezentas milhas de Los Angeles e mais de setecentas de San Francisco.

Em compensação, tudo o que os obuses confederados e unionistas não tocaram diretamente para além das Pradarias, as consequências históricas do conflito transformaram brutalmente. A vitória do Norte manufatureiro e de seu projeto nacional tiveram um papel-chave no ritmo e na natureza das mudanças que foram se sedimentando no Oeste após o conflito, e não porque somente então elas se iniciaram, mas porque puderam ser implementadas com nova envergadura a partir dali. Desse ponto de vista, a conclusão da ferrovia transcontinental em 1869 teve um efeito tão (ou mais) potencializador de processos pregressos quanto inaugurador de novos.

Um certo lusco-fusco socioeconômico constitui a segunda porção do século XIX no Oeste. Sobretudo a partir dos anos 1870, e aprofundando-se conforme o século escorria para o fundo da ampulheta, grandes e pequenas transformações moviam-se sob o disfarce de sua penumbra. Conforme o ouro dos *forty-niners* perdia o brilho, outras riquezas iam começando a mostrar o seu, e a terra foi a primeira delas. Simultaneamente à gradativa exaustão da atividade mineradora e ao crescente depósito populacional que se formava desde as Pradarias até além das Rochosas, as forças econômicas e políticas estabelecidas no Leste faziam seus movimentos. O historiador estadunidense Paul Gates, quase um século depois, desenterrou os rastros desses movimentos:

Nem todos os *frontiersmen* eram agricultores pioneiros lutando para criar lares no ermo ou na pradaria; nem *cowboys* solitários vigiando as reses a seu

encargo em planícies sem fim; nem comerciantes de peles e caçadores penetrando nas mais remotas áreas em busca de castores, martas e lontras; tampouco mineradores se batendo, otimistas, com a natureza pelos grãos dourados. Havia outros personagens da fronteira cuja história não é tão romântica, mas cuja influência na moldagem do padrão social e econômico foi bastante menosprezado pelos seus números. Os representantes territoriais, os oficiais de terras dos Estados Unidos, os advogados cujos serviços eram demandados antes que houvesse um título legal para um pedaço de terra, os agiotas [*note shaver*], os prestamistas ou os banqueiros representantes dos capitalistas do Leste são tipos encontrados em toda fronteira. E transcendendo em importância todos os esses pioneiros não-agricultores estavam os grandes proprietários de terras.⁹⁹⁰

A terra que era revirada pelos mineradores em busca do ouro tornou-se dentro em pouco, ela própria, o ouro de outrem. A incorporação do território mexicano à federação estadunidense no fim da década de 1840 constitui um dos capítulos mais fundamentais do capitalismo estadunidense, um que talvez demande ser compreendido nos termos da "acumulação primitiva" de que Marx falou quando analisou os cercamentos na Inglaterra.

A maior parte do território da Califórnia, bem como porções dos atuais estados de Arizona, Novo México e Texas constituíam as possessões coloniais espanholas desde o século XVI até o início do XIX. A propriedade da terra ali estava fortemente amarrada às missões, aos *presidios* a alguns *pueblos*, vários dos quais viriam a constituir as cidades principais do estado mais tarde, tal como Monterey e Los Angeles, ambos fundados em 1777.

A emancipação do México na década de 1820 fez com que já nos anos de 1824 e de 1828 decretos governamentais do país recém-nascido buscassem estimular a imigração para as regiões mais a noroeste, para o território chamado "das Califórnicas". A abertura econômica internacional desse território após a emancipação do México criou uma situação estratégica desconfortável para o governo recém-criado. Existia ali uma ocupação considerável, a sociedade dita dos *Californios*, que granjeava certa autonomia ao longo de sua existência e que tinha experimentado uma evolução histórica bastante diferente da do restante do território mexicano, o que a tornava particularmente suscetível a interesses externos. A prontidão da Lei de Colonização de 1824 se deve em grande medida a essa preocupação.

Ao passo que a situação "das Califórnicas" disputava espaço com uma série de outros esforços que compunham a ordem do dia do governo recém-criado, ela se agravou dentro em breve, pois segundo o historiador Steven Haeckel, "(...) para o

⁹⁹⁰ GATES, Paul Wallace. Frontier landlords and pioneer tenants. *Journal of the Illinois State Historical Society*, v. 38, n. 2 (Jun 1945), pp. 143-144.

desapontamento de muitos residentes da Califórnia, o México independente pouco fez para integrar o território à economia nacional ou auxiliar os soldados estacionados na região."⁹⁹¹ O insucesso da Lei de Colonização de 1824, potencializado pela insatisfação local e pela abertura econômica do território, precipitou a adoção de uma política de incentivo mais incisiva por parte do governo mexicano. Entre 1834-1836 foi levada a cabo a chamada "secularização das missões", por meio da qual as terras antes pertencentes às missões franciscanas e jesuíticas foram confiscadas pelo governo federal e então disponibilizadas para fins "seculares", a princípio em parte para os índios e em parte para futuros colonos.

A eficácia da medida foi muito distinta dos esforços dos anos 1820. Tanto que Douglas Monroy afirma que "(...) foi a secularização das missões que de fato criou os estabelecimentos civis, sobretudo o *rancho*, a instituição social e econômica predominante da paisagem californiana."⁹⁹² Contudo, é eis um ponto nodal para compreender a evolução econômica posterior do Oeste estadunidense,

Parecia que os indivíduos tinham que simplesmente solicitar ao governador uma concessão, o que fez com que, no contexto da avidez do governo do México em preencher a terra com cidadãos leais (...), milhões de acres de terra tenham sido simplesmente doados (...).⁹⁹³

Como a preeminência de concessão era dada aos homens nascidos na terra (chamados sintomaticamente de *hijos del país*) não demorou para que os antigos latifundiários cujo liberalismo e as armas foram postos à disposição da Independência reclamassem sua recompensa. Em mais um aspecto essencial do processo, Robinson chamou a atenção para o fato de que "Poucas concessões seguiam completamente a letra da lei. Frouxidão na aferição de detalhes, como a requisição por mapas descrevendo a terra em questão, prevaleciam." Além disso, "Aprovações por escrito da Assembleia Territorial ou do governo supremo [*do México*] frequentemente não eram obtidas."⁹⁹⁴

Em 1849, o advogado William Carey Jones, agente confidencial do governo dos Estados Unidos, chegou à Califórnia para fazer um levantamento acerca das terras e dos títulos de propriedade, e assim iniciar a estruturação do que viria a se tornar a Land Comission. Em meio aos debates sobre a Constituição da terra recém incorporada aos

⁹⁹¹ HACKEL, Steven W. *Land, labor and production - The colonial economy of Spanish and Mexican California*. In: GUTIÉRREZ, Ramón; ORSI, Richard J. (eds.). **Contested Eden: California before the Gold Rush**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1998. p. 130

⁹⁹² MONROY, Douglas. *The creation and re-creation of Californio society*. In: GUTIÉRREZ, Ramón; ORSI, Richard J. (eds.). **Contested Eden: California before the Gold Rush**. op. cit. p. 180.

⁹⁹³ Idem, *ibidem*.

⁹⁹⁴ ROBINSON, W.W. **Land in California**. op. cit. p. 67.

Estados Unidos, os arquivos de Monterey lhe foram abertos: "Ele encontrou os registros de títulos de terra incompletos e confusos. Os registros anteriores a 1839 pareciam ter desaparecido, e nenhum livro de registros havia sido aberto para o ano de 1846 [*estava-se em 1849, cabe lembrar*]." A despeito disso, diz Robinson, "O que chamou de fato a atenção de Jones, no entanto, era o tamanho enorme de concessões individuais feitas pelo governo mexicano".⁹⁹⁵

No seu clássico estudo dos anos 1930, *Factories in the field*, Carey McWilliams reforça esse estado de coisas quando escreve que

(...) mais de oito milhões de acres de terra pertenciam a cerca de oitocentos beneficiários. Os coniventes americanos e mexicanos haviam se atirado sobre as grandes concessões às vésperas da ocupação norte-americana. A maioria dessas concessões era vaga, correndo ao longo de algumas meras léguas dentro de certas fronteiras naturais, e, na confusão do período, foram imperfeitamente registradas. Muitas dessas concessões nunca haviam sido verificadas, de modo que as portas estavam abertas para todo o tipo de fraude. Especuladores surgiram dos arquivos empoeirados com todo o tipo dos mais incríveis documentos.⁹⁹⁶

A conjunção de fatores tão determinantes quanto frouxidão ou vagueza legais, autonomia local dos *Californios*, dificuldade administrativa do governo central mexicano, todas elas catalisadas pelas ambições continentais do presidente Polk, criaram as condições para que a passagem de jurisdição da Califórnia tenha sido revestida de uma bruma de más explicações deveras espessa - denunciada inúmeras vezes.⁹⁹⁷ McWilliams faz seu balanço histórico do seguinte modo: "Por meio da instrumentalidade das concessões de terra mexicana, o caráter colonial da propriedade da terra do passado espanhol foi levado adiante, e mesmo estendido, após a ocupação norte-americana."⁹⁹⁸

Passados mais de dez anos da incorporação do antigo território mexicano aos Estados Unidos, Horace Greeley, o editor do *New York Tribune* que fez a travessia continental para o Oeste no final dos anos 1850, ainda comentava que a "incerteza dos

⁹⁹⁵ Idem, ibidem, p. 92.

⁹⁹⁶ McWILLIAMS, Carey. **Factories in the field - The story of migratory farm labor in California**. Santa Barbara: Peregrine Press, 1971. p. 13.

⁹⁹⁷ O livro *Looters of the Public Domain* (1908), escrito a partir da delação de S.D.A. Puter em relação ao esquema de concessões fraudulentas no Oregon, é um deles. O livro de Carey McWilliams é outro; os livros *Progress and Poverty* (1879) e *Our Land and our Land Policy, national and estate* (1871), de Henry George, outros. E a relação de *Fraudulent California Land Grants* (1926), de Clinton Johnson, ainda mais um. Já em 1885 foi criada uma comissão no General Land Office para averiguar essa situação.

⁹⁹⁸ McWILLIAMS, Carey. **Factories in the field - The story of migratory farm labor in California**. op. cit. pp. 12-13.

títulos de terra (...) [era a] principal maldição da Califórnia".⁹⁹⁹ Ei-la explicada, pois: na obscura passagem das terras mexicanas para os Estados Unidos, naquele momento em que um governo de envergadura federal não se alçara ainda à condição de "Colosso Federal",¹⁰⁰⁰ as negociatas escusas, as grilagens e as "Indian Wars" fizeram prevalecer a concentração econômica usando das mefistofélicas artimanhas daqueles "advogados", "representantes dos banqueiros do Leste", "agiotas" e "oficiais de terras", os quais "surgiam dos "arquivos empoeirados com os mais incríveis documentos". "A propriedade passou das mãos do beneficiário mexicano para as do capitalista americano; mas a propriedade permaneceu."¹⁰⁰¹

Num momento tão sintomático quanto 1871, num lugar tão expressivo quanto San Francisco, o economista Henry George publicou seu *Our Land, our Land Policy* ("Nossa terra, nossa política fundiária", em tradução livre), o qual trazia logo nas suas primeiras páginas dados assombrosos demonstrando a proeminência alcançada pelas grandes fortunas em relação às terras:

(...) de 447,000,000 acres de terra disponibilizados pelo governo dos Estados Unidos, nem 100,000,000 passaram para as mãos de cultivadores. Se adicionarmos a esse montante a quantidade de terras que foram garantidas, mas não entregues, temos um agregado de 650,000,000 de acres em gozo, e somente 100,000,000 diretamente por cultivadores - isso significa que seis sétimos da terra foi posto nas mãos de pessoas que não queriam cultivá-la elas mesmas, mas para amealhar lucros (isto é, cobrar uma taxa) daqueles que a cultivam.¹⁰⁰²

Ao lado da romântica aventura da fixação da sociedade *forty-niner* no Oeste dos Estados Unidos, aquela mesma cujo folclore e cuja "estrutura de sentimentos" serviu de modelo à primeira literatura de Jack London (1898-1902), corria outro processo: a apropriação e concentração de terras por meio de inúmeros mecanismos legais e ilegais. Foi esse processo subterrâneo, movendo-se na penumbra do brilho dourado da febre do ouro, que consolidou em poucas décadas uma concentração fundiária e econômica que teria as mais dramáticas repercussões nos anos vindouros.

Quando os espasmos mais aventureiros da Corrida do Ouro foram esmorecendo nas décadas de 1860 e 1870, e conforme a Reconstrução era implementada sob a batuta

⁹⁹⁹ GREELEY, Horace. *An overland journey from New York to San Francisco in the Summer of 1859*. op. cit. p. 295.

¹⁰⁰⁰ ZAVODNYIK, Peter. *The rise of the Federal Colossus - The growth of Federal Power from Lincoln to F.D.R.* op. cit.

¹⁰⁰¹ McWILLIAMS, Carey. *Factories in the field - The story of migratory farm labor in California*. op. cit. p. 15.

¹⁰⁰² GEORGE, Henry. *Our Land and Land Policy, national and state*. San Francisco: Bauer & Loomis, 1871. p. 4.

do emergente Partido Republicano, o Oeste foi sendo incorporado aos Estados Unidos dentro de quadros políticos e econômicos muito mais bem definidos do que nos anos 1840. E é forçoso notar que há uma simultaneidade prenhe de consequências históricas aqui: a costura do Oeste à economia nacional, que a ferrovia transcontinental coroou em 1869, ocorria no momento mesmo de consolidação do projeto histórico industrial do Norte vitorioso, e nos quadros de uma economia mundial que já havia adentrado num crescendo de oligopolização e monopolização. Os "banqueiros capitalistas do Leste", que Paul Gates menciona terem tido participação fundamental no assentamento daquela última fronteira estadunidense, não são outros senão os homens de negócios e capitães da indústria daquele Norte que havia triunfado sobre o Sul na Guerra Civil.

Esse triunfo, aliás, parece ter sido o epicentro daquele processo histórico que dá forma ao restante do século XIX, que Morison e Commager chamaram de "revolução econômica",¹⁰⁰³ que Brands chamou de "triunfo (...) do Colosso Americano",¹⁰⁰⁴ e Twain e Warner, não sem belo recheio de ironia, de "Gilded Age", pois seu brilho não era oriundo do ouro, mas do processo de douração (*gilded*, não *golden*).¹⁰⁰⁵

Num de seus estudos sobre o século XIX, o historiador Lewis Mumford é categórico em dizer que

A guerra civil abriu um corte profundo na história do país. (...) Quando ergueu-se a cortina no pós-guerra (...), o industrialismo tinha surgido da noite para o dia, havia-se transformado os usos da agricultura, e estimulado uma insana exploração dos minerais, do petróleo, do gás natural e do carvão, e tinha se tornado o financista sem escrúpulos, engordado pelos lucros da guerra, a figura central desse estado de coisas.¹⁰⁰⁶

Há uma ligação entre (1) a afirmação de Gates sobre os perniciosos personagens subterrâneos da Corrida do Ouro, (2) a constatação de Henry George sobre a distribuição das terras em favor de especuladores endinheirados, e (3) o espanto de Carey Jones diante do tamanho das concessões de terra individuais no arquivo de Monterey, e ela é feita dos fios históricos cardados e dos fios históricos cortados pela Guerra Civil. A concentração econômica do Oeste em meados do XIX, sobretudo a

¹⁰⁰³ MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo II.** op. cit. p. 275.

¹⁰⁰⁴ BRANDS, H.W. **The American Colossus - The triumph of American capitalism (1865-1900).** op. cit.

¹⁰⁰⁵ TWAIN, Mark; WARNER, Chares Dudley. **The Gilded Age - A tale of today.** Hartford: America Publishing Company, 1880.

¹⁰⁰⁶ MUMFORD, Lewis. **The Golden day - A study in American experience and culture.** New York: Boni and Liveright, 1927. pp. 158-159.

fundiária, não é a causa e a consequência da projeção do "financista como figura central" no cenário nacional pós-Guerra Civil?

Daniel Gaido responde que sim quando afirma: "A Guerra Civil produziu uma mudança massiva do poder político e econômico em favor do capitalismo do Norte."¹⁰⁰⁷ E Allan Nevins e Henry Steele Commager o endossam quando declaram que "A guerra civil operou a revolução da economia e da sociedade americana".¹⁰⁰⁸

Os célebres historiadores Charles e Mary Beard chegaram a dizer em seu *The rise of American Civilization* ("A ascensão da Civilização Americana", em tradução livre), talvez com certo exagero *a posteriori*, que desde suas origens o deliberado projeto do Partido Republicano era a industrialização que se consolidou durante a Era da Reconstrução,¹⁰⁰⁹ aquela mesma cujo produto mais direto ou mais indireto era a concentração fundiária no Oeste longínquo.

É difícil não se deixar pensar no fundo de verdade presente nesse hipótese dos Beard, no entanto. Se a inflexão da hipótese for deslocada dos quadros partidários para os movimentos institucionais e econômicos mais amplos, torna-se bastante mais palpável perceber as forças históricas em ação, e vêem-se desenhar algumas das linhas-mestras da consolidação da Califórnia de fins do XIX onde viveu Jack London: o robustecimento das grandes fortunas no Leste (ou Norte, se adotarmos a geografia da Guerra Civil), a transformação da industrialização e da modernização tecnológica no dínamo da economia, e a integração econômica nacional como agenda central do governo Republicano.

Para a consecução de cada uma desses projetos o Oeste deveria ocupar determinado lugar e desempenhar determinado papel. A incorporação das terras mexicanas era parte empresa de colonização, bem como a política expansionista do presidente James Polk e os esforços envolvidos na conclusão da ferrovia transcontinental. Logo, a integração do Oeste no sistema econômico nacional o fazia tornar-se parte do longo e disputado processo de definição do sistema fundiário daquele país, que remontava a fins do século XVIII.

Apesar dos históricos debates entre jeffersonianos e hamiltonianos, ou entre federalistas e democratas, a consolidação do sistema fundiário estadunidense possui

¹⁰⁰⁷ GAIDO, Daniel, **The formative period of American capitalism - A materialist interpretation**. op. cit. p. 24.

¹⁰⁰⁸ NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos**. Tradução de Henrique Correia de Sá e Benevides. Rio de Janeiro: Bloch, 1967. p. 221.

¹⁰⁰⁹ BEARD, Charles A.; BEARD, Mary. **The rise of the American Civilization (2 vols.)**. New York: Macmillian Company, 1927.

certas características estruturais, uma das quais, particularmente importante dado o período que nos referimos, foi resumida do seguinte modo por Paul Gates:

Muitos críticos do sistema fundiário americano dirigiram suas reservas não à questão das receitas [*estatais*], mas ao caráter demasiado aberto das leis de terras, que permitiam a capitalistas e companhias [*colonizadoras*] comprarem quantidades ilimitadas de terra públicas em qualquer ponto a Oeste. Desde o primeiro assentamento na América, capitalistas e companhias têm comprado terra extensivamente, e quando os colonos chegam às áreas desse modo adquiridas, não encontram terras disponíveis senão no preço definidos pelos especuladores.¹⁰¹⁰

Essa característica ressaltada por Gates afeta de maneiras muito diferentes as várias regiões que constituem os Estados Unidos, pois oscilam em virtude de mudanças da política fundiária e agrária do governo federal, por conta das compras e anexações territoriais que ao longo do XIX foram sendo levadas, e, talvez sobretudo, por conta das condições econômicas gerais das regiões orientais que irão empreender o que Turner chamaria de "expansão da fronteira".

O clássico estudo *The National land system (1785-1820)*, do historiador Payson Jackson Treat, propõe uma periodização bastante importante em termos de política fundiária dos Estados Unidos. Enquanto a primeira grande era do sistema fundiário estadunidense, 1785-1820, caracterizou-se pelo "sistema de crédito" (que discutimos no capítulo I), a incorporação do Oeste como parte do sistema fundiário estadunidense se deu no momento em que o Preemption Act de 1841 (Lei de Preempção) ditava a política federal nesse ínterim. A efetiva regulamentação e disposição pelo governo das terras daquele Oeste distante só se deu por meio do famoso Homestead Act de 1862, o qual marca, segundo Treat, o início doutro momento da política fundiária dos Estados Unidos.¹⁰¹¹

Estando nesse momento intermediário, entre o Preemption Act de 1841 (na época de sua integração ao território estadunidense) e o Homestead Act de 1862 (que efetivamente dele dispôs como parte da política fundiária e agrária federal), o Oeste de meados do século carrega as cicatrizes das escaramuças que marcaram aqueles anos 1850:

Em 1857, o Oeste veio questionar a sabedoria de todo um sistema de distribuição de terras públicas baseado no conceito das receitas [*estatais*]. O sistema voltado às receitas significava venda aos colonos ou a especuladores,

¹⁰¹⁰ GATES, Paul Wallace. Western opposition to the Agricultural College Act. *Indiana Magazine of History*, v. 37, n. 2, (June, 1941). p. 108.

¹⁰¹¹ TREAT, Payson Jackson. *The National land system (1785-1820)*. op. cit.

de modo que quando os colonos não dispunham de fundos, eles tinham de recorrer a agiotas [*loan sharks*] ou especuladores para poder comprá-las. A lei de preempção não tinha sido de nenhuma ajuda para os *frontiersmen* sem dinheiro para comprar as terras que ocupavam; nem tinham podido as associações de posseiros protegê-los além da abertura de venda da terra.¹⁰¹²

A característica estrutural do sistema e da política fundiários dos Estados Unidos, aquela mesma que tirava o sono dos democratas jeffersonianos, encontrava no capítulo do Oeste um dilema particularmente dramático. O cabo de guerra entre as duas grandes propostas de política fundiária que se digladiavam desde o século XVIII nos Estados Unidos, 'terra como fonte de receitas' vs. 'terra como instrumento de democratização liberal', se punha ali também, mas com muito mais em jogo dessa vez. E não somente porque a mesma evolução econômica que acelerava a escalada da Guerra Civil também tensionava os interesses rumo à concentração, mas porque a fatia ocidental que entrara no jogo do sistema fundiário no fim dos anos 1840 correspondia a uma área colossal, muito maior do que aquela de que o primeiro Homestead Act, o de 1804, dispunha.

Aquele Oeste que, diz Carey McWilliams, "em qualquer direção (...) que um aspirante a agricultor se voltasse (...) trombava com uma concessão de terra mexicana",¹⁰¹³ é a antessala do Homestead Act. A mesma em que a exaustão da febre do ouro se confirmava e a mesma em que a hegemonia econômica do capitalismo do Norte gradativamente se complementava em domínio também político.

A coincidência de todos esses processos era ainda mais abrangente. O Homestead Act implementado a partir de 1862, imerso que estava nas contradições próprias das políticas fundiária e agrária dos Estados Unidos, veio no momento mesmo em que o Partido Republicano esforçava-se por estabelecer unidade fiscal e monetária no país, bem como erguer um sistema bancário de envergadura federal. Foi nesse processo que o partido recorreu aos serviços do banqueiro Jay Cooke, "o protótipo do magnata cuja ascensão está estreitamente ligada ao contexto político e financeiro da guerra",¹⁰¹⁴ o qual participou majoritariamente das ondas de empréstimos contraídos pelo governo e "disponibilizados" aos colonos - ele era um dos financiadores da

¹⁰¹² GATES, Paul Wallace. Western opposition to the College Agricultural Act. op. cit. p. 116.

¹⁰¹³ McWILLIAMS, Carey. **Factories in the field - The story of migratory farm labor in California.** op. cit. p. 15.

¹⁰¹⁴ DEBOUZY, Marianne. **O capitalismo "selvagem" nos Estados Unidos.** op. cit. p. 24.

campanha nacional cujo slogan era "uma dívida nacional é uma benção para a nação" (a national debt, a national blessing).¹⁰¹⁵

Ele vinha também no momento em que a concentração econômica se acentuava no Norte, processo ao longo do qual a queda tendencial da taxa de lucro batia à porta e em que as contradições típicas de uma sociedade industrial começavam a vir à tona. O discurso de um senador do Winsconsin do ano de 1860, citado por Howard Zinn, dá mostras dessa situação: "(...) sua benigna implementação [*do Homestead Act*] adiará por séculos, senão para sempre, todos os sérios conflitos entre capital e trabalho nos velhos estados livres, removendo sua população excedente para criar com abundância os meios de subsistência."¹⁰¹⁶ Se a expansão para o Oeste fez enriquecer os cidadãos-alvo da preocupação do senador, seu prognóstico não podia estar mais equivocado: antes do fim daquele século a radicalização do conflito entre capital e trabalho atingiu alturas inéditas na história dos Estados Unidos.

Se a coincidência entre a implementação do Homestead Act e os esforços para azeitar o sistema bancário não fosse demasiada, considerando que em 1860 "um terço ou metade das propriedades do Oeste eram hipotecadas",¹⁰¹⁷ Marianne Debouzy aponta ainda outros mecanismos institucionais que foram se acoplando à situação fundiária do Oeste e assim ampliando e aprofundando a concentração econômica:

(...) o Homestead Act não era o único modo de abrir o domínio público ao povoamento e à exploração. Terras imensas foram concedidas aos caminhos-de-ferro que as cederam em parte. Graças às concessões de terras gratuitas de que elas beneficiavam, as companhias de caminhos-de-ferro funcionavam ao mesmo tempo como gigantescas companhias imobiliárias.¹⁰¹⁸

Não vamos repisar o escândalo das concessões de terra às companhias ferroviárias, bem-conhecido o suficiente para que nos abstenhamos de apresentá-lo em detalhe, chamaremos somente a atenção para o fato de que ao lado de todas as fraudes apontadas na incorporação das terras mexicanas, corre mais esse episódio a pesar sobre as condições da propriedade da terra no Oeste.

Ao lado dessas, ainda, podemos citar o College Agricultural Act de 1862, que disponibilizou grandes porções de terra federal aos estados em troca da construção de colégios agrícolas e centros de formação tecnológica para os pequenos proprietários agrícolas e seus filhos. Numa listagem compilada por Paul Gates tomando como base os

¹⁰¹⁵ Idem, ibidem, p. 27.

¹⁰¹⁶ ZINN, Howard. **A people's history of the United States**. op. cit. p. 276.

¹⁰¹⁷ GATES, Paul Wallace. Western opposition to the College Agricultural Act. op. cit. p. 116.

¹⁰¹⁸ DEBOUZY, Marianne. **O capitalismo "selvagem" nos Estados Unidos**. op. cit. p. 35.

registros federais acerca das aquisições feitas a partir da lei de 1862, destacam-se três em relação à Califórnia: 210 mil acres para William S. Chapman; 192 mil acres para Isaac Friedlander; e 79 mil para Miller & Lux!¹⁰¹⁹

Regulamentações posteriores, dos anos 1870, também criavam circunstâncias favoráveis à concentração fundiária na medida em que faziam concessões de terra (ou complementos à concessões já existentes) caso certas benfeitorias fossem implementadas. É o caso do Timber Culture Act (Lei do Cultivo Florestal) de 1873, que "(...) dava aos *homesteaders* ou outros o direito a parcelas e terras se aceitassem plantar árvores numa parte de suas propriedades"; do Desert Land Act (Lei da Terra Deserta), de 1877, que "(...) atribuiu gratuitamente terras supostas áridas com a condição de que se fizesse nelas trabalhos de irrigação"; e também do Timber and Stone Act (Lei da Madeira e da Pedra), de 1878, que "(...) permitiu às autoridades do 'gabinete da terra' vender a 2 dólares e 50 o acre dos lotes de terra declarados inaptos para a agricultura mas próprios para fornecer madeira e minerais."¹⁰²⁰ Na medida em que essas benfeitorias demandavam recursos de capital que os colonos na maior parte das vezes não tinham, ainda mais se "debaixo da pata do leão"¹⁰²¹ das hipotecas, o resultado foi frequentemente sua impossibilidade de reivindicá-las em seu benefício, ao passo que as companhias colonizadoras, as ferrovias e os magnatas do Leste (ou do Norte) puderam fazê-lo em virtude de seus estoques de capitais, acirrando assim a concorrência econômica.

Como as terras disponibilizadas por meio do Homestead Act tomavam por base as medidas d'antanho, formuladas tendo por modelo climas mais amenos e solos menos hostis, raramente o tamanho das propriedades postas à disposição dos colonos do Oeste dava conta de mantê-las economicamente viáveis por muito tempo. McWilliams insiste em dizer que "A agricultura da Califórnia não é um fruto da terra - é produto da irrigação",¹⁰²² o que demonstra a premência dos investimentos para a sobrevivência econômica.

¹⁰¹⁹ GATES, Paul Wallace. Western opposition to the College Agricultural Act. op. cit. p. 134.

¹⁰²⁰ DEBOUZY, Marianne. **O capitalismo "selvagem" nos Estados Unidos**. op. cit. pp. 36-37.

¹⁰²¹ GARLAND, Hamlin. "Under the lion's paw". In: _____. **Main-travelled roads**. New York: Harper & Brothers, 1899. pp. 130-144.

¹⁰²² McWILLIAMS, Carey. **Factories in the field - The story of migratory farm labor in California**. op. cit. p. 5.

Howard Zinn afirmou que "Em 1830, um *bushel*¹⁰²³ de trigo levava três horas para ser produzido. Em 1900, dez minutos."¹⁰²⁴ Ou seja, as condições técnicas da produção, tanto quanto a área disponível para plantio, tinham influência sobre a definição das capacidades de competição e sobrevivência econômicas daqueles colonos que tinham conseguido um pedaço de terra através do Homestead Act.

Entende-se a partir disto porque Lênin vociferou com seu típico tom contundente contra Gimmer quando este, diante dos indicadores do 13º Censo dos Estados Unidos (1910), concluiu que "(...) a pequena agricultura fundada no trabalho familiar estende o campo de sua dominação"¹⁰²⁵ nesse país. Desde o Meio-Oeste até o Oeste Distante, diz Lênin, não se tratava tanto de entender a extensão das propriedades como os indicadores principais, mas também (e talvez sobretudo, nesse caso) a quantidade de capital investido para modernizar a produção, indicador deveras importante quando se trata de entender a lógica das relações sociais de produção e a natureza da exploração econômica em questão. Cotejando esses dados, Lênin conseguiu demonstrar que de 1850 a 1910 houve uma diminuição de 32% da superfície média total das propriedades (em grande medida em virtude da quebra dos latifúndios sulistas durante a Reconstrução), mas que a superfície média cultivada experimentou diminuição de somente 4% nesse mesmo período.¹⁰²⁶ Isso o leva a concluir:

(...) o capitalismo se desenvolve sob uma dupla forma: pelo crescimento extensivo das explorações que repousam sobre uma base técnica atrasada e pela criação de novas explorações, pequenas e até bem pequenas em relação à sua extensão, e que se dedicam a culturas mercantis especializadas, caracterizadas por uma superfície bastante reduzida, um volume muito grande de produção e um emprego mais amplo do trabalho assalariado.¹⁰²⁷

São esses os termos nos quais Zinn expressa o dilema que se punha à frente dos pequenos proprietários agrícolas e colonos jeffersonianos nessa época:

Terra custa dinheiro e máquinas custam dinheiro - os cultivadores tinham que pegá-lo emprestado, na esperança de que os preços de suas colheitas

¹⁰²³ O *bushel* pode ser uma medida de volume e também de peso. É utilizado em países anglo-saxões e nos Estados Unidos, sobretudo para referir-se a cereais e grãos. O *bushel* em questão refere-se ao fardo ou feixe de trigo colhido, em termos de tamanho e quantidade, que se podia acomodar em cada um dos lados da sela dos cavalos e muarems em que se transportava esse produto outrora. O uso acabou sendo incorporado e tornando-se uma unidade de medida.

¹⁰²⁴ ZINN, Howard. **A people's history of the United States**. op. cit. p. 277.

¹⁰²⁵ GIMMER apud LÊNIN, Vladimir Ilich. **Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos da América - Novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura**. Tradução de Maria Beatriz Miranda Lima. São Paulo: Brasil Debates, 1980. p. 2.

¹⁰²⁶ LÊNIN, Vladimir Ilich. **Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos da América - Novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura**. op. cit. pp. 14-15.

¹⁰²⁷ Idem, ibidem, p. 50.

permanecessem altos, para que então pudessem pagar ao banco pelo empréstimo, à companhia ferroviária pelo transporte, ao comerciante pelo manuseio de seus grãos, e ao depósito pelo seu armazenamento.¹⁰²⁸

De todo modo, aos aspirantes a colonos e pequenos proprietários nos Estados Unidos da segunda metade do século XIX as circunstâncias eram estas, o que costumava exigir uma insana disposição laboral e uma estreita probabilidade de prosperidade. Como não entender sob esses auspícios soturnos a estratégia de sobrevivência da família Bergson no romance *O pioneers!* de Willa Cather? Eles não tiveram de fazer uma aposta potencialmente desastrosa ao ampliarem suas propriedades assumindo as hipotecas de seus vizinhos falidos, construindo moinho e celeiro, e comprando máquinas agrícolas? Não tiveram de assumir uma rotina laboral insana a ponto de quase fazer rebentar a união familiar?¹⁰²⁹

Os colonos do Homestead Act e aqueles que David Vaught chamou de "mineiros-tornados-agricultores" (miners-turned-farmers)¹⁰³⁰ não tiveram de fazer o mesmo?

É desse estado de coisas que surgem aquelas duas figuras que estampam o título de supramencionado artigo de Paul Gates: o "grande proprietário da fronteira" (frontier landlord) e o "pioneiro arrendatário" (pioneer tenant). A perversa situação era uma em que o dono da fronteira estava longe (são os "absentee owners", de que Steinbeck ainda estaria a falar na década de 30),¹⁰³¹ enquanto os produtores diretos, que de fato revolviavam a terra, eram presentemente acabrunhados pelo jugo daquele.

O estado de espírito e a situação material em que muitos desses últimos se encontram é descrita por Vaught:

Tendo descoberto os rigores da mineração muito severos e os ganhos muito exíguos, eles voltaram-se à agricultura e à vida rural com a mesma intensidade de expectativa que os havia trazido à Califórnia. Admitir fracasso uma segunda vez simplesmente não era uma opção, mesmo com as devastações oriundas da seca e da enchente, as monumentais disputas dos títulos de terra mexicanos, a massiva confusão das políticas fundiárias federais e estaduais, e as oscilações locais, nacionais e internacionais de preços que faziam a agricultura no vale de Sacramento em meados do XIX um imenso desafio.¹⁰³²

Tais orgulho e teimosia são típicos da cultura oitocentista estadunidense, filha de seu confiante liberalismo e dos mitos democráticos de sua fundação, que os homens

¹⁰²⁸ ZINN, Howard. **A people's history of the United States**. op. cit. p. 277.

¹⁰²⁹ CATHER, Willa. **O pioneers!** op. cit. Final da Parte I (Wild land).

¹⁰³⁰ VAUGHT, David. **After the Gold Rush: tarnished dreams in the Sacramento Valley**. op. cit.

¹⁰³¹ "donos ausentes" (tradução livre) STEINBECK, John. **The harvest gypsies: On the road to The grapes of wrath**. Berkeley: Heyday Books, 1988. p. 33.

¹⁰³² VAUGHT, David. **After the Gold Rush: tarnished dreams in the Sacramento Valley**. op. cit. p. 7.

e mulheres dos Estados Unidos buscavam recriar adamicamente a cada novo capítulo de expansão da fronteira. As consequências dessa inércia de tradições, no entanto, sobretudo na medida em que se materializavam numa índole voluntarista, eram cada vez mais desalentadoras.

Esse desalento permite entrever e em certa medida explicar alguns dos limites da tese da fronteira de Turner em relação aos Estados Unidos. Se por um lado ela é certa em dizer que a existência de uma fronteira é um fato vital para se compreender a evolução histórica dos Estados Unidos; por outro ela pouco peso deu ao fato de que a fronteira daquele último quarto do XIX não era a mesma do início desse mesmo século. Se em ambos os casos ela incluía o violento espetáculo da expulsão dos nativos, esta era carregada nos ombros dos pequenos proprietários e nos quadros de uma política econômica jeffersoniana, enquanto aquela vinha com o bilhete de trem pago pelas grandes fortunas, nos quadros de uma política econômica orquestrada pelo Partido Republicano.

É elemento notório, e pelo que pudemos averiguar até agora pouco sopesado em suas implicações históricas, que a "revolução industrial" encabeçada pelo Norte manufatureiro nos Estados Unidos data muito mais do século XIX do que do século XVIII, como fora na Inglaterra. Essa distância de quase um século tem consequências dramáticas para a história dos Estados Unidos, no geral, e para o Oeste de seu território, em específico. O processo de concentração econômica, evolução tecnológica e concerto administrativo-gerencial, que fez ascender o capital financeiro e moldou os monopólios, levou praticamente cem anos para amadurecer na Inglaterra, mas foi implementado pelos capitalistas americanos quando suas políticas de industrialização ainda engatinhavam. Esse "pular de etapas" potencializou em muitas vezes os efeitos disruptivos da expropriação capitalista, favorecendo aquilo que parece ser a "acumulação primitiva" do capitalismo estadunidense na metade do século XIX com uma força avassaladora e uma velocidade impressionante. A amplitude e a profundidade da monopolização da terra na Califórnia é um exemplo disso, a proximidade temporal entre a conclusão da colonização e os primeiros arranques imperialistas é outro.

No intervalo de uma ou duas gerações uma reviravolta monumental se operara na história estadunidense. Do impacto espiritual resultante de uma tal reviravolta, especialmente por conta do ritmo mais moroso com que os hábitos mentais e os costumes se movem, é que se extraiu o sumo com o qual se fez a tinta do naturalismo literário estadunidense. A "revolução econômica" da segunda metade do século XIX,

"(...) criou (...) uma série de antagonismos e dificuldades contra as quais (...) os ensinamentos dos fundadores da nação eram impotentes."¹⁰³³

O Oeste apresenta as cicatrizes desse momento-chave da história americana na sua trajetória, na sua cultura, na sua estrutura fundiária, na sua toponímia, no tracejado de suas ferrovias, no seu folclore, na sua tradição de virilidade, na sua radicalidade política, enfim, na substância mesma de seu vir-a-ser. E Jack London, como fundador mítico de sua epopeia, "começo *de facto* da literatura californiana",¹⁰³⁴ permite distinguir na anatomia de seu pensamento, na engenharia reversa de sua ficção, o significado profundo desse processo, como ser humano e como trabalhador.

Segundo Carey McWilliams, a "primeira indústria do estado [*da Califórnia*] foi a agricultura."¹⁰³⁵ Mas se, por endividados e acabrunhados que estivessem, os colonos detivessem a posse de terras, como pôde essa primeira indústria encontrar seu proletariado? As crises de 1873 e de 1893, com a derrocada dos preços agrícolas que lhes acompanhou, a mesma que forçou as migrações dos London durante a infância de Jack, se oferece como resposta a tal pergunta.

Oriundas de crescimentos descompassados pela especulação bem como de empréstimos internacionais e nacionais desproporcionais às reais condições de crescimento, as crises dos anos 1870 e 1890 tiveram desdobramentos parecidos. Aquela passagem de Howard Zinn que citamos anteriormente nos permitiu ver que contrair empréstimos e hipotecas era um caminho virtualmente necessário para que os "mineiros-tornados-agricultores" e demais colonos pudessem se manter nos quadros da viabilidade econômica. A inflação que se seguiu à Guerra Civil foi espalhada nacionalmente pelo crescente sistema bancário, e foi potencializada pela dupla conjunção da disponibilidade de crédito (dos empréstimos internacionais e das grandes fortunas), e também pela maré de alta internacional dos preços agrícolas. Tratava-se, como disse Joan London, de uma "prosperidade artificial e falsamente criada".¹⁰³⁶

Quando Jay Cooke, o maior credor governamental e um dos maiores credores das companhias ferroviárias (sobretudo a Northern Pacific Railroad), declarou falência em 18 de setembro de 1873, o efeito dominó estava pronto para ser iniciado. Os

¹⁰³³ MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo II.** op. cit. p. 276.

¹⁰³⁴ STODDARD, Martin. **California writers - Jack London, John Steinbeck and The Tough Guys.** London and Basingstoke: Macmillan Press, 1984. p. 2.

¹⁰³⁵ McWILLIAMS, Carey. **Factories in the field - The story of migratory farm labor in California.** op. cit. p. 4.

¹⁰³⁶ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography.** op. cit. p. 57.

desdobramentos devastadores que isso teve sobre as finanças federais e sobre a enorme cadeia de hipotecas, empréstimos e cauções bancárias privadas e federais estabeleceu um clima de insegurança geral. Um jornalista anônimo que esteve da bolsa de valores de Nova York nessa quinta-feira fatídica testemunhou o desabafo iracundo de um dos tantos homens que ali estavam, estupefatos: "Isso tudo não passa de uma eterna tramóia, por deus".¹⁰³⁷

Debouzy escreveu que "A crise afetou primeiro os caminhos-de-ferro, [e] as explorações agrícolas que estavam sob a dependência absoluta do mercado mundial",¹⁰³⁸ dois setores dos mais fundamentais do Oeste dos Estados Unidos. Seus efeitos recessivos, quando conjugados, atuaram como verdadeiro dínamo de proletarização, na medida mesma cujo diâmetro oposto era "(...) o movimento de concentração que modificou profundamente as estruturas da produção industrial e da organização financeira (...) do capitalismo nos Estados Unidos."¹⁰³⁹

No segundo tomo do seu História dos Estados Unidos da América, Morison e Commager colocam lado a lado dois mapas dos "Lavradores em terras arrendadas nos Estados Unidos", um deles de 1880 e outro de 1930. A comparação é bastante elucidativa, pois consegue mostrar o aumento do percentual de arrendamento na estrutura fundiária e rural estadunidense nesses cinquenta anos: em 1880 a maior percentagem de arrendamento era de 50%, enquanto em 1930 ela sobe para mais de 72%. Vários estados do Oeste viram dobrar ou triplicar a presença de arrendamentos: se a Califórnia manteve-se quase estável nesse intervalo (19,8% e 18%), Utah praticamente triplicou (4,6% para 12,2%), Colorado mais que dobrou (13% para 34,5%), Wyoming subiu quase dez vezes (2,8% para 22%), Arizona subiu levemente (13,2% para 16,4%) e Novo México mais que dobrou (8,1% para 20,2%).¹⁰⁴⁰

Em seu estudo sobre a crise de 1893, os historiadores Douglas Steeples e David Whitten afirmaram que "infelizmente, a extensão precisa do débito agrário é desconhecida", mas também disseram que "(...) é seguro dizer que o xadrez dos campos lavrados no coração da nação representou vasto endividamento."¹⁰⁴¹ A estimativa de um

¹⁰³⁷ A JOURNALIST. **History of the Terrible Financial Panic of 1873 - Graphic and authentic account of the event.** New York: Western News Company, 1873. p. 5.

¹⁰³⁸ DEBOUZY, Marianne. **O capitalismo "selvagem" nos Estados Unidos.** op. cit. p. 91.

¹⁰³⁹ Idem, ibidem, p. 93.

¹⁰⁴⁰ MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo II.** op. cit. p. 343.

¹⁰⁴¹ STEEPLES, Douglas; WHITTEN, David O. **Democracy in desperation - The Depression of 1893.** Westport: Greenwood Press, 1998. p. 15.

contemporâneo era de que haviam 2,3 milhões de propriedades hipotecadas em 1890, que perfaziam um total de 2,2 bilhões de dólares.¹⁰⁴²

Ao tomarmos o histórico fundiário e financeiro pregresso dos Estados Unidos, especialmente no Oeste, percebemos que esses indicadores quantitativos são bastante expressivos. A "mudança massiva de poder político e econômico em favor do capitalismo do Norte" de que falou Gaido, concretizado à roldão da Guerra Civil, estabeleceu a realidade histórica daquela segunda metade do século XIX. A crise de 1893, desse ponto de vista, alimentou os Morgan, os Rockefeller e os Carnegies tanto quanto o fizeram os restos mortais de Cooke em 1873. Steeples e Whitten afirmam que "entre 1894 e 1896, (...) o Tesouro Nacional foi obrigado a emitir por quatro vezes títulos (...) para obter espécie e aumentar suas reservas (e que eventualmente totalizaram 260 milhões)",¹⁰⁴³ e Joan London, ciosa observadora da época de seu pai, escreveu que "(...) enquanto o país mergulhava cada vez mais fundo no abismo, J.P. Morgan e outros financistas arrancavam exagerados lucros do empréstimo de 65 milhões de dólares de ouro para os títulos do governo."¹⁰⁴⁴

Através do processo de ascensão dos magnatas no último quartel do XIX, o empobrecimento, a proletarização e o desemprego tornaram-se uma das dimensões incontornáveis da vida social estadunidense. O efeito de seleção e concentração econômica que a crise de 1873 produziu acabou por potencializar o impacto daquela de 1893. Enquanto aquela teve um impacto sentido de maneira mais ostensiva pelos agricultores e pequenos proprietários agrícolas, esta se caracterizou mais agudamente pelo alastramento de proporções inéditas do desemprego. Houveram desempregados industriais naquela e execução de hipotecas rurais nesta, mas a mudança de tônica e proporção, bem como o crescimento da participação operária nas estatísticas e na resistência política aos descabros monopólicos, é indício de alterações na estrutura social e econômica dos Estados Unidos nessas duas décadas. A extensão do desemprego em 1893-1894 foi avassaladora. Embora não haja consenso quanto à sua proporção precisa, estima-se entre que entre 1/6 e 1/8 da força de trabalho tenha ficado sem emprego - com taxas de desemprego se mantendo acima de 10% por seis anos

¹⁰⁴² ATKINSON, Edward [1894] apud STEEPLES, Douglas; WHITTEN, David O. **Democracy in desperation - The Depression of 1893**. op. cit. pp. 15-16.

¹⁰⁴³ STEEPLES, Douglas; WHITTEN, David O. **Democracy in desperation - The Depression of 1893**. op. cit. p. 42.

¹⁰⁴⁴ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 59.

consecutivos.¹⁰⁴⁵ O economista Samuel Rezneck, compilando relatórios especializados produzidos ao fim de 1893, afirmou que por volta de quinhentos bancos e dezesseis mil empresas declararam falência naquele ano.¹⁰⁴⁶

Um trágico retrato humano emerge do mergulho na documentação da época: com notícias sobre crescentes suicídios, aumento escandaloso do número de despejos, crescimento de episódios violência e de roubos, relatos de mortes durante o inverno rigoroso de 1893-1894, anúncios vitorianos em busca de caridade para evitar a descida de mulheres ao universo da prostituição, e até mesmo queda nos índices de matrimônio e na natalidade.¹⁰⁴⁷ É importante notar que, processualmente, esse período de desgraça social vinha coroar o momento mesmo em que uma série de indicadores estatísticos gerais parecia alardear a pujança da economia estadunidense. No artigo "The question of the maximum" de 1899, Jack London cotejava ano a ano (1875-1899) o balanço favorável do comércio internacional do país e sua produção industrial, dizendo que "Nos mercados financeiros de Londres, Paris e Berlim, os Estados Unidos é um credor",¹⁰⁴⁸ chegando a perguntar-se, movido pelo ceticismo antes do otimismo, "Até onde pode o desenvolvimento comercial estender-se?"¹⁰⁴⁹

A questão de London, longe de ser retórica, voltava-se à contradição posta pela situação que fora se desenhando ao longo do século XIX: como podiam coexistir tão evidente indício de poder econômico e tão cabal prova de sua impotência? Nesse ínterim ela ecoava a preocupação gêmea daquele seu conterrâneo californiano, Henry George, autor da luminar síntese: "(...) a associação entre pobreza e progresso é o grande enigma de nosso tempo."¹⁰⁵⁰

Eis o tempo de Jack London, marcado pelas cicatrizes de sua formação histórica, e reverberante ainda das dores do parto monopolista. Como disse sua filha sobre os augúrios da crise de 1893, "Os sinais estavam lá para quem os pudesse ler",¹⁰⁵¹ e ao

¹⁰⁴⁵ Steeples e Whitten cotejam diferentes estatísticas no capítulo 6 (Social Repercussions) de seu *Democracy in desperation* (op. cit. pp. 84-105), e Whitten compara uma série de indicadores econômicos e estimativas estatísticas para aferi-lo em: WHITTEN, David. *The Depression of 1893* [2001]. Disponível em <<https://eh.net/encyclopedia/the-depression-of-1893/>> Acesso em 7 set 2018.

¹⁰⁴⁶ REZNECK, Samuel. Unemployment, Unrest and Relief in the United States during the Depression of 1893-1897. *Journal of Political Economy*, University of Chicago Press, v. 61, n. 4 (Aug/1953), p. 324.

¹⁰⁴⁷ STEEPLES, Douglas; WHITTEN, David O. **Democracy in desperation - The Depression of 1893**. op. cit. pp. 84-86.

¹⁰⁴⁸ LONDON, Jack. *The question of the maximum* [1899]. In: _____. **War of the classes**. op. cit. p. 167.

¹⁰⁴⁹ Idem, ibidem, p. 156.

¹⁰⁵⁰ GEORGE, Henry. **Progress and poverty - An inquiry into the cause of industrial depressions and of increase of want with increase of wealth**. New York: Doubleday, Page and Company, 1891.

¹⁰⁵¹ LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 54.

longo daquele longo período de aprendizado e amadurecimento dos anos 1890, Jack estava começando a ser versado neles, apanhando seus rastros e fios de modo cada vez mais abrangente.

Aquilo para o que gostaríamos de chamar a atenção agora, portanto, é como a evolução de seu pensamento esteve de tal modo entranhada no metabolismo próprio da realidade histórica de seu tempo, que nos contornos dele podemos diagnosticar os mecanismos mais recônditos dela, bem como seu significado humano mais terrível. Como foi a experiência de 1894 o que ele roeu intelectualmente por anos até que pudesse colocá-la nos quadros de uma poderosa macro-interpretação, é sobretudo a partir da aparição dela em seus textos de não-ficção, e a concomitante transformação do romântico *hobo* no trabalhador desempregado, que propomos iniciar a resposta da pergunta que fizemos anteriormente: porque a literatura de Jack London ganhou um acento e um sentido diferentes após 1903 e até 1908?

Excetuando os escritos ficcionais sobre vagabundos, que numa acepção rigorosa do termo totalizam seis peças,¹⁰⁵² nos parece que foram dois os textos principais que Jack escreveu sobre esse assunto: "The Road", c. 1896-1897, e "The tramp", ago/1901). Eles funcionaram como uma preparação para o terrível salto epifânico que a temporada do escritor no bairro operário do East End em Londres, no verão de 1902, catalisou - espécie de fundação da literatura da segunda fase.

Em "The Road", o primeiros desses textos, a substância e o tratamento do tema do vagabundo é majoritariamente impressionista, costurado muito estreitamente às suas vivências empíricas, para sua força mas também para sua fraqueza. Está-se diante de um escritor que, apesar de rasgos de brilhantismo e saltos de abrangência qualitativa, ainda encontra-se muito próximo do nível da vivência crua, incapaz de desprender-se das imediações do vivido para círculos de interpretação mais ampla. Se isso lhe concede a salutar propriedade que acompanha os testemunhos de primeira mão, por vezes atravança seu poder de inquirição sobre o sentido profundo deles.

Depois de breves e pouco frutíferas tentativas de transformar sua experiência como *hobo* em ficção nos anos que se seguiram a 1894, Jack adotou abordagem diferente, a da não-ficção, misto de etnografia de campo e descrição sociológica. Uma preocupação nesse sentido pode ser encontrada já no seu "Tramp diary", uma vez que lá havia uma seção chamada "estudos de personagem", na qual ele propunha uma

¹⁰⁵² São eles: "Frisco Kid's story" (1894); "And 'Frisco Kid came back" (1895); "Local color" (1901); "The hobo and the fairy" (1910), e "The princess" (1916).

incipiente taxonomia do universo dos vagabundos, e também coletava vários exemplos da linguagem e do vocabulário que eles utilizavam. Leitor voraz desde tenros anos, é razoável supor que ele tenha se dado conta do crescimento de literatura e de escritos sobre vagabundos naqueles anos finais do XIX. Nesse sentido é sintomático que consultando o Poole Index,¹⁰⁵³ Frederick Feied tenha notado que entre 1802-1860 não haja "uma única referência concernente a vagabundos ou mendigos em revistas americanas" (mesmo havendo mais 30 mil milhas de ferrovias nos Estados Unidos àquela altura), enquanto que entre 1875-1900 o Index "(...) lista mais de trinta referências (...), e mais de dois terços delas na última década do século."¹⁰⁵⁴ A presença literária do *hobo* e do *tramp* deve ter-se feito notar por Jack London, inclusive porque coincidem com os primeiros arranques de figuras célebres desse universo temático, como Walter Augustus Wyckoff, Josiah Flynt, Leon Ray Livingston e Ben Reitman, para citar somente alguns.

Tendo já a essa altura travado contato com leituras importantes no que tange à compreensão da organização material da economia e da vida social, chama a atenção que uma das primeiras frases do texto "The Road" profira uma afirmação a um tempo tão categórica e tão dúbia: "(...) o destino não somente seduz, mas igualmente força os pobres mortais na direção de seu abraço."¹⁰⁵⁵ Incrustado nessa passagem, a meio caminho entre uma e outra, encontra-se tanto a atmosfera romântica da vida de *hobo* quanto também a crescente constatação de que ela implica uma determinação. A vagueza do termo "destino", aqui, é tanto solução plástica quanto epistemológica: permite a ambígua suspensão, tão providencial àquele momento da vida de London, entre a liberdade do responder à "sedução", e a determinação de ver-se enredado no seu "forçar".

Logo após esse significativo intróito, e antes de adentrar na descrição propriamente sociológica de seu texto, há o sentimental reclame de solidariedade em

¹⁰⁵³ O chamado Poole's Index to Periodical Literature é um índice da literatura publicada em revistas e periódicos ao longo do século XIX nos Estados Unidos e na Inglaterra. Ele foi compilado primeiramente por William Frederick Poole, um estudante de Yale, e mais tarde ampliado e sistematizado sob a curadoria da participação da American Library Association. Publicado em seis volumes entre 1882-1908, ele cobria 482 mil artigos sobre 378 mil assuntos, publicados em 12,241 volumes de 479 diferentes periódicos americanos e britânicos, tendo se tornado desde então uma das principais referências de consulta sobre esse material. Disponível em <<http://c19index.chadwyck.com/marketing/aboutpooles.jsp>> Acesso em 8 set 2018.

¹⁰⁵⁴ FEIED, Frederick. **No pie in the sky: the hobo as an American hero in the works of Jack London**, John Dos Passos and Jack Kerouac. op. cit. p. 8 e p. 10, respectivamente.

¹⁰⁵⁵ LONDON, Jack. *The Road: Glimpses of the Underworld*. In: RASKIN, Jonah (ed.). **The radical Jack London - Writings on war and revolution**. op. cit. p. 64.

relação aos companheiros vagabundos: "(...) a pequenina porção de respeitabilidade que pode ainda prender-se a seu antigo nome é destruída. Ele se torna um vadio [*vagrant*], ou, abreviadamente 'vag'. Três letras (...) preservam-no da negação de seu ser. Ele está no limiar esfarrapado da não-entidade."¹⁰⁵⁶ Quem pode duvidar da profundidade cortante insinuada por tal afirmação? Contudo, não persiste certa incômoda vagueza nela?

Mediado por esse linha-mestra é que Jack se lança a desnudar e passar em revista a pirâmide social da "Vagabundolândia" (Trampland), indo desde os "Profesh", a "aristocracia do submundo", até os baixios mais tocantes dos "Road-kids", "as crianças nascidas da ignorância, da pobreza e do pecado".¹⁰⁵⁷ A fauna humana daqueles errantes baixios sociais inclui um complexo sistema de castas e classes, delimitadas pelas habilidades laborais, pela idade, pela origem, e sobretudo pelos métodos de sobrevivência e pela degradação existencial em que se encontram. Há os "bindle stiffs",¹⁰⁵⁸ os trabalhadores em busca de emprego e mais numerosa classe do submundo; há os "stew bums", a "canalha da Vagabundolândia" em permanente "estado de langorosa lassidão (...) [*e*] cuja única ambição é um cozido";¹⁰⁵⁹ há os "Alki stiffs", que são os alcólatras; há os "cripples", que são os vagabundos aleijados; e finalmente há os "Fakirs", sub-classe dos trambiqueiros, os "funileiros, remendadores de guarda-chuvas, chaveiros, tatuadores, arrancadores de dente, médicos charlatões, tiradores de calos etc."¹⁰⁶⁰

O que resultou desse mergulho no submundo ainda era, em grande medida, refém daquela visão romântica que no "Tramp Diary" chamava os vagabundos de "Cavaleiros da Estrada", porém agora despida do otimismo d'antanho. Resta-lhe, pois, os brios de justiça que o fazem exclamar "Pobres diabos!" aos Road-kids, cuja vida miserável os torna "lobos disfarçados de homens", "bodes expiatórios de sua geração". Ou, ainda, compadecer-se dos "bindle stiffs": "homens temporariamente sem sorte (...), andarilhos numa terra estranha, cujos arranhões e confusões em que se metem são cômicos, mas frequentemente trágicos."¹⁰⁶¹

¹⁰⁵⁶ Idem, ibidem, p. 65.

¹⁰⁵⁷ Idem, p. 67 e p. 70, respectivamente.

¹⁰⁵⁸ Os vagabundos eram chamados de "stiffs", termo traduzível tanto pelo substantivo "cadáver" quanto pelo adjetivo "teso" (ou "rígido", "herto", "duro"). Já "bindle" traduz-se como "trouxa" ou "pacote", referindo-se às roupas e aos cobertores que esses vagabundos costumavam levar consigo.

¹⁰⁵⁹ Idem, p. 67.

¹⁰⁶⁰ Idem, p. 69.

¹⁰⁶¹ Idem, p. 70, p. 70, p. 70 e p. 68, respectivamente.

O voluntarismo de sua solidariedade, temperado pelo ardor de sua indignação, combinam-se para produzir em "The Road" um expressivo primeiro passo no entendimento da realidade de que partilhara em 1894, e que continuava a impor-se como enigma tanto a ele quanto aos Estados Unidos. Não à toa que mesmo após sua vivaz exploração do submundo, o artigo termine com aquela pergunta sobre o fenômeno dos vagabundos, a qual citamos anteriormente: "(...) muitos devem permanecer desocupados; e uma vez que por meio da invenção a eficiência do trabalho está constantemente aumentando, aumenta também o exército de desocupados (...). Pode a vagabundagem ser abolida ou não?"

Há uma sofisticação e um aumento do alcance reflexivo indicados pela capacidade de formular uma tal pergunta, mas ainda faltam a Jack London os meios para respondê-la. O primeiro passo fora dado, mas a jornada não terminara.

O artigo seguinte a lidar com esse tema é "The Tramp", escrito em agosto de 1901 - portanto quatro ou cinco anos depois de "The Road". Segundo Richard Etulain, o artigo foi submetido à avaliação de vinte revistas até ser publicado, em 1904, na *Wilshire's Magazine*.¹⁰⁶² O artigo estrutura-se como espécie de resposta às afirmações do Superintendente Geral de Polícia de Chicago, sr. Francis O'Neil, a respeito dos vagabundos que se avolumavam na grande metrópole durante os meses de inverno. Diferentemente do artigo anterior, no qual usa o termo "destino" para furtar-se a uma definição mais clara sobre as liberdades e determinações do vagabundo, neste, London mostra-se mais convicto do lugar dele no grande esquema das coisas, ao passo que desafia abertamente a declaração do Superintendente. Este afirma que sua experiência lhe diz que os "(...) vagabundos pertencem a uma classe para a qual uma vida de andanças é um meio de viver sem ter de trabalhar", ao passo que Jack o desafia dizendo que "(...) que essa classe é forçada a viver sem trabalho."¹⁰⁶³

Cabe notar, de pronto, que a pergunta deixada no ar no fim do artigo anterior encontra aqui uma resposta possível, uma hipótese de trabalho. Não há uma confirmação ou negação categóricas sobre a vagabundagem poder ser eliminada da economia moderna, mas enquanto antes se contentava em constatar-lhe a existência, agora se mostra capaz, como veremos, de explicar sua genealogia determinada.

¹⁰⁶² ETULAIN, Richard W. (ed.). **London on the road - The Tramp Diary and other hobo writings**. op. cit. p. 121.

¹⁰⁶³ LONDON, Jack. *The Tramp* [1901]. In: _____. **The war of the classes**. op. cit. pp. 54-55 e p. 55, respectivamente.

Para sustentar sua hipótese e provar o equívoco do Sr. O'Neil, Jack produz uma argumentação rigorosa e abrangente, possuidora de parâmetros e de perspectiva. Naquele artigo de 1896/1897 prevalece um etnografismo difuso, rico mas disperso, mais descritivo que analítico, "com o coração no lugar certo" (como reza a expressão em inglês) mas imberbe na sua erudição e no seu refinamento. Neste de 1901 ergue-se um intelectual calejado, sofisticado na construção dos argumentos e dono de uma reflexão sistemática no seu modo de proceder, seguro de si pelos anos de militância socialista e de publicações, ficcionais e não-ficcionais.

É possível atestar essa evolução ao entender a arquitetura retórica de "The Tramp", que bastante emancipada da rigidez ortodoxa dos primeiros textos, consegue fazer seguir no texto um raciocínio claro que vai do simples ao complexo, não abrindo mão de nenhum deles e partindo do que é palpável à maioria dos potenciais leitores. E tudo isso com aquela cáustica idiossincrasia sua, o acento provocativo.

Eis porque depois de listar as seis inferências de O'Neil e do senso comum sobre os vagabundos, Jack propõe uma suposição: "(...) o que aconteceria se, amanhã, cem mil vagabundos fossem tomados de um irresistível desejo de trabalhar?" Ele não deixa passar a oportunidade do escorço ao leitor. "Vá trabalhar", diz ele, é a recomendação que o vagabundo escuta todos os dias, pois "o juiz da bancada, o pedestre na rua, a dona de casa na porta da cozinha, todos unem-se para aconselhá-lo a ir trabalhar".¹⁰⁶⁴ Pois bem, o que aconteceria se o vagabundo acesse a esse insistente conselho?

A resposta vem rápida e resoluta, estalar de um chicote: "Ora, por volta do final da semana cem mil trabalhadores, tendo tido seus lugares tomados pelos vagabundos, cumpririam sua parte da pena 'metendo o pé na estrada' em busca de trabalho."¹⁰⁶⁵ A rápida análise de uma recente greve de grandes proporções na região costeira de San Francisco dava a Jack a solidez empírica que a suposição precisava para sair do reino da especulação e tornar-se argumento. Afirmar ele que muitas categorias se mobilizaram na paralisação: "carreiros, carregadores, transportadores de areia, empacotadores, estivadores, funcionários de armazéns, mecânicos, marujos, bombeiros, despenseiros, cozinheiros de navio entre outros".¹⁰⁶⁶ As circunstâncias da greve eram consideradas auspiciosas, pois as Filipinas e o Alaska haviam drenado excedentes de mão-de-obra da

¹⁰⁶⁴ Idem, ibidem, p. 59, p. 59 e pp. 59-60, respectivamente.

¹⁰⁶⁵ Idem, p. 60.

¹⁰⁶⁶ Idem, p. 61.

região, e estava-se no verão, momento em que a agricultura demanda muitas mãos para o plantio, diminuindo assim a presença dos fura-greves. Apesar disto:

(...) ainda lá [*em San Francisco*] havia um total de excedente de trabalhadores suficiente para preencher todos os postos vagados pelos grevistas. Não interessava qual fosse a ocupação, cozinheiro de navio ou mecânico, transportador de areia ou funcionário de armazém, para todas elas havia um trabalhador ocioso pronto para fazer o trabalho.¹⁰⁶⁷

Donde a pergunta de Jack na página seguinte: "De onde surgiu esse exército de trabalhadores para substituir aquele primeiro?"

Jack elimina três hipóteses imediatas: nem os grevistas sindicalizados furaram greve uns sobre os outros; nem nenhuma indústria da costa Pacífica foi prejudicada por ter seus trabalhadores removidos do chão de fábrica; e tampouco os trabalhadores agrícolas voltaram do campo para tomar os postos de trabalho deixados pelos grevistas. Logo, resta a desconcertante conclusão: "Não há explicação para esse segundo exército de trabalhadores. Ele simplesmente existia. Estava lá esse tempo todo."¹⁰⁶⁸

Ao constatar esse fato, Jack London não o deixa escapar nas suas implicações, ainda mais sendo este um fato cabal para explicar boa parte da realidade social dos Estados Unidos de seu tempo. A primeira implicação que lhe chama a atenção é o poder da pressão que a existência de mais braços do que trabalho gera: os homens do "segundo exército de trabalhadores" "(...) lutava por uma oportunidade de trabalhar. Homens foram mortos, centenas de cabeças foram quebradas, os hospitais foram lotados por homens feridos (...) e ainda assim os trabalhadores excedentes continuaram vindo para substituir os grevistas." E é a partir desta que ele infere a segunda implicação: "Só há hoje, sob o sol, uma única razão pela qual uma greve falha, e é porque há trabalhadores disponíveis para tomar o lugar dos grevistas." E uma terceira: "O trabalho excedente atua mantendo os trabalhadores desempregados em cheque. Ele é a coleira pela qual os mestres atrelam os trabalhadores às suas tarefas, ou os fazem voltar a elas quando eles se revoltam." Donde, diante de tudo isto, Jack London tem um vislumbre do todo: sem um "exército de trabalhadores excedentes, nossa presente sociedade capitalista seria impotente (...) [,] iria desmoronar", logo, "(...) o que mantém a integridade da presente sociedade industrial, mais do que os tribunais, a polícia e os forças militares, é o exército de trabalhadores excedentes".¹⁰⁶⁹

¹⁰⁶⁷ Idem, p. 62.

¹⁰⁶⁸ Idem, p. 63.

¹⁰⁶⁹ Idem, p. 62, p. 68, pp. 67-68 e p. 72, respectivamente.

Embora estivesse mobilizando todos os indícios e seu poder de argumentação para defender o vagabundo das acusações que o Superintendente O'Neil lhe dirigia, London demonstrou as totalidades históricas que concorrem para sua existência como fenômeno social. Na cadeia de argumentos que se estende acima, por singelo que possa parecer seu propósito de desmistificar preconceitos, encontra-se uma interpretação de envergadura e vocação totalizantes, uma que dá conta de dispor das lições intelectuais de tantos mestres que Jack lera, e organizar o caos empírico por meio de contundente ato epistemológico. Nesse esforço ele tocou numa das questões mais fundamentais para explicar o capitalismo monopolista de seu tempo: o desemprego.

A expressão em inglês usada por Jack, "surplus army of labor" (exército de trabalhadores excedentes), possui parentesco epistemológico e político com o "reserve army of labor" (exército industrial de reserva) de Marx. O vagabundo deixou de ser primariamente um fato de natureza romântica (seja ela folgazã ou pessimista) para se tornar um fenômeno social e econômico, isto é, um trabalhador desempregado. Desafiando o argumento do Superintendente O'Neil sobre a suposta voluntariedade da vida vagabunda, London demonstrou que o vagabundo "(...) é o sub-produto da necessidade econômica."¹⁰⁷⁰ Ou seja, a vagabundagem, antes de uma escolha, resulta da falta dela; é menos resolução individual do que é produto social. Esse é o fato fundamental da evolução do pensamento de London nesse artigo, e que poderia ser traduzido como: o romântico vagabundo e o trabalhador desempregado são a mesma pessoa. Se o primeiro parecia escolher a vida que levava, quando nota-se seu parentesco com o último, vê-se que ele se lançou à estrada por força das circunstâncias, isto é, por força de renúncia, não de escolha.

Em "The Tramp" London oferece, portanto, uma interpretação coerente e consequente do capitalismo estadunidense de fins do XIX e início do XX. De certo modo, todo o processo histórico que reconstruímos desde os anos 1840 e a Guerra Civil encontram aqui uma explicação, e uma que permite definir ênfases e fatores-chave: a concentração econômica que vimos constituindo-se ao longo da segunda metade dos Oitocentos consolidou o estado de coisas em que London, testemunhando seus efeitos e desenterrando seus fósseis, pôde mobilizar para finalmente dar lugar ao vagabundo na constelação social e econômica, e como fato de primeira importância.

¹⁰⁷⁰ Idem, p. 59.

Em seu clássico estudo sobre o capitalismo monopolista, Baran e Sweezy disseram que a "tendência do crescimento do excedente" sob o regime monopolista do capitalismo é fato tão pleno de consequências, que dissecação da anatomia e do metabolismo de um tal sistema toma "a criação e absorção" desse excedente como eixo organizador do livro.¹⁰⁷¹ Isto é, segundo eles, é medular a esse regime de capitalismo o fato de que "(...) o crescimento do monopólio gera uma forte tendência ao crescimento do excedente sem que, ao mesmo tempo, proporcione um mecanismo adequado para sua absorção"¹⁰⁷² - sua contradição definidora. Pois bem, se os "super-lucros" são a característica central do capitalismo monopolista do ponto de vista do capital, a argumentação de Jack demonstra que o desemprego, o vagabundo, o "exército de trabalhadores excedentes", é a característica central do capitalismo monopolista do ponto de vista do trabalho. Como ele escreve, "(...) ser eliminado constitui a função negativa do vagabundo."¹⁰⁷³

Desde que voltara a Oakland em dezembro de 1894, London se havia posto a pensar sobre o tema do vagabundo, do *hobo*, muitas vezes colocando-o debaixo de um microscópio cuja lente estava ajustada para enquadrá-lo em foco central. Era um tópico muito caro a ele, pois encarnava suas mais naturais disposições espirituais e, ao mesmo tempo, a antítese delas mesmas. A tradição laboral que ele herdara da cultura estadunidense, do "Evangelho do Trabalho", o impelia com todas as forças e sem reservas em direção ao labor. Contudo, essa precisa disposição subjetiva o punha nas tramas do mundo do trabalho à sombra monopolista, fazendo-o chocar-se com certos reclames existenciais, aqueles mesmos que o haviam feito meter-se "na estrada"!

Nesses termos, o dilema filosófico com que o vagabundo defrontava tanto Jack London quanto os Estados Unidos pode talvez ser resumido do seguinte modo: ele materializa a mais reprovável de todas as atitudes, o negar-se ao trabalho; mas ele também reivindica, a seu subversivo modo, os chamados "direitos inalienáveis" presentes na Declaração de Independência dos Estados: "direito à liberdade e à busca da felicidade". Nas palavras de Jack: "(...) ele lança à cara da sociedade seu desafio, impõe

¹⁰⁷¹ BARAN, Paul A.; SWEEZY, Paul M. **Capitalismo monopolista - Ensaio sobre a ordem econômica e social americana**. op. cit. sobretudo pp. 60-84.

¹⁰⁷² BARAN, Paul A.; SWEEZY, Paul M. *Sobre a história do capitalismo monopolista*. In: MAGDOFF, Harry; BARAN, Paul A.; SWEEZY, Paul M. **Teoria e história do capitalismo monopolista**. Tradução de Antônio José Fonseca. Porto: Textos Marginais, 1974. p.61

¹⁰⁷³ LONDON, Jack. *The Tramp* [1901]. In: _____. **The war of the classes**. op. cit. p. 95. Pela solução sintética e lapidar, adotamos nessa passagem a tradução sugerida por Luiz Bernardo Pericás em: LONDON, Jack. *O vagabundo*. In: _____. **Escritos políticos**. Seleção e tradução de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Xamã, 2001. p. 40.

um valoroso boicote a todo tipo de trabalho e junta-se aos vagantes de Vagabundolândia, os ciganos de nosso tempo."¹⁰⁷⁴

Ao revelar a impossibilidade subjacente daquele conselho do senso comum ao vagabundo, que o mandava trabalhar, Jack punha a nu a flagrante contradição dos valores oitocentistas diante da modernidade monopolista, e realizava a sardônica inversão do valor social do vagabundo: não era ele quem dependia da caridade daqueles respeitáveis membros empregados da sociedade, mas sim estes que dependiam dele! Do desemprego daquele dependia o emprego destes.

Não é sobre essa mordaz tirada que se apóia o *vilanelle* escrito ainda em 1898, intitulado "Worker's tribute to the tramp" ("Homenagem do trabalhador ao vagabundo", em tradução livre)? No poema, um trabalhador empregado perfaz o eu-lírico, e exclama sua gratidão ao vagabundo: "Os céus abençoem a ti, meu amigo -/ Você, o homem que não se dispõe a suar"; "Se você não vivesse de improviso, meu amigo/ Meu trabalho estaria em perigo". Cada uma das estrofes termina com um versinho repetido: "Tome aqui uma moedinha para você gastar".¹⁰⁷⁵ A dívida de gratidão que o trabalhador percebe em relação ao vagabundo serve aqui como indício de que já em 1898 Jack tateava os fios econômico-estruturais que ligavam um e outro. A argumentação que ele propõe em "The Tramp", portanto, é um alargamento dessa percepção e seu refinamento, para alçá-la à condição de interpretação totalizante.

Por isso é que afirmamos que para que pudesse defender o vagabundo das invectivas do Superintendente O'Neil, London teve de ampliar o foco de sua lente. Se colocarmos lado a lado o artigo de 1896/1897 "The Road", o *vilanelle* de 1898 "Worker's tribute to the tramp", e o artigo de 1901 "The Tramp", perceberemos que eles formam uma sequência, e que ao longo dela uma ampliação de foco foi sendo operada por London, implicando necessária incorporação de mais evidências empíricas, mais fatores causais, mais círculos de abrangência investigativa, mais interlocutores teóricos... e o resultado é uma explicação profunda e com alto grau de coerência interna, *tour de force* sobretudo intelectual, e evidência do amadurecimento de London desde sua volta a Oakland em dezembro de 1894.

Ao colocar aquele vagabundo produto de sua vivência empírica sob a luz do microscópio, primeiro, e ao abrir o foco para contemplá-lo em quadros maiores de

¹⁰⁷⁴ Idem, p. 94.

¹⁰⁷⁵ LONDON, Jack. *Worker's tribute to the Tramp* [1898]. In: _____. **The Complete Works of Jack London**. op. cit. pos. 131629.

causalidade e compreensão, depois, London acabou por descobrir uma ilha. E mais tarde todo um continente. Passados cerca de sete anos desde 1894, ele finalmente pôde dar lugar e entender a importância cabal daquele momento histórico de que participara. Seu faro estava certo: a crucial ligação entre sua temporada como *hobo* e sua formação existencial mostrou-se análoga à centralidade do vagabundo em relação à realidade econômica e social dos Estados Unidos.

Contudo, muito desse processo de descoberta fora fruto de operações intelectuais e teóricas, da laboriosa faina de Jack junto aos livros, que era somente contrabalançada pela vivência prática como militante socialista. Em virtude disto, a descoberta daquele continente, daquele todo ao redor do vagabundo, ainda precisava sedimentar-se em seu íntimo, isto é, na dimensão menos imediatamente racional de seu ser, onde as forças da tradição herdada e as reações subjetivas têm peso determinante. A vigorosa interpretação do artigo de 1901 era um monumento racional moderno, fincado como totem (e tabu) na aldeia da mentalidade *yankee* em que London fora criado, de modo que ainda levou certo tempo para poder ser absorvida em todas as suas implicações subjetivas, emocionais e filosóficas.

Nos parágrafos finais do artigo "The Tramp", London escreve que o vagabundo é o "bode expiatório de nosso pecado econômico e industrial", ao passo que conclui: "Ele foi feito desse modo. A sociedade o produziu. Ele não se fez a si próprio."¹⁰⁷⁶ Não há no primeiro trecho um prelúdio do impacto daquele monumento racional no terreno de seus valores de criação: metáforas religiosas pegadas de mofo do "Evangelho do Trabalho"? E o segundo trecho, não é ele uma afirmação dolorosa e plena de significados filosóficos para um sujeito nutrido nos valores viris do *self-made man* (isto é, do 'homem que faz-se a si próprio)?

Aquele velho conhecido de Jack, o enfrentamento filosófico entre "liberdade" e "determinação", repuxava-o novamente. Como disse Feied: "(...) concepções dentro da moldura do mito homérico e hebraico estavam se tornando cada vez mais difíceis depois de Darwin e de Marx."¹⁰⁷⁷ Estava preparado, portanto, o terreno espiritual para que a experiência do verão de 1902 no East End de Londres pudesse arrebatá-lo com toda a sua virulência, ato fundador da segunda fase de sua literatura, força e fraqueza de sua crítica social.

¹⁰⁷⁶ LONDON, Jack. *The Tramp* [1901]. In: _____. *The war of the classes*. op. cit. pp. 97-98.

¹⁰⁷⁷ FEIED, Frederick. *No pie in the sky: the hobo as an American hero in the works of Jack London, John Dos Passos and Jack Kerouac*. op. cit. p. 12.

IV.3 A civilização do Tão de Ferro: entre Marx e Darwin

Ousamos duvidar das afirmações de Jack London sobre seu "batismo socialista" ter-se dado em 1894, durante sua temporada como *hobo*. Tomamos como indício para essa dúvida o cariz de suas anotações do seu diário de 1894, a manutenção de sua disciplina obstinada de labor após o retorno a Oakland, e a ambiguidade (mais voluntarista que convicta) de seus escritos políticos de 1895. Juntaremos a esses indícios, agora, o cruzamento do *timing* e o teor de alguns de seus textos com alguns episódios biográficos chave da vida de London.

Os textos em que Jack reivindica a peregrinação de 1894 como seu "batismo socialista" são todos posteriores a 1902, e iniciam com o mais expressivo (e ostensivo) deles que é o artigo autobiográfico "How I became a Socialist", escrito em fevereiro de 1903. Em seguida, o assunto é novamente abordado no prefácio da coletânea de ensaios *War of the classes*, de janeiro de 1905; depois no artigo "What life means to me", de novembro de 1905; no prefácio de *The Road*, de 1906-1907; ficcionalmente em *Martin Eden*, de 1907-1908; e, finalmente, referendado no mais próximo de autobiografia que London chegou a produzir, as memórias de *John Barleycorn*, de 1912-1913. Que seja notado o fato de que o início dessas referências praticamente coincide com o limiar de transição entre o que viemos até aqui chamando de primeira e segunda fases da literatura de Jack London.

Considerando, pois, que o tratamento de 1894 como "batismo socialista" se dá no início de 1903, se incorporando à "lenda pessoal" do escritor dali em diante, a mais natural e imediata pergunta que surge é: o que aconteceu naquele momento que o levou a essa (re)interpretação de seu passado?

Respondemos dizendo que as sete semanas que London permaneceu no bairro operário do East End de Londres, no verão de 1902, recolhendo as impressões que formam a espinha dorsal do livro-reportagem *The People of the Abyss*, foram determinantes para essa transformação. A filha do escritor, Joan London, aliás, disse que o pai frequentemente declarava sua predileção por esse livro, dizendo que "Nenhum outro livro que escrevi exigiu tanto de meu coração e de minhas lágrimas como o estudo da degradação econômica dos pobres."¹⁰⁷⁸

¹⁰⁷⁸ LONDON, Jack apud LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. op. cit. p. 240.

A experiência de viver por quase dois meses no East End, adicionado ao esforço monumental de produzir uma interpretação sobre a situação dos pobres de Londres, catalisou de tal modo as energias de London que a compreensão de sua literatura precisa passar por essa gargalo se quisermos dissecá-la como fonte histórica.

Em meados de 1902, já gozando de robusta reputação literária e socialista, jornalística e editorial, "(...) London foi convidado pela Associação Americana de Imprensa para entrevistar o General Christiaan De Wet sobre seu papel na Guerra dos Boêres, que havia recentemente chegado ao fim."¹⁰⁷⁹ Tendo prontamente aceito o convite, Jack partiu de Oakland em fins da primavera de 1902 numa viagem que tinha duas paradas antes da África do Sul: Nova York e Inglaterra. À caminho da costa Leste, no entanto, ele descobriu que a entrevista havia sido cancelada; mas, como em Nova York se encontrou com George Platt Brett, presidente da Macmillian Company (casa editorial que publicou grande parte das obras dele), Jack expôs a ele seu plano de viajar a Londres e conhecer a vida dos residentes esfarrapados do East End londrino. Persuadido Brett, os arranjos para a viagem foram feitos e ele partiu em dois dias.

O início do livro-reportagem revela já algo de fundamental acerca de sua proposta e da maneira como ela foi apreendida por Jack London. Tendo seus planos de ir ao East End confirmados, Jack cuidou para que uma companhia de investigação pudesse minimamente monitorá-lo durante sua estada no bairro, tamanha a periculosidade dele e seu estado de degradação em todos os sentidos. A impressão que se tem acerca desse primeiro capítulo é a de que o escritor se prepara para um safári: "Eu dei um suspiro de alívio. Tendo assegurado meus cabos de segurança, eu estava agora pronto para mergulhar na *wilderness* humana".¹⁰⁸⁰

Jack alugou uma das minúsculas acomodações dos residentes de East End, comprou suas roupas num brechó, munuiu-se de alguns trocados para emergências e integrou-se à vida dos trabalhadores londrinos. Pela estrutura de concomitante relato e estudo, os capítulos de *The People of the Abyss* vão mostrando como o escritor experimentou os mais diversos aspectos da vida operária em Londres: habitação, tratamento médico, alimentação, vestuário, hábitos de sono, perseguição policial, meandros do mundo do trabalho, ocupação do espaço, submundo dos aluguéis e sub-

¹⁰⁷⁹ HAMILTON, David. "The tools of my trade": the annotated books in Jack London's library. op. cit. p. 17.

¹⁰⁸⁰ LONDON, Jack. *The people of the Abyss*. New York: Macmillian Company, 1903. p. 5.

locações de quartos, condições da infância, distribuição de renda, as formas de assistência governamental, presença eclesiástica, a caridade etc. etc. etc.

Dada a variedade temática dos capítulos e o numeroso conjunto de relatos descritivos das vivências que teve, é seguro dizer que London obteve uma experiência considerável acerca das condições práticas da existência no que acabou por chamar de "Abismo", e ela foi avassaladora. De "The Road" (c. 1896-1897) a "The Tramp" (1901) Jack passara da romântica descrição impressionista para a racional interpretação totalizante, mas argumentamos aqui que foi em *The people of the Abyss* que o escritor verificou concretamente as implicações da correlação de forças que ele interpretara, defrontando-se com o terrível quadro humano que ela produzia e podendo sopesar toda a extensão de suas generalizações. Antes de uma hipótese, por mais que baseada na militância de Jack ou em seu rigoroso acompanhamento dos jornais, o East End confrontou-o com uma realidade humana inescapável, que potencializou sua interpretação e mostrou ter ramificações ainda mais terríveis do que as que ele fora capaz de notar e analisar.

Se em "The Tramp" Jack conseguira dar lugar às suas experiências passadas dentro de amplos quadros analíticos, seu foco sobre o vagabundo ainda votava ao seu estudo algo de incidental no que tange a entender o desemprego como "sub-produto econômico", o que concorreu para que certas coordenadas sociais e morais ficassem em segundo plano. Desse modo, ainda que haja uma crítica de London ao moralismo laboral "do juiz, da dona de casa e do policial", a precariedade existencial do vagabundo é mostrada em "The Tramp" sobretudo como resultado de forças econômicas, cuja dinâmica no interior da vida social acabava por criar esse curto-circuito que é o desemprego. Ou seja, o vagabundo era visto ainda como oriundo de um desajuste desses mecanismos econômicos, de sua indefinição em termos de "um padrão absoluto de eficiência"¹⁰⁸¹ - donde ele chamar o vagabundo de "bode expiatório de nosso pecado econômico e industrial".

Esse é o ponto que a experiência do East End o impactou com todas as forças, pois vivendo no bairro operário e integrando-se à existência prática de seus residentes, Jack percebeu que antes de um desajuste econômico dentro do corpo social, a pobreza e o desemprego (e a consequente precariedade existencial de suas vítimas) eram a linha-mestra mesma de seu metabolismo. Isto é, não era a descalibração econômica, por maior

¹⁰⁸¹ LONDON, Jack. *The Tramp*. In: _____. **War of the classes**. op. cit. p. 78.

que fosse, que causava o desemprego (e o vagabundo), mas a marcha mesma da sociedade e da civilização tal como estavam organizadas que o faziam.

Estamos diante de um salto brutal: o desemprego, o vagabundo e a pobreza deixam de ser "sub-produto econômico" em si, e passam a ser enxergados por Jack, antes disto, como produto da civilização!

Quando Jack mergulhou na vida proletária do East End ele descobriu que a precariedade de trabalho e de existência não se resumiam ao descompasso do "padrão de eficiência" econômica diante da qualificação e da disposição dos trabalhadores (e dos vagabundos), mas que era produzido e reproduzido de forma ampliada, como lógica própria da vida social. Elas se instilam desde a complicada hierarquia das sub-locações que constituiu a triste realidade da habitação dos trabalhadores londrinos (capítulos III, IX e XX, p.ex.), até a cruel seleção dos elegíveis para assistência e caridade (capítulo XI e XXV, p.ex.), da onipresença da bebida como o lenitivo da desesperança (capítulos IV, XX e XXVI, p.ex.) até a perseguição policial (capítulo XXIV), a difusão de doenças (capítulo XXI) e a insuficiência dos tratamentos médicos (capítulo XIII). Em suma, London concluiu: "Todas as forças aqui (...) são destrutivas."¹⁰⁸²

Coerentemente materialista, Jack continuou atribuindo à economia e à organização do mundo do trabalho o papel de dínamo central desse estado de coisas. No entanto, não pôde mais deixar de perceber que antes de um efeito colateral ou de uma disfunção da economia, a situação geral da pobreza era produzida e reforçada por inúmeras forças históricas. Donde, portanto, ele começou a usar crescentemente o termo "civilização" a partir de *The People of the Abyss*, pensando dali em diante nesses precisos termos - tanto que se pergunta nas porções finais do livro-reportagem: "(...) é possível afirmar que a civilização melhorou a situação do homem?"¹⁰⁸³

Ao unir as razões explicativas "economia" e "civilização", London se apercebeu de uma nova abrangência e profundidade no estado de coisas reinante, e uma em que os resquícios incidentais da ênfase no vagabundo já não podiam mais existir. A generalização da situação medida em todas as suas implicações revelou ao escritor o que talvez pudéssemos chamar de "pobreza monopolista", ou ao menos uma pobreza de natureza histórica distinta. Ainda que saibamos que o alcance da crise de 1893 já anunciava a existência dessa pobreza distinta nos Estados Unidos, parece que somente a partir da experiência no East End que London se apercebeu *de facto* dela.

¹⁰⁸² LONDON, Jack. *The People of the Abyss*. op. cit. p. 197.

¹⁰⁸³ Idem, ibidem, p. 311.

Vejamos.

Nalguns momentos de *The People of the Abyss*, Jack propõe comparações entre a situação dos vagabundos dos Estados Unidos e dos trabalhadores de Londres. Ele diz, por exemplo, que o *hobo* estadunidense é um "trabalhador dissuadido" (*discouraged worker*), o qual "(...) descobre que vadiar é um modo mais suave de viver do que laborando", enquanto que na Inglaterra "(...) os poderes estabelecidos fazem todo o possível para dissuadir mesmo o vagabundo, de modo que ele seja, de fato, uma criatura coagida em todos os sentidos."¹⁰⁸⁴ Quanto à alimentação disponível, Jack diz: "Quando estive preso numa cadeia da Califórnia por vadiagem, serviram-me melhor comida e bebida do que servem aos trabalhadores londrinos nas *coffee-houses*".¹⁰⁸⁵ E, finalmente, escreve que se um *hobo* estadunidense passasse uma noite ao relento, "(...) até o dia de sua morte teria uma história de aventura para contar aos amigos. (...) Aquelas oito horas noturnas tornar-se-iam sua Odisseia, e ele um Homero", mas que "O mesmo não se dá com esses desabrigados que buscavam os albergues de trabalho ao meu lado."¹⁰⁸⁶

Fala-se de uma distinção entre Estados Unidos e Inglaterra, mas fala-se sobretudo de um tipo distinto de pobreza e de desamparo humano. E mais: essa situação distinta não deriva somente do fato de que a percepção de Jack mudara desde 1894 a 1902, mas também, e talvez principalmente, pela evolução histórica da concentração monopólica desde o fim do século XIX até o início do XX, a qual criava as condições estruturais para a existência desse novo patamar de tragédia social. Mesmo Sherwood Anderson notou essa distinção quando escreveu no seu autobiográfico *A storyteller's story* que "Em todas as cidadezinhas e amplos campos de minha meninice no Meio-Oeste americano, não havia pobreza como eu mesmo veria e conheceria posteriormente, em nossas grandes cidades industriais".¹⁰⁸⁷

A distância que separa a Inglaterra dos Estados Unidos nas comparações de London, considerando que ele punha frente à frente suas duas maiores experiências coletivas e empíricas da pobreza, é a distância que separa 1894 de 1902, um capitalismo que ainda não havia açambarcado a totalidade da vida no Oeste estadunidense e o capitalismo mais maduro e onipresente da metrópole industrial que Londres era no início do século XX. O tom que predomina nessas comparações, portanto, é o mesmo: ressaltar quão mais cruenta e desumana era a realidade do operário londrino em

¹⁰⁸⁴ Idem, *ibidem*, p. 196.

¹⁰⁸⁵ Idem, pp. 234-235.

¹⁰⁸⁶ Idem, p. 76.

¹⁰⁸⁷ ANDERSON, Sherwood. *A story teller's story*. op. cit. p. 3.

comparação com o desempregado estadunidense, considerando especialmente a amplitude das forças e dos mecanismos que sustentam a existência da pobreza, do desemprego, e da precariedade humana.

É por conta disto que a pobreza vista por Jack em Londres era distinta. A precariedade material ou a instabilidade econômica eram em grande medida ainda incidentais na visão de mundo dele: oriundos do desajuste da eficiência produtiva, da ineficiência ou despreparo dos trabalhadores, da eventual falta de afinho do produtor, ou, ainda, de infortúnios eventuais, como acidentes, deformações, recessões ocasionais, intempéries naturais etc. A partir da experiência de 1902, tal como se pode atestar em *The People of the Abyss*, são sobretudo a regularidade e o caráter sistemático da pobreza os fatores que chamaram a atenção do escritor. A quase uma década que se passara desde 1894 não só treinara o olhar de Jack para que ele pudesse perceber esses mecanismos, mas também os consolidou e os tornou mais visíveis concretamente, como parte da realidade. É por isso, sustentamos, que o livro-reportagem está tomado por estatísticas, indicadores numéricos e quantitativos, cifras e demais indicadores de proporção geral, os quais Jack compila exaustivamente: aquela "nova pobreza" exigia então nova régua para poder ser medida; sua magnitude, outra face da concentração econômica, tornava-a menos uma eventualidade casual e muito mais um fato regular (e colossal).

A abundância desses indicadores em *The People of the Abyss* é sintomática. Jack fala haverem 450 mil membros do Povo do Abismo em Londres (capítulo VIII); que todas as noites por volta de 35 mil pessoas dormiam nas ruas (p. 76); que um a cada quatro adultos londrinos "(...) estava destinado a morrer na caridade pública, nas casas de trabalho, nas enfermarias ou nos asilos" (p. 150 e p. 198); que os soldados dispensados do serviço militar depois da Guerra dos Bôeres aumentaram o exército de desempregos em "dezenas de milhares" (p. 194); que quase 1,3 milhão de pessoas recebia 21 *shillings* ou menos como paga semanal (p. 202); que 514 mil tecelões dos condados nortenhos da Inglaterra votaram contra a proibição do trabalho infantil porque não podiam sustentar-se sem o salários dos filhos (pp. 206-207); que 300 mil pessoas viviam em apenas um cômodo, e muitas vezes com suas famílias (p. 213); que de acordo com os cálculos e Charles Booth, haviam em Londres 1,8 milhão de pessoas que estavam nas categorias de "pobres" ou "muito pobres" (p. 214); que 90% da população não tem uma casa que possa chamar de sua; que a diferença de expectativa de vida entre os moradores de East End (bairro operário) e West End (bairro abastado) era de 20 anos

(p. 256); que todo o ano por volta de 500 mil homens, mulheres e crianças sofriam algum tipo de acidente ou adoecimento em virtude do trabalho (p. 256); que de acordo com os dados fornecidos pelo London Country School Board, "em períodos normais, quando não há dificuldades extraordinárias, por volta de 55 mil crianças encontram-se em estado de fome" (p. 291); que o levantamento feito pelo Public Health Act em 1891 que existem 900 mil pessoas vivendo em acomodações ilegais (p. 304); que diariamente 1 milhão de pessoas estava em condições elegíveis para assistência governamental contra a pobreza (p. 291) etc. etc. etc.

Ou seja, não se estava mais diante de uma pobreza oriunda de infortúnios fortuitos ou de tragédias individuais, mas sim uma produzida nos moldes industriais, regularmente e em larga escala. E foi provavelmente isto, a vocação geral e abrangente desse "novo" fenômeno socioeconômico, que fez com que Jack passasse a pensar em termos de "civilização": as cifras eram tão astronômicas que o escopo do fenômeno tinha de ser geral, total. Mais geral e mais total do que havia sido diagnosticado por London em "The Tramp", sobretudo porque mais avassalador.

O resultado desastroso de todo esse jogo de forças é o Abismo. O Abismo e seu Povo. Numa passagem um pouco longa, Jack explica o dínamo industrial que vai pondo em movimento todas as demais partes do mecanismo geral de criação da pobreza e degradação:

Em todos os ramos da indústria, os menos eficientes são expelidos. Tendo-o sido, eles não podem se reerguer e voltar a ascender; devem descer e continuar decaindo até encontrar um nível adequado, um ponto do tecido industrial em que eles são eficientes. Segue-se que (e isso é inexorável) os menos eficientes tem que escorrer até o fundo do poço, que são as ruínas em meio às quais devem perecer. Uma olhada naqueles tidos como ineficientes, que habitam os baixios [*o Abismo*], demonstra que eles estão, via de regra, arruinados mental, física e moralmente.¹⁰⁸⁸

A proporção da desgraça social chama a atenção de London para a organicidade de articulação dos mecanismos que concorrem para manter esse terrível metabolismo econômico em funcionamento, assim como sua aparente onipresença social. A industrialização que se encontrava em estágio de avançado desenvolvimento na Inglaterra desde os primeiros tempos da Revolução Industrial no século XVIII (e Jack menciona esse evento histórico em diversos escritos seus), era a mesma industrialização que avançava a passos largos nos Estados Unidos, fosse em Nova York, fosse em San Francisco. Assim como o segredo da evolução do hominídeo encontrava-se na anatomia

¹⁰⁸⁸ LONDON, Jack. *The People of the Abyss*. op. cit. p. 197.

do macaco, conforme ensinava a arqueologia darwiniana de que London era discípulo, a anatomia industrial de Londres deve ter-lhe parecido conter o segredo do passo seguinte da evolução econômica estadunidense e californiana. Ele tremeu ante essa terrível epifania, de modo que pode-se ouvi-lo ainda tremendo, de medo e indignação, em todos os seus livros e artigos dos anos seguintes.

Se pensarmos mais especificamente em termos literários, notamos que aquela visão romântica que predomina na primeira fase de sua literatura, e que tenta pintar como epopeia as aventuras *on the road* ou no Alasca, aqui já não podia mais sobreviver: a realidade dos fatos é abusivamente cruenta, a tragédia humana que ela encerra é terrível demais para receber bem o verniz épico. Com um pouco de cuidado se nota, à flor do texto, que as antigas referências vão deixando de ser aqueles clássicos velho-mundistas, seja dos mitos da Antiguidade ou das lendas medievais, e em seu lugar começam a proliferar as aproximações à natureza, ao mundo selvagem. Assim, onde antes um personagem sentia uma ira "como a de Zeus"; onde o casal formado de um homem branco e uma mulher índia era descrito como "a donzela e seu cavaleiro"; onde os exploradores nortenhos eram "companhias de Argonautas"; onde um minerador do Klondike era um "Ulisses"; e onde a natureza gelada do Norte fazia esquecer as "Arcádias sorridentes" do Sul;¹⁰⁸⁹ agora, à mulher desempregada que erra pelas ruas com seus apetrechos para dormir, diz-se que é "Como o caracol, que carrega sua casa consigo"; sobre os despossuídos na fila da caridade do Exército da Salvação, Jack escreve que são "arrebanhados como porcos, empacotados como sardinhas e tratados como vira-latas"; sobre os homens longamente desempregados que vagam pelas ruas, diz-se que "Quando não tem nada mais que fazer, ruminam como as vacas ruminam"; sobre um homem que bateu em sua mulher, é descrito ele como "(...) tendo-a atropelado de maneira muito similar a que um cavalo pisoteia uma cascavel"; e sobre os homens da miserável Commercial Street, é dito que "Lembravam gorilas. Seus corpos eram pequenos, deformados e atarracados."¹⁰⁹⁰

O espaço para a confecção do épico não existia mais, donde o fenecimento da busca das afinidades clássicas. Os homens que ele via estavam longe dos arquétipos transcendentais e livres daquelas narrativas. A violência sistemática do todo social que ele vira em Londres, dissecado em seus pormenores internos, tornava os esforços de

¹⁰⁸⁹ LONDON, Jack. **The son of the wolf - Tales of the Far North**. op. cit. p. 24, p. 28, p. 72, p. 204, e p. 89, respectivamente.

¹⁰⁹⁰ LONDON, Jack. **The People of the Abyss**. op. cit. p. 62, p. 132, pp. 229-230, p. 222, e p. 285, respectivamente.

romantizá-lo exercícios de ingenuidade, donde a implacabilidade da natureza apresentar-se como melhor fiel da balança filosófico e estético. Ele não disse anteriormente que o trabalhador londrino é "uma criatura coagida em todos os sentidos"?¹⁰⁹¹ Não disse também, desde seus primeiros livros, que "A Natureza tem muitos truques para convencer o homem de sua finitude", e que diante de seu poder, o homem sente-se "intimidado, assustado com o som da própria voz"?¹⁰⁹² Os exemplares de homens e mulheres que Jack conheceu em Londres estavam muito mais próximos desse último tipo do que daquele primeiro, donde poderemos bem compreender porque uma estrutura e uma estética naturalistas se adequavam melhor à matéria-prima real que ele moldaria ficcionalmente dali em diante.

Sintomaticamente, o máximo em termos de referência clássica que Jack consegue reter em *The People of the Abyss* é a *Divina Comédia* dantesca. Quando adentra pela primeira vez num albergue noturno em Londres, assim ele o descreve: "(...) parecia alguma antessala das regiões infernais". Ao descrever a tensa espera dos desabrigados na fila do Exército da Salvação, sem saber se conseguiriam ou não um leito para aquela noite, é dito: "Por tudo o que vi, estou convencido que Tântalo sofre de muitas formas por esses lados das regiões infernais." E quando testemunhou as grandes quantidades de homens dormindo nos bancos e sob as marquises, Jack escreve que ali "(...) se encontrava uma vasta massa de distorcida e miserável humanidade, cuja visão teria impelido Doré a vôos diabólicos mais extravagantes do que ele jamais imaginou."¹⁰⁹³

O Abismo do título, aliás, corroborado pelo indício da "Descida" do primeiro capítulo, presta-se à dúvida sobre o livro-reportagem reclamar suas influências mais da *Divina Comédia* de Dante, ou mais de *A máquina do tempo* de H.G. Wells; mais dos tártaros infernais ou mais do submundo dos Morlocks. Independentemente de qual pese mais, e se os livros de Engels e de Riis não têm também seu quinhão de influência ali, *The People of the Abyss* parece ter levado Jack London mais longe e mais fundo numa seara filosófica e existencial que ele começara a perseguir havia anos. Desse ponto de vista, aliás, argumentamos que a conclusão de um ciclo de transição se dera ali, constituindo-se como um ponto de viragem determinante - a nosso ver mais

¹⁰⁹¹ Idem, ibidem, p. 196.

¹⁰⁹² LONDON, Jack. *The White Silence*. In: _____. **The son of the wolf - Tales of the Far North**. op. cit. p. 7.

¹⁰⁹³ LONDON, Jack. **The People of the Abyss**. op. cit. p. 102, p. 131, e p. 62.

determinante que 1894, dado que a própria ideia de que 1894 houvesse sido um "batismo socialista" só se deu após 1902.

Em 1894 Jack deixou o Oeste dos Estados Unidos, o qual encontrava-se em meio ao processo de estabelecimento definitivo da fronteira, e partiu para a costa Leste, onde parece ter tido uma visão do futuro castrador da civilização urbano-industrial em Nova York, em Washington e em Boston. O Leste dos Estados Unidos, nesse ínterim, deve ter se oferecido aos olhos dele como a fonte e o destino do Oeste, deixando-o abalado e pensativo sobre seu próprio lugar nesse arranjo de coisas. Em 1902, portanto, quando foi à Inglaterra, Jack foi ainda mais longe para refazer o caminho pelo qual a civilização capitalista havia chegado aos Estados Unidos, ao passo que as profundidades do pesadelo se tornaram mais abissais. A intersecção da genealogia dessa civilização com a genealogia da pobreza lhe pareceu por demais expressiva para ser tratada como coincidência.

Ter notado essa concomitância potencialmente causal fez com que sérios questionamentos viessem à tona no íntimo de Jack, inclusive alguns a respeito de seu possível endosso à consecução desse estado de coisas, sua participação nesse processo. Na falta de um termo mais adequado a esse estado de espírito em que o escritor se encontrou a partir do verão de 1902, chamaremos-lo de mal-estar ético, quiçá com algum sentimento de "culpa", pois há em sua literatura pós-1902 uma interessante contrasimetria cujo sentido parece ser o de mudar o sentido de suas pegadas pregressas, sobretudo em assuntos relacionados àquele crise filosófica e civilizacional que ele experimentara em Londres. Em poucos domínios isso se manifesta de maneira mais expressiva do que na maneira como suas concepções darwinianas sobre trabalho e sociedade se modificam, ao passo que cabe-nos persegui-la.

Jack escreveu em "How I became a socialist" que a jornada de 1894 o dissuadira de ser um "individualista" e um "otimista" tal como ele havia sido até aquele momento. Segundo ele, ser essas duas coisas "era muito natural", pois ele era "saudável e forte", além de "um vencedor",¹⁰⁹⁴ e desse ponto de vista, diante de tudo o que discutimos nos capítulos I e III, o estado de espírito e o horizonte de expectativas dele estavam em sintonia com as estruturas de sentimento dos Oitocentos estadunidenses. Não é de se espantar, inclusive, que o artigo de London teça ligações entre a "dignidade do trabalho", e o fato de ele ser "um jogo adequado para HOMENS",¹⁰⁹⁵ inclusive no que

¹⁰⁹⁴ LONDON, Jack. *How I became a Socialist*. In: _____. **War of the classes**. op. cit. pp. 268-269.

¹⁰⁹⁵ Idem, *ibidem*, p. 271 e p. 269, respectivamente.

isso implicava de orgulho viril e de um certo espírito competitivo muito afeito à ideologia liberal, ao altissonante *laissez-faire* daquela sociedade naquele momento histórico.

Ou seja, a obstinação laboral típica dos Oitocentos tinha em London um convicto apologeta, e um que não se furtava a dizer que "O trabalho era tudo".¹⁰⁹⁶ Logo, apesar de seus reclames de que depois de 1894 essa obstinação tenha se desvanecido, é pouco provável que o tenha de fato, sobretudo considerando os esforços monumentais que ele realizou desde 1895 para conseguir, como ele próprio disse, "viver de seu cérebro". Os estudos escolares condensados, os reclames de ter estudado dezenove horas por dia, o ritual das mil palavras matinais, o rigor da conciliação entre estudo e trabalho, as estratégias para maximização de leitura, a quantidade de manuscritos enviados a jornais e revistas (etc.), tudo isso testemunha contra 1894 ter sido o divisor de águas que, em 1903, London diz que ele foi. Dissemos anteriormente que a condição trabalhadora dele impôs esse pedágio, e isso não é mentira; mas também não é mentira afirmar que esse obstinação laboral foi encampada por London também como uma ética auto-imposta.

Mesmo num artigo posterior em que dava conselhos a jovens escritores que queriam ser publicados, "Getting into print", Jack falava como um típico crente do evangelho do trabalho oitocentista, dizendo a eles que "é preciso soletrar TRABALHAR com maiúsculas". E algo parecido pode ser dito quando olhamos para os arquetípicos *self-made men* que protagonizam as histórias de sua primeira fase literária: eles são orgulhosamente individualistas e teimosamente competitivos no que isso implica de virilidade e autonomia, caracteres estes dos quais deriva seu porte heróico.

O ponto que nos interessa aqui é perceber que, como filho de seu tempo e cria histórica dos valores dos Oitocentos, Jack não abandonou completamente sua ética de trabalho, seu orgulho competitivo e sua dignidade viril por conta de 1894. Afirmar isto significa dizer que 1894 não acabou com seu "otimismo" e seu "individualismo" como ele quis fazer crer a partir do seu "How I became a Socialist" de 1903. O estranhamento de Jack com todos esses valores data de 1902 e não de 1894, porque foi então, a partir da experiência no East End de Londres, que ele se deu conta das implicações ideológicas, políticas e, enfim, humanas que eles tinham, sendo esse o momento em que

¹⁰⁹⁶ Idem, p. 271.

começa a se esforçar para afastar-se deles - adiantando a ruptura com eles para 1894 ao invés de 1902 ou 1903, e dizendo que desde lá já os havia renegado como filosofia.

Nosso propósito aqui não é, certamente, desacreditar London ou sublinhar pretensas incoerências suas. O que queremos é notar que o sentido histórico desses valores se alterou radicalmente entre o final do século XIX e o início do XX, grandemente em virtude da consolidação de uma estrutura monopólica e de relações sociais de produção sob um tal regime. Jack London foi enredado por essa rápida mudança, tendo levado certo tempo para entender que o "individualismo", o "otimismo", o espírito competitivo e o orgulho viril haviam tido seu significado transformado ao longo do processo cuja compreensão total ele somente alcançou vivendo no East End no verão de 1902.

A compreensão dessa mudança de sentido, aliás, é o que permite entender os dilemas que tomaram conta dos Estados Unidos no final do século XIX e início do XX, e também como nublaram o horizonte de ação de trabalhadores tais como Sherwood Anderson e Jack London. Esses dois, aliás, por diferentes pessoas que tenham sido, foram capturados numa mesma armadilha: a crise de consciência que toma conta de Sherwood e de seus personagens, desse ponto de vista, é muito parecida com o mal-estar ético e os esforços de esconjuro de London depois de 1902.

A inércia das tradições culturais dos Oitocentos, sobretudo nesse caso dentro dos quadros de formação do Oeste dos Estados Unidos, pesaram sobre os ombros e a mente de London por bastante tempo. A valorização do orgulho viril, do espírito competitivo e de certo individualismo se encaixavam bastante bem com as condições econômicas e sociais nas quais se deu a ocupação daquele território. Competirem economicamente os indivíduos uns com os outros não parece ter sido um problema estrutural enquanto razoáveis condições materiais de igualdade se mantiveram em pé. Isso que estamos chamando aqui de "espírito competitivo" era uma herança liberal que fez junto com os *forty-niners* a travessia continental em meados do XIX, e que constituía, junto com a individualidade e o cultivo másculo, alguns dos traços mais marcantes da vida cotidiana, para seu equilíbrio tanto quanto para sua evolução, na violência ou na estabilidade (cf. capítulo III).

É preciso ressaltar a organicidade com que essa articulação ocorria. Enquanto mantiveram-se minimamente estáveis estruturas de propriedade, produção e comércio, um certo equilíbrio se desenhou entre os sujeitos econômicos e os ideais liberais do *laissez-faire* puderam ser cultivados até darem frutos. Os ideais de prosperidade

calcados na obstinação do trabalho que Jack confessou ter tido quando sonhava tornar-se engenheiro de bondes elétricos, em *John Barleycorn*, são exemplares disto. E o mesmo se pode dizer de seu orgulho de "nunca ter sido dispensado por um chefe" ou de ter força e resistência físicas mesmo em condições de clara exploração econômica, tal como aparece em "How I became a Socialist".

Em um tal estado de coisas, a competição entre os agentes econômicos, entre os indivíduos, tendia a manter um certo equilíbrio que na primeira fase de sua literatura, Jack chamou de "fair play" (jogo justo): ele está em *The son of the wolf*, quando dois homens prestes a entrar em duelo manifestam "tácita aquiescência" sobre suas regras individuais e potencialmente fatais; está em *The god of his fathers and other stories* quando Fortune La Pearl não trapaceia num duelo mesmo ameaçado pelo risco de morte, pois "(...) ele iria jogar justo [play fair]"; está na resposta que Vance Corliss dá quando perguntado sobre uma briga em que tomara parte em *A daughter of the snows*, dizendo que não se arrepende porque "Foi uma luta justa [fair fight]"; e está, finalmente, em *The call of the wild*, quando Buck se ressentia por sua briga com outro cão ter se dado cercada pelos demais, os quais interferiam na contenda, de modo que "Não havia jogo justo [fair play]".¹⁰⁹⁷

Curiosamente, ele usou esse "fair play" para diferenciar as relações civilizadas daquelas predatórias que ocorrem na natureza. No conto "The men of Forty-Mile" (de *The son of the wolf*) a civilidade se erigia na *wilderness* nortenha precisamente no momento em que condições iguais eram dadas a dois sujeitos que iriam competir entre si, de modo que se encarava com muita naturalidade que, nesses termos, o mais engenhoso, astucioso, perseverante, virtuoso, corajoso (etc.) prevaleceria. Trata-se de uma noção individualista, mas, conforme diz o escritor, partia-se do aparentemente óbvio pressuposto de que "A vida é um jogo, e os homens os jogadores".¹⁰⁹⁸

Cabe notar, somente a título de arqueologia social, que a ideia de "vida como jogo" encontra-se também fortemente arraigada no voluntarismo laboral de Sherwood Anderson, seguindo a trilha de Thoreau e Whitman; e que também constitui, segundo H.L. Mencken e G.J. Nathan a pedra angular, o pressuposto-base do que eles chamaram, em 1920, de "O Credo Americano".¹⁰⁹⁹

¹⁰⁹⁷ Em cada um dos livros mencionados, em respectiva ordem: p. 62, p. 84, p. 136 e p. 45.

¹⁰⁹⁸ LONDON, Jack. *The men of Forty-Mile*. In: _____. **The son of the wolf - Tales of the Far North**. op. cit. p. 60.

¹⁰⁹⁹ MENCKEN, H.L.; NATHAN, G.J. **The American Credo - A contribution toward the interpretation of the national mind**. op. cit.

No caso de London, inseriu-se um fator muito determinante nessa visão de mundo entre 1895-1897, que foi o evolucionismo darwinista. Os anos que se seguiram à volta das peregrinação como *hobo* foram de intenso estudo e numerosas leituras para London, e David Hamilton afirmou que por volta do momento em que deixou a universidade em 1897, o escritor era conhecedor de Charles Darwin, Thomas Huxley, Herbert Spencer e outros biólogos, cientistas e naturalistas. Tão determinante quanto isso, inclusive, parece ter sido o fato de que quando partiu para o Klondike, London só levou três livros: um título pouco conhecido sobre as minas do Alaska;¹¹⁰⁰ o *Paraíso Perdido*, de John Milton; e *A origem das espécies*, de Darwin.¹¹⁰¹

Foram longos meses em que o sumo desses três livros teve de ser chupado até a última gota para compensar a escassez de outras leituras. A rusticidade de trato do Klondike e a hostilidade da natureza amalgamaram-se com a leitura de Darwin, de modo que nos seus contos sobre o Far North se pode flagrar diversas vezes menções à "seleção natural", à "sobrevivência do mais apto", à ideia de transmissão de caracteres de raça pelas gerações etc. Batalhas primitivas, esforços adaptativos e as grandiosas forças do "sangue" e da "raça", atuando sobre os personagens e pesando sobre os episódios ficcionais, são recorrentes na primeira fase da literatura de London, e é em grande parte à influência de Darwin que as devemos.

Curiosamente, no entanto, Darwin veio infundir concretude e por vezes ortodoxia num leito que havia se assentado anteriormente por outro pensador, e cuja descoberta fora arrebatadora para London: Herbert Spencer. Charmian London, aliás, disse que *Philosophy of Style*, de Spencer, foi o livro que "mais influência teve na moldagem da obra" de seu marido,¹¹⁰² e o próprio Jack, em carta de 10 de agosto de 1899 para Cloudesley Johns escreveu que os *First Principles* de Spencer, "sozinho, deixando de lado o resto de sua obra, fez mais pela humanidade, e através dos tempos ainda fará mais pela humanidade, do que mil livros".¹¹⁰³ É esse livro de Spencer, aliás, que reza a lenda ter London aberto numa noite quando deitara na cama, para que "a manhã seguinte o encontrasse ainda lendo-o".¹¹⁰⁴

A reforçar a importância de Spencer no pensamento de London encontra-se o fato de que ao longo de sua militância, por volta de 1896 ou 1897, ele conheceu um de

¹¹⁰⁰ Trata-se de *Through the goldfields to Alaska*, de Miner W. Bruce

¹¹⁰¹ HAMILTON, David. "The tools of my trade": the annotated books in Jack London's library. op. cit. p. 8.

¹¹⁰² LONDON, Charmian. *The book of Jack London - Volume I*. op. cit. pp. 42-43.

¹¹⁰³ LONDON, Jack apud LONDON, Charmian. *The book of Jack London - Volume I*. op. cit. p. 304.

¹¹⁰⁴ KINGMAN, Russ. *A pictorial life of Jack London*. op. cit. p..

seus discípulos, Frank Strawn Hamilton. Este estava a discursar em defesa do socialismo sobre um caixote de madeira na City Hall Plaza, no caminho que o escritor tinha de fazer para ir à biblioteca pública. O biógrafo Russ Kingman diz que a eloquência de Hamilton capturou London, concorrendo para aprofundar sua apreciação pelo pensador, e fazendo-o encaminhar-se na seara investigativa e filosófica de Spencer. A passagem em que Kingman descreve a influência spenceriana sobre o pensamento de London é longa, mas certa o suficiente para justificar sua presença no corpo dessa argumentação:

E ali estava Spencer, organizando todo o conhecimento para ele, reduzindo tudo à unidade, elaborando realidades definitivas, e apresentando ao seu olhar espantado um universo tão concreto que parecia um daqueles modelos de navio que os marinheiros confeccionam para colocar dentro de garrafas de vidro. Não havia capricho, não havia acaso. Tudo era lei. Todas as coisas se relacionavam com todas as outras coisas, da mais distante estrela nos confins do espaço até a miríade de átomos de um grão de areia debaixo do pé de alguém. Esse novo conceito foi motivo de perpétua fascinação para Jack, e dentro em breve ele viu-se imbuído de tentar traçar as relações entre todas as coisas debaixo do sol. Ele produzia listas das mais incongruentes coisas e não sossegava até estabelecer o parentesco entre todas elas - amor, poesia, terremotos, fogo, cascavéis, arco-íris, pores do sol, rugidos de leão, canibalismo, beleza e assassinato.¹¹⁰⁵

Essa breve digressão de genealogia intelectual serve para que se compreenda que Spencer e Darwin vieram aglutinar-se de um modo muito curioso, e um tanto quanto perturbador, no altar dos valores Oitocentistas de London. Ele aprendera de Spencer o método de observação por meio das homologias da natureza, com sua estruturação por meio de leis e de padrões; e de Darwin a lógica interna da mudança, o metabolismo que rege a evolução e que, por seu intermédio, fixa e rompe essas mesmas leis. Na medida em que a égide amalgamada desses dois mestres permitia compor quadros de permanência e mudança para os fatos naturais, seu funcionamento e sua evolução, não demorou para que fossem transpostos (por sugestão mesma de Spencer, muitas vezes) para o estudo dos fatos sociais. Na mente de London, muito naturalmente a "seleção do mais apto" parece ter sido posta em pé de igualdade com a competição individual travada na arena da economia e da sociedade. Junto com ela, inclusive, a obstinação laboral e o orgulho viril tornaram-se heranças atávicas ou propriedades de linhagem, passando a também tomar parte no grande jogo que a vida parecia, a ele, ser. Não diz o

¹¹⁰⁵ Idem, *ibidem*.

escritor, em texto de 1899, que "A seleção social a que o homem está sujeito é simplesmente outra forma da seleção natural"?¹¹⁰⁶

O típico espírito competitivo liberal passou a vibrar, desse modo, na mesma frequência da seleção darwiniana; e na faina do reconhecimento de padrões homólogos entre natureza e cultura, aprendida de Spencer, a competição entre os indivíduos tornou-se pretensão mecanismo de garantia de prevalência do mais capaz, quiçá do "melhor". A excelência individual (no caso de Jack sobretudo laboral, como vimos) passa a ser seu quinhão no grande esquema evolutivo das coisas, no grande "jogo" que é a vida, de modo que não surpreende que nesse ínterim seu orgulho viril tenha encontrado afinidades com o conceito do super-homem nietzschiano - o ser cuja excelência, obstinação e astúcia deviam transcender os parâmetros de moral de suas imediações históricas.

Como se pode perceber já a essa altura, encontramos-nos a um passo do social-darwinismo mais abjeto, cuja retórica de pragmatismo em nome do progresso serviu para justificar tanta barbárie humana - aliás, não era London um ávido leitor de Kipling, o poeta britânico do "fardo do homem branco"? Jack, por volta daqueles anos de 1895-1900, encontrava-se fascinado pela organicidade do conjunto das coisas, pelos paralelos possíveis entre natureza e sociedade, e nesse sentido não estava sozinho. As raízes do determinismo e do social-darwinismo nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX foram já desenterradas em extensão suficiente para que saibamos terem tido uma presença muito maior que se podia imaginar (ou desejar).

Henry Steele Commager demonstrou que o filósofo John Fiske "Fez sua a tarefa de reconciliar não apenas a Religião mas toda a Filosofia com a evolução",¹¹⁰⁷ ao passo que ouvimos esse velho filósofo novo-inglês dizer convicto que "De acordo com o darwinismo, a criação do Homem é ainda a meta para a qual a Natureza tende desde o início. (...) Assim, chegamos (...) à conclusão de que o Homem parece agora (...) a principal dentre as criaturas de Deus."¹¹⁰⁸ O próprio Spencer, ao erguer a ponte entre idealismo e evolução, dizia no segundo volume de seu *Principles of Sociology*, de 1882, que "(...) na competição entre indivíduos da mesma espécie a sobrevivência do mais

¹¹⁰⁶ LONDON, Jack. *Wanted: A new law of development*. In: _____. *War of the classes*. op. cit. p. 220.

¹¹⁰⁷ COMMAGER, Henry Steele. **O espírito norte-americano - Uma interpretação do pensamento e do caráter norte-americanos desde a década de 1880**. op. cit. p. 94.

¹¹⁰⁸ FISKE, John apud COMMAGER, Henry Steele. **O espírito norte-americano - Uma interpretação do pensamento e do caráter norte-americanos desde a década de 1880**. op. cit. pp. 94-95.

apto tem desde o início tem encaminhado a produção de um tipo superior".¹¹⁰⁹ Não se suspeita flagrar um vislumbre embrionário disto no coração do *Thanatopsis* de Bryant, quando da Natureza tudo se tira e à Natureza tudo se submete - "Os poderosos da terra - o sábio, o bondoso,/ As belas formas e os videntes encanecidos de eras pretéritas,/ Todos em um único imponente sepulcro"?¹¹¹⁰

A jornada intelectual e filosófica de Jack London desde 1895 ampliou a zona de contato dele com seu tempo, concorrendo para que a solda entre o *laissez-faire* liberal (na medida em que criava as pretensas condições de prevalência do "mais apto") e a lógica evolutiva darwiniana (na medida em que compunha o receituário do progresso na natureza) fosse estabelecida. Essa associação encontra-se manifesta em inúmeros escritos de London, nos quais uma aprovação ora tácita ora aberta disto tende a prevalecer (os *self-made men* de sua literatura iniciática não são epígonos dessa seleção?), e uma que só muito timidamente foi cedendo espaço ao ceticismo.

Podemos vê-lo quando seu alter-ego, Herbert Wace, fala entusiasticamente sobre "estirpicultura" em *The Kempton-Wace letters*, definindo-a como "perpetuação científica" e exortando-a a "(...) tomar o lugar do amor romântico"¹¹¹¹ para que se pudesse dar melhor continuidade à seleção e ao refinamento dos "mais aptos". O vemos também no artigo "The question of the maximum", de 1899, quando ele tenta sumarizar o processo de evolução que chegou até a presente civilização como consagração dos mais aptos (enxergando esse processo como evolução econômica):

Há muitas linhagens de homens que falharam no período crítico de sua evolução econômica (...). Competidores mais fortes tomaram seu lugar, de modo que elas ou pereceram no esquecimento ou permaneceram para ser esmagadas pelo tacão de ferro das raças dominantes, em meio à luta mais desprovida de remorso que o mundo já viu.¹¹¹²

Nesse trecho, aliás, sublinhamos dois pontos.

O primeiro é o fato de que alguma ambiguidade existe na presunção de que a luta pela primazia do "mais forte" (stronger) ou dos "dominantes" (dominants) é potencialmente "desprovida de remorso" (remorseless), isto é, Jack dá indícios de que reconhece o processo de evolução como potencialmente (ainda que não necessariamente) cruel. O segundo ponto é que ele usa o termo "tacão de ferro" pela

¹¹⁰⁹ SPENCER, Herbert. **Principles of Sociology - Volume II**. New York: Appleton & Company, 1900. p. 240.

¹¹¹⁰ BRYANT, William Cullen. *Thanatopsis* [1811]. Disponível em <<https://www.poetryfoundation.org/poems/50465/thanatopsis>> Acesso em 17 out 2018.

¹¹¹¹ LONDON, Jack; STRUNSKY, Anna. **The Kempton-Wace letters**. op. cit. p. 194.

¹¹¹² LONDON, Jack. *The question of the maximum*. In: _____. **War of the classes**. op. cit. pp. 151-152.

primeira vez, o qual mais tarde será o título de um de seus mais conhecidos romances. O termo é usado aqui num sentido mais lato do que posteriormente, designando sim a projeção evolutiva das "raças dominantes", mas sobretudo a marcha da evolução em termos mais gerais, sua força aparentemente inescapável - rescendendo à teleologia, por vezes.

A lógica filosófica desse argumento pressupõe um certo pragmatismo que se escora na Natureza para justificar seu débito com o humanismo. Há nele um maquiavélico "os fins justificam os meios" que expunha as contradições, e os consequentes dilemas, a que havia chegado o liberalismo estadunidense daquele fim de século, diante da consolidação do capitalismo monopolista. O capitalismo "liberal" americano até aquele momento alimentara-se da expansão extensiva por sobre seu território, recriando "adamicamente" (diria R.W.B. Lewis) seu fôlego cíclico, e sustentando os modos de vida e as estruturas de sentimentos liberais nessa marcha. Quando a última fronteira é fechada, a expansão extensiva do capitalismo chega também ao fim, e foi sobre seu próprio corpo, estendido sobre o continente ao longo de quase três séculos, que ele teve de se voltar: esse foi o pontapé inicial para o capitalismo monopolista. Foi também o pontapé inicial para o teste de resiliência dos antigos modos de viver e estruturas de sentimentos nessas novas bases.

Os escritos de Jack da virada de século estão repletos dessa ambiguidade. Para atestá-lo, basta colocar diante um do outro os artigos "What communities lose by the competitive system" ("O que as comunidades perdem por causa do sistema competitivo", de julho-agosto/1899) e "Wanted: A new law of development" ("Procurase: uma nova lei de desenvolvimento", de 1901-1902). Confrontando-os, verifica-se que não estão assentadas ainda as ideias dele a respeito da busca de excelência individual por meio da competição, e o impacto humano do jogo de seleção darwiniana; oscilando ele, pois, entre medo e entusiasmo, entre o endosso e o ceticismo. Essa ambiguidade estava também expressa no social-darwinismo nos Estados Unidos da época, como disse Richard Hofstadter: "Enquanto alguns esperavam uma nova e mais alta moralidade, outros temiam um completo colapso dos padrões morais."¹¹¹³

Naquele primeiro artigo, como o título diz, London tenta apontar alguns dos males que podem advir de uma dinâmica social competitiva - fica-se tentado a ver nele a influência dos artigos de Kropotkin sobre a "ajuda mútua como fator de evolução",

¹¹¹³ HOFSTADTER, Richard. *Social Darwinism in American thought*. op. cit. p. 85.

que foram publicados na revista inglesa *The Nineteenth Century* entre 1890 e 1896.¹¹¹⁴ Como bom discípulo de Spencer, London insiste sobre o paralelismo possível entre natureza e cultura, buscando parear o advento da cooperação entre os animais e os hominídeos com os passos de seu avanço em escala social, econômica e mesmo estética! Segundo ele, "a cooperação tem marcado o progresso do homem", e o tem sido pelo fato de que proporciona a "redução dos atritos internos das unidades formadoras do organismo social".¹¹¹⁵ Diante disto, pode parecer que o escritor socialista advogava pela diminuição da competição, e, dado o histórico liberal da sociedade americana, que era contra a lógica do individualismo que Jack estava se voltando quando escreveu essas linhas. Ledo engano! Depois de uma argumentação que passa pelo controle da perda (loss) ou sobrecarga (costliness) dos esforços sociais de sobrevivência, mediada esta pela "seleção comercial" (commercial selection), a conclusão se alinha com a longa tradição ideológica do país, perfazendo a articulação entre seleção, indivíduo e progresso: "Variedade é a essência do progresso; e sua manifestação é a manifestação da individualidade."¹¹¹⁶ Por acaso quando Stuart Mill e Adam Smith celebravam as vicissitudes da inventividade sancionada pelo liberalismo econômico, não diziam algo muito similar?

No segundo texto, cujo título se lê ou como um cartaz daqueles de Velho Oeste ou como um anúncio da seção de Classificados de um jornal, o que se procura é uma lei de desenvolvimento que possa suprir os curto-circuitos que a natureza moral da sociedade acabou por criar. Vejamos. A primeira frase do artigo é uma afirmação categórica: "A Evolução não é mais uma mera hipótese hesitante. (...) cada divisão e subdivisão da ciência contribuiu com suas evidências até que, agora, o caso esteja completo e o veredito lavrado." E o "veredicto", a "lei de desenvolvimento", é o seguinte: "(...) na luta pela existência, o forte e o apto, e a progênie do forte e do apto, têm melhor oportunidade de sobrevivência que os fracos e menos aptos, bem como a progênie destes."¹¹¹⁷ Ora, muito friamente Jack concluía que na medida em que na disputa por "comida e abrigo" os mais fortes sobrepujam os mais fracos, "(...) a espécie

¹¹¹⁴ KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. Tradução de Waldyr Azevedo Jr. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

¹¹¹⁵ LONDON, Jack. What communities lose by the competitive system. Disponível em <http://www.jacklondons.net/writings/Essays/competitive_system.html> Acesso em 22 fev 2016.

¹¹¹⁶ Idem, ibidem.

¹¹¹⁷ LONDON, Jack. *Wanted: A new law of development*. In: _____. **War of the classes**. op. cit. p. 217 e pp. 217-218, respectivamente.

é constantemente purgada de seus membros ineficientes", ao passo que "(...) a força média de cada nova geração tende a aumentar."¹¹¹⁸

No entanto, algo muda nessa dinâmica quando o homem passa a "(...) domesticar um ambiente antes hostil", estabelecendo a sociedade civil e humanitária, seja por meio da criação de hospitais e asilos para os "ineficientes", seja pela fundação de leis e instituições penais para os "demasiado fortes" (viciously strong). O momento em que isso se estabelece é o momento que Jack chama de "aurora do homem comum", o que, na sociedade de seu tempo, ele associa fortemente ao advento das organizações trabalhistas e sua lei magna: "Não haverá mais uma luta de morte por abrigo e comida. A velha e impiedosa lei de desenvolvimento há de ser anulada."¹¹¹⁹

Eis estabelecido o impasse. Jack explica-o dizendo:

Quando a hora do homem comum chegar, as novas instituições sociais daquele dia vão impedir a erradicação da fraqueza e da ineficiência. (...) Assim sendo, e se nenhuma lei efetiva de desenvolvimento for posta em vigor, o progresso cessará. E não somente cessa o progresso, pois a deterioração se instalará. Trata-se de um problema prenhe de consequências.¹¹²⁰

Para nosso desconcerto, a argumentação de Jack alcança suas mais altas notas progressistas, celebrando a emancipação do homem em relação a uma existência animal e tecendo simpatias radicais aos trabalhadores, no momento mesmo em que propõe o mais social-darwinista dos questionamentos! Ele fala de "captura da máquina política para tornar ilegal a propriedade capitalista dos meios de produção", argumenta que "(...) a sociedade capitalista perdeu seu direito de existir ao permitir a pobreza bestial e generalizada", mas não pode furtar-se à preocupação sobre "Qual será a natureza dessa nova e necessária lei de desenvolvimento",¹¹²¹ se ela será capaz de proceder à "erradicação da fraqueza e da ineficiência", dos "fracos e menos aptos".

A explicação dessas articulações não precisa se resignar à acusação de incoerência, ainda que necessite escorçar suas contradições. E é através da compreensão histórica que pode fazê-los ambos. Logo, é à transição do capitalismo oitocentista ao monopolista que precisamos nos endereçar para dar conta de entender essa junção filosófica bizarra, de modo que é à experiência de Jack London no East End de Londres, novamente, que precisamos nos voltar, pois foi ela que catalisou a tomada de consciência do escritor para esse processo.

¹¹¹⁸ Idem, ibidem, p. 219.

¹¹¹⁹ Idem, p. 262.

¹¹²⁰ Idem, pp. 263-264.

¹¹²¹ Idem, pp. 245-246, p. 254, e p. 264.

As memórias de 1913 não mencionam abertamente a experiência no East End, mas na medida em que estabelecem uma sequência cronológica dos eventos da vida de London, é possível determinar a parte do livro que se refere a esse momento, e são os capítulos XXVIII e XXIX, sobretudo. Como essas memórias foram organizadas ao redor da presença da bebida, John Barleycorn, em sua vida, Jack nos permite datar o evento em questão, pois fala justamente do momento em que o alcoolismo finalmente começou a se tornar uma força poderosa sobre ele, e que isto era a coroação de seu convívio "de um quarto de século com John Barleycorn"¹¹²² - ou seja, estamos por volta de 1901-1906.¹¹²³

O longo processo de amadurecimento pelo qual Jack passou desde 1895 o conduziu na direção do crepúsculo de seus ídolos oitocentistas. Os dois textos que mencionamos logo acima são de 1899 e de 1901-1902, e expressam na sua ambiguidade as dores de parto e de adaptação pela qual o escritor passou na medida em que ia acrescentando novas informações e fatos à sua cosmologia humana. Desse modo, quando cruzamos as memórias alcoólicas com os textos, em termos de cronologia e teor, verificamos que é mais do que razoável supor que o verão de 1902 no East End de Londres foi momento-chave da passagem da primeira à segunda fase de sua literatura, e sobretudo na medida em que expressou a tomada de consciência acerca do processo histórico do qual participava, de passagem do capitalismo dito "liberal" para o monopolista.

Jack diz em suas memórias: "Na ânsia da juventude eu cometi o velho erro de perseguir a Verdade demasiado incansavelmente. Eu rasguei seu véus, e a visão que tive foi terrível demais para que eu suportasse." Logo em seguida escreve, indicando que a celebração de sua força e de sua astúcia começavam a perder o brilho do otimismo pregresso: "Eu nasci um lutador, mas as coisas pelas quais eu havia lutado provaram não valer a pena." Por fim, termina indicando que a descoberta da "Verdade"¹¹²⁴ foi para ele uma epifania monstruosa: "Eu conhecia bem demais a maquinaria por detrás das

¹¹²² LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 257.

¹¹²³ A variação cronológica se deve ao fato de que a afirmação de London não nos permite dizer ao certo se ele se refere à sua vida como um todo (ele nasceu em 1876), ou à sua vida desde a primeira vez em que experimentou uma bebida alcoólica (que ele diz ter sido quando ele contava cinco anos, logo 1881).

¹¹²⁴ Cabe lembrar que Sherwood Anderson, alguns anos mais tarde, também insistia em usar a palavra Verdade com V maiúsculo, e que sua digressão sobre o "Livro dos Grotescos" tem como um de seus principais núcleos a dispersão da Verdade (única e em maiúscula) em verdades (várias e grafadas com minúscula).

cenas, tanto, que a representação do palco, as risadas e a música não conseguiam abafar os rangidos de suas engrenagens."¹¹²⁵

A transição do capitalismo oitocentista para o monopólio nos Estados Unidos foi marcado por uma mudança no sentido positivo que era atribuído ao trabalho. Na medida em que a concentração econômica se consolidou ao longo da segunda metade do século XIX ali, ela foi esvaziando de sentido os conselhos de perseverança laboral e frugalidade existencial que permeiam o liberalismo americano, e que podem ser encontrados desde Benjamin Franklin até William James. A industrialização se acentuou com as fusões que geraram os trustes e cartéis, e concorreu para estabelecer uma divisão fabril do trabalho que o tornava cada vez mais simplista e precário. Concorreu também para firmar uma hierarquia social cujas relações sociais de produção eram cada vez mais de assalariamento. Logo, o conselho da perseverança laboral firmado na cultura liberal dos Oitocentos redundava na constatação de que o trabalho estava cada vez mais restrito às demarcações do grande capital, dos trustes, dos magnatas. Isto é, tratava-se de um trabalho que era cerceador da autonomia e que implicava no empobrecimento oriundo da extração industrial do excedente econômico, desmentindo assim a velha obstinação laboral e impondo uma nova frugalidade existencial, a miserável, sub-humana, "bestial".

Vimos isto acontecendo com Sherwood Anderson em Chicago, no Meio-Oeste (cf. capítulo II). Mas a particularidade histórica e cronológica da colonização do Oeste dos Estados Unidos acentuou dramaticamente esse estado de coisas nas imediações sociais de Jack London. A articulação histórica entre a vitória do Norte manufatureiro na década de 1860, a consolidação das grandes fortunas na segunda metade do XIX, a incorporação do Oeste ao território continental dos Estados Unidos e a exaustão da Corrida do Ouro ali criaram as condições para que a "virgindade econômica" do Velho Oeste se tornasse a presa perfeita para os interesses econômicos do Leste. Esses interesses estavam então dotados das condições financeiras e políticas para encampar um processo de industrialização acelerado e, por conta disso, muito mais humanamente impactante em seus efeitos. A Califórnia de London oferecia a abundância de mão-de-obra (de *forty-niners* e imigrantes) e a concentração especulativa de terras, o "xeque" econômico necessário para a consolidação das relações de tipo capitalista. Não bastasse isto, havia também um século de inovação tecnológica industrial e de experiência

¹¹²⁵ LONDON, Jack. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs**. op. cit. p. 254, p. 255, e p. 260, respectivamente.

administrativa inglesas à disposição dos novos magnatas americanos nascidos da Guerra Civil, os quais, pela projeção financeira brusca que tiveram por meio do evento militar e pelas políticas do Partido Republicano, estavam em ponto privilegiadíssimo para lançar-se à consecução de seu projeto social e econômico.

O evolucionismo darwiniano continuou sendo uma referência fundamental para London, refratado como era pelos Spencers, Malthus, Fiskes, Sumners e Wards; mas é curioso que com um sentido muito diferente do de outrora, sobretudo em termos morais - donde a "culpa" do escritor que mencionamos anteriormente. Nos tempos do capitalismo Oitocentista e da "virgindade" econômica do Oeste bravio, a competição darwiniana pareceu a Jack a garantia da prevalência do mais apto, astucioso, engenhoso, eficiente, obstinado (etc.), donde seu otimismo pelo fato de ela pretensamente assegurar a marcha do progresso, aquilo que Raymond Williams chamou de "ética do melhoramento".¹¹²⁶ Com o estabelecimento do capitalismo monopolista e a implementação de seu conjunto de transformações humanas, a competição darwiniana passou a ser vista como a sagração da rapina como lógica das relações sociais, a partir da qual a prevalência do "mais apto" implicava a eliminação do "menos apto". Em tese, trata-se da mesmíssima função, a seleção natural, mas que foi enxergada sob perspectivas radicalmente diferentes na medida em que suas entrelinhas sociais e históricas se transformaram. A experiência humana que preenchia aquela categoria explicativa havia se transformado, levando de roldão seus sentido e significado.

Esse era o "enigma" do qual falava Henry George em seu livro de 1879.

Se excetuar-se o efeito desastroso da colonização territorial *Yankee* sobre os nativos indígenas e hispânicos (o que a narrativa hegemônica da época fazia, a seu modo), era a primeira vez que de maneira ampla e ostensiva o "progresso" implicava a "pobreza" - melhor dizendo, que o "progresso" de uns implicava a "pobreza" de outros. Terminados os espaços sobre os quais o capitalismo estadunidense pudesse continuar sua expansão extensiva, foi na sua própria carne que ele teve que cortar para encontrar modos de recriar taxas de lucratividade e meios de acumulação. A "própria carne" da economia e sociedade estadunidenses, é importante notar, estava dividida em classes, de modo que cirurgicamente o corte pôde evitar algumas ao incidir sobre certas outras -

¹¹²⁶ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pp. 104-114. (capítulo 7)

como sintetizou precisamente London, "A supremacia de classe só pode repousar sobre a degradação de classe."¹¹²⁷

À luz da experiência concreta proporcionada pelo regime monopolista, afirmar salutar a competição darwiniana era sancionar o poder dos magnatas, tratando-os como os "mais aptos"; era tratar como mal necessário a eliminação de *hoboes* e desempregados, dado que com eles se extinguiriam os inadequados ao critério de eficiência definido pela máquina; e era, finalmente, tomar como superior ("mais apto") o enriquecimento por violência, privação alheia massiva e velhacarias, como havia sido em grande medida o processo de colonização do Oeste em que London viveu. A competição pretensamente saudável que Jack até então sustentava, e que sob o regime "liberal" do capitalismo parecia ter-se mantido de pé sem ostensivos dilemas morais, revelou que a dinâmica do regime monopolista não consagrava o "melhor", mas simplesmente o mais feroz, o mais violento, o mais velhaco, o mais disposto a (dis)torcer seus escrúpulos em nome da vantagem. Quando nas memórias de 1913 ele diz que "nasceu lutador", mas que "(...) as coisas pelas quais havia lutado provaram não valer a pena", foi essa a terrível epifania que Jack se referiu: a constatação de que ao invés de "super-homens" nietzschianos, a competição darwiniana sob o capitalismo monopolista havia produzido o Povo do Abismo e o Tação de Ferro, ambos bestiais e selvagens.

As implicações que essa constatação têm sobre London são avassaladoras, e a coincidência cronológica entre essa epifania e o aumento de seu vício alcoólico suspeitamos ser uma delas. Ele se aproximava da casa dos trinta anos à época, e vivera grande parte de toda a sua vida até ali dentro daquelas demarcações filosóficas e morais sobre o trabalho, a despeito do quanto a influência socialista fora capaz de puxá-lo noutras direções. Àquela altura de 1903 ele era já um escritor famoso, lido por todo o país, e sentia que devia sua reputação ao seu trabalho duro, ao orgulho viril munido do qual havia encarado a tentativa de "viver de seu cérebro" desde 1895. Por isso, a influência da tradição dos Oitocentos sob a qual ele havia sido criado não podia ser simplesmente deixada de lado, embora continuar sustentando-a também não parecia possível, uma vez que estava muito consciente dos bastidores de suas implicações.

Alguns trechos das páginas finais do livro-reportagem de 1902 expressam o dilema em que Jack se encontrava, e que viria a marcar suas obras pósteras. Vemo-lo

¹¹²⁷ LONDON, Jack. *The People of the Abyss*. op. cit. p. 220.

perguntar "A civilização aumentou o poder de produção do homem comum?", ao passo que responde com uma retórica ressonante a algum capítulo demonstrativo d'*O Capital*: "Cinco homens produzem pão para mil. Um homem consegue produzir tecido de algodão para 250 pessoas, lã para 300 e sapatos para 1000. No entanto, conforme mostrado ao longo das páginas desse livro, os milhões do povo inglês não recebem suficiente roupa, comida e sapatos." Mais à frente, como um biólogo a dissecar uma espécie animal, escreve: "Os homens tornam-se caricaturas do que deveriam ser, e suas mulheres e filhos são pálidos e anêmicos (...). Aqueles a quem tudo falta, os fracos de cabeça, mão e coração, bem como os apodrecidos e os desesperançados, esses são os que levam a raça adiante".¹¹²⁸ Onde começa Marx e onde termina Darwin?

No exemplar de *The People of the Abyss* de seu amigo George Wharton James, jornalista e fotógrafo, London escreveu: "Deus ainda está no céu dele, mas nem tudo está bem no mundo. Leia aqui algumas das razões de meu socialismo, e um pouco do meu próprio socialismo."¹¹²⁹ Mas nas páginas finais desse mesmo livro, como num grito iracundo, Jack escreveu: "Se isso é o melhor que civilização pode fazer pelo ser humano, então nos dêem selvageria nua e uivante. Bem melhor ser um povo do ermo [*wilderness*] e do deserto, das cavernas e das tocas, do que ser um povo da máquina e do Abismo."¹¹³⁰ Estamos diante da carta de compromisso de um socialista ou da apostasia de um social-darwinista?

A dificuldade em responder essas perguntas expressa o dilema em que estavam tanto London quanto grande parte dos trabalhadores e das antigas classes médias estadunidenses. Tamanho era ele que há um ponto de *The People of the Abyss* em que London ameaça a ruptura completa com explicações gerais, apelando a algo como um grau zero do humanismo, o qual nas memórias de 1913 ele chamou de "humanidade crua" (*stark humanity*),¹¹³¹ e que no livro-reportagem ele chama de "regra de ouro" (*Golden Rule*): "A Economia Política e a sobrevivência do mais apto podem ir às favas se disserem o contrário. O que não é bom o suficiente para você não é bom o suficiente para os outros, e não há nada mais a ser dito."¹¹³² Como se pode ver por esse trecho, o altar dos valores morais de Jack London fora tão abalado pela experiência do verão de

¹¹²⁸ Idem, ibidem, pp. 313-314, p. 314, e pp. 220-221, respectivamente.

¹¹²⁹ LONDON apud KINGMAN, Russ. *A pictorial life of Jack London*. op. cit. p. 115.

¹¹³⁰ LONDON, Jack. *The people of the Abyss*. op. cit. p. 288.

¹¹³¹ LONDON, Jack. *John Barleycorn - Alcoholic memoirs*. op. cit. p. 254.

¹¹³² LONDON, Jack. *The People of the Abyss*. op. cit. p. 213.

1902 que até mesmo do "Ama o teu próximo como a ti mesmo" cristão ele por vezes se aproxima - e ainda há de se aproximar novamente, como veremos.

O artigo que escreve em março de 1903, "The scab" ("O fura-greves", em português),¹¹³³ traduz com brilhante sarcasmo o dilema kafkiano da competição entre os trabalhadores dentro de quadros monopolistas. Ele inicia perguntando-se: "Numa sociedade competitiva, onde homens lutam uns com os outros por comida e abrigo, não é deveras natural que a generosidade (...) seja tida como algo odioso?"¹¹³⁴ Descobre-se logo à frente que a generosidade a que ele se refere é aquela que caracteriza o *scab*, o qual, numa acepção mais ampla, não é somente o "fura-greve", mas também aquele que toma o lugar de outro trabalhador em circunstâncias "normais": "O trabalhador que fornece mais tempo, força ou habilidade pelo mesmo salário que outro, ou igual tempo, força ou habilidade por menor salário, é um *scab*."¹¹³⁵

A "generosidade" do trabalhador é o resultado direto da competição nos termos já definidos em "The Tramp": o do "exército de trabalhadores excedentes" ou, usando termos marxistas, do "exército industrial de reserva". Isto é, a evolução tecnológica e a divisão fabril do trabalho aceleradas pela concentração econômica dos monopólios, na medida em que precarizam os ofícios e ampliam as fileiras dos potencialmente empregáveis, força os trabalhadores a serem mais "generosos", e antes que outros de seus companheiros de classe o sejam. Na medida em que, define Jack, "ter um emprego (...) significa viver", pois implica poder ter "comida e abrigo", quando o "generoso trabalhador (...) dá mais tempo de trabalho por menor paga, (...) [*ele*] ameaça a vida de seu irmão trabalhador menos generoso; se não a destrói, certamente a diminui." O resultado é que "(...) o trabalhador menos generoso olha o outro como inimigo e, como os homens estão inclinados a fazer numa sociedade de base 'unhas-e-dentes' [*tooth-and-nail basis*], ele tenta matar o homem que o está tentando matar."¹¹³⁶

Jack já havia afirmado em "The Tramp" que "Quanto mais baixo o trabalho na escala industrial, mais duras as condições. Os trabalhos mais finos, mais delicados e que exigem maior habilidade são elevados acima da luta. Há menos pressão, menos sordidez, menos selvageria."¹¹³⁷ Ora, se a industrialização acelerada pelos monopólios favoreceu a precarização dos ofícios, como Braverman demonstrou, não se pode disso

¹¹³³ LONDON, Jack. O "fura-greves". In: _____. **Escritos políticos**. op. cit. pp. 41-58.

¹¹³⁴ LONDON, Jack. *The scab*. In: _____. **War of the classes**. op. cit. p. 101.

¹¹³⁵ Idem, ibidem, p. 105.

¹¹³⁶ Idem, pp. 102-103.

¹¹³⁷ LONDON, Jack. *The Tramp*. In: _____. **War of the classes**. op. cit. p. 80.

inferir que a tendência à "selvageria" e à "sordidez" descritas acima por Jack aumentava conforme tornavam-se mais poderosos os monopólios? E mais: na medida em que a "generosidade" a que são forçados dos trabalhadores é inversamente proporcional ao salário e diretamente proporcional ao tamanho do exército industrial de reserva e à extração de mais-valia, não se pode disto inferir que o aumento da "generosidade" leva ao aumento da "selvageria"?

É este impasse existencial e filosófico que Jack expõe logo à frente, falando sobre as vicissitudes da competição:

(...) enquanto os homens continuarem a viver nessa sociedade competitiva, lutando com unhas e dentes, uns com os outros, por comida e por abrigo (que é lutar com unhas e dentes, uns com os outros, pela vida), por esse tempo o *scab* continuará a existir. Sua vontade 'de viver' o forçará a existir. Ele pode ser desprezado por seus irmãos e agredido com tijolos e porretes, (...) mas a despeito de tudo isto, ele persistirá.¹¹³⁸

Não surpreende, em tais circunstâncias, que Jack London tenha encontrado na natureza a metáfora ideal para tratar essa sociedade, essa economia, esse "organismo social", enfim, essa civilização: ela operava com base em princípios selvagens, nela imperava a "lei da selva", e é dela que Jack tirou a inspiração para dali a diante a tentar formular as leis graníticas que permitam erigir a (tão-spenceriana) totalidade orgânica. A brutalidade das relações sociais sob o capitalismo monopolista é a base da "lei do porrete e das presas" (law of club and fang) de *The call of the wild* (1902-1903); constitui a "base unhas-e-dentes" da vida social (tooth-and-nail basis) em "The Scab" (1903); fundamenta a "lei da carne: DEVORAR OU SER DEVORADO" (law of meat: EAT OR BE EATEN), de *White fang* (1905); e, finalmente, encarna-se em definitivo no império do "Tacão de Ferro" do romance homônimo, *The iron heel* (1906-1907).

A literatura de Jack a partir do final de 1902, isto é, do que chamamos de segunda fase, buscou dar conta digerir ficcionalmente esse parentesco entre civilização e selvageria, tentando explicar-lhe as causas e pesar-lhe as implicações.

O romance *The call of the wild* encontra-se no limiar entre as duas fases da literatura do escritor, e como tal, está marcado pelas cicatrizes da mudança. A história do cão Buck pode ser lida tanto como a coroação da primeira fase como o prenúncio tateante da segunda. Há ainda uma visão épica sobre o explorador nortenho, sobre seu espírito astucioso, transfigurado então nos reclames indômitos de um cão que ouve o "chamado selvagem" de sua natureza; mas já paira sobre os homens uma visão soturna,

¹¹³⁸ Idem, *ibidem*, p. 147.

encarnada particularmente na lei "do porrete e das presas". Note-se que o "selvagem" de seu título é o *wild* e não o *savage*. Somente o segundo tem aspecto negativo, com o sentido darwiniano pós-1902; o primeiro é mais afeito à exuberância viril do *self-made man*, peça-chave da primeira literatura de London.

A novela *The game* (*O combate*, em português),¹¹³⁹ de 1904, dramatiza a ascensão da selvageria do tipo *savage* por meio de um confronto de pugilistas. O livro é uma trama curta e simples, que narra a luta de boxe entre Joe Fleming e John Ponta. Essa é a última de Fleming, o protagonista, antes que ele se aposente com dinheiro o suficiente para casar-se com Genevieve, sua esposa e coadjuvante na trama.

Na luta entre esses dois adversários, antes do enlace amoroso, antes de demonstração das técnicas de narrativa que Jack aprendera cobrindo lutas para o *Oakland Herald*, encena-se novamente o dilema filosófico que Jack traduzia como as aproximações entre a civilização e o ermo, entre a sociedade e a natureza, entre a civilidade e a selvageria.

Joe Fleming é descrito pelas impressões que causa em Genevieve quando seu blusão é retirado logo antes da luta:

O senso estético que ela adquirira, tendo sido ultrapassado, lhe dizia que estava diante de uma beleza maravilhosa. (...) A pele dele era lisa como a de uma mulher, e mais acetinada, e nenhum pêlo comprometia seu brilho claro. Isto ela percebeu, mas todo o resto, a perfeição das linhas, da força e da formação, lhe deram prazer sem que ela soubesse porque. Havia uma limpidez e certa graça nele. Seu rosto era como um camafeu, e seus lábios, partidos por um sorriso, o davam um toque infantil.¹¹⁴⁰

John Ponta, por outro lado, era a antítese dele:

Ela conheceu o terror quando o avistou. Ali estava o lutador - a besta de enorme testa, com olhos pequenos debaixo de sobrelhas peludas e caídas, nariz chato, lábios grossos e boca soturna. Ele tinha o maxilar pesado e o pescoço taurino; os cabelos curtos e espetados de sua cabeça pareceram aos olhos aterrorizados dela as cerdas das costas de um javali. Ali estava a rusticidade e a bruteza - algo selvagem, primeva, feroz. Ele era moreno escuro, e seu corpo era coberto por pêlos, opacos como os de um cão, no peito e nos ombros. Seu peito era largo e suas pernas grossas; era muito musculoso mas desprovido de forma: seus músculos eram nós, de um modo protuberante, distorcidos de sua possível beleza pelo excesso de força.¹¹⁴¹

A beleza clássica, apolínea, confronta-se com a feiúra primitiva, selvagem. A descrição de Fleming reverbera a estética da estatuária grega ou romana, encarna o belo desse bastião da civilização, sendo esse pugilista, por tal, seu campeão. A descrição de

¹¹³⁹ LONDON, Jack. **O combate**. Tradução de Jorge Lima. Porto: Livraria Civilização, 1967.

¹¹⁴⁰ LONDON, Jack. **The game**. New York: Macmillan Company, 1905. pp. 113-114.

¹¹⁴¹ Idem, ibidem, pp. 117-118.

Ponta encontra nos animais seus recursos metafóricos, e esculpe em seu corpo os traços pregressos da evolução darwiniana, aparentando-o mais de perto aos hominídeos primitivos; ele é o campeão da *wilderness* primitiva.

Nem toda a agilidade e potência "divinas" (of the form of God) de Fleming puderam salvá-lo da força "atávica" (atavism) de Ponta.¹¹⁴² A ferocidade selvagem deste venceu a técnica civilizada daquele, num anti-clímax cuja amargura deve ser aquela que Jack sentiu quando deu-se conta de que a competição viril que ele sustentava não criava "super-homens", mas seres bestiais de ambos os lados da contenda. O desfecho da luta e da novela, aliás, vai além, pois a tragédia final não é somente o triunfo da barbárie, mas o preço ainda mais fatal da morte da civilização: Joe Fleming é nocauteado e morre no ringue.

O pessimismo de London estava instilado mais fundo nesse desfecho anti-climático. Assim como noutros textos, neste Jack escreve que a "vida era jogo", também o "jogo", a "disputa" que dá título a essa novela de 1904 compõe a visão de mundo do protagonista, pois para Fleming estar no ringue é o "ápice da existência", a chance de provar que "(...) você é o melhor homem", de modo que o "Jogo" seja "a maior coisa do mundo".¹¹⁴³ Contudo, a morte de Fleming sequestra o final do livro, põe o "jogo" em perspectiva, mostra que sua vitória é uma vitória de Pirro: quando do Jogo decorre a morte ou a degradação dos "competidores", ou quando a vitória de um implica a derrota (ou pior, a morte) do outro, então a derrota é geral.

O confronto encampado por Fleming e por Ponta na ficção estava historicamente relacionado ao embate entre o capitalismo monopolista e sua velha égide "liberal", expressando-o. A expansão hegemônica dos magnatas, dos trustes, dos cartéis e de seu poderio econômico, nesse sentido, guardavam forte afinidade com a vitória de Pirro de Ponta. A barbárie grassava. A civilização não era o oposto da selvageria do ermo, como a primeira literatura de London supunha, mas assemelhava-se perturbadoramente àquela: parecia recriar com suas instituições, convenções e costumes um tipo distinto, terrivelmente refinado, da mesma selvageria.

Das entranhas desse solo que germina e brota *White fang* (*Caninos Brancos*, em português),¹¹⁴⁴ no segundo semestre de 1905. Mais do que em qualquer outro livro que Jack London tenha publicado, neste prevalece um esforço de contra-simetria muito

¹¹⁴² Idem, p. 119 e p. 112, respectivamente.

¹¹⁴³ Idem, p. 21, pp. 21-22, e p. 28, respectivamente.

¹¹⁴⁴ LONDON, Jack. **Caninos Brancos**. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

curioso, o qual sedimenta um dos argumentos críticos mais poderosos do escritor sobre o capitalismo monopolista, e um do qual ele colheu nos anos seguintes os mais estrondosos frutos. Ao refazer as pegadas de *The call of the wild* em sentido oposto, Jack sacramenta simbolicamente o parentesco entre civilização e ermo.

No romance de 1903, ainda dentro das demarcações da primeira fase de sua literatura embora já ferido pela experiência de Londres, Jack fez o cão Buck aceder aos chamados que vinham de dentro de si, de sua natureza indomável, impelindo-o a deixar a civilização meridional e ir satisfazer seus reclames inerentes por aventura no Norte gelado. No romance de 1905, por sua vez, é o lobo Caninos Brancos que protagoniza a trama, e Jack o acompanha desde seus tempos de filhote no Norte gelado, até travar contato com os homens, ser por eles subjugado e, por fim, deixar o ermo pela civilização meridional, indo instalar-se na mesma San Francisco que seu par literário Buck havia deixado no início do romance anterior.

Há muitas linhas de significado por debaixo dessa contra-simetria. Ambos os livros tomam os animais como protagonista e procuram manter o foco narrativo próximo do que seria sua possível visão sobre o conjunto de eventos que constitui o enredo, recurso muito fecundo para as propriedades críticas do efeito ficcional.

Enquanto *The call of the wild* pertence a um momento de transição no pensamento de London, os ares que sopram das tradições viris do Oeste *forty-niner* são mais determinantes. A descoberta de ouro no Klondike servira ao escritor como uma possibilidade de recriar os tempos áspers de outrora, quando havia condições para jornadas épicas e aventuras heróicas, de modo que aquela herança bruta que Jack acreditava em si incubada pôde vir à tona com toda a sua exuberância nas paragens nortenhas. Buck era a peça-chave dessa narrativa: materializava ficcionalmente, na forma um cão domesticado que descobre ter algo de lobo dentro de si, os valores de hombridade daqueles trabalhadores californianos herdeiros da Corrida do Ouro, pequenos na civilização mas grandiosos no ermo.

White Fang, por sua vez, possui uma estrutura muito diferente.

À narrativa épica d'antanho, que continha qualquer coisa de "destino" bem ao gosto do otimismo liberal americano dos Oitocentos, o romance de 1905 opõe outro modo de tratar a trajetória do protagonista: antes de ela ser a consumação de certa promessa que trazia incubada em si, ressalta-se que ele era feito da "argila" que ia sendo moldado pelas forças do ambiente, sendo dele fruto. A recorrência do uso da palavra "argila" (clay) no romance, aliás, denuncia esse sentido: ora temos "A argila de que era

feito Caninos Brancos foi moldada até ele se tornar o que era" (p. 191); ora "A argila que o formara assim fora esculpida" (p. 201); ora "O ambiente servia para moldar a argila, para dar-lhe uma forma particular" (p. 177); ora, ainda, "Eles eram seu ambiente, esses homens, e estavam modelando a argila de que era feito tornando-o mais feroz do que havia sido pretendido pela Natureza." (p. 201) E isso para não contar expressões de forte cariz determinístico, tais como "feitiço da linhagem" (p. 114); "Medo - esse legado do ermo de que nenhum animal pode escapar" (p. 84); "um impulso (...) que o assaltava como um instinto" (p. 69); ou, ainda, a descrição dos filhotes de lobo sendo seduzidos pela luz da entrada da toca: "A luz os atraía como se fossem plantas (...); seus pequenos corpos-fantoches rastejavam cegamente, quimicamente, qual gavinhas de uma videira." (p. 78)¹¹⁴⁵

Se pode ver que as formas épicas de outrora, presas a uma espécie de senso de propósito inerente que pertencia à velha tradição voluntarista liberal (senão ao próprio "Evangelho do Trabalho"), deram lugar à concepção mais naturalista, calcada como fora sobre forte influência do materialismo e das ciências naturais. É desse modo que *White fang* consegue alcançar seu propósito crítico e estético, que é demonstrar o efeito nocivo que os homens e a civilização tiveram sobre Caninos Brancos, tornando-o, como diz a citação acima, "mais feroz do que havia sido pretendido pela Natureza". A trama evolui no sentido de acompanhar a evolução (ou involução, a depender dos critérios que se adote) de Caninos Brancos desde sua infância no ermo, seus primeiros contatos com os homens (primeiro nativos Inuits, depois exploradores americanos), até sua mudança para a civilização. Nesse ínterim, vemo-lo aprender a ser um animal selvagem na natureza, e ir então se tornando, à duras penas, viciosamente selvagem na medida em que adensava seu contato com os homens e com a civilização.

Enquanto filhote, Caninos Brancos aprendeu os mandamentos da natureza selvagem: "(...) ele observou o jogo da vida diante dele - a espera do lince e do ouriço, cada um buscando viver; e, quão curioso o jogo: o caminho da vida de um repousava sobre devorar o outro; e o caminho da vida do outro repousava em não o sê-lo."¹¹⁴⁶ E dessas observações inferiu sua lei: "O objetivo da vida é carne. A própria vida é carne. A vida vive de carne. A vida vive de vida. Há os que devoradores e os devorados. A vida era: DEVORAR OU SER DEVORADO."¹¹⁴⁷

¹¹⁴⁵ LONDON, Jack. **White fang**. New York: Macmillan, 1906.

¹¹⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 72.

¹¹⁴⁷ Idem, p. 107.

As condições de sobrevivência no ermo são duras e exigem uma aprendizagem que tende a ressaltar os traços mais brutos das criaturas. Contudo, a progressão da trama de *White fang* mostra que existem aspectos mais viciosos nessa brutalidade, e o fato de que eles são inscritos na "argila" de Caninos Brancos na medida em que convive com os homens é um fato prenhe de expressividade. Caninos Brancos trava contato com um humano pela primeira vez a partir quando encontra o índio Gray Beaver na porção nortenha do Alaska, depois passando para as mãos de seu filho Mit-Sah, que desce o rio Mackenzie e perde a propriedade do lobo para o explorador estadunidense "Beauty" Smith, sob o controle de quem o protagonista vem a morar em Fort Yukon, na época em que ali desembarcavam muitos dos prospectores de ouro que iam tentar a sorte no Klondike. Ao longo dessa trajetória, Caninos Brancos foi trocado de mãos, e nesse processo foi cada vez mais indo em direção ao Sul, em direção à civilização.

Como o livro é narrado do ponto de vista do lobo, os humanos aparecem a ele como "deuses", de modo que sua trajetória também pode ser também dita ter ido das mãos dos "deuses do ermo" (Parte 3), os nativos Inuits, para as mãos dos "deuses superiores" (Parte 4), os homens brancos. O processo de moldagem do protagonista o torna gradativamente uma fera bestial e incontrolável, e o faz na medida mesma em que o ambiente em que convive passa a incorporar forças humanas.

Depois do convívio com Gray Beaver e Mit-Sah, já se pode perceber que o lobo havia mudado, e que o "jogo da vida" e a "lei da carne" haviam se aprofundado nele, sendo distorcidas pela belicosidade das relações humanas:

Odiado por sua raça e pela raça dos homens, indomável, perpetuamente ameaçado e mantendo ele próprio perpétua ameaça, seu desenvolvimento foi rápido e unilateral. Não havia solo para que a bondade e a afeição florescessem. De tais coisas, ele não tinha nem o mais leve vislumbre. O código que ele aprendeu era obedecer aos fortes e oprimir aos fracos.¹¹⁴⁸

Como espécie de projeção humana, alter-ego animal de homem, o aprender de Caninos Brancos ao longo da trama é uma tomada de consciência. Logo, quando sua ferocidade se desenvolve a partir do contato com os homens, ela já não é mais um mecanismo instintivo, decorrência natural da aventura da sobrevivência, mas algo odioso precisamente porque praticado então como intenção, como resultado de ponderação. E eis o dilema: não bastasse a intensificação e a distorção de sua ferocidade natural, Caninos Brancos passa a se estranhar com ela mesma, com sua natureza. Passa por drama de adaptação similar ao que devem ter passado os selvagens de Rousseau,

¹¹⁴⁸ Idem, p. 149.

que experimentaram a passagem do estado de natureza para a sociedade civil como uma perda da inocência. Não é preciso muito esforço para estabelecer aqui as ligações dessa tensão espiritual com as que deve ter sentido London ao perceber que o capitalismo monopolista tornava os reclames voluntaristas de sua aprendizagem sucedâneo da selvageria. Assim como ocorrera com Sherwood Anderson, também as mudanças históricas sob a égide monopolista fizeram com que o escritor se estranhasse com seu trabalho, prática e moralmente.

Tendo tido sua "argila" moldada desse modo, a mudança de Caninos Brancos para Fort Yukon veio acompanhada da persistência dos velhos hábitos, manifestos então quando lançava-se brutalmente sobre os cães recém-chegados no barco à vapor e os matava sem motivo. Mas, tendo entrado nos domínios do homem branco, dos rebentos da civilização capitalista, a capacidade destrutiva de Caninos Brancos chama a atenção de um sujeito chamado Beauty Smith, como possibilidade de negócio. Usando de meios escusos (favorecer o alcoolismo do dono do lobo, fazendo-o contrair dívidas), Smith encontra um modo de deitar mão em Caninos Brancos, ao passo que o coloca nas arenas clandestinas de rinha de cães: "No início, a matança dos cães dos homens brancos havia sido somente uma diversão. Após um tempo, tornou-se sua ocupação", de modo que, "sob a tutela do deus louco [*assim é chamado Beauty Smith*], Caninos Brancos se tornou um demônio."¹¹⁴⁹

É interessante notar que Beauty Smith era um explorador nortenho como tantos que perambulam pelas páginas dos primeiros livros de London, mas um radicalmente diferente, despido de quaisquer caracteres virtuosos; não mais esboço de herói épico mas excrescência naturalista:

A sensação de Caninos Brancos em relação a Beauty Smith era ruim. Do corpo e da mente distorcidos daquele homem, de formas ocultas, como névoas subindo de pântanos pestilentos, desprendiam-se emanções da sua insalubridade interior. Não por pensamento e tampouco pelos cinco sentidos, mas por meio de sentidos mais remotos e desconhecidos, vinha o sentimento a Caninos Brancos de que aquele homem estava repleto de mal, prenhe de crueldade. Ele era algo ruim, algo que seria sábio odiar.¹¹⁵⁰

Não espanta, pois, que a influência de um sujeito como esse sobre a "argila" do protagonista tenha sido perversa:

Anteriormente, Caninos Brancos havia sido meramente o inimigo de sua raça, ainda que um inimigo feroz. Ele agora tinha se tornado o inimigo de todas as

¹¹⁴⁹ Idem, p. 198 e p. 215, respectivamente.

¹¹⁵⁰ Idem, pp. 205-206.

coisas, e mais feroz do que nunca. De tal modo estava ele atormentado, que odiava cegamente, sem o menor lampejo de lógica.¹¹⁵¹

Sua anti-aprendizagem da civilização tinha chegado ao ponto mais terrível: nem sequer como um animal selvagem, vivendo da predação, ele havia sido tão cruel. Insistindo sobre o impacto que o conjunto de forças tem sobre o personagem principal, Jack London demonstrou o papel nocivo que o contato com os homens e a entrada na trama de suas relações sociais tinha desempenhado na formação de Caninos Brancos. O quadro tenebroso da influência humana só é contra-balanceado por Weedon Scott, o homem que resgata o lobo à beira da morte na arena de Beauty Smith, e com muito esforço e paciência consegue amansá-lo.

Suspeitamos que Weedon Scott seja menos um lampejo de esperança de Jack em relação à influência dos homens (embora não o deixe de sê-lo) do que um recurso de narrativa. Não somente ele ocupa uma parte diminuta do livro se compararmos com a proporção das demais (por volta de 40 páginas num total de 330, sendo que os outros donos de Caninos Brancos tem entre 60 e 100 páginas a ele dedicadas), mas é o elemento que o amansa, permitindo então que o lobo possa ser levado para dentro da civilização, ambas condições essenciais para um evento fundamental da contra-simetria.

No final de *The call of the wild*, o cão-protagonista Buck é incorporado à alcateia nortenha, tornando-se seu líder. Inspirado pelos ventos da tradição Oitocentista, o romance se encerra mencionando a lenda do "Cão Fantasma" que os nativos nortenhos contam, a qual foi inspirada em Buck: diz-se que "(...) ele pode ser visto correndo à cabeceira do grupo de lobos sob a luz pálida do luar ou através do brilho boreal, dando grandes saltos à frente de seus companheiros e erguendo sua possante garganta para uivar a canção de um mundo jovem, que é a canção da alcateia."¹¹⁵² Esses mesmos nativos dizem que algum tempo depois da aparição do "Cão Fantasma" algumas características novas começaram a aparecer nos lobos da região: "salpicos de marrom na cabeça e no focinho, além de um risco de branco no centro do peito"¹¹⁵³ - precisamente a herança de Buck! A lenda do cão-lobo de *The call of the wild* coroava os exploradores nortenhos sublinhando sua marca deixada no ermo, tornada então monumento de seu poder.

No final do romance de 1905, a lógica se inverte. O amansamento de Caninos Brancos por Weedon Scott permitiu, por um lado, que ele se tornasse seu animal e que

¹¹⁵¹ Idem, p. 215.

¹¹⁵² LONDON, Jack. *The call of the wild*. op. cit. p. 231.

¹¹⁵³ Idem, ibidem, p. 227.

"pudesse" ser levado para San Francisco, e por outro, criou condições verossimilhantes para que, vivendo na propriedade dos Scott, lobo se enamorasse da cadela da família, Collie. Assim, se em *The call of the wild* se fala de uma linhagem que agora tinha a marca dos exploradores nortenhos; com *White fang* o sangue selvagem foi inserido na civilização, como se vê numa das cenas finais: "(...) Collie estava deitada na porta do celeiro, e meia dúzia de filhotinhos rechonchudos brincavam ao redor dela."¹¹⁵⁴

Com o desfecho de *White fang*, Jack refez no sentido oposto as pegadas de outrora, não levando a civilização ao ermo, mas trazendo o ermo para dentro da civilização, com todas as implicações simbólicas e críticas disto. Não é dito sobre Caninos Brancos que "Ele é o Selvagem - o desconhecido, o terrível, o sempre ameaçador, que espreitava a escuridão para além da luz das figueiras no mundo primevo"?¹¹⁵⁵ Pois bem, esse é o Selvagem que incorporou à civilização para poder dar-lhe sentido. O império do capitalismo monopolista é a selvageria, a dos homens que tornaram Caninos Brancos um "demônio", a da lógica predatória natural cujos instintos básicos o lobo protagonista do romance de 1905 os legou.

Dois sonhos narrados em *White fang*, um no início e um no final, perfazem esse arco de passagem. No início, um explorador perdido nos confins do Alaska sonha estar em Fort McGurry, um dos entrepostos lá construídos, bastião da civilização no ermo, e enquanto joga cartas com o feitor, ouve os lobos do lado de fora: "Eles estavam uivando à porta, e algumas vezes ele e o feitor pausavam o jogo para ouvir e rir dos fúteis esforços para entrar. Então, um estrondo. A porta fora arrombada e ele pôde ver os lobos inundando a sala do forte, avançando em direção a eles."¹¹⁵⁶ Ao final do livro, Caninos Brancos "(...) tem um sonho muito particular" com suas lembranças do ermo: lince, águia, seus oponentes das rinhadas, todos eles se transformavam-se nos "bondes elétricos" que ele tremia ao ver quando chegara a San Francisco. Eles eram "monstros que tilintavam e rangiam", "erguendo-se como montanhas, berrando e cuspidando fogo sobre ele", "onipresentes": "Essa metamorfose deu-se mil vezes, e a cada vez o terror que causava era tão vívido quanto da primeira."¹¹⁵⁷

Antes o ermo causava medo, conforme ameaçava invadir e pilhar a civilização; agora, era a civilização que encarnava aquele ermo, oferecendo-se como a ameaça que

¹¹⁵⁴ LONDON, Jack. **White fang**. op. cit. p. 326.

¹¹⁵⁵ Idem, ibidem, p. 199.

¹¹⁵⁶ Idem, p. 41.

¹¹⁵⁷ Idem, pp. 324-325.

causava o medo. Antes o homem tremia diante do ermo; agora é a fera selvagem que treme ante à civilização.

Nessa linha London insiste em *Before Adam* (*Antes de Adão*, em português),¹¹⁵⁸ mas arrastando a selvageria bruta, a violência própria da sobrevivência, para tempos mais antediluvianos da aurora do homem, meados do Pleistoceno, quando na escala evolutiva ainda éramos hominídeos: "meio homens, meio macacos", seres de "olhos pequenos", "rosto largo e chato", "quase sem nariz" ("as narinas sendo dois buracos no rosto"), "testa inclinada sobre os olhos e coberta de pêlos", "cabeça pequena e pescoço curto", "braços longos", pés que parecem mãos (hind-hands), e linguagem baseada em "sons guturais e pantomimas".¹¹⁵⁹ Apesar da distância temporal e biológica entre o homem contemporâneo e esse exemplar pré-histórico, a epígrafe do livro é categórica em assentar as continuidades: "Estes são nossos ancestrais, a história deles é a nossa história. Lembre-se que tão certamente quanto um dia descemos das árvores e andamos eretos, também num dia muito mais remoto nos arrastamos para fora do mar e começamos nossa aventura terrestre."¹¹⁶⁰

A justificativa que Jack London estabelece para enquadrar sua novela é bastante curiosa. O narrador do livro, que não é identificado nominalmente, diz ter sido assolado por sonhos desde a infância, "vasta fantasmagoria que se erguia diante dele",¹¹⁶¹ e que nessas vívidas ocasiões ele era outra pessoa, um hominídeo, um ser que habitava o mundo em estágio mais jovem, pré-histórico. O pitoresco disto, diz, é que a matéria-prima da qual esses sonhos eram feitos não fora colhida do mundo real, isto é, eles "(...) violavam a primeira lei do sonhar", pois "(...) estavam além de qualquer experiência que [o narrador] tivera".¹¹⁶² Ele diz que pela sua experiência real, as nozes vinham da mercearia e as amoras do fruteiro, mas que em sonhos ele já havia apanhado aquela das árvores e estas dos arbustos; e o mesmo se passava com as cobras, que lhe aterrorizavam mesmo que jamais tivesse ouvido falar delas quando em vigília. Por isto ele afirma, a respeito de seus sonhos, que "(...) eles eram (...) concretos e reais, acontecimentos antes de imaginação, coisas de carne, sangue e suor."¹¹⁶³

¹¹⁵⁸ LONDON, Jack. **Antes de Adão**. Tradução de Maria Inês Arieira e Luís Fernando Brandão. Porto Alegre: L&PM, 1985.

¹¹⁵⁹ Idem, pp. 31-32.

¹¹⁶⁰ LONDON, Jack. **Before Adam**. Toronto: Macmillian Company of Canada, 1907.

¹¹⁶¹ Idem, ibidem, p. 2.

¹¹⁶² Idem, p. 4 e p. 5, respectivamente.

¹¹⁶³ Idem, p. 11.

Continuando a descrição dessa peculiar situação, o narrador diz que foi somente na universidade que pôde explicar a contento o que lhe ocorria, pois foi quando aprendeu sobre evolução e psicologia (eis um forte indício de que o narrador é Jack London, dado que o mesmo se passou com ele). Por meio do conhecimento desses dois campos, ele descobriu que aquilo que experimentara no sono não eram sonhos, mas sim "memórias raciais", lembranças vestigiais que se incorporaram na transmissão de linhagem e se tornaram instintos, como é explicado: "Um instinto é meramente um hábito que foi estampado na matéria-prima da hereditariedade"; "você, eu e todos nós recebemos essas memórias de nossos pais e mães, assim como eles as receberam de seus pais e mães."¹¹⁶⁴ Logo, os "sonhos" que o narrador de *Before Adam* tinha eram lembranças de um antepassado seu, o qual, por convenções literárias, o narrador resolve chamar de "Big-Tooth" (Dentuço), ao passo que é ao redor de episódios da vida dessa criatura que o livro encontra-se organizado, tendo o narrador as compilado e costurado em forma de trama. O narrador, ainda, resolve contá-las em primeira pessoa, já que se tratavam somente de um "outro eu" (other-self), um mesmo ser cujas "duas personalidades"¹¹⁶⁵ estavam unidas apesar da distância temporal.

A trama de *Before Adam*, na medida em que precisa salvaguardar a vida de seu protagonista para manter a coerência de sua proposta narrativa e ficcional, acaba sendo em grande medida um apanhado de suas aventuras dentro do grande processo de evolução. Ou seja, é preciso garantir que ele não morra (do contrário suas memórias não teriam sido passadas adiante) e também é preciso fazer com que ele se integre no fluxo evolutivo da espécie, afastando-se das porções que a evolução darwiniana sabe terem sido extintos. Por isso é que a trajetória de Big-Tooth recria como que num microcosmo "biográfico" (obviamente abreviado) o processo evolutivo, mantendo intersecções com outros episódios e personagens da marcha da evolução, e lançando curiosa luz sobre os tratos rústicos daquele tempo.

No início da novela, portanto, quando o protagonista é expulso pelo padrasto do "ninho" arbóreo em que morava com sua mãe, sabemos estar diante da recriação de um grande episódio da evolução do homem em escala biográfica: a descida das árvores. Quando, em seguida, Big-Tooth deixa a floresta onde morava o "Povo das árvores" e vaga pelas planícies descampadas até encontrar o local onde morava o "Povo das cavernas", sabemos que se trata do passo seguinte da escala evolutiva: a busca de abrigo

¹¹⁶⁴ Idem, p. 17, p. 14 e p. 20, respectivamente.

¹¹⁶⁵ Idem, p. 19 e p. 241, respectivamente.

nas tocas e cavernas, adensando laços de sociabilidade e complexificação das técnicas de sobrevivência. E o mesmo se dá com a descoberta do uso de cabaças para transportar e armazenar água pelas fêmeas do Povo das cavernas; com os ensaios de comunicação por meio de pantomimas, guinchos e sons ritmados; e também com a guerra que é trazida em avançado da trama pelo "Povo do fogo", ramo dos hominídeos que já dominava técnicas de confecção de vestimentas, armas e instrumentos de uso prático em geral.

Para a discussão dos problemas históricos que fazemos aqui, o principal interesse de *Before Adam* é perceber como ele estabelece uma espécie de cosmogonia mitológica da realidade contemporânea, e uma que é belamente completada em *The iron heel*, escrito alguns meses depois (aquele foi escrito entre abril e junho de 1906, este entre agosto e dezembro do mesmo ano). Os elementos nos quais essa cosmogonia melhor se expressa é no destino de dois personagens: Big-Tooth, o protagonista, e Red-Eye (Olho-vermelho), seu antagonista, ambos vivendo com o Povo das cavernas.

O protagonista era um hominídeo que descendia do Povo das árvores mas que fora incorporado ao Povo das cavernas, de modo que logo se nota esta que é uma de suas principais característica, a capacidade de adaptação. Big-Tooth se adapta à vida distinta do Povo das cavernas, se adapta à jornada que ele e um amigo são obrigados a empreender para fugirem de Red-Eye, se adapta à migração que os sobreviventes do Povo das cavernas têm de fazer depois da invasão do Povo do fogo.

Entrelaçadas a essa primeira característica, correm outras duas: a curiosidade e a criatividade inventiva. A primeira o leva a explorar constantemente novos territórios, como os grandes charcos próximos das cavernas ou o pântano dos mirtilos, além dos rios e lagos das cercanias. A segunda se manifesta em diversos momentos do livro, desde sua habilidade em encontrar um meio de expandir sua caverna usando um galho para remover pedriscos, até a construção engenhosa (em certo ponto da trama) de um "ninho arbóreo" com um proto-telhado, além de sua invenção/descoberta de um modo de viajar pelo rio usando um galho para flutuação e os braços para remar.

Como se percebe pela narrativa de *Before Adam*, muito desses esforço de adaptação e criatividade de Big-Tooth são oriundos do fato de que ele não se encontra no topo da cadeia alimentar, de modo que esteja sempre precisando encontrar meios de sobreviver. A recorrência de passagens sobre o medo nesse livro de 1906 expressa o quanto ele se faz presente naquelas priscas eras: sobre o Povo das cavernas diz o narrador, "havia um medo inominável e incomunicável que jazia sobre nós todos" (p.

77); os meados do Pleistoceno são descritos como "uma era de insegurança perpétua" (p. 130); sobre a fuga de Big-Tooth e de seu amigo, "diz" ele: "(...) sofríamos muito, especialmente de medo" (p. 155); sobre a condição de existência do Povo das cavernas, diz-se que era "oprimidos por um medo multiforme [*protean*]" (p. 232). Enfim, vivia-se sob um "reino de medo" (p. 75).

Essa era a condição naquele mundo regido pela lógica selvagem, pela predominância das relações de dualismo 'predador-presa' (o "DEVORAR OU SER DEVORADO" de *White fang*). O narrador, incorporando Big-Tooth, explica com belo poder de síntese a situação dos hominídeos: "Nós não éramos lutadores como eles [*os predadores*]; éramos astutos e covardes, e justamente por conta de nossas esperteza e covardia, e nossa exorbitante capacidade de ter medo, que fomos capazes de sobreviver naquele ambiente terrivelmente hostil".¹¹⁶⁶

Quanto a Red-Eye, o antagonista, ele parece encarnar o oposto de Big-Tooth em diversos sentidos. As descrições dessa criatura são terríveis: "Do ponto de vista físico, ele era um gigante, (...) o maior de nossa raça que eu já havia visto." Além disso, "Ele era abominavelmente peludo, e era para nós motivo de orgulho não ter tanto pêlo." Ainda, Red-Eye "(...) era assustadoramente feio, e sua feroz bocarra com dentes à mostra e seu lábio inferior descaído só harmonizavam mesmo com seus olhos terríveis."¹¹⁶⁷ Sobre sua postura, diz-se:

Quando andava, ele se curvava para frente a partir dos quadris, e tão à frente acabava se inclinando, e tão longos seus braços, que a cada passo que dava os nós de seus dedos tocavam o chão de seu lado. Ele ficava estranho nessa posição semi-ereta que por vezes assumia, e o motivo pelo qual tocava os nós dos dedos no chão era para ter equilíbrio.¹¹⁶⁸

Ele era um exemplar de hominídeo mais próximo do macaco ancestral do que do homem vindouro:

É isso o que ele era: um atavismo. Nós estávamos no processo de mudança de nossa vida arborícola para uma vida no chão. Por várias gerações estávamos passando por essas transformações, e nossos corpos e nossa postura expressavam-nas. Mas Red-Eye havia retrocedido para o tipo arborícola mais primitivo. (...) a bem da verdade, ele era um atavismo e seu lugar não era aqui.¹¹⁶⁹

¹¹⁶⁶ Idem, p. 75.

¹¹⁶⁷ Idem, p. 56, p. 57, e pp. 57-58, respectivamente.

¹¹⁶⁸ Idem, p. 59.

¹¹⁶⁹ Idem.

Dadas as características de Red-Eye, nota-se que ele é um hominídeo mais primitivo, mais animalesco, mais "simples" em termos de evolução. Enquanto Big-Tooth compensava seu tamanho diminuto e suas limitações de não-predador sendo inventivo, ágil e esperto, Red-Eye demonstra o livro todo ser uma criatura violenta, que reage aos estímulos do ambiente de um modo mais pedestre e fisiológico do que complexo, aparentemente incapaz de ser muito mais que um fantoche de seus instintos biológicos mais básicos. Seu porte avantajado e sua consequente força são a única resposta aparente que consegue formular diante das situações.

Esses dois exemplares de hominídeos se oferecem para que Jack London teça sua cosmogonia da realidade contemporânea em que existe. O destino que cabe a eles dois, e ao conjunto de propriedades naturais que possuem, é o que torna o desfecho do livro tão crucial para a leitura de mundo de London. Enquanto a maior parte da trama se passe centrada sobre a vila do Povo das cavernas, um evento catastrófico faz com que esse foco mude: a invasão do Povo do fogo. Assim como sabemos que o *Homo habilis* foi um dos elos da cadeia evolutiva humana, pressupomos no Povo do fogo seus ancestrais, e por tal sabemos que eles são sobreviventes na terrível disputa pela perpetuação. No entanto, o mesmo não se aplica ao Povo das cavernas, senão incidentalmente, de modo que a maioria deles é dizimada durante a invasão.

Desentocados de suas cavernas pela fumaça trazida pelo Povo do fogo, os hominídeos tentam fugir, parte sendo abatida pelas flechas daqueles, e parte fugindo e se dispersando pelas florestas e planícies próximas, com os membros do Povo do fogo seguindo em seu encalço para abatê-los. Big-Tooth e sua companheira conseguem escapar, juntando-se a alguns companheiros mais à frente, e então migrando secretamente para uma nova região. As passagens finais de *Before Adam*, nesse ínterim, se passam com Big-Tooth e companheira cuidando de sua prole numa toca escondida e isolada, cujo refúgio só era deixado pelo protagonista para encontrar comida. Ao que tudo indica, o Povo do fogo vai carregar a tocha da evolução, e Big-Tooth ainda poderá tomar parte nessa marcha de sobrevivência por ter sido esperto e adaptativo, por ter encontrado como uma rota de fuga adequada e uma toca engenhosamente fora de visão. Afinal, se o narrador pôde sonhar com esses eventos remotos, é porque sua progênie foi tecida junto dos fios da evolução que consolidou a supremacia do *Homo sapiens sapiens*.

As últimas linhas do livro, no entanto, carregam uma surpresa. Diz o narrador: "Há ainda uma coisa que preciso dizer antes de terminar."¹¹⁷⁰ Numa das ocasiões em que saiu da toca para buscar comida, Big-Tooth avistou um grupo de hominídeos, ao passo que se pôs a observá-los à distância. Eles pulavam, riam e gritavam, mas

Subitamente cessaram seus folguedos e encolheram-se de medo, olhando ansiosamente para os lados em busca de um meio de retirada. Então Red-Eye caminhou para o meio deles e sentou-se no meio do círculo. (...) Era um deles. Logo atrás dele, em seus calcanhares, (...) caminhou uma velha fêmea do Povo das árvores, sua mais recente esposa.¹¹⁷¹

O espanto de Big-Tooth é tamanho que ele "diz": "Eu posso vê-lo agora, enquanto escrevo isto (...) dobrando uma de suas pernas monstruosas para coçar-se no estômago. Ele é Red-Eye, o atavismo."¹¹⁷²

O insólito dessa aparição final demonstra que a evolução não corre somente por canais rigorosamente esculpidos, mas que tem espaço para "acidentes" ou fatos inesperados, os quais demonstram, por sua vez, que a noção de "mais apto" carrega uma ambiguidade prenhe de consequências filosóficas para Jack London. Big-Tooth encontrou seu caminho à sobrevivência sendo adaptativo, demonstrando assim que o mecanismo de seleção darwiniano pode funcionar sim como chancela da excelência, selecionando os organismos cujas propriedades tendem a concorrer para um "ganho" evolutivo. Red-Eye, por sua vez, demonstra que o gargalo de seleção permite também a consagração de características viciosas na marcha da evolução, e que a sobrevivência do "mais apto" não significa a coroação do "melhor", mas que a depender das circunstâncias, o sobrevivente insere caracteres nocivos na continuidade da espécie.

Tendo sido escrito por um sujeito que, refratando as noções de seu tempo, havia associado a competição liberal à prevalência dos melhores indivíduos, não se pode dizer que o reconhecimento da ambiguidade da seleção darwiniana estabelece uma leitura crítica da origem do mundo em que vive? Na medida em que toma por certo que "(...) Big-Tooth de fato estampou suas impressões na constituição cerebral de sua progênie, e de modo tão indelével que as gerações seguintes não conseguiram obliterá-las",¹¹⁷³ assume-se também, pela revelação final da trama, que os atavismos primitivos e violentos de Red-Eye também o foram. Disto segue, necessariamente, que o mundo de então (do narrador, de Jack London) não é, como diria o Dr. Pangloss de Voltaire, "o

¹¹⁷⁰ Idem, p. 241.

¹¹⁷¹ Idem, p. 242.

¹¹⁷² Idem.

¹¹⁷³ Idem, p. 241.

melhor dos mundos possíveis", pois a seleção não garantiu necessariamente que o melhor d'antanho o tivesse fundado.

Eis então que a referência do título da novela é esclarecida. A menção a Adão não é uma vaga, algo poética, referência cronológica, mas indica a emulação pela novela da função mitológica da história bíblica primordial. Assim como esta descrevia a origem do pecado original e explicava por meio disto a natureza humana, também a novela de 1906 descreve os primórdios da história humana e explica por meio deles os dilemas que a acompanham desde então. Debaixo da singeleza de *Before Adam*, por meio de suas entrelinhas históricas, revela-se sua grande estatura: ele é o Antigo Testamento darwiniano do capitalismo monopolista!

Cabe notar ainda uma questão: ao recorrer aos pressupostos da seleção darwiniana para explicar a origem de seu próprio tempo, não estava London ainda a reconhecer sua validade de aplicação em termos sócio-históricos, e portanto a colocar sua tempo ainda sob tal égide? Não é *Before Adam* um reconhecimento de que a seleção darwiniana continua a forçar a todos a jogarem seu jogo, a tornarem-se seus cúmplices ou suas vítimas?

As primícias do tratamento desse dilema parecem estar no artigo "The class struggle" ("A luta de classes", em tradução livre), de março de 1903. Ele pode ser lido, conforme sugeriu Foner, como um esforço "(...) para destruir um dos mais caros mitos do capitalismo estadunidense: o de que não há luta de classes na sociedade americana."¹¹⁷⁴ Antes disto, contudo, propomos sua leitura como interpretação da correlação de forças na sociedade e na economia estadunidenses daquele momento, e também como documento histórico sobre os dilemas morais enraizados nessa correlação de forças, uma vez que nos mais esperançosos augúrios socialistas de London escondem-se os maus agouros de um pesadelo darwiniano.

Para compreender o estado da luta de classes de seu tempo, Jack propõe uma breve genealogia histórica da classe trabalhadora estadunidense:

A classe capitalista e a classe trabalhadora existiram lado a lado nos Estados Unidos por um longo tempo, mas até agora todos os membros fortes e enérgicos desta haviam sido capazes de ascender de sua condição e se tornar possuidores de capital. Eles podiam fazer isto porque um país pouco desenvolvido, com uma fronteira em expansão, dava igualdade de oportunidade a todos.¹¹⁷⁵

¹¹⁷⁴ FONER, Philip S. *Jack London, American rebel*. op. cit. pp. 55-56.

¹¹⁷⁵ LONDON, Jack. *The class struggle*. In: _____. *War of the classes*. op. cit. p. 8.

E continua:

Na corrida estilo-loteria pela propriedade dos vastos recursos naturais ainda sem dono, e em meio à exploração dos quais havia pouco ou nenhuma competição de capital (sendo este oriundo da exploração), os membros capazes e inteligentes da classe trabalhadora encontraram um terreno no qual usar seu cérebro para sua própria prosperidade. Ao invés de ficarem descontentes na mesma proporção de suas inteligência e ambição, e de irradiarem entre seus companheiros um espírito de revolta, (...) eles puseram-se a pavimentar seu próprio caminho rumo a um lugar na classe superior.¹¹⁷⁶

Chegando, pois, ao estado de coisas de seu tempo:

Mas acabou-se o dia da fronteira em expansão, da corrida pela propriedade dos recursos naturais, e da edificação de novas indústrias. O mais longínquo Oeste foi alcançado, e um imenso volume de capital excedente vaga em busca de investimento, matando no ninho os esforços de capitalistas que tentam crescer devagar a partir de inícios modestos. A porta das oportunidades foi fechada em definitivo. Rockefeller fechou a porta do petróleo, a American Tobacco Company a do fumo, e Carnegie a do aço. E após Carnegie veio Morgan, que a trancou de vez. Essas portas não vão se abrir novamente, e diante dela param milhares de ambiciosos jovens, lendo o aviso: PASSAGEM INTERDITADA.¹¹⁷⁷

Nesses três trechos formula-se um apanhado histórico sintético sobre a formação da classe trabalhadora estadunidense e sua fundamental ligação com o processo mesmo de consolidação do capitalismo monopolista. O resultado disto é que "(...) dia à dia mais portas são fechadas, enquanto jovens ambiciosos continuam a nascer [*ao passo que*] são eles, tendo negada sua oportunidade de ascensão, que pregam a revolta à classe trabalhadora." Logo, "(...) a classe trabalhadora não está mais sendo drenada, como era no passado, de seu melhor sangue e de suas melhores mentes. Seus membros mais capazes não podem ascender como outrora, de modo que não deixam mais a grande massa trabalhadora sem líderes e sem direção."¹¹⁷⁸

Esse fato novo estava causando uma mudança profunda, pois o fechamento das portas e a consequente permanência dos "líderes capazes" junto da classe trabalhadora favoreceu sua melhor organização, e propiciou também a união dos sindicatos e movimentos trabalhistas com os socialistas, um fato inédito na história dos Estados Unidos. Para demonstrá-lo, Jack arregimenta falas de líderes sindicais e socialistas (Eugene Debs, Henry White, Samuel Gompers), comentários de presidentes de associações patronais (D.M. Parry, Lyman J. Gage, Thomas J. Coolidge), passagens de jornais da época (*Chicago Chronicle*, *Brooklyn Daily Eagle*, *The Chicago New World*,

¹¹⁷⁶ Idem, *ibidem*, p. 8.

¹¹⁷⁷ Idem, pp. 8-9.

¹¹⁷⁸ Idem, p. 9 e pp. 10-11, respectivamente.

San Francisco Argonaut) bem como o crescimento do voto socialista nas últimas eleições dos Estados Unidos (1900, 150 mil votos; 1902, 300 mil; 1904, 450 mil).¹¹⁷⁹

Se desenha, portanto, a correlação de forças de seu tempo: de um lado, os Carnegies, Morgans, Rockfellers que fecham as "portas da oportunidade"; de outro, o grande conjunto de trabalhadores, organizados agora por seus líderes sindicais, trabalhistas e socialistas. A concentração econômica de tipo monopólico estabeleceu estratificação social nova, impondo-se de tal modo como força histórica que se tornou impossível ignorar sua terrível égide ou almejar reclamar uma existência individual estável, que pudesse passar ao largo dela. A crucialidade dos efeitos monopólicos necessariamente arregimenta a todos os sujeitos sociais em dois grupos antagônicos: "Soou a hora do indivíduo, e a hora do grupo chegou, *para bem ou para mal*. A luta começou, e não é uma luta entre indivíduos, mas uma luta entre grupos." (*grifo nosso*)¹¹⁸⁰

Sublinhemos no trecho acima a parte em que Jack London, socialista calejado, hesita. E hesita diante da conjuntura que era certamente a mais favorável até então aos socialistas e ao Povo do Abismo com quem viveu e por quem se indignou. Não seria de se esperar que esse socialista estivesse exultante com a possibilidade de que seus companheiros e seus ideais fossem alçados a uma posição de poder dentro da sociedade, quiçá ao governo?

Jack temia. Como seus ancestrais do Pleistoceno, ele temia.

A concentração de tipo monopólico estabeleceu uma estratificação socioeconômica muito mais desigual, tendo tensionado de maneira inédita o antagonismo de classe, e tornando-o uma luta pela sobrevivência similar à do mundo animal, como os modos de existir do Abismo haviam revelado a Jack. Reduzida a vida social aos seus caracteres mais simples, animais, fisiológicos, o estado belicoso da natureza grassava a sociedade humana.

Diante desse estado de antagonismo social, ele parece ser somente capaz de se perguntar: "A questão a ser respondida não é uma relativa à 'eficiência projetada' de Malthus, tampouco uma questão de ética. É uma questão de força [*might*]. A classe que vencer, o fará em razão de força superior [*superior strength*]." E conclui, inconcluso

¹¹⁷⁹ LONDON, Jack. Preface. In: _____. **War of the classes**. op. cit. p. X.

¹¹⁸⁰ Idem, p. 18.

entre a cautela e o compromisso: "Não se trata mais de haver ou não luta de classes. A questão agora é qual será o resultado dela."¹¹⁸¹

Não surpreende, dada a escalada dos antagonismos de classe posta pela estrutura e pela dinâmica monopolistas, que o título do artigo de 1903 seja "The class struggle", mas que a coletânea de ensaios seus de 1905, na qual este foi publicado, se intitule *War of the classes*, isto é, guerra das classes - afinal, como disse outrora: "Na selva social, todos predam a todos."¹¹⁸²

É possível que nenhum socialista tenha sido tão ardoroso e tão temeroso em relação às suas convicções como Jack London. A possibilidade da precipitação do conflito de classe o aterrava. Seu agudo senso de responsabilidade não lhe permitiria "simplesmente dizer algo", e ele era um materialista consequente o suficiente para saber que era preciso pôr atitudes concretas debaixo das afirmações se quisesse sustentá-las. Estava disposto a fazê-lo?

No prefácio de *War of the classes* ele diz que está, mas não deixa de ser com um tom pesaroso, ligado às noções de evolução darwinista:

A classe trabalhadora, no processo de evolução social (pela natureza mesma das coisas), está destinada a revoltar-se contra o domínio da classe capitalista e a derrubá-la. Eis a ameaça posta pelo socialismo, ao afirmá-lo e declarar-me adepto dele, aceito minha consequente desrespeitabilidade.¹¹⁸³

Dentro de Jack se debatiam a cultura herdada e a cultura aprendida. Ele era um *Yankee* de criação, e um socialista de adoção. Esta o levava a pôr seu vigor à serviço da causa operária e do Povo do Abismo, fazendo-o assinar suas cartas: "Yours, for the Revolution"; aquela, o deixava melancólico e algo nostálgico, mas sobretudo preocupado com o que poderia resultar desse embate selvagem, no qual o indivíduo parecia esmagado entre criaturas coletivas monumentais. A cultura aprendida o levava ao sonho de Marx; a herdada, ao pesadelo de Darwin.

Contudo, dadas as condições postas pelo capitalismo monopolista, o assombro de Jack advinha do fato de que talvez as duas coisas fossem a mesma, redundando num mesmo espetáculo tétrico de selvageria. O caminho da "evolução social" passava pela "revolução", mas nem por isso deixava de passar pela "guerra das classes" que reencenava na sociedade moderna a predação do mundo primitivo. Sendo socialista ele era um bom darwinista; e vice-versa.

¹¹⁸¹ Idem, p. 49.

¹¹⁸² LONDON, Jack. *The scab*. In: _____. **War of the classes**. op. cit. p. 130.

¹¹⁸³ LONDON, Jack. Preface. In: _____. **War of the classes**. op. cit. p. XIV.

Ao que tudo leva a crer, ao nó górdio que Henry George levantara em 1879, "o enigma da associação entre pobreza e progresso", Jack ofereceu solução similar à de Alexandre Magno: "o caminho para frente é o caminho para fora",¹¹⁸⁴ se a civilização do capitalismo monopolista e a degradação humana andam juntos, é à revolução que cabe a tarefa de purgá-la, nem que isso implique certo pragmatismo selvagem. Pode a civilização sobreviver a isto? Merece o nome de civilização se não o fizer? "Os tiros de abertura da batalha das classes foram disparados".¹¹⁸⁵

Dado o agudo senso de responsabilidade que o caracterizava, aqueles anos pós-1902 foram vivenciados com profundo mal-estar ético por Jack London. É em grande medida isto o que se encontra na base do romance *The sea-wolf* (*O lobo do mar*, em português),¹¹⁸⁶ de 1903, que pode ser lido tanto como obra de ficção quanto como um acerto de contas de London com sua filosofia individualista e com suas ideias nietzschianas de "super-homem". Aqui estamos diante da pedra angular ficcional da segunda fase de sua literatura, misturando o esconjuro de posições pregressas e a fascinação refratária delas mesmas, preparando o arranque cuja crise filosófica havia ainda de ser coroadada.

Confrontado pela ascensão do capitalismo monopolista com as consequências morais de certas posições suas, London sentiu a necessidade de exorcizar os ideais de competição individual e de elogio da força. O resultado disto é muito expressivo, em termos históricos, pela exposição dos dilemas que enredavam a sociedade estadunidense em processo de adaptação ao regime monopolista, e que se encarnavam precisamente na imperiosa figura do protagonista, o capitão Wolf Larsen.

O magnetismo desse personagem se deve ao fato de ele ter sido cerzido com os nervos mesmo de London. Tudo nele é tão arrebatador, cada gesto ou fala sua é tão categórica, e suas decisões são regidas por uma lógica tão férrea e tão fria, que ele causa doses iguais de repulsa e admiração, fascinação e medo:

Tratava-se de uma força [*a de Larsen*] que estamos acostumados a associar com as coisas primitivas, com os animais selvagens, com as criaturas que imaginamos terem sido nossos antepassados arborícolas - uma força selvagem [*savage*], feroz, vive nela própria, a essência da vida é que a potência do movimento, a matéria-prima elementar da qual tantas formas de vida foram moldadas¹¹⁸⁷

¹¹⁸⁴ LONDON, Jack. *Wanted: A new law of development*. In: _____. **War of the classes**. op. cit. p. 257.

¹¹⁸⁵ LONDON, Jack. *The class struggle*. In: _____. **War of the classes**. op. cit. p. 40.

¹¹⁸⁶ LONDON, Jack. **O lobo do mar**. Tradução de Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L&PM, 2013.

¹¹⁸⁷ LONDON, Jack. **The sea-wolf**. New York: Macmillian Company, 1904. pp. 18-19.

Seu estoicismo e sua aparente imunidade contra a opinião alheia ou a convenções morais torna Larsen mais apto a exercer toda a exuberância de seu poder, de não ser constrangido por escrúpulos que poriam freio às ações de outrem - era "um homem que não fazia nada contrário ao que ditava sua consciência (...) Ele era um magnífico atavismo, um homem tão puramente primitivo que havia vindo ao mundo antes do desenvolvimento da natureza moral", donde dizer-se: "Ele não era imoral, mas sim meramente amoral."¹¹⁸⁸

Larsen, desse ponto de vista, é a apoteose nietzscheana ao mesmo tempo em que é a epítome do *self-made man* que protagonizava a literatura iniciática de London. Contudo, e esse é o ponto de viragem, sua conduta deliberadamente indomável o torna um sujeito odioso, insociável, um egoísta radical. Sua filosofia de vida, tecendo a mesma ponte do social-darwinismo estadunidense entre a natureza e a sociedade, é assim exposta por ele:

Eu creio a vida uma bagunça. (...) Ela é como a levedura, um fermento, uma coisa que se move e que pode se mover por um minuto, uma hora, um ano ou cem anos, mas que no fim cessará de se mover. O grande devora o pequeno para que possa continuar a mover-se, o forte devora o fraco para reter sua força. O mais sortudo devora o máximo e se move por mais tempo. E isso é tudo.¹¹⁸⁹

Como se vê, ao tomar por homólogas a vida natural e a vida social, Larsen reduz a existência ao continuar existindo, assim a desprovido de considerações de ordem moral. Por um lado, isso lhe dá um salvo-conduto absoluto; por outro, desencarna a vida de qualquer sentido. Tornando-se a corda filosófica que a sociedade americana Oitocentista fora obrigada a tanger naquela virada de século, Larsen funde em si o mais alto da liberdade e o mais trágico da existência. Ou o mais trágico da liberdade e o mais alto da existência. É precisamente esse o dilema histórico em questão.

Sendo a continuidade biológica para ele o único fiel possível da balança existencial, é como se tudo fosse permitido em nome desse pragmatismo de perpetuação. Ao *boosterism* liberal estadunidense, que articulava essa "aptidão existencial" à prosperidade material, essa era a chancela perfeita para o voluntarismo econômico, para a obstinação laboral, para o orgulho individual. No entanto, se continuar a existir era o único sentido possível de existir, como aplicar os reclames da consciência que vem com a existência? Van Weyden, o narrador de *The sea-wolf*, diz

¹¹⁸⁸ Idem, p. 98.

¹¹⁸⁹ Idem, ibidem, p. 50.

que a visão de vida de Larsen é repleta de "desesperança" pois não há algo maior nela, uma "imortalidade", um sentido transcendente. É aqui que London desfia a faceta trágica do pragmatismo do protagonista:

Sem mover-se e ser parte da levedura, não haveria desesperança. Mas - e aí é que está a questão - nós queremos viver e nos mover embora não tenhamos razão para tal, pois ocorre que essa é a natureza da vida e do movimento: querer viver e se mover. Se não fosse por isto, a vida estaria morta. É porque essa vida está em você que você sonha com a sua imortalidade. A vida que está em você está viva e quer continuar estando para sempre. Argh! Uma eternidade de imundície.¹¹⁹⁰

Eis o imbróglio filosófico em que se encontrava Jack e, em grande medida, a sociedade estadunidense daquela época, daquele momento de transição de séculos e de regimes capitalistas. A extinção da fronteira de expansão interna nos Estados Unidos esgotou as possibilidades de cultivo do individualismo clássico de outrora, pois as condições materiais gerais para tal se esvaíram junto com ela. O que "restava" era a incorporação dos sujeitos nas demarcações de uma sociedade moderna, com grande concentração econômica e repleta de restrições existenciais, sejam de ordem econômica, sejam da ordem das instituições civis típicas dela (essencialmente castradoras, diria um Freud). O indômito do *self-made man* tendeu a ver isto como um processo de castração, de perda de liberdade.

Sabedores disto, como não escutar no tratamento de Wolf Larsen como o Lúcifer de Milton as lamúrias históricas dos Oitocentos americanos diante do desafio monopolista?

Deus era mais poderoso, como ele havia dito. Aquele cujo trovão era mais forte. Mas Lúcifer era um espírito livre. Servir era sufocar. Ele preferia o sofrimento da liberdade ao feliz conforto da servidão. Ele não queria servir a Deus. Ele não queria servir a nada. Erguia-se sobre suas próprias pernas. Era um indivíduo.¹¹⁹¹

O capitão Wolf Larsen inaugura, na ficção, a segunda fase da literatura de London, provavelmente por isso congregando em si de maneira mais intensa (e ambígua) os atributos da civilidade e da selvageria, da bruteza e do refinamento, da liberdade mais transcendente e da determinação mais materialista. Entende-se, através disto, porque sobre ele são estendidos o véu das referências clássicas tanto quanto as pesadas couraças do naturalismo. Ele é Caliban mas é também um leopardo; é Lúcifer, "aquele espírito orgulhoso banido para uma sociedade de desalmados fantasmas", mas é

¹¹⁹⁰ Idem, pp. 52-53.

¹¹⁹¹ Idem, p. 249.

igualmente um touro ou um gorila; é, enfim, uma Circe masculina a atormentar sua tripulação, ou um determinado personagem "de uma história de Bocaccio", mas igualmente "a grande Besta mencionada na Revelação".¹¹⁹² A força de sua disposição de espírito tem envergadura épica, que almeja as grandezas clássicas, mas a consequente brutalidade alheia que impõe, tornando os outros objetos de seu poder, acaba por torná-lo uma figura terrível, e portanto trágica - personagem complexo, cujas entranhas históricas o fazem alvo de mórbida fascinação.

Uma vez que esse romance era acerto de contas, Jack precisava dar conta de sepultar certos valores com os quais pretendia romper. Ele faz isto tornando essa encarnação do "super-homem" que é Larsen em uma criatura impotente ao fim da trama, cego e abandonado à própria sorte, abraçado de morte com sua própria individualidade e egoísmo, motivo não mais de admiração, mas de piedade. O interessante é que isso ocorre somente ao final do livro, de modo que o restante todo do livro mais o erige em figura trágica, por vezes quase admirável.

O aceno que London dá a Larsen é ostensivo, e a crítica que lhe dirige muito módica em comparação. Sustentamos que por debaixo disto estava motivo muito similar ao que jazia por debaixo da hesitação dele em relação à aliança política entre socialistas e trabalhadores organizados contra a elite monopolista: seus resilientes valores individualistas digladiando-se, de um lado, com suas esperanças socialistas, e de outro, com seus temores darwinistas. Ele não se acovardava diante da luta socialista, sabia exercitar seu individualismo sem torná-lo força destrutiva, contudo, não podia deixar de temer o resultado humano daquela beligerância, sobretudo na medida em que ela ameaçava impor, em sua visão, a selvageria primeva.

É justamente esse dubio estado de espírito que se encontra na raiz de seu grande romance de 1906, *The iron heel* (*O tacão de ferro*, em português),¹¹⁹³ e sua engenhosa estrutura narrativa.

The iron heel, como se explica no Prefácio, é a suposta reprodução compilada de um documento histórico, o "Manuscrito Everhard", o qual sobreviveu aos eventos do longínquo ano de 1912. Quem fala isto, quem assina esse prefácio, é Anthony Meredith, historiador que viveu sete séculos à frente daquela data, no ano de 419 B.o.M., isto é, no ano 419 da Irmandade do Homem (Brotherhood of Man).¹¹⁹⁴

¹¹⁹² Idem, p. 82, p. 231, p. 95, p. 135, p. 18, p. 243, p. 133, e p. 57, respectivamente.

¹¹⁹³ LONDON, Jack. **O tacão de ferro**. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2011.

¹¹⁹⁴ LONDON, Jack. **The iron heel**. op. cit. p. XIV.

Esse Manuscrito foi escrito por Avis Everhard, e conta a história da vida de seu marido, Ernest Everhard, trabalhador e militante socialista que teve participação fundamental nos eventos das primeiras revoltas contra o Tação de Ferro, revoltas estas que nos séculos seguintes continuaram até que o "(...) movimento internacional do trabalho alcançasse a vitória",¹¹⁹⁵ consolidando, enfim, a chamada Irmandade do Homem. O termo "Tação de Ferro", no enredo do livro, foi cunhado por Ernest Everhard, para que pudesse designar o estado de coisas daquele momento entre as décadas de 1900-1910, o estágio histórico em que se encontrava estabelecida a luta de classes e sua correlação de forças.

Desse modo, *The iron heel* conta a história de Ernest Everhard, mas sob os olhos de sua esposa Avis, que viveu no mesmo momento que ele, e compilada por Anthony Meredith, sete séculos mais tarde. As camadas de narrativa, como se vê, são complexas. O enredo *de facto* é uma narrativa em primeira pessoa produzida pela pena de Avis, que vivenciou concretamente o conjunto dos eventos que forma seu núcleo. Contudo, na medida em que o protagonismo nesses eventos é todo de Ernest, o Manuscrito é sobre ele (tanto quanto sobre a ascensão do Tação de Ferro que culminou na sua morte). A mão de Meredith, por fim, aparece no texto por meio de diversas notas de rodapé ao longo do livro, as quais comentam a narração de Avis, apontam fatos, corrigem imprecisões, dão informações adicionais sobre esse evento ou aquele personagem etc.

O jogo narrativo comporta, portanto, como que três instâncias. A de Avis é marcada por sua profunda admiração por Ernest, ou, como diz Meredith, "viciada pela inclinação do amor".¹¹⁹⁶ A de Meredith, por sua vez, tende ao enquadramento mais técnico, mais frio, dotada da perspectiva histórica multissecular, e também acometido de certa condescendência, como quando fala "que sorrimos e perdoamos Avis pelas linhas heróicas com que modelou seu marido" ou quando diagnostica o "provincianismo da mente de Ernest".¹¹⁹⁷ A instância de Ernest propriamente dito, contudo, só nos é acessível pela intersecção das instâncias de Avis e de Meredith, ainda que constitua a medula do romance.

Argumentamos que *The iron heel* é a síntese da literatura das duas fases de Jack London, e o dizemos pensando tanto em termos filosóficos e históricos quanto em termos estéticos. A estratégia de que falamos no capítulo III, da compilação de relatos

¹¹⁹⁵ Idem, *ibidem*.

¹¹⁹⁶ Idem, p. IX.

¹¹⁹⁷ Idem, p. IX e p. X, respectivamente.

alheios que fazia de Jack um rapsodo *Yankee*, encontra-se incrustada no coração desse romance de 1906, pois a sobreposição da camada de Avis pela de Meredith lhe permite lidar com as duas "vozes" ao mesmo tempo. Por esse mesmo mecanismo, ele consegue juntar a toada aventureira daquela primeira literatura (com sua voz narrativa fundada sobre a descrição técnica da ação), com os mergulhos e a cadência mais reflexivas da segunda fase (onde a erudição sociológica, economista, naturalista e filosófica foram exercidas com maior afinco). À narrativa de Avis cabe aquela função; às notas de rodapé de Meredith, esta.

O mal-estar ético com que Jack London foi confrontado após a experiência no East End, sua dubiedade, se manifesta em *The iron heel* a seu próprio modo, e igualmente fundado sobre tal estrutura narrativa. Pela reputação de Jack como socialista somos tentados a ver em Ernest o seu duplo (não era Jack "O garoto socialista de Oakland"?), uma vez que este se revela no romance um herói, tanto intelectual socialista rigoroso e brilhante, como corajoso e consequente militante da "Causa". Porém, o fato de que sua figura somente surja na intersecção dos relatos de Avis e de Meredith, e que essas vozes narrativas sejam construções do escritor, oferece terreno para dúvidas. Com base nelas, portanto, sustentamos que a estrutura narrativa desse romance é uma espécie de tribunal, no qual digladiam-se a admiração passional de Avis Everhard e a ponderação analítica de Anthony Meredith, isto é, o ardor revolucionário de Jack e os seus temores darwinistas.

O veredicto está de certo modo lavrado de antemão, pois no prefácio da coletânea *War of the classes*, de 1905, Jack já havia dito que assumia sua convicção socialista e sua "consequente desrespeitabilidade"; contudo, há algo mais nos anais desse tribunal. O que une o ardor revolucionário e o temor darwinista, o que impele Jack London ao socialismo e ao mesmo tempo o faz temer suas implicações, é o que dá título ao livro, é o Tacão de Ferro, o capitalismo monopolista. A biografia ficcional de Ernest Everhard, a verdade literária de *The iron heel*, os temores morais e existenciais de Jack London, a história dos Estados Unidos da virada do XIX para o XX, todos eles constituem os anais desse tribunal, razão pela qual cabe explorá-los.

Uma vez que o enredo de *The iron heel* é guiado pelo foco narrativo de Avis e centrado em Ernest Everhard, é o desenvolvimento da relação entre esses dois personagens que constitui a força propulsora da trama. Contudo, conforme a vida de Ernest está toda entrelaçada com as lutas políticas de seu tempo, a concomitante ascensão do Tacão de Ferro também participa como espécie de macro-enredo.

Assim, a estória começa em fevereiro de 1912, com Avis conhecendo Ernest num jantar oferecido por seu pai, ao qual acorreram tanto o protagonista como alguns ministros religiosos. O pai dela, John Cunningham, era um professor universitário em Berkeley, e seus estudos mais recentes o haviam levado a desenvolver especial interesse nas áreas de Sociologia e Economia, de modo que se tornava cada vez mais costumeiro que membros de organizações políticas, líderes religiosos, intelectuais radicais, dentre outras figuras públicas frequentassem a residência de Avis. Seu pai gostava de ser o anfitrião de debates filosóficos e políticos, e não perdia a oportunidade de convidar pessoas interessantes que pudessem contribuir nesse sentido. Foi assim que Ernest, um "antigo ferrador de cavalos" e então "filósofo social",¹¹⁹⁸ entrou em contato com Avis e foi assim que entrou em cerrado debate com os ministros religiosos naquela noite.

Praticamente todo o primeiro capítulo é composto dos diálogos entre os religiosos e Ernest, e como este os venceu de forma acachapante no debate sobre a situação da classe trabalhadora na sociedade contemporânea. Em boa medida o debate se constitui uma longa arenga em que Ernest demonstra as vicissitudes epistemológicas do materialismo em relação aos flagrantes limites do pensamento idealista (ou "metafísico", como ele o chama) dos religiosos. Ele acusa o metafísico "de raciocinar dedutivamente a partir da própria subjetividade", e, portanto, de ser "anarquistas do reino do pensamento, criadores loucos de cosmos". Na direção oposta, Ernest diz que o cientista "(...) raciocina indo dos fatos à teoria", "(...) não explicando o universo a partir de si mesmo, mas a si mesmo a partir do universo". Ele defende o materialista Spencer e critica o idealista Berkeley, tecendo contundentes interpretações sobre a história da humanidade a partir de fatos materiais, ao invés de transposições mentais.¹¹⁹⁹

O rigor do pensamento de Ernest, bem como a convicção passional de sua exposição são tão categóricos, tão inflamados, que um dos ministros tenta acalmar seu furor por meio de um gracejo: "Não há Deus a não ser o do Fato, e o Sr. Everhard é seu profeta."¹²⁰⁰ O protagonista não se deixa abalar e retruca vexando seus interlocutores: "Vocês cerram fileiras com a classe capitalista (...). E porque não? Ela os paga, os alimenta e os veste", atacando-os logo em seguida: "Sejam leais às suas escolhas e aos

¹¹⁹⁸ Idem, p. 5.

¹¹⁹⁹ Idem, p. 10, p. 8, p. 8, e p. 10, respectivamente.

¹²⁰⁰ Idem, p. 15.

seus mestres. Guardem com sua pregação os interesses de seus patrões. Mas não venham até a classe trabalhadora querendo servi-la como seus falsos líderes."¹²⁰¹

A agudeza dos comentários e das certezas de Ernest não deixaram de fascinar a Avis: "Ele era simples, direto e não temia nada, recusando-se a desperdiçar tempo em maneirismos convencionais." O herói de *The iron heel* é uma nada-convencional junção das influências filosóficas de Jack London, a qual soa um tanto bizarra mas que possui certo grau de verossimilhança dadas as condições extraordinárias postas pelo desenvolvimento monopolista dos Estados Unidos. A descrição de Ernest feita por Avis logo em seguida ilustra precisamente isto: "Ele era um super-homem, uma besta louca como as que Nietzsche havia descrito, e uma que estava inflamado pela democracia."¹²⁰² (Ciente do peso de uma tal declaração, London faz Meredith puxar uma nota de rodapé e explicar quem foi Friedrich Nietzsche: "[...] filósofo louco do século XIX da era cristã, o qual capturou breves lapsos de verdade mas que antes de alcançá-la, acabou por circundar o grande círculo do pensamento humano e cair na loucura")¹²⁰³

The iron heel está largamente estruturado por meio de capítulos como esse primeiro, em que Avis vai relatando as discussões, discursos, debates e conversas de Ernest, ao longo das quais vão se explicando as bases de seu pensamento e nas quais vai-se mapeando a ascensão das grandes concentrações de capital. No capítulo II (Challenges) Ernest debate com o bispo Morehouse explicando a diferença entre "ódio de classe" e "luta de classes", momento em que se explica o então presente estágio da luta de classes nos Estados Unidos do início do século XX. No capítulo V (The Philomaths), Ernest é convidado a proferir uma conferência no Philomath Club, clube de debates frequentado pelas elites sociais, econômicas e culturais, e lá desafia a todos os presentes com uma palestra provocativa sobre a "má gerência da classe capitalista",¹²⁰⁴ e a revolução proletária como inevitável caminho para sua derrubada. No capítulo VIII (The machine breakers), o pai de Avis oferece um jantar para os pequenos capitalistas e profissionais liberais como parte da campanha de Ernest ao Congresso, ocasião em que este ironiza a convicção deles de que "(...) foram criados com o único propósito de auferir lucros", demonstrando que pela ascensão monopolística,

¹²⁰¹ Idem, p. 21.

¹²⁰² Idem, p. 6.

¹²⁰³ Idem, p. 6 (nota de rodapé).

¹²⁰⁴ Idem, p. 86.

"a classe média é um mero pigmeu entre dois gigantes",¹²⁰⁵ capital e trabalho. No capítulo IX (*The mathematics of a dream*), ainda no mesmo jantar, Ernest traça uma interpretação panorâmica sobre as contradições criadas pelo excedente de capital e a queda tendencial da taxa de lucro, a qual leva à expansão imperialista e à ameaça de uma guerra de proporções mundiais. No capítulo XIV (*The beginning of the end*), em conversa com Avis sobre a greve geral chamada pelos grandes sindicatos do país e sobre os conflitos de interesses entre trabalhadores especializados e não-qualificados, Ernest tece detalhada explicação sobre o que se costuma chamar de "aristocracia operária" (e que ele chama de "castas laborais"), profetizando que aqueles hão de se tornar os colarinhos-brancos suburbanos e estes, virtuais escravos.

E esses são somente os capítulos em que esses grandes debates ocorrem de maneira mais ostensiva, compondo a espinha dorsal da narrativa mesma. De maneira mais esparsa, subordinando-se aos eventos próprios do enredo, há diversas outras ocasiões em que debates de grandes questões filosóficas, políticas e sociológicas acontecem. Quando Avis vai investigar sobre um acidente de trabalho de um operário industrial que perdeu o braço (capítulo III), discute-se sobre a hierarquia de poder e a dependência econômica generalizada que o grande capital exerce sobre todas as instâncias do mundo do trabalho e seus ocupantes. Quando Avis, ainda na busca de respostas sobre o acidente do operário, procura os advogados dele e os jornais que silenciaram sobre a situação (capítulo IV), essa é a ocasião perfeita para que se explique que as grandes indústrias pagam os melhores advogados para ganhar todos os processos, e que os jornais se calam sobre assuntos contrários às grandes corporações porque não podem arriscar perder a publicidade que essas comprem em suas páginas. Quando o crítico livro de pai de Avis é publicado e então censurado como anti-patriótico, passando a não ser mais editado nem vendido (capítulo X), tem-se a oportunidade para descrever os mecanismos secretos pelos quais senadores e congressistas são controlados pelos interesses monopolistas, e que o enorme poder que esses possuem os permite lançar perseguição sistemática a seus desafetos - no caso de Cunningham, tirando seu livro de circulação e forçando a universidade a suspendê-lo.

Por vezes chega a ficar-se com a impressão de que o romance não é muito mais do que uma espécie de panfleto ficcionalizado (ou, como já foi chamado, uma "pequena

¹²⁰⁵ Idem, p. 127 e p. 151, respectivamente.

Bíblia popular do socialismo científico"),¹²⁰⁶ tamanha a quantidade de informações estatísticas, excertos de jornais da época, trechos da fala de figuras públicas de então, informações técnicas gerais sobre episódios etc. As notas de rodapé de Meredith são um dos lugares privilegiados em que isto aparece. Sem precisar sermos exaustivos, citemos por exemplo a nota de rodapé em que Meredith aponta o número de pessoas vivendo em condição de pobreza de acordo com o Censo de 1900, 1.752.187; ou a nota que lista os cinco poderosos grupos de empresas que controlam a economia estadunidense; ou, ainda, a nota que lista os estudos estatísticos de Lucien Sanial acerca da estrutura social estadunidense, na qual são apontados os números em cada um de seus estratos.¹²⁰⁷

Essas informações incorporadas pela voz de Meredith têm certa função no conjunto do livro, mas tão lateral e acessório que pensamos que poderiam passar sem elas. Se tratarmos *The iron heel* como estudo sociológico, entendemo-las cruciais, embora seja difícil nesse caso perdoar-lhe a ficcionalidade geral. Se tratarmos *The iron heel* como obra de literatura, parece-nos que poder-se-ia passar ao largo delas sem que grande prejuízo fosse causado. Em virtude disso, suspeitamos que elas são inserções que Jack London compilou exaustivamente e colocou à disposição de seus leitores, seja como um entusiasta socialista que quer fomentar a tomada de consciência de seus leitores, seja como um advogado que constrói seu caso, apresentando evidências que corroborem sua versão dos fatos e proposição de interpretações. Trotski, aliás, em carta a Joan London disse que a ficção de *The iron heel* "(...) não é senão uma moldura para a análise social".¹²⁰⁸

Até por volta do capítulo XIV, o que Jack faz é descrever de maneira sintética, por meio da trajetória de um personagem ficcional contada por sua esposa e entrecortada pelas notas de um historiador, o processo de consolidação do capitalismo monopolista nos Estados Unidos. Em outros termos, ele traduziu numa forma ficcional e fortemente persuasiva a argumentação que o acompanhamos fazendo desde seus primeiros artigos de 1895, e cujo resultado histórico, no romance, ele chama de Tacão de Ferro, precisamente o capitalismo monopolista.

O Tacão de Ferro é o regime monopolista, aquele que se estabeleceu quando "(...) os trustes transcenderam a competição", e uma vez tendo-o feito, "destruíram a

¹²⁰⁶ Citado por PORTELLI, Alessandro. *Jack London's missing revolution - Notes on The iron heel*. [1982] Traduzido por Carole Beebe Tarantelli. Disponível em <<https://www.depauw.edu/sfs/backissues/27/portelli.html>> Acesso em 23 out 2018.

¹²⁰⁷ LONDON, Jack. **The iron heel**. op. cit. p. 85, p. 158, e p. 153, respectivamente.

¹²⁰⁸ Citado por PORTELLI, Alessandro. *Jack London's missing revolution - Notes on The iron heel*. op. cit.

competição": a "liberdade de oportunidade é agora negada pelos grandes trustes."¹²⁰⁹ É precisamente por meio da destruição da competição e da "liberdade de oportunidade" que os trustes e cartéis se estabelecem no topo da economia, de lá estendendo os tentáculos de seu poder para os demais domínios da vida social. Seus detentores, a classe proprietária e dominante, forma o que se chama em *The iron heel* ora de "Oligarquia", ora de "Plutocracia". Ela "(...) é composta pelos ricos banqueiros, os magnatas ferroviários, os diretores das corporações, e os magnatas dos trustes."¹²¹⁰

Um dos grandes esforços desse romance de 1906, e que é levado a cabo pela narrativa ficcional tanto quanto pelas notas de rodapé, é demonstrar a onipresença do Tacon de Ferro no conjunto da vida social. O advogado do operário acidentado temia ter seu emprego tirado ou ser perseguido pela indústria processada caso fosse bem sucedido no litígio judicial (pp. 45-48). O feitor da indústria onde esse operário trabalhou mudou suas declarações no tribunal para não perder o emprego e colocar sua família sob a ameaça da fome (p. 51). O editor do jornal que Avis procurou chamou de simples "política editorial" o descaso para com o acidente fabril, justificando-a pelo alto valor de publicidade contratada por aquela indústria (p. 64). O diretor universitário Wilcox, sobre o pedido de suspensão do pai de Avis, disse que acedeu porque "(...) a universidade precisa do dinheiro (...) e ele tem que vir de pessoas ricas que não podem ser ofendidas" pelos membros desta (p. 103). O bispo Morehouse, quando ousou levantar a voz em favor dos pobres, foi noticiado ter sido acometido de exaustão nervosa e mandado para a Europa (p. 117). Governadores, juízes, cortes e tribunais são chamados de "criaturas dos trustes" (p. 135) ou "criações da Plutocracia" (p. 253). É dito que "dez mil cidades nos Estados Unidos são iluminadas por companhias possuídas ou controlas pela Standard Oil" e o mesmo pode ser dito sobre "os transportes movidos à eletricidade" nessas mesmas cidades (p. 156). Sobre um dos trustes ferroviários, é dito que "(...) emprega 40 mil advogados para derrotar o povo nas cortes, distribui milhares de passagens gratuitas para juízes, banqueiros, editores, ministros, acadêmicos, membros das legislaturas estaduais e do Congresso." (pp. 158-159). Quando o crítico livro do pai de Avis foi publicado, os trustes cuidaram para que fosse considerado "sedicioso", e como tal tirado de circulação; e mesmo quando uma editora socialista resolveu publicá-lo, primeiro os correios se recusaram a distribuí-lo e depois as

¹²⁰⁹ LONDON, Jack. **The iron heel**. op. cit., p. 133 e p. 130, respectivamente.

¹²¹⁰ Idem, ibidem, p. 153.

transportadoras particulares, sendo que por fim a gráfica dessa editora foi atacada por mercenários da Oligarquia (pp. 164-168).

A presença massiva do poder da Oligarquia em todos os domínios e instâncias da vida constitui o império do Tação de Ferro, cujo "(...) despotismo é tão incansável e terrível quanto qualquer despotismo que maculou as páginas da história."¹²¹¹ Trata-se de uma concentração de poder colossal, que acaba por amarrar toda a sociedade ao seu destino, o qual encaminha-se para um enfrentamento de proporções épicas, em escala mundial - ao explicar a constante voragem criada pelo volume de lucros monopólicos, a forçar expansão e reinvestimento, Jack ficcionalmente profetizou a Primeira Guerra Mundial, errando por somente um ano!¹²¹²

Em razão disto, dessa onipresença que fomenta um antagonismo geral no conjunto da sociedade, é que quando a luta se inicia ela envolve a todos, instaura um estado de guerra geral, irrestrito - justamente a "guerra das classes" que figura no título da coletânea de 1905. Se a concentração econômica e a competição destrutiva dos monopólios haviam criado o selvagem Povo do Abismo, ao serem impelidos à batalha em nome da sobrevivência, era uma guerra selvagem, primeva, que eles haviam de mover contra seus criadores: é dito do "Abismo onde (...) passam fome e apodrecem, (...) as pessoas comuns, a massa da população, irá se levantar".¹²¹³

Do capítulo XV em diante inicia-se a parte mais densamente ficcional de *The iron heel*, pois é a partir dali que o romance ganha um acento mais especulativo, pondo-se a imaginar ficcionalmente o que viria a acontecer quando se precipitasse em definitivo a batalha entre a Oligarquia e as forças da resistência, com os socialistas a capitanearem os trabalhadores. Dizemos especulativa pela natureza ficcional desse texto, mas também pelo fato de ele adentrar no que se poderia chamar de "futuro" (em relação ao tempo de London). Ainda assim, é forçoso notar que a experiência estadunidense desde o último quartel do século XIX se oferecia como base histórica para a imaginação de London, pois a industrialização e o crescimento da organização dos trabalhadores desde os anos 1860 forneceram-lhe diversos exemplos históricos - como o provam as notas de rodapé.

¹²¹¹ Idem, p. 152.

¹²¹² O choque que ele aventou foi o dos excedentes de capitais estadunidenses e alemães, o que levou ao imbróglio primeiramente diplomático e mais tarde bélico (pp. 209-210).

¹²¹³ Idem, pp. 227-228.

O cenário que se desenrola é infernal, e "Os jornais estavam repletos de histórias de violência e de sangue."¹²¹⁴ Conta-se de greves de trabalhadores "aqui, acolá e em todo lugar" (p. 172), que prepararam a Greve Geral do verão de 1912 (p. 204). Conta-se também da resposta truculenta da classe dominante, movida pelos "Fura-greves" (Strike-breakers) (p. 170), pelos Pinkertons, detetives particulares que eram "mercenários da Oligarquia" (p. 80); pelas "Centúrias Negras" (Black Hundreds), grupos reacionários para-militares caçando socialistas e líderes sindicais (p. 169). Conta-se de "frenesis religiosos" e "pregadores fatalistas" anunciando o fim do mundo (p. 235). Conta-se da "captura do mercado mundial pelos Estados Unidos desestabilizando" Canadá, Cuba, Nova Zelândia, Itália, Alemanha, Manchúria, França, Índia, México (p. 234). Conta-se de 11 mil homens, mulheres e crianças fuzilados em Sacramento (p. 242). Conta-se do Grande Motim do Kansas e de seus 6 mil mortos (p. 245). Conta-se do surgimento dos "Grupos de Luta" (Fighting Groups) entre as fileiras dos revolucionários, os quais capturavam, julgavam e executavam figurões ligados ao Tão de Ferro (p. 248). Conta-se de condenados à cadeira elétrica que eram contratados clandestinamente pela Oligarquia para realizar atos de terrorismo em troca de liberdade (p. 261). Conta-se do surgimento de inúmeros grupos de revoltosos com o intuito de buscar vingança contra os oligarcas (p. 353) etc. etc. etc.

Como resumiu Meredith em uma nota de rodapé: "Os anais dessa curta era de desespero proporcionam uma leitura sangrenta."¹²¹⁵

Ao promover a concentração dos meios de sustento nas mãos de poucos, o capitalismo monopolista estabeleceu uma divisão social severa e ineditamente desigual. Ao fomentar a industrialização em termos intensivos e extensivos, o capitalismo monopolista concorreu para precarizar o trabalho, quebrar com a estabilidade dos ofícios e colocar sob seu domínio grandes contingentes de trabalhadores (fossem eles imigrantes ou antigas classes médias rurais e urbanas), assim "criando" a classe operária nos Estados Unidos. Ao refinar por meio de todos esses mecanismos a extração de mais-valia, e também por manter sob seu controle a "esfera da circulação", ele reduziu as condições de existência desse grande contingente de trabalhadores a níveis bestiais, criando o Abismo e tornando-os seus habitantes. Ao fazer pesar sobre esses trabalhadores a competição de "generosidade" compulsória e uma existência que era mera subsistência fisiológica, ela instaurou a selvageria predatória entre os baixios

¹²¹⁴ Idem, p. 172.

¹²¹⁵ Idem, p. 353.

sociais, a qual se complementa pela predação estrutural, orquestrada pelos monopólios e oligopólios. Ao colocar sob seu domínio a polícia, o exército, os tribunais, as cortes, as legislaturas e os governos, o capitalismo monopolista garantiu que o poder de coerção estivesse à sua disposição para a predação estrutural. Finalmente, ao capturar "a imprensa, o púlpito e a universidade, (...) [os quais] moldam a opinião pública e influem a dinâmica do pensamento da nação", ¹²¹⁶ o capitalismo passou a dispor também dos meios de criação de consenso, podendo assim ungir com os óleos ideológicos o mundo que criara.

Ao reduzir a existência humana ao nível da subsistência fisiológica, como os animais, e ao sancionar o estado de predação geral, o Tacão de Ferro elevou da selvageria ao grau de civilização!

Por isso é que Darwin lhe serve tanto de referência teórica quanto Marx. O famoso discurso fúnebre de Engels, propondo a analogia entre os dois pensadores, talvez em nenhum outro lugar tenha sido tão verdade quanto na leitura de mundo de Jack London. A despeito de todas as críticas que o comentário de Engels causou, e a despeito de todas as terríveis associações que já se propôs entre as leis históricas e as leis naturais (desde os esquemas evolutivos até o social-darwinismo aberto), o que impressiona na obra de Jack London é a coerência interna que ele foi capaz de manter em sua interpretação ao propor essa curiosa égide teórica dúplice.

Em virtude dessa poderosa leitura de mundo é que se pode explicar porque a revolução socialista lhe empolga quanto lhe atormenta, e é por isso também, cremos, que *The iron heel* oscila entre ser uma utopia e ser uma distopia. Na medida em que o capitalismo monopolista estabeleceu a selvageria como ordem social, é somente tomando parte nela que se pode enfrentá-lo, pois todos os demais meios possíveis de existência e de enfrentamento foram fechados. Como no mundo primitivo de *Before Adam* se postulou, ou se é presa ou se é predador, e eis que vemos como a revolução socialista torna-se ação no grande esquema da seleção darwiniana: "Dizemos que a luta de classes é a lei do desenvolvimento social. Não somos responsáveis por ela, e tampouco a fizemos."¹²¹⁷ A condição da natureza humana estabelecida naquele Antigo Testamento darwiniano manifesta aqui sua validade: eliminar o Tacão de Ferro é garantir o estabelecimento da Irmandade do Homem, eliminar o Tacão de Ferro é

¹²¹⁶ Idem, p. 158.

¹²¹⁷ Idem, p. 28.

garantir a continuidade da evolução! Não há outro deus senão Darwin, e Marx é seu profeta!

Quando o Povo do Abismo se apresenta no livro para a luta contra os exércitos da Oligarquia, vemos essa ambiguidade:

Ele surgiu em ondas concretas de ódio carnívoro, rosnando e rugindo, embriagados pelo *whisky* que haviam pilhado dos depósitos, mas também bêbados de raiva, sedentos de sangue. Homens, mulheres e crianças em farrapos. Suas eram inteligências baças e ferozes, e de sua aparência havia sido apagada toda a centelha divina, substituída esta pelo aspecto demoníaco. Eram macacos e tigres, bestas de carga peludas e anêmicas, de cujos rostos pálidos a sociedade vampira havia sugado todos os sucos vitais; formas inchadas pela imundície e corrupção físicas. Tinham cabeças ressequidas e barbudas como as dos patriarcas, apodrecidas na juventude e apodrecidas na velhice, com rostos monstruosos, torcidos e deformados pela devastação da doença e da desnutrição crônica - eram os dejetos, a escória da vida, uma horda demoníaca que berrava e guinchava.¹²¹⁸

E então vemos que sobre o papel revolucionário do proletariado o Tação de Ferro não permite que se coloque o manto da graça. Reduzidos ao mais básico de sua existência, tornados animais, os trabalhadores aparecem em cena menos como épica força histórica e mais como trágica força da natureza. Aquele temor venerando que a natureza causava em Jack desde seu primeiríssimo texto, quando falava que um tufão na costa do Japão caía "como uma avalanche", "com a força de mil aríetes"¹²¹⁹ sobre os navios, se manifesta aqui também, com Avis dizendo que o avanço do Povo do Abismo era "uma corrente de lava humana", "um terrível rio que enchia a rua", "uma monstruosa enchente".¹²²⁰ Agora, no entanto, a natureza não era mais a régua da grandeza do homem, mas a medida de sua decadência. O rapsodo dera definitivamente lugar ao naturalista.

Portanto, se *Before Adam* é o Antigo Testamento darwiniano, *The iron heel* é o Novo Testamento socialista, e Ernest é seu messias. Por diversas vezes no romance de 1906 o protagonista é pintado com tais cores: sobre ele Avis diz "Ele se tornou meu oráculo, pois rasgou o véu de impostura da sociedade e ofereceu-me vislumbres de verdade, os quais eram tão desagradáveis quanto reais"; e noutro momento: "diante de mim eu o vi transfigurado. Sua fronte era brilhante pelo divino que nele havia, e ainda mais brilhantes eram seus olhos em meio ao esplendor que o envolvia como um manto"; e finalmente: "Ernest se ergueu a mim transfigurado, o apóstolo da verdade, com a face

¹²¹⁸ Idem, pp. 326-327.

¹²¹⁹ LONDON, Jack. Story of a typhoon off the coast of Japan [1893]. Disponível em <<http://www.jacklondon.net/typhoon.html>> Acesso em 15 out 2015.

¹²²⁰ LONDON, Jack. *The iron heel*. op. cit. p. 327, p. 326 e p. 329, respectivamente.

brilhante e o destemor de um dos anjos do próprio Deus, lutando pelo justo e pelo correto, em nome dos pobres, solitários e dos oprimidos", donde sua conclusão "Cristo! ele, também, havia tomado o partido dos despossuídos, e contra todo o poder dos sacerdotes e fariseus".¹²²¹

Não se pode deixar de lembrar daquelas passagens de *The People of the Abyss* e das memórias de 1913, quando Jack fala da "Regra dourada" (Golden Rule) e da "humanidade crua" (stark humanity). Ernest encarna, desse ponto de vista, o "Amai teu próximo como a ti mesmo" cristão, que "por puro amor pelos homens deu sua vida e foi crucificado";¹²²² mas encarna também um messias radical e revolucionário, impelido pelo estado de coisas selvagem, a lançar mão tanto do amor do Novo Testamento quanto da ira divina do Antigo. Ora, esse é o antagonismo ético que Jack London vivenciou depois de 1902: diante da civilização do Tão de Ferro não havia espaço senão para tornar-se sua vítima ou seu cúmplice. Tomar ação contra a fonte desse preciso antagonismo dual era o que cabia, e o sacrifício que cabe a Ernest ao fim do livro é da decisão dura e lúcida do prefácio de *War of the classes*, não o da redenção imaculada do cordeiro (o capitalismo monopolista não o permitia), e Ernest o sabia: "Posso ser executado ou assassinado, mas jamais hei de ser crucificado. Estou plantado muito sólida e obstinadamente nesse mundo."¹²²³

O herói individualista e teimoso, o *self-made man* da primeira fase da literatura de London dava assim lugar ao herói coletivo, cuja aventura era a revolução.

Temos agora condições para entender porque esse livro junta de maneira tão desconcertante utopia e distopia. A consecução dos planos de Ernest e seus companheiros demonstrou que a revolução mais se assemelhava a um estado de guerra primitiva do que um transcender rumo a uma sociedade e um mundo mais humanos. Esse é, precisamente, o trágico fundamental posto pelo capitalismo monopolista: dado o estado de coisas, um e outro se misturam na ordem do dia. Por isso é que *The iron heel* é lido como uma distopia na parte que cabe a Avis, que narra os fatos de 1912-1913; e como uma utopia na parte que cabe a Meredith, que escreve no século V da Irmandade do Homem, onde existem "cidades maravilhosas" e "magníficas estradas", e onde as pessoas realizam "grandes feitos científicos", "cultuam a beleza" e são "amantes da

¹²²¹ Idem, p. 71, p. 79, p. 60 e p. 61, respectivamente.

¹²²² Idem, p. 182.

¹²²³ Idem, p. 107.

arte".¹²²⁴ Esse romance possa talvez ser melhor designado se chamado de utopia de longa duração, ou então de distopia episódica...

Embora ainda fosse levar séculos para que fagulha de 1912-1913 levasse ao incêndio da civilização do Tão de Ferro, de cujas cinzas iria nascer a Irmandade do Homem, a Revolução havia de dar resultados. Dado o caráter de tribunal que dissemos *The iron heel* ter como estrutura narrativa, talvez possamos entendê-lo como a preparação de um álibi por Jack London, caso tivesse que tomar parte num processo tão traumático quanto aquele narrado em suas páginas: apesar da momentosa luta selvagem, uma civilização "mais apta" havia de dela emergir.

Dados os sete séculos que se estendem entre o tempo de Meredith e o tempo de Avis e Ernest Everhard, e considerando a complicada explicação deste sobre a deterioração genética da Oligarquia e da aristocracia operária num sistema de castas,¹²²⁵ condições estas para a ascensão do Povo do Abismo, estamos ainda diante da Revolução ou já da Evolução? Como filho de seu tempo, para Jack London a ambiguidade deve ter parecido mais expressiva.

* * *

Ferido de morte pela experiência no East End de Londres em 1902, o otimismo oitocentista de Jack London precisou fazer a autópsia de seu próprio cadáver nos anos que se seguiram. Tendo descoberto certas afinidades históricas e repercussões humanas de suas posições, ele tentou expurgar seus antigos fantasmas e traçar um caminho possível para avançar, para que não se tornasse presa nem do nostálgico melancólico nem da auto-comiseração - não era ele quem dizia, "(...) preferiria ser cinza à poeira"?¹²²⁶

A conjunção entre certos eventos parece ter favorecido sua tomada de decisão: sua estabilização profissional como escritor, o crescendo dos votos socialistas ao longo das últimas eleições nos Estados Unidos, e a crescente união entre os sindicatos e os socialistas, cuja coroação foi a fundação da IWW (Industrial Workers of the World)

¹²²⁴ Idem, pp. 226-227.

¹²²⁵ Sobre os trabalhadores especializados, a aristocracia operária, chamada também de "castas laborais": "(...) os membros dos sindicatos favorecidos [*que entraram em conluio com a Oligarquia*] vão se esforçar para torná-los instituições fechadas. E conseguirão. Ser membro das castas laborais se tornará algo hereditário: os filhos sucederão os pais, e não haverá oxigenação daquela eterna jazida de força, o povo. Isso significará a deterioração das castas laborais, e ao fim elas se tornarão mais e mais débeis." (tradução livre) LONDON, Jack. **The iron heel**. op. cit. p. 225.

¹²²⁶ LONDON, Jack apud KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. op. cit. p. 124.

entre 1904-1905, com seu "novo sindicalismo revolucionário".¹²²⁷ Sob a égide dessa conjunção, acrescida da inércia política radical que sua militância pregressa lhe concedia, Jack foi capaz de projetar um horizonte.

Esse horizonte, no entanto, se avizinhava sinistro conforme o capitalismo monopolista tornava-se mais e mais forte. Jack havia convivido demasiado tempo sob o teto filosófico de Spencer para deixar de tecer as analogias entre natureza e sociedade, de modo que muito rapidamente as metáforas naturalistas foram se oferecendo como escopo de interpretação, desnudando uma realidade feroz e belicosa, uma "selva social" cuja fauna humana parecia dividir-se entre predadores e presas. Mas foi preciso antes escapar das seduções filosóficas do evolucionismo darwiniano, pois lhe parecia impossível que o império truculento dos trustes, dos cartéis e dos magnatas fosse o "mais apto" em termos morais - o Povo do Abismo não era criatura dele?

Esse é o dilema a que London tenta fazer frente entre 1902-1906, usando sua literatura para costurar o material humano na totalidade orgânica de uma cosmologia ficcional. Buscando fiarmo-nos no conselho de Marc Bloch, aquele sobre o historiador não dever se comportar como juiz da história, adotamos como ponto de ênfase não o quão incoerentemente socialista ou coerentemente social-darwinista Jack foi (e como isso pinta seu retrato com cores mais favoráveis ou mais desabonadoras), mas sim o significado histórico da perturbadora coerência de sua explicação sobre seu tempo nesses precisos termos. Ousamos nos deixar seduzir pela sua ficção, antes de analisá-la imediatamente como historiadores, pois assim podíamos dissecá-la por dentro, das suas entranhas tirando melhor proveito.

Conforme dissemos no início do capítulo III, o tratamento da literatura de Jack London como fonte histórica exige que se possa entender o duplo movimento pelo qual ele opera desde 1898 até 1906, ao longo de suas duas fases: primeiro, da civilização para o ermo; e depois, o contrário. Na primeira fase de sua literatura, os protagonistas de seus contos, os exploradores nortenhos, se embrenham nas terras geladas do Alaska e lá deixam sua marca, testemunho de seu poder. Na segunda fase, é o ermo que se finca no coração da civilização, com o lobo Caninos Brancos nela inserindo seu sangue, e com o Tação de Ferro instituindo sua selvageria civilizada. A relação entre essas duas realidades, entre a civilização e o ermo, é o que marca a diferença entre as duas fases da literatura de London: na primeira prevalece o antagonismo entre uma e outra; na

¹²²⁷ FONER, Philip S. **History of the Labor Movement in the United States, Volume IV - The Industrial Workers of the World, 1905-1917**. 2ª ed. New York: International Publishers, 1973. p. 14.

segunda ambos se fundem no pesadelo darwiniano cuja maquinaria era marxista; ou no pesadelo marxista cuja maquinaria era darwiniana.

Se, a rigor, existem nessa associação diversas contradições, elas se devem antes às contradições históricas postas pelo capitalismo monopolista estadunidense do que a Jack London. Como historiadores, é o que nos basta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mergulhar no labirinto particular da obra de cada um desses escritores, essa tese buscou unir a fortuna crítica da história econômica com algo da exegese própria da crítica literária. Propomo-lo no intuito de entender o sentido historicamente construído do trabalho nos Estados Unidos, nesse ínterim podendo compreender seu papel na tortuosa formação da classe trabalhadora num momento decisivo de sua história, as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX.

Os dois escritores cujas obras devassamos tiveram sua existência amarrada à condição de trabalhadores, o que concedeu aos seus escritos particular interesse no que tange a entender o lugar que o trabalho ocupava no panteão cultural e ideológico estadunidense, mas também o que impunha como forma de vida, como experiência concreta - ainda mais no momento em que, finda a Guerra Civil, a Era da Reconstrução demonstrava que a questão era menos reerguer os velhos Estados Unidos do que erigir os novos.

Ambos os escritores analisados, tendo nascido nos anos 1870, tiveram suas vidas entrecortadas o tempo todo pelo processo de aceleração da expansão econômica sobre novas bases e sob nova égide: bases industriais e crescentemente monopolizadas, égide financeira e vinculada à regência republicana. Se tratava do período histórico em que, talvez mais do que qualquer outro, se viam motivos para alimentar aquilo que Pierre George chamou de tese do "gigantismo americano",¹²²⁸ pois quaisquer indicadores quantitativos e quaisquer estatísticas que se buscasse demonstravam o colossal crescimento econômico. Se tratava do momento do arranque cuja curva ascendente dentro de menos de meio século veio coroar, sob os terríveis auspícios da Grande Guerra, a primazia dos Estados Unidos da América sobre o venerando Velho Mundo. Se tratava da era em que os reclames do chamado "excepcionalismo americano",¹²²⁹ com toda a sua impetuosidade otimista e um tanto arrogante, parecia se confirmar ainda uma vez, aparentemente confirmando a grandeza incubada pela natureza das "origens ideológicas" da Independência.¹²³⁰

¹²²⁸ GEORGE, Pierre. **A economia dos Estados Unidos**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989. pp. 7-10.

¹²²⁹ LIPSET, Seymour Martin. **American Exceptionalism: A double-edged sword**. New York: W.W. Norton Company, 1997.

¹²³⁰ BAILYN, Bernard. **The ideological origins of the American Revolution**. Enlarged edition. Cambridge: Belknap Press, 1992. (sobretudo capítulo VI - The contagion of Liberty, pp. 230-319)

Contudo, se tratava também, do momento em que a força expansiva de fronteira, da continuada capacidade extensiva do capitalismo "liberal" dos Oitocentos, chegavam ao fim, e com eles o fim da "virgindade"¹²³¹ econômica e do impulso adâmico que até ali criara. Se tratava do ponto histórico agudo em que a exaustão extensiva agrícola, até então gestada na dispersão econômica geral, se tornava o aprofundamento intensivo da indústria, fazendo coincidir os processos de acumulação com uma base tecnológica já amadurecida, e em quadros nacionais em sistematização. Se tratava do momento em que a divisão de classes não podia mais ser dissimulada ou minorada, pois a concentração financeira e industrial havia destruído a união orgânica entre trabalho e trabalhador, tendo aprofundado decisivamente a divisão do trabalho.

Que melhor síntese plástica desse *state of affairs* pode haver do que o fato de a conferência em que Frederick Jackson Turner anunciou o fim da fronteira ter ocorrido na Exposição Universal de 1893, em Chicago, no momento mesmo em que perto dali as hostes de desempregados do Exército de Coxey marchavam rumo a Washington?

Nesse universo, chacoalhado de suas certezas pelo arrojo das transformações históricas, Sherwood e Jack viviam a condição de então trabalhadores. Como então-trabalhadores foi que vieram a se tornar escritores e, a seu modo, traduzirem em ficção a experiência de tê-lo sido. Sherwood Anderson, nesse sentido, expressa com especial riqueza um dos galhos da árvore genealógica da classe trabalhadora estadunidense do século XX: aquela produzida pela decadência das antigas classes médias rurais e ascensão dos colarinhos-brancos, que trouxe para a formação dela valores e preconceitos que participaram de sua existência tanto quanto da formatação própria do capitalismo monopolista. Jack London, por sua vez, encarna outro desses galhos: encarna a virilidade e o voluntarismo liberais descobrindo suas implicações éticas e humanas, ao passo que reagem em sentido oposto com igual resolução, indo em direção à radicalidade política, vendo na luta de classes da economia monopolista um reencenar moderno da velha e selvagem luta pela sobrevivência darwiniana.

A experiência de ser trabalhador sob a sombra dos monopólios foi lida por esses dois sujeitos como uma crise, um trauma. Cada um deles, porém, se nutriu da experiência histórica de suas cercanias sociais e culturais para então digeri-las em plano de ação, em encaminhamento existencial.

¹²³¹ SMITH, Henry Nash. *Virgin land - The American West as symbol and myth*. op. cit.

Sherwood Anderson transformou os efeitos disruptivos da voragem monopolista em crise de consciência, traduzindo em seu íntimo, como individualidade as transformações históricas em curso, assim oferecendo numa introspectiva dissecação literária de si próprio a chave de leitura do mundo. Ao buscar reatar seus laços com a tradição pregressa, tentando uma pastoral que degrading no "grotesco", sua resposta à crise histórica da virada de século foi um voltar-se para dentro e para trás, com os tons conservadores e por vezes reacionários que isso acarretou.

Jack London, por sua vez, foi confrontado pelo capitalismo monopolista ao ter seu otimismo transformado em beligerância, ao descobrir que a máxima darwiniana da "prevalência do mais apto" era muito menos um mecanismo de aprimoramento geral do que era um convite à competição destrutiva. Diferentemente de Sherwood, no entanto, as respostas de Jack à crise encontraram o tradição política do socialismo, de modo que seus horizontes voltavam-se ao futuro, antes do passado - mesmo que assombrados pelo pesadelo darwiniano fornido pelo naturalismo, "filho bastardo do iluminismo", como disse Raymond Williams.¹²³²

Por conta de um passado tão distinto daquele europeu, onde a noção do trabalho como "castigo de Adão" mantinha-se pela força tradicional da religião medieval e apesar das investidas protestantes, a história da classe trabalhadora nos Estados Unidos manuseou sentidos humanos do trabalho que diferem radicalmente da experiência velho-mundista. Os repositórios da resistência que os trabalhadores encontram nesse passado se entrelaçam com uma experiência histórica concreta, bem como com uma salvaguarda ideológica que o celebra antes do que o proíbe, tornando sua apreensão deveras mais complexa e tortuosa. Decorrem disto as tentativas de tomar como parâmetro a natureza, passado mais remoto e quiçá único possível: seja como única base possível de uma essência de comunidade, degenerando para o "grotesco" obscurantista de Sherwood Anderson; seja como teatro análogo de luta brutal pela sobrevivência, como no "drama selvagem"¹²³³ de *The iron heel*, de Jack London.

Como se pode ver, o processo histórico de formação da classe trabalhadora estadunidense conteve em seu seio impulsos diversos, experiências distintas e tradições variegadas, que oscilavam desde elementos reacionários até radicais, ao lado de todos os

¹²³² WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. Tradução de Betina Bischof. São Paulo: Cosac Naify, 2002. p. 97.

¹²³³ A expressão "wild drama" foi adaptado por Jack London a partir do poema "The play", de Lord Alfred Tennyson, servindo de epígrafe ao referido romance (WICHLAN, Daniel J. (ed.). **The complete poetry of Jack London**. New London: Little Red Tree Publishing, 2007. pp. 92-93.)

cinzentos tons de progressismo e conservadorismo. Em todos eles, nos parece, o trabalho ocupa lugar central como momento decisivo da existência social e subjetiva, pedra de toque fundamental da materialidade estrutural e da ontologia íntima. Nosso objetivo foi tentar contribuir para que essa concepção e experiência pudessem revelar-se por meio da literatura com todo seu potencial compreensivo sobre a existência humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES:

ANDERSON, Sherwood. **A New Testament**. New York: Boni and Liveright, 1927.

_____. **A story teller's story**. New York: B.W. Huebsch, 1924.

_____. **A verdade de cada um**. Tradução de James Amado e Moacir Werneck de Castro. São Paulo: Cultrix, 1947.

_____. **Early writings**. Ohio: Kent State University Press, 1989.

_____. **Marching men**. New York: John Lane Company, 1917.

_____. **Mid-American chants**. New York: John Lane Company, 1918.

_____. **Puzzled America**. New York: Charles Scribner's sons, 1935.

_____. **Tar - A midwest childhood**. Cleveland: The Press of Case Western Reserve University, 1969.

_____. **The American County Fair**. New York: Random House Publishing, 1930.

_____. **The triumph of the egg - A book of impressions from American life in tales and poems**. New York: B.W. Huebsch, 1921.

_____. **Windy McPherson's son**. New York: B.W.Huebsch, 1916.

_____. **Winesburg, Ohio - A group of tales of Ohio small town life**. New York: B.W. Huebsch, 1919.

_____. **Winesburg, Ohio**. Tradução de James Amado e Moacir Werneck de Castro. Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. **Winesburg, Ohio - Authoritative text, backgrounds and contexts, Criticism**. Edited by Charles E. Modlin and Ray Lewis White. New York: W.W. Norton, 1995.

_____. **Winesburg, Ohio - Text and Criticism**. Edited by John H. Ferres. New York: Penguin Books, 1983.

LONDON, Jack. **A daughter of the snows**. New York: Grosset & Dunlap, 1902.

_____. **A Estrada**. Tradução de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **A filha das neves**. Tradução de José Maria Machado. São Paulo: Clube do Livro, 1973.

_____. **Antes de Adão.** Tradução de Maria Inês Arieira e Luís Fernando Brandão. Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. **As cartas de Jack London.** Seleção e tradução de Ana Barradas. Lisboa: Antígona, 2001.

_____. **Before Adam.** Toronto: Macmillian Company of Canada, 1907.

_____. **Caninos Brancos.** Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Children of the frost.** New York: Regent Press, 1902.

_____. **De vagões e vagabundos - Memórias do submundo.** Tradução de Alberto Alexandre Martins. Porto Alegre: L&PM, 2005.

_____. *Direct legislation through the Initiative and Referendum.* Disponível em <<https://thegrandarchive.wordpress.com/direct-legislation-through-the-initiative-and-referendum/>> Acesso em 27 abr 2018.

_____. **Escritos políticos.** Seleção e tradução de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Xamã, 2001.

_____. *Getting into print* [1903]. Disponível em <<https://thegrandarchive.wordpress.com/getting-into-print>> Acesso em 28 abr 2018.

_____. **John Barleycorn - Alcoholic memoirs.** New York: The Century, 1913.

_____. **Letters from Jack London - Containing an unpublished correspondence between London and Sinclair Lewis.** Edited by King Hendricks and Irving Shepard. New York: Odyssey Press, 1965.

_____. **Martin Eden.** New York: Macmillian Company, 1916.

_____. **O combate.** Tradução de Jorge Lima. Porto: Livraria Civilização, 1967.

_____. **O cruzeiro do "Dazzler".** Tradução de Jorge de Lima. Porto: Civilização, 1972.

_____. **O lobo do mar.** Tradução de Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L&PM, 2013.

_____. **O tacho de ferro.** Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **Revolution and other essays.** New York: Macmillian Company, 1910.

_____. *Story of a typhoon off the coast of Japan* [1893]. Disponível em <<http://www.jacklondon.net/typhoon.html>> Acesso em 15 out 2015.

- _____. **Tales of the Fish Patrol.** Massachussets: Norwood Press, 1905.
- _____. **The call of the wild.** New York: Macmillian Company, 1903.
- _____. **The complete works of Jack London.** Sussex: Delphi Classics, 2011.
- _____. **The cruise of the Dazzler.** 2ª ed. London: Hodder and Stoughton, 1906
- _____. **The faith of men and other stories.** New York: The Macmillian Company, 1904.
- _____. **The game.** New York: Macmillian Company, 1905.
- _____. **The god of his fathers and other stories.** McClure, Phillips & Company, 1901.
- _____. **The iron heel.** New York: Grosset & Dunlap Publishers, 1907.
- _____. The joy of small-boat sailing. *Country Life in America*, agosto/1912. Disponível em <<http://carl-bell-2.baylor.edu/bellc/jl/TheJoyOfSmallBoatSailing.html>> Acesso em 15 maio 2018.
- _____. **The letters of Jack London.** Edited by Earle Labor, Robert C. Leitz e Irving Milo Shepard. Stanford: University of Stanford Press, 1988. 3 vols.
- _____. **The people of the Abyss.** New York: Macmillian Company, 1903.
- _____. **The Road.** New York: Macmillian Company, 1907.
- _____. **The sea-wolf.** New York: Macmillian Company, 1904.
- _____. **The son of the wolf - Tales of the Far North.** New York: The Riverside Press, 1900.
- _____. **War of the classes.** New York: The Macmillan Company, 1905.
- _____. What communities lose by the competitive system. Disponível em <http://www.jacklondons.net/writings/Essays/competitive_system.html> Acesso em 22 fev 2016.
- _____. What Socialism is [1895]. Disponível em <<https://thegrandarchive.wordpress.com/what-socialism-is/>> Acesso em 27 abr 2018.
- _____. **When god laughs and other stories.** New York: Macmillian Company, 1911.
- _____. **White fang.** New York: Macmilliam, 1906.
- _____.; STRUNSKY, Anna. **The Kempton-Wace letters.** New York: Macmillian Company, 1903.

BIBLIOGRAFIA:

ABBEY, James. **A trip across the Plains in the Spring of 1850**. New Albany: Kent, Norman & Nunemacher Publishers, 1850.

ABBOTT, Helen Marie. **Inheritors of a legend**. [2005] Disponível em <<http://www.lotter.org/jack-london-fraud/>> Acesso em 25 jan 2018.

ADAMS, Henry. **The United States in 1800**. 6ª ed. New York: Great Seal Books, 1963.

A JOURNALIST. **History of the Terrible Financial Panic of 1873 - Graphic and authentic account of the event**. New York: Western News Company, 1873.

ALGER Jr., Horatio. **Abraham Lincoln: the backwoods boy; or, How a young rail-splitter became president**. Whitefish: Kessinger Press, 2008.

ALTMAN, Linda Jacobs. **The California Gold Rush**. New Jersey: Enslow Publishing, 1997.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ANDERSON, David D. (org.). **Sherwood Anderson: dimensions of his literary art**. Michigan: Michigan State University Press, 1976.

ARON, Cindy Sondik. **Ladies and Gentlemen of the Civil Service - Middle-class workers in Victorian America**. New York: Oxford University Press, 1987.

ARVIN, Newton. **Panteão americano**. Tradução de Sylvia Jatobá. Rio de Janeiro: Lido, 1968.

ASBURY, Herbert. **The Barbary Coast - An informal history of the San Francisco underworld**. New York: Thunder's Mouth Press, 2008.

ATHERTON, Frank Irving. **Jack London in boyhood adventures**. CreateSpace Independent Publishing Platform, 2014.

AUERBACH, Jonathan. **Male call - Becoming Jack London**. Durham: Duke University Press, 1996.

BAILYN, Bernard. **The ideological origins of the American Revolution**. Enlarged edition. Cambridge: Belknap Press, 1992.

BAIN, Ian. **Jack London - A life in search of love**. [2012] Disponível em <<http://digitalrepository.trincoll.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1148&context=theses>> Acesso em 25 jan 2018.

BAMFORD, Georgia Loring. **The mystery of Jack London: some of his friends, also a few letters - A reminiscence**. New York: Norwood Press, 1976.

BARAN, Paul; SWEEZY, Paul. **Capitalismo monopolista - Ensaio sobre a ordem econômica e social americana**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

BEARD, Charles A. **Contemporary American history (1877-1913)**. New York: Macmillan Company, 1914.

_____; BEARD, Mary. **The rise of the American Civilization (2 vols.)**. New York: Macmillan Company, 1927.

BENN, Carl. **The war of 1812**. New York: Routledge, 2003.

BERLOFF, Max. **Jefferson e a Democracia Americana**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

BERTON, Pierre. **Klondike - The last great Gold Rush, 1896-1899**. Revised edition. Ontario: Anchor Canada, 2001.

BISHOP, Robert; COBLENTZ, Patricia. **The world of antiques, art and architecture in Victorian America**. New York: E.P. Dutton, 1979.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BLOOM, Harold. **Abaixo as verdades sagradas - Poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **O Cânone Ocidental**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

_____. (org.). **Harold Bloom's Modern Critical Views: Jack London**. New York: Infobase, 2011.

BLUEFARB, Sam. **The escape motif in the America novel - Mark Twain to Richard Wright**. Columbus: Ohio State University Press, 1972.

BLUMIN, Stuart M. **The emergence of middle class - Social experience in the American city, 1760-1900**. New York: Cambridge University Press, 2002.

BORGES, Jorge Luís. **Ficções**. Tradução de Carlos Nejar. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

BOTTOMORE, Tom B. **Críticos da sociedade - O pensamento radical na América do Norte**. Tradução de José Ricardo Brandão Azevedo. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

BRADBURY, Malcolm; TEMPERLEY, Howard (orgs.). **Introdução aos estudos americanos**. Tradução de Elcio Cerqueira. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, s.d.

BRANDS, H.W. **American Colossus - The triumph of capitalism (1865-1900)**. New York: Doubleday, 2010.

_____. **The age of gold - The California Gold Rush and the new American dream**. New York: Doubleday, 2002.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista - A degradação do trabalho no século XX**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BROOKS, Cleanth; LEWIS, R.W.B.; WARREN, Robert Penn. **American Literature: the makers and the making. Vol. II (1861 to the present)**. New York: St. Martin's Press, 1973.

BROOKS, Van Wyck. **America's coming-of-age**. New York: B.W. Huebsch, 1915.

_____. **O tempo de Melville e Whitman**. Tradução de Alberto da Costa e Silva e Luiz Carlos do Nascimento Silva. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1954.

BRYANT, William Cullen. *Thanatopsis* [1811]. Disponível em <<https://www.poetryfoundation.org/poems/50465/thanatopsis>> Acesso em 17 out 2018.

BURCHARD, John; BUSH-BROWN, Albert. **A arquitetura dos Estados Unidos - Uma história social e cultural**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1969.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália - Um ensaio**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade - Estudos de teoria e história literária**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

_____. **O método crítico de Sílvio Romero**. 4ª ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANFIELD, Chauncey (org.). **Diary of a Forty-Niner**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1920.

CARROLL, Peter N.; NOBLE, David W. **The free and the unfree - A new history of the United States**. 2ª ed. New York: Penguin Books, 1992.

CATHER, Willa. **A morte vem buscar o arcebispo**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1968.

_____. **My Ántonia**. Disponível em <<https://www.gutenberg.org/files/242/242-h/242-h.htm>> Acesso em 2 maio 2018.

_____. **O pioneers!** Cambridge: Riverside Press, 1913.

CHANDLER Jr., Alfred D. **The visible hand - The managerial revolution in American business**. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1999.

CLELAND, Robert G.; DUMKE, Glenn S. **From wilderness to Empire - A history of California**. New York: Alfred A. Knopf, 1959.

COCHRAN, Thomas C. **Basic history of American business**. Princeton: D. Van Nostrand Company, 1959.

_____; MILLER, William. **The Age of Enterprise - A social history of Industrial America**. Revised edition. New York: Harper Torchbooks, 1961.

COMMAGER, Henry Steele. **O espírito norte-americano - Uma interpretação do pensamento e do caráter norte-americano desde a década de 1880**. Tradução de Jorge Fortes. São Paulo: Cultrix, 1969.

_____. **The American mind - An interpretation of thought and culture since the 1880s**. New Haven: Yale University Press, 1950.

CRANE, Stephen. **Maggie: A girl of the streets**. [1893]. Disponível em <<https://www.gutenberg.org/ebooks/447>> Acesso em 30 ago 2018.

CRÈVECOUER, John Hector St. John de. **Letters from an American farmer**. New York: E.P. Dutton & Co, 1951.

DEBOUZY, Marianne. **O capitalismo "selvagem" nos Estados Unidos (1860-1920)**. Tradução de Maria de Lurdes Almeida Melo. Lisboa: Editorial Cor, 1972.

DIAMOND, Sigmund. **The reputation of the American businessman**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1970.

DOS PASSOS, John. **Paralelo 42**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DREISER, Theodore. **The titan**. New York: John Lane Company, 1914.

DUFFEY, Bernard. **The Chicago Renaissance in American Letters**. Michigan: Michigan State College Press, 1954.

DURHAM, Philip; JONES, Everett L. (orgs.). **The frontier in American literature**. New York: The Odyssey Press, 1969.

DYER, Daniel. **Jack London - A biography**. New York: Scholastic Press, 1997.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano - A essência das religiões**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EMERSON, Ralph Waldo. **Ensaio - Primeira série**. Tradução de Carlos Graieb e José Marcos Mariani de Macedo. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

EMERY, Edwin. **História da imprensa nos Estados Unidos - Uma interpretação da história do jornalismo.** Tradução de E. Alkimin Cunha. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

ETULAIN, Richard W. (ed.). **Jack London on the road - The Tramp Diary and other hobo writings.** Logan: University of Utah Press, 1979.

_____. The lives of Jack London. *Western American Literature*, v. 11, n. 2, University of Nebraska Press, pp. 149-164, Summer/1976.

FARNHAM, Eliza. **Life in Prairie land.** New York: Harper & Borthers Publishers, 1846.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI - A religião de Rabelais.** Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FEHRENBECHER, Don Edward. **A basic history of California.** Princeton: D. Van Nostrand Company, 1964.

FEIED, Frederick. **No pie in the sky: the hobo as an American hero in the works of Jack London, John Dos Passos and Jack Kerouac.** New York: The Citadel Press, 1964.

FIEDLER, Leslie. **An end to innocence - Essays on Culture and Politics.** Boston: Beacon Press, 1957.

FITZGERALD, Francis Scott Key. **Seis contos da Era do Jazz e outras histórias.** 7ª ed. Tradução de Brenno Silveira. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

_____. **The last tycoon, an unfinished novel and The Great Gatsby.** New York: Scribner, 1941.

FOERSTER, Norman. **American poetry and prose.** Boston: Houghton Mifflin, 1957.

_____. **A literatura como imagem: a ficção e a poesia americanas do Puritanismo ao Realismo atual.** Tradução de Lúcia Carvalho Alves. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

FOHLEN, Claude. **O Faroeste (1860-1890).** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989.

FONER, Eric S. **A short history of Reconstruction.** New York: Houghton Mifflin Press, 1990.

FONER, Philip S. **Jack London - American rebel.** New York: The Citadel Press, 1964.

_____. **History of the Labor Movement in the United States, Volume IV - The Industrial Workers of the World, 1905-1917.** 2ª ed. New York: International Publishers, 1973.

FRANKLIN, Benjamin. **The autobiography of Benjamin Franklin**. Norwalk: Easton Press, 1976.

FRÉMONT, John Charles. **The exploring expedition to the Rocky Mountains, Oregon and California** (revised edition). Auburn: Derby and Miller, 1854.

GAIDO, Daniel. **The formative period of American capitalism - A materialist interpretation**. New York: Routledge, 2006.

GARLAND, Hamlin. **A son of the middle border** [1917]. Disponível em <<https://www.gutenberg.org/ebooks/28791>> Acesso em 5 out 2017.

_____. **Main-travelled roads**. New York: Harper & Brothers, 1899.

_____. **The trail of the Gold-seekers - A record of travel in Prose and Verse**. London: Macmillan & Company, 1906.

GATES, Paul Wallace. Frontier landlords and pioneer tenants. *Journal of the Illinois State Historical Society*, v. 38, n. 2, pp. 143-206, (June, 1945).

_____. Land policy and tenancy in the Prairie States. *The Journal of Economic History*, n. 1, pp. 60-82, 1941.

_____. GATES, Paul Wallace. Western opposition to the Agricultural College Act. *Indiana Magazine of History*, v. 37, n. 2, pp. 103-136, (June, 1941).

GEORGE, Pierre. **A economia dos Estados Unidos**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GEISMAR, Maxwell. **The last of the provincials. The American novel - 1915-1925**. New York: Hill and Wang, 1959.

GENOVESE, Eugene. **A Economia Política da escravidão**. Tradução de Fanny Wrobel e Maria Cristina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

GEORGE, Henry. **Our Land and Land Policy, national and state**. San Francisco: Bauer & Loomis, 1871.

_____. **Progress and poverty - An inquiry into the cause of industrial depressions and of increase of want with increase of wealth**. New York: Doubleday, Page and Company, 1891.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GRAHAM, Don. **The fiction of Frank Norris - The aesthetic context**. Columbia: University of Missouri Press, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere - Volume IV**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GREELEY, Horace. **An overland journey from New York to San Francisco in the Summer of 1859.** New York: C.M. Saxton, Barker & Company, 1860.

GREENE, Charles S. California's poet. *Overland Monthly*, San Francisco, v. 1, n. 1, p. 59, jan/1883.

GREENSLADE, Joseph L. Labor Unions and the Sherman Act: rethinking labor's nonstatutory exemption. *Loyola of Los Angeles Law Review*, v. 22, n. 1, 1988. pp. 151-216

GUTIÉRREZ, Ramón; ORSI, Richard J. (eds.). **Contested Eden: California before the Gold Rush.** Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1998.

GUTMAN, Herbert. **Work, culture and society in industrializing America - Essays in American working-class and Social History.** New York: Vintage Books, 1977.

HALEY, James L. **Wolf - The lives of Jack London.** Basic Books: New York, 2010.

HAMILTON, Alexander. **Relatório sobre as manufaturas.** Tradução de Geraldo Luís Lino e Vitor Grünewaldt. Rio de Janeiro: Movimento de Solidariedade Ibero-Americana, 1995.

HAMILTON, David. **"The tools of my trade": the annotated books in Jack London's library.** Seattle: University of Washington Press, 1986.

HARTE, Bret. **Os melhores contos de Bret Harte.** Tradução de Marques Rebelo e José Paulo Paes. São Paulo: Círculo do Livro; Cultrix, s.d.

_____. **The luck of Roaring Camp and other tales.** [1870] Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/6373/6373-h/6373-h.htm>> Acesso em 16 jun 2018.

HILFERDING, Rudolf. **O capital financeiro.** Tradução de Reinaldo Mestrinel. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

HIROTA, Hidetaka. **Expelling the poor - Atlantic Seaboard States and the Nineteenth-Century origins of American Immigration policy.** New York: Oxford Press, 2007.

HOBBY, Blake (ed.). **The grotesque.** New York: Infobase Publishing, 2009.

HOFSTADTER, Richard. **O antiintelectualismo nos Estados Unidos.** Tradução de Hamilton Trevisan. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Social Darwinism in American thought.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1955.

_____. **The Age of Reform.** New York: Vintage Books, 1960.

_____. (ed.). **Great Issues in American History - From Reconstruction to the Present Day (1864-1969)**. New York: Vintage Books, 1969.

_____.; GRAY, Wood. **An outline of American history**. United States Information Agency, s.d.

HOGANSON, Kristin L. **Fighting for American Manhood - How gender politics provoked the Spanish-American and Philippine-American wars**. New Have: Yale University Press, 2000.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Capítulos de literatura colonial**. Organização e notas de Antonio Candido. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. **Tentativas de mitologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

HOLBROOKS, Stewart Hall. **The age of the moguls**. New York: Doubleday, 1953.

HOLLON, Eugene William. **Great American Desert then and now**. New York: Oxford University Press, 1966.

HOURWICH, Isaac A. **Immigration and Labor - The economic aspects of European immigration to the United States**. New York: The Knickerbocker Press, 1912.

HOUSE, Kay S. (org.) **Reality and myth in American literature**. Greenwich: Fawcett Premier Books, 1966.

HOWE, Cornelius Thorndike. **Argonauts of '49 - History and adventures of the emigrant companies from Massachusetts (1849-1850)**. Cambridge: Harvard University Press, 1923.

HOWE, Irving. **Sherwood Anderson - A biographical and critical study**. Stanford, California: Stanford University Press, 1968.

HOWES, Kelly King; CARNEGIE, Julie L. (eds.). **War of 1812**. Detroit: U.X.L. and Gale Group, 2002.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza dos EUA (Nós, o povo)**. 2ª ed. Tradução de Mary Fonseca. São Paulo: Brasiliense, 1987.

JEFFERSON, Thomas. **Escritos políticos**. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Ibrasa, 1964.

JONES, Howard M.; RIDEOUT, Walter B. (orgs.). **Letters of Sherwood Anderson**. Boston: Little, Brown and Company, 1953.

KAUTSKY, Karl. The American worker. *Historical Materialism*, v. 11, Leiden, NV, 2003. pp. 15-77.

KERSHAW, Alex. **Jack London, uma vida**. Tradução de Maria Lúcia Leão. São Paulo: Benvirá, 2013.

KINGMAN, Russ. **A pictorial life of Jack London**. New York: Crown-Publishers, 1979.

KIPLING, Rudyard. **A luz que se apagou**. Tradução de João Távora. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973.

KOLKO, Gabriel. **The triumph of conservatism - A reinterpretation of American History, 1900-1916**. New York: Free Press, 1963.

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. Tradução de Waldyr Azevedo Jr. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

KULIKOFF, Alan. **From British peasants to Colonial American farmers**. Chapel Hill: North Carolina University Press, 2000.

_____. **The agrarian origins of American capitalism**. Charlottesville: University of Virginia Press, 1992.

LABOR, Earle Gene. **Jack London - An American life**. New York: Farrar, Straus e Giroux, 2014.

LEUCHTENBURG, William E. (org.). **O século inacabado - A América desde 1900 (Volume I)**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos da América - Novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura**. Tradução de Maria Beatriz Miranda Lima. São Paulo: Brasil Debates, 1980.

_____. **O imperialismo: fase superior do capitalismo**. Tradução de Leila Prado. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2005.

LEWIS, R.W.B. **The American Adam - Innocence, Tragedy and Tradition in the Nineteenth Century**. Chicago: University of Chicago Press, 1955.

LEWIS, Sinclair. **The job**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1917.

LE BRIS, Michel. Jack London, o poder indomável. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Março/2017.

LINK, Arthur S. **História moderna dos Estados Unidos - Volume I**. Tradução de Waltensir Dutra, Álvaro Cabral e Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.

LIPSET, Seymour Martin. **American Exceptionalism: A double-edged sword**. New York: W.W. Norton Company, 1997.

LONDON, Charmian. **The book of Jack London**. New York: The Century Company, 1921. (2 vols.)

LONDON, Joan. **Jack London and his times - An unconventional biography**. New York: The Book League of America, 1939.

MAGDOFF, Harry; BARAN, Paul A.; SWEEZY, Paul M. **Teoria e história do capitalismo monopolista**. Tradução de António José Fonseca. Porto: Textos Marginais, 1974.

MARKHAM, Edwin. *The man with the hoe* [1899] Disponível em <<https://www.poetryfoundation.org/poems/47948/the-man-with-the-hoe>> Acesso em 16 nov 2018.

MARX, Karl. **O capital - Crítica da economia política - Volume I**. Tradução de Regis Barbosa e Flávio Kothe. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____. **On America and the Civil War**. New York: McGraw-Hill, 1972.

_____; ENGELS, Friedrich. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos**. Tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Leo. **The machine in the garden - Technology and the Pastoral ideal in America**. New York: Oxford University Press, 2000.

MASTERS, Edgar Lee. **Spoon River Anthology**. New York: Macmillan Company, 1919.

McCLINTOCK, James I. **Jack London's strong truths**. East Lansing: Michigan State University Press, 1997.

McGUINNESS, Aims. **Path of Empire - Panama and the California Gold Rush**. Ithaca: Cornell University Press, 2008.

McMURRY, Donald Le Crone. **Coxey's Army: A study of the industrial army movement of 1894**. Boston: Little Brown and Company, 1929.

McWILLIAMS, Carey. **Factories in the field - The story of migratory farm labor in California**. Santa Barbara: Peregrine Press, 1971.

MELNIKOV, A.N. **A estrutura de classes nos Estados Unidos**. Tradução de J. Geraldo Guimarães. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MENCKEN, Henry Louis. **Prejudices: Second Series**. London: Jonathan Cape, 1921.

MENCKEN, H.L.; NATHAN, G.J. **The American Credo - A contribution toward the interpretation of the national mind**. Charleston: Bibliolife, 2008.

MERRILL, Michael. The anti-capitalist origins of the United States. *Review (Fernand Braudel Center)*, v. 13, n. 4, pp. 465-497, 1990.

_____. The Monetization of Everything: The Gift of Credit, the Social Relations of Exchange, and the Transition to Capitalism in the United States. Disponível em <commons.esc.edu/michaelmerrill/files/2013/04/Monetization-of-Everything.pdf> Acesso em 29 ago 2013.

MERRILL, Michael (et al.). *The transition to capitalism in America: A panel discussion*. The History Teacher, v. 27, n. 3, pp. 263-288, May, 1994.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Tradução de Waltensir Dutra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **A nova classe média**. Tradução de Vera Borda. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MITCHELL, Margaret. **...E o vento levou**. Tradução de Francisca de Basto Cordeiro. 4ª ed. São Paulo: Hemus, 1982.

MORRISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo I**. Tradução de Agenor Soares de Moura. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

MORISON, Samuel Eliot; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos da América - Tomo II**. Tradução de Agenor Soares de Moura e Constantino Paleólogo. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

MUMFORD, Lewis. **The Brown Decades - A study of the arts in America (1865-1895)**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1931.

_____. **The Golden day - A study in American experience and culture**. New York: Boni and Liveright, 1927.

NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. **História dos Estados Unidos**. Tradução de Henrique Correia de Sá e Benevides. Rio de Janeiro: Bloch, 1967.

NOEL, Joseph. **Footloose in Arcadia - A personal record of Jack London, George Sterling and Ambrose Bierce**. New York: Carrick & Evans, 1940.

NORRIS, Frank. **McTeague - Uma história de San Francisco**. Tradução de Aureliano Sampaio. Porto: Livraria Civilização Editora, 1977.

_____. **The octopus - A story of California**. Garden City: The Sun Dial Press, 1938.

_____. **The pit - A story of Chicago**. New York: Doubleday, Page & Co., 1905.

_____. **The responsibilities of the novelists and other literary essays**. London: Grant Richards, 1903.

O'CONNOR, Richard. **Jack London, a biography**. Boston: Little, Brown and Co., 1964.

ONSGARD, Bethany. **Life during the California Gold Rush**. Minneapolis: Core Library, 2015.

OVERMAN, William D. **Ohio town names**. Akron: Atlantic Press, 1958.

PACKARD, Vance. **The status seekers - An exploration of class behaviour in America**. New York: Pelican Books, 1961

PARKMAN, Francis. **The Oregon Trail**. 4^a ed. New York: Ginn and Company, 1910.

PARRINGTON, Vernon Louis. **Main currents in American thought - An interpretation of American literature from the beginnings to 1920**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1927-1930.

PINHEIRO, John C. **Manifest Ambition: James K. Polk and civil-military relations during the Mexican War**. Westport: Praeger Security International, 2007.

PORTELLI, Alessandro. *Jack London's missing revolution - Notes on The iron heel*. [1982] Traduzido por Carole Beebe Tarantelli. Disponível em <<https://www.depauw.edu/sfs/backissues/27/portelli.html>> Acesso em 23 out 2018.

RASKIN, Jonah (ed.). **The radical Jack London - Writings on war and revolution**. Berkeley: University of California Press, 2008.

REZNECK, Samuel. Unemployment, Unrest and Relief in the United States during the Depression of 1893-1897. *Journal of Political Economy*, University of Chicago Press, v. 61, n. 4, pp. 324-345, (Aug/1953).

RHOMBERG, Chris. **No there there: race, class and political community in Oakland**. Berkley: University of California Press, 2004.

RIIS, Jacob August. **How the other half lives - Studies among tenements of New York**. New York: Charles Scribner's sons, 1890.

RIDEOUT, Walter B. **Sherwood Anderson - A writer in America. Vol. 1**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 2006.

_____. (org.). **Sherwood Anderson - A collection of critical essays**. New Jersey: Prentice-Hall, 1974.

ROBERTS, Brian. **American alchemy - The California Gold Rush and the middle-class culture**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2000.

ROBERTSON, Ross M. **História da economia americana - Volume I**. Tradução de J.L. Mello. Rio de Janeiro: Record, 1967.

ROBINSON, W.W. **Land in California**. Berkeley: University of California Press, 1948.

ROLT, L.T.C. **Tools for the job - A short history of machine tools.** London: B.T. Bartsford, 1965.

ROYCE, Josiah. **The feud of Oakville Creek.** Boston: Houghton Mifflin Company, 1887.

RYAN, Mary P. **Cradle of the middle class - The family in Oneida County, New York (1790-1865).** New York: Cambridge University Press, 1981.

SANDBURG, Carl. **The American Songbag.** New York: Harcourt, Brace and Company, 1927.

SARTRE, Jean-Paul. **Questão de método.** 2ª ed. Tradução de Bento Prado Jr. São Paulo: Difel, 1967.

SCHEVILL, James. **Sherwood Anderson, his life and his work.** Denver: University of Denver Press, 1951.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo - Machado de Assis.** 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

SEELYE, John D. *The American Tramp - A version of the picaresque* (inverno/1963). Disponível em <https://www.jstor.org/stable/2710972?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em 2 jul 2018.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão - Tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SINCLAIR, Andrew. **Jack - A biography of Jack London.** New York: HarperCollins, 1977.

SINCLAIR, Upton. **The jungle.** New York: Bantam Books, 1981.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações - Investigação sobre sua natureza e suas causas - Volume II.** Tradução de Luiz João Baraúna. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985

SMITH, Henry Nash. **Virgin land - The American West as symbol and myth.** Cambridge: Harvard University Press, 1982.

SPENCER, Herbert. **Principles of Sociology - Volume II.** New York: Appleton & Company, 1900.

STEEPLES, Douglas; WHITTEN, David O. **Democracy in desperation - The Depression of 1893.** Westport: Greenwood Press, 1998.

STEFFOFF, Rebecca. **Jack London - An American original.** New York: Oxford University Press, 2002.

STEINBECK, John. **As vinhas da ira**. Tradução de Ernesto Vinhaes e Herbert Caro. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

_____. **The harvest gypsies: On the road to *The grapes of wrath***. Berkeley: Heyday Books, 1988.

STILLSON, Richard Thomas. **Spreading the word: a history of information in the California Gold Rush**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2006.

STODDARD, Martin. **California writers - Jack London, John Steinbeck and The Tough Guys**. London and Basingstoke: Macmillan Press, 1984.

STONE, Irving. **A vida errante de Jack London**. 4ª ed. Tradução de Genolino Amado e Geraldo Cavalcanti. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

SYRETT, Harold C. (org.). **Documentos históricos dos Estados Unidos**. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1988.

TAYLOR, Bayard. **Eldorado or Adventures in the path of Empire**. 8ª ed. New York: George P. Putnam & Company, 1857.

THISSEL, G.W. **Crossing the plains in '49** [1903]. Disponível em <<https://ia800309.us.archive.org/23/items/crossingplainsin00this/crossingplainsin00this.pdf>> Acesso em 30 maio 2018.

THOREAU, Henry David. **Walden ou A vida nos bosques**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2010.

TICHI, Cecelia. **Jack London - A writer's fight for a better America**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2015.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América, livro II - Sentimentos e opiniões**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TOWNSEND, Kim. **Sherwood Anderson**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1987.

TORR, James D. (ed.). **The American Frontier**. San Diego: Greenhaven Press, 2002.

TREAT, Payson Jackson. **The National land system (1785-1820)**. New York: E.B. Treat & Company, 1910.

TRILLING, Lionel. **Literatura e sociedade - Ensaio sobre a significação da arte e da ideia literária**. Tradução de Rubem Rocha Filho. Rio de Janeiro: Lido, 1965.

TURNER, Frederick Jackson. **The frontier in American history**. Huntington: R.E. Krieger Publishing Company, 1976.

TWAIN, Mark. **Roughing it**. [1872] Disponível em <<https://www.gutenberg.org/files/3177/3177-h/3177-h.htm>> Acesso em 1º jun 2018.

_____.; WARNER, Chares Dudley. **The Gilded Age - A tale of today**. Hartford: America Publishing Company, 1880.

VAUGHT, David. **After the Gold Rush: tarnished dreams in the Sacramento Valley**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2007.

VEBLER, Thorstein. **A teoria da classe ociosa - Um estudo econômico das instituições**. Tradução de Olívia Krähenbühl. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. **The theory of business enterprise**. New York: Charles Scribner's sons, 1915.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **O mundo de Homero**. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WALKER, Franklin Dickerson. **Jack London and the Klondike - The genesis of an American writer**. San Marino: Huntington Library, 1966.

WARREN, Robert Penn. **Democracia & Literatura**. Tradução de Ronaldo Sérgio de Biasi. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, s.d.

WEBER, Brom. **Sherwood Anderson**. Tradução de Lígia Junqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. Tradução de Maria Irene de Q.F. Szmrecsányi e Tamás J.M.K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1967.

WHARTON, Edith. **A época da inocência**. Tradução de Sieni Maria Campos. São Paulo: Círculo do Livro, 1993.

WHARTON, Edith; CODMAN Jr., Ogden. **The decoration of houses**. New York: Charles Scribner's Sons, 1897.

WHITE, Bouck (ed.). **The book of Daniel Drew - A glimpse of the Fisk-Gould-Tweed Régime from the inside**. New York: Doubleday, Page & Company, 1911.

WHITE, Ray Lewis (org.). **The achievement of Sherwood Anderson - Essays in criticism**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1966.

WHITMAN, Walt. **Democratic Vistas**. Washington, D.C.: Library of Congress, 1871.

_____. **Folhas de relva (edição de 1855)**. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. *Song of myself* [1892 version] Disponível em <<https://www.poetryfoundation.org/poems/45477/song-of-myself-1892-version>> Acesso em 4 nov 2018.

WHITTEN, David. *The Depression of 1893* [2001]. Disponível em <<https://eh.net/encyclopedia/the-depression-of-1893/>> Acesso em 7 set 2018.

WICHLAN, Daniel J. (ed.). **The complete poetry of Jack London**. New London: Little Red Tree Publishing, 2007.

WILDER, Laura Ingalls. **Little house in the prairie**. New York: Harper & Brothers, 1953.

WILENTZ, Sean. **Chants democratic - New York city and the rise of the American working-class (1788-1850)**. New York: Oxford University Press, 2004.

_____. **The rise of American Democracy - From Jefferson to Lincoln**. New York: Norton, 2005.

WILLIAMS, James. *Jack London's works by date of composition*. Disponível em <<http://www.jack-london.org/06-works-by-date.htm>> Acesso em 19 abr 2018.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Tragédia moderna**. Tradução de Betina Bischof. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

WILSON, Edmund. **Raízes da criação literária**. Tradução de Edilson Alkmin Cunha. Rio de Janeiro, 1965.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

WOODWARD, C. Vann (org.). **Ensaio comparativos sobre a história americana**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1972.

ZAVODNYIK, Peter. **The rise of the Federal Colossus - The growth of Federal Power from Lincoln to F.D.R.** Santa Barbara: Praeger, 2011.

ZINN, Howard. **A people's history of the United States**. New York: Longman, 1994.